TEODORO DE ALMEIDA

O FELIZ INDEPENDENTE

ED., INTROD. E NOTAS
ZULMIRA SANTOS
PAULA ALMEIDA MENDES

CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

TEODORO DE ALMEIDA

O FELIZ INDEPENDENTE

ED., INTROD. E NOTAS
ZULMIRA SANTOS
PAULA ALMEIDA MENDES

CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

Título: ***O Feliz Independente***

Autoria: Teodoro de Almeida
Edição, introdução e notas: Zulmira Santos, Paula Almeida Mendes (as autoras não seguem o Acordo Ortográfico de 1990)
Design gráfico: Helena Lobo Design | www.hldesign.pt
Capa: ALMEIDA, Teodoro de (1786). *O Feliz Independente*. Lisboa, tomo I, p. 1 (colecção particular)
Edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória
Via Panorâmica, s/n | 4150-564 Porto | www.citcem.org | citcem@letras.up.pt
Colecção: Fontes, n.º 13
ISBN: 978-989-8970-50-3
DOI: https://doi.org/10.21747/978-989-8970-50-3/fel
Porto, Dezembro de 2022
Paginação: Sersilito-Empresa Gráfica, Lda. | www.sersilito.pt

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projecto UIDB/04059/2020.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 7
Zulmira Santos

CRITÉRIOS DE EDIÇÃO 23

TOMO I 29
Prólogo 31
Discurso Preliminar sobre o poema do Feliz Independente por António das Neves Pereira, presbítero e professor régio de Retórica e Poética em Penafiel 37
Livro I 59
Livro II 75
Livro III 89
Livro IV 109
Livro V 127
Livro VI 143
Livro VII 161
Livro VIII 177

TOMO II 189
Livro IX 191
Livro X 209
Livro XI 223
Livro XII 237
Livro XIII 249
Livro XIV 265
Livro XV 277
Livro XVI 293

TOMO III 309
Livro XVII 311
Livro XVIII 327
Livro XIX 343
Livro XX 361
Livro XXI 377
Livro XXII 391
Livro XXIII 405
Livro XXIV e último 419

FONTES E ESTUDOS 435

INTRODUÇÃO

ZULMIRA SANTOS

1. O AUTOR E A OBRA

Ao publicar pela primeira vez, em 1779, *O Feliz Independente do Mundo e da Fortuna ou Arte de Viver Contente em quaesquer Trabalhos da Vida*, nos prelos da Régia Oficina Tipográfica, o oratoriano Teodoro de Almeida [1722-1804] recomeçava, em Portugal, um caminho de autor que razões de vária ordem haviam feito interromper, quase uma década antes, em 1768. Curiosamente, esta «novela espiritualizante», «poema épico em prosa» na designação de António das Neves Pereira, responsável pelo «Estudo preliminar» que acompanhará a segunda edição de 1786, *Feliz Impertinente* nas versões jocosas que dele se fizeram[1], constitui a primeira incursão no género deste discípulo de S. Filipe de Néri que, por estes anos, tinha já editado os primeiros sete volumes da *Recreação Filosófica*[2], entre 1751 e 1767, o *Elogio da Ilustrissima D. Anna Xavier*[3], em 1758, e os devocionários *Estímulos do Amor da Virgem* (1759)[4]*, Gemidos da Mãe de Deus* (1763)[5] e o *Tesouro de Paciência* (1765)[6]. Por este tempo, o nome de T. de Almeida entrara já nos circuitos livreiros espanhóis, através, num primeiro momento, das traduções dos textos citados, de intensa devoção mariana e, depois, da divulgação científica, no contexto da «Filosofia Moderna», que a *Recreação,* variamente editada, representava[7].

Teodoro de Almeida nasceu em Lisboa em 7 de Janeiro de 1722. E em Lisboa, depois de ter estado exilado no sul de França, essencialmente em Bayonne, entre 1768 e 1777, com estadias esporádicas na Sabóia, em Annecy e Auch, faleceu em Maio de 1804, na recuperada Casa do Espírito Santo que o terramoto havia parcialmente destruído e para a qual tinha voltado, em 1792, depois de vários anos de estadia no designado como Real Hospício das Necessidades[8]. Acompanhou, assim, quase a par e passo, um século XVIII política, religiosa e socialmente complexo e não assistiu, por escassos três anos, em 1807, à partida da família real para o Brasil, na sequência da primeira invasão francesa. Viveu, momento a momento, os primeiros anos

[1] Sobretudo em folhetos constantes de miscelâneas várias. Sirva como exemplo o título de um folheto do prolífico autor que foi José Daniel Rodrigues da Costa: *O Dependente Feliz nas Desordens da Vida. Silva offerecida ao Illmº Senhor Paulo Nogueira de Andrade António de Pina Manique e feita ao Illmº Senhor António Joaquim de Pina Manique* (Lisboa, 1782).
[2] Editada entre 1751 e 1800, a *Recreação Filosófica* compunha-se de dez tomos que desenvolviam, sobretudo nos primeiros seis, as questões relativas à «Filosofia Natural», no quadro da geralmente designada «Filosofia Moderna». Propondo uma releitura de Aristóteles que o também congregado João Baptista havia iniciado nas aulas do Oratório e na sua obra *Philosophia Aristotelica Restituta et Illustrata qua Experimentis qua Ratiociniis Nuper Inventis* (Lisboa, 1748), Teodoro de Almeida abria as portas a um confessado eclectismo que procurava entender a organização da natureza, através dos paradigmas científicos tidos como mais adequados, de Descartes e Gassendi, a Gravesand ou Newton.
[3] ALMEIDA, 1758.
[4] ALMEIDA, 1759.
[5] ALMEIDA, 1763.
[6] ALMEIDA, 1765.
[7] RICARD, 1963: 626-630; 1964: 632-634; PIWNIK, 1981: 95-119; 1992: 199-206; SANTOS, 1994: 185-208.
[8] Regresso muito complicado por questões de rendas e de centralidade da casa-mãe que arrastaram grandes divisões entre os padres que retornaram ao Espírito Santo e os que permaneceram nas Necessidades.

do consulado pombalino, sofreu, certamente — disso deixou testemunhos —, com a quase destruição da Lisboa que ele havia conhecido, em 1 de Novembro de 1755.

Ao entrar na congregação do Oratório, em 1735, aos 13 anos e antes da idade permitida pelos Estatutos, por razões que parecem prender-se com a iminência de guerra com Espanha, Teodoro de Almeida frequentou as habituais aulas de latinidade, Gramática e Retórica, tendo depois passado ao estudo da Filosofia. De acordo com o biógrafo[9], que lhe escreveu a *Vida*[10], muitos anos mais tarde — em 1830, em pleno governo de D. Miguel — não se ensinava, na altura, Matemática na Congregação e T. de Almeida estudou-a sozinho, mais tarde, no tempo que conseguia libertar de uma actividade intensa de professor, director espiritual, confessor e missionário. Não teve também, ao que parece, formação específica no domínio da «Poesia», limitando-se a conhecer o divulgadíssimo *Traité des Études*[11] de Charles Rollin. Nas palavras do biógrafo «para formar o estilo Portuguez só se valia de alguns livros do P. Manuel Bernardes»[12]. Não valerá a pena valorizar excessivamente as palavras do autor da *Vida do Padre Theodoro de Almeida*, sabendo quanto estes textos, muitos deles intencionais «biografias devotas», se constroem de tópicos tradicionais na literatura do género que tende para a valorização intrínseca do biografado, secundarizando alguma aprendizagem e sublinhando uma espécie de «ciência infusa», através da qual se manifestaria também a mão de Deus. Infelizmente, primam pela escassez as fontes directas de modelos pedagógicos oratorianos, relativos aos finais de Seiscentos e às primeiras décadas de Setecentos. A acreditar no biógrafo, que cauciona as informações dispensadas pela fórmula «da sua [de T. de Almeida] própria boca lhe ouvi», o percurso intelectual do autor ter-se-á pautado pelo estudo, «em idade competente», da língua latina e Gramática, seguindo-se no quadro de estudos da congregação, três anos de Filosofia e quatro de Teologia. Não terá tido, efectivamente, grande formação no que toca à leitura dos clássicos greco-latinos, para além da que era inerente aos programas de Gramática e Retórica. Tal não aconteceu, todavia, pelo que respeita à formação «filosófica», no âmbito da chamada «Filosofia Moderna» que abria as portas às formas como Descartes, Saguens, Gassendi, Gravesand e sobretudo Newton contribuíam para explicar um universo escrito na linguagem das matemáticas e, essencialmente, para divulgar uma panóplia de práticas e formas culturais empenhadas em compreender, explicar e controlar o mundo natural. Aluno do também oratoriano João Baptista, autor da *Philosophia Aristotelica Restituta*[13], que propunha uma releitura de Aristóteles, ao mesmo tempo que integrava explicações «modernas» de matriz newtoniana,

[9] Com toda a probabilidade o também oratoriano Joaquim Dâmaso [1777-1833], bibliotecário de D. João VI, que acompanhou a família real na estadia no Brasil.
[10] ANTT. Ms. da Livraria nº 2316.
[11] ROLLIN, 1726-1728.
[12] ANTT. Ms. da Livraria nº 2316, § 32.
[13] BAPTISTA, 1748.

professando um claro eclectismo filosófico[14], Teodoro de Almeida tornou-se professor de Filosofia, em 1751, substituindo definitivamente o padre Luís José.

Entre 1751 e 1760, ano em que Sebastião José de Carvalho e Melo o desterra para o Porto, T. de Almeida faz publicar os primeiros seis tomos da *Recreação Filosófica*, todos sobre a «Filosofia Natural», alguns imediatamente sujeitos a reedições, o *Elogio da Ilustrissima D. Anna Xavier* (1758), o *Estímulos* (1759), tendo participado a partir de 1752, juntamente com João Baptista, nas chamadas *Conferências Experimentais*, desenroladas perante um público onde avultava a nobreza de corte e o próprio D. José[15].

De resto, estes primeiros anos desenham com nitidez a moldura de interesses do P. Almeida: a divulgação científica, entendida, no limite, como uma das mais perfeitas demonstrações do *topos* «ensinar, deleitando», incorporando os métodos de uma «ciência nova», de cariz experimental, num modelo discursivo, o colóquio, com evidentes provas dadas, ao serviço de uma visão do mundo que revelava à evidência a presença de Deus na sua perfeita organização; a importância da direcção espiritual, patente nas considerações tecidas à volta do exemplo da baronesa D. Ana Xavier, exemplo de uma nobreza devota, em cujo seio o oratoriano se moveu; a produção de devocionários, vocacionados para a divulgação de polémicas devoções marianas, tidas como demasiado «ternas» pelos sectores ilustrados, e da não menos conflituosa devoção ao Sagrado Coração de Jesus. A única dimensão verdadeiramente ausente, nestes primeiros anos, é a da educação feminina que prenderá, sobretudo depois de 1784, data em que as visitandinas chegam a Portugal[16], pela sua mão, as atenções do P. Almeida, que para as respectivas pensionistas redigirá compêndios de Geografia e métodos de preparação para a primeira comunhão…

Em 1760, T. de Almeida chega ao Porto, em Julho, obrigado a abandonar os círculos de corte, em que tão bem se movia. A «tempestade», para usar as suas próprias palavras, abateu-se sobre ele. Sebastião José de Carvalho e Melo, ao tempo já conde de Oeiras, faz desterrar os congregados João Baptista, para Viseu, João Chevalier, para Freixo de Espada à Cinta, Clemente Alexandrino, para Monção, e Teodoro de Almeida para a capital do Norte. O mesmo movimento arrasta para a prisão, no forte da Junqueira, o conde de S. Lourenço e, para o castelo da Foz, o visconde de Vila Nova de Cerveira. Porquê? Várias têm sido as razões apresentadas, umas mais precisas e

[14] DIAS, 1972: 3-24.

[15] DOMINGUES, 1994: 74-83.

[16] O alvará de D. Maria I que autoriza a fundação da Visitação em Portugal é de 1782 e está transcrito na pequena obra *Fundação da Ordem da Visitação em Portugal* (Lisboa, 1783). Embora apresentado como anónimo, este texto pertence — e de tal existem provas documentais — ao próprio T. de Almeida. As primeiras religiosas vindas da casa-mãe, em Annecy, chegam em 1784. Vocacionado para a educação de meninas nobres, o instituto da Visitação — as Salésias — deveu-se, essencialmente, ao empenhamento de Teodoro de Almeida que se tornou, até 1804, o seu principal mentor. SANTOS, 1995: 261-266.

próximas, outras mais difusas e remotas. Parece poder aceitar-se, ao que hoje se sabe de seguro, que as razões directas do desterro se prenderam, em primeiro lugar, com a publicação do tratado regalista do intendente da polícia, Inácio Ferreira do Souto, *De Incircunscripta Potestate Regia* (1759) que não havia recebido o beneplácito dos censores do Ordinário, João Baptista e Clemente Alexandrino, e do Paço, D. João José de Noronha, conde de S. Lourenço, provocando a intervenção directa de Sebastião José e uma acesa discussão com o inquisidor-mor, D. José de Bragança, um dos meninos de Palhavã. Embora pertencente a este círculo, Teodoro de Almeida parece não ter feito parte deste grupo de censores, embora se saiba, ainda que esse aspecto não tenha sido sublinhado, que integrava também o núcleo do Paço[17]. Contudo, basta ler com atenção o processo do também oratoriano Valentim de Bulhões, preso oito anos mais tarde em 8 de Julho de 1768, acusado de ensinar probabilismo, nas aulas do Oratório, para verificar que o já então conde de Oeiras não hesitava em considerar Teodoro de Almeida, pela sua influência nos círculos de corte e na «mocidade portuguesa», um elemento de perturbação face à obediência que a congregação devia ao rei e à política desenvolvida[18]. De facto, as ligações de Almeida aos marqueses de Távora, supliciados em Janeiro de 1759, ou às «puritanas», no sentido da «limpeza» de sangue[19], famílias de Angeja, Óbidos, Castelo-Melhor, autorizam a suposição de que o oratoriano integrava grupos política e culturalmente hostis a Sebastião José. Daí que, depois de oito anos passados no Porto, temendo a prisão, nesse ano difícil de 1768, palco da condenação de Bulhões, da legislação antipuritana e depois, em Dezembro, da prisão do bispo-conde D. Miguel da Anunciação, tido como chefe espiritual da Jacobeia, Teodoro de Almeida tenha, em 26 de Setembro, abandonado o país, a caminho de Vigo, esperando aí encontrar barco que o levasse à Holanda, onde já estava João Chevalier, outro emigrado pombalino, sobrinho de Luís António Verney.

Mas os caminhos do exílio, voluntário ou não, revelaram-se plenos de dificuldades: em Vigo, onde se manteve até 26 de Novembro do mesmo ano, e em San Sebastian, onde chegou a 3 de Dezembro, depois de uma violenta tempestade, na ainda hoje denominada «costa da morte», conheceu a fome, o frio e a animosidade inicial, pois que o confundiram, pela roupeta preta própria dos congregados de S. Filipe de Néri, com os expulsos jesuítas. Obrigado a sair, pelo governo espanhol, ainda na sequência das ordens de Sebastião José, dirigiu-se por fim para Bayonne, no sudoeste de França, alterada a prévia intenção de rumar à Holanda, pelo terror das viagens por mar, que a experiência da costa da Biscaia havia criado e que vários dos seus textos, em sentidas descrições de tempestades marítimas, guardaram para sempre.

---

[17] Função patente na censura que redigiu para o *Compendio da Admiravel Vida da Veneravel Madre Maria do Lado* (Lisboa, 1762). A censura tem a data de 27 de Setembro de 1758.

[18] O processo de Valentim de Bulhões foi transcrito por ANDRADE, 1982: 435-490.

[19] Sobre a legislação «antipuritana» veja-se MONTEIRO, 1998.

Em França, com esporádicas incursões na Sabóia, especialmente em Annecy e Auch, permaneceu ao longo de quase 10 anos, até que a morte de D. José e a queda em desgraça de Pombal lhe renovaram a vontade de regressar. Feitas as negociações indispensáveis — a saída do Porto havia sido considerada uma fuga —, T. de Almeida entrou finalmente em Portugal, em Março de 1778, depois de uma longa viagem por terra de quase quatro meses. Em Lisboa, numa Lisboa já em parte reconstruída sob a batuta de Sebastião José de Carvalho e Melo, Teodoro de Almeida reencontrou antigos amigos, alguns deles também recentemente saídos dos cárceres pombalinos — o conde de S. Lourenço, D. João José de Noronha, o bispo de Coimbra, D. Miguel da Anunciação… — e procurou reatar aos 56 anos, num tempo em que se dizia já doente[20], as tarefas a que sempre se havia dedicado: voltou a ser professor de Filosofia, nas Necessidades, voltou a dirigir espiritualmente elementos de uma nobreza de corte que de novo ocupava postos de relevo na direcção do país — e se se encarregou da direcção de várias damas do paço, não deixou também de ser confessor de elementos acusados de espírito maçónico como o ilustre matemático José Anastácio da Cunha[21] — empenhou-se na fundação da Academia das Ciências (1780)[22] e, essencialmente, continuou a escrever e a publicar.

A data da primeira edição de *O Feliz Independente*, 1779, conjugada com as datas das censuras prévias que dele redigiram António Pereira de Figueiredo, frei Luís do Monte Carmelo, António de St.ª Marta Teixeira e frei José da Rocha, respectivamente de 28 de Janeiro e 6 de Maio do mesmo ano, autorizam a suposição de que a obra tenha sido redigida ao longo do exílio em terras de França, circunstância que o biógrafo de Teodoro de Almeida claramente corrobora, na *Vida* a que acima aludimos. Numa carta do conjunto que o oratoriano dirigiu a Ribeiro Sanches, enquanto se encontrava em França, aconselhando-se em questões de saúde, afirma estar a redigir um «tratado […] em que mostro com a força da demonstração geométrica, e estilo poético o mais atractivo que posso quaes são os meios de ser felis neste mundo». Talvez por isso mesmo, por se tratar de um texto sobre a Felicidade, esse lugar temático onde as ilustrações e os iluminismos fizeram confluir reflexões múltiplas — das éticas às sociais e políticas[23] — construído em tempo e consequências de oposição a Pombal, tenha merecido comentários tão rigorosos dos deputados da Mesa Censória, afectos a Sebastião José, que nele leram a crítica a um exercício do poder pautado pela violência sobre os povos. De resto, a primeira edição suscitou, mesmo depois

[20] Enfermidades várias atingiram-no, em França, e levaram-no a consultar, por carta, Ribeiro Sanches, com quem manteve uma muito interessante correspondência, guardada na Biblioteca Nacional de Viena (*Epistolário de Ribeiro Sanches*). Algumas destas missivas foram publicadas por Rodrigues de Gusmão no *Arquivo Pittoresco*; outras foram transcritas por AZEVEDO, 1960: 195-198.

[21] Informação fornecida por Teófilo Braga (BRAGA, 1898: 430) que a leitura do processo de J. Anastácio da Cunha confirma (ANTT. *Processo Inquisitorial de José Anastácio da Cunha,* nº 8087).

[22] Projecto que havia acalentado, de acordo com a *Vida*, desde a década de 50 e que havia ventilado com D. João Carlos, futuro duque de Lafões.

[23] Entre uma imensa bibliografia, MAUZI, 1969; ÁLVAREZ DE MIRANDA, 1992: cap. III, 271-317; AA. VV., 1996.

das modificações a que os pareceres da Real Mesa a obrigaram, críticas, folhetos — quantos lhe chamaram *Feliz Impertinente*… — que motivaram até o desaparecimento da anfibológica Dedicatória, pelo próprio autor, da primeira (1779) para a segunda edição (1786): «A Jesu Crucificado pelo P. Theodoro de Almeida».

Em Portugal a fortuna de *O Feliz Independente do Mundo e da Fortuna ou Arte de Viver Contente em quaesquer Trabalhos da Vida* limitou-se a cinco edições. A primeira, já referida, foi publicada em 1779[24]. A segunda, de 1786[25], aqui transcrita, foi corrigida pelo autor e acrescentada com notas e estampas, constituindo aliás a matriz de reedições posteriores, em 1835, 1844 e 1861. Em todo o caso, o seu rasto pode seguir-se, sem grande esforço, ao longo de todo o século XIX e inícios do século XX, mesmo se descontarmos as esperadas e quase óbvias referências, nem sempre muito abonatórias, que os diversos ensaios ou compêndios versando questões literárias lhe foram dedicando[26]. Apenas como exemplo de «formas» e «tempos» de leitura, vale a pena atentar nos testemunhos… ou nas impressões de Camilo Castelo Branco e Ricardo Jorge. Enquanto o primeiro, nas *Novelas do Minho*, caracterizava D. Helena da Penha, «a Morgada Velha. Cinquenta e tantos anos, viúva do capitão-mor de Athey, educada em convento, murmurando da educação e dos costumes do claustro, donde saíra com incerto conhecimento no catecismo e alguma instrução no *Feliz Independente*»[27], o segundo sublinhava que, embora a *Recreação* lhe tivesse entretido «ócios de férias», na botica de um tio em S. Pedro do Sul, *O Feliz Independente* nunca lhe havia «moído a paciência»[28]. No entanto, em Espanha, o livro havia feito o seu caminho[29],

[24] Pela Régia Oficina Tipográfica. São três volumes em oitavo.

[25] Curiosamente, existem vários exemplares da edição de 1786, objecto, certamente de uma tiragem mais elevada que da de 1779, que integram um retrato de Teodoro de Almeida, em posição de escrita, com a data de nascimento e a data da morte que só ocorreu muitos anos depois, em 1804.

[26] Variadíssimas, desde as considerações de repertório bibliográfico, como as de Inocêncio (SILVA, 1972: 304), às do liberal Francisco Freire de Carvalho (CARVALHO, 1845) ou às que Hernâni Cidade lhe concedeu nas suas *Lições de Cultura e Literatura Portuguesa* (CIDADE, 1984: 328): «poema fracassado que degenerou em romance sem vislumbre de talento». Em 1862, contudo, o cónego Fernandes Pinheiro considerava-o alternativa clara às «miríades de novelas, com que quotidianamente invade o nosso mercado a literatura estrangeira, principalmente a francesa», tendo-o como texto que o «mais escrupuloso pai de famílias [pode] confiar às suas filhas», opinião que contextualiza a de Camilo Castelo Branco citada a seguir, pois que configura um quadro de leitura que se move no âmbito das leituras aconselháveis e edificantes, sobretudo para um público feminino, desde sempre entendido — topicamente ou não — como sensível, porque influenciável, à codificação de carácter novelesco.

[27] CASTELO BRANCO, 1961: 7-8.

[28] JORGE, 1907: 13.

[29] E até despertado imitações, como aconteceu com a obra do padre Andres Merino, das Escolas Pias, *Poema. La Muger Felíz, Dependiente del Mundo y de la Fortuna. Obra Original, Dedicada á la Serenísima Señora Princesa de Asturias, Doña Luisa de Borbon* (Madrid, 1786). Pretendendo corrigir erros de cronologia cometidos por T. de Almeida, o P. Merino afirmava, no «Prólogo del Editor» que, embora atribuído a um «Filosofo incognito» se sabe pertencer-lhe (veja-se ÁLVAREZ DE MIRANDA, 1990: 19-39): «el motivo que tuvo para escribir este Poema fue el amor á la humanidad, en expecial para con las mugeres, que son las únicas que con su exemplo, virtud y discrecion pueden criar sus hijos con la noble y generosa educacion, que tuvo la Heroina de esta Obra, y muger incomparable en la prudencia y caridad para con los infelices; porque decia el filósofo incognito, que solo puede hacer felíz a otro el que lo es; y que ser felíz para sí solo, y querer estar independiente del mundo y da la fortuna, esto lo prometia el Padre Teodoro de Almeyda, de la congregacion del Oratorio de San Felipe Neri de Lisboa en su tratado del hombre felíz».

em traduções várias, que parecem ter tido alguma fortuna editorial: entre a primeira e a segunda edições portuguesas publicaram-se no país vizinho, sob o título *El Hombre Feliz, Independiente del Mundo, y de la Fortuna*, em 1783, a tradução de José Francisco de Monserrate y Urbina, por Joaquín Ibarra, reeditada em Barcelona, em 1784 (imprensa de Blás Román), e em Madrid, em 1785. Esta última edição, curiosamente, chegou mesmo a provocar um longo pleito judicial entre Monserrate y Urbina, a quem foram concedidas as licenças de impressão, e o oratoriano Benito Ruesta, que alegava ter já traduzido, em 1783, os tomos primeiro e segundo, circunstância que o levou a requerer a Joaquín Ibarra que suspendesse a impressão até ao momento do julgamento[30]. A tradução empreendida por Benito Estaun de Riol, saída dos prelos em 1788, foi feita a partir da edição de 1786 e conheceu reedições várias[31], que se prolongaram por todo o século XIX. Terá sido, provavelmente, um destes exemplares que provocou a experiência que Pereda regista, ironicamente, em *La Puchera*, «la hazaña […] que yo rematé siendo niño, leyendome a *Miseno o el hombre feliz*, la obra má de bien que se ha escrito en el mundo, pero cuya lectura han terminado muy pocos cristianos, y no ha repetido ninguno, yo inclusive»[32].

2. «PORVENTURA É UMA HISTÓRIA, É UM ROMANCE OU VERDADEIRO POEMA ÉPICO?»

Ao enunciar a questão transcrita, António das Neves Pereira, futuro oratoriano, que era em 1786, professor régio de Retórica em Penafiel, interrogava-se no «Discurso Preliminar sobre o Poema do Feliz Independente» que acompanhava a segunda edição, saída dos prelos nesta data, sobre a natureza do texto em causa[33]. E a pergunta não pecava, ao tempo, por falta de pertinência, evocando e convocando questões de teoria literária fundamentais no século XVIII, embora o «Discurso» referido se orientasse especificamente para as críticas de que *O Feliz Independente* havia sido alvo.

Do ponto de vista do eixo fundamental da narrativa, *O Feliz Independente* alinhava, nem sempre cronologicamente — o tomo I, constituído por oito livros, organiza-se, quase integralmente como um longo *flashback* —, as aventuras de Misseno, pseudónimo emblemático[34] de um príncipe polaco do século XIII, de nome Vladislau. Filho de Mieceslau, deposto duas vezes do trono da Polónia, viu-se uma vez excluído da sucessão, outra despojado do trono, até que ele próprio o recusou, preferindo a

[30] PIWNIK, 1992: 199-206.

[31] 1788, 1790, 1796, 1800, 1804, 1806.

[32] PEREDA. *La Puchera*. In *Obras Completas*, tomo XIII, p. 9. Veja-se MONTESINOS, 1982: 10.

[33] António das Neves Pereira [1753-1818] foi discípulo e amigo de T. de Almeida. Entrou na congregação já com 40 anos (9 de Fevereiro de 1793) e acompanhou Almeida em muitas missões, tendo ficado depositário dos seus manuscritos e papéis (ANTT. Ms. da Livraria nº 2316). Das suas obras, hoje quase esquecidas, vale a pena reter a *Mechanica das Palavras em Ordem á Harmonia do Discurso, Eloquente, tanto em Prosa como em Verso* (Lisboa, 1787).

[34] Que evoca, obviamente, embora o autor não o diga claramente por razões que se prendem com o facto de em outros textos o ter usado como pseudónimo, a matriz latina do verbo *mittere* (enviar), na forma do particípio *missus* (enviado).

solidão e a tranquilidade dos bosques da Silésia, à voracidade e intriga das cortes. E enquanto a «Providência divina», em cujo seio Misseno depositava confiadamente o seu destino, se encarregava de ordenar, ainda que nem sempre assim parecesse, os vaivéns da fortuna, Misseno conferia-se uma missão especial: difundir, sobretudo face ao conde da Morávia, mas também junto de todos com quem dialogava, uma espécie de «gramática» da felicidade que investia no domínio das paixões e numa espécie de tranquilidade interior que resistia aos apelos externos, permitindo que os estados geralmente tidos como de felicidade — as situações de poder, sobretudo político, mas também as vitórias guerreiras… — não conduzissem a um empolgamento que obliterasse a efemeridade da vida humana, ao mesmo tempo que nos momentos encarados como difíceis e dolorosos — a morte, a prisão injusta, a ingratidão… se deveria ler a marca da mão divina que, por caminhos espinhosos, conduzia o homem à percepção dos valores fundamentais da vida, saber que, de algum modo, tornava alguns deles superiores aos que atravessavam a vida terrena sem esse conhecimento precioso. Deste ponto de vista, não haveria, curiosamente, no quadro da «ilustração católica» ou do «iluminismo cristão», e em oposição a sectores deístas ou ateístas, grande diferença entre o domínio da «ciência» que facultava a «leitura» do universo, no sentido da respectiva organização, e este domínio de uma «sapiência interior» que, permitindo ver para além dos valores aparentes da vida humana, comportava o acesso a valores «reais» pautados pelo «Bem», pela «Justiça», em suma, pela «Razão natural», comunicada por Deus. Um e outro movimento, como pertença da mesma mão, se empenhavam em «des-velar» simultaneamente, por um lado, o véu que cobria as leis da organização do mundo e, por outro, o que obscurecia o único sentido verdadeiro da vida humana: a tranquilidade de consciência.

Como classificar, assim, interrogava-se António das Neves Pereira, à luz da teorização literária do século XVIII, *O Feliz Independente*, que «se pretendia uma lição para a Felicidade da vida»? Ao assumir, no «Prólogo», tomar como modelo as *Aventuras de Telémaco*, que Fénelon escreveu para o delfim de França, tão lidas e traduzidas ao longo de Setecentos, Teodoro de Almeida franqueava a porta à denominação «poema épico em prosa», sabendo, porém, que iria expor-se a críticas de natureza teórica, num tempo em que denominações prestigiadas arrastavam consigo a aferição pelos cânones do género. Talvez por isso, tenha sentido a necessidade de fazer acompanhar a segunda edição, que havia revisto e aumentado, pelos comentários eruditos de António das Neves Pereira que, na qualidade de professor régio de Retórica, esgrimia, certamente, com uma autoridade literária não reconhecida ao mestre de «Filosofia Moderna» que Teodoro de Almeida, por esses anos, ainda continuava a ser. E, se por um lado, o «discurso» visava críticas que alimentavam folhetos vários, por outro, prolongava, numa opção a que não faltava aura de prestígio, a senda da imitação de Fénelon, na medida em que a maioria das edições setecentistas francesas de

Les Aventures de Télémaque se faziam acompanhar, a partir de 1717, do *Discours sur la Poésie Épique et l'excellence du poème de Télémaque* de André Michel de Ramsay[35], de resto traduzido sem nome de autor, na edição portuguesa de 1785[36]. Este discurso preliminar possuía, também, uma dimensão polémica, nas cinco «objections» a que procurava responder, provando que o texto de Fénelon era em verso, estava isento de anacronismos, não continha descrições de paixões culposas, não esgotava demasiado o tema e o herói e a fábula se relacionavam directamente com a França.

Não surpreende, assim, que ao estruturar do ponto de vista argumentativo o discurso, visando a legitimidade da designação «poema em prosa», querida por T. de Almeida, face à pauta representada pelo *Télémaque*, António das Neves Pereira considere que «todo o essencial da epopeia consiste na narração» e que «as epopeias em prosa são um novo invento, em que a prosa disputa à poesia todos os privilégios que o assunto lhe permite». Em todo o caso, e apesar de uma formulação que iludia problemas fundamentais, a questão era polémica. Podia *O Feliz Independente*, num tempo em que o julgamento crítico se fazia ainda, pesem embora os cambiantes que transportavam os germes da mudança estética, pela obediência a modelos teóricos consagrados, considerar-se um poema épico em prosa, como pretendia Neves Pereira, na esteira dos desejos de Teodoro de Almeida? E porque não uma novela? Essencialmente, por razões de prestígio literário.

As poéticas setecentistas ibéricas passavam brevemente sobre o género «novela» e deixavam ler, em filigrana, a dificuldade em lidar com um conjunto de textos que escapavam a uma codificação precisa[37]. A designação «novela» evocava, aliás, um «enovelado» de pecados contra a verosimilhança e a utilidade social, patente nas diferentes críticas que, desde o século XVI, atingiam os sempre lidos «livros de cavalarias», mas também a picaresca e a denominada «novela bizantina»[38]. O discurso crítico visando tais livros, seja ele de matriz mais «literária» ou mais «moralista», comportava, e quase sempre reproduzia, numa polémica repetitiva e já tardia, argumentos conhecidos que se prendiam, essencialmente, à falta de verosimilhança e aos modelos de conduta, propostos, sobretudo na vertente feminina[39]. Aliás todas as tentativas de reabilitação do género passaram por aí[40].

---

[35] FÉNELON, 1717.
[36] FÉNELON, 1785.
[37] CHECA BELTRÁN, 1998: 260-265.
[38] Não deixa de ser curioso que, ainda em 1785, na «Advertencia Preliminar» de *Os Estrangeiros no Lima*, Lima Bezerra afirme que «Semelhantes livros [*Historia Nova do imperador Carlos Magno* e a *Constante Florinda*] mais proprios de seculos barbaros que dos illuminados tempos, em que vivemos, devem ser substituidos […] por obras que servindo de recreio instruão ao mesmo tempo a Nação nos costumes sólidos das outras» (BEZERRA, 1992).
[39] ALMEIDA, 1998; OSÓRIO, 2001: 9-34.
[40] Haja em vista, entre outros, o exemplo de *Corte na Aldeia* (1619). Terminando um debate que colocava, frente a frente, a «historia verdadeira» e a «historia fingida» o Doutor Lívio requeria «que o que escreve história seja verdadeiro […] O que compõe fábulas seja verosímil […]» (LOBO, 1991: 63).

A polémica originada pelo *Télémaque*, no dealbar de Setecentos, potenciou, por um lado, as imitações, e, por outro, os debates, polarizados pela designação «novela» e «poema em prosa» que a frase de T. de Almeida «Para que não degenerasse em novela o que era poema», claramente acolhe[41]. A distinção novela/poema em prosa operava-se, assim, para autores como o oratoriano, pela consideração da *utilitas* do discurso, patente nas respectivas modalidades de construção e pela escolha de um registo discursivo, «a prosa poética», que evitasse a confusão com géneros menos prestigiados, em termos literários e morais, como se a designação «poema épico em prosa» assegurasse objectivos comportamentais de teor «moralizante» que a etiqueta «novela» ameaçava e que não pareciam consentâneos com as actividades «catequéticas» que T. de Almeida considerava próprias do seu ministério.

E o cerne do problema residia justamente aqui: o objectivo assumido de Almeida era de intervenção social, visando a circulação de padrões de conduta, pautados pelas virtudes «cristãs». Pretendia, para usar as suas próprias palavras, «levar insensivelmente os Leitores à violência e guerra que deviam fazer às suas paixões; e a uma cega e total entrega nos braços da Divina Providência, quando nos faz caminhar por cima de abrolhos e de espinhos: lição precisissima para a Felicidade da vida»[42]. Daí que tivesse optado, depois de ter tentado o verso rimado e o branco, pela liberdade da prosa, em nome de uma eficácia junto do leitor que não queria ver obscurecida pelo recurso a palavras que traíssem um percurso seguro do «juízo».

De resto, ao comentar o conjunto dos vários volumes da *Recreação Filosófica*, em 1793, Almeida considerava que a sua incursão na «Ética» estava feita através de *O Feliz Independente*, assumindo, assim, o carácter doutrinário e interventivo do texto em causa. Era da natureza do poema épico, ainda por esses «iluminados» anos, essa intervenção ética sobre a realidade. E se o pensamento «literário» setecentista entendia, em geral, com matizes que não se afastam muito de um núcleo estruturante, que a «intenção e fim da Poesia foi desde aqueles primeiros tempos e ainda actualmente é de cantar os louvores da virtude e dos virtuosos ou o vitupério dos viciosos, para que aprenda a gente a conhecer que ódio devem ter a estes e amor àquela: e por conseguinte saibamos que a Poesia não é outra cousa mais que uma filha da Filosofia moral ou, para melhor dizer, é a Poesia e a Filosofia uma mesma cousa, ainda que expressada com dous diferentes nomes»[43], não deixava de atribuir ao poema épico, em particular, uma dimensão específica que o tornava especialmente apto, sendo a fábula da epopeia um mero artifício, «para ensinar doutrinas importantes à vida

[41] MONTESINOS, 1982; CHECA BELTRÁN, 1998.
[42] ALMEIDA, 1786: VII («Prólogo»).
[43] FREIRE, 1748: livro I; CASTRO, 1973.

moral»[44]. Daí que, nos seus *Elementos de Poetica*, em 1799, o P. Losada entenda que «*El hombre Feliz* [es] la epopeya más completa, bella, sublime, interesante, maravilhosa y útil» no conjunto das modernas espanholas[45], contrariando, de algum modo, a opinião de Andres Merino que no *Poema*. *Muger Dependiente*, em 1786, entendia que o final de *O Feliz Independente*, pelo suicídio do conde da Morávia, ia «contra las reglas de la epopeya, cuyo fin debe ser felíz, no trágico»[46].

Desse ponto de vista, e dentro da noção setecentista da arte como técnica e método susceptível de melhorar a natureza, no sentido de ambiência humana, contribuindo para a ordem e utilidade sociais, o poema épico revelava-se, ainda, um instrumento privilegiado de intervenção reguladora.

Não surpreende, assim, que António das Neves Pereira procurasse, nos modelos teóricos conhecidos, um lugar prestigiante para *O Feliz Independente*. E para além da valorização inerente ao épico, como modelo doutrinário — lembremos que as personagens devem ser de alta extracção social e muitas das questões tratadas se prendem com a legitimidade e as formas de exercício do poder —, T. de Almeida capitalizava ainda as vantagens de lidar com um modelo «novo», o poema em prosa, que não cedia à facilidade «da toadilha auricular das rimas», mas retirava do «estilo poético» o que o distinguia, isto é, «uma maneira de pensar e de sentir»[47], que caucionava e se prendia, entre outras formas disponíveis de exercício verbal, a «animar tudo o que pode ser animado com verosimilhança», a «corporalizar as ideias abstractas», a transfigurar a natureza, obedecendo a padrões estéticos que perduravam desde a antiguidade. E, de facto, a natureza e identidade textuais do poema em prosa, nas palavras de Neves Pereira, se não se ancorava nem dependia da rima nem do ritmo e consonâncias a que obrigava o verso branco, convocava formas discursivas que pela repetição e iteração criavam, por vezes, longas e melódicas unidades frásicas, fomentando e comportando o recurso livre a entidades alegóricas, ao mesmo tempo que legitimava, no quadro da verosimilhança, situações de *deus ex machina*. No fundo, e procurando o núcleo da questão, como se o «poema épico em prosa» se definisse, simultaneamente, por um lado, porque a tudo quanto a «imaginação» acrescentava à «história» presidiam objectivos de comportamento modelar e, por outro, porque a escolha da «prosa poética», pelo cuidado e atenção ao ritmo, pela selecção vocabular, pelo intenso aproveitamento da fecundidade explicativa da metáfora, conferia ao texto essa dimensão particular que o afastava das novelas «vulgares», fossem elas ainda livros de cavalarias ou as tão difundidas, sobretudo na segunda metade do século XVIII, novelas francesas e inglesas.

[44] FREIRE, 1748: livro III.
[45] LOSADA, 1799: 137.
[46] MERINO, 1786: XIII («Prólogo del Editor»).
[47] PEREIRA, 1786: LI.

Em todo o caso, a alusão à imitação de as *Aventuras de Telémaco* não implicava apenas o modelo textual imitado, mas também as duras consequências que a obra arrastou para o autor que o havia escrito *ad usum Delphini* e que por ele havia sofrido. Tal como na obra do arcebispo de Cambray, são muitos os momentos em que Teodoro de Almeida faz meditar Misseno, e até outras personagens, sobre as muito espinhosas questões da natureza do poder real, ancorado no bom governo e na obrigação do príncipe em contribuir para a o progresso e a felicidade dos povos, exercitando a virtude, impedindo as guerras injustas, travadas por desejo de glória ou por vingança, legitimando até, em casos especiais, esse tão debatido tiranicídio que havia feito a desgraça dos jesuítas.

3. DO «FELIZ POR SI MESMO» AO «FELIZ INDEPENDENTE»

A Real Mesa Censória obrigou Teodoro de Almeida a alterar não apenas o título — a obra chamava-se inicialmente *O Feliz por si mesmo* — mas também passagens diversas que, no entender dos seus deputados, permitiam a confusão com princípios estóicos, ao fazerem residir a felicidade no domínio tranquilo das paixões e não na graça especial concedida por Deus. Não admira, assim, que enroupada numa muito erudita argumentação de ordem teológica que não ilude interpretações «jansenizantes», ou não seja ela da mão e do espírito do sábio teólogo regalista António Pereira de Figueiredo e do preparado frei Luís do Monte Carmelo, se sinta na leitura das censuras redigidas uma animosidade, compreensível nestes anos que assistiram à queda de Pombal, que leva o primeiro a escrever que não se atreve «ou tem escrúpulo de aprovar esta obra, porque poderá ser perigosa entre católicos iliteratos, agradável aos novos socinianos, pertinacissimos sectários do heresiarca Pelagio e também aos libertinos, mais moderados que negam a Revelação e só admitem uma Religião natural, como já disse»[48].

O autor viu-se, assim, na necessidade de apor a *O Feliz Independente* a ressalva de que nunca, em momento algum, pretendeu situar-se fora das máximas da Igreja católica[49]. Mas é claro, no texto, que Teodoro de Almeida não se prendeu a questões teológicas, pretendendo facultar uma receita para encontrar a felicidade que se opusesse àquela que ele entendia que os autores como Voltaire e Rousseau difundiam, não dispensando, porém, as alusões aos excessos e injustiças de exercício do poder político que, no regresso de um exílio, dificilmente deixavam de ser lidas como em clave autobiográfica. Tal como o *Telémaco*, *O Feliz Independente* meditava sobre a

[48] ANTT. *Real Mesa Censória*, Caixa 11 (1779), doc. 2.

[49] Desaparece na segunda edição aqui transcrita. A obrigatoriedade da «protestação» encontra-se na censura de 6 de Maio de 1779 (ANTT. *Real Mesa Censória*, Caixa 11 (1779), doc. 30): «Todas estas paçages devem ser emendadas e para acutelar outras semelhantes e não se iludir o Leitor com esta imaginaria filosofia, mas antes ficar assim levantada aquella ordem a que sublimou a revolução e a graça do divino Mestre deve o Author concluir esta obra com huma Protestação ou Advertência em que diga desta ou similhante forma».

natureza e limites do poder real, examinava a conduta dos reis, verberava prisões injustas, equacionava o perigo da beleza feminina nas cortes… Alusões demasiado transparentes, porventura, para quem havia redigido o texto no «exílio» e regressara depois da queda em desgraça de Pombal. Por outro lado, haverá que considerar um outro aspecto da questão, jamais ventilado, e que se prende com o facto de Teodoro de Almeida ter escolhido, como protagonista, um soberano da Polónia, no século XIII, afastado do trono, primeiro compulsivamente, depois por vontade própria. Perfeitamente irrelevante para leitores actuais, mas provavelmente pleno de sentidos para os contemporâneos, incluindo os censores, era o facto de Stanislao Leszczynski se ter visto obrigado, em 1737, no quadro da guerra da sucessão, a abandonar o trono da Polónia e a aceitar o ducado da Lorena. Tido como um modelo de príncipe «anti-José II»[50], trouxe consigo confessores jesuítas e a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, tão ligada às visitandinas, com quem T. de Almeida muito contactou em Annecy, durante a estadia em França e na Sabóia, entre 1769 e 1777, e que trará para Portugal, em 1784. Vladislau-Misseno, príncipe polaco do século XIII, evocava, certamente, num registo prestigiante, a situação menos agradável de Stanislao, que não deveria ser, seguramente, indiferente a Teodoro de Almeida, tendo em vista a atenção e os esforços que concentrará na difusão da referida devoção, tão cara ao agora duque da Lorena, e tão difundida por círculos jesuítas quanto hostilizada por sectores «ilustrados».

Pese embora toda essa panóplia de recriminações sobre a crueldade dos reis e a torpeza e intriga das cortes, caldeada por descrições de combates e duelos que em muito exploram, num registo prestigiado, que não corria riscos de confusão, as expectativas de um público que continuava a consumir «livros de cavalarias» e novelas «bizantinas» — em 1742 e em 1791 reedita-se o *Imperador Clarimundo* de João de Barros e pululam os *Carlos Magno*, a *Princesa Magalona*… — *O Feliz Independente* coagula e compendia, nessa reflexão sobre a felicidade, tão típica das Luzes várias, debates sobre a superioridade da vida pastoril sobre a vida de corte, a «miséria» dos generais dos exércitos, a vã importância da fama, os perigos que a beleza feminina comporta para quem a possui, no sentido em que atrai perigos e destrói a tranquilidade…

Desse ponto de vista funciona, mesmo para o leitor de hoje, que não «lê» as alusões pombalinas ou não discute a legitimidade do tiranicídio, como uma «enciclopédia» de saberes vários, alguns estranhos ao mundo moderno, outros, contudo, permanentes, porque próprios da condição humana.

[50] Forçado a abandonar o trono da Polónia, Stanislao Leszczynski, autor de textos devotos, tornou-se, no contexto francês, um grande difusor da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, sobretudo, na dimensão Cristo-Rei, que ajudava a sublinhar a «realeza» de um poder real verdadeiramente enfraquecido, pois que a Lorena, pela sua morte, passaria para a França. TAVENEAUX, 1960: 679-683; ROSA, 1999: 17-46.

CRITÉRIOS DE EDIÇÃO

Esta edição transcreve o texto da segunda, publicada em 1786, revista pelo próprio autor que afirma, no rosto, tê-la corrigido e aumentado. As razões que escoram e legitimam esta opção prendem-se com o facto de, à luz do testemunho de Teodoro de Almeida, esta ser a versão que melhor corresponde à sua vontade e que não alterou posteriormente. Respeitamos, em absoluto, o «Prólogo» e todas as notas introduzidas pelo autor, também modificadas da primeira para esta edição.

Procedemos, nesta edição que agora se apresenta, a uma modernização ortográfica que, não traindo a especificidade do texto, entendido pelo autor como um «poema em prosa», o tornasse mais acessível a uma camada ampla de leitores. Importa frisar, contudo, que Teodoro de Almeida, embora tenha seguido, nos primeiros volumes da *Recreação Filosófica*, algumas das propostas ortográficas de Verney, formuladas na Carta I do *Verdadeiro Método de Estudar* (1746), segundo o princípio que «a língua portuguesa se deve escrever como se pronuncia»[1], não o faz já aqui, alguns anos mais tarde, se bem que a polémica ortográfica que, verdadeiramente, atravessa quase todo o século XVIII, se mantenha ainda por estes anos e pelos seguintes[2], haja em vista a importância que a Academia das Ciências lhe foi concedendo ao longo de todo o século XIX. Procurámos, assim, nesta edição, a uniformização inerente a qualquer tentativa de modernização, embora nos pareça importante registar que as diferentes opções documentam a flutuação de convenções ortográficas do tempo.

I. VOGAIS

1. Normalizámos as grafias alternantes das vogais nasais: seguidas de *m* ou *n* antes de consoante, de *m* em final de sílaba, com til antes de vogal e em final de palavra;

2. Substituímos o *y* por *i*, em vocábulos como abysmos, e o *i* por *e* em formas com ditongo nasal, como mãi;

3. Modernizámos a representação dos ditongos nasais: vogal seguida de *e* ou de *o*, com til sobre a primeira, ou vogal seguida de *m* ou *n* (ex.: criavão > criavam);

4. Normalizámos a grafia dos ditongos orais, representando com *i* e *u* as semivogais (moraes > morais; arêa > areia; Deos > Deus); as formas de 3.ª pessoa do singular do perfeito do indicativo dos verbos da 2.ª conjugação (leo > leu); as formas de 3.ª pessoa do singular do perfeito do indicativo dos verbos da 3.ª conjugação (dividio > dividiu);

5. Quanto aos ditongos orais crescentes, representámos a semivogal através de *u*;

6. Conservámos certas formas arcaicas de grafia dupla, pois correspondem a realizações alternantes: a oscilação entre *i* e *e*, como em quasi / quase ou emperador / imperador; entre *ou* e *oi*, como em dous / dois, cousa / coisa.

---

[1] VERNEY, 1949 [1746]: 48. Sobre esta questão, veja-se VERNEY, 1991: 34-37.

[2] Como exemplos de um combate no quadro da oscilação ortográfica, que aliás se fez através de muitos textos e folhetos, vejam-se: FEIJÓ, 1734; LIMA, 1736. Algumas destas questões foram estudadas por GONÇALVES, 1992.

II. CONSOANTES

1. Visto não possuir qualquer valor fonético, normalizámos o emprego do *h*. Eliminámo-lo em posição intervocálica e nos chamados dígrafos helenizantes, como *th*, e introduzimo-lo em situações como aver > haver;

2. Simplificámos as consoantes dobradas, visto não serem reflexo da pronúncia, exceptuando *r* e *s* em posição intervocálica;

3. Pelas mesmas razões, simplificámos grupos em posição medial como *-ct-, -mn-, -gn-, -ps-*. Conservámo-los nos casos previstos na utilização actual;

4. Regularizámos o emprego das oclusivas velares de acordo com o uso moderno: *qu* e *gu* antes de *e* e *i*; *c* e *g* antes de *a*, *o* e *u*;

5. Regularizámos a representação das fricativas: as fricativas alveolares serão grafadas de acordo com as normas actuais (ex.: accezos > acesos); a fricativa palatal surda será grafada como *ch*, *s*, *x* ou *z*, de acordo com o uso actual (ex.: franceza > francesa); a fricativa palatal sonora será representada como *g* ou *j*;

6. Conservámos certas formas arcaicas de grafia dupla, pois parecem corresponder a realizações alternantes: é o caso das ocorrências metáticas do grupo consoante + *r* (ex.: pertender);

7. Como correspondem também a realizações alternantes, aceitámos certas formas arcaicas como arrastrar.

III. ASPECTOS MORFOLÓGICOS

1. Separámos ou aglutinámos algumas palavras de acordo com a norma actual (ex.: *a pezar > apesar*);

2. Conservámos a numeração, por extenso ou em algarismos, tal como surge na edição da obra que nos serviu de base.

IV. DIACRÍTICOS

1. Regularizámos o emprego dos acentos;

2. Normalizámos o emprego do hífen, concretamente para separar os pronomes enclíticos e mesoclíticos e também em palavras compostas.

V. MAIÚSCULAS E PONTUAÇÃO

1. Regularizámos o uso de minúsculas e de maiúsculas. A uniformização do uso de maiúsculas revela-se complexa num texto desta natureza, no sentido em que o autor as usa intensamente. Tendo em conta o público a quem se destina a edição, procedemos a uma simplificação geral (ex.: Príncipe > príncipe; Princesa > princesa), mas mantivemos aquelas que relevam alguma função alegórica (ex.: Fúrias);

2. Actualizámos a pontuação, procurando respeitar as pausas do discurso. Mantivemos, contudo, a alternância entre os dois pontos e o ponto e vírgula, embora ambos fossem entendidos, ao tempo, como indicativos de pausa entre a vírgula e o ponto. Eliminámos alguns parágrafos, na medida em que não se justificavam, devido à sequência discursiva do texto;

3. Corrigimos as gralhas tipográficas que não nos colocaram dúvidas.

O FELIZ
INDEPENDENTE DO MUNDO
E DA FORTUNA
OU
ARTE DE VIVER CONTENTE
EM QUAESQUER TRABALHOS DA VIDA,

PELO

P. THEODORO D'ALMEIDA

Da Congregação do Oratorio, e da Academia Real das Sciencias de Lisboa, da Sociedade de Londres, e da de Biſcaya.

Segunda Edição corrigida por ſeu Author, e accreſcentada com Notas, e com eſtampas.

TOM. I.

LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO M. DCC. LXXXVI.

Com licença da Real Meza Cenſoria, e Privilegio Real.

TOMO I

O FELIZ INDEPENDENTE DO MUNDO E DA FORTUNA

P. TEODORO DE ALMEIDA

LISBOA, 1786

PRÓLOGO

Laetatus sum in omnibus, quoniam antecedebat me… sapientia… quam sine invidia comunico…Infinitus enim thesaurus est.

Liber Sapientiae, cap. 7, v. 12, 13, 14

Como o público foi sempre o juiz das obras que lhe oferecem, convém que seja informado dos motivos por que se empreenderam. O principal que me moveu a meditar esta obra foi o bem da humanidade. Vi eu que a maior parte dos que se chamam infelices podiam não o ser, se tivessem no entendimento outro modo de pensar e na vontade outra moderação no querer. O efeito que em mim faziam algumas considerações da minha filosofia, ilustrada pelo Evangelho, era tão saudável, que me julgaria réu de grandíssimo delito, se as ocultasse em mim e, afogadas no estreito claustro do meu peito, as deixasse perecer comigo, sem que vissem a construção do dia. Pudera dar ao público as minhas reflexões, com o título de uma *Filosofia Moral*, ou de *Máximas prudentes sobre a verdadeira alegria*, e, ainda, com o de *Filosofia Evangélica*, porque todas elas são tiradas do santo Evangelho de Jesu Cristo, sagrada fonte das verdades, não só teológicas, mas também morais, filosóficas e políticas. Contudo, pareceu-me que seria mais agradável e, por isso, mais útil o dar esta obra no estilo em que a ofereço ao público, atendendo a muitas circunstâncias que assim mo fizeram esperar. Observei que muitos santos prelados da Igreja, levados do meu intento, ofereciam de presente a alguns cavalheiros distraídos, entre outras dádivas, crucifixos de ouro delicadamente bem feitos, desejando os santos que a preciosidade da matéria e a delicadeza da escultura lhes levasse a atenção e os olhos a considerar na imagem daquele original que lhes queriam introduzir dentro da alma. Assim, desejei eu fazer, disfarçando a austeridade das máximas evangélicas com a beleza e flores da razão e da poesia.

Tomei por modelo o grande arcebispo de Cambray, no seu *Telémaco*, e outras obras deste género, em que, com a suavidade do néctar encantador da poesia, se dão as máximas mais salutíferas para os costumes. Ao princípio, intentei fazer esta obra em verso rimado: e, tendo já feito uma boa parte, mudei para o verso solto, querendo mais liberdade na pena: levava-me então do ditame de Horácio, que dá a palma a quem souber misturar com o suave o útil, e queria embriagar de sorte o espírito dos meus leitores com a doçura do metro, que tragassem, sem o perceber, a medicina salutífera da alma. Via-os desprezar com tal frenesi tudo o que cheirava a devoção e virtude, que me parecia forçoso o enganá-los felizmente, dourando-lhes as pírolas ou pondo a doçura do mel na borda dos vasos, onde se lhes deviam ministrar as

medicinas amargas. Porém, depois de segundo e não pequeno trabalho, vi que sempre o número e cadência, que deviam com leis mui severas suprir a falta de rima, me obrigavam às vezes ou a não dizer o que queria ou a dizê-lo de outra maneira, não me deixando a prisão do verso discorrer o pensamento com a naturalidade e veemência com que desejava. Desisti então da empresa; e, semelhante ao que, preparando-se para duelo de empenho e perigo, não quer consentir enfeite algum que lhe embarace os pés, as mãos ou os braços, desejando estar ágil para ferir ou rebater os golpes do adversário, assim fiz ultimamente: e sacrificando toda a beleza do metro, que só podia recrear, à mui importante força e energia dos argumentos que devem ferir e prostrar, principiei de novo a obra. Conservei, porém, as leis da poesia, que me eram convenientes, mas na liberdade da prosa, conforme, antes de mim, tinham feito alguns e com sucesso feliz.

Era meu intento levar insensivelmente os leitores à violência e guerra que deviam fazer às suas paixões, e a uma cega e total entrega nos braços da Divina Providência, quando nos faz caminhar por cima de abrolhos e de espinhos: lição precisíssima para a felicidade da vida. Achava que os homens com sede ardente a procuravam e quis aproveitar-me desta sede, para os conduzir aonde queria e, para isso, fazer-lhes uma tal pintura deste nobre fim e prémio da virtude que, enamorados da sua beleza, não dificultassem praticar qualquer áspero meio que lá os levasse. Aprendi esta sina do que vi em Jesu Cristo, o qual, achando a samaritana também sequiosa, se valeu desta sede para a convidar, de tal modo com a descrição da saciedade completa que lhe prometia que não resistisse a abraçar a Sua doutrina.

Ora, esta pintura da felicidade, que só se podia conseguir por meio da virtude, convinha que eu lha pusesse diante dos olhos e bem perto, para que a cressem possível, e a não reputassem puro fantasma da imaginação, mas realidade, tocando-a quasi com as mãos. Por este motivo, busquei um herói verdadeiro na história, ao qual esta pintura quadrasse, porque, deste modo, os dissuadia sem violência do erro comum, com que se busca a felicidade pelo caminho do vício, e fazia entrar os leitores na verdadeira entrada da alegria, pois facilmente nos animamos a fazer o que vemos já praticado, quando os efeitos são agradáveis.

Era-me logo indispensavelmente preciso um herói, em que fizesse brilhar a virtude, a qual, quando se vê praticada, é tanto mais agradável, que os simples conselhos, quando a solfa cantada o é a respeito da puramente escrita; e assentei que o devia buscar entre os príncipes cristãos, para que ninguém pudesse suspeitar que eu fazia nascer a felicidade das máximas independentes da religião romana, que é a única em que podemos ser felices na vida e esperar a completa felicidade depois da morte. Este ponto era essencialíssimo para que não confundisse ninguém a minha filosofia com a filosofia pagã e as máximas tiradas do Evangelho com os conselhos

de Platão ou de Séneca ou daqueles falsos filósofos que, nos nossos tempos, vendem com o especioso título do *Bem da Sociedade*, os proscritos e já desprezados erros dos antigos sofistas.

Felizmente, encontrei, no princípio do século XIII, Vladislau, rei da Polónia, príncipe de tão heróico merecimento que, sem exemplo de antes, nem imitação ao depois, disputou com seu primo Lesko sobre quem havia de sacrificar à verdadeira filosofia e, com maior generosidade, o trono e o ceptro, a que ambos tinham igual direito. Vi que, ultimamente, obrigado pelas instâncias do primo e amor da pública tranquilidade, subira ao trono e que, havendo governado dous anos os povos, como pai, dele descera mui sossegado, tanto que viu que eles, inconstantes, se inclinavam a Lesko. Vi que vivera depois em Polónia como simples particular e em paz, quem fora seu legítimo soberano, cousa jamais vista. Estas acções, pois, me persuadiram que não poderia achar em toda a história personagem a quem melhor quadrasse a pintura da virtude e sólida filosofia, que eu queria fazer brilhar na face de todo o mundo.

Necessitava a virtude da contraposição do vício; e as máximas da filosofia deviam ser realçadas, postas defronte das desordens cegas das paixões furiosas. Para isto, era-me necessário outro personagem contemporâneo, para que não dissesse alguém que degenerava em novela, o que era poema (ainda que pudesse tomar a licença que tomaram Virgílio, Tasso e outros, valendo-se de personagens que não coexistiram): e achei o conde de Morávia, famoso pelos erros da sua paixão amorosa, como refiro no último «Livro», em que se vêem os funestos efeitos da louca paixão, no assassinado que aconteceu a sua irmã, a rainha de Hungria. Este facto me deu autoridade para o fazer representar, neste poema, o papel que convinha para realçar a virtude do meu herói e fazê-la chegar aos ápices do heroísmo, a que a mão poderosa de Deus o fazia chegar.

Era a meu favor a cronologia, sendo a história daqueles anos cheia de inumeráveis factos em que a curiosidade se interessa, porquanto, naqueles tempos, fervia o mar Adriático e Arquipélago com as cruzadas; o império do Oriente experimentou as nunca vistas alternativas nos seus emperadores, desde Manuel Comneno; então, foram as catástrofes de Andrónico, de Isaac Lange, de Aleixo, seu irmão, outra vez de Isaac Lange e de outro Aleixo, seu filho; passando, por este tempo, o ceptro do Oriente dos gregos para os latinos, depois da tomada de Constantinopla, quando foi posto sobre o trono Balduíno I, que fora conde de Flandres, e, depois dele, seu irmão Henrique.

Na Ásia Menor, se via de novo estabelecido e coroado emperador em Niceia, Teodoro Lascaris, casado com Ana, neta de Isaac Lange. O sultão de Icónio preparava as armas para ajudar a Leão, rei da Arménia Menor. Na Terra Santa se via

a nova rainha de Jerusalém, Maria, filha de Isabel, que fora ultimamente rainha de Chipre, a qual pedia a Filipe Augusto, rei de França, lhe nomeasse esposo digno de sua pessoa e coroa. Tudo isto fornecia à ficção poética mil episódios que podiam ser úteis à intriga, a qual serve não só para fazer ver as paixões, em toda a sua força, mas para trazer a alma do leitor em contínuo, mas diferente e agradável movimento, achando-se estimulada com a curiosidade de ver o bom ou mau êxito dos sucessos, o que dá lugar a que a filosofia insinue insensivelmente todas as suas máximas e com gosto se veja sempre que nos heróis a razão triunfa das paixões e a virtude do crime.

Para afastar, muito ao longe, a austeridade que se teme em umas máximas que declaram guerra aberta aos vícios todos, pus estudo em que, às vezes, mãos delicadas houvessem em curar as feridas: e fiz entrar neste enredo a emperatriz, viúva de Nicolau Canabé, que, por poucas horas, gozou desta honra na passagem tumultuosa que o ceptro do Oriente fizera dos gregos para os latinos. A esta princesa, pois, suponho desgostosa da corte numa casa de campo sobre o Niester, onde é o encontro do herói. Dei-lhe por meio-irmão o dito conde da Morávia, para que a estreiteza do parentesco fizesse decente toda a familiaridade que me era indispensável na que juntamente com o herói (médico do seu coração corrupto) havia de fazer o papel de enfermeira, para que sarasse a sua alma.

Aqui, pois, junto da casa desta princesa, começa o enredo num casual encontro do conde da Morávia com Vladislau que, enquanto vive incógnito, se chama sempre Misseno. Este lhe comunica as suas máximas e, para isso, toma o princípio da sua história, levando-a desde que viu a coroa da Polónia balancear sobre a cabeça de seu pai Miescelau. Figuro, então, que o meu herói, quando ainda o não era, antes pelo contrário, se deixava levar da tristeza e de outras paixões, se tinha abandonado ao acaso, mas que, na sua peregrinação com mil sucessos, já misteriosos, já naturais, fora aprendendo as máximas da sólida filosofia, que o fizeram depois subir ao trono, sem ambição, descer dele sem pena e viver sem tristeza naquela solidão em que o acharam. Acabada esta parte do enredo, que se sabe pela narração do herói, se segue a demora de alguns dias e, conversando os três e disputando, se persuadem as máximas da verdadeira alegria; e depois, por casos inopinados e traçados pelas Fúrias do inferno que declaram guerra aberta ao herói, esteve ele a ponto de separar-se do seu aluno, mas, por ordem da Providência, começam a viajar juntos: o conde, com o desígnio de militar na Terra Santa, o príncipe, de acompanhá-lo para lhe moderar as paixões e completar a doutrina que principiara a dar-lhe, desejando o herói conseguir a empresa de se vencer e que a razão sempre dominasse e governasse as suas paixões, pois,, desde o princípio tinha colocado nisto a verdadeira heroicidade. Nesta grande empresa

trabalha, até que já nem a vingança o move, nem a ingratidão o vence, nem outra alguma paixão o domina: e passados onze meses desta luta perpétua da virtude do herói com os vícios, por ordem superior se retira a viver na Polónia, onde diz a história que Vladislau vivera em paz.

Frois inv. e sc.

A Razaõ e a Virtude Cõ as mãos dadas
me Conduzem ao Templo d'Alegria:
as riquezas desprezo, o Sceptro fujo,
Sou Feliz pela gran Filosofia

DISCURSO PRELIMINAR SOBRE O POEMA DO FELIZ INDEPENDENTE POR ANTÓNIO DAS NEVES PEREIRA, PRESBÍTERO E PROFESSOR RÉGIO DE RETÓRICA E POÉTICA EM PENAFIEL

Nada há mais frequente, quando sai à luz alguma obra com novidade, que atormentarem os professores da matéria a que pertence para que digam o seu juízo crítico sobre o merecimento dela. O desta obra é bem notório: já vemos em Espanha a quarta edição e de Bruxelas eu vi uma Carta do Padre João Chevalier, do Oratório, um dos mais rígidos e literatos críticos que hoje conhece Portugal, em que faz a esta obra os maiores elogios que se podia desejar. Eu, que pela minha profissão devo expor aos meus discípulos as suas belezas, para que eles e todos os mais que quiserem saber o meu juízo crítico conheçam qual é o meu pensamento, fiz este «Discurso», que o autor da obra me permite imprimir junto com ela, o qual divido em duas partes.

«Quod si tam Graecis novitas invisa fuisset,
Quam nobis, quid nunc esset vetus? aut quid haberet,
Quod legeret, tereretque viritim publicus usus?»

Horácio, *Epístola I*, L. II, v. 90 e seg.

PARTE I

Reflexões sobre os princípios em que se deve fundar o juízo crítico da poesia épica

§ I
Das regras do poema épico

O eclipse que nos oculta a natureza, se me é lícito usar da frase dos filósofos, sempre é contínuo, mas não é total, de sorte que, de século em século, lá nos vai deixando ver algumas novas partes do seu disco imenso: quanto basta para não se extinguir nos homens a esperança de a conhecer melhor e a constância de a estudar. A Verdade e a Beleza, posto que em si inseparáveis, são, contudo, dous diferentes aspectos em que contemplamos a natureza: um é objecto da Filosofia, outro da Literatura.

Em uma e outra faculdade tem havido várias revoluções de século em século, mas com sucesso desigual, pois que hoje vemos na Filosofia o conhecimento da verdade pela maior parte mais decisivo, quando ainda flutuamos na ideia da beleza, que se busca nas obras de Literatura. Nem é dificultoso descobrir a causa desta diferença,

porquanto nós achamos hoje a Eloquência e a poesia quasi no mesmo estado em que antes se achava a Filosofia: quero dizer, cheias de muita obscuridade, de muita incerteza, cheias de inutilidades, de vãs subtilezas, de erros, de dificuldades. Achamo-las, enfim, escravas das preocupações da imitação servil tiranizadas pelo capricho, vaidade e gosto incerto dos artistas, como sempre costuma ser, quando este só é quem dirige o Engenho, em lugar do Engenho o dirigir a ele[1].

Por isso, não é de admirar que, assim como a antiga Filosofia embaraçava o entendimento no conhecimento da verdade, assim hoje o estudo das Belas-Letras embarace o Engenho no conhecimento e produção das Belezas. À crítica judiciosa, pois, pertence regular os princípios destas artes e reduzi-las à simplicidade da Bela Natureza, donde trouxeram os seus primeiros elementos, e fixar os seus justos limites. As máximas da Eloquência e da Poesia, sendo assim bem determinadas, em lugar de constrangerem o Engenho e de o precipitarem num intrincadíssimo labirinto de arbítrios e conjecturas cegas, o conduziriam pelo rumo certo e seguro da imitação da Natureza e então veríamos verificado pela experiência a respeito da Poética o mesmo que Cícero e depois dele Santo Agostinho disseram da Retórica, que quem a não aprendia em pouco tempo, não a aprendia nunca[2].

Mas para falarmos somente da Poética, nós a temos hoje tal como deixaram os antigos mestres nos seus escritos. Aristóteles e seus sucessores buscaram as suas regras em Homero e outros poetas daqueles tempos, apoiando-as mais no Exemplo do que na Razão. Jerónimo Vida, Membrum, Escalígero, Gravina e outros muitos também depois escreveram suas regras sobre o poema épico, mas regras pela maior parte tradicionárias e tais, que mais servem para imitar a Virgílio, do que para compor um poema épico. Que diremos do famoso «Tratado» que escreveu o P. Bossu? Este varão doutíssimo foi, nesta parte da Poética, um descobridor tal, como antes tinha sido Descartes na Filosofia. Um e outro sistema mereceu por algum tempo os aplausos que costuma produzir a ilusão da novidade: cessou a ilusão, buscou-se o sistema de Descartes na natureza e não apareceu, pois que somente existia na cabeça do filósofo, como a República de Platão.

O mesmo com pouca diferença sucedeu ao sistema do poema épico que escreveu Bossu; em vão se procuraram na *Ilíada* e *Udisseia* de Homero as suas regras da epopeia ou, para melhor dizer, as conjecturas do filólogo francês. E por mais que os críticos atormentaram a sua cabeça, nunca lhes foi possível conciliar Homero com Homero. O que somente alcançaram foi que, sendo estes dous poetas partos do mesmo

[1] Não é novo este mal, porque já no seu tempo dele se queixava o autor da Retórica, que vulgarmente se atribui a Cícero: «Nam illi (Graeci Scriptores) ne partum multya scisse viderentur, ea conquisierunt, quae nihil attinebant, ut ars difficilior cognitu videretur». Auct. *Rhetorica ad Herenium*, Lib. 1, n. 1.

[2] «Ista discuntur facile, si tantum sumos, quantum opus est; habeas, qui docere fideliter possit, et scias etiam ipse discere… Res quidem se, mea sententia, sic habet, ut nisi quod quisque cito potuerit, munquam omnino possit perdiscere». Cícero, *De Oratore*, Lib. III, n. 87. 88. 89; Augustinus, *De Doctrina Christiana*, Lib. IV.

Engenho, eram, contudo, de diferente natureza e que cada um devia ter sua definição particular e regras particulares, do que concluirão (parece-me que com razão) que Homero observou a Natureza e com génio criador e livre a representou felizmente nestas duas produções, e que Bossu, preocupado do espírito de sistema, observou as produções de Homero e não a Natureza e, por isso, cuidou ver nos poemas de Homero o que, efectivamente, não havia nem o poeta jamais pensou. Não foi menor a dificuldade dos que tentaram acomodar o novo sistema à Eneiada do poeta latino, pois que nele se acha reunido o plano da Ilíada e da Udisseia juntamente.

Que devemos nós inferir de tudo isto, senão que estes escritores têm dito muita cousa nesta matéria e, contudo, ainda não disseram tudo o que essencial? Inferimos que erraram e fizeram errar os seus sectários em cuidar que nas regras da arte se podia incluir tudo o que é obra do Engenho e do Bom gosto natural ou que este podia ser obrigado a trabalhar por Arte. Inferimos que, muitas vezes, se enganaram com os modelos que tinham diante dos olhos e por isso encheram as Artes de regras e observações falsas, de que ordinariamente resultam aos alunos da Eloquência e da Poesia tais inconvenientes que não é necessário referir, por serem assaz manifestos[3]. Finalmente, para me servir de um pensamento do autor do Feliz Independente, acomodando-o a esta matéria, a multiplicidade de autores que têm escrito e cada dia escrevem preceitos de Poética prova que alguma cousa lhes falta ainda que se deseja conseguir[4].

§II
Da crítica vulgar da Poesia Épica

Pois, se a multiplicidade dos preceitos, se a sua futilidade é impedimento, como temos visto, para fixar a ideia do que é solidamente Belo na Poesia Épica, por necessária consequência o deve ser também a crítica vulgar.

Falo somente da crítica dos eruditos, e não quero envolver com esta uma certa crítica maligna e pirática, qual é a daqueles miseráveis autores que, como disse o sábio Racine, feitos salteadores na carreira da Literatura, andam sempre espreitando a ocasião em que apareça algumas obra que tenha fortuna para lhe avançar «não por inveja (continua este varão douto), porque que fundamento teriam tais críticos para serem invejosos? Mas sim por esperança de que o autor da obra tenha o trabalho de lhes responder e os tire da obscuridade em que os deixariam da suas obras toda a sua vida». Ainda bem que neste laço se não deixam cair os homens de esfera superior: bem conhecem eles que verdadeiramente é uma espécie de vileza responder a estas críticas malévolas. Não o ignora sem dúvida o P. Almeida,

[3] Veja-se Quintiliano nas *Institutiones Oratoriae*, lib. 8, «Proaemium».
[4] O autor fala do método da Geometria nas suas *Cartas Físico-Matemáticas*, onde vem o pensamento que acomodamos ao nosso propósito. Tomo I, «Carta preliminar».

quando no seu Feliz Independente faz dizer a Henrique Dandol, discretamente, que «os homens de bom juízo disputam com razões, as mulheres com palavras, os rapazes com mofas»[5]. Já há muito que ele, em outra obra que publicou, fez bem manifesta a sua indiferença a respeito de semelhantes críticas[6]. Deixemos, pois, ventilar de sangue-frio, se o *Feliz* é um poema ou um romance. Todos sabem que já em França houve semelhante debate, quando apareceu o *Telémaco*: ferveram logo as críticas, mas repetiram-se as impressões da obra. Ninguém hoje lê as críticas e toda a Europa lê a obra criticada e jamais houve produção que tivesse nem mais aplauso nem mais universal aceitação[7].

Nem tão pouco pertendemos confundir com aquela crítica vulgar a crítica sedentária de certos espíritos filosóficos que, desposados com as abstracções e armados de desdém para tudo o que não é de nota filosófica, parece extinguiram em si toda a sensibilidade para com as belezas da Poesia, semelhantes àquele severo matemático que, acabando de ouvir representar na tragédia de Racine uma cena admirável do delírio de Fedra, perguntou, friamente: «E que prova isso?». Tal houve que chegou a maior paradoxo, escrevendo que não há beleza poética e que, por falta dela, é que inventaram aquelas palavras grandes «Louro fatal, belo astro, etc. e que isto é o que se chama beleza poética[8]. Por certo que não será fácil achar-se na República Literária muitos destes infiéis às musas.

Mas deixemos já esta digressão e vamos a reflectir sobre a crítica erudita que é, como dissemos, outra causa que embaraça e retarda o engenho tanto na produção, como na percepção das Belezas. Desde que se acabou a noite escura da ignorância, começou a aurora da Literatura pela erudição e se recorreu ao estudo dos antigos escritores. As suas produções causaram logo a admiração, não conhecendo os limites racionáveis em que devera terminar-se, passou a uma veneração supersticiosa. E daqui nascei todo o sistema de Imitação e de Crítica, fundado neste falsíssimo discurso: Homero e Virgílio abriram-nos esta estrada: logo, devemos segui-la; logo, qualquer outra é errada.

Depois, segundo as observações que cada um fazia na lição dos autores, ia estabelecendo certas regras que, com o tempo, se reduziram a um corpo formado de várias colecções reunidas, como foi a *Poética* de Aristóteles. Cada qual, tendo estudado o sistema de composição em qualquer género de obra, se imaginava que pelas suas noções e princípios calculados podia executar tudo o que os excelentes

[5] Tom. I, livro IV, n. 4.
[6] *Recreação Filosófica*, tomo III, §I.
[7] Várias críticas se fizeram ao *Telémaco*. A primeira apareceu com o título *Critique genérale des Aventures de Télémaque* por Mr. Gueudeville; a segunda foi a do Abade Faydit com o título *Telemaco-manie ou la Censure et critique du Roman intitulé les Aventures de Telemaque*. A estas sucederam várias outras, mas todas não são senão mania crítica de cabeças destemperadas, conforme a opinião dos sábios daquela nação.
[8] Assim escreveu Mr. Pascal no seu opúsculo intitulado *Pensées*.

autores haviam produzido por Engenho nas suas obras originais que, seguramente, podiam julgar do merecimento de qualquer obra. Eis aqui se formou outra preocupação ou fundamento erróneo para a crítica de qualquer composição nova, dizendo «Tal poema está feito conforme todas as regras de Aristóteles: logo, é excelente», ou também «Tal outro faltou às regras da Poética, logo não é bom».

Suposto isto, que havia de fazer um poeta português, francês, italiano, etc., para que a sua obra merecesse votos favoráveis no tribunal da crítica? Que, senão ir consultar Aristóteles para saber dirigir o seu poema, de forma que não discrepasse um ponto da *Ilíada* ou da *Udisseia* de Homero ou da *Eneida* de Virgílio? Que faria um observador que lesse Camões, um Tasso, um Milton ou outro insigne poeta dos modernos, para saber que ideia devia fazer das suas obras? Necessariamente, o seu gosto, as suas luzes aos arbítrios do douto Escalígero, do douto Bossu, já que estes legisladores da Literatura (como bem reflecte um filósofo moderno) «escreveram volumes e volumes sobre umas poucas de linhas que a imaginação dos poetas criou para se divertir».

Não é necessário empregar largos períodos para persuadir quanto estas preocupações e esta escravidão das regras e da imitação servil e desta crítica de erudição há-de impedir os progressos do Engenho e da Literatura. Mais de um exemplo o tem confirmado em toda a Europa. Em França, o mostrou evidentemente o sucesso do célebre *Poema da Pucelle d'Orleans* de Chapelain. Apareceu este poema, cuja fábrica custara vinte anos de trabalho, concorreram os críticos de erudição a examiná-lo e, com efeito, tiveram a consolação de o achar muito ajustado com todas as regras da Arte; examinaram-no os críticos de engenho e de gosto e também concordaram que nada lhe faltava, senão o interessar e agradar. E desta sorte um poema o mais regular que se viu, veio a servir de vergonha à Arte e à Crítica, em lugar de as autorizar.

§III
Da crítica judiciosa e única, que conduz ao progresso das Belas Artes e à perfeição das obras de Engenho, principalmente na Poesia Épica

É verdade que no tribunal da crítica é que se deve decidir do merecimento dos autores e das produções de Engenho. Mas quem há que se não julgue juiz competente neste tribunal? Quem não julga ter bastante direito para nele ter voto e decidir quaisquer controvérsias de Literatura, depois que se acha iniciado nos mistérios das Belas Artes? Quantos juízes intrusos com bem ligeireza e sem engenho sentenciam intrépidos neste tribunal, de cujo voto com razão de deverá apelar? Mas para onde? Certamente para o tribunal da crítica judiciosa, a qual, certamente, deve excluir toda a preocupação, deve desprezar o tom orgulhoso dos falsos legisladores, deve conhecer outras leis, senão das da Natureza e da Razão, e fazer justiça inteira, recta e inviolável à glória

dos escritores e ao merecimento digno da imortalidade. Convém logo, para conhecer e apreciar, quanto é justo esta crítica, que notemos os seus caracteres e expendamos brevemente as suas leis mais principais e máximas incontestáveis.

LEI I

A crítica sólida e judiciosa deve discernir o que é essencial à Poesia e o que é arbitrário aos poetas

O essencial da Poesia somente está ou consiste nas leis fundamentais dimanadas da Natureza, aprovadas pela razão, em que todos os povos convém e em todo o tempo.

São livres e arbitrários ao poeta os auxílios da imaginação que se diversificam segundo a matéria, segundo o costume da nação, segundo o século e segundo o génio do poeta; mas o essencial da Poesia é constante e invariável; o arbitrário tem mil diversíssimas opiniões e nenhuma regra geral. E, por isso, sem o essencial, nenhum poema pode ser louvável nem livre de censura, mas tendo-o, de qualquer sorte que se altere convenientemente o arbitrário, sempre o poema pode fazer honra à Poesia, ao poeta, à nação, e sempre será interessante e deleitável à sociedade. Não será logo preciso que um poema seja vestido à grega ou à latina, contanto que tenha um corpo bem formado e regular, será um belo poema. Isto suposto, será questão de nome disputar se o *Feliz Independente* é um romance ou poema épico, porque se ouvirá a douta sentença que já deu o célebre Addison a respeito do *Paraíso Perdido* de Milton: «Se fazeis escrúpulo», diz ele, «de dar o título de poema épico ao Paraíso Perdido de Milton, chamai-lhe, se quereis, um poema divino ou dai-lhe o nome que quiserdes, contanto que confesseis que esta é uma obra no seu género tão admirável como a Eneida»[9].

Seja a acção única para que por degraus e sem fadiga ocupe a imaginação; seja ornada e variada com episódios que sejam como membros de um corpo robusto e proporcionado para agradar a todos os homens; seja interessante para que o enleio da imaginação se comunique ao coração e o mova; seja inteira para que satisfaça a expectação do leitor. Eis aqui as regras elementares e as principais, que a Natureza uniformemente tem ditado a todas as nações polidas.

Que a acção seja simples ou complexa; que se acabe num mês ou num ano, ou passe mais tempo; que a cena seja fixa em um só lugar, como se acha na *Ilíada*, ou que o herói navegue de mar em mar, como na *Udisseia*; que ele seja feliz ou infeliz, furioso como Aquiles ou pio como Eneias; que seja uma só a pessoa principal ou que sejam muitas; que a acção se passe sobre a terra ou no mar ou na costa de África, como a *Lusíada* de Camões, ou na América, como a *Araucana* de Ercila, ou se passe no céu ou inferno, fora dos limites do nosso mundo, como no

[9] *Remarques d'Addison sur le Paradis*, «Discours I».

Paraíso de Milton: tudo isto é indiferente à essência da Poesia, de sorte que nunca um poema deixará de ser épico ou heroico por qualquer destas ou semelhantes diferenças, enquanto se não inventar um título especial proporcionado à Natureza particular de cada um.

LEI II

É frívola toda a admiração dos antigos escritores, quando chega por um certo excesso a superstição

É verdade que os antigos são nossos mestres e nossos modelos; sim, eles são estimáveis, mas não o são por serem antigos: são estimáveis só porque são bons. Mas, porventura, é esta qualidade de bons própria e única dos antigos ou anexa a certo número de anos? Eis aqui um problema que nada tem de difícil para os críticos sensatos, mas que é um garrote bem duro para os críticos entusiastas. Na verdade, é uma injustiça que fazemos à Natureza e a nós mesmo, empregando só os olhos e as admirações nas produções antigas, das quais não podemos julgar seguramente, e fechá-los a outras belas produções que a Natureza tem posto ao redor de nós. Vemos alguns dos poetas modernos que, ordinariamente, onde são excelentes, são originais, e nada deveram à imitação dos antigos; outros, pelo contrário, onde servilmente se cingiram à imitação dos antigos, umas vezes caíram em absurdo, outras apenas chegaram a uma mediocridade que a Poesia não sofre. Que belezas não tem o nosso Camões, que Virgílio e Homero não desaprovariam? O nosso Camões, tão indignamente tratado por esses críticos, que, conforme o pensamento de um autor célebre, são como os astrónomos, que cada dia inventavam esferas imaginárias e punham pouco em criar ou aniquilar um ou dous céus de cristal.

LEI III

Admirando as produções literárias dos antigos, distingamos o que neles é universalmente belo e o que somente tem beleza local

Porquanto só a beleza universal é a beleza da Natureza, imitável por todas as nações e em todos os tempos; e não é assim a beleza local, que só é admirável em um país, desprezando-se em outro. A esta beleza local se reduz a beleza acessória, que depende das línguas, e é bem sabido que as antigas, mui diferentes das que hoje usam os povos da Europa, eram com muita ventagem favoráveis à Poesia, principalmente no que respeita à harmonia. Também na Poesia antiga se chama acessória aquela beleza que depende da religião daqueles povos e dos seus costumes, que, sem dúvida, são tão diferentes dos nossos, como os nossos são diferentes dos costumes dos americanos. Esta lei não conheceram ou não entenderam os filólogos dos séculos passados, quando, preocupados de uma admiração supersticiosa, indistintamente imitavam tudo o que era de Homero ou Virgílio, nem tão pouco a compreenderam muitos

críticos convulsionários que, do canto do seu gabinete, ousadamente criminaram em Homero e Virgílio mil cousas que não eram senão uns belos defeitos para nós, sendo belezas reais, respectivamente ao tempo e à nação desses poetas.

LEI IV

Nenhum dos modelos existentes nem ainda o mais perfeito pode ser modelo absoluto de todos os poemas

Porquanto, primeiramente, a Poesia não está nem pode ser compreendida toda, como erradamente se crê, no estreitíssimo círculo de ideias a que se têm cingido os artistas. A Ilíada e a Eneida são um óculo muito pequeno, para que por ele possa a nossa vista alcançar todo o imenso espaço dos possíveis na arte de agradar e de mover. Só uma alma vivamente penetrada das Belezas, ajudada de uma imaginação fecundíssima e bem activa e bem fogosa, elevada à alta região das ideias originais, é a que pode aturar esta grande carreira.

2º Além disto, todas as produções em que, constantemente, se tem conhecido um merecimento superior, podem servir de modelo. Mas não é o mesmo ter um merecimento superior, que ser um modelo consumadamente perfeito. De todos quantos tem havido, só cada um em particular terá uma ou mais qualidades excelentes que os distingam. Não é concedido a nenhum homem ser inteiramente perfeito. Os mais insignes que tem havido, enfim, foram homens. Homero, com ser Homero, algumas vezes dormitou: muitos de seus mais severos imitadores não só dormitaram, mas até algumas vezes caíram em letargo, do que se conclui que é crítica temerária a que sentencia qualquer poema só por um modelo particular, por mais excelente que ele seja. E, conseguintemente, a *Lusíada*, o *Telémaco*, o *Paraíso Perdido*, o *Feliz Independente* e outros semelhantes poemas não podem ser julgados pela *Ilíada* ou *Udisseia* de Homero nem pela *Eneida* de Virgílio, pois que cada um é obra de um génio e obra de diversa natureza no género épico. E daqui se deduz a seguinte

LEI V

É errada ou ao menos perigosa toda a crítica que se funda meramente na comparação de uma obra com um modelo

Suponhamos que um poeta agora empreendia outra nova *Eneida* em competência com o poeta latino e que, apartando-se da ideia e do plano que ele seguiu, formava todo o seu poema tecido como o Quarto Livro da *Eneida* latina, de sorte que todos os incidentes fossem, como nele, nascidos uns dos outros e todos assim dispostos produzissem e conservassem até o fim uma admirável variedade de sentimentos e de imagens, uma mistura de épico e dramático, uma violenta alternativa de perturbação e de surpresa, de terror e de compaixão. Neste caso, comparava-se a Eneida moderna

com a antiga e, achando uma tal diversidade, algum destes críticos *minorum gentium* teria o desembaraço de a condenar ou de a louvar bem friamente.

Mas, pelo contrário, qual seria o crítico desabusado que, pesando as cousas em balança justa, não concedesse uma grande superioridade ao Virgílio moderno sobre o Virgílio antigo? Quem pode proibir aos engenhos presentes que continuem a arte de onde a deixaram os antigos artífices? Que mal fizeram entre os franceses Cornélio e Racine, acrescentando no teatro o que faltou a Sófocles e a Eurípides? E por que não será lícito outro tanto no poema épico? Mas isto é o que não querem admitir estes críticos, semelhantes aos agoureiros romanos, de quem, galante e agudamente, disse o poeta Pacúvio que como entendiam mais as cousas pelas entranhas alheias do que pelas suas era melhor escutá-los, do que dar-lhes crédito[10].

LEI VI

Para julgar sãmente do merecimento de um poema e da sua beleza real, é preciso que o crítico saiba sentir e que tenha não só uma imaginação viva, mas coração sensível, excitado por algumas faíscas do mesmo fogo, que o génio criador do poeta comunicou à sua obra

Todos convém que, para decidir sobre a harmonia ou dissonância da música, não é bastante só o conhecer a natureza dos sons, como um físico, ou como um matemático saber calcular exactamente a proporção dos tons. Bem se sabe que para este efeito preciso é ter bom ouvido, capaz de receber as impressões dos sons, e uma alma delicada para as saber sentir, e que sem isto tudo o mais é inútil. Pois quanto mais precisa será esta boa disposição de alma a um bom crítico em Poesia? Como será possível que um homem só com uma luz dos preceitos de Poesia, com uma imaginação tímida, coração frio, se ache assaz hábil para tocar as delicadezas de sentimento de um bom poema, e delicadezas quasi imperceptíveis às almas do comum? Por certo, que quem quisesse sujeitar o patético de um poema só à simples decisão do juízo especulativo, seria o mesmo que fazer que o ouvido julgasse das cores, e os olhos dos sons. Atendida esta máxima, não será dificultoso resolver o problema, por que causa se acha a República Literária tão inundada de maus críticos, como de maus escritores? Oxalá que ela pudesse por este freio àqueles, assim como pode tolerar estes, menos prejudiciais na verdade!

[10] «Nam istis, qui linguam avium inteligunt, / Plusque ex alieno jecore sapiunt, quam ex suo, / Magis audiendum quam auscultandum censeo».

LEI VII

Geralmente falando, não há crítica justa e recomendável neste género de literatura, senão a que se funda num modelo ideal, fruto da exacta observação da Natureza universal e do exame e comparação de todos os modelos existentes e juntamente de uma teoria de princípios bem regulada

Julgar a beleza só pelos preceitos seria, como acabámos de mostrar na lei antecedente, condenar pelas regras o que aprova o Bom gosto ou aprovar o que este reprova; seria pôr na mesma balança o bom, o mau, o medíocre, o excelente. Assim também julgar por um ou outro modelo particular, como se declarou na Lei IV e V, as belezas ou defeitos de um poema, seria autorizar os defeitos de um autor com os defeitos de outro; seria negar as virtudes de um pelas que a outro faltaram, e dar por imperfeito o que só tem perfeições diferentes, pois que nem tudo o que Homero escreveu é excelente, nem tudo o que faltou a Homero deixa de o ser nem será impossível a outro. Porventura uma cousa será repreensível, só porque é nova ou sem exemplo[11]? Tal poema nos oferece um plano feliz, cuja execução saiu infeliz; tal outro mostrará uma bela execução de um plano bem imperfeito e irregular, e não será mui dificultoso dar-lhe Homero por patrono. Logo, só a observação da Natureza e a combinação de todos os modelos existentes, justificada pelas regras constantes, pode subministrar a um crítico um certo modelo ideal de uma perfeição decisiva neste género de literatura e, conseguintemente, só o que neste género aparece conforme ou contrário a este modelo ideal, se pode seguramente ter por defeito ou beleza decisiva[12].

PARTE II

Reflexões sobre o poema do *Feliz Independente*

§I

Do juízo que se deve formar sobre este poema considerado em geral

Se é, pois, evidente que se não deve julgar de uma obra só pelas regras arbitrárias dos comentadores nem conforme as máximas indiscretas dos críticos subalternos, se são constantes e irrefragáveis as leis da crítica judiciosa, como havemos mostrado, que juízo devemos formar da obra que serve de objecto a este Discurso? Porventura é uma história, um romance ou verdadeiro poema épico? Está conforme todas as regras, conforme a crítica vulgar ou conforme a crítica judiciosa?

---

[11] Horácio, *Epistola I*, lib. II, v. 90 & c.

[12] «Quid enim futurum erat temporibus illis, qua sine exemplo fuerunt, si homines nihil, nisi quod jam cognovissent, faciendum sibi, aut cogitandum putassent? Nempe ihil fuisset inventum. Cur igitur nefas est reperiri aliquid a nobis, quod ante non fuerit? … Cum in iis, quos maximos novimus, nemo sit inventus, in quo nihil aut desideretur, aut reprehendatur… Plurium bona ponamus ante óculos ut aliud ex alio haereat, et quo quicque conveniat aptemos». Quintiliano, *Institutiones Oratoriae*, lib. X, c. 2.

Deixemos para as instruções da infância as noções elementares que servem para discernir a epopeia da história, do romance ou de qualquer outro género de composição. Bem se sabe que a História não representa os exemplos da vida humana, senão tais como eles são: ou imperfeitos ou comuns. Ela retém o nosso espírito como enclaustrado numa espécie de escravidão, restringindo-se dentro dos limites do mundo real. Não é assim a Poesia e, singularmente, a Poesia épica, onde o espírito humano se dilata e para assim dizer passeia com liberdade e goza da sua elevação nas vastíssimas regiões do mundo possível[13]. Mas não entra na ideia do poema épico o romance ou novela, pois que esta excede os limites da verosimilhança e do moralmente possível.

Cinjamo-nos, pois, ao único ponto da questão: se o Feliz Independente é um verdadeiro poema épico. Primeiramente, o poema épico em prosa é uma obra feita para instruir e deleitar com todas as belezas possíveis da Poesia. Originalmente, foi composto em verso para ser cantado. Mas, porventura a linguagem da Ilíada ou da Eneida, solta das prisões do metro, não seria assaz hábil para formar outra Ilíada ou outra Eneida, salvo o decoro, a gravidade, a nobreza do género, do herói, dos actores, da acção, etc.? As epopeias em prosa são um novo invento, em que a prosa disputa à poesia todos os privilégios que o assunto lhe permite; invento devido ao engenho dos novos artistas, artistas filósofos que, conhecendo os foros da liberdade do Engenho humano, souberam franquear o pequeno círculo das ideias dos antepassados, criando ou novos objectos ou novas formas dos objectos conhecidos. Que distinta consideração não merecem estes generosos aventureiros a respeito da república servil dos imitadores!

Os idólatras da Antiguidade crêem que a epopeia é a narração de uma acção que uma musa conta, e nesta suposição julgam que a Proposição e Invovação são indispensáveis. Os antigos poetas as deviam ter como partes de aparato; os que depois vieram as praticaram por imitação. Mas os que têm escrito poemas em prosa, que não hão-de ser repetidos nem cantados numa assembleia de povo, se julgaram com razão dispensados de inquietar as musas do antigo Parnaso, para que os leitores inteligentes os creiam inspirados. Suponhamos embora o poeta inspirado; mas a verdadeira e mais bem entendida inspiração não será outra, senão um vivo interesse da matéria, uma sensibilidade de alma do poeta a mais excessiva, uma imaginação excitada pela grandeza do seu objecto. Quando isto se manifesta num poema, então cremos sem preocupação que o Deus do génio assiste ao poeta. Sem isto, não creio nem entendo nenhuma inspiração, nem mo persuadem mais dez ou doze linhas que o poeta escreva para me inculcar a sua pertendida inspiração.

[13] «Res gestae, et eventos, qui vera historia subjiciuntur, non sunt ejus amplitudinis, in qua anima humana sibi satisfaciat; praesto est Poesis, quae facta magis heroica confingat… Cum historia vera obvia rerum satietute et similitudine animae humanae fastidio sit, reficit eam Poesis inexpectata, et varia et vicissitudinum plena canens». Bacon, *Organon*, livro IV.

Assim, todo o essencial da epopeia consiste na narração, como o essencial de um sermão consiste nas provas do assunto e todas as partes maiores e menores desta narração, todas as qualidades dela as mais recomendáveis para os fins que temos dito são tudo o que constitui uma perfeita epopeia. Se consideramos a variedade das cenas que se representam neste vasto teatro, nada mais se pode desejar no *Feliz Independente,* porque a imaginação do leitor, desde o princípio, se põe num contínuo movimento e jamais descansa, senão para continuar com novo esforço a carreira começada e chegar ao termo desejado. Testemunhas são a experiência de todos os que têm lido esta excelente produção, a violência que cada um sente em se arrancar da sua leitura, a impaciência em avançar-se, a surpresa nos encontros inopinados.

Este encanto é o efeito da admirável economia e disposição que reina em toda a obra e juntamente da grandeza da acção, do jogo das máquinas, do enredo principal e dos subordinados. O que é a alma de toda a boa epopeia, a viveza e o patético da narração, a força e energia das imagens, o interesse da intriga, o contraste das paixões, a verdade e nobreza dos caracteres e costumes, é o que faz admirável este poema.

Se o mais excelente poema neste género, conforme a ideia de Aristóteles, deve ser aquele, cuja acção é mais teatral e, por isso, mais patética, mais interessante, não creio que alguém me convença que a acção deste poema o pudesse ser mais, ou seja considerada em si mesma ou a respeito da relação da humanidade ou a respeito das decorações do artista ou, finalmente, a respeito da comparação com outras que já têm sido tratadas por engenhos muito esclarecidos. Tudo neste poema concorre ao nó ou à solução principal: um incidente, uma situação vem demandando outra, as seguintes se encadeiam admiravelmente com as precedentes, o interesse vai crescendo sensivelmente à proporção que o perigo se faz mais urgente, um e outro têm os mesmos progressos. As mesmas cenas filosóficas que, à primeira vista, parecem somente lições e máximas de doutrina tranquilas, na sua mesma tranquilidade são épicas, desde que se lhes ateia o fogo das que as acompanham. Nada há nelas que seja ocioso ou supérfluo: cada uma, além do interesse particular, concorre para o interesse geral da empresa. O narrativo do poema é muito pouco, o dramático muito mais, que é uma circunstância muito essencial para conservar o interesse que se difunde por um tão vasto campo, circunstância tão pouco observada de tantos poetas, que não sabendo ou não querendo moderar o seu génio, se espraiam em declamações tão frias como impertinentes, desperdiçando nelas o que podiam ganhar em outras mui belas cenas, onde a natureza, representando nos actores o seu papel, encantaria tanto o ânimo do espectador, quanto o poeta declamador o enfastia.

Finalmente, se atendermos à conformidade deste poema com as regras, nele achamos observadas as essenciais do sistema poético universal, aquelas, digo, que são igualmente fundadas na razão e no exemplo; aquelas que são conformes à imitação da bela natureza, filhas do génio e da poesia, convenientes a todos os povos e

nações, e não ás arbitrárias, escravas vagabundas da mora, dos tempos e do capricho dos artistas. Do que podemos concluir que nada falta ao *Feliz Independente*, do que é essencial neste género e que abunda daquelas maravilhas da arte e do engenho que fazem as obras juntamente instrutivas e agradáveis e que tudo o que lhe falta ou se julga faltar, não é senão aquilo que somente o faria mui semelhante a outras obras deste género, sem que por isso ficasse mais excelente. Pelo que temos um poema épico verdadeiro e não uma imitação; poema conforme as regras polidas da poesia e conforme as máximas da crítica judiciosa, se nos dispensamos de obedecer, lisonjeiros ou supersticiosos, aos arbítrios, ou melhor, às preocupações da crítica vulgar, vaga e incerta. Isto se conhecerá melhor, fazendo algumas reflexões particulares.

§ II
Da matéria deste poema

Se fosse verdade o que Boileau afirma[14] — que as verdades da religião e da moral cristã, por austeras, não são susceptíveis das belezas da poesia — seria esta uma glória singular do nosso épico português: ter vencido a esterilidade do assunto e animado os engenhos nacionais, honrado, enfim, a poesia, a pátria e a virtude com benefício geral de todo o género humano. E, na verdade, não pode deixar de ser cousa admirável que uma breve sentença da Escritura[15], posto que em si mesma oráculo de sabedoria e profundíssima doutrina, mas para o engenho e para a imaginação humana sumamente austera e seca, produzisse na imaginação do Padre Almeida um rio caudaloso de inumeráveis preciosidades de eloquência e de poesia. Parece que toda a natureza universal e tudo o que há de belo e de grande em todos os seus objectos, tudo quanto pode caber na humana experiência e pintar-se na imaginação mais viva e mais dilatada, se juntou nesta obra. A gala de expressões e figuras de vários géneros, narrações, descrições, pinturas de afectos, comparações propiíssimas e por toda a parte mil sentenças e máximas da moral mais pura e da mais profunda política, tudo isto faz persuadir sem entusiasmo que se a felicidade humana pudesse nascer de um poema, de nenhum outro devera nascer, senão do *Feliz Independente*. Assim falou, noutro tempo, um oráculo do Telémaco francês[16], não cuidando, certamente, que as suas vozes exprimiam uma figura do que hoje temos em realidade confirmada com a experiência de muitos.

Uma preocupação muito antiga, nascida ou da malignidade do ânimo ou da ilusão do entendimento ou, enfim, do sistema dos homens, foi julgar unicamente grandes, heroicas e admiráveis as empresas bélicas dos príncipes guerreiros, isto é,

[14] Boileau, *Poétique*, v. 199 e sgs.
[15] «Laetatus sum in omnibus, quoniam antecedebat me ista sapientia» (*Liber Sapientiae*, 7, 12).
[16] Assim disse do *Telémaco* o célebre autor da *Dissertação Crítica sobre Homero*.

dos exterminadores do género humano que, conforme o nosso autor[17], vão jogar no tombo de um dado o sangue de seus companheiros, a liberdade da pátria, a honra da sua nação, a vida de muitos mil compatriotas[18]. Os poemas mais célebres das nações antigas serviram de exemplo, o exemplo fez costume e este, feito tirano despótico dos engenhos, fundou a regra e ficou quasi sempre a musa épica escrava da preocupação, desde que os legisladores a lançaram nos seus arquivos:

«Res gestae Regumque Ducumque & tristia bella
Quo scribi possent numero monstravit Homerus»[19].

Porém, não consente a pureza e santidade da nossa religião fixar a ideia do heroísmo, como os cegos gentios em derramar muito sangue humano. Mais dignas empresas temos e de heróis mais verdadeiramente gloriosos que, como o príncipe de Polónia, por meios extraordinários solicitaram a felicidade do género humano e podemos com mais razão do que outro dizer que

«Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se levanta»[20].

Digam embora os críticos preocupados da antiguidade e do costume que o *Feliz* não é um poema épico, porque não nos descreve todo o mundo abrasado em guerra, como na *Ilíada* de Homero; que o rei de Polónia não é um herói tão augusto como o furioso Aquiles nem como o astuto Ulisses, nem como o pio e juntamente ímpio Eneias. Que heroicidade, dirão, nos representa um príncipe degradado do trono, embrenhado num deserto, já pastor de ovelhas, já ferrolhado numa masmorra e sempre filosofando? Mas, entretanto, perguntaremos a Homero por que achou ela a paciência e prudência de Ulisses tão heroica, como a furiosa ira de Aquiles para a fazer objecto de um poema? Perguntemos se este Ulisses, protegido dos deuses, mas sofrendo uma infinidade de males na sua longa peregrinação, desprezado dos seus e feito um mendigo, pode ser um herói mui bizarro e fazer num poema um quadro de mui bela perspectiva. A resposta será que não são os nomes grandes os que fazem os heróis, nem tão pouco os eclipsa a alternativa de sua fortuna: a alma só e

[17] Tomo I, Livro V.
[18] Estas ideias do nosso autor são mui conformes às que se acham no «Livro undécimo» do *Paraíso* de Milton, quando o anjo, em uma visão, representa a nosso primeiro pai as desordens que no mundo haviam de suceder pelos séculos futuros, cujo lugar, na versão latina de Dobron, se lê nestes termos: «…Bellis domitare ferocibus urbes,/Obruere ac populos passim, spolia ampla referre/Caedem inter stragemque immanem, ea summa feretur./Gloria, magnificis, Patria plaudente, triumphis/Victores late incedent, gentisque patroni/Humanae, Divi, Divumque invicta propago;/Ah! vastatores potius, pestesque vocandi;/Sic terris clarescet honos…».
[19] Horácio, *Ars Poetica*, v. 73.
[20] Camões, *Os Lusíadas*, canto I, estância 111.

as acções que dela resultam é o que os faz grandes heróis e gloriosos. E desta sorte se, por esta parte, comparamos o *Feliz* com os mais poemas que têm visto a luz, sem dúvida nos parecerá blasfémia horrenda o título de divinos que, prodigamente, lhes concederam seus apaixonados.

§ III
Do maravilhoso ou admirável da acção épica

O maravilhoso é uma espécie de decoração do assunto poético. Este era mais necessário aos poetas antigos para fazerem os seus poemas agradáveis a um povo supersticioso com as enormes extravagâncias das suas divindades, mas um maravilhoso, bem entendido, não deixa de ser ainda hoje um grande ornato da epopeia moderna.

Num século tão ilustrado e numa nação onde se cultiva a literatura polida, não parecerá estranho, antes louvável que as acções heroicas sejam independentes de Júpiter, Vénus, Marte, Juno e outros deuses gentílicos. Não acharemos no Feliz os estranhos absurdos das Driadas e Nereidas com que Sanazar profanou o seu poema *De Partu Virginis,* querendo divinizá-lo. Nem aqui foi preciso para nada o seu Proteu, que lá profetiza a encarnação do Verbo Divino, como em Homero prognostica a imortalidade de Menelau. Mas não está o grande merecimento deste poema só em carecer destes absurdos: o principal é a boa aplicação de um maravilhoso todo racionável e cristão, conveniente ao assunto que lhe serve de objecto, e empregado nos lugares mais importantes da acção: duas circunstâncias precisas na fábula épica para que nela subsista com o maravilhoso o verosímil, o patético e o interessante.

As Fúrias infernais, urdindo o enredo; as paixões e os vícios, personalizados poeticamente, como actores subalternos, concorrendo do mesmo enredo; os sonhos e visões convenientes, ajudando o interesse da acção; o anjo tutelar de Polónia, socorrendo o herói nos pontos de maior risco: este é o género de maravilhoso próprio da nossa poesia e que hoje contenta universalmente os bons juízes desta matéria. A estas iluminações poéticas pertencem aquelas bem imaginadas ficções da gruta luminosa, da aparição da ninfa celeste. Mas, sobretudo, Misseno, transportado à região dos planetas, e o templo das paixões é belo quanto se pode imaginar, e originalmente belo. Bem se pode comparar com o admirável lugar do poeta latino, quando Eneias desceu aos infernos e viu os Campos Elísios. E o que mais se admira no Padre Almeida é a brevidade desta ficção e o interesse universal que todos os que a lerem hão-de tomar nela, de qualquer índole e condição que sejam.

§ IV
Do interesse da acção, qualidade essencial da epopeia

Quasi todos os autores de Poética querem que o maravilhoso seja qualidade essencial do poema épico, porque produz a admiração; mas, a examinar bem as cousas, a admiração é o mais fraco sentimento que temos, testemunha a experiência comua. Todos, naturalmente, nos enfadamos depressa de admirar um herói que não causa lástima e nunca nos cansamos de lastimar um herói que amamos. Do que concluímos que a qualidade mais épica é o interesse ou o patético, que é a sua causa. Pelo que um poema onde a humanidade se representa em todas as formas que mais nos tocam, como este do Feliz, só por isto seria verdadeiramente épico e poderia dispensar-se dessas iluminações poéticas que chamam admirabilidade. A prova é que todos os bons poetas que isto conheceram, vemos que a cada passo estão recorrendo a alguma cena trágica. Tiremos da *Ilíada* os adeus de Andrómaca e Heitor, a dor de Aquiles pela morte de Pátroclo, o seu encontro com o velho Príamo; tiremos da *Eneida* os episódios de Laocoonte e seus filhos, de Dido, de Marcelo, de Euríalo, de Palante; tiremos da *Jerusalém* do Tasso a morte de Dudon, a de Clorinda, a dor de Armida; tiremos da *Lusíada* um dos maiores primores do engenho de Camões, quero dizer, a morte de D. Inês de Castro, a do infeliz Sepúlveda, a que ficaria reduzido o interesse, se deixássemos só o que serve para admiração? Que lânguida e fria ficaria a fábula destes poemas!

Ora, nisto vemos que brilha muito o talento poético do Padre Almeida e esta é uma das maiores vantagens do seu poema: fazer o assunto a vários intervalos teatral. Desde que aparece Misseno, o amamos; desde logo nos interessamos por ele, vendo-o solitário na montanha do Niester, forcejando com uma enxada a obrigar o chão ingrato a que lhe pagasse em sustento o que lhe dava em suores, e sempre o amamos em todas as situações da sua fortuna; e porque o amamos, basta o suspeitar só o seu perigo, já o tememos; vendo o inimigo presente, nos perturbamos e o lastimamos. O conde de Morávia nos causa horror e move a compaixão. A constância de Misseno no cárcere de Constantinopla; os abraços enternecidos de Misseno a seu pai, moribundo; o colóquio com Hérmila e seu pai, quando lançado às águas; a morte desgraçada de Neucasis, os horrores do assassino, o delíquio de Ifigénia na presença de seu tio; os lamentos da mulher do palatino, tudo são uns belos quadros que o leitor judicioso nunca se enfadará de admirar. Estes e outros semelhantes lugares são verdadeiramente o alimento do interesse, tanto trágico, como épico, e sem isto não há beleza sólida neste género de poesia.

«Non satis est, pulcra esse poemata, dulcia sunto
Et, quocunque volent, animum auditoris agunto»[21].

A epopeia, para satisfazer a ideia de Aristóteles, não vem a ser outra cousa, senão uma tragédia mais dilatada, composta de um indeterminado número de cenas, cujos intervalos ocupa o poeta como um actor subsidiário, porquanto este filósofo assenta que a epopeia não se distingue da tragédia, senão pela extensão e forma de verso. E talvez por esta causa é que o poema de Milton é um dos mais bem regulados que até aqui tem aparecido, pelo que pertence ao enredo e dedução das cenas, porque ao princípio o criou em forma de tragédia, conforme o declara o autor na «Vida» de Milton. O génio do Padre Almeida, no seu *Feliz Independente*, nos acabou de mostrar que esta ideia de Aristóteles era praticável, mas a sua prática é um novo descobrimento, uma certa perfeição que, em vão, procuraremos em muitos dos bons poetas, porque, com efeito, o nó da intriga é uma parte do poema épico que até agora se tem desprezado; e por isso querem hoje alguns bons críticos que a ideia de um poema épico perfeito nesta parte só se devia tomar do Quarto Livro da *Eneida*, de forma que todo um poema inteiro seja ordenado como este livro, nascendo todos os incidentes uns dos outros.

§ V
Das comparações

Verdadeiramente o poema épico é como uma cena vastíssima ou mais depressa como um imenso palácio fabricado com todos os segredos da mais sublime arquitectura, de sorte que para conhecermos cabalmente a sua fábrica, não basta só considerar toda a sua perspectiva em geral, mas é preciso contemplá-lo parte por parte, ainda que mínimas sejam. E talvez estas partes mínimas, por serem mais cómodas e para assim dizer, menos volumosas, deverão ser na ordem da instrução as primeiras por onde se havia de principiar a formar a delicadeza de gosto da mocidade. Nesta consideração, temos as comparações, as quais, sem dúvida, fazem parte da narração, quando é verdadeiramente épico, isto é, quando ela reúne o deleite do espírito, o deleite da imaginação e o deleite do sentimento. Então é que o poeta se empenha em apresentar aos olhos da alma o quadro da natureza: então é que emprega certas descrições episódicas e várias comparações que distinguem a sua narrativa da do historiador.

Assim, à intenção do poeta é que devemos atender, para decidir sobre a escolha das suas comparações. Ora, o intento mais comum no uso das comparações é fazer o objecto mais sensível, e quando uma comparação o pinta vivamente, isso basta: não há mais que requerer. A esta conta pertencem muitas e belíssimas comparações do

[21] Horácio, *Ars Poetica*, v. 99.

nosso autor e, entre outras, aquela comparação do galo, quando o conde de Morávia matou a Neucasis, que é propriíssima.

Mas não ignoro que há, em alguns, uma pertendida delicadeza com que de sua fantasia atribuem mui facilmente a nota de vileza a quaisquer semelhantes comparações: não há cousa de que façam maior espanto estes críticos e não há cousa que mais tente a temeridade daqueles que festejam qualquer aparente ocasião de aplaudir a sua pertendida delicadeza. Nenhuma comparação por si mesma é vil; somente são vis aquelas a quem a opinião comua ajuntou a ideia factícia de baixeza. Ora, a opinião comua não dá direito a qualquer particular de estender esta ideia de baixeza a quaisquer imagens, e ninguém me provará que a imagem do galo e outras de que usa o autor tenham esta vileza autorizada pela opinião comua.

Agora, se consultarmos a natureza sobre a propriedade desta imagem, acharemos que não há animal mais vaidoso de uma vitória do que o galo nos seus desafios públicos. Entre os ingleses, uma contenda de dous galos é espectáculo que custa muitos mil cruzados de apostas. Acresce que não é a vitória do herói a que aqui se compara, mas um duelo particular, oculto, e de um homem pelas suas paixões bruto, e que por isso se pinta com cores tais, que mereçam desprezo. Eis aqui as circunstâncias que os críticos judiciosos costumam pesar, para não sentenciar, como se diz, à toa nestas matérias e as que um leitor prudente deve atender para se não ofuscar com o nevoeiro de mil opiniões tão vagas como incertas.

§ VI
Do estilo poético

Algum dia pareceu paradoxo chamar-se poema uma obra escrita em prosa, como também o chamar-se prosa poética a oração que conserva a poesia das cousas, deixando a metrificação das palavras que constitui o verso[22], tanto assim que ainda em uma nação tão polida como é a francesa, não faltou quem negasse ao *Telémaco* o título e carácter de poema, por ser composto em prosa. Verdadeiramente, os versos por si só não dão a uma obra de poesia o que lhe falta de poético, nem ela perde o ser poema, faltando-lhe a versificação. Isto conheceram os principais mestres de Poética que discutiram fundamentalmente a questão se o verso é cousa essencial à poesia, dos quais Aristóteles é o corifeu[23]. Quanto ao poema épico, é certo que se perde mais do que se ganha em o escrever em verso. E em que verso deveríamos hoje escrever uma epopeia? Em verso rimado? Depois que a crítica discerniu o que é sólido e real nas Belas Letras, tem-se demonstrado mais de uma vez que não há

[22] Em outro opúsculo, que brevemente se publicará, temos observado que a prosa harmónica nas línguas vulgares tem seus metros como o verso e que estes metros, não sendo os mesmos dos gregos e latino, são, contudo, semelhantes, equivalentes e suficientes para constituir a harmonia da prosa portuguesa.

[23] Aristóteles, *Poética*, cap. I.

cousa mais quimérica, e na poesia épica menos grave, do que a toadilha auricular das rimas. A razão consta, mas o costume prevalece sobre a razão e ainda tiraniza o génio dos poetas. Contudo, não faltam exemplos de insignes poetas de várias nações, que sacudiram este jugo barbárico e adoptaram o verso solto, seguindo a estrada que lhes abriu Jorge Trissin na Itália, no século XVI. Mas que maior vantagem tem esta forma de verso para o poema épico, em comparação de uma prosa brilhante, harmónica, viva e animada, atendendo à insuficiência das línguas modernas para causar ao ouvido um deleite real e comparável ao dos versos gregos e latinos? Porque, se prescindimos da rima, os versos vulgares na estimação comua, não são senão certos espaços terminados que, muitas vezes, se acham misturados na prosa. Não se mostrará facilmente a diferença que tem esta linha da prosa do nosso autor, comparada com um bom verso do célebre Voltaire, senão por algumas sílabas que crescem.

«Pelas agradáveis margens do caudaloso Niester»[24].
«Sur les bords fortunées de l'antique Idalie»[25].

A poesia épica, posto que teve a sua primeira origem da lírica, que era destinada para o canto, ficou conservando o seu principal, que é instruir deleitando, e deixou (ao menos conforme o costume presente) o seu acessório, que era cantar o que exprime; e sendo assim, os versos são cousa acidental, de sorte que já hoje alguns autores de Poética somente requerem prosa poética; dos versos, falam com indiferença[26].

Que é, pois, o que chamamos estilo poético? É uma maior plenitude de ideias e de sentimentos que fornece a imaginação, junta a um certo colorido e harmonia, que se acha na bela natureza e de que a simples natureza não necessita: é uma maneira de pensar e de sentir, que distingue o espírito poético do filosófico e do oratório. Porquanto esta é a grande prerrogativa com que o estilo poético se avantaja muito a outros quaisquer caracteres de eloquência, animar tudo o que pode ser animado com verosimilhança, corporalizar as ideias abstractas, reunindo assim toda a natureza a uma sociedade pela comunicação de seus atributos. Por isto é que Homero tem merecido o título de «pintor sublime». Se ele nos descreve um exército marchando, este é um fogo devorador que, impelido dos ventos, consome a terra que tem diante de si. Se é preciso abrandar a ira de Aquiles, as rogativas se personalizam e lá vão estas filhas do senhor dos deuses com gesto triste, face coberta de confusão, olhos banhados de lágrimas e, não podendo sustentar-se nos pés vacilantes, seguem de longe a injúria, etc. Outros quaisquer objectos, semelhantemente, recebem um ser capaz de causar

[24] Tomo I, Livro I, n. 1.
[25] Voltaire, *Henriade*, Canto IX.
[26] Bielefeld, *Érudition Complette*, tomo I, capítulo VI; Marmontel, tomo I, capítulo I, tomo II, capítulo XIII.

uma ilusão agradável, quando caem na mão deste poeta. E eis aqui uma espécie de maravilhas que acharemos em grande número no *Feliz Independente*. Se se descreva a mortandade de um exército, «Qual lobo voraz no meio do rebanho, assim andava a morte com a funesta e desapiedada foice, envolvendo na sua cólera igualmente os valerosos e os fracos»[27], semelhante à imagem de Horácio:

«Pallida mors aequo pulsat pede pauperum tabernas
Regumque turres…»[28]

Tal é aquela imagem da morte de Neucasis — «Retirando (o conde) o mortífero ferro, deixa sair involta em negro sangue a alma palpitante que, furiosa e desesperada, se vai precipitar nos abismos» –, imitação de Virgílio:

«Vitaque cum gemitu fugit indignata sub umbras»[29].

Quereis representar-nos a vistosa formosura dos caracóis: a imaginação recavando devagar neste objecto os contempla «enroscando-se a si mesmos e fazendo-se de mil cores como envergonhados»[30].

Parece que estamos respirando a amenidade e gozando as delícias daquele sítio, onde «três carvalhos antigos, mui altos e mui copados, entrelaçando os seus ramos, faziam uma sombra mui desafogada», como aquele outro que nos pinta Horácio:

«Qua pinus ingens, albaque populus
Umbram hospitalem consociare amant
Ramis …».

Um pobre regato já não será um vil entretenimento da nossa alma, quando nele encantada o espreita, «saindo de uma gruta, tropeçando num rochedo e que, caindo, se precipita por entre as pedras, rolando de umas em outras»[31], semelhante ao que Horácio nos descreve:

«Et obliquo laborat
Lympha fugax trepidare rivo»[32].

---

[27] Tomo I, Livro VI, n. 48.
[28] Horácio, Livro I, Ode IV.
[29] *Eneida*, Livro XII, v. 952.
[30] Tomo II, Livro XIII, n. 2.
[31] Tomo II, Livro XIII, n. 2.
[32] Horácio, Livro II, Ode III, v. 9.

Ou como o nosso Camões o exprimiu:

«Do cume, que a verdura tem viçosa
Por entre pedras alvas se deriva
A sonora linfa fugitiva»[33].

Muitas outras cousas poderíamos notar nesta excelente obra, se houvéssemos de escrever um maior volume. Bastarão estas poucas e breves reflexões para excitar na mocidade portuguesa a curiosidade de examinar outras muitas belezas de eloquência e poesia que, juntas à sólida doutrina moral e política, involve o *Feliz Independente*. Como simples observadores, escolhemos uma parte do que é geralmente aprovado neste género de literatura e o que tem merecido a estimação de todo o mundo em semelhantes obras. Não nos embaraçamos com a crítica deste poema, lembrados do que escreveu o célebre Dryden nos seus versos: «Os defeitos são palhas que nadam na tona da água: buscai no fundo, se quereis achar as pérolas».

[33] Camões, *Os Lusíadas*, canto IX, estrofe LIV.

Silva. f.

Em Successo qualquer tenho Alegria
Conduzido da Gran Sabedoria.
Sem inveja o segredo communico,
Que he thesoiro infinito o com q̃ fico.

Sapie.

LIVRO I

1 Pelas agradáveis margens do caudaloso Niester[34], passeava o conde de Morávia[35], acompanhado de sua irmã, a princesa Sofia[36], sem que nem a sua amável conversação nem os discursos sólidos que formava o pudessem distrair da pesada melancolia que habitualmente o vexava. Viu a princesa que os argumentos mais convincentes eram inúteis, as razões mais patéticas eram frias; e resolveu valer-se do seu ar jocoso e da graça de que a dotara a natureza. Lembrou-se de que, noutro tempo, as belezas do Parnaso tinham grande poder sobre o coração do conde e quis tentar este meio, aproveitando-se das circunstâncias que o passeio lhes oferecia. «Vede este rio», lhe dizia, «que lá na Polónia conhecemos algum dia bem pobre e bem humilde, parando cortês a qualquer vil pedra que encontrava ou torcendo por amor dela o seu caminho. Que diferente vai agora, por se ver possante em cabedais e aumentado em forças! A sua soberba não pode sofrer que aquele velho e carcomido rochedo lhe esteja sempre disputando a passagem, e quer, seja como for, tirar dali aquele estorvo. Não vedes como espuma de bravo, como murmura e se queixa, como todo se despedaça, lutando com o penedo?».

2 Não esperava o conde semelhante ataque: estava desprevenido por este lado porque, até então, somente o acometiam com razões sérias e discursos sólidos, contra os quais a tristeza estava fortemente entrincheirada. E, assim, lhe escapou um ligeiro sorriso, o qual reprimiu logo, enfadado com a sua fraqueza, tomando outra vez o antigo ar sombrio e desanimado. Alentou-se a irmã com esta levíssima esperança, e continuou a desafiar-lhe o riso com a mesma metáfora, disfarçando o intento; e, fazendo crer que a si mesma é que intentava recrear-se, deu desafogo ao seu natural jocoso. «Não vedes» — continua — «o obstinado empenho das ondas nesta louca e temerária empresa? Umas o querem minar por baixo, outras o intentam levar por assalto. Vede como investem a trepar, subindo animosas à escalada! Ah, pobres! E que cara lhes há-de custar a ousadia! Aí tendes: lá caem no rio precipitadas, porque desfaleceram no meio da subida. Que gemidos estão dando por terem caído! Como gritam e estão atroando o vale todo! Inúteis lamentos! Porém, não: não são tão inúteis como parecia, porque servem de chamar as companheiras que vejo vir vindo, lá mui de longe, acudindo à carreira a despicar a fraqueza das primeiras. Se eu tivesse a liberdade dos poetas, diria aqui que as náiadas tímidas deste rio, aturdidas com a bulha e alarido destas águas amotinadas, iam fugindo a

[34] O Niester fica no norte do Mar Negro ao poente de Oczakow, vem da Polónia, passa por Kaminiek e tem a foz em Akerman.
[35] O conde de Morávia era cunhado de André, rei de Hungria, que foi pai de Santa Isabel, chamada «Rainha de Hungria».
[36] Imperatriz viúva de Nicolau Canabé, que foi imperador de Constantinopla algumas horas.

refugiar-se no recôncavo dos rochedos; e que os ecos chocalheiros, correndo por vales e por montes, não faziam senão repetir, a quem quisesse ouvi-los, os seus femininos lamentos.

3 Aqui já o conde não pôde mais resistir; e, algum tanto desafogado, respondeu à irmã no mesmo tom em que ela lhe falava: «Reparai vós também como, no meio de tanta guerra, esse alto e descarnado rochedo se acha tranquilo e sossegado: golpes, bulha, quedas, prantos, combates e assaltos e ele mui descansado. Ah! E quem pudera fazer outro tanto no meio dos vaivéns da fortuna e trabalhos da vida! Eis aqui como havia de ser o homem para ser neste mundo feliz: porém, os miseráveis mortais nasceram para ser desgraçados, e a natureza, sendo sua mãe, trata-os como madrasta e os priva de tudo o que os pode verdadeiramente alegrar; até nos nega a nós essa felicidade que concede aos rochedos».

Assim falava o conde; e bem como o enfermo que se esforça a levantar o corpo lânguido e desfalecido e, não podendo, cai logo muito mais fatigado, assim o conde fazia servir à sua antiga e pesada tristeza tudo quanto se lhe dizia para alívio.

4 Queria a princesa responder-lhe, quando viram que de uma cabana que lá estava no alto da montanha fronteira, saía a trabalhar um venerando velho, o qual, com os cansados golpes da sua enxada, que, de quando em quando, se ouvia tinir nas pedras, queria obrigar o chão ingrato a que lhe pagasse em sustento o que lhe dava em suores. Ao compasso dos golpes ia cantando; mas o vento espalhava as vozes e privava a princesa da inteligência do canto. Os passarinhos, naturalmente atraídos da harmonia, vinham saltando de uns raminhos em outros e, postos nas árvores fronteiras, respondiam ao velho na sua engraçada linguagem.

5 Impaciente, o conde, com o desejo de perceber a cantiga, foi com a irmã correndo ao longo do rio, buscando paragem mais oportuna; e, enquanto o velho se calava, reparavam na sua figura e gesto. O cabelo de todo branco, a barba veneranda, o semblante formoso e um ar nobre lhes faziam suspeitar naquele homem um não sei quê de grande que, sem se ver, bem se conhecia.

6 Continuava ele a cantiga e, numa pausa que fez o vento, perceberam este remate:

Dentro em mim tenho a fonte d'alegria,
Sim, a tinha, mas eu não o sabia.

Ouvem isto os dous irmãos; e, olhando-se mutuamente, os olhos e pensamentos se encontraram. Consultam e determinam atravessar a ponte e subir à montanha para saber do velho aquele enigma. Caminharam e já iam chegando à ponte, quando ouviram de novo que o velho cantava; e, parando, quiseram atentos perceber as cantigas; e dizia assim:

Lá do monte distante e levantado
Vem o arroio seus passos escondendo,
No meu pobre casal se vem metendo,
E sou dela senhor bem descuidado.

Deste modo a alegria, dom do céu,
Lá de Deus vem correndo ocultamente:
Eis que em mim rebentado, de repente
De infeliz em feliz me converteu.

Sou da fonte senhor, sou da alegria,
Ambas são dom de Deus; mas facilmente
Se as ignoram se perdem totalmente,
E é pobre quem rico ser podia.

7 Calou-se o velho; e o conde, com novo ardor, disse à irmã que convinha examinar aquele caso, porque não podia haver no mundo melhor encontro. Reparou Misseno, este era o seu nome[37], nos dous passageiros que se encaminhavam a buscá-lo; e largando pronto a enxada, desceu a recebê-los, oferecendo-lhes urbanamente o servi-los em tudo o que alcançassem a sua idade e triste estado.

8 «Triste estado» — replicou Sofia toda admirada — «e como vos mostrais tão alegre e satisfeito? Não sois vós quem há pouco cantava, dizendo que em vós tínheis a fonte da alegria e sem o saber a possuíeis?»

9 «Razão tendes, senhora» — lhe respondeu — «tontice foi de um velho que costumado a tratar com as penhas e com os troncos tropeçou, quando se viu obrigado a falar com pessoas de respeito. Chamei-lhe triste, porque assim lhe costumam chamar os outros; mas, corrigindo a minha expressão, digo que se no meu feliz estado posso servir-vos, isso aumentará incrivelmente a minha grande alegria e felicidade, porquanto consola muito a um homem o poder fazer feliz a outro homem. O chegar-nos pela imitação ao Ser supremo, que é a fonte e origem primeira de toda a felicidade, nos pode fazer em certo modo participantes dele: ora entendo que o imitará nobremente quem concorrer para a felicidade dos outros».

10 «Não podeis ter melhor ocasião» — diz o conde. E já neste tempo tinham eles subido a montanha e Misseno lhes deu assento debaixo de uma parreira que formava um bem engraçado gabinete. Ali, as longas vides, que pendiam em roda, faziam um como dossel, a verde relva servia de alcatifa, formava-se o espaldar de

[37] Nome de disfarce, porquanto o seu nome verdadeiro era Vlasdilau, que fora rei de Polónia dous anos, entre Miscelau III, seu pai, e Lesko, seu primo.

uma latada, em que os roxos e enroscados caracóis, embaraçando-se com o legacão cheiroso, trepavam até cima e, deste modo, vedavam a entrada ao sol para que os não molestasse. Aqui, pois, sobre almofadas de mimoso musgo, recebeu Misseno os seus honrados hóspedes.

11 Eles estavam pasmados do que viam e ouviam, admirando-se que Misseno, em tanta solidão e penúria, houvesse achado a alegria, quando eles, com suma ânsia, em toda a sua vida a tinham inutilmente buscado.

12 «De tudo quanto pode desejar-se no mundo» — dizia o conde — «para que um viva alegre tenho gozado; porém, nunca passei um dia com perfeito contentamento. Tenho andado correndo de cidade em cidade, de reino em reino, de clima em clima, sempre atrás da imagem da perfeita Alegria, sem lhe poder dar alcance. Era como a sombra que, quanto mais corremos atrás dela, mais se empenha em fugir-nos; e já tinha assentado comigo que perfeita alegria nesta vida era cousa impossível: agora, porém, dizendo-me vós que a tendes achado, conheço que sou mais infeliz do que cuidava, pois vejo que podendo ser feliz, os injustos fados me formaram só para ser desgraçado».

13 «Desgraçado!» — replicou a irmã — «e eu não conheço pessoa que com menos razão se possa queixar da fortuna. Essa divindade soberba que, se olha com agrado para os maiores monarcas, os deixa satisfeitos e ufanos, vos tem sempre tratado como seu filho mimoso. Verdade é que, firmando os inconstantes pés na sua roda volúvel, faz andar o mundo inteiro num perpétuo giro, mas para vós tem sido sempre firme e estável. Essa louca só constante em ser mudável que, se nos mostra um semblante afável e alegre, logo o muda em terrível e medonho; que, quanto mais a lisonjeiam e adoram, mais nos despreza e ultraja, vos tem sido sempre leal e constante: se para os mais é deusa, para vós é escrava. Os demais a adoram e ela lhes foge; vós a desprezastes sempre e ela sempre vos busca. Vede, meu irmão, com quanta injustiça vos chamais desgraçado».

14 «E de que me serve a fortuna» — lhe responde, aflito — «se me não tem dado a Alegria que busco? Confesso que todos os bens que a fortuna concede pareciam como um morgado inalienável da minha pessoa: porém, a tristeza era como uma pensão anexa a esse morgado. Eu, com grande indústria, queria formar um tal círculo de divertimentos que a minha alma, entrincheirada neles, ficasse impenetrável à melancolia; porém, ela com arte nova nos mesmos divertimentos me assaltava. Verdade é que com grande ânsia os apetecia e tinha notável gosto ao princípio, mas em continuando, os enjoava; e se me forçava para prosseguir neles, me eram de tormento insuportável.

15 Qual enfermo que tem perdido o gosto e com a imaginação ociosa vaga por todo o mundo sem encontrar coisa que lhe mova o apetite, assim era eu; e só por ver, tudo queria provar; porém, mal o chegava à boca, tudo logo enjoava.

16 Do divertimento dos sentidos passava à satisfação das minhas paixões. Nenhum freio lhes punha e todos os meus desejos cumpria, mas também todos me enganavam: prometiam-me um fino e perdurável contentamento, mas apenas começava o meu coração a alegrar-se, uma nuvem negra vinha vindo (como sucede às vezes nos prados) e me deixava sombrio; e isto quando todos os mais, à roda de mim, se alegravam. Assim tenho vivido, assim corri a Europa e assim cheguei a casa de minha irmã, para ver se ao menos no amor insípido e sincero da natureza achava alguma consolação para a minha alma desesperada».

17 «Para vos dar em poucas palavras» — acrescentou a irmã — «uma bem justa ideia da melancolia do conde, bastará repetir-vos um artigo de certa carta, que ele me escreveu depois de sair de Paris, na qual apesar das musas, que por me dar gosto fazia falar, bem se via que a tristeza do coração o dominava. Depois de me referir os divertimentos daquela corte, acrescenta:

Pois sabei, minha irmã, que esta tristeza
Era em mim como a mesma natureza:
Triste a noite me achava e triste o dia,
Triste a lua, que nova principia,
Triste enquanto minguante e no crescente,
Triste quando vai cheia e refulgente;
Triste o sol, quando ao *norte* se avizinha
Triste, quando ao gelado *sul* caminha,
Triste me era o verão e triste me era
O inverno, o outono, a primavera.

«Bem vedes» — acrescenta Sofia — «que não pode ser mais obstinada a sua tristeza».

18 «Ah, meu filho» — diz o velho — «permita-se aos meus anos e ao afecto com que vos estimo usar deste carinhoso nome. E que venturoso vos será este encontro, se tomardes os meus conselhos! Lá, nos derradeiros anos da vossa prolongada vida e nos mais remotos climas a que os vossos empenhos possam levar-vos, eu vos seguro que não podereis esquecer-vos deste rochedo em que estais, deste rio que vedes e deste velho que vos fala. Segui, meu filho, o caminho que eu vos mostrar e eu vos prometo que sereis inteiramente feliz».

19 Não obram com mais prontidão as palavras de encanto do que obraram estas no coração de Sofia e do conde. O alvoroço interno se via nos olhos e a alma toda queria sair por eles a ver o caminho que o velho lhes mostrava. Sofia, temendo que somente o conde fosse atendido na receita esperada, quis também informar a Misseno do que no seu coração padecia, e, na verdade, que a sua tristeza era bem mais fundada, posto que contra ela continuamente andava lutando e a vencia.

20 «Não cuideis» — lhe diz a princesa — «que sendo os dous irmãos companheiros no mal, foi em ambos semelhante o motivo dele. Meu irmão tem buscado a alegria pelos divertimentos, riqueza e apetites; eu a tenho buscado por mui diferente modo, mas de ambos tem zombado a sorte, e prometendo-nos alegria completa, nos achamos com tristeza bem radicada». Isto disse; e como disparando a seta do arco que largo tempo estivera oprimido e encurvado, deixou sair um profundo suspiro e uma torrente de lágrimas que quis impedir, mas não pôde; e, depois de as enxugar algum tanto, continuou, dizendo: «Permita-se a um coração oprimido dar enfim um ai com desafogo entre os rochedos e montes; e saibam eles quem é a desgraçada Sofia. Ah! E quanta violência me tem sido necessária fazer ao meu coração, para se mostrar alegre em obséquio do conde.

21 Pouco menos de dous anos há que esta testa cingiu a coroa de Constantinopla; e outro tanto tempo há que, sem o menor motivo, ma arrancaram dela. Dentro em vinte e quatro horas a fortuna me levantou sobre o trono do império, e me fez cair dele. Efimera das imperatrizes, o mesmo sol sem descer do seu carro, me viu vassala, soberana e outra vez reduzida ao que dantes era. Eu vos refiro o sucesso, se é que o ignorais.

22 Já sabeis quão funestos têm sido em Constantinopla as suas catástrofes, depois que o ímpio Aleixo, irmão do imperador Isaac Lange, para subir ao trono, lhe arrancou os olhos, fechou numa masmorra e fez fugir seu filho Aleixo, para não cair na desgraça em que seu pai caíra. Sabeis que este Aleixo perseguido, convocando os cavalheiros da cruzada, fez fugir ao tirano intruso; e que restituindo o cego Isaac ao trono, em seu nome reinava. Era ele tirano nos costumes, se o não foi na injustiça do ceptro; e seguiu-se à sua glória o descontentamento dos povos que gemiam no duro jugo, suspirando pelo momento em que o pudessem sacudir, que tão pesado lhes era. Aproveitou-se da ocasião o ímpio Murzulfe para os seus depravados e bem ocultos intentos; e, vendo em meu esposo, Nicolau Canabé, virtudes mais dignas do trono do que o sangue de Aleixo, persuadiu aos povos (ah falso! mas no teu crime tiveste o castigo) persuadiu aos povos que seriam felizes se, arrancando a coroa da cabeça de Aleixo, a pusessem em meu esposo, pois nele o sangue real, adornado com as virtudes que ninguém ignorava, o faziam merecedor dela. Disse e fez-se: que tanto estimavam os povos a um, tanto abominavam a outro. No magnífico templo de Santa Sofia, aclamaram imperador a Nicolau e subimos ambos ao trono; de sorte que uma só coroa nos cingiu ambas as testas: tudo foi alvoroço, tudo júbilo, tudo alegria.

23 Eis que uma pombinha branca aparece no templo, voando de um lado a outro, trazendo no bico um raminho de oliveira, símbolo sem dúvida da paz que prometia aos povos o suave carácter do imperador aclamado. A minha alma se transporta, tendo a bom perságio a circunstância misteriosa. Porém, logo vejo entrar uma águia negra que furiosa se lança como um raio sobre a inocente pomba: faz presa

e desaparece com ela nas unhas. Vejo, calo, esmoreço. O coração persago me dizia não sei o quê; e nem o mesmo coração o sabia. Soavam por toda a parte canções de louvor, vivas de exultação e danças de júbilo; e à roda de mim não via senão incensos e louvores. Toda Constantinopla se dava os parabéns, que tão aborrecido era o tirano! Então Murzulfe, tendo no ânimo calcar num só dia e meter debaixo dos pés dous imperadores para subir ao trono injusto, voa ligeiro a avisar Aleixo para que fuja e queira ocultar a sua pessoa à fúria do povo que acaba de aclamar no templo a um novo monarca. Ouve Aleixo o nome dele e treme; aturdido ao mesmo tempo com o horror dos próprios vícios e com o resplendor da virtude alheia. Não ousa pôr-se em balança com meu esposo, nem disputar merecimento ou direito; não atina com o discurso, não acha conselho. Pálido, fraco, trémulo, ia a perder os sentidos, quando Murzulfe o toma pela mão, fingindo amizade e zelo; e, com pretexto de o esconder à cólera dos amotinados, o encerra num lugar subterrâneo; porém, tirando logo a máscara ao seu crime, lança-lhe grilhões aos pés, algemas às mãos, despoja-o das reais vestiduras; e, ornando-se com elas, se apresenta em público, espalhando com as mãos ambas riquezas imensas. O povo, embriagado com o ouro e respeitando as reais insígnias, o sofre; pouco depois, o teme; enfim, o adora; contente só com se livrar da opressão de Aleixo, sem mais escrupulizar nos meios.

24 Enquanto o povo, meio louco com todo este alvoroço, sem saber o que faz, vai respondendo com vivas, Murzulfe avisa particularmente por um confidente a meu esposo que entrava em palácio e diz que Aleixo vem na testa de todas as tropas fiéis a arrancar-lhe da cabeça a vacilante coroa; que como amigo o aconselha que se retire a certo castelo seguro, enquanto ele vai juntar as tropas dos cavalheiros da cruzada, os quais ainda se acham no porto de Constantinopla; e que, como eles estavam queixosos de Aleixo, não deixariam de se vingar dele naquela ocasião oportuna.

25 Cai o inocente no laço e se vê também preso. Ah, e se ao menos lhe conservasse a vida! Mas a sua virtude se fazia temer ainda entre cadeias e ferros. Murzulfe havia de segurar-se no trono à força de crimes (único meio de reinar, quando não há merecimento); e enfim, pouco depois, deu a ambos os presos a morte. Monstro de malícia que, sem exemplo, num só dia soube expulsar dous imperadores do trono, sem mais armas que o engano e subir a ele sem mais merecimento que o crime. Vede se tenho mais razão que o conde para viver sempre triste» — disse; e as lágrimas, o fogo a nobreza dos seus pensamentos deram tal força às palavras que Misseno se sentiu penetrado; e, lutando interiormente consigo, o viram embaraçado, sem que se resolvesse a declarar o que na sua mente se lhe estava propondo.

26 Passado porém um breve intervalo, em que o coração de Sofia se serenou, Misseno lhe respondeu deste modo: «Se soubésseis, senhora, quem é este velho que tem a honra de falar-vos, sem mais outro remédio, sentiríeis alguma consolação na vossa pena; mas não é preciso, pois sem o saber, eu vo-la posso dar muito maior.

Vós e vosso irmão ambos estais no caminho da sólida felicidade, o ponto está em o saber seguir, pois por ele é que eu alcancei a de que gozo, que não pode ser maior nesta vida; porém, seguro-vos que não a consegui por nenhum dos caminhos por onde ambos vós a buscastes; também por lá tenho andado; e quanto mais andava, mais me perdia: também vivi triste; triste e quasi desesperado. Se a vós, meu filho, a fortuna vos seguiu como escrava, pelo contrário a mim, a negra e furiosa desgraça me trouxe muitos anos a rastros, miseravelmente enroscado na sua abominável cauda. Esses infernais monstros da inveja e do ódio soltando-se dos abismos e revolvendo-se furiosamente no mar do mundo o puseram para mim tão turvo, tão negro, tão alterado e tempestuoso, que prodígio foi não ter naufragado: tendo-me visto, por momentos, quasi quasi submergido de todo. O céu chovia sobre mim uma infinidade de trabalhos e as águas amargosas das aflições me repassavam toda a minha alma; o meu coração estava cheio de fel e de veneno; e, já sem alento, sem forças, sem esperança ia a perecer de todo, quando (ah, e que feliz dia!)[38] achei o segredo de sobrenadar a todos os males, escapar da tormenta e estabelecer sobre um firme e inalterável rochedo o trono da minha alegria. De lá vejo esses furiosos dragões erguendo o soberbo colo, preparando as cruéis garras e sacudindo as farpadas asas para investir-me. Vejo-os vir de longe e os vejo chegar de perto e não me assusto, porque o Omnipotente me segurou, o mesmo Omnipotente[39] que com a sua mão direita me havia de esconder e que com o seu braço poderoso havia de estar pronto para defender-me. Eis aqui por que agora desafio o mundo, a sorte e os abismos que, embora se conjurem para perder-me, porquanto sem mover um pé, fecharei gostoso os meus olhos e dormirei descansado no seio da Providência. O Ser supremo me aconselha que lance nos seus braços os meus cuidados, que ele cuidará de mim, como a mãe cuida de um tenro filho que aos seus peitos está criando[40]: e assim nenhuma força pode haver que me arranque do peito esta firme esperança nem a paz, o sossego e a alegria que ela me causa».

27 Aturdidos ficaram Sofia e o conde com a narração de Misseno; e quanto ela tinha de mais inaudita e misteriosa, tanto era maior a curiosidade que neles havia causado. Sofia, querendo aclarar este ponto, lhe disse: «A autoridade da vossa pessoa e a inelutável força que a vossa fisionomia dá a tudo o que dizeis, me obriga a que vos dê crédito; mas estava persuadida (como também o conde) que não era possível na vida gozar de semelhante estado. Eu seguia a máxima de um poeta que diz:

Feliz chamo o que é menos desgraçado,
E contente o que menos tem chorado.

[38] Este dia se declara no Livro III.
[39] Sap. 6. 17. *Quoniam dextra sua teget eos, et brachio sancto suo defendet illos.*
[40] Psal. 54. 23. *Jacta super dominum curam tuam, et ipse te enutriet.*

Mas vós me dais outra ideia de muito maior alegria e mais completa felicidade».

28 «Tenho por feliz» — responde Misseno — «a quem vive de todo contente e satisfeito. Ora sabei que quatro anos há, tal é o meu estado. Nada me acontece que me dê pena e nada do que desejo me falta, nem o mundo, nem a sorte, nem os abismos têm nada comigo, porque vivo isento (falemos, amigos, na frase do vulgo), vivo isento da jurisdição dos fados. Do alto desta montanha, vejo as duas fatais irmãs, a Fortuna, digo, e a Desgraça, que andam escarnecendo e brincando com todo o género humano; aquela prepara o caminho por onde esta lhes há-de vir e ambas, de concerto, estendem as funestas redes em que os mortais se embaraçam: a Fortuna os chama com atractivos, a Desgraça os espanta com terrores; tudo para os fazerem cair no laço. Ora, eu vendo de longe as suas astúcias, me rio delas; e por isso, os prazeres e os pesares, os opróbrios e os louvores, a riqueza e a penúria, tudo para mim é o mesmo, nada me abala.»

29 O conde estava na maior confusão que podia imaginar-se e nem ousava admitir nem podia desprezar o que ouvia: e esta linguagem era para ele como língua do Japão, e não podia entendê-la. A figura e gesto de Misseno eram tão persuasivos, que não se atrevia a condená-lo de mentiroso ou de louco; mas não podendo entender tal filosofia, lhe respondeu francamente: «Insensível deve ser o vosso ânimo, ou o vosso coração se acha petrificado; e assim só para vós é esta singular filosofia. Podemos, minha irmã, perder a esperança de imitá-lo».

30 «Crede» — diz Misseno — «que o génio tem sido bastantemente fogoso e a pele do meu coração sumamente delicada: por isso, os primeiros encontros da chamada desgraça mo deixaram bem ferido e ensanguentado; e senti uma dor tão viva, tão interna e insuportável, que me vi quasi morto, pelo menos louco e desesperado: porém, esta nova filosofia me animou de maneira que, para mim, foi um bálsamo salutífero que me curou as ferida antigas e fez desprezar as que pudesse receber de novo. Esta luz superior (que não duvidarei comunicar-vos, se assim o quiserdes) é que me pôs no estado em que me vedes».

31 «Nunca cri» — diz o conde — «e perdoai-me, amigo, a sinceridade, nunca jamais poderei persuadir-me que neste mundo possa haver perfeito contentamento. Sinto o ofender-vos, mas a boa razão me está gritando que a não queira prostituir ao erro infame, ainda que ele venha enfeitado com os mais enganosos ornatos e apoiado na vossa grande autoridade: não posso tal crer e a minha razão só a Deus deve render vassalagem».

32 «Não me ofendeis» — responde o velho —, «quando tão fielmente adorais a boa razão. Eu também a respeito e venero; e porque a ela e a Deus rendo, como vós, vassalagem, é que assentei nas máximas que vos vou declarando».

Aqui se suspendeu um pouco Misseno, à maneira de quem considera o como se há-de explicar. Bem sabia ele que não era somente a luz da razão natural a que lhe tinha feito conhecer qual era a sua felicidade eterna e qual podia ser a sua felicidade

na vida. O misterioso encontro com as Santas Escrituras[41] foi quem lhe ilustrara a boa razão que naturalmente tinha e quem obrou no seu entendimento e coração tão maravilhosa mudança; mas não quis cegar com esta superior luz os seus hóspedes, dando-lhes com toda ela de repente nos olhos; e à maneira de quem abre a janela ao enfermo que estava em trevas, que pouco a pouco deixa entrar a luz por entre alguma cortina até que, costumados os olhos, possa, sem ofendê-los, pôr-lhes patente o sol. Assim fez Misseno, dando e escondendo com economia a luz que nos Sagrados Livros recebera.

Havendo pois feito uma breve pausa, como quem considera no que há-de dizer, falou aos seus hóspedes desta maneira: «Se tendes paciência para me ouvir, eu vos declaro os fundamentos que me convenceram (estando eu bem rebelde) de que se podia achar na terra este tesouro da verdadeira alegria; e que ali fora escondido por Deus para consolação de seus filhos, os quais Ele bem sabia que haviam de suspirar sempre por esta felicidade: mas quero que repareis bem que este tesouro só nos vem lá de Deus e que só caminhando para Ele é que o podemos encontrar».

33 Pouco menos que estáticos ficaram Sofia e o conde, esperando pelo discurso de Misseno, como de um oráculo do céu; e prometendo-lhe toda a paciência que ele quisesse, assim lhes falou:

34 «Este grande desejo que temos de ser felices na vida prova que este estado é possível. Não há sede tão ardente nem fome tão insaciável como a que temos da felicidade. A agulha tocada no íman, buliçosa, desassossegada, inquieta, não descansa até achar o seu Norte; já se move para um lado, já para outro; anda e desanda até dar com ele, e só então é que sossega. Esteja embora o Pólo lá no fim do mundo e coberto com as águas do mar Glacial[42], não importa: a agulha quer ao menos de longe pôr nele os seus olhos; e, em o vendo, fica como absorta e imóvel e sem pestanejar o está sempre mirando; e ainda que se volte o mundo e se revolva sobre o seu eixo, não o perde de vista, pois assim é o coração do homem com o desejo da felicidade: vós o sabeis.

35 Pois de onde nos veio, amigos, este desejo inato? De onde, senão do Ser supremo? Vós bem vedes, que Ele foi quem formou o coração que nos deu; e sem dúvida Ele é quem plantou na nossa alma esta inclinação tão forte para uma completa alegria, porque não são estes desejos como outros que também sentimos e somente procedem da corrupção da natureza e sua depravação. Dizei-me agora: obrigar-nos-ia Deus a desejar um impossível? Se este Pai universal não tivesse em todo o mundo uma só gota de água, para que fim nos havia de dar a sede? Só para ter o cruel gosto de nos ver estalar sem remédio? Não, não pode Deus obrar deste modo; e ou me

[41] Livro III.
[42] O Pólo Norte a 150 léguas em redondo está coberto pelo mar Glacial.

haveis de negar que tenhamos este desejo inato de sermos felices na vida ou conceder que é possível o conseguir esse estado». Disse Misseno e calou.

36 «Na verdade, meu irmão» — responde Sofia —, «que a bem reflectir, este desejo da completa felicidade é uma voz da natureza que sem consultar o nosso alvedrio fala no nosso coração e o obriga a que a busque. Eu observo que tudo o que procede da vontade humana é sujeito à variedade e capricho; e jamais o mundo todo concordou senão no que é ímpeto inato da natureza. Deus, que a formou, é quem com a Sua mão nos impele, excita e obriga a que desejemos o estado feliz: Ele é logo quem me persuade sem cessar a que o busque; e, por conseguinte, há-de ter neste mundo o tesouro que com tanto empenho quer que procuremos»; ao que respondeu Misseno:

37 «Para ver que foi Deus quem pôs em nós esta ânsia, ouvi o que me sucedeu. Quando o meu coração mais ardia nestes veementes desejos; quando a sede da minha felicidade mais me atormentava, quando a tristeza, repassando já todas as minhas entranhas, me tinha reduzido a um quase delírio, nesse estado, uma sentença divina, escrita com caracteres de ouro, se apresentou a meus olhos; ao mesmo tempo, uma voz interna falava ao meu entendimento; e certa mão superior, que depois conheci, sossegava meu coração. Eu vos diria as outras circunstâncias, se vos houvesse de contar a minha história[43]. Dizia pois a sentença: *Alegra-te sempre em teu Deus, torno a dizer que te alegres*[44]. Pasmo e volto a ler e quasi não podia persuadir-me que meus olhos não me enganavam. *Alegra-te sempre em teu Deus*; aqui parava suspenso naquele gostoso *sempre* que me involvia todos os sucessos da vida. *Torno a dizer que te alegres*; aqui já o meu coração se sentia abalar com esta admirável esperança. Deus não me pode enganar (me dizia eu a mim mesmo); e se Ele, ou alguém em Seu nome, me aconselha que viva sempre alegre, é sinal que é possível na vida ter este estado. Fecho o livro e me entrego à reflexão profunda; mas, inquieto, volto a abri-lo, como quem se queria capacitar do que lera; eis que encontro em lugar diferente, escrito com letras não menos brilhantes, estoutra sentença[45]: *Todos os sucessos me têm dado alegria, porque a verdadeira Filosofia me governava*. Logo (me dizia eu a mim mesmo) o discorrer e conhecer as cousas como deve ser, é que há-de dar esta celeste alegria que eu desejo e que o céu me aconselha. Apenas isto conheci, o meu discurso me entrou a falar assim:

38 Deus para algum fim me criou, porque nada fez sem ter fim; o meu coração inquieto, cuidadoso, solícito me faz sentir que ele busca este fim, seja qual for. Ora pelo movimento da pedra se conhece o seu centro; pela desinquietação da agulha se descobre o norte; e, pelos movimentos do meu coração se pode ver qual seja o fim

[43] Livro III.
[44] Ad Philip. 4.4. *Gaudete in Domino semper, iterum dico Gaudete.*
[45] *Laetatus sum in omnibus, quoniam antecedebat me ista sapientia*. Sap. 7.

em que há-de ficar sossegado. Mas a experiência geral nos persuade que o coração humano só em Deus é que sossega, porque só para si é que o Criador me podia formar: logo, não é possível que tendo eu uma alma tão fidalga nos seus desejos, tão incapaz de se satisfazer com qualquer coisa, fosse formada pela mão celeste para se contentar com uma criatura. Deus só para si é que podia formar o meu coração tão grande[46]. É logo certíssimo que o meu coração, só gozando de Deus, é que se pode perfeitamente alegrar; e, só então terá paz, sossego e contentamento completo; só então ficará o meu coração como a pedra no centro, a agulha no norte.

Mas como será isto possível? — me perguntava eu a mim mesmo. Como será possível nesta vida presente? A esta pergunta, ouvi uma voz muito sonora e agradável, que assim me dizia: era num bosque.

Põe o teu coração naquele estado,
Que teu Deus de ti quer e nesta vida
Gozarás d'alegria prometida,
A quem busca o seu fim tão desejado.

Ouvi a cantiga meio alienado e senti como correr uma cortina que me descobriu mil cousas que dantes não alcançava; e entendi que, assim como a pedra detida e suspensa pela grossa cadeia não goza do centro para onde propende, mas imóvel, quieta, em sossego, se está dirigindo a ele, gozando do modo possível da tranquilidade futura; assim como a agulha suspensa no eixo não goza do norte, mas imóvel fica e quieta, quando a ele aponta, gozando do modo possível do objecto a que se dirige; assim a minha alma, detida pela prisão desta vida, enquanto se não vê submergida no pélago imenso das delícias eternas, para que o seu entendimento e vontade foram criados, goza do modo possível da sua felicidade, dirigindo-se toda ao seu fim, isto é, conformando o seu juízo e coração com o objecto para o qual foram formados. Aqui tendes toda a minha filosofia».

39 Quando Misseno assim falava, observou nos seus hóspedes que o alvoroço da primeira atenção lá ia diminuindo, que costumam ser os olhos criados chocalheiros que declaram, sem ser perguntados, tudo o que se passa no gabinete da alma. Então, cortando de golpe a explicação desta sã teologia e sólida metafísica, a que o seu espírito altamente ilustrado se ia encaminhando, quis guardar essa doutrina para mais oportuna ocasião, cingindo-se agora somente a fazer-lhes crer que era possível na vida a perpétua alegria que Deus lhes aconselhava; e falou em frase mais rasteira e mais clara. E à maneira de um caudaloso rio que, começando a arrombar os diques,

[46] *Inquietum est cor nostrum donec requiescat in te.* (Santo Agostinho, *Confissões*).

não pode suster-se, deixou sair em águas planas e amenas a torrente profunda de razões em que o seu pensamento abundava; e disse desta maneira:

40 «Vede o que Deus fez para recreio dos sentidos do corpo; e daqui podereis inferir se é crível que deixasse a nossa alma sem a sua felicidade. Reparai na formosura encantadora do universo: eu não quero reflectir nos objectos mais brilhantes e que, com uma pompa e magnificência de belezas, nos deixam aturdidos; mas vede com atenção os objectos mais vis e mais desprezíveis. Reparai nesses toscos penedos que, pendentes e quasi despegados da montanha, estão ameaçando o rio. E que vedes? Esse musgo mimoso à maneira de veludo verde os está vestindo e ornando; umas miudíssimas folhinhas brancas lhe servem de matiz engraçado: até essas fendas que pareciam defeito, se as observais de perto, vereis que a natureza engenhosa as converteu em ornamento, porque lá de dentro lhes faz nascer uns delicados raminhos, os quais tanto que chegam à porta do cárcere em que estavam se desafogam , já trepando, já descendo, já saindo por um e outro lado; mas tímidas se seguram bem ao penedo, como filhos tenros, que não querem largar os braços da mãe que os gerara».

41 — «Nesta filosofia» — disse a princesa — «não podeis achar pessoa mais dócil do que eu, porque depois da minha infelicidade, sou uma contínua observadora da natureza e as cousas mais ordinárias me transportam. Esta relva que temos debaixo dos pés, bem considerada, é uma alcatifa mais mimosa que todas as que tinha o famoso Saladino, sultão do Egipto e conquistador da Pérsia; essas florinhas que pisamos, se houvesse quem perfeitamente as imitasse, eu posta no trono de Constantinopla com grande gosto as poria sobre a minha cabeça. Que graça não têm essas árvores silvestres nos seus informes troncos! Com que inimitável variedade e gentileza se torcem e vão entrelaçando os seus verdes ramos! Para qualquer parte que voltemos os olhos, acham gosto, recreio e consolação. Vede aquela pequenina fonte que por entre as toscas pedras rebenta tão clara, que parece de cristal ou de prata. Apenas saída do cárcere, solta vai correndo pela terra e brincando com os seixinhos; ora os cerca lisonjeira, ora se lhes esconde por baixo, ora lhes salta por cima; aqui se enfada e murmura, lá desconfia e muda de estrada, até fugir-lhes de todo. Ah, que esta matéria, Misseno, é o meu maior divertimento na minha solidão e retiro: tocaste-me na ferida, não pude deixar de interromper-vos; mas desculpareis a minha viveza». Ao que Misseno respondeu:

42 «Vós, senhora, com o que dissestes, dais força ao meu argumento, porque se Deus com empenho pôs neste mundo tanta satisfação para os olhos, com maior razão havia de atender aos castos desejos da alma. Cousa pasmosa! Em toda a vasta redondeza do orbe não achareis um só palmo de terra sem que esteja adornado e, em toda a parte, acham os olhos como a mesa posta para se regalarem à custa da omnipotência. E será possível que só a nossa alma estale sem remédio à sede, suspirando pela alegria, sem poder alcançá-la? Que estranha incoerência na suprema Sabedoria!

O nosso corpo, quero dizer, um pouco de barro, lhe merece tantos desvelos e a alma, que é uma faísca da divindade, dir-me-ão que ficou esquecida?

43 Que satisfação não mostram esses passarinhos nos seus engraçados gorjeios? Esses cordeirinhos que vemos brincando? Enfim, toda a natureza que parece estar-se rindo? A mesma mão soberana que os fez a eles é quem formou o homem; e poderá crer alguém que fosse com eles mais liberal que connosco? Este comum Pai de famílias credes que deu por legítima aos brutos a satisfação e o contentamento e que reservou só para o homem a aflição e a tristeza?»

44 «Não posso tal crer» — diz o conde aflito — «e a minha razão se enche de horror a querer fixar os olhos em semelhante absurdo. Mas onde está esta alegria, se por toda a parte nos perseguem os trabalhos? Esta só dificuldade destrói todos os vossos discursos. Se eu, que tenho tido a fortuna sempre a meu serviço, que sem reparar em nada a todos os meus apetites dei satisfação e cumprimento; se, apesar de tudo isto, nunca estive perfeitamente alegre, quem haverá que o seja? Serão os pobres, os enfermos, os perseguidos e os caluniados? Que será desses infelices inocentes que parecem destinados pelo céu para vítimas da ambição, do capricho e da crueldade dos homens? Uns escravos na paz, outros feridos na guerra, uns submergidos nos mares, outros encerrados nas masmorras. E para não ir mais longe, se as prendas, a virtude, o sangue ilustre de minha irmã não lhe tem valido para isentar-se dos fados, quem poderá neste mundo achar alegria completa?»

45 «Se para vivermos contentes» — diz Misseno — «é preciso não encontrar os trabalhos, necessário será que saia do mundo quem quiser ser feliz; mas não consiste nisso a verdadeira felicidade do homem: crede-me, filhos, o que vos digo».

46 «Em que a pondes logo?» — replica o conde.

«Ponho-a» — diz Misseno — «no que pertence à alma e não no que pertence ao corpo. O corpo verdadeiramente é como um vestido velho com que o espírito se cobre. Os trabalhos e tudo o que está fora de mim, como só me pode tocar no corpo, são estocadas que não passam da roupa. Por isso, se a alma se sabe portar, como ensina a boa filosofia, no meio dos maiores tormentos e desprezos, vive alegre e contente; goza de uma paz inalterável, de um regozijo que a enche e satisfaz de todo: tem uma consolação interna que nenhum acontecimento jamais perturba. Neste feliz estado, zomba da desgraça, triunfa dos fados, despreza a inveja, não teme a morte, não se assusta com os inimigos; e, independente de tudo o que não é o Ser Supremo, fica solidamente grande e superior a todo o mundo. Eis aqui em que ponho a felicidade completa que podemos ter nesta vida. Esta sólida filosofia é um tesouro oculto aos homens; mas eu não farei mistério de declarar o modo com que vim a descobri-lo».

47 Bem desejavam os dous irmãos ouvir a história de Misseno; porém, era já tarde e não convinha tocar ligeiramente matéria de tanto peso. Então, Sofia pediu a

Misseno quisesse consentir que, no dia seguinte, voltassem a horas mais oportunas para ouvir da sua boca o segredo que tanto desejavam.

«Não tendes detrimento» — lhe disse — «em repartir connosco do tesouro que descobristes, porque quanto mais se repartem, tanto mais se aumentam estas riquezas. Se é que tendes em vós a fonte da verdadeira alegria, não deveis negar-vos a esta condescendência, porque deveis saber o que faz qualquer fonte. Bem vedes que depois de ter cheia a própria concha, se derrama por um lado e por outro, tudo para proveito alheio: talvez nos áridos campos as macilentas ovelhas andavam roendo, umas os duros troncos, outras os secos espinhos, por não terem uma só erva que as sustentasse; aqui, trepavam a colher uma folha verde que perceberam de longe e, desfalecidas, resvalavam; ali, outras não podendo negar-se aos ternos cordeirinhos que as cercavam, em lugar do leite que já não tinham, os iam sustentando com o próprio sangue; e o amor fazia que gostosas se deixassem dar à morte pelos mesmos a quem deram a vida. Ah! E que desordens, que males, que horrores não se veriam na natureza, se a fonte ambiciosa e avarenta fechasse dentro em si os seus tesouros? Deus lhe mandou que isto remediasse; e eis aqui por que ela, cuidadosa, quer acudir a tudo e, mui apressada, vai correndo: aqui tropeça nas pedras, ali vai caindo pelos rochedos, acolá se precipita gostosa, só por acudir às pobres ovelhinhas que, sequiosas, suspiram por ela. Ora, não fareis vós outro tanto com essa fonte pasmosa que tendes achado? Aqui tendes as vossas ovelhinhas que estão nesse mesmo estado; reparti pois connosco da água que vos sobeja. E não diminuireis essa admirável alegria que pelos vossos olhos e todos vossos gestos vemos estar trasbordando».

48 «Sossegai, senhora» — responde Misseno — «que não sou avarento da luz nem ambicioso dos bens que podem fazer a outros felices. Eu faria secar a origem da minha felicidade, se somente a quisesse fechar dentro dos meus curtos limites; assim, como talvez sucede a quem tapa a abertura de uma abundante penha, obrigando a água a que não saia, porque, talvez retrocedendo, abra outra saída e fica a primeira fonte de toda seca. Assim, podeis ambos ficar bem descansados que me não negarei a tudo o que possa contribuir para a vossa felicidade».

49 Com esta palavra, entre mútuos sinais de benevolência, se despediram o conde e a princesa de Misseno, o qual, continuando em o seu trabalho, esperava pela noite para dar à consideração das maravilhas de Deus a sua alma e aos membros cansados o merecido repouso.

FIM DO LIVRO I

Gasp. Fff.

Ibrahim Filosifo Mahumetano inspirado pelo Espirito do Erro nega que possa haver navida Solida a Legria, a Princeza diante de Polidoro e do Conde o Convence. n.º 42.

LIVRO II

1 Retiraram-se os dous irmãos, consultando entre si quem seria Misseno e por que modo teria desterrado do seu coração para sempre a pertinaz tristeza; e iam desejosos e resolutos a seguir a sua doutrina. Ouviu isto essa melancólica e desesperada Fúria infernal que costuma inspirar aos mortais a terrível paixão da Tristeza e saindo lá dos espessos e sombrios bosques da Transilvânia, onde tem a sua ordinária residência, dava pelos montes e vales sentidos lamentos e formidáveis urros. Desesperada, entra por uma tenebrosa gruta, formada no recôncavo de duas montanhas das que os geógrafos chamam *Krapatz*[47]; e, penetrando os profundos abismos, vai convocar todas as demais Fúrias que presidem às paixões dos mortais para que lhe dêem socorro. Acodem todas assustadas; e tendo-as a Tristeza à roda de si, banhada em lágrimas, desgrenhando-se a cabeça e arrancando os cabelos com raiva, lhes fala desta maneira:

«E como estais tão descuidadas, ó negligentes companheiras! O nosso império está perdido, se não acudis prontamente a domar um terrível inimigo que contra nós se levanta e trabalha por destruí-lo. Um indigno velho se atreveu a declarar-me guerra e me tem vencido e arrastrado e ainda pertende alcançar novos troféus. Em vão a Fortuna e a Desgraça, minhas inseparáveis companheiras, têm empenhado todos os seus esforços para vencê-lo, porque de ambas elas tem triunfado. Uma o levantou já até o pôr sobre o trono[48], e outra, sem a menor causa, o derrubou dele; mas tudo foi inútil, porque o vejo sempre imóvel; em paz e cheio de alegria recebe todos os meus golpes e zomba deles. Eu já estou perdida de todo; e se até agora tinha entrada franca nos corações dos maiores monarcas e em todos a quem favorecia a Fortuna, daqui por diante, nem nos da ínfima plebe, nesses que forem arrastrados pela Desgraça poderei achar asilo. Vós agora todas deveis empenhar-vos em vingar-me deste comum inimigo e impedir que não comunique a ninguém os seus detestáveis sistemas, já que a todas vós tenho por tantas vezes aberto a porta para entrar nos corações dos mortais e facilitado os mais difíceis triunfos, todas deveis agora ajudar-me.

2 Qual é a Paixão que não tem entrada nos corações dos homens, se eu lá entro primeiro? Um coração bem triste está disposto a cometer os maiores desatinos: se eu chego a dominar nem a Razão governa, nem a natureza fala, nem o mundo é respeitado: tudo fica num tenebroso caos e a mais débil Paixão triunfa. Por uma só vitória que vos tenha preparado a alegria, dez mil contareis que eu vos tenho conseguido. A minha ruína é prelúdio da vossa; e para verdes que são bem fundados os meus receios, aí tendes já o conde da Morávia, cavalheiro moço, de quem por meu respeito tendes recebido os maiores sacrifícios que está quasi rebelado. Ele tinha todas as

[47] Todo o norte da Hungria e Transilvânia é dividido da Polónia por uma cordilheira de montes que se chamam *Krapatz*.
[48] No trono da Polónia desde 1203 até 1205. François-Paulin Dalairac, *Les Anecdotes de Pologne* (Paris, 1699).

qualidades para ser um herói no nosso serviço: eu o via com fogo, altivez, presunção; via-lhe astúcia e malícia, mas agora, pelos prudentes conselhos deste meu inimigo, seguirá as suas pisadas e triunfará de nós todas. Antes que este mal aconteça, é tempo de cortar sem demora as suas raízes. Tu, ó espírito do Erro, vem ligeiro fechar as portas do seu entendimento, para que nele não entre a sólida filosofia, porque se ela uma vez chega a estabelecer no mundo o seu império, que será de nós outras? Que poderão fazer as paixões, onde a luz da Razão domina?» — disse.

E dando terríveis bramidos nessas subterrâneas abóbedas, saiu desesperada. Todas as mais Fúrias se comoveram com o discurso que a Tristeza fizera; e tomando todas a si a causa que era comum, mandaram ao Erro que sem demora voasse a trabalhar nesta empresa, enquanto elas deliberavam o que se havia de fazer para o futuro.

3 Sai pois das cavernas um enormíssimo furioso monstro, na face cego, nas costas argos, porquanto jamais viu senão depois de haver passado o sucesso: sai, digo, e corre ligeiro a apoderar-se do entendimento de Ibraim, filósofo maometano, que se achava em casa da princesa com a incumbência de ensinar a seus filhos. Este, já inquieto pela tardança do conde e da irmã, estava passeando nos seus jardins, sem saber a que atribuísse tão desusada demora.

4 Era a noite tão clara e tão serena que os dous irmãos poucas saudades tinham do dia: o luar por si só dava, sem os incómodos do calor, quasi a mesma beleza à face da terra; e quando eles vinham atravessando a ponte, as águas ofereciam um espectáculo tal, que não se podiam arrancar do sítio, porque as muitas belezas a um tempo lhes lisonjeavam os olhos. As ondas pareciam estrelas que, desinquietas, buliçosas e trémulas, estavam cintilando no céu movediço das águas. Para um lado se via um como cardume de estrelas que faziam um mar de prata; mais ao longe, apareciam outras que, desconfiadas ou fugitivas, se iam mansamente retirando; e ora apareciam de novo, ora tornavam a esconder-se com alternativa engraçada.

5 «O nosso velho tem razão,» — dizia o conde — «porque se tão deliciosa satisfação pôs Deus neste mundo para os olhos, sem dúvida que em alguma parte a há-de ter posto para o nosso coração e nossa alma, pois que ela, como imagem da Divindade, lhe merece mais atenções que esta vil terra que a cobre».

6 «Eu espero» — diz a irmã — «que este dia será para nós a época da nossa felicidade. Este homem não nos engana: a sua figura vai adiante dos seus discursos, prevenindo-os com agrado; de forma que ainda que eu quisesse crer que ele era um enganador, não poderia fazer ao meu entendimento semelhante violência. Ele é franco e sincero e tem um tal carácter impresso no seu gesto, que por si só persuade. Sabeis vós que já vos vejo outro ar, outro modo, outra fisionomia: creio que a vossa alma já sente alguma mudança».

7 «Não vos enganeis» — lhe disse o conde — «e agora vou a descobrir-vos um segredo, que tinha, muito tempo há, bem ferrolhado no peito. Se não fosse este feliz

encontro, não teríeis irmão por muitos dias, porque, desesperado, já andava meditando modos de tirar-me a vida, por me não poder suportar a mim mesmo. Agora, porém, essa negra sombra que ofuscava o meu entendimento está meia dissipada; e o meu coração (que não sabia mover-se senão com ímpeto e fúria) está mais moderado e quieto; já se dilata e respira; já não me parece o ar turvo; já o céu me é agradável e a terra amena; já me não aborreço a mim mesmo. Vistes vós um piloto que, numa noite tempestuosa, se vê com o navio sobre a costa, metido por entre bancos e rochedos, já tocando nuns, já roçando por outros, envolto nas trevas, combatido pelas ondas, impelido dos ventos, a agulha perdida, o juízo enleado, sem atinar com conselho; mas, enfim, aparecendo a aurora, respira e sai do perigo? Pois assim me achava eu até agora e assim me sinto mudado. O ponto é saber de que modo poderei conseguir o que este homem me promete e eu tão ansiosamente desejo».

8 «Essa é» — diz a irmã — «toda a dificuldade desta grande empresa. Eu estou na maior impaciência que se pode dar de descobrir este segredo, não só pelo que vos toca a vós, mas pelo que me interessa a mim. Confesso que a minha melancolia não é tão desesperada como a vossa, mas não deixa de afligir-me; e se não fosse o trabalhar sempre por me distrair, estaria talvez reduzida ao mesmo estado. Mas por que caminho terá este homem achado tanta alegria?»

«Eu ignoro.» — responde o irmão — «Uma cousa, porém, posso afirmar-vos, que certamente não é pela satisfação dos apetites, porquanto se nisso estivesse a alegria, ninguém seria mais alegre do que eu».

9 «Pois a paixão do amor» — replica a princesa — «que tanto enlouquece a mocidade e a transporta de gozo, não era capaz de vos alegrar? Ai, querida irmã, deixai-me desafogar, já que me tocastes na veia onde está todo o meu mal»; e, dizendo isto, deu um suspiro que bem se via sair do fundo da alma.

10 «Ao princípio» — diz o conde — «não há bebida mais suave que o amor: é um delicioso néctar, como o dos deuses, que embebeda e transporta; mas depois que um miserável tragou todo o veneno, é tal a amargura, a desinquietação, a ânsia interior, que por força estala e rebenta. Quando o amor nasce, é como um bichinho quieto e manso que se cria dentro do coração; e quando lentamente se revolve, lhe causa um gosto mui delicado e fino; mas depois que à custa do mesmo coração cresce e toma forças, é uma víbora que nos rói as entranhas e que se converte em horrível dragão que interiormente nos despedaça: e se, por infelicidade, esta maldita fera toca numa certa fibra do coração, o cérebro de modo se perturba, o entendimento se escurece de tal forma que o homem fica frenético e louco. Queira um ou não queira, por força há-de ir para onde o amor o arrastra. Há-de despir-se de tudo, como fazem os loucos, só por conseguir o que pertende e, então, já se vê que adeus saúde, adeus fazenda, adeus honra. Nesse triste estado, a ocupação, os estudos, os interesses, tudo voa, tudo desaparece. Eu, eu que vos falo, tenho feito acções indignas, tais que jamais

houvera crido que uma pessoa de nascimento ilustre pudesse obrá-las; mas eu as fiz. Ora, se no fim de tudo isto um homem se achasse alegre e com satisfação de sua alma, menos mal era; porém, afirmo-vos, querida irmã, que o coração se acha então dentro de um vivo inferno, porque a desconfiança, a inveja, o temor, a inconstância, o ciúme, ah, que isso é preciso experimentá-lo para o poder conhecer!»

11 «Quanto ao ciúme» — diz Sofia — «tendes razão e bem fundada, pois onde entrou o ciúme, fugiu para bem longe a alegria e o contentamento; e, quem uma vez foi picado deste escorpião, está perdido de todo. O semblante se lhe muda, os olhos se lhe enfurecem, o sangue lhe ferve, o sono lhe foge, o juízo enlouquece, a vista se turba, os sentidos se confundem e tudo se vê, tudo se ouve às avessas. Se tendes ciúme, a maior inocência para vós é crime, a fidelidade é perjúrio, a candura disfarce; a prudência não é senão fingimento. Se tendes ciúme, sereis um algoz de vós mesmo; e (o que mais é) verdugo desse mesmo caro objecto que mais ternamente amais. Vós mesmo, à força de amá-lo, o fareis exalar nos vossos braços a vida e a fogo lento o fareis ir morrendo. Mas se isto acontece aos ciosos — acrescenta a irmã, sorrindo-se — serão felizes os que não derem nesta mania».

12 «Em toda a minha vida» — diz o conde — «não encontrei um só amante que estivesse perfeitamente satisfeito; nenhum vi que, ou cedo ou tarde, não andasse pensativo, cuidadoso e inquieto. Eram uns Tântalos sequiosos do mesmo bem que possuíam, gozando sem gozar com satisfação do mesmo que verdadeiramente tinham. Dou graças à minha fortuna de estar por ora livre de semelhante loucura».

13 Nestes discursos se entretiveram os dous irmãos, enquanto estiveram sentados na ponte; mas sendo preciso deixá-la, a princesa, para continuar a conversação que parecia tão útil, quis dar o seu voto.

14 «Quanto a mim, creio que só no campo é que se poderá encontrar este tesouro. Depois que em Constantinopla fui o ludíbrio da fortuna e dos fados, vivo nesta casa de campo; e posto que, ao princípio, estranhei muito a mudança, agora, conhecendo o valor desta vida, estou quasi tentada a crer que nela consistirá a felicidade completa. Pelo menos, aqui sou senhora de mim, nas cortes era escrava dos outros: cousa incrível! Lá me davam o título de senhora e eu nem do meu tempo o era, nem do meu semblante, nem do meu juízo, nem dos meus mais escondidos afectos. Quantas vezes sufocava o meu coração dentro do peito, sem consentir que desse um gemido que pudesse ouvir-se? Na corte, tereis a vossa alma atravessada com uma cruel lança e haveis de vedar o sangue sem curar a ferida, porque lá não é lícito que cheguem as lágrimas aos olhos, que isso é fraqueza. Uma alegria emprestada vos há-se servir de triste remédio; remédio que mais reconcentra do que cura o mal. O vosso juízo não há-de ser livre para dar o seu voto, haveis de trazer preparados um *sim* e um *não* para vos servir indiferentemente, segundo virdes que o desejam. Para isso preciso será dar garrotes ao vosso entendimento, à vossa consciência e à vossa

honra; mas paciência, haveis de rebentar, aliás que dirão de vós? Ah, doce retiro o do campo, gostosa liberdade do coração! Agradável desembaraço do entendimento! Aqui a alma goza da suma paz e os sentidos do mais puro e mais inocente remédio».

15 A este tempo entravam por um bosque, onde as filomelas estavam cantando ao desafio: pareciam como soldados em sentinela, guardando cada qual o seu posto[49], e daí competiam mutuamente. Qual se esforçava em prolongar a cantiga, qual se desvanecia por ter a voz mais sonora: uma caprichava no engraçado dos gorjeios, outra na variedade do canto. Era um gosto ouvi-las; mas, saindo do bosque, ouviram outra, que estava graciosamente enganada com o seu mesmo eco. Era o combate bem novo, competindo a vizinha consigo mesma, e mui picada, porque se não excedia. Vaidosa, se empenhava na cantiga e, mal acabava, punha o ouvido à escuta, a ver se respondiam; não tardava a resposta; e via que fielmente a imitavam. Então por mil modos diversifica o canto; porém, vê que a imaginada competidora em nada lhe cede. Desconfia e cala-se, esperando que a contrária cante primeiro, para excedê-la em despique; escuta, e não ouve nada. Alegra-se, crendo a sua émula já cansada; e então canta como quem celebra o triunfo; mas acha a competidora tão vigorosa, tão engraçada, como ela mesma. Não pode o conde suster o riso, vendo o agradável engano do inocente passarinho; e daí fazia a irmã argumento para lhe persuadir que só na vida campestre é que se podia achar a verdadeira alegria.

16 Opunha o conde a isso a uniformidade dos divertimentos que o campo oferece, que por força deviam produzir enjoo e fastio. «As nossas paixões» — dizia — «costumadas aos movimentos impetuosos que lhes são naturais, adormecem com a paz uniforme e continuada. Por isso nenhum gosto dura, se é longo; e o que é agradável um mês, seria insuportável um ano; e quando falta a variedade, falta o sal que excita o apetite».

17 «Essa mesma objecção me atormentava,» — responde Sofia — «quando comecei a viver nesta casa de campo; porém, a experiência me ensinou haver aqui uma grande variedade nos divertimentos. Eu não falo dos rústicos que, tendo o uso da razão ocioso, vivem sem mais reflexão que a que fazem os olhos, de forma que com passo igual vão a ovelha, e o pegureiro atrás dela, sem que no conhecimento da natureza passe um mais avante do que o outro: e assim enquanto a esses, razão tendes. Mas os que dão exercício ao seu entendimento, sabem tirar, como as abelhas, delicioso mel das mais vis flores do campo; e à medida que variam e mutuamente se alteram as quatro estações do ano, assim se diversificam as inocentes delícias de que gozamos nele.

18 Na primavera, qualquer destas florzinhas que pisamos com os pés é um prodígio incompreensível, para quem tiver lido e souber observar a natureza».

[49] Esta é a propriedade dos rouxinóis que cada qual tem sua árvore certa em que todas as noites canta.

Neste ponto, viram ao longe um cavaleiro que vinha a encontrá-los. Era Polidoro, cavalheiro grego e grande valido que fora do emperador Balduíno. Vinha ele visitar a princesa e dar-lhe o parabém da chegada do conde. Este se quis informar da irmã de quem era aquele cavalheiro, antes que ele chegasse; e a princesa em poucas palavras o informou, dizendo:

«Depois que o intolerável e infame Murzulfe cometeu em um só dia o execrável parricídio de despojar do trono e da vida a dois emperadores de Constantinopla, Aleixo e Canabé, meu esposo, obrou tantas e tais tiranias que era o horror de todos. Vendo isto, os cavalheiros da cruzada, que haviam posto Aleixo sobre o trono, o perseguiram de forma que o obrigaram a fugir de noite para a Ásia, atravessando o estreito para salvar a vida. Então elegeram a Balduíno, conde de Flandres, para emperador de Constantinopla; e Polidoro, homem de grande prudência e valor, lhe serviu muito para pacificar os povos e para que o coroassem solenemente no templo de Santa Sofia. Soube Balduíno estimar a Polidoro, como lhe tinha merecido: procurava este servi-lo com tanto empenho, como se a amizade do príncipe não fosse prémio e paga; e na infeliz batalha de Adrianópolis[50], Polidoro, pelejando ao lado de seu soberano, duas vezes o levantou da terra, atravessando-se heroicamente diante dele e oferecendo-se às setas e lanças, comprando com as suas feridas a vida de Balduíno; mas não pôde arrancá-lo das cadeias com que Joanico, rei dos Búlgaros e da Valáquia[51], finalmente o prendeu e ferrolhou numa masmorra. Polidoro não desistiu de lhe procurar nela todo o socorro; mas sabendo que o bárbaro, com inaudita sevícia, lhe havia cortado os pés e os braços e que do seu crânio se servia, à maneira dos Citas, como de copo para beber nos banquetes de maior cerimónia, cheio de horror se ausentou daquele país, deixando sobre o trono de Constantinopla Henrique, irmão de Balduíno, que ainda hoje lá reina[52]. Depois disso, aqui vive, retirado em uma casa de campo, pouco distante da minha: estimo que o conheçais, porque é homem que mereceu a minha amizade e sei que ganhará a vossa».

Neste tempo, já Polidoro vinha perto; e a princesa o recebeu com o agasalho que a amizade e merecimento pediam.

19 Saudou ele a princesa e o conde; e depois dos cumprimentos que a política pede, havendo percebido de longe que Sofia falava com empenho, pediu e instou e não quis dar um passo, sem que a princesa lhe prometesse continuar na mesma conversação em que iam falando. O que ela fez ingenuamente, dizendo desta maneira:

---

[50] *Adrianópoli é* cidade mui formosa e povoada; fica ao noroeste de Constantinopla sobre o rio Mariza.

[51] A Bulgária e Valáquia são duas províncias da Turquia europeia, sobre o Ponto Êuxino ou Mar Negro, que as lava pelo nascente destas províncias.

[52] René Aubert de Vertot d'Auboeuf, *Histoire des chevaliers hospitaliers de S. Jean de Jérusalem; appellez depuis Chevaliers de Rhodes, et aujourd'hui Chevaliers de Malthe* (Paris, 1726).

20 «Falávamos sobre a amena diversão que oferece o campo nos diversos tempos do ano, porque andamos no empenho de saber onde se achará a verdadeira alegria; cousa que um velho hoje nos provou, com evidência, que existia no mundo. Achais-nos agora bem como um avarento, a quem disseram que tinha no próprio campo um grande tesouro que, alvoroçado, aqui cava, ali procura, acolá revolve; gira, busca, mina, trabalha e com um *pode ser que aqui esteja*, fixo no pensamento e na boca, não sossega, nem dorme nem descansa; assim estamos agora. Eu dizia que só o campo pode esconder tão grande tesouro. Que parecer é o vosso?»

21 «Grande sectário tendes em mim,» — lhe responde Polidoro — «mas eu quisera ouvir-vos primeiro, para justificar a minha paixão».

Continuou Sofia, dizendo assim a ambos: «Ainda que o teatro seja o mesmo, a diversidade dos dramas que se representam, nos diversifica o gosto, o qual, por este modo, pode continuar sem fastio. Assim pois é o campo em vários tempos do ano: em cada estação sai ao teatro a natureza a representar aos olhos um novo enredo; e cada qual, à competência, pertende levar a primazia na recreação da alma. Se reflectimos com o juízo nas obras da natureza, que encanto pode haver maior que o da primavera? Se agora fosse dia, na primeira bonina que aqui achássemos pelo chão, vos faria admirar tais belezas, que ficaríeis absortos. A delicadeza das folhinhas, o engraçado do recorte, a viveza das cores, a ideia da pintura, a galantaria do feitio, a variedade do talhe, o bom gosto dos matizes; numa palavra, a graça e o mimo com que tudo está disposto, faz ver claramente que só uma mão divina podia ser o autor desta obra. E quando na primavera toda a natureza se desfaz e como desentranha em flores, a alma reflexiva se vê aturdida com tantas maravilhas que não sabe a qual atenda. Que me dizíeis, Polidoro?»

«Eu, senhora, concordo inteiramente convosco; mas se dais licença à minha sincera ingenuidade, ainda admiro mais o estio, porque as suas delícias abrangem mais sentidos. O verão ao mesmo tempo recreia os olhos, o olfacto e o gosto: ver as rubicundas cerejas que, como são a primeira fruta que sai a campo, envergonhadas aparecem às escondidas por entre as verdes folhas. Ver a formosura dos pêssegos, as romãs cheias de belas granadas, os peros corados, as laranjas de ouro, as melancias de carmim, os melões de bálsamo, enfim, todos os pomos de néctar: ver como da insulsa terra, da água insípida e dos duros, feios e ásperos troncos saem tão mimosas delícias para recreio do homem: ver todos estes prodígios, senhora, encanta totalmente o juízo, e deixa o coração afogado num bem inocente deleite».

22 «Se me desafiais, Polidoro» — respondeu a princesa — «com as vossas reflexões judiciosas, eu ainda prefiro muito mais o outono. As abundantes colheitas, prémio e incentivo do lavrador cuidadoso, são a alma da economia das gentes, a força dos estados, a consolação dos povos e a mola real de toda esta máquina civil do mundo. Tirai o outono e tudo perece, tudo se acaba, isto é, quanto ao útil. E se

falais do que pode recear o entendimento, esta estação mais que todas as outras me transporta a alma, a qual, aturdida de umas maravilhas, passa com novo pasmo a outras, à proporção que o ano se avança.

23 Que gosto nos dá reflectir na pequenina semente das que o vento espalhou pela terra? Lá se vê calcada pelo pesado pé do boi tardio; ele a enterra no lodo, lá apodrece e lá morre: mas depois a natureza a toma por assunto das suas maravilhas. Quando vem o tempo oportuno, ressuscita mui formosa: uma pequenina planta começa a sair lá de dentro e com a cabecinha recurvada forceja a levantar e romper a terra que a oprime; e quando, enfim, abre o cárcere e vê o ar livre, então respira, endireita o colo, desembaraça as folhinhas tenras e viçosa vai crescendo. O sol a visita, a terra a sustenta, o vento a lisonjeia: então toma forças e, lançando para uma e outra parte os engraçados ramos, vai produzindo pouco a pouco novos lançamentos e olhinhos tenros. Segue-se brotar ramalhetes de lindas flores, prognósticos dos frutos que, a seu tempo, há-de repartir com abundância. Então se lhos não tirarem, ela, liberal, os irá deixando cair pela terra, ou cansada de os guardar ou enfadada de lhos não pedirem. Nos seus braços abertos está oferecendo descanso aos fatigados passarinhos e juntamente abrigo aos animais terrestres, quando se vêem oprimidos com a calma. E que tesouros não calcam eles então nos secos despojos dos maduros frutos! Que número infinito de delicadíssimas plantas se encerra nas suas sementes, cada qual capaz de produzir tantos frutos, como a planta primeira de que nasceram! Parece que a árvore próvida quis deixar na sua numerosa descendência o cuidado de sustentar-nos, vendo que ela, cansada já dos anos, o não poderia fazer por si mesma. Perguntai agora a vós mesmos, quem foi que pôs à natureza, como lei constante, esta continuada série de tantas maravilhas; e vereis que o entendimento se perde à força de ficar embriagado com um bem casto deleite».

24 «Convencestes, senhora,» — lhe diz Polidoro — «a quem nem ânimo tinha de contradizer-vos. Muitos tempos há que eu estava nesse pensamento que vós mesma me inspirastes; e ainda me lembro do furto que vos fiz: furto de que tão vaidoso estou, que nenhum pejo tenho de o confessar; e vos protesto que bem desejara a repetição do crime, se tivesse lugar para fazê-lo».

25 «Não entendo» — diz o conde — «esses enigmas: não me deixeis, vos peço, o entendimento confuso. Essa cláusula última, Polidoro, me embaraçou notavelmente: declarai-me pois o segredo».

26 «São uns versos» — lhe responde — «que roubei o ano passado do gabinete de vossa irmã, bem análogos ao que acaba de nos dizer; os quais ela não queria que eu levasse, por não ter passado ainda a última lima pela obra a que serviam. Eu os li com atenção, que ainda me lembro deles; e se quereis, eu os repito, que são poucos».

27 Menos que isto bastava para excitar a curiosidade do conde que sempre achava particular energia em tudo o que sua irmã compunha e Polidoro obedeceu, repetindo o seguinte:

Quando vejo na terra estar brilhando,
Entre as ervas um Sol, vou-me chegando;
Era um vidro quebrado que luzia;
E de forma que um Sol me parecia.
Assim vejo brilhar a formosura
De Grã Deus em qualquer vil criatura:
Nas ervinhas do campo, e mais nos brutos
Estou vendo os divinos atributos
Quanto a Mão Soberana tem formado,
C'o carácter divino está selado.

«Vêde, senhor,» — acrescenta Polidoro — «se não tive razão para comentar o furto e motivo para o desvanecimento dele; e se não tem razão a princesa de gostar tanto da vida campestre?»

Ao que o conde, entre gostoso e repugnante, respondeu deste modo:

28 «Se o homem não fosse senão entendimento puro, bem gostoso viveria no campo, sendo companheiro das aves. Se contemplamos essas maravilhas que dizeis, elas são bem capazes de transportar toda a alma; mas, apesar de toda a filosofia, o corpo necessita de recreio, os sentidos querem o seu sustento e o coração suspira pelas delícias; e nada disto se acha senão nas cortes ou nas cidades populosas. O homem, que foi feito para viver com homens, que gosto pode fazer, habitando entre pedras, troncos e brutos? Deus tudo fez com proporção: para as cidades creou os homens, para o ar as aves, para o mar os peixes e as árvores para os campos. Dizei-me: quem há que possa sofrer sem grande tormento um inverno em uma casa de campo? Que bela e deliciosa perspectiva é ver os montes calvos, a terra húmida, os prados encharcados, os campos estéreis e todas as campinas de lodo. Por certo que é uma delícia ver o céu escuro, o ar sombrio e o tempo chuvoso. Que lindo efeito faz uma rua de árvores secas, que parece uma enfiada de esqueletos! Os novoeiros espessos envolvem o dia nas sombras da noite, o sol não aparece, a lua se esconde, as estrelas fugiram. Saís a passeio, o tempo vos engana, o vento vos descompõe, a chuva vos assalta, os atoleiros vos enfadam. Ah! Que não se pode negar, minha irmã, que é um paraíso viver no campo em tempo de inverno!»

29 «Debuxastes» — diz Sofia — «muito bem o inverno; mas para fazer o seu retrato, em lugar de pincel, tomastes um carvão bem negro; porém, dai-me licença que eu o pinte com o verdadeiro colorido e não vos parecerá tão feio. Não cuideis que vos quero descrever um dia belo, no qual o sol claro, achando o ar limpo e o céu de uma cor vivíssima e azul engraçado, triunfa das nuvens e faz a mais brilhante ostentação de seus raios. Não quero que repareis nos campos de linho vestidos de um lindíssimo verde que jamais pode imitar-se: não faço caso de ver a face da terra ou coberta de prata, quando cai a neve, ou convertida em cristal no tempo do gelo. Tudo isto é

nada, porque outras mais delicadas belezas encantam o meu espírito e enamoram a minha alma. No meu gabinete tenho maiores delícias do que posso achar lá por fora.

30 Nele ajunto uma assembleia escolhida de pessoas, as mais bem instruídas nas ciências, mais engraçadas na conversação e mais distintas na eloquência. Ninguém me falta à hora que quero: tenho tal felicidade que, sem escandalizar a ninguém, só fala aquele de quem eu faço mais gosto. Se estou em hora de gostar das delícias do Parnaso, tenho poetas admiráveis; se quero notícias de países remotos, sempre há quem me informe com miudeza e verdade. Se me recreia a história, tenho arte para fazer vir diante de mim os heróis mais famosos que produziram os séculos e que, no curto teatro de minha casa, representem os mais raros sucessos que aconteceram no mundo».

31 Estava o conde admirado, não podendo compreender o que a irmã dizia; mas ouvindo esta última cláusula, conheceu que até ali com uma continuada alegoria tinha falado dos seus livros. E celebrando com Polidoro o celebrado engano, com que lhes havia enleado o entendimento, lhe pediu que continuasse no mesmo estilo.

32 Sofia, vendo que seu irmão mostrava alegria com estas judiciosas travessuras do seu engenho, misturando certo agradável sorriso que lhe dava uma graça inimitável, prosseguiu dizendo:

«Vós vedes que tudo quanto tenho afirmado é uma verdade pura, porque tenha embora o inexorável tempo levado para mui longe os sucessos a que eu desejara estar presente, haja entre mim e eles o intervalo de muitos milhares de anos, nada importa; se eu quero, há-de o tempo tornar atrás a sua furiosa roda e a seu pesar me há-de pôr ali presente o mais antigo sucesso. Diga embora esse inflexível e velho tirano que as suas leis são indispensáveis e que o objecto da minha curiosidade já caiu no insondável abismo do *Nada*; seja como for, mando eu, hão-de ressuscitar todos esses personagens e hão-de estar perante mim, enquanto eu me entretenho observando tudo quanto fizeram.

33 Se quero mudar de divertimento, saio de casa e num bosque vizinho, coroada de louro e cercada de nove donzelas que me servem, canto e ouço cantar na lira de Apolo canções que muito me recreiam; e quando Pégaso contente,

Mui contente vou voando,
Como faz um passarinho,
Que buscando o doce ninho,
Pelo bosque vai passando.
Quando as ramas vou tocando,
Verdes bagas vão caindo
Dos loureiros, e saindo
De entre os ramos sacudidos
Passarinhos, que escondidos
Dentro dele estão dormindo».

34 Não pôde o conde suster o riso e lhe pediu que não voasse tanto que lhes fugisse e lhes escapasse de todo, porque nem a podia seguir nos seus voos, nem queria perder a sua amável companhia. Neste tempo, chegaram a casa; e a admiração de Ibraim pela não esperada tardança, interrompeu o discurso e obrigou aos dous irmãos a que, em poucas palavras, o instruíssem da causa; e como o fogo da conversação vinha mui ateado, não era possível apagar-se de repente; e, assim, os três foram continuando os seus discursos; e a princesa disse a Polidoro que prosseguisse, dizendo o seu pensamento; ao que ele obedeceu deste modo:

35 «Na falta de reflexões profundas quem, como eu, tem juízo limitado, deve governar-se pela própria experiência. A verdadeira alegria, senhores, creio que depende da paz e tranquilidade: ora esta não a busqueis nas cortes ou cidades mui populosas. Se me é permitido em cousas nobres usar de comparações rasteiras, eu comparo as cortes a um viveiro de peixes, onde se lançam algumas migalhas e todos andam fervendo para apanhá-las: sendo o espaço curto, os peixes muitos e as migalhas poucas, é indispensável que se mordam, que guerreiem ou ao menos que se encontrem e embaracem mutuamente.

36 Nas cortes, as paixões não são como um Zéfiro brando que lisonjeia e refresca, mas como um furacão desesperado que tudo quebra, tudo derruba, tudo faz em pedaços. Se, por infelicidade vossa, sois árvore frondosa e relvada, flores, frutos e folhas, tudo vai pelos ares: os ramos se torcem, o tronco geme e por força haveis de dobrar até varrer com a coroa da vossa cabeça a terra que os demais pisam: e não será isto bastante, porque o redemoinho furioso vos arranca de todo e revolvendo no meio dos ares raízes com ramas, vos arrebata como ligeira pluma e leva para onde não haja memória vossa. Ora dizei se isto se acha no campo.

37 Lá cada qual goza de si, come com gosto, dorme com sossego, vive em paz: o seu entendimento o recreia, a vontade inocentemente satisfeita o contenta, a consciência não o remorde, a honra não o perturba. Pelo contrário, na corte, os negros cuidados fervem como bichos em formigueiro à roda do coração do homem e num contínuo desassossego o mordem, picam e furam, atravessando-o por mil partes, entrando e saindo, passando e repassando e sempre a roer as entranhas da alma: ora ide lá buscar na corte a verdadeira alegria».

38 «Tudo é assim» — diz o conde — «mas a solidão do campo como pode contribuir à alegria completa? Sem a sociedade, as paixões se adormecem, o coração lânguido não tem algum movimento, a alma se enche de um tédio insuportável, de sorte que cada um serve de carga a si mesmo: o dia é longo, a noite eterna, o tempo tardo. Não sabe um homem o que faça, os pensamentos ociosos se apoderam do entendimento e tudo o enjoa. Possuído de um insofrível fastio, atira com a vontade ora a uma parte ora à outra, e a nada se pega. Tudo na solidão é insípido: ai, amigo meu, Deus me livre de viver sempre no campo, porque creio que rebentaria oprimido da negra tristeza! Que dizeis, Ibraim? Isto é ponto em que a filosofia se interessa».

39 Era Ibraim um homem consumido de estudos, seco, altivo, satisfeito de si mesmo. Na escola de Epicuro havia feito os seus estudos que ornava com os de Euclides e Arquimedes; e tomando um ar de oráculo e tom decisivo, respondeu deste modo:

«Não é o lugar, mas a ocupação do homem, o que pode fazê-lo feliz. As ciências naturais, quando se estudam com moderação, sem as querer levar a um ponto empinado e escabroso, sim, dão a felicidade ao entendimento humano. Mas só na inteira satisfação das paixões consistem as delícias da vontade: preciso é unir uma cousa com outra, para um ser completamente feliz. As delícias do entendimento, por meio das ciências, confesso que são difíceis de adquirir, mas causam um gosto finíssimo e delicado, o qual não são capazes de perceber almas grosseiras. Porém, isto é uma verdade que eu vos demonstrarei por um cálculo bem evidente e bem simples, pelo qual se vê que as delícias do entendimento vencem muito as dos sentidos. Vede se não conclui.

40 O gosto que sentimos em qualquer coisa é à proporção do paladar em que ele se recebe; ora, se compararmos a delicadeza e sensibilidade do entendimento com as dos sentidos, acharemos tanta diferença, como entre as mãos calejadas de um camponês grosseiro às de uma delicada senhora. Daqui se tira, por consequência, que quando a verdade descobre ao entendimento toda a sua beleza encantadora, fica ele de tal modo transportado que, não atinando com as expressões próprias do seu júbilo, parece louco. Não vos lembrais do que sucedeu ao famoso Arquimedes, quando estava no banho, e achou o célebre problema da coroa de ouro, cuja solução em muitos anos inutilmente buscara[53]? A luz da verdade de repente lhe brilha aos olhos, salta de gosto, perde o siso; e correndo, nu e como louco, grita pelas ruas e praças: *Tenho achado, tenho achado*. Dai-me agora cá um glutão que tendo plenamente satisfeito o seu apetite, saísse a correr e gabar-se: *Fartei-me, fartei-me*. Fica logo demonstrado que são mais finas e superiores as delícias do entendimento com a verdade, que as dos sentidos do corpo com os objectos que lhe pertencem».

41 Não puderam Sofia e os demais conter o riso que o argumento de Ibraim lhes causara e o tom silogístico com que ele se havia explicado, como se fosse nas aulas. Então o conde lhe propôs a dificuldade que muitos tinham para se aplicar aos estudos, sendo certo (segundo a doutrina do velho) que para todos estava aberta a porta da felicidade.

42 «O filósofo que chega a merecer este nome» — responde Ibraim — «tem no seu entendimento uma como pedra filosofal com que da matéria mais vil tira preciosíssimo ouro. E enquanto o restante dos mortais vê neste grande palácio do mundo a simples fachada de fora, o sábio admira todas as belezas do seu interior, por onde o

[53] Tinha el-rei dado uma grande quantidade de ouro de que se lhe fizera uma coroa que pesava tanto como o ouro que havia dado; duvidou se tinha o artífice misturado liga, suprimindo porção de ouro. Arquimedes achou, pela hidrostática, modo de o conhecer, sem toca levissimamente no lavor da coroa e achou que havia fraude.

seu entendimento passeia, sem que se lhe reserve gabinete algum que lhe seja vedado. Mas (como bem dizeis) não é para todos dita semelhante, nem ela fora tão estimável, se fosse para o vulgo. Dizer que a porta da felicidade está aberta para todos é absurdo manifesto, porque tudo o que há de bom, é raro, e a felicidade completa, por força há-de ser raríssima. Mas quando pela parte do entendimento pudesse cada qual conseguir a satisfação completa, quem há que aqui possa chegar pelo que toca à vontade? Desejamos e não conseguimos: andamos em uma perpétua luta, já com os elementos, já com os fados, já com os homens. E até connosco mesmo lutamos: e com tanta fadiga, quem poderá ser feliz? As enfermidades nos molestam, os sucessos nos afligem, os trabalhos nos cansam. Por uma parte, os inimigos nos perseguem; dos amigos, uns nos faltam, outros nos fazem sentir os seus males: se olhamos para os que ficam acima de nós, vemos que nos oprimem; se para os inferiores, achamos que nos desobedecem; se para os iguais e indiferentes, ou nos desprezam altivos ou invejosos nos armam ciladas. Em nós mesmos temos uma contínua angústia, porque o coração se queixa, o espírito cansa, a vontade nos inquieta, a idade passa; e tudo por arte inexplicável nos atormenta: ora poderemos ser em semelhante vida felices? Dizei a quem tal quimera vos persuadiu que busque homens sem corpo, alma sem vontade, coração sem apetites, entendimento sem confusão e que destas partes quiméricas componha o seu feliz imaginário».

43 Já neste tempo o espírito do Erro, deixando bem ligado o entendimento de Ibraim, passara a atacar o do conde; uma nuvem espessa lhe encobre tudo quanto Misseno lhe havia dito e nada lhe lembra; nenhum dos seus argumentos lhe ocorre; passa a negra sombra da cabeça ao peito e do entendimento ao coração e entra nele a Tristeza que a luz simples da Razão tinha expulsado: essa desesperada Fúria mais que de antes se quer apoderar da presa que lhe ia escapando; e com as sanguinolentas unhas lhe aperta e traspassa o coração. O conde se aflige, a tristeza se aumenta. Ibraim instigado pelo espírito do Erro, que no cérebro deste filósofo tinha o seu domicílio gostoso, renova os assaltos e redobra a bateria, quando o conde já não resiste. Sofia pretende acudir-lhe; mas em vão trabalha para aliviá-lo de melancolia que começava a dominá-lo, porque não era bastante para desafazer os argumentos de Ibraim; e achando-se todos embaraçados em persuadir-se que pudesse haver completa felicidade na vida, o Erro triunfando insensivelmente do entendimento de todos, se volta aos abismos a dar conta da vitória que começava a alcançar, sossegando todas as Paixões amotinadas; e todas elas animadas com as boas esperanças do Erro, se animam a urdir novos laços, em que o mancebo, apesar dos esforços da Sabedoria, e da diligência de Misseno, haja de cair para o futuro; e todas se vêm oferecer à Tristeza, esperando nela que lhes dê entrada, o que ela lhes promete. Entretanto, desprezando todos esta, falaram noutra matéria.

FIM DO LIVRO II

Gaspar Frois M. inv. esc.

Misseno Levado da melancolia Se embrenha por hum bosque e encontra hum Varaõ dejoelhos morto, e Vê Com espanto o Seo nome escrito naterra. n.º 14.

LIVRO III

1 Ainda o sol não aparecia no horizonte, quando o conde, confuso e impaciente, convidou a sua irmã para o passeio, querendo ir visitar a Misseno. A manhã serena, o ar fresco, o céu alegre os estavam convidando. Pelo caminho, viam, por uma parte, o lavrador alegre, que com passo lento atrás da vagarosa charrua ia cantando, levado da consideração de que aquele curvo ferro lhe abria o comum tesouro. Por outra parte, viam os rebanhos de ovelhas e, após delas, os contentes pastores, tocando com ar harmonioso e simples nas suas frautas, aos quais respondiam as serranas com bem ajustadas cantigas. Todos se punham com alegria ao trabalho que com alegria tinham deixado. Esta era a matéria da conversação; mas o conde sempre ia inclinando para as suas reflexões melancólicas. Reparou nisto a princesa. E, para dissipar a negra sombra que vinha caindo sobre o coração, se valeu do seu ar jocoso e começou a diverti-lo com o nascimento do sol.

«Vede» — lhe dizia — «como se levanta tarde o preguiçoso! Se vem vermelho, razão tem para vir envergonhado, pois ainda agora abre as cortinas das nuvens para nos dar os bons dias. Toda a natureza o estava esperando impaciente; e ele mui descansado. As montanhas parece que levantavam as cabeças para o verem primeiro; e os passarinhos, subindo-se às últimas pontinhas dos mais altos ramos, de lá o queriam descobrir, para irem voando a ganhar as alvíssaras, dizendo por toda a parte que o Sol era nascido».

2 Saíram neste tempo das ervazinhas que pisavam lindas borboletas que, com os seus engraçados matizes, convidavam a atenção dos passageiros. E Sofia ponderava como a natureza estava rindo e inferia daqui, com muita energia, não ser crível que só o homem fosse condenado por força a viver triste.

3 «Eu bem vejo» — lhe responde o irmão com ar impaciente — «que, apesar dos discursos de Ibraim, será talvez possível a felicidade da vida; mas de que me vale saber que é possível, se eu não a posso alcançar? Toda esta noite passou o meu entendimento numa contínua luta, sem tirar mais fruto dos discursos que, já em sonhos, já desperto fazia, senão o fatigar-me e ficar cada vez mais confuso. Acho-me como o caminhante perdido que sem atinar com o caminho nem carreira, incerto, errante, vagabundo anda e desanda; ora foge do mesmo que deseja, ora se enterra e se confunde, ora cai e se precipita, sem saber enfim o que faça. Assim estou agora; tudo para mim é um caos, um labirinto, um enleio. Mas, se uma vez chego a conhecer o caminho para sair de toda esta aflição, eu vos protesto que a todo o custo hei-de segui-lo».

Nestas considerações passaram o tempo e deram de repente com Misseno que, tendo-os visto de longe, viera a encontrá-los ao caminho.

4 Não se lança com tanta força o ferro ao mais poderoso íman, como o conde e Misseno se abraçaram; e, passados os cumprimentos, a princesa lhe referiu em poucas palavras todas as opiniões da noite antecedente, desejando ouvir sobre elas o parecer de Misseno. E nesta conversação chegaram à cabana. E, tomados os assentos, Misseno lhes falou nesta substância:

5 «Se quereis dar crédito à minha experiência, ela só bastará para vos ensinar o caminho da verdadeira felicidade».

«Por isso é que suspiramos» — lhe disse o conde alvoroçado.

E Misseno continuou, dizendo:

«Vou a fiar de vós um segredo que ainda não fiei nem das penhas mudas nem dos inanimados troncos; mas falo com quem lhe sabe dar o valor justo, para o guardar fechado no gabinete da mais rígida fidelidade».

O que eles prometeram. E Misseno prosseguiu deste modo:

6 «Começarei desde o princípio a série das minhas (como chamam) desgraças, para vos declarar a origem da minha ventura. Mieceslau III, cujo merecimento e infelicidades têm ocupado nos nossos dias as trombetas da fama, já sabeis que foi o terceiro filho de Boleslau o *Invicto*[54], soberano da Polónia. Não ignorais que, depois de seus dous irmãos, lhe sucedeu na coroa; coroa que muitos anos antes os povos lhe teriam posto sobre a cabeça, se as leis do amor fossem as da justiça, porque desde a puerícia todos lhe chamavam o *Velho*, que tanta era sua prudência, tanta a madureza de suas acções e conselhos. Parece-me que ainda o estou vendo. Ah, veneranda figura! E que agradável és à minha memória! Doce ilusão da minha fantasia, que suaves afectos me despertas!»

Nisto, apesar da violência que Misseno fazia, algumas lágrimas lhe escaparam, ficando os dous irmãos admirados desta ternura em um homem velho. Mas eles não sabiam que Misseno era seu filho: o qual continuou, dizendo:

«Desculpai, senhores, o desafogo da saudade, porque tudo Mieceslau me merece; mas para terdes um retrato deste grande príncipe (que mui poucos conheceram), lembrai-vos das heróicas virtudes de seu pai, Boleslau, de quem eles as herdara, antes de herdar o ceptro. Não deve sair da memória aquele singular valor com que Boleslau zombava de seus inimigos, parecendo a todos que trazia a vitória atada ao seu triunfante carro. Ainda a Silésia se lembra de como venceu o grande Henrique, emperador da Alemanha: ainda está na Boémia fresca a memória do singular desafio com um formidável gigante[55]; gigante que, só com o aspecto, enchia de horror o exército todo, menos a Boleslau que, intrépido aos primeiros golpes, o fez exalar a alma feroz entre golfadas de negro sangue. Em toda a Europa, ainda hoje se louva

[54] Chamado o *Boca Torta*.
[55] No ano de 1114.

e admira a prudência com que disfarçava e sofria que seu irmão Sbignée repetidas vezes levantasse a mão sacrílega, para lhe tirar da cabeça a coroa. Ora, quando vos lembrardes de todas estas virtudes, tendes feito numa só pintura o retrato do pai e do filho. Nesta só circunstância os acho diferentes: que Boleslau uma única vez, que pela falsidade do Palatino de Cracóvia foi vencido, cedeu logo à desgraça e morreu de pena[56]; porém, Mieceslau soube repetidas vezes triunfar com um ânimo imóvel e constante da importuna desgraça. Tal foi meu pai. Não ouçam os rochedos esta palavra que em segredo inviolável escondo no vosso peito, para que a oculteis até de mim mesmo. Eu fui Vladislau, seu filho herdeiro e seu sucessor no trono; mas já não sou o mesmo que nalgum tempo fui: sou Misseno, um simples particular, que com a enxada na mão e a sua filosofia no peito, zomba de todas as grandezas e não teme as desgraças».

7 «Descansai, senhor,» — lhe disseram a princesa e o conde, fazendo-lhe uma grande reverência — «descansai, senhor, que o segredo será fielmente guardado, já que assim o ordenais; mas não podeis impedir-nos a interior veneração que a vossa pessoa e este mesmo segredo nos merece».

O que dito, continuou Misseno:

8 «Tal foi Mieceslau antes de subir ao trono[57]; mas fosse maligno influxo do ceptro, ou malevolência dos descontentes, três anos depois que a ele subira, os povos o depuseram, com o pretexto que Mieceslau não era o mesmo que dantes fora. Não te quero culpar, Gedeão, bispo de Cracóvia, que foste o autor desta rebelião; porquanto, se adoro os conselhos da Providência, não devo reparar nos instrumentos, de que ela se quer valer.

9 Deposto Mieceslau, oferecem o ceptro a Casimiro, último dos cinco filhos que Boleslau deixara, porque já os outros três, Vladislau, Boleslau e Henrique, eram mortos. Treme Casimiro de horror a ouvir a proposta e não ousa tocar num ceptro que lhe não pertence: tem por sacrilégio mandar como vassalo a seu legítimo soberano. Mas houvera de cair o estado em uma funesta anarquia, se Casimiro não cedesse; e tomou nas mãos o ceptro, mais como depositário dele que como usurpador. Clamam os povos alegres *vivas* e Mieceslau sereno. Passam quatro anos e a constância de

[56] No ano de 1137 foi vencido pelos russos, porque fugiu o Palatino de Cracóvia; Boleslao lhe mandou uma pele de lebre, uma roca e um fuso; o que vendo o Palatino se matou de raiva (F.-P. Dalairac, *Les Anecdotes de Pologne*) e Boleslao, que nunca fora vencido, estalou de paixão.

[57] O modo como Mieceslau subiu pela primeira vez ao trono foi o seguinte: Boleslau, seu pai, antes de morrer, repartiu os seus estados pelos quatro filhos mais velhos, Vladislau, Boleslau, Mieceslau e Henrique; e tendo a Casimiro mui pequeno, seu quinto filho, respondeu que seus quatro irmãos eram as quatro rodas do carro de Casimiro. Morto Boleslau em 1143, seu filho mais velho, Vladislau II, subiu ao trono e despojou seus irmãos das suas legítimas; mas eles se uniram em 1147 e o fizeram fugir da Polónia: subiu ao trono Boleslau IV, seu segundo irmão. Este príncipe zombou do imperador Conrado e depois, de Frederico Barba-Roxa, que se empenharam para restituir o primogénito, Vladislau; por composição cederam-lhe a Silésia que, desde este tempo, ficou pertencente à Alemanha, porque os filhos de Vladislau, separados dos polacos, se trataram como alemães. Em 1163, morreu Boleslau IV numa batalha contra os prussianos e subiu ao trono seu terceiro irmão, Misceslau III.

Mieceslau não passa. Casimiro cada vez o estima mais e mais o respeita: as virtudes de meu pai lhe davam nos olhos e lhe faziam mais impressão que a sua brilhante coroa. Medita e determina restituir a coroa ao merecimento e à justiça; e para isso convoca uma dieta geral. Fala, ora, insta para que seja a coroa posta na cabeça de seu irmão Mieceslau: resistem os povos, ele forceja, os povos se obstinam; enfim, cede Casimiro e Mieceslau não se altera. Catorze vezes correu o sol todos os seus signos e outras tantas foi testemunha da sua constância incontrastável. Observava meu pai que em Casimiro reinava a virtude e isso o satisfazia, porque isso é o que mais ansiosamente desejava. Manchou-a, porém, Casimiro nos últimos anos; e uma triste morte finalizou uma vida que fora gloriosa, mas que degenerara em afeminada. Então cobrou ânimo Mieceslau, supondo que nem Lesko, menino de cinco anos, que el-rei Casimiro deixara, nem a rainha regente teriam força bastante para segurarem o ceptro, se com as armas lho quisessem tirar. Enganou-se, porque a Desgraça ainda não estava cansada. Perdeu Mieceslau a batalha e nela a meu irmão mais velho; e, desde esse dia, fiquei eu herdeiro, não sei se da sua coroa, se das suas infelicidades; mas sendo o meu juvenil coração mais fraco que o seu, não pude suportar tantos golpes. Sofreu-os, contudo, meu pai com a mesma costumada constância; e ainda que o corpo já caía com o peso dos anos[58], o coração, à maneira de uma rocha, nem se abatia, nem ainda se abalava com as furiosas tormentas.

10 Vendo os fados (já vos pedi licença para falar na frase ordinária, ainda que eu tenha mui diferente linguagem), vendo os Fados que Desgraça não podia abalar tamanho herói, quiseram que a Fortuna provasse as armas, levantando-o ao trono, para que lá ficasse mais exposto aos tiros da malevolência e da inveja. A rainha regente, não podendo abranger com as mãos femininas um ceptro guerreiro, cedeu em meu pai a regência dos estados, com a condição que, em meu prejuízo, adoptaria por seu filho a Lesko: e cheguei a ver outra vez a meu pai no trono[59] e a mim novamente excluído da esperança dele. Pouco menos lhe durou este triste gosto e lhe caiu da cabeça a coroa, que tinha mal segura, sendo posta por uma mão inconstante. Fosse que meu pai tivesse faltado à adopção prometida, fosse que as mãos da rainha tivessem saudades do ceptro, com que se adornavam, o certo é que meu pai foi segunda vez deposto do trono[60].

11 Eu não pude então resistir a tantos vaivéns da fortuna. Contudo, aflito, desesperado, tomo o arco e as flechas, mudo os trajes e o nome e, incógnito, saio pelos montes e bosques da Silésia, entregue à tristeza que me roía e despedaçava as

[58] Tinha então ao menos 65.
[59] Em 1200.
[60] Toda esta narração da virtude de Mieceslau é conforme à paixão, que devia ter por ele seu filho; mas se consultamos a história, Mieceslau, depois que subiu ao trono, degenerou, e esta segunda vez que a ele subiu foi por intriga e falsas promessas: e por intervenção de Nicolau, Palatino de Cracóvia, ainda subiu terceira vez ao trono, em que morreu em 1203.

entranhas. A minha alma se achava num caos tenebroso: a luz da razão se me havia retirado de todo e, se alguma vez aparecia, era como um relâmpago que só servia de me fazer visíveis os horrores que me cercavam. As minhas desgraças estavam pegadas à memória, de sorte que, para qualquer parte que quisesse voltar os olhos do entendimento, não via diante de mim outra cousa.

12 Qual homem solitário, que em charneca rasa e noite tempestuosa, perseguido da chuva e dos ventos, cercado de lobos, no meio de barrancos e precipícios; quando os relâmpagos o cegam, os trovões o atemorizam, os raios amiudados lhe chovem; quando os vê cair por detrás, por diante, pelos lados e sem acabar de morrer, a cada momento morre, assim me via eu por esses vales e montes. Os sítios mais escondidos e tristes eram os que eu mais desejava: eis que, certo dia, descendo de um monte, vi para a parte de Breslau um escuro vale, onde as árvores, deixadas à negligência, haviam formado um bosque sumamente medonho: aí me fui embrenhando, pouco a pouco, até ao mais interior dele. Ah bosque, bosque! E que fúnebre era então a tua imagem; mas que agradável me será toda a minha vida a tua lembrança! Lá foi, amigos, que teve princípio a minha perpétua alegria, quando eu estava submergido na tristeza, a mais profunda e desesperada.

13 Parece-me que ainda estou vendo o sítio. Ali me parece que era a perpétua vivenda da Noite, e o berço da Melancolia, o país do Pavor e, na frase dos poetas, o reino de Plutão. Ali não se viam senão fúnebres ciprestes, mato espesso, silvas enredadas e uma emaranhada brenha. Ali se ouvia o mocho gemendo sempre a compasso; ali habitava o feio morcego e a coruja nocturna; ali grasnavam as rãs, silvavam as serpentes e ferviam todas as demais sevandijas; e, no meio de todos estes horrores, o meu coração, embalsamado em melancolia, abafava e não em cabia no peito.

14 Eis que vejo uma luz estranha, que saía da concavidade de certa gruta; e a curiosidade me levou a examinar a maravilha. Vou a entrar e vejo uma habitação celeste. Os rochedos, que em natural abóbeda formavam aquela concavidade, pareciam um puro cristal que brilhava como os diamantes. O verde-musgo, que por entre as fendas havia nascido, parecia um engraçado esmalte de esmeraldas. Nesse tempo, um cheiro suavíssimo transportava os meus sentidos, que estavam absortos e enleados, sem que eu soubesse qual era a origem daquele encanto. Porém, pouco a pouco recobrada a minha alma do primeiro espanto, descubro no mais retirado da gruta um venerando velho, imóvel e de joelhos: fiquei suspenso. A sua barba comprida e de todo branca lhe descia até à cintura; as mãos alvíssimas, porém, secas e mirradas, se firmavam no cajado curvo para servir de apoio à cabeça que sobre elas reclinava: eu, tímido e curioso, me fui chegando. Eis que vejo na terra, em caracteres bem formados, que o cercavam, esta inscrição pasmosa: *Tu, Vlasdilau, darás a meu corpo sepultura; e nesse livro acabarás o teu prémio e o teu modelo*.

15 Pasmo, vendo o meu nome escrito: torno a ler o que lido havia e a minha admiração se aumenta: reparo na postura do ermitão e me parecia vivo, quando a inscrição, o silêncio e a imobilidade o faziam suspeitar morto. Com efeito, o estava e ao tocá-lo ligeiramente caiu por terra. Dei como pude sepultura ao cadáver; e, pegando do livro, que me pertencia por legado, o abri: leio e acho um herói[61], o mais famoso que viram os séculos. Herói que, sem depender de exércitos numerosos, nem de capitães de valor, nem favores da fortuna, sem socorro humano e só com o esforço do seu coração ilustrado por Deus e fortalecido por Ele, soube triunfar de si, do mundo e dos fados. Herói que soube fazer-se solidamente feliz e conservar-se no trono da sua felicidade, apesar dos homens, dos elementos e dos abismos que se haviam conjurado para perdê-lo. Pasmo de tamanha heroicidade; e, reflectindo maduramente sobre o que lido havia, me digo a mim mesmo:

16 Que falsa é a ideia que se forma do verdadeiro heroísmo e da sólida felicidade! A que se reduz toda a glória de um Alexandre na Ásia, de um Cipião Africano, de um Temístocles na Grécia e de todos os emperadores romanos que aturdiram o mundo? Tudo examinado à luz da verdade se reduz a derramar sangue humano, devastar regiões, arruinar impérios, arrastrar soberanos; numa palavra, a *fazer infelices*. Outro tanto (dizia eu) fariam os ursos, os tigres, os leopardos ou as Fúrias infernais, se lhes largassem solta a cadeia, com que as retém o braço omnipotente. Que errado modo de pensar! Por que estes homens se assemelham aos brutos ou às Fúrias dos abismos, devem ser coroados como semideuses na terra? Que pasmosa diferença entre os demais heróis e este que me oferecem para modelo de minhas empresas!

17 Eis aqui uma glória que satisfaz toda a minha ambição de grandeza: o não depender para a conseguir de criatura alguma de quantas contém o universo; o estar superior aos fados; o poder zombar do mundo inteiro; o ser o espelho da boa razão e o modelo dos verdadeiros heróis; o merecer da suma e eterna sabedoria o testemunho que ela deu deste herói que me oferecem para exemplo[62]. *Não há outro semelhante em toda a redondeza da terra*. Ah! e quem me dera que o príncipe da Polónia fosse a cópia do príncipe da terra de Hus[63] que lhe propuseram para seu exemplar e que Vladislau fosse imitador do famosíssimo Job: mas eu não nasci (me dizia) para tamanha felicidade. E já neste tempo a antiga tristeza tornava a ganhar o meu coração, donde havia saído, desde que eu entrara na gruta.

18 É verdade que esta lição havia mudado o objecto de meus desejos, mas não havia extinguido a melancolia que eles me causavam: então já não era a coroa da Polónia a que me atormentava, mas a felicidade a que aquele herói tinha chegado, era a que me causava inveja. Bem como o falcão que, com os olhos tapados, está sossegado,

---

[61] O Santo Job.

[62] *Quod non sit ei similis in terra*. Job 2.3.

[63] *Vir erat in terra Hus, nomine* Job. 1.1. *Eratque vir ille magnus inter omnes Orientales*. 1.3.

mas, apenas vê a presa tão desejada, se desespera, bate as asas, ameaça com o bico, despedaça a cadeia e, quanto mais deseja, tanto mais padece, por não poder voar aonde o seu coração voa, assim me achava eu sentado na gruta e, lamentando a minha infelicidade, sem ver de que modo poderia conseguir aquele estado feliz que se me tinha proposto.

19 O temor, que acompanha todas as empresas que são raras, ia chamando a tristeza; e uma como nuvem escuríssima me queria eclipsar a luz primeira, em que o meu entendimento se vira banhado. Volto-me ao livro, em que eu tinha todo o meu tesouro; e a Mão Suprema conduzia de maneira a minha que o abrisse sempre onde achasse a resposta aos meus ansiosos cuidados. Eis que encontro a mais alta doutrina, o moral mais sublime e tudo o que pode fazer uma alma verdadeiramente grande. Aí é que eu vi o modo prático para imitar o grande modelo que me fora superiormente dado: aí é que nas sentenças maravilhosas, de que ontem vos falei, descobri a origem da verdadeira alegria; e no mesmo tempo que ia lendo e meditando, uma mão superior e incógnita mudava o meu entendimento e transformava o coração. As passadas ideias, com que o mundo me tinha educado, desapareceram como imagens de sonho ou erros da meninice: tirou-se-me um véu dos olhos, uma nuvem do coração, um peso do peito. Ponho-me em pé, acho-me ligeiro e ágil; saio do bosque, subo a um outeiro, olho a um lado e a outro e acho-me em novo clima; e até a mim mesmo me desconheço. Dantes um sangue negro e espesso, encalhando a cada passo, se embaraçava nas minhas veias; os membros trémulos, frios e quase paralíticos me faltavam no meio dos movimentos: porém, desde esse momento, um doce espírito, passando com suavidade de veia em veia, me foi visitando todos os membros e deixou vigoroso, alegre e animado.

20 Assim passei aquele dia, passeando contente por aqueles mesmos sítios, que antes habitara assaz melancólico e triste. O passeio bastantemente largo me deixou à noite cansado: seguiu-se ao cansaço um doce e pesado sono que começou a enlear-me os sentidos de maneira que gostoso me rendi à sua força suave. A minha alma voou prontamente à região do repouso e comecei a gozar de agradáveis enganos. Parecia-me que estava na Arábia deserta[64], onde se passam léguas e léguas, sem encontrar uma folha verde, nem o menor regato que possa refrigerar a sede. As minhas entranhas secas e mirradas se abrasavam e nem falar podia: eis que vejo baixar pelos ares uma celeste ninfa em refulgente nuvem, a qual, descendo pouco a pouco, parou no cume de um rochedo que lhe servia de trono. Era o seu rosto ao mesmo tempo belo e majestoso; tinha na mão um ceptro de ouro e na cabeça lhe servia de coroa um resplendor como o do sol; mas a sua luz era mais benigna, de sorte que sem ofender

[64] A Arábia deserta tem ao Norte a *Arábia pétrea*, onde se acha o Monte Sinai; tem ao Sul a *Arábia feliz*, onde se vêem Moca, Adém, e Fartache; tem pelo poente o Mar Vermelho e quase sobre a sua margem Medina, sepulcro de Mafoma, e Meca, sua pátria; estende-se para o nascente até o Golfo da Pérsia e estreito de Ormuz.

a vista, recreava a que a via. Os seus olhos eram vivos, luminosos e penetrantes. Reparei que olhava para mim com particular agrado; e quando a admiração me deu lugar a sentir a sede, ia já a pedir-lhe socorro; mas ainda eu não tinha formado palavra, quando a ninfa me disse desta maneira:

21 «Teu conceito penetro e teus desejos, sem que seja preciso declará-los, porque nem nos céus, nem na terra, nem nos abismos se me pode ocultar cousa alguma. A mim me rendem vassalagem todos os sábios do mundo e se dão por felizes, quando, em remuneração de seus obséquios, eu lhes deixo escapar por entre as nuvens algum raio que os ilustre. Eu sou a Sabedoria, ou (como outros me chamam) a *Filosofia Verdadeira*, de cujo nome às vezes sacrilegamente se serve o monstro do Erro, meu capital inimigo; mas, pelos efeitos, me conhecerás. Conheço a causa da tua aflição, o teu desejo, a tua sede; e para lhe dar remédio, te digo que não procures fora de ti, o que dentro em ti podes achar. Este rochedo é a tua imagem: vê, repara e aprende.

Neste ponto, um raio de luz, saindo da testa da deusa, e rompendo a nuvem, bate de golpe sobre o rochedo e o fende pelo meio: eis que sai das suas entranhas uma tão copiosa torrente que num instante toda aquela região ficou transformada. Os penedos ásperos e secos eram belíssimas cascatas; o areal tórrido se converteu em amena floresta, de maneira que, para qualquer parte que olhasse, encontrava agradáveis perspectivas. Daqui pomares carregados de frutos, dali jardins cheios de flores, por um lado campos semeados, por outro rebanhos pastando em aromáticas ervas; e em tão agradável confusão tudo me encantava, de modo que não sabia a que objecto desse a preferência. Quis voltar à divindade que me falara e vi que desaparecera. «Ai de mim», disse então, dando um saudoso gemido; mas este grito me despertou do sono e toda aquela ilusão encantadora desapareceu num momento».

22 «Ah, pobre de vós» — interrompeu a princesa — que triste e desconsolado ficaríeis, quando vos achastes longe desses jardins, prados e florestas!»

«Não me lamenteis, senhora» — lhe diz Misseno — «porque se me achei sem estas belezas enganosas do sonho, me achei noutras verdadeiras e mais capazes de recrear o entendimento e a minha alma. Então, reflectindo no admirável sonho, repetia as palavras que me disseram: *Este rochedo é a tua imagem; não busques fora de ti, o que dentro em ti podes achar*. E a mim mesmo dizia: um raio de luz, saindo da testa, fez rebentar do rochedo a abundância de água, que dentro em si ocultava. Isto concorda com o que li naquela sentença admirável[65]: *Todos os sucessos me têm dado alegria, porque a verdadeira Filosofia me tem governado*. Que mais quero? Para converter o meu coração árido, mirrado e seco com a tristeza, em um paraíso de alegria, bastará que o meu entendimento se deixe ilustrar e governar pela sabedoria celeste. Então chegarei a este nobilíssimo e verdadeiro heroísmo, pelo qual a minha

[65] Sap. 7

alma suspira; chegarei à felicidade completa, ao triunfo dos fados: e se isto assim é, não dependo dos homens, nem da fortuna, não dependo do mundo.

23 Isto disse; e entregue à filosofia, discorrendo com sossego, vim a assentar nas máximas, que me têm feito feliz, sendo a conclusão de todas elas que em nós temos a fonte da verdadeira alegria. E para me prevenir contra o natural esquecimento ou qualquer tribulação que me ofuscasse o juízo, formei uns dísticos, os quais costumo cantar quando trabalho: eu vo-los repito, porque nada vos hei-de ocultar, que possa servir à vossa utilidade.

Se de Deus é que nasce qualquer bem,
A alegria que busco donde vem?

Não está longe de mim[66]*, não vem de fora,*
Vem do meu coração, onde Deus mora,

Dentro em mim tenho a Deus e tenho a Graça,
Tenho a Lei[67]*. Que me faz qualquer desgraça*[68]*?»*

24 Admirados ficaram a princesa e o conde, quando acabaram de ouvir a Misseno; e passados alguns discursos, o conde e a princesa ingenuamente confessaram que lhes era muito difícil o crer que pudesse o homem ter em si mesmo a fonte da sólida felicidade.

«Dizei-me vós» — acrescentou o conde — «que em nós temos a fonte de toda a tristeza, que então vos crerei facilmente; mas jamais podereis persuadir-me o vosso sistema. Perdoai-me, senhor, se vos ofendo».

25 «Não me ofendeis, meu filho, com uma dúvida prudente, porque eu também estava bem longe de crer o que vos digo, quando não tinha bem reflectido e meditado; e mais me ofenderíeis com uma docilidade afectada, que com uma dúvida sincera. Ora, já que desejais conhecer a verdade, eu vo-la mostro bem claramente: mas sabei que em parte também sou do vosso parecer e digo que em nós se encerra a origem de toda a tristeza. Os Erros do nosso entendimento e as *Paixões* da nossa vontade são os pais deste horrível monstro, que nos rói as entranhas, a tristeza digo; e pela mesma razão me haveis de conceder que temos a origem da nossa alegria nas *Máximas* Santas, que nos ilustram a boa razão, e na *Virtude* heróica, que domina as nossas paixões: o que tudo está dentro de nós mesmos e não vem lá dos homens, nem depende da sorte ou da fortuna».

---

[66] *Quamvis non longe sit ab unoquoque nostrum, in ipso enim vivimus,et movemur et sumus.* Act. 17.27 & 28.
[67] *Sed quid dicit Scriptura: Prope est verbum in ore tuo, et in corde tuo; hoc est verbum Fidei, etc* Ad. Rom. 10.8.
[68] *Non timebo mala, quoniam tu mecum es.* Psal. 22.4.

26 A princesa mostrava lutar consigo mesma e pediu a Misseno, que pois ele havia sido obrigado pela boa filosofia a assentar naquela máxima, quisesse pelos mesmos discursos obrigá-los a concordar nela: ao que Misseno satisfez prontamente, dizendo assim:

27 «Se eu não quiser ser infeliz, quem pode haver que me obrigue a sê-lo? Deus ou as suas criaturas? Dou-vos a escolha livre; qualquer caminho que sigais, vireis a ser precipitados».

— «Nem uma coisa, nem outra. — diz o conde — «É o maldito fado, que quando toma por empresa o perseguir-nos, se obstina de modo que não descansa até nos ver na sepultura».

A irmã não pôde suster o riso, ainda que fazia força a reprimi-lo; e obrigando-a o conde a que declarasse o motivo dele, respondeu politicamente que não queria interromper o discurso em matéria tão grave, mas que, quando estivessem sós e lhe fosse permitido falar no seu tom jocoso, não teria muito dificuldade em o convencer. Misseno então lhe pediu com instância que não recusasse a ajudá-lo; e já que era interessada na vitória, devia ministrar-lhe as armas.

28 «Nesse caso,» — diz a princesa — «falarei na minha frase costumada. Ora dizei-me, conde: isto de Fado é bicho e cousa viva, ou é cousa morta e inanimada? Se o Fado é alguma fera, muito velha deve ser, porque muitos séculos há que se queixam dos seus estragos; e me admiro, que sendo tão velha, ainda tenha força para fazer mal a tanta gente. Mas se o Fado não é cousa viva, como pode ver os miseráveis que lhe fogem, para os ir perseguindo lá nos últimos fins da terra? Podereis dizer que o Fado não tem corpo e que é espírito puro. Neste caso, deve ser algum demónio de grande autoridade, pois tem usurpado (sem lhe pertencer) o direito de governar a maior parte do mundo. Far-me-eis grande favor, meu irmão, se me explicais bem este ponto, porque nunca o pude entender».

29 Recebeu o conde com gosto o argumento da princesa e confessou que falava em sentido metafórico, como fala o vulgo, ao que instou a princesa com graça:

«Dais logo por causa de uns males verdadeiros e que realmente nos atormentam uma cousa fabulosa e que nunca existiu, senão na cabeça louca do vulgo!

Quanto a mim, sabei, Misseno, que não creio que haja *Fado*, nem *Fortuna*, nem *Desgraça*, ainda que me sirvo destes nomes, de que todos se servem. E eis aqui a minha razão: se essas fabulosas divindades existissem, ou Deus seria muito fraco, se elas lhe arrancassem das mãos o ceptro, ou seria muito negligente, se, por indolência e frouxidão de boamente lho largasse. Porém, necessito que vós me expliqueis o que devemos entender por estas palavras de que todos usamos, sem saber o que dizemos».

30 «A Mão suprema» — diz Misseno — «que, com altos e justos desígnios, vai governando este mundo, nem sempre nos deixa ver quais são os seus fins soberanos. Nós, ignorantes e cegos, toda a vez que vemos certos acontecimentos, sem poder

descobrir o motivo deles, julgamos que não houve desígnio algum premeditado; e deste modo antes queremos supor o defeito em Deus, julgando que deixa ir este mundo sem governo, do que considerá-lo em nós, confessando a nossa ignorância e cegueira. Eis aqui pois o que chamam *Fado* ou *Acaso*: é um acontecimento do qual se ignora o motivo. Ora, se o sucesso, cuja causa se ignora, foi favorável, lhe chamam *Fortuna*, se injucundo, *Desgraça*. Mas é coisa pasmosa, senhora, que muitos filósofos que capricham de sê-lo falam desta grande quimera como de cousa real e verdadeira. Sem ser divindade lhe dão maior poder que ao Omnipotente; pois que ao *Acaso*, e não a *Deus*, atribuem a maior parte do bem e do mal que sucede no mundo. Nisto há grande incoerência; porquanto se o *Fado* é inteligente, como era preciso para perseguir uns e favorecer aos outros; se tem vontade para ser amigo ou inimigo; se tem um poder a que parece que a mesma Omnipotência cede, chamem-lhe *Deus*; e desterrem, como indigno de o ser, esse que de antes supunham. Mas não façamos a esta loucura a honra de a impugnar.

31 Pondo pois de parte esses fabulosos princípios do que sucede no mundo, insisto a perguntar-vos, conde: quem me há-de fazer infeliz neste mundo, se eu, da minha parte, não der o menor concurso para o ser? Quem me dais por origem da minha desgraça? Deus ou as suas criaturas?»

32 Qual peregrino desacompanhado que, chegando à divisão de duas estradas, pára, duvida, discorre e com muito receio decide, com tenção de tornar atrás, tanto que conhecer o seu erro, assim fez o conde: e, tímido, respondeu que só de Deus é que podia vir a nossa sorte e que Ele, com autoridade suprema, fazia a uns felizes, a outros desgraçados.

33 «Deus faz desgraçados!» — responde Misseno com admiração suma — «Não é esta a ideia que eu tinha de um Ser de bondade infinita. Primeiro, vereis que o Niester volta atrás no meio da sua furiosa carreira, do que eu admita semelhante absurdo. Dizei-me que o sol vos escurece, que o fogo vos gela, que a chuva vos seca, que a luz vos entristece; e mais depressa vos concederei todos esses paradoxos, do que ser Deus, por si só, a causa de eu ser infeliz.

Discorramos, amigos, com sinceridade: e por que razão me privaria Deus do que eu com tanta ânsia apeteço? Só por ter nisso o seu gosto? Ah! não finjais um Deus cruel, porque não há quimera que mais repugne à razão. Seria pois isso por simples interesse e porque dependia da minha desgraça, para ser em si mais feliz e glorioso? Ah! E que pobre seria o Omnipotente, se necessitasse da minha ténue felicidade para aumentar e completar a sua! Que indignos são esses pensamentos! Credes que eu hei-de ser quem faça feliz a Deus? E que em vez de receber da sua Mão a minha felicidade, Ele é que tem de a receber da minha? E não é Deus o manancial inexaurível de todo o bem, de onde sai em contínuas torrentes para se repartir por todas as criaturas? Oh! não façais, meus filhos, tamanha violência ao vosso entendimento, tão grande injúria à vossa razão.

34 Grande diferença há dos monarcas da terra ao Supremo monarca do universo. Os homens, quando querem sobressair e levantar-se acima dos outros, que são iguais por natureza, devem metê-los debaixo dos pés, para lhe servirem de peanha: v. g. Saladino, o grão sultão do Egipto, que nos nossos dias tem assombrado o mundo, como segundo Alexandre, parece-vos que faria tão grande figura, se não pusesse o seu alto e pesadíssimo trono sobre as cabeças dos príncipes que debaixo dele gemiam? Aqui bem se vê que a felicidade de uns depende da desgraça dos outros. Mas Deus infinito em grandeza, infinito na sua própria e essencial felicidade, como poderá ter precisão de me tirar uma gotazinha de felicidade, pela qual eu estava suspirando? E para a lançar no mar imenso dos bens de que goza, me privará a mim desse pequenino bem que desejava, deixando-me banhado em lágrimas e estalando à fome? Longe vá de mim, longe de qualquer entendimento, absurdo semelhante».

35 Confuso estava o conde e arrependido de haver dado semelhante resposta; estava bem convencido, mas a confusão lhe embaraçava a língua. Entretanto, Misseno seguia com o mesmo ímpeto a corrente da sua eloquência e acrescentou, dizendo:

36 — «Já que tocámos este ponto, subamos a examinar a origem do homem, para saber se nos pode Deus por seu gosto privar da felicidade, pela qual cada um anda suspirando. Para que fim e por que razão cuidais vós que a bondade infinita se resolveu a criar-nos? Não é permitido a um mortal entrar com passo atrevido nos conselhos da Divindade, mas é lícito observar pelos efeitos as causas, como quem com a cabeça baixa e humilde, pelo movimento da sombra na superfície da terra, investiga no céu os movimentos do sol, em que não se atreve a fitar os olhos. Assim, pois, faremos agora.

37 O Ser supremo, infinitamente feliz em si mesmo, trasbordava em glória e suma felicidade. Os seus atributos pediam desafogo e as suas perfeições exercício: e não querendo conter em si mesmo (permita-se esta imprópria expressão em matéria, que excede toda a frase), não querendo conter em si mesmo a enchente de tanta felicidade, determinou derramá-la por fora e fazer a outros felices. Para isto, preciso lhe foi criar do nada os objectos da sua benevolência: e foi um deles o homem. Mas era mui pequeno vaso para tanta enchente e mui vil objecto para a estimação de um Deus. Parecia injurioso à rectidão de seu ânimo amar o que não fosse amável e ser pródigo da sua estimação para com um objecto que dela não fosse digno. Vede que admirável ideia! Insculpiu no homem a sua mesma imagem soberana; e fez que nele reverberassem os raios da Divindade; e, por este modo, ficou o homem digno do afecto de um Deus, posto que fosse alheia toda a sua beleza; e também ficou destinado para participar da torrente da felicidade, a qual sobre ele começava a derramar-se com grandes enchentes. Vede agora se é crível que esse mesmo Deus e pela sua própria Mão, sem que para isso o homem concorra, o haja de fazer desgraçado. Discorrei, amigos, como quiserdes; mas crede

decerto, que quando somos infelizes, não é Deus a causa da nossa infelicidade; e assim buscai-lhe outra origem».

38 Não ousava o conde tomar outro caminho, receando encontrar semelhantes absurdos. A irmã, porém, que se interessava na disputa, respondeu pelo conde: que só as criaturas eram a causa da nossa infelicidade. Quem tiver sondado, dizia ela, o coração do homem, há-de conhecer que em todo o mundo não há fera tão cruel com outra fera, como o é um homem com outro. Não se viu jamais entre os tigres e ursos o que cada dia vemos entre os humanos. Se um dia nos ajustássemos todos em nos não perseguir mutuamente, a terra se converteria em céu; e o mais inculto terreno seria um delicioso paraíso: mas ide lá mudar o carácter do mundo inteiro, para conseguir semelhante felicidade.

39 «Bastará que eu me mude a mim mesmo,» — responde prontamente Misseno — «persigam-me quanto quiserem os mortais, que se eu não quiser, não posso ser infeliz. Esta grande carroça do mundo não cuideis que vai sem governo; pois o Omnipotente lhe tem as rédeas na mão e nenhuma força é bastante para torcer-lhe o braço. Tomem embora os brutos o freio nos dentes e corram desbocados; não tenhais susto, que quem tudo governa, fazendo semblante de estar descuidado, os deixará correr, porém, somente enquanto vir que lhe servem aos seus altos desígnios; mas, em se desviando um ponto, qualquer levíssimo jeito basta e já se voltaram num instante. O Autor de tudo, tudo tem na mão e nada lhe resiste. Desde o seu altíssimo trono, mal começa a querer dar um levíssimo aceno, já tudo está feito. Céus, terra, mar, abismos, homens e feras, tudo obedece: um instante lhe basta e todo o mundo em peso se revolve para obedecer-lhe sem réplica. Ora, isto suposto, vede se sem ordem suprema alguém poderá privar-me da minha felicidade.

Vós bem sabeis que se as criaturas por força me fizessem desgraçado, eu contra Deus poderia voltar as minhas queixas; porquanto, se por acaso não podendo eu desviar-me, uma carroça me atropelasse, ninguém havia de desculpar o cocheiro. Assim, deixai governar o Omnipotente e vereis que as criaturas mais adversas vos conduzem (sem o querer) à vossa felicidade. Digo isto, porque quantos passos tenho dado desde o sucesso que vos referi, outras tantas confirmações tenho tido desta verdade».

40 «Não podeis estranhar» — diz a princesa — «que nós, sem essa experiência e sem a vossa filosofia, abraçássemos até aqui um erro que é geralmente seguido: porém, sossegai, que estamos bem convencidos. Contai-nos, pois, os vossos sucessos, para que a vossa experiência nos confirme no modo de achar a felicidade».

41 «Quinze dias passei» — continua Misseno — «nos quais vivi solitário pelos montes da Silésia, meditando, lendo e reflectindo; e desconhecia o meu entendimento. Creio que algum génio celeste me conduzia, como pela mão, de verdade em verdade, de forma que uma série de máximas importantes, sucessivamente passando por diante dos meus olhos, deixavam a minha alma instruída, sem a menor fadiga nem

trabalho. Porém, eu devia ser instruído também pela experiência e não me bastava a especulação ociosa: e por essa causa a providência me conduziu pelos trabalhos que se me seguiram e talvez haverão ainda de seguir-se, se Deus me quiser adiantar nesta ciência.

42 Desci, pois, dos montes ao povoado. Eis que encontro um príncipe mais infeliz do que eu (falo na frase do vulgo), porque ainda que teve menos trabalhos, não tirou deles tanta utilidade. Era Aleixo Lange, filho de Isaac Lange, imperador de Constantinopla, o qual vinha atravessando a Silésia, quando me encontrou numa estalagem. O seu vestido e comitiva declaravam a sua pessoa; o meu traje encobria a minha. Conheceu, contudo, pela pronúncia, que eu era polaco; e, depois de alguns discursos, se resolveu a chamar-me à parte, para me comunicar os seus intentos; e depois de me recomendar o mais rígido segredo, me falou desta maneira:

43 «Não estranheis, cavalheiro, que um infeliz tente todos os caminhos e bata a todas as portas para escapar aos fados que o perseguem. A força de diligências pode ser que obrigue a inconstante fortuna a que pare, enfim, e volte atrás a sua terrível roda, roda fatal, com que há seis anos me oprime. Pode ser que a Polónia seja o afortunado instrumento da minha felicidade, já que em toda a Alemanha não acho protecção nem socorro. Todos sabem, e vós não podeis ignorar, que o infame Aleixo, que hoje ocupa o trono de Constantinopla, quebrando os sagrados foros do sangue, da justiça e do trono, com horror da natureza e escândalo do mundo inteiro, prendeu a Isaac Lange, meu pai, prendeu a seu legítimo soberano, a seu próprio irmão; prendeu-o e, ferrolhando-o numa masmorra (ah, céus injustos, que o não castigastes!), prendeu-o e arrancou-lhe os olhos[69]. E o tirano goza hoje, em paz, do fruto da sua iniquidade, quando o inocente não acha quem o proteja. Filipe de Suábia, a quem meu pai dera em casamento sua própria filha, bem deseja vingar a injúria paterna; mas acha-se embaraçado com Otão, duque de Saxónia, que lhe disputa o império de Alemanha; e bem sabeis que, quando se trata de cingir uma tão preciosa coroa na própria cabeça, as mãos ambas estão ocupadas e não podem dar socorro a outrem. Talvez que a Polónia me possa ajudar neste empenho.

44 Se ela o fizesse, eu vos seguro que esta nova aliança lhe seria bem útil para domar os húngaros e os búlgaros, que entre nós outros medeiam; porque dando-nos mutuamente as mãos, quem poderá perturbar-lhe os seus domínios? E não tendo a Polónia nada que temer da parte do meio-dia, quem poderá suspender a rápida corrente do seu guerreiro esforço contra a Prússia e contra os moscovitas? Tanto que ouvi que Mieceslau III ocupava o trono por cessão da rainha regente, cobrei no meu ânimo grandes esperanças; e estou quasi certo que um tão grande político não perderá esta ocasião, a mais favorável para os seus vastos estados, porque, se meu

[69] Em 1195.

cunhado chega a cingir na cabeça a coroa do império, como espero, que protecção e que segurança se não deve prometer à Polónia?

45 Esta só acção bastará a fazer cair num esquecimento perpétuo todas as antigas queixas que, desde o tempo do emperador Conrado e seu sucessor Friderico Barba-Roxa, têm tintas de sangue as fronteiras que dividem estes estados. Ainda estão na Alemanha alterados os ânimos contra os filhos de Boleslau III que despojaram do trono a seu primogénito Vladislau, apesar da protecção que estes dous emperadores lhe davam: e o desprezo que os polacos fizeram das águias do império, contentando-se com dar a Vladislau e seus filhos a Silésia, em que estamos, não deixou de fomentar nos alemães um ódio oculto contra a Polónia: ora, esta paixão, uma vez ateada entre nações vizinhas, quando muito, se cobre com as cinzas da dissimulação, mas raras vezes se apaga de todo. Agora, porém, esta expedição, que vou a propor-lhes, será a época de uma perpétua união entre os dous soberanos, porque Filipe protesta que igualmente estima ver a coroa de Constantinopla na cabeça de seu sogro Isaac Lange, como a de Alemanha na sua; e promete que considerará sempre a Polónia como a origem da sua tranquilidade, pois é certo que não pode gozar dela, vendo sua amada esposa banhada em contínuas e amargas lágrimas, por ver seu pai emperador e juntamente preso, e a mim, seu irmão, príncipe herdeiro por natureza daqueles estados, e fugitivo, errante e vagabundo. Dizei-me, cavalheiro, se não achais verosímil a minha esperança?»

Isto disse Aleixo; e com um ar de confiança mostrava estar seguro de conseguir o que pretendia, que é frequente a ilusão dos nossos desejos.

46 Eu ouvi com respeito e atenção todo o discurso de Aleixo; e como me perguntava o meu parecer, achei que devia desenganá-lo, dizendo que as suas esperanças, ainda que bem fundadas na sua ideia, na realidade se deviam desvanecer, porquanto o governo da Polónia tornara para as mãos da rainha e que não era verosímil que, estando o estado em perpétuo susto de uma guerra civil, por causa dos descontentes, se embarace com uma guerra tão difícil e cheia de perigos, como era derrubar do trono um emperador tirano. Acrescentei que a Polónia está sempre com as armas na mão por causa dos prussianos e dos russos, com quem confina, e que da parte dos gregos tão distantes, nem podia dilatar as suas conquistas, nem deles receber socorro contra os povos do norte. Demais, que a justiça era a base da paz e da guerra e que nenhum direito autorizava os polacos para invadir os gregos, de quem nenhuma injúria haviam recebido. Porém, que eu não era quem havia de decidir aquele negócio; que podia ir a Cracóvia representar à rainha a sua pretensão; e que ela e os seus ministros lhe dariam a resposta que julgassem conveniente.

47 Deixou-se Aleixo persuadir das minhas razões; mas o mesmo foi perder as esperanças que quasi perder o juízo. Todas as paixões a um tempo jogavam com o seu coração, de maneira que perdia o norte. O amor paterno, as lágrimas da irmã,

o desejo da glória, o clamor da justiça, a vingança da injúria, tudo o impelia a que desejasse abater o tirano; porém, quanto mais o desejava, mais impossível lhe parecia. O juízo cansado se confundia, seguia-se à confusão a tristeza, à tristeza a desesperação e a esta o furor. Meio louco se despedia de mim e mostrava, na separação, que esta lhe era custosa. Eu, vendo isto, o quis seguir para impedir-lhe as desordens de um ânimo que não estava senhor de si, nem sabia domar as paixões que o arrastavam; e como eu não tinha desígnio certo, ambos de companhia atravessámos a Morávia.

Entretanto lhe apontei alguns meios de que podia valer-se para sair bem da sua justa empresa; e, para lhe ganhar o entendimento e dissuadir de alguns erros que o perdiam, julguei a propósito ganhar-lhe primeiro o coração e a vontade. Pouco a pouco, me foi cobrando afecto e ouvia as minhas reflexões com gosto e propunha-me com tranquilidade todos os motivos da sua pena. Ora eu, como tinha sido ferido do mesmo mal, quis aplicar-lhe o mesmo bálsamo que me curara. Foi empresa árdua; e a maior dificuldade esteve em dissuadi-lo da falsa doutrina de Epicuro e de outros filósofos antigos que punham a felicidade da vida no deleite dos sentidos e na inteira satisfação das paixões, ainda as mais grosseiras».

48 «Bastante trabalho havíeis de ter» — lhe disse a princesa — «para o dissuadir dessa opinião. Eu o conheci em Constantinopla desde a sua primeira idade; e meu esposo foi seu companheiro nos divertimentos da puerícia e testemunha de todas as suas inclinações e sistemas: infeliz anúncio de que em um mesmo dia o havia de acompanhar num fim desastrado! Ainda me lembro de uma conversação que tivemos. Ele seguia que os deuses da gentilidade não achavam outra bem-aventurança senão na satisfação das paixões. A mitologia nos faz ver, dizia ele, os amores de Júpiter e de Alcmena, as paixões desenfreadas de Juno, Marte, Vénus e Saturno. Não conhecemos diferença entre os deuses e os homens, senão em que estes podem menos que aqueles dar cumprimento aos seus desejos e por isso gozam de menor felicidade; e assim, não havendo outra bem-aventurança, senão a satisfação das paixões, quanto mais as pudermos satisfazer, tanto mais nos chegamos àquele feliz estado.

Isto lhe ouvi com bastante escândalo da razão; mas a um príncipe mancebo e fogoso e que fala com um tom absoluto, quem ousa contradizer? Nessa idade são os príncipes apaixonados como uma nuvem de trovoada, negra, medonha e cheia de fogo que, se levemente a tocam, lhe disparam um raio e o clarão súbito da chama, em que ardeu, declara depois do estrago a causa dele: mas vós, conde, que dizeis a este sistema de Aleixo?»

49 O conde, pouco coerente, respondeu assim:

«Digo que a experiência é boa testemunha da verdade; e que essa opinião, não obstante ser escandalosa à razão fria de uma senhora bem educada, não deixa de ser seguida da maior parte dos cavalheiros moços, a quem a filosofia não tem desenganado: e se Aleixo tivesse tantos soldados em seu seguimento, como tinha sectários

do seu sistema, teria bastante força para esbulhar o tio do trono que indignamente ocupava».

50 «Eu» — disse Misseno — «de um só argumento me quis valer para o impugnar: vós vereis se é justo. Nós outros, quanto ao corpo, somos semelhantes aos brutos; somos como eles, no uso dos sentidos e na força das paixões, que neles são bem patentes; e se bem reflectimos, ainda os brutos nisto nos excedem muito. Quem pode competir com os ursos na força, com o leão na braveza, com o lince na vista, no olfacto com qualquer perdigueiro? A filomela nos excede na suavidade da voz, os passarinhos na beleza e natural enfeite. Que dama teve jamais a elegância de corpo e o garbo que vemos em uma pomba? Quem igualou a vaidade de um pavão que, com a formosura da sua roda, desafia ao mesmo tempo as flores mais belas dos jardins, a cor encantadora do ouro e o azul admirável dos céus? Quando terão os homens a astúcia de uma raposa e o brio de um ajaezado ginete, a glória de um elefante, a cólera de um tigre e a vingança das onças? Ora, é certo que o gosto e o deleite sempre é à proporção que os sentidos são mais delicados e a paixão mais veemente e vigorosa; por força, logo hão-de ser os brutos mais felizes que nós, se acaso é verdade que no deleite dos sentidos e paixões consiste a felicidade da vida. Será, pois, digno de um homem que faz capricho de o ser (disse eu a Aleixo), será digno de um príncipe o aspirar com a toda a ânsia à felicidade que qualquer cavalo ou um vil jumento possuem? Emudeceu Aleixo e não teve modo para me responder. Vede vós, conde, se vos ocorre alguma resposta».

Calou o conde algum tempo, como quem estava embaraçado; e passado ele, disse:

51 «A resposta que vos dou é que conheço agora a razão por que toda a minha vida tenho sido despedaçado pela cruel fúria da Tristeza. Seguia a opinião do comum e buscava a felicidade pelo caminho que mais me desviava dela. A minha alma, criada sem dúvida para maior bem-aventurança, não se podia contentar com a que só é própria para contentar os brutos: então, experimentava os efeitos deste erro e agora é que conheço a causa».

52 «Eu não a conheci» — diz Misseno — «senão depois que meditei e reflecti muito muito. Eu fazia este argumento comigo: a felicidade do homem deve ser diferente da dos brutos, pois que a sua natureza é tão dissemelhante. Ora, nós só nos diferençamos deles pelo entendimento e pela vontade; logo, só no bom uso destas faculdades espirituais é que pode consistir a nossa felicidade, porquanto, *a felicidade de qualquer cousa consiste em que ela goze do fim para que foi feita*; e do melhor modo que puder neste estado gozar dele. Assim, quando a alma cair no seu centro, para que foi criada, então o entendimento ficará absorto na vista clara da verdade infinita; e, por conseguinte, no conhecimento do nada, que era tudo o que estimava no mundo; e do muito que valia tudo o que na vida temporal podia conduzir a esse estado feliz. Pelo mesmo modo, a vontade (deixai-me dizer assim) ficará santamente embriagada

no abraço eterno da formosura infinita, detestando por conseguinte, com um horror sem aflição, tudo o que na vida tivesse sido desordem e qualquer vício. Este há-de ser o complemento sumo do entendimento e da vontade, com que se há-de satisfazer toda a alma porque, para este fim, é que foi feita. Então o entendimento e vontade serão elevados por uma virtude divina, para poderem chegar de perto a objectos tão altos que são infinitamente superiores à natureza.

53 Isto será então; porém, agora, enquanto a vida mortal nos detém cá no mundo, a nossa possível felicidade, pelo mesmo princípio, consiste em que o entendimento, ilustrado por Deus, o conheça do melhor modo que pode e dele e do mundo faça o conceito merecido: e também consiste em que a nossa vontade, ajudada por superior movimento, o ame, abraçando a virtude, detestando o vício, domando as paixões que nos apartam do nosso último fim; e, estando do modo possível, unida e conforme à divina vontade; porque para este fim é que Deus nos deu o entendimento propenso à verdade e a vontade inclinada ao bem e à virtude. Postos estes princípios sólidos,

54 Vós outros bem vedes que aqui não há nem pode haver dependência dos homens nem da chamada fortuna, pois que só consiste no modo com que cada um deve *discorrer* e deve *obrar*; e assim, se eu *usar bem do meu entendimento* que Deus não deixa de me ilustrar, ele me meterá no caminho da minha felicidade, fazendo o devido conceito de Deus e do mundo; e se *usar bem da minha vontade*, amando com o socorro de Deus a sólida virtude, ela me meterá de posse dessa felicidade que aqui posso ter e da minha firme esperança de outra maior, a que esta me encaminha.

55 Assim, meus filhos, crede-me: os que vivem tristes, uma de duas portas abrem à sua desgraça e aflição: ou erram na ideia que têm de Deus e dos bens e males da vida, ou erram no modo de se servir das suas paixões. Aqui tendes declarado, enfim, em duas palavras, todo o mistério da minha filosofia. Quando me despedi de Aleixo, este conselho lhe dei resumido num só dístico, para que se não esquecesse; e eu vo-lo repito pela mesma razão.

Quem quiser ter a grã felicidade,
Use bem do juízo e da vontade.

Eis aqui descoberto o tesouro que buscais: tesouro da alegria a que nos conduz a verdadeira filosofia; tesouro que eu ignorava, sendo ele a origem de inumeráveis bens; o qual é para quem o quiser, nem eu o escondo a ninguém, porque assim o achei escrito[70]: se o não vedes brilhar com a luz encantadora que esperáveis, não vos desconsoleis; porque o ouro está ainda cheio de terra e os diamantes ainda estão

[70] *Lætatus sum in omnibus, quoniam antecedebat me… Sapientia, et ignorabam quoniam horum omnium mater est, quam… Sine invidia communico, et honestatem illius non abscondo; infinitus enim thesaurus est hominibus.* Sap. 7.12.

brutos: depois que o discurso lapidar uns e bandejar o outro, vereis a sua verdadeira preciosidade. Não vos posso comunicar num instante todas as razões que me convenceram, porque as descobri pouco a pouco; e à proporção que os acontecimentos se variavam, as reflexões me vinham. A minha alma nos trabalhos se instruía e, instruindo-se, se fazia forte para triunfar de tudo: bem como soldado bisonho, que padecendo se exercita e o exercício é que o faz forte e insensível à fadiga e incómodos da guerra, assim foi a continuação dos meus trabalhos e a repetição das lições, que a verdadeira filosofia me tem dado».

56 A isto a princesa respondeu: «Não pretendemos ser instruídos nesta filosofia em uma só palavra, porque as ciências se aprendem pouco a pouco e esta pede mais que nenhuma outra uma série encadeada de verdades importantes. A nossa alma, para se nutrir e fazer forte, não há-de tomar, de uma vez, toda a substância das verdades, mas convém que depois que o entendimento houver bem digerido uma e tirado dela a força de que necessita, então receba as que se seguem. Continuai, pois a vossa história.

FIM DO LIVRO III

Gasp. F. inv. f.

Misseno roubado pelos Salteadores acha a gazalho em. Polibio, Sua mulher, Zefia e Iria Suas filhas. n.º 46.

LIVRO IV

1 «Partiu o príncipe Aleixo para Praga,» — continua Misseno — «em ordem a comunicar com o duque de Suábia o conselho que eu lhe dera; e eu tomei o caminho de Zara, capital da Dalmácia Veneziana, que não fica longe de Trieste. Sabia eu que ainda lá estavam os cavalheiros da cruzada que acabavam de a conquistar da mão dos húngaros para a dar aos venezianos, porque esta havia sido uma parte do preço estipulado pelo transporte da armada até à Terra Santa. Eu, que me queria pôr bem distante da Polónia e do trono que tanto me havia inquietado, tinha o pensamento de me alistar debaixo das bandeiras da religião, para ou acabar os meus dias naquela empresa ou viver desconhecido toda a minha vida em regiões mui distantes. Porém, uma mão incógnita conduzia os meus passos para fim mui diferente.

2 Entrei na cidade, declarei o meu intento e os cavalheiros, vendo em mim aparências de valor, me tratavam com carinho e estimação. Antes, porém, que tomasse a cruz e me alistasse, sucedeu que uma noite, estando em plena assembleia, sobreveio uma chuva tão forte e tão continuada, que se prolongou a conversação muito além do costume. Por casualidade se tratava das desordens da fortuna, matéria vasta, em que cada qual podia dar artigos de acusação contra essa louca divindade.

3 Rolava a conversação de uma a outra parte e todas contavam as suas infelicidades e desgraças, como outras tantas injustiças da fortuna. Estava ali um cavalheiro francês, grande engenheiro, moço de poucos anos, grande viveza e muita graça em tudo quanto dizia. Tinha um jeito particular para morder e criticar e com tanto pico que levava após de si os aplausos dos concorrentes: era o cavaleiro de Neuville. Este havia formado um tal enredo, composto totalmente de desordens e desgraças encadeadas, em todas as qualidades, estados e condições de homens que, na sua opinião, esta fábrica do mundo vinha a ser uma obra a mais enorme e monstruosa que podia imaginar-se[71]. Grafton, cavalheiro inglês, homem já maduro, e que na tomada de Zara havia perdido a vista, estava ao meu lado; e vi que ouvia com suma atenção e silêncio o discurso de Neuville, deixando, porém, escapar um sorriso, mostrou compaixão e desprezo de quem assim discorria. Isto picou notavelmente o francês, que não estava a costumado a semelhantes elogios, e lhe pediu que quisesse declarar diante daquela assembleia o motivo do seu sorriso, ao que Grafton respondeu, mui político e sossegado, dizendo desta maneira:

[71] Parece que se alude aqui ao *Optimismo*, ou le *Candide* de Voltaire, obra de suma impiedade. (Voltaire, *Candide, ou le Optimisme*, 1759).

4 «Não estranheis, amigo, que sejamos tão diferentes nas ideias, como o somos no rosto. A nossa alma, modelada em certo modo pelo cérebro de cada um, segue nos seus pensamentos a mesma diferença dos moldes. Pelo que tendes discorrido, não fica o Autor do universo com muitos créditos de haver feito esta grande obra, em que parecia ter empenhado o seu poder, sabedoria e riqueza. E já vejo que muito melhor mundo poderíamos ter, se quem fez este tivesse a advertência de vos consultar antes de fazê-lo e vos pedisse a planta, porque na verdade é lástima que não fôsseis desse tempo, para lhe ensinar a emendar a sua obra, segundo os vossos ditames. Muito tendes que lhe agradecer o dar-vos juízo claro para conhecer tantos defeitos, quando guardou para si a ignorância que o fez cair neles. Porém, não obstante que vós de comum acordo quereis mandar à escola o Omnipotente, eu tenho mui diferente ideia das suas acções no governo deste mundo. E sigo uma máxima totalmente oposta, que é de certo poeta:

Em sucesso qualquer, seja o caso qual for,
No que Deus por si faz, sempre faz o melhor.»

Alterou-se a assembleia e uns com mofas, outros com ditérios, oprimiam a Grafton, de sorte que nem falar podia. Achava-se ali o famoso doge de Veneza, Henrique Dandol, que era o comandante de toda aquela esquadra[72], homem de mais de oitenta anos, mas de juízo tão seguro, de ânimo e valor tão firme, que juntava com o ardor da mocidade a madureza e experiência dos anos. Este pois não sofrendo a licenciosa liberdade de Neuville e dos outros cavalheiros moços, lhes disse com autoridade:

«Meus cavalheiros, os homens de bom juízo disputam com razões, as mulheres com palavras, os rapazes com mofas. Ouçamos as razões deste cavalheiro e depois vós dareis a vossa; e quem a tiver mais forte, ficará vitorioso.»

Tanto que isto disse, bem como num naufrágio, onde depois de alaridos e gritos confusos, quando a nau vai ao fundo, tudo calou de repente, assim se viu naquela assembleia, porque depois que o doge falou, parecia que ninguém respirava.

5 Então Grafton, com um ar muito sossegado, disse desta maneira:

«Antes que fale no ponto e vos ataque, enquanto o vosso espírito alterado se tranquiliza e dispõe para conhecer verdades delicadas, quero dar-vos contra mim novas armas e contar-vos também um caso funesto que me aconteceu há dias; e de caminho, como todos sois cavalheiros de honra, quero consultar-vos, para saber se me faltaram a ela.

[72] L'Abbé Vertot, *Histoire de Malthe*.

6 Poucos dias há que certo personagem, que dizia ser homem de bem, se ofereceu a guiar-me na escura noite da minha cegueira; mostrou-me grande afecto e chegou a protestar-me que me podia fiar dele, como de meu próprio pai faria. Dei-lhe a mão e sem a menor resistência segui todos os seus passos. Era dia claro, estrada real e caminho sabido: mas teve tal arte para me conduzir, que não sei o como, caí por mil despenhadeiros, fiquei muito magoado e ferido, de sorte que felicidade grande foi não ficar morto; mas o meu condutor não teve o menor perigo e se salvou muito bem: aí tendes mais um crime contra o Autor do universo. Mas o que peço agora é que me digais sinceramente, se devo ter por homem de bem e digno da nossa estimação quem assim me tratou?»

7 «Quem assim obra» — disse o doge, inflamado em cólera — «não sabe que cousa é honra; e tão longe está de ser homem de bem, que nem merece o nome de homem. Se não é louco, eu o tenho por um monstro e, debaixo da figura humana, deve ser algum aborto informe da natureza. Mas deixando esse ponto, que não nos interessa, vamos à nossa questão».

8 «Nela estamos:» — diz o cego — «só me falta saber de vós outros, se o governador de todo o universo será pessoa de bem, se obrará com honra e se eu poderei sem perigo entregar-me a que conduza os meus passos? Ele sabe onde quero ir, ele mesmo mo tem aconselhado: diz que é meu pai e nisso não me engana, porque dele recebi o ser e a vida; manda-me que me fie dele: dizei-me agora, se posso sem perigo fazê-lo?»

Calou um pouco o cego, esperando pela resposta; e vendo que ninguém falava, tomou fogo e prosseguiu, dizendo:

«Ou me haveis de dizer que Deus não tem honra e que é um monstro de crueldade ou haveis de confessar que quando nos deixamos conduzir pela sua Mão paternal, sempre nos há-de levar ao bem».

9 Qual Zéfiro brando que, embalando docemente as árvores de um frondoso bosque, faz sem algum estrondo um surdo sussurro, assim fez em toda aquela assembleia o discurso de Grafton. Mas ele, não perdendo tempo, foi correndo novas lanças aos contrários que começavam a render-se, e dizia assim:

«Grande diferença tem a delicadeza da honra no Ser supremo, da que temos os cavalheiros que fazemos timbre dela. Nós, mortais, umas vezes a ignorância, outras a fraqueza, outras o próprio interesse, talvez nos desculpam de não buscar o *melhor* para os que se nos têm confiado. O desejo que cada qual tem do seu próprio interesse lhe ofusca os olhos para não ver, ou torce o coração para não desejar ou emudece a língua para não dizer. Havendo de escolher o *melhor* para alguém, de ordinário cada um o reserva para si; e fica para os demais o *pior*, porque têm interesse, e não pode ficar para eles o bem, que derem a outrem.

Isto acontece nos homens; mas em Deus, que interesse o pode cegar, se Ele é na sua felicidade infinito? Que ignorância o embaraça? Não saberá pesar tudo, de uma parte e de outra, para escolher o melhor? A fraqueza do braço lhe fará tremer a balança? A confusão do juízo o embaraçará nos caminhos? Quererá ir ao melhor e não atinará com os meios? Que desculpa terá logo o Ser supremo, se dando-lhe eu toda a minha confiança, me não conduzir ao bem e ao *melhor*, ao que me é mais conveniente? Certo estou que muitos de vós por brio e por honra me não conduzireis ao *pior*; e quereis que Deus aí me conduza? Vós talvez que chegásseis a sacrificar ao meu sólido bem os vossos próprios interesses. Tanto fio do vosso coração honrado e quereis que eu finja um Deus menos brioso, menos honrado e bizarro do que vós sois? Não, meus amigos, estou bem certo que nenhum de vós alojará no seu entendimento absurdo tão desmarcado. Eis aqui o fundamento do meu sistema; terei desculpa se erro».

10 O doge, vendo que Grafton calara, pediu a Neuville que quisesse dizer o que lhe parecia sobre aquele ponto, porque toda a assembleia estava interessada nele. O cavalheiro respondeu com mil expressões de política, mas qual astuta e maliciosa serpente que se volve, dobra e revolve, torcendo-se e tomando mil formas se mete por baixo dos pés, para morder com disfarce, assim ele fazia, afectando estar convencido; mas pouco a pouco foi desenvolvendo a ironia, de sorte que não pôde ocultar o veneno.

«Não se pode negar» — dizia — «que é o sumo da perfeição esta infinidade de misérias[73], em que nadamos na vida; que seria do mundo, se não houvesse tantos pobres, mancos e surdos? Ninguém nega que os inumeráveis enfermos e aflitos fazem o mais brilhante ornato desta grande obra de Deus e que a própria miséria nos encanta, que as lágrimas alheias nos consolam, que os repetidos e continuados gemidos fazem sonora harmonia no ânimo de um coração bem formado. Quantas vezes os horrores que a cada passo estamos vendo nos fazem fugir todo o sangue das veias, retirando-se gelado ao abrigo do coração oprimido? Quantas somos obrigados a suspirar pela morte e talvez a procurá-la por meios violentos, por nos ser mais insofrível a vida? Diremos então que este é o primor das obras do Omnipotente? E vós, cavalheiro, deveis render graças a Deus pela vossa cegueira, muito mais que pelo resto dos benefícios que tendes recebido».

Assim falava Neuville: e por este estilo foi encadeando tantos chistes, mofas e piques, já declamando em tom de teatro, já admirando-se e ficando suspenso, já voando com entusiasmo poético a pensamentos aéreos, e isto com tal velocidade e mudança que os ouvidos e o entendimento tinham trabalho em o seguir. A sua

[73] Argumentos tirados de Voltaire no seu *Optimismo*.

eloquência num violento redemoinho, ora se levantava à mais estranha e quimérica metafísica, ora se arrastrava por terra, tropeçando na mais grosseira ignorância: os olhos, as mãos, o corpo, tudo falava; fazia mil perguntas e não dava tempo à resposta, levado de uma torrente que o arrebatava, quebrava a cada passo o fio do discurso e arrombava os diques da política e cortesia: até que numa pequena aberta, que o cego achou, disse aos vizinhos com graça: *Quando parar a tormenta, continuarei a jornada*. Um riso geral interrompeu a Neuville que, sem reparar em nada, ia prosseguindo com fúria: mas informado do que passava, deu lugar a Grafton, o qual, muito sossegado, lhe disse:

11 «Amigo Neuville, como sois um tão insigne engenheiro, não será para vós linguagem estranha, se vos propuser um argumento em tom de geometria, e um desafio bem honrado em todo o rigor da verdade: já sabeis que a matemática é a paixão mimosa dos cegos, porque a sua imaginação abrigada do vento que costuma entrar pelas janelas dos olhos, conserva muito mais facilmente as linhas que o entendimento traçara. E já que me dais em rosto com a minha cegueira, a tomarei por assunto do argumento presente. Levemos pois este ponto num tom bem rigoroso, estilo seco e simples. Ponde-vos forte e negai tudo quanto puderdes; mas requeiro que, como homem de bem, tanto que virdes a verdade diante dos olhos, não lhe haveis de fazer a descortesia de fechar-lhe a porta. Não percamos palavras, que isto é atirar lanças ao vento, nem me aturdais com admirações, nem espantos, nem chistes, porque isso nada conclui. Só vos consinto por resposta um *não* e um *sim*, secos; e veremos o que sai no fim do discurso. Vede se aceitais este duelo».

12 «Não posso deixar de o aceitar,» — disse Neuville — «sendo o mais honrado desafio que jamais tive na vida».

O doge e toda a assembleia estavam alvoroçados; e eu, mais que todos, desejando ver aquele combate. Feito o ajuste e tomados todos por testemunhas ou padrinhos do duelo, disse Grafton desta maneira:

13 «Um espírito inteligente e sábio pode obrar sem ter algum fim, como fazem os tontos?»

«Não» — responde o francês.

«Teve logo Deus algum fim, quando me privou da vista dos olhos?» — disse o cego — «Ora este fim ou foi mau, ou é bom; se foi mau, fez a bondade infinita uma acção cruel e indigna, porque fazer mal só por fazer disso gosto é coisa vilíssima: e se admitis este absurdo, confundis o Omnipotente, o Ser sumamente grande e perfeito com o mais vil homem da plebe. Só os rapazes travessos fazem o seu divertimento de me ver andar marrando com as paredes. Fará Deus outro tanto?

«Não» — disse Neuville.

E replica o cego:

14 «Foi logo algum *bem* esse fim que Deus teve, quando me mandou a cegueira (concedeu-lhe isto o contrário). E foi *bem para mim*» — continua o cego — «aliás se este *bem* o fosse só *para Deus*, assaz pobre seria o Supremo Monarca, pois que para ser feliz em si mesmo, tinha necessidade de me arrancar os olhos: e se isso não lhe foi muito preciso, que cruel tem sido! Pois sem necessidade me fez tanto mal. Haveis logo de conceder-me por força, que quando Deus assim me tratou, foi para *me fazer algum bem*».

Viu-se atacado Neuville; e não lhe ocorrendo resposta, nem querendo ceder, responde com mofa:

15 «Assim é, mas caro vos sairá esse *bem*; não o quisera eu pelo preço!» — disse Grafton muito admirado — «Sabeis logo qual é esse *bem* que Deus me prepara? Não por certo» — lhe responde.

E o cego replica:

«Que novo, e estranho modo de julgar! Falais de um bem, não sabeis que bem seja e achais que é caro! Não o quero pelo preço! Novo modo de pensar. Se o bem que a Suprema inteligência me prepara por este meio tão trabalhoso, não vale o preço que por ele me pede, iníquo será Deus e injusto, pois que me vende um pequeno *bem* por um *mal* muito grande. Ora respondei: tendes por injusto o Ser que é o centro de todas as perfeições possíveis?»

«Não» — responde Neuville.

«Haveis logo de confessar que Deus por este *mal* que me deu, intenta conseguir algum *bem*; que este *bem é para mim*; e que é um *bem muito maior que o mal*, por cujo meio se há-de conseguir. Dizei logo se devo queixar-me; e se posso (sem que a razão clame) duvidar que Deus em tudo, quanto por si mesmo dispõe, *tudo faz por melhor*. Tenho dito, Neuville; acometei-me agora com as mesmas armas, se podeis, que eu pararei vossos golpes: não vos admito outro combate».

16 Viu Neuville a assembleia tão satisfeita e achou-se tão embaraçado para impugnar o inglês da mesma maneira, que só respondeu que cada qual era senhor do seu entendimento para abraçar ou rejeitar o sistema presente e que ele o não impugnava, mas que não o seguia. Grafton, vendo o seu contrário atordoado com o primeiro golpe, quis repetir outros muitos para rendê-lo de todo.

17 «Não confundamos,» — dizia ele, já com um tom mais moderado — «não confundamos, amigo, os que insultam a providência, com os que se rendem a ela. Se Fileno, por exemplo, não cessa de criticar este governo do universo; se em tudo o que Deus tem feito e ordenado acha defeitos e erros; se de tudo murmura Deus para seu castigo se acomoda às suas loucas ideias e então ele é e não Deus quem dispõe e governa. Sendo assim, se Fileno fica perdido, de quem pode queixar-se?

18 Se Cleonte, à força de rogos, está sempre importunando o Governador Supremo; se, não obstante a resistência que em Deus experimenta, ele insta, insiste, teima e quasi que obriga a Deus a condescender com a sua vontade, então Deus irritado o despacha: se depois tudo se perde, de quem pode queixar-se?

19 Se quando a Mão Divina vai traçando nos seus inscrutáveis conselhos a planta da nossa felicidade, nós, imprudentes, em vez de lhe deixar a mão livre, lhe puxamos pelo braço, para que siga o nosso projecto, que risco pode sair? Se quando Deus vai conduzindo sobre as rodas volúveis dos tempos o carro da nossa felicidade futura, nós, atrevidos, lançamos a mão para lhe tomarmos as rédeas, Deus, irritado, as larga e tudo vai segundo o nosso desejo; ao princípio, tudo é gosto, alvoroço e regozijo, mas no melhor da carreira as nossas paixões tomam fogo, levanta-se uma nuvem de pó que tudo ofusca, não se vê o perigo, nem o precipício, o carro tomba, os brutos se espantam, tudo se transtorna, ais, gritos, desgraças é o que se ouve: e de que podem queixar-se?

20 Meus amigos, quando virmos que sucedem desgraças, observemos quem foi o que governou e lhes dirigiu os passos: se foi a criatura, se houve empenho, teima e diligência demasiada, se os meios foram iníquos, enfim, se não foi a natural, e suprema disposição da providência quem nos conduziu a elas, não lhe imputemos o mal, pois que a providência aí não teve acção. Mas se, apesar dos nossos desejos, diligências e rogos, assim Deus o dispôs, se o deixamos dirigir os sucessos, segundo o seu beneplácito, sem o importunar com rogos, nem ofender com desconfianças, nem murmurar contra as suas ideias, seguros e bem seguros podemos estar, que para bem nosso é que Ele o dispôs. Pode ser, cavalheiros, que este sistema vos não agrade. Deixai-o: eu com ele me acomodo e consinto que Deus me conduza pelo caminho que muito quiser e sem réplica obedeço aos movimentos da sua Mão soberana, porquanto estou certo que, indo sempre com Ele, ou seremos ambos felizes, ou Ele comigo será desgraçado; o que é impossível pensar-se».

21 Neste tempo já a surda aprovação de toda a assembleia começava a declarar-se, de maneira que o doge, sendo já muito tarde, se levantou a abraçar ao cego, e todos os cavalheiros o seguiram; queria-se distinguir por uma política bem fria o seu contrário Neuville, o qual desejava por este modo recolher as palavras que, imprudente, dissera; mas não acertando com interpretação verosímil, se desfazia em cumprimentos. O doge então nos convidou, e a mim particularmente, para ir no dia seguinte jantar a bordo, dizendo que tinha comigo negócio importante. Deixei que todos saíssem e fiquei conversando com Grafton, a quem não podia assaz explicar quanto o seu discurso me agradara e quanto eu esperava que me fosse útil no princípio de uma cega carreira que empreendia. Disse-lhe em poucas palavras a minha situação, sem lhe declarar o meu nascimento; e ele, enternecido,

me prometeu ajudar com todas as reflexões que a ociosidade dos olhos lhe tinha procurado.

22 «Como não posso olhar para os outros,» — me dizia — «olho para mim mesmo; e no espelho da reflexão me estou sempre mirando e remirando, para compor a minha alma; e assim conheço que, quando eu tinha a minha vista, era mais cego do que agora sou: então nem tinha a justa ideia da providência, nem dos bens e males da vida: ideias de suma importância e de que depende essencialmente a felicidade do homem. Ideias que merecem toda a atenção de quem quer ser feliz; e em que vós deveis sempre estudar, se é que o desejais ser. Eu sou agora como o boi descansado que remói às escuras o que pastou no claro dia, donde vem que o meu entendimento faz melhor digestão, faz mais puro quilo e sangue mais perfeito para nutrir a minha alma. Porém, falaremos mais devagar» — me disse — «a noite está muito avançada, forçoso é separar-nos».

Fi-lo com saudade, prometendo-lhe de o buscar no dia seguinte para ir a bordo do comandante».

23 Então a princesa, não podendo reprimir mais tempo o ímpeto da sua admiração, lhe disse:

«Esta ideia da providência é ao mesmo tempo a mais digna de Deus e a mais própria para nos consolar em todos os trabalhos da vida. Tudo o que eu nesta matéria tinha ouvido me parecem agora palavras que se soltam ao vento, que só podem dar uma consolação imaginária; mas o discurso de Grafton é, para mim, um bálsamo verdadeiro, com o qual sinto as feridas do meu coração consoladas e espero que mas cure de todo».

A que Misseno respondeu que ainda se confirmaria mais nesse pensamento, se soubesse tudo o que Grafton havia acrescentado no seguinte dia, enquanto iam buscando a nau do comandante.

24 «Dava gosto» — dizia — «vê-lo disputar depois da vitória. Parecia-me estar vendo um leão valente no meio do anfiteatro, o qual, depois de destroçar todas as outras feras que haviam tido o atrevimento de resistir-lhe, achando-se vitorioso e com ambição de nova glória, sem achar competidores, dá bramidos, desafia os ares, sacode a dourada juba e levantando-se sobre os pés, joga com as cruéis garras, ameaçando os ventos; assim me parecia o cego. «Crede, amigo, (me dizia ele, apertando-me fortemente o braço) que é loucura grande querer cada qual dirigir o caminho da sua própria felicidade. Sabei que a região do futuro, para onde vamos caminhando, de noite e de dia, sem jamais parar na carreira, é sumamente escura e não há vista que alcance lá: por isso, a cada passo topamos de repente com o que não esperávamos; outras vezes, vamos a pegar do que imaginávamos junto a nós e nos achamos em vão. Ora, nesta escuríssima incerteza, por entre mil perigos que

não vejo, cercado de um nevoeiro espesso, que ainda mais me ofusca, quem quererá sem nota de temerário conduzir o carro em que vai toda a sua felicidade? Não será muito melhor consentir que o governe, quem sabe ver na escuridade do futuro e com tanta clareza, como no passado e no presente? Amigo, tomai o meu exemplo, e deixai-vos inteiramente governar pela suprema providência. Seja embora Grafton cego, mas não seja temerário para perder-se».

25 Nisto chegámos a bordo e nos veio receber o comandante com os principais capitães daquela esquadra. Seguiu-se um banquete esplêndido e depois de várias conversações, o doge nos chamou a conselho para nos ler uma carta do príncipe Aleixo, na qual solicitava os cavalheiros da cruzada a que quisessem dar-lhe socorro para lançar fora do trono de Constantinopla seu tio Aleixo e restituir Isaac Lange; oferecendo-lhes em recompensa que ele depois de deixar a coroa segura na cabeça de seu pai, iria em pessoa, com todo o poder dos gregos, a ajudá-los na conquista da Terra Santa; e no fim acrescentava que podia conferir este negócio com um cavalheiro polaco que se achava em Zara, o qual era intérprete do seu coração e que aceitaria todas as condições desta empresa que ele julgasse convenientes. Isto escrevia o príncipe, porque eu lhe havia lembrado este pensamento. Lida que foi a carta, me perguntou o doge se eu estava informado do negócio, a que respondi, expondo-lhe as grandes conveniências que podiam resultar aos cavalheiros, se entrassem naquela empresa; e lhes disse nesta substância:

26 «Nada pode, cavalheiros, estimular tanto o desejo da glória, como dar impérios e abater tiranos; e para isso jamais houve ocasião tão favorável como a presente, porquanto quasi sem desembainhar a espada, podeis conseguir uma e outra cousa, só com vos apresentar diante de Constantinopla, levando convosco o príncipe Aleixo. O vosso nome tem cheio de medo e de espanto a todo o oriente, de estimação e de respeito a Grécia e o Ponto. Dos altos torreões de Constantinopla ainda se vêem fumegar os passados estragos da Síria e desde a Antioquia até o Egipto, vós sabeis que não há quem não trema só com ouvir o nome da cruzada. Como não tremerá pois o tirano, vendo que todo o vosso poder vai a cair como um raio sobre a sua cabeça? Crede que não ousará aparar nela o golpe e que a sua fugida (único asilo dos fracos) vos dará uma importante vitória, sem o menor combate. Ainda sem vos ver, sabei que o seu mesmo crime basta para o inquietar; o ódio, que conhece nos vassalos, o intimida, e a tomada de Zara o tem assustado. Treme só considerando que a Alemanha dê socorro ao sobrinho: vede que fará, quando vir que a flor de toda a Europa se junta para ajudá-lo? Sem dúvida que, aturdido, não atinará a fazer a menor resistência, e sem o menor combate, vos cederá a vitória.

27 Mas quando queira resistir, que forças tem um tirano aborrecido dos seus e perseguido pelos estranhos? Quantos soldados tem, tantos inimigos deve contar, porque os gregos nada desejam com maior ânsia que pôr no trono o seu legítimo soberano e arrastar, se pudessem, um monstro de crueldade que assim os tem tiranizado. Quem a seu próprio irmão chegou a arrancar os olhos, vede o que terá feito na força de seu furor aos pobres vassalos, a quem considera como se fossem brutos.

28 Mas quando vós, meus cavalheiros, não sejais sensíveis à glória que nesta empresa se vos prepara; quando vos tenhais consagrado unicamente aos interesses da religião, sabei que não podereis dirigir os vossos passos com mais segura prudência ao fim destinado, do que pelo meio que este príncipe vos oferece. Quem ignora que a falsa política dos emperadores de Constantinopla tem sido, desde Manuel Comneno até agora, o mais terrível escolho, em que tem topado e se têm perdido as forças da cristandade reunidas nas repetidas cruzadas? Toda a Ásia estaria já conquistada, se estes emperadores facilitassem o passo às tropas da Europa, que ali vinham passar o estreito. Porém, agora, este novo emperador, tomando a cruz com toda a flor do seu império, pode acometer o Egipto, para fazer diversão ao terrível Saladino, enquanto vós, com todos os príncipes latinos que estão espalhados pela Síria, reduzis toda esta região ao império da cruz. As tropas da Alemanha, da Suécia, da Hungria, da Polónia que sucessivamente vêm descendo para socorrer os cavalheiros que militam na Palestina, desde agora terão o passo franco; e sem perder tempo nas voltas que lhes são indispensáveis para buscar porto de mar oportuno, sem se verem expostas ao capricho dos mares e à inconstância dos ventos vos poderão dar o socorro no momento preciso. Que tempo se não perde, que despesas se não fazem, que embaraços se não encontram nos transportes marítimos? E agora uma perpétua aliança vos abre para sempre a porta e assegura o passo.

29 Nem vos pareça que esta empresa vos retarda o glorioso fim do vosso destino, porque mais vencem as forças reunidas em um dia que dispersas em um ano; e quando teve Saladino forças para resistir a toda a Europa junta? Além de que estou persuadido que o mesmo sultão do Egipto temerá o castigo da sua usurpação tirânica, vendo tão severamente castigado ao seu vizinho por semelhante crime, porque, enfim, as armas costumadas a expulsar tiranos são mui formidáveis a quem injustamente ocupa o trono.

30 Demais: que se contra o sultão do Egipto e Palestina tendes a esperança no céu, bem podeis esperar o seu socorro também contra o tirano de Constantinopla, porque se o zelo da propagação da fé é agradável ao céu, não lhe será menos a protecção da inocência. Castigar a injustiça é fazer na terra as vezes do Ser supremo e nenhuma vitória será mais agradável ao Deus dos exércitos, do que a cabeça de

um ímpio que ousou levantar a mão contra o seu legítimo soberano, precipitá-lo do trono, fechá-lo numa masmorra; e (o que se não pode dizer sem horror) sendo seu próprio irmão, arrancar-lhe os olhos. Eu creio que no tribunal supremo este monstro é mais abominável do que os ímpios que, na Terra Santa, oprimem os cristãos, porque ignoram a Cristo. A mesma lei celeste, que ordena o culto de Deus na cruz, manda a obediência aos príncipes no trono e assaz ultraja a nossa religião quem ofende as leis da justiça e chega a quebrar os foros da humanidade. Justo é logo que um mesmo zelo vos inflame para a defensa das leis do céu e que, com o mesmo furor sagrado, abatais ambos os tiranos, o de Jerusalém e o de Constantinopla, pois que igualmente têm ultrajado a Deus e escandalizado o mundo. Isto disse eu; e fazendo um cumprimento político, lhes deixei que resolvessem o que lhes parecesse mais acertado.

31 O doge me ouviu atentamente; e os cavalheiros que lhe assistiam estavam suspensos, esperando a sua resposta como de oráculo, e queriam penetrar pelo semblante os pensamentos da sua alma. Mas não era o negócio tão leve que pudesse ser resolvido num momento; e o comandante respondeu que me daria parte da resolução que o conselho de guerra julgasse mais a propósito; ao que eu acrescentei que a resposta devia ser mandada ao príncipe Aleixo, porque não tendo eu a honra de ser seu embaixador, só a tinha de me interessar no cumprimento de seus desejos: e, deste modo, me despedi com o meu cego, de quem fui inseparável companheiro, enquanto ali estive. Mas ficareis admirados do como ele me tratou no dia seguinte. Confesso-vos que dele aprendi muito e que as luzes do seu entendimento eram mui superiores às minhas.

32 «Cavalheiro, quem quer que sois,» — me disse ele — «permiti-me que vos fale como amigo e que sem uma falsa política vos declare o meu pensamento, ainda que seja contrário ao vosso. Ambos desejamos o bem e ambos amamos a verdade pura; assim nenhuma prova melhor podemos dar disso, do que avisar-nos mutuamente, quando nos desviarmos do nosso fim. Esta expedição a Constantinopla que, por um lado, vós credes ser conducente à religião, à honra e aos interesses da cruzada e, por outro, ao bem do príncipe Aleixo e de seu infeliz pai, se bem reflectimos, pode não ser conveniente. Nem tudo o que nos parece melhor, o é na realidade. E por uma vez que acertamos nos nossos juízos, erramos muito mais: dai-me atenção.

33 As armas da cruzada, meu amigo, não devem empregar-se contra os que adoram a cruz: nem os gregos são inimigos dos latinos, são seus irmãos; e como será louvável voltar contra os nossos próprios irmãos, e irmãos inocentes, as armas desembainhadas contra os inimigos comuns? Se os gregos impedissem esta cruzada, como noutros tempos têm feito, desculpa teriam as nossas armas, se os acometessem; mas que impedimento nos fazem esses povos agora, quando calcamos os mares

que nos facilitam o caminho? Confesso que a tirania do emperador intruso merece castigo; mas quem nos deu a nós autoridade para castigar a quem não é nem nosso súbdito, nem inimigo nosso? Só o céu é que deve tomar vingança dos soberanos, quando eles chegam a ofendê-lo.

34 Demais: se o zelo e amor da justiça vos inflama, deixai que o céu irritado contra Isaac Lange lhe faça conhecer na prisão os seus crimes. Vós talvez ignorais a inaudita sevícia desse monarca preso. Não sabeis que, para subir ao trono (que não era seu), fez degraus da injustiça, da violência, da falsa fé e da desumanidade, lançando fora a Andrónico, que reinava legitimamente? Eu não louvo a Andrónico, sei que ele fez perecer secretamente seu sobrinho e pupilo, filho do defunto imperador Manuel Comneno, de quem era o trono. Confesso que ele foi o primeiro que manchou de sangue este infelicíssimo ceptro de Constantinopla; porém, uma vez morto o único filho do emperador Comneno, ficou Andrónico sendo ligítimo herdeiro da coroa. O seu sangue lhe dava o ceptro, posto que com o sangue do sobrinho o manchara; e com mãos injustas pôs na cabeça a coroa que a justiça, depois do crime, confirmou nela. O mesmo Isaac Lange lhe jurou vassalagem e, pondo a mão sobre os livros santos, protestou curvar sempre o joelho diante daquele a quem depois veio a arrastar pelas ruas, com a maior sevícia.

35 De todos os monstros que, até então, o inferno havia mandado ao mundo, nenhum igualou a Isaac Lange na crueldade com que fez perecer Andrónico nos mais inauditos tormentos. O céu o viu e foi testemunha; agora ele é seu juiz. Eis aqui o direito que Isaac Lange teve ao trono de Constantinopla; e eis aqui as virtudes, por onde o tem merecido; e quereis impedir que o céu o castigue? Deus sabe servir-se de um malvado para punição de outro: Andrónico tirou a vida a seu sobrinho, filho de Manuel Comneno, e isto foi castigo do que seu pai nos fizera, fazendo morrer as tropas da cruzada com água envenenada[74]. Isaac Lange puniu a Andrónico; Aleixo castigou a Isaac Lange; e se o príncipe desterrado expulsar ao tio do trono, isto lhe servirá de castigo; mas talvez que pelos tempos adiante lhe farão outro tanto a ele».

36 «Bom profeta foi o cego» — interrompeu neste momento a princesa —«porquanto não foi Nicolau Canabé, meu esposo, o autor da sua desgraça: foram os crimes desse príncipe as tiranias que usou, depois que os cavalheiros da cruzada o restituíram ao trono, as que irritaram o céu, e a terra. Nicolau Canabé não subiu ao trono impuro, senão pelos próprios merecimentos e aclamações do povo. Ah! e se não fosse o infame Murzulfe, quem não teria agora inveja à felicidade de Constantinopla, tendo no trono um príncipe virtuoso, cheio de clemência e amante da

[74] L'Abbé Vertot, *Histoire de Malthe.*

paz. Mas desculpai-me o interromper-vos, Misseno, porque quando o coração está ferido, se lhe tocam, não pode deixar de sentir-se. Continuai, pois, e dizei o que passastes com o cego».

37 «Tudo quanto ele me disse, senhora, achei que era fruto de sua reflexão madura e de grande prudência. «Confesso» — dizia o cego — «que no príncipe Aleixo o amor paterno o obriga a buscar todos os meios para restituir seu pai ao trono. Faz bem, porque é filho ofendido; porém, nós não o somos. Concordo convosco, que aos cavalheiros será mui fácil sair triunfantes desta empresa, porque o crime do tirano intruso clama ao céu por castigo; mas quem nos deu autoridade para lho dar? Se a cada qual é permitido sair pelo mundo a punir criminosos, que confusão, que anarquia, que horrores não veríamos a cada passo, fazendo-se cada um por sua própria autoridade juiz de todos os outros? Amigo, deixai esta empresa ao curso da providência, a qual obra sempre com acerto, com justiça, e com segurança. Não confundais trabalhos com infelicidades e sabei que somos muitas vezes felices, porque padecemos trabalhos. Talvez que Isaac Lange, no cárcere, será menos infeliz que sobre o trono; e que o príncipe Aleixo, desterrado, será mais ditoso, do que empunhando o ceptro, porquanto *os trabalhos são quasi a única medicina que ou os cura ou nos preserva do crime*; ora crede, que *só o crime é que nos pode fazer infelices*; emendemos os nossos, e não nos embaracemos com os alheios, e seremos verdadeiramente ditosos». Assim rematou Grafton a sua repreensão, depois da qual falámos em outras matérias diferentes, e se retirou, deixando-me bem confuso do que havia feito, sem poder tirar da memória aquelas palavras: *Os trabalhos são a medicina que ou nos cura ou nos preserva do crime; e só o crime é que nos pode fazer infelices*. E esta máxima, que eu volvi, e revolvi mil vezes no meu entendimento, me serviu de muito no caminho por onde achei a minha felicidade».

38 O conde, que até então havia escutado a Misseno com atenção suma, ouvindo agora uma máxima tão contrária às que até então seguia, foi obrigado a expor a sua grande dificuldade:

39 «Não se pode negar» — dizia — «que a doutrina de Grafton parece boa; mas a natureza tem horror a tudo o que é aflição e moléstia; e não entendo como nos possa consolar, num mal presente, a esperança incerta de um bem futuro. Buscar a felicidade da vida e começar pelos trabalhos e desgostos é o mesmo que descer aos abismos, querendo subir ao Olimpo».

Isto disse o conde; e levantando-se com um ar impaciente, um tanto misturado de desprezo, queria cortar a conversação. A irmã porém, que a julgava mui importante a ambos, o serenou com graça e lhe disse com um modo carinhoso e eficaz:

40 «Não é tão nova, meu querido irmão, esta filosofia, como talvez vos parece; e nós a cada passo a vemos praticada. Dizei-me: quando se conseguiu um grande

bem, sem muito trabalho e fadiga? Ora, isto na realidade é um mal: porém, este mal pequeno serve para impedir outro maior, e assim ver a ser um grande bem. Quando se curou uma enfermidade, sem remédios desagradáveis e custosos? Estes são um *mal*, mas livrando de outro maior, vêm a ser um *bem*. Deixai-me valer de um argumento próprio do meu sexo, e de que vós fostes testemunhas há três dias.

41 Quando eu tinha recostado no peito o meu filho, e vosso afilhado, apenas pelo calor que senti no seio, conheci a febre ardente do menino. Que é o que fiz? Pronta me levanto, viva, diligente, resoluta acudo à sangria, porque a febre do meu amor não me consentia demora. Eu mesma segurei no colo o meu rico filho, filho mimoso; e mostrando a face enxuta e o coração seco, o ofereci ao ferro. O menino apenas viu que o carrancudo barbeiro tirava a lanceta para o ferir, que é o que não fez para evitar o tormento? Clama, chora, grita, volta-se de mil maneiras em um pranto desfeito; e eu insensível. O inocente não sabia o que fizesse; o nome de mãe era a sua maior defensa, e em mim esperava ter o seu asilo; mas pelo contrário via que lágrimas, choros, carinhos, tudo era perdido e que jamais havia encontrado em mim rigor semelhante. Entretanto, eu violentando-me, afectava um coração de ferro e afogava os soluços no peito; tanto assim, que eu com a própria mão estendia o bracinho tenro para o ver traspassar com o ferro; e só quando vi derramar o sangue do meu caro filho, só então é que respirei; só então teve sossego o meu coração, que estava bem despedaçado por haver lutado com a razão. Ora dizei: Não foi isto amor? Pois assim fará Deus com seus filhos, quando vê que os seus vícios necessitam de cura».

42 «Ah, que dizeis bem senhora.» — acudiu Misseno — «A nossa natureza está muito enferma, necessita de ferro e de sangue: além disso somos meninos e não sabemos mais do que uma criança o que nos faz bem ou o que nos seja nocivo. Convém absolutamente que a suprema providência, como mãe universal, nos dê à força o remédio, obrigando-nos com crueldade pia a derramar lágrimas e a chorar sangue.

43 Meus filhos, crede que muito mais deve cuidar em nós a providência, do que cuida no seu filho tenro qualquer mãe amorosa, porque nós mais somos de Deus, Autor do nosso ser, que dos pais, que somente foram os instrumentos. A Mão todo-poderosa foi quem tirou do insondável abismo do nada este espírito que nos anima; e ela foi quem por uma série de maravilhas encadeadas e até agora incompreensíveis aos maiores sábios do mundo, coordenou os órgãos do nosso corpo e formou estes membros de que gozamos. O seu poder nos protege, a sua força nos sustenta, a sua lei nos guia, a sua beneficência nos favorece, a sua liberdade nos regala. E credes que se nos entregarmos, a sua providência se descuide?

44 Pelo menos eu, desde esse dia, persuadido pelo cego, me deixei governar pela providência com grande confiança: e bem arrependido do conselho que havia

dado, escrevi ao príncipe Aleixo e ao doge que por motivos particulares não me alistava na cruzada. E despedindo-me de Grafton, me embrenhei pelo interior daqueles estados, fugindo do tumulto das armas e do das cortes. Atravessei toda a Dalmácia, passei a Sérvia, entrei na România, e lá escondido da parte do Norte pelas montanhas do Filipópoli, pelo Sul das montanhas, que chamam *Costenhas*, vivi bem sossegado. Passeava, meditando e reflectindo, sendo o meu passeio costumado pelas ribeiras do Marisa[75], que ali não é mui caudaloso, mas que sabe compensar com o delicioso e agradável da sua corrente o que lhe falta de magnificência estrondosa. Andando, pois, passeando, sucedeu que por infelicidade minha, por entre os disfarces de caçador, ainda brilhavam alguns sinais do meu nascimento; eis que uma tropa de salteadores me cerca de repente. Vedes vós uma grande matilha de cães, quando acham no mato alguma presa gostosa? Um lhe pega de um lado, o outro a morde pelo outro, são poucos os pêlos para as bocas que pretendem despedaçá-la, de forma que mutuamente se impedem e embaraçam: os latidos bastam para aturdi-la, os encontros a derrubam, os dentes a arrastam, sem que a pobre presa possa respirar: pois assim me vi eu no meio dos bandoleiros, não sendo presa insípida para dentes tão afaimados. Despiram-me de todo e só me deram um velho trapo, com que se remediava a decência. Bem precisa me foi neste lance toda a doutrina da filosofia, pois o sangue me fervia e a novidade e estranheza do sucesso muito mais me abalava. Mas segurando com ambas as mãos o meu coração alterado, pouco a pouco o reduzi a estado de escutar as vozes do meu entendimento, que lhe repetia a doutrina do cego. Com ela a minha alma foi entrando num doce descanso, com o que a passada febre parou e me achei em sossego. Isto é para meu bem (me dizia eu): governe quem sabe governar, quem pode e quem deseja conduzir-me à minha felicidade. Isto repetia eu sem cessar toda essa tarde; e me achei com nova alegria, e um jamais conhecido descanso neste inopinado sucesso, de sorte que me admirava de mim; e sem saber onde ia, caminhava para onde os passos incertos me levavam.

45 Eis que vejo um casal ao longe e um venerando velho sentado fora da porta, o qual ao cair do sol estava esperando que as suas ovelhas entrassem. Falou por mim a minha figura antes que eu falasse; e foi tal a impressão que fez no bom velho, que forcejando duas vezes sobre o curvo cajado e duas vezes sendo inútil o seu esforço, da terceira vez enfim pôde levantar-se; e tropeçando nos seus anos, com as mãos trémulas e os braços abertos, me veio abraçar ao caminho. Não pôde impedir as lágrimas, vendo-me naquele estado, nem eu de ternura pude conter as minhas.

[75] O *Mariza* é um rio na România ou Romélia, que tendo a origem na cordilheira das Costenhas, passa por Filipópoli, e Adrianópolis, Trajanópoli, e vindo do Norte se lança no arquipélago abaixo do estreito dos Dardanelos.

Sem dizer palavra, ambos nos abraçámos, porque não era preciso que a língua tivesse uso, quando os olhos falavam. Saiu depois a mulher e duas filhas a rodear-me enternecidas e em um momento me vi coberto e vestido como pastor, consolado com o fogo e regalado com os mimos que oferecia o campo. Qual me pergunta, quem sou; qual com indignação quer saber em que parte me assaltaram os ladrões; mas Políbio (este era o nome do velho) com poucas palavras os satisfaz, dizendo: «Não depende, meus filhos, da qualidade do sujeito, nem do conhecimento dos seus inimigos o bem de que ele necessita; fazei-lhe o que puderdes, e o que desejaríeis encontrar, se vos vísseis em semelhante caso: e quanto a mim, meu filho, podeis estar seguro, que enquanto quiserdes, tereis aqui uma cabana, neste velho um pai, nestes meus filhos irmãos. Basta o ver-vos, o meu ânimo se enternece, a minha alma se vos inclina; e não si porquê, mas o meu coração vos ama».

46 Não vos sei dizer o abalo que fez em mim esta fala de Políbio. Estava até então costumado a ver os homens, mas olhava-os sempre com aquele ar sobranceiro que o trono infelizmente inspira; mas desde este momento comecei a vê-los em outra posição mui diferente, conhecendo-os muito acima de mim; e achei esta acção verdadeiramente grande e aquele coração nobre. Corri ligeiramente pela minha memória, como bastidores de teatro, as acções da minha vida passada, quando eu olhava para os miseráveis, como animais de outra espécie, tendo deles menos compaixão, que dos meus cavalos e cães que me serviam na caça; e achei-me tão pequeno em comparação de Políbio, achei-me tão pouco homem, que de confusão me vinham as lágrimas aos olhos e o sangue às faces. Então, politicamente, lhe disse que quando a necessidade me não obrigasse, só o ver o ânimo sincero e generoso com que me queria receber, não me conhecendo, me obrigava a aceitar o seu favor.

«Chamaste-me *filho,*» — lhe disse — «eu o serei no amor; porém, no serviço, *criado,* e *escravo* no rendimento. Não cuidei que a ocupação de pastor podia dar ao coração do homem tão nobres afectos: e desde hoje a abraço e vos seguro que prefiro o cajado a tudo e até ao ceptro, pois que este nos inspira muitas vezes a ambição, a injustiça, a desumanidade; e vos afirmo que se hoje me oferecessem a púrpura mais brilhante, eu a desprezaria pelo surrão de que me vejo vestido. Vós não me conheceis e me amais; e eu vos protesto que vos não arrependereis do amor que me tendes».

Seguiu-se a esta resposta o ver-me de novo abraçado por toda a família junta; e as lágrimas misturadas com o regozijo se viam nos rostos de todos. No dia seguinte tomei o cajado e segui as ovelhas para o campo».

47 «E o príncipe herdeiro da Polónia» — interrompeu a princesa — «se viu pegureiro de ovelhas! Ah, meu Deus, que é preciso ter um coração bem forte para resistir a um semelhante encontro!».

48 «Crede, senhora,» — replicou Misseno — «que esta ocupação me foi de utilidade suma. Lá subindo aos montes ou descendo às ribeiras da Marisa, conversava com os rochedos e com as águas, como aqui faço; e nesta muda conversação aprendi as máximas que mais me têm servido, e servirão nesta vida para ser verdadeiramente feliz. Então é que reflecti sobre os bens, e males da vida e vim a conhecer que quasi sempre andam os nomes trocados: vi que chamam *bem* ao que é grande *mal*; e *males*, ao que nos é de grande *ventura*. Dou-vos por testemunha o Tempo e a Razão. Se tendes a paciência de me ouvir, espero que concordareis comigo».

FIM DO LIVRO IV

Gaspar Fvis M. inv. esc.
Aleixo Consulta osfeiticeiros naCova Subterranea Sacrificando aoIdolo para Saber quem promove a empreza da Sua espulçaõ do Throno. nº. 37.

LIVRO V

1 O conde não podia tornar em si do espanto que lhe causava a narração de Misseno. O respeito devido à sua pessoa o detinha, se o queria suspeitar encarecido, mas a contradição das suas máximas, com o que o conde em si sentia, lhe embaraçava o acreditá-lo. Deste modo, lutando consigo mesmo, quanto mais disputava no interior tanto maior silêncio guardava na língua; e assim, mudo e imóvel, estava escutando. A irmã, porém, querendo conhecer as feridas do coração do conde para lhes dar remédio, as tenteava com frequentes perguntas, obrigando-o a declarar o seu conceito; o que ele fez deste modo, com um ar impaciente:

2 «Não posso dizer-vos nada, quando o meu entendimento se acha confuso. A diferença, senhor, entre a vossa pessoa e esse estado em que vos víeis, pouco diferente do em que vós vedes agora, é capaz de fazer perder o juízo a quem se deixasse levar do discurso. Eu não sei o que vos diga; sei que em tudo há mistérios e a vossa vida é para mim um dos maiores».

3 «Muito havíeis de gostar» — disse Misseno — «de falar com o meu bom velho Políbio porque, enquanto a isto, o acharíeis inteiramente conforme convosco. Supunha ele que eu vivia interiormente mui aflito e que, quando saía com as ovelhas para o campo, só era para desafogar a minha pena entre os rochedos e bosques. Esquecia-me o dizer-vos que eu lhe havia declarado parte dos meus segredos, porque julguei ser indigno de um homem de bem o encobrir-me de todo a quem todo o seu coração me abria. Disse-lhe que antecedentemente havia servido nas tropas e comandado em chefe os exércitos, cargo que el-rei Mieceslau me dera pela segunda vez que subiu ao trono (não lhe declarei porém o meu nascimento), acrescentando que razões muito fortes me haviam obrigado a sair da pátria desconhecido. Ele também havia servido nos exércitos do emperador Manuel Comneno; e depois de muitos anos de serviço, e não poucos de idade, se retirara a viver nas suas fazendas, que fazia cultivar pelos seus criados e filhos, querendo-os, por este modo, fazer felices, mais com a abundância e simplicidade rústica, que com o luxo e ambição da corte.

4 Como ambos éramos militares, já vedes que nos devíamos entreter mui frequentemente com os sucessos da guerra. Ele ainda conhecia em mim o espírito marcial e, vendo-me pastor de ovelhas, não podia compreender que vivesse contente e satisfeito».

5 «Na verdade, senhor,» — diz a princesa — «que razão tinha Políbio, porque, quanto a mim, não há, nem pode haver no mundo cousa que mais lisonjeie a vaidade do coração humano que a glória, o respeito e estimação devida a um general em chefe: e se havemos de falar ingenuamente, creio que excede a glória dos mesmos soberanos. Como nós ambos o fomos, podemos confessá-lo sem receio: os monarcas

estão obrigados a inclinar em certo modo o ceptro e abaixar um tanto a coroa, para que eles lha segurem na cabeça, quando lhes vai a cair; e nos braços de um general é que pode repousar um soberano para dormir descansado. Mais vivos se conservam nos anais da posteridade os nomes dos grandes generais que o dos soberanos que não ajuntaram a espada com o ceptro. Vós porém, senhor, que juntastes uma com outra glória, viveis agora contente? E contente vivíeis então, guardando quatro ovelhas num monte? E isto depois de ver dobrar diante de vós o joelho todos os exércitos e todos os povos de tão vastos estados! Digo, como meu irmão, que a vossa vida é para nós um verdadeiro mistério.»

6 «Eu vo-lo explico.» — disse Misseno — «Os bens e os males da vida, sabei que andam com os nomes trocados. Este é o fruto das reflexões maduras e descansadas que eu fazia nas ribeiras do Marisa, enquanto as ovelhas pasciam. Far-vos-ei agora o mesmo paralelo, que então fazia a Políbio, quando nisso falávamos. Como nem ele, nem vós, meu filho (posto que servistes na guerra), jamais ocupastes o posto supremo, não conheceis os famosos capitães, senão pelos ver pintados na história com todos os penachos poéticos e ornatos fabulosos da lisonja e da mentira. Eu, porém, posso dizer-vos o que passa num e noutro estado, porque de ambos tinha experiência. Eu vo-los ponho diante dos olhos como eles na realidade são; e vós sereis os juízes para dizer qual fica mais perto, qual mais longe da felicidade da vida.

7 Comecemos pela independência, a qual eu reputo pela base de toda a humana grandeza. Que doce e suave é a independência de um pastor na sua cabana, lá retirado nos montes! Ele pode dizer, em certo modo, que é senhor absoluto e que abaixo de Deus não reconhece superior em toda a face da terra. A lã do seu gado o veste, o seu leite o sustenta, nada mais apetece, nada lhe falta.

8 Por outra parte, que indispensável, que continuada e que servil é a dependência de um guerreiro, se chega a ser general em chefe! Primeiramente, para fugir a esse posto, quantas genuflexões lhe foram precisas, até talvez se arrastar indignamente por terra? Depois que pôde subir e lá finalmente chegar, que fina política, que adulações e lisonjas, que condescendências vis, que apertados garrotes da sua consciência e da honra, lhe são necessários para não cair dele? Se a ocasião se oferece de sair à campanha, de quem não depende este grande guerreiro? Depende do soberano ausente; mas esta dependência não é pesada, porque é justa e precisa; depende do conselho e do gabinete; depende de pessoas que, passando dos leitos moles de pluma aos teatros do amor e da vaidade, querem de lá governar o sangue alheio: depende de pessoas que, saindo dos braços encantadores do sono ou dos das sereias que embebedam com o gosto e com o deleite, vão decidir sem embaraço e com o sangue-frio sobre os assaltos e brechas, sobre feridas e estragos, sobre perigos, horrores e mortes. Depende dos subalternos que estão à espera, para aproveitar a menor ocasião de o arruinar, porque muitas batalhas se têm perdido só pela malícia e má vontade dos

inimigos internos que não duvidam sacrificar à sua paixão o bem público, a honra do soberano, o sangue dos seus compatriotas, a vida dos seus parentes e a destruição da sua pátria. Depende mais o general dos seus soldados e do terreno; depende dos tempos e das borrascas; depende dos correios e das espias, gente mentirosa, venal e astuta; gente que, se não tem estas qualidades, não vale de nada; e se as tem, deve temer-se. Depende da perfídia de muitos que, se com dinheiro os compramos, pelo dinheiro nos vendem; depende enfim da cega fortuna que, sem razão nem motivo, dá ou arranca da mão a palma da vitória. Ora a tanta dependência podemos sem injúria da razão chamar verdadeira grandeza?

9 Toca nos montes o pastor a sua frauta e tudo se alegra; ao som dela, as serranas enfeitadas vêm dançando, respondendo a uma alegria com outra. O guerreiro, porém, faz soar a horríssona trombeta e tudo se assusta; os rochedos e montes sacudindo de si o som funesto o mandam de uns vales a outros; e, por toda a parte, se vão anunciando horrores, estragos e mortes. Qual é mais feliz?

10 Quando o pastor canta, nada lhe perturba, nada lhe diminui a sua alegria; mas nunca cantou o guerreiro as suas vitórias, que não ouvisse a dissonância de bem tristes lamentos. Este fabrica toda a sua felicidade da desgraça dos outros; aquele só a põe no que é bem para todos. Bem disse certo poeta, quando cantou:

Fica alegre o pastor, fica contente,
Se de leite ele encontra o vaso cheio;
Fica triste o guerreiro e descontente,
Se não fere e derrama o sangue alheio.

Um semeia os campos, o outro os abrasa; um deles faz nascer deles a formosa abundância, o outro faz sair dos abismos a mirrada fome; um procura vida aos mortais, o outro a morte: um é instrumento das bênçãos do céu, o outro é o flagelo da sua cólera. Dizei-me, agora, se, vendo-me pastor de ovelhas na cabana de Políbio, depois de haver sido general em chefe nos estados da Polónia, se devia rebentar de pena ou trasbordar de gozo?»

11 «Se olhamos» — diz o conde — «para estas cousas, como vós o fazeis, pouca dúvida fica; mas cuidais vós que um guerreiro pode então discorrer, como vós agora fazeis? A glória a que esses heróis aspiram os alucina, de modo que totalmente encantados com a beleza dessa divindade ficam absortos e vivem uma vida ditosa. Consultai, senhor, a vossa própria experiência, e achareis que vos dáveis pelo homem mais ditoso do universo, quando acabáveis de ganhar uma vitória completa».

12 «Já que me citais» — diz Misseno — «para o tribunal da própria experiência, devemos ouvir o seu depoimento. Mas antes que ela fale, suponho que não pondes a felicidade de um homem em se ver com o elmo emplumado, montado num brioso

ginete, com jaezes de veludo e de ouro, cercado por toda a parte de ricos e brilhantes uniformes, cavaleiros briosos, espadas reluzentes, magníficas tendas de campanha, etc. Amigos meus, deixemos essa glória para os pavões ou para muitas cabeças loucas que põem a sua glória nas plumas. Creio que pondes a felicidade de um homem no seu coração e na alma».

Aqui se sorriu a princesa; e confessaram, ela e o conde, que essa glória dos ornatos e pompa era indigna de um homem que se preza de o ser. Isto posto, replicou Misseno:

13 «Eu vos declaro, debaixo da fé de quem sou, que não há estado mais deplorável que o do coração de um general, quando se prepara para uma acção de importância. Ele vê que não só a sua vida (que isso já ele reputa por nada), mas a sua fama está pendente de uma sorte. Vai jogar no tombo de um dado o sangue de seus companheiros, a liberdade da sua pátria, a coroa do seu soberano, a honra da sua nação, a vida de muitos mil compatriotas. Já a fama está com o clarim posto na boca para ir publicando por todo o mundo a sua desonra, se chega a ser infeliz, e o susto lhe está dando garrotes ao coração. Isto é antes que entre em batalha; mas tanto que nela entra, a cena se muda, mas não é menos horrível, pois todo um inferno lhe arde no peito. A ira, a cólera, o furor, a vingança lhe trazem o pensamento e o coração num tal redemoinho, que mais parece tigre que homem.

14 O sangue de muitos mil inimigos é pouco para saciar a sua sede ferina; e desejaria ver alastrados os campos de cadáveres e de corpos palpitantes e mandar em um só dia aos infernos tudo quanto se lhe opõe sobre a face da terra. Todas as víboras dos abismos lhe roem as entranhas; um sangue negro e espesso lhe corre pelas artérias e o seu coração, cheio de fel e de veneno, não respira senão ruínas, estragos e mortes. Tremem diante deles as vilas, tremem as cidades e até as campinas tremem. A natureza toda olha com terror e, justamente, porque todos os raios do céu e todas as fúrias dos abismos não causariam mais estragos do que ele somente causa, e se vê que, por onde quer que vai passando, tudo é horror, tudo desgraças, tudo lamento e gemidos. Tudo tala, destrói, arruina, queima e abrasa. Vede como é este homem ditoso. Não é isto a verdadeira felicidade?»

15 «Verdadeira infelicidade,» — respondeu a princesa — «mas vós me fazeis tremer só com a pintura da imaginação: que seria se eu vos visse no campo da batalha».

«Ah, senhora,» — lhe respondeu — «ninguém conhece o que passa pelo interior de um general, senão quem teve disso a experiência própria. Para sair bem, lhe é preciso fazer uma combinação pronta de dez mil sucessos fortuitos, diferentes e encontrados. É preciso ter uma balança justa no entendimento que não vacile na maior tempestade ou borrasca. É preciso ter uma vista tão fina, que penetre até à região do futuro. Deve ter ao mesmo tempo o sossego de quem está no gabinete e o fogo e actividade de que a acção necessita. O seu coração se vê impelido juntamente

do furor e da vingança e retido pelos sentimentos da humanidade: daqui pelos estímulos da glória, dali pelos ditames da prudência. Deve acautelar-se dos inimigos, desconfiar dos companheiros, temer-se da inconstância da fortuna. Ora, em um semelhante conflito, poderemos chamar a este homem feliz?»

16 «Isto prova» — diz o conde — «que é mui difícil abrir essa porta à felicidade; mas uma vez aberta, quando o general descansa nos braços da vitória, quando esta divindade encantadora com uma mão lhe põe na cabeça a coroa de louro e com a outra lhe concede a palma que jamais poderá murchar-se, quando por toda a parte ouve os aplausos, os vivas, as aclamações dos povos; quando os soberanos descem dos tronos para os abraçar como amigos; quando a fama, cantando, leva de reino em reino, de clima em clima e de um hemisfério até o outro o seu glorioso nome, quando ele o vê gravado pelos historiadores e poetas no eterno templo da glória, dizei se pode haver igual satisfação à vaidade do coração humano?»

17 «E vós supondes» — responde Misseno — «que o mesmo é entrar numa batalha, com todos os perigos e medidas que eu vos disse, que sair vitorioso dela? E quantas vezes, depois de o general se haver docemente lisonjeado com a esperança da glória, perde a batalha e se vê escarnecido pelos inimigos e detestado pelos nacionais; murmurando pelos estranhos, mal visto pelo seu soberano e amaldiçoado pela ínfima plebe? Pela plebe, que não duvida insultá-lo na sua própria face, tendo ele exposto a vida para defender esse povo que o insulta; e havendo talvez obrado com o maior valor e prudência, que o mais famoso general faria.

18 Mas eu quero que o vosso general saísse vitorioso. Tanto que acalmou o primeiro ímpeto de alegria, que formigueiro de inimigos e invejosos lhe nasce debaixo dos pés? Não tendes lido a história dos generais gregos e romanos? E quantos, de um merecimento superior a todo o elogio, vedes que morreram ou esquecidos ou desgraçados? Muitas vezes os mesmos que, carinhosos, vos estão abraçando, se pudessem, a punhaladas vos atravessariam pelas costas. Crede, amigos, o que vos digo; e se o não credes, ainda não conheceis o mundo como eu também não o conhecia na vossa idade; e só quando, oprimido dos meus trabalhos, me vi pastor de ovelhas, tive vagar e sossego para reflectir nestas verdades. Enquanto as ovelhas pasciam, eu ruminava o que havia lido e visto e sempre concluía que *a maior parte dos bens e males do mundo andam com os nomes trocados*. O meu bom velho Políbio também, como vós, me resistia; mas, pouco a pouco, se deixou convencer da verdade e, finalmente, estava persuadido que era bem sincera a minha alegria. O que mais me fez conhecer a generalidade desta máxima foi uma singular disputa que Zéfia e Iria (duas filhas de Políbio) tiveram entre si, a que eu fui presente, porque me chamaram para juiz.

19 Um dia que os nossos rebanhos andavam pouco distantes, veio Iria, filha última, dotada de uma grande beleza, convidar-me para decidir certa questão que com sua irmã tinha e pedir-me que quisesse conduzir as minhas ovelhas para além

de um outeiro que nos separava. Vinha a ser a questão: se uma singular beleza, por extremo rara, era ou não dádiva do céu ou se, pelo contrário, era castigo, como sua irmã Zéfia teimosamente dizia? Eu ri da proposição, como vós agora rides, mas não quis pronunciar sentença, sem ouvir as duas partes».

20 «Eu, sem as ouvir, pronunciaria» — diz o conde — «a favor da beleza, nem isso é cousa que sofra dúvida».

«E eu, pelo contrário,» — replicou Sofia — «sigo o parecer de Zéfia, e creio que Misseno não achará isto despropósito; mas não vos queremos interromper».

21 «Zéfia podia bem falar,» — disse Misseno — «porque excedia sua irmã, não só na beleza, mas no juízo maduro e reflexivo, o que eu já tinha suspeitado, vendo a suma atenção com que ouvia as minhas conversações com Políbio. Iria, pois, foi a primeira que falou; e sentados todos três num lugar alto, à vista dos nossos rebanhos, disse nesta substância:

22 — «Uma beleza, por extremo rara, é o mais precioso dom da natureza que uma mulher pode receber do céu. As mesmas rainhas que se vêem privadas da formosura não perdoam despesas, diligências e ainda tormentos para remediar esta falta; e daí infiro que ainda às coroas mais ricas e brilhantes dá a beleza um novo realce e lustre novo. Uma simples pastora, sem mais ornato que o ser bela, deixando o louro cabelo em parte solto e ondeando sobre os ombros, em parte atado com uma engraçada negligência, serve de inveja às soberanas. Quem jamais estimou uma mulher sem esta prenda? O juízo é a prenda dos homens; a força o é dos brutos; mas das mulheres só é a formosura. De maneira que, segundo dizem os pastores, que melhor o entendem, muitas vezes uma só beleza tem feito grandes revoluções em reinos inteiros; e jamais ao juízo nem ao valor se renderam tantas adorações como à formosura se rendem. Eu, pelo menos, se tivesse este dote da natureza, me daria pela mais feliz de todas as pastoras destas campinas» — assim falava Iria».

23 «Vedes» — replica o conde — «que tinha bem razão no seu parecer. Crede, minha irmã, que vós deveis mais a Deus pela formosura que vos concedeu, que pela coroa de Constantinopla, com que a realçou».

24 «Agradeço-vos o cumprimento,» — replicou Sofia — «mas quero ouvir o voto de Zéfia, ao qual pode ser que eu junte as minhas reflexões. Ouçamos da boca de Misseno o que Zéfia respondeu».

Ao que ele satisfez deste modo:

25 «Assim discorria eu» — disse Zéfia a sua irmã Iria — «assim discorria, enquanto a verdura dos anos retardava a madureza do entendimento. Quando, porém, comecei a pesar em balança justa os cómodos e os incómodos de uma rara beleza, mudei de parecer. E senão, dizei-me, Iria: de que serve esta formosura extraordinária à pobre miserável sobre quem caiu este raio? Todo o mundo se alvoroça desde que ela aparece; todos fitam nela os olhos e já ela não é senhora dos seus, porque

o menor movimento deles é observado; e quantas pessoas se acham no seu povo, tantas sentinelas a guardam».

26 «Assim é,» — responde Iria — «mas com que gosto vê curvar diante de si os joelhos? Por toda a parte encontra adorações; tudo são sacrifícios e todos à competência desejam exceder-se nos votos. Não podeis negar, minha irmã, que tudo isto lisonjeia o nosso coração e sumamente lhe agrada».

27 «Suponhamos que assim é» — diz a irmã prudente — «e ainda acrescento mais: quero que todos os corações ardam em holocausto; que o fogo se ateie por toda a parte e que subam até às nuvens os incensos odoríferos que se lhe tributam: quero que chegue a derramar-se sangue à roda dos seus altares. Tudo isto, bem considerado, causa um tormento incrível à infeliz, que é o objecto, porque, se com a beleza tem virtude e tem honra, o sangue, que se derramou em seu obséquio, lhe deixou uma nódoa tal que jamais poderá lavar-se. Esse vapor espesso que exalam os corações impuros lhe causa um fétido intolerável; o fumo é tão negro que a sufoca; e se for tão feliz que as chamas não prendam nela, nunca poderá livrar-se de que as lavaredas a deixem chamuscada e denegrida. Eis aqui o que de todos esses obséquios lhe servem».

28 «Seja sesuda e prudente» — responde Iria — «e não tem que temer».

A esta resposta vi eu que Zéfia cobrava calor e, admirando-se muito, dizia:

«Não tem que temer? E como pode a sua prudência evitar os públicos aplausos que degeneram em crimes da inocente, no tribunal das invejosas? Cada qual dos pretendentes, cego da sua paixão, só põe a mira em a botar a perder custe o que custar; de sorte que, para muitos, vem a ser a glória grande só o entrar no número dos que disputam a presa. Vós dizeis que seja sesuda; e de que vai a sesudeza? Quanto maior é o seu merecimento, tanto mais vivo é o estímulo para os louvores e o incentivo para a cobiça. A infeliz não pode escapar do laço. Se admite os louvores, está perdida; se os não admite, de que lhe serve o ser prendada?

29 Basta só a chusma das feias para lhe fazerem uma guerra surda, mas cruel e interminável; e nas formosas, a inveja lhe prepara uma guerra mais aberta e (deixai-me explicar assim) encarniçada. Aqui é que a infeliz tem muito que sofrer, porque todas as que pretendem as adorações não hão-de consentir, por nenhum modo, ver diante de si outro ídolo mais elevado que as encubra. Vós bem sabeis que as divindades pequenas necessitam de base mais alta e, não a podendo ter nos próprios merecimentos, a querem formar das ruínas alheias. Se encontram com um grande colosso uma beleza que seja maravilha do mundo, não se desanimam, todas se unem e cavam por baixo do chão, até desenterrar os ossos dos antepassados, para dar com o ídolo por terra e formar das suas ruínas pedestal à própria vaidade».

Com estas e com outras razões que já me não lembram, apertava fortemente Zéfia a sua irmã; e eu ria interiormente, vendo como Iria forcejava para lhe responder, mas não achava caminho.

30 Parecia-me uma ligeira corça, quando sente os monteiros batendo a mata, que salta de um outeiro a outro, que atira consigo a um profundo vale, e logo aparece no cabeço fronteiro; e lá, esperta, viva, espantada, olha em redondo e investe a sair por uma estrada, mas acha o caminho tomado; volta num instante a outro; porém, já não é tempo, até que enfim apertado o cordão e fechado o cerco, se vê obrigada a render-se. Assim fez Iria; e ambas enfim concordaram, sem que eu proferisse palavra, senão depois de as ver ambas de acordo.

31 Confesso que fiquei admirado, vendo como uma pastora falava com tanta notícia dos perigos da beleza extraordinária nas cortes; mas depois me informou Políbio, seu pai, que Matilde, sua esposa, enquanto vivera em palácio, havia passado grandes trabalhos pela sua extraordinária formosura e que Zéfia, sua filha mais velha, havia participado da mãe, pelos seus documentos e avisos, todo o horror com que olhava as extraordinárias prendas da natureza. E voltando para mim a lição da pastora, concluí, para meu proveito, que desejar um exceder consideravelmente os mais, em qualquer prenda, seja qual for, é procurar o seu próprio tormento e a sua infelicidade».

32 Tanto que Misseno calou, a princesa, dando um suspiro que lhe saía lá do íntimo do coração, disse ao conde:

«Ah, meu irmão, nunca ouvistes máxima mais importante para a vida feliz, nem que seja mais geralmente ignorada. Se vos distinguis mais extraordinariamente na vossa esfera, ou seja pelo juízo fino e delicado ou por uma fidalguia sem equivocação mais antiga e mais pura, ou seja pelo valimento dos príncipes, ou pelos dons da fortuna e natureza, preparai-vos, que tendes tantos inimigos, quantos ficam abaixo de vós.

33 A inveja é um dragão que voa sempre ao alto; não se arrasta pela terra como as demais serpentes e nunca teve olhos para olhar para baixo. Salta, investe, ataca tudo o que fica acima. Se lhe pretendeis escapar, não vos fiéis na vossa inocência, porque o vosso merecimento vos perde. A virtude é a sua presa mais gostosa; e quanto ela é mais perfeita e mais alta, tanto com maior ânsia se arremessa a empregar nela os seus dentes ferinos. Este monstro, como se gerou e saiu lá dos abismos tenebrosos, tudo o que brilha lhe ofende os olhos; e assim, se vos viu luzir, ferve logo inquieto e desesperado; e, revolvendo furiosamente a cabeça com a cauda, se despedaça, enquanto não vê nas garras a desejada presa. A demora não o cansa, as dificuldades não o desanimam, antes parece que o veneno se lhe refina com o tempero e cada vez salta com maior ímpeto, dando-lhe a desesperação forças e a raiva atrevimento. Ainda antes de vos ferir, só com os silvos vos aterra. Numa palavra, conde, quem quiser escapar ao dragão da inveja, ou não há-de brilhar ou há-de fugir. Feliz, Misseno, é a habitação dos campos, onde este cruel monstro não vive, porque todas as suas presas estão nas cortes e populosas cidades».

34 «Não chega ao campo! — diz Misseno admirado — «Chegou-me a mim, quando eu era pastor; e por mais que a minha vida fosse retirada e, na opinião de

muitos, digna de lágrimas, a inveja me julgou digno de objecto da sua sede infernal e achou meios de perseguir-me. Haveis de achar isto estranho, mas a minha vida é cheia de sucessos não vulgares; eu vos conto o caso.

35 Haviam os cavaleiros da cruzada aceitado as ofertas de Aleixo e anuído às suas proposições. Em consequência disso, viera o príncipe a embarcar-se na armada que ainda estava no mar Adriático e que cada dia se achava mais possante com os continuados socorros que sucessivamente vinham. O doge e o príncipe Aleixo me buscavam, com diligência, para ser seu companheiro na empresa que eu tanto havia persuadido; mas as suas diligências só serviam de publicar o meu nome e o empenho que naquela empresa havia mostrado. Fervia naquele golfo uma multidão infinita de vasos de todas as formas, uns que traziam, outros que se preparavam para o transporte; e Veneza estancava todas as suas forças, porque era grande o interesse que a animava. Vinha-se já o sol avizinhando ao norte, os mares se acalmavam, eram os ventos favoráveis, a monção oportuna; e os guerreiros, desejosos de nova glória, bordejavam por todas as ilhas do golfo e pelas costas da Albânia, do Epiro e da Dalmácia, esperando que se juntassem todas as forças, para darem um tal golpe sobre Constantinopla, que não necessitasse de segundo.

36 Não dormia o tirano com tanto ruído, inquietando-o sempre o remorso do próprio crime, porque jamais um tirano pode dormir descansado. Tinha por todas as partes espias e tudo sabia e até as próprias palavras, com que eu, a bordo do comandante, havia exortado os cavalheiros a esta empresa; e já vedes que eu havia de ser o objecto principal da sua cólera. Era incrível a agitação do seu ânimo, o seu susto e o seu cuidado. Reforça os baluartes, alista soldados, prepara munições e promete prémios a quem lhe descobrir o autor daquela empresa. Chega a oferecer metade de seus domínios a quem me entregasse vivo ou morto, porque são fáceis em prometer os que o são em faltar. Entretanto, eu, mui descansado, apascentava as ovelhas de Políbio, bem longe dos trabalhos que se me preparavam. Qual inocente ave que, voando pela região das nuvens, ignora e não se embaraça, com o que agita os mortais em toda a face da terra, até que uma seta saindo do emaranhado bosque, lá a vai esperar nos ares para a derribar por terra. Assim me sucedeu nesse tempo.

37 Ardia o tirano em furor; toda a corte, todo o império ardia; por montes, por vales, por longe, por perto, todos me buscam; mas o meu vestido, a minha ocupação, os meus discursos me ocultavam. O cérebro lhe dá voltas; não sabe o que faça para me descobrir. Vai enfim consultar os mágicos, os quais, aproveitando-se de tão cego empenho, quiseram fazer reviver as frias cinzas da credulidade, só conservadas na vil ignorância da plebe. Eles lhe prometem que nada poderá escapar aos seus segredos e encantos: pedem três dias de termo; mas era longo intervalo para desejo tão impaciente e, enfim, encurtam o prazo se se resolver a um sacrifício nocturno. O tirano tem horror do crime e treme, porque a impressão débil, que ainda lhe resta da religião

desprezada, o retém por um pouco; mas *trata-se de uma coroa* (dizia a si mesmo) e todo o horror se lhe dissipava. Não se atreve a dirigir os seus votos ao céu, porque muito tempo havia que para lá não olhava; e, assim, era forçoso buscar o seu oráculo nos infernos. Entra, pois, por conselho dos embusteiros numa subterrânea caverna, alta noite, quando o silêncio serve de capa a todas as enormidades que não ousam mostrar a face à luz do dia. Ao querer entrar nela, os pés lhe vacilam, a vista se lhe ofusca, a voz lhe treme; receia primeiro, mas a paixão o impele e, lutando consigo, ora investe cheio de furor, ora temeroso duvida, ora prossegue avante: mas os horrores da cova cada vez lhe são mais espantosos. Sucedeu que as aves nocturnas, perturbadas nos seus domicílios, até então vedados a todos os mortais, saíam furiosas; e o tirano, cheio de pavor, crê que são os espíritos malignos, que ali assistem ao seu príncipe, cujo oráculo desejava; os cabelos se lhe eriçam, um tremor geral se apodera de seus membros, um frio suor lhe banha os trémulos membros, a cabeça começa a esvair-se; sentam-no em uma infernal trípode e os joelhos mutuamente se batem um contra o outro, mas os mágicos o sustentam por ambos os lados e representam que é crime tanto pavor, que a coroa lhe vai a cair da cabeça, se a não segura a todo o custo; e esta só palavra o desperta. Ele mesmo se esforça e como que se envergonha de não ser herói no seu crime. Levanta-se, pois, e jura que até aos infernos irá com passo intrépido e destemido, para descobrir e haver às mãos o autor da sua desgraça. Sofre que lhe ponham sobre os olhos uma venda e que uma mão incógnita lhe guie os passos, que de um e outro lado lhe ensinem as cerimónias nefandas; e, enfim, sobre o altar infame deixa cair com a mão trémula o sacrílego incenso. Então, uma resposta equívoca o entretém na esperança e no erro; e, enfim, se retira quasi nos braços dos ministros da maldade: e, enquanto eles prometem interpretar as palavras confusas do oráculo, Aleixo se esforça a ajuntar as tropas e preparar-se para uma vigorosa defesa.

38 No mesmo tempo em que o tirano suava no meio dos horrores do tártaro, eu vivia descansado numa espécie de Campos Elísios. As montanhas de Filipópoli e as ribeiras do Marisa eram para mim a mais deliciosa vivenda por causa da suavíssima paz de que ali gozava. Porém, o amor extremoso dessa paz foi a origem de que eu viesse a perdê-la, porque ele foi o motivo de ser descoberto e preso: foi o caso.

39 Havia da outra parte do rio uma grande festa, onde se celebravam vários jogos, com certas cerimónias supersticiosas — mistura da religião e da barbaridade daqueles povos — e deviam assistir todos os pastores que em contorno havia e também as pastoras. Como os anos de Políbio o convidavam e impediam, as filhas lhe persuadiram que me mandasse a mim para representar a sua pessoa, que era a das mais atendíveis naqueles lugares. Zéfia bem sabia quanto eu estimava a paz e que seria próprio para compor certa contenda mui renhida entre dois pastores da vizinhança, a qual havia perturbado todas aquelas campinas. A origem havia sido que Fileno, pastor ricaço, altivo e soberbo, pedia injustamente como dívida um carneiro a Adrião, pastor pobre,

mas honrado. Estava de uma parte a justiça e da outra estava a força; esta por costume teimosa, aquela essencialmente inflexível, e nenhuma delas cedia, de sorte que já a discórdia tinha o seu império nos campos da paz; e esta fugira para mui longe.

40 Depois de vários jogos, postos em roda todos os pastores e agitada a questão, foram todos votando, segundo a ordem que lhes davam os anos; e eu, como estrangeiro, tive o último lugar nesta consulta. Todos com voz unânime iam condenando a Fileno, porque era manifesta a sua injustiça; porém, cada voto era uma seta que lhe iam cravando, até que, enfim, ele se ergue com fúria, bate o pé, levanta a voz, grita, jura e protesta que há-de vexar o contrário até perdê-lo de todo, ainda que se perca a si mesmo, como se a promessa de muitos crimes fosse a justificação do primeiro. Saía-lhe o fogo dos olhos, a boca lhe espumava, a fala lhe tremia e, perdendo o respeito a toda a assembleia, se retirou com ar descomposto.

41 Ficaram todos aturdidos; porém, Zéfia pediu que se continuassem os votos, porquanto queria ouvir-me. Chegou-me enfim a ocasião de falar e disse a Adrião, que me ficava defronte:

42 «Se julgais, amigo, que o vosso sossego vale um carneiro, não duvideis comprar a paz por preço tão limitado. Não vos digo que o deis, aconselho-vos que o vendais e por bem alto preço. Dai-o a troco da vossa tranquilidade, da vossa saúde e da vossa cabeça, que tendes quasi perdida por esta injusta demanda. Quantas vezes, amigo, vos tenho visto errante, pensativo e meio louco, deixando pelos montes à discrição dos lobos vosso rebanho que cada dia vai diminuindo. Sacrificai agora esta vítima à deusa da paz, tão venerada nestas campinas, e ela vos conservará essas poucas ovelhas que tendes e talvez que as aumentará em pouco tempo. Se temeis que o vosso contrário se ria de vós, ride-vos primeiro dele, e ficareis ambos pagos. Ride-vos, que bastante razão tendes para fazê-lo, porque mais perde ele que vós, pois perde a sua reputação e o seu nome por um preço tão vil. Além de que o seu riso, em que perturba a vossa tranquilidade? Se resistis ao meu conselho, conservando o direito que vos dá a justiça, reparai bem no que fazeis, e vede que em vós é que quereis castigar o seu crime. Se gostais da vingança, vingai-vos; mas de modo que seja só ele o punido. Deixai, pois, cair sobre ele todo o peso da sua sem-razão; e para isso convém que sejais generoso e liberal, porque isso fará realçar a sua ambição e injustiça. Ficai certo que, se tomais o meu conselho, pelos tempos vindouros a memória do seu crime servirá como de base ao vosso merecimento. Todos os que amarem a paz contarão a seus filhos, como um grande exemplo, o que a respeito dela fez Adrião: e as línguas sempre dispostas a criticar os defeitos dos antepassados não poderão condenar a Fileno sem exaltar o vosso nome».

Isto e outras coisas, que então me ocorreram, lhe disse; e sem me dar tempo a que acabasse, Adrião se levanta, vem abraçar-me estreitamente e sai a executar o meu conselho. Foi geral em todos o contentamento e ficaram tão pagos da generosidade de Adrião, que os pastores mais ricos, que eram muitos, se ajustaram de lhe

mandar de presente cada qual uma ovelha, em reconhecimento do gosto que a todos tinha causado.

43 Eram as horas do banquete, o qual foi servido com certos ritos e cerimónias que me faziam rir; porém, gostava infinito de ver a geral alegria que reinava no arraial. Acabado o banquete, traz Adrião à nossa presença o mais pingue carneiro do seu rebanho, enfeitado com ramos de oliveira nas pontas entretecidas de flores. Foi então chamado Fileno; e, na presença de todos, lhe disse Adrião deste modo: «Convém, amigo Fileno, que venha enfeitada a vítima que se consagra à deusa da paz; e já que me dareis o sossego que me tiráveis, justo é, e bem justo, que vos dê tudo quanto pedíeis». Emudeceu Fileno, aturdido com o não esperado lance: recusa aceitar a oferta, sem atinar com a razão de recusá-la; mas era levado cegamente do costume de não concordar com o seu contrário: teima que lhe é devido o carneiro de justiça, mas, ao mesmo tempo, duvida aceitá-lo e, balbuciante, se embaraça consigo mesmo, sem saber o que responda. Insta Adrião, instam os amigos e ele resiste; e eis aí outra nova contenda. Um, tendo tomado gosto à generosidade, não queria privar-se dela; o outro, envergonhado de se ver vencido em lance tão nobre, duvidava ceder ao contrário tão gloriosa vitória; e fui outra vez chamado para decidir a questão: e para o fazer, lhes disse assim:

44 «Quanto mais gloriosa é, pastores amigos, esta nova disputa do que a precedente era? Quanto gosto dais a toda a assembleia com esta competência em lances de generosidade? Mas se esta rês vos é devida, Fileno, não duvideis impedir um acto de justiça; da justiça que é e deve ser sempre a base da paz e da harmonia entre todos os homens; e se o vosso ânimo generoso não disputa pelo valor da peça que pedíeis, mas só pela verdade do direito que a ela tínheis, depois que este ficar satisfeito pela aceitação do que vos pertence, ninguém porá limites à vossa natural generosidade: mil modos tendes para a deixar ver nos lances a que ela vos incitar. Isto é o que eu faria, se estivesse no vosso lugar; porém, vós não precisais dos conselhos de um pastor estrangeiro. Tenho, porém, direito de vos pedir, e pedir com instância em nome do meu maioral Políbio, em nome de toda esta assembleia (não me atrevo a dizer, que em meu nome), que concedais à justiça o que ela pede, à paz o que ela solicita e ao vosso coração, amante de uma e de outra, o que ele deseja; e isto para eterno desterro da discórdia que tantos tempos há entristecia e perturbava este delicioso reino da paz».

45 Cede Fileno e deu-se por entendido; aceitou o carneiro e, abraçados mutuamente os dois competidores, ambos o foram de toda a assembleia. Retirou-se Fileno com o troféu da sua vitória; e enquanto os zagais e as pastoras dançavam e diziam mil louvores à deusa da paz, Fileno fez preparar os dous mais pingues carneiros dos seus numerosos rebanhos e ornados de mil flores, acompanhados de todos os seus criados e serranas, ao som de frautas e de outros pastoris instrumentos, entrou no arraial para os oferecer a Adrião. Este novo lance encheu de alegria a toda a assembleia; e Zéfia, com sua irmã Iria, começaram a cantar à competência, em estilo pastoril e

singelo, cinco cantigas, que eu repeti muitas vezes e conservei de memória, porque me serviam de grande doutrina: se quereis, eu vo-las digo».

O que a princesa com empenho pediu e Misseno repetiu deste modo:

I.

Esta paz não tem preço,
Vale a prata e o ouro:
Tudo quanto conheço
Sem a paz, é vileza;
A penúria e pobreza,
Tendo a paz, é tesouro.

II.

A discórdia e inveja
Que esta terra vexavam
Já não há quem as veja:
Nos infernos caíram,
E cá fora se ouviram
Os seus urros que davam.

III.

Esta deusa da paz,
Por um modo que encanta,
Quanto quer, tudo faz:
Lá das nuvens nasceu,
Só de Deus e do céu
Pode vir força tanta.

IV.

Geme aflito o monarca,
Se da paz o semblante
Se lhe esconde; e da Parca
Teme o golpe e despreza
Honras, gosto, riqueza,
Ceptro e coroa brilhante.

V.

Canta alegre o pobrinho,
Se para ele olha a paz
Com risonho carinho;
Nada quer, nada inveja,
Goza quanto deseja,
Ela só satisfaz.

«Razão tendes,» — disse Sofia — «porque a quem quiser reflectir, cada cláusula lhe dá grande matéria. Aí se vê verificado o vosso sistema que, pela maior parte, os bens e os males do mundo andam com os nomes trocados. Adrião, cedendo, ficou vencedor e Fileno, com aparência de triunfo, ficou verdadeiramente vencido. Quantos se arruinam, em todos os estados, por querer teimosamente vencer, ao mesmo tempo que cedendo a tempo, alcançam bem gloriosas vitórias! Mas estou impaciente de saber como esse amor da paz vos foi ocasião de a vir a perder».

46 «Depois desse dia» — continua Misseno — «eu era chamado o pai da paz; e como ignoravam o meu nome e o meu nascimento, só me nomeavam pelo *Pastor estrangeiro*. De todos aqueles contornos e ainda de longe, me buscavam para compor as suas discórdias, sendo eu o oráculo dos montes e dos campos. Os meus louvores faziam eco nos vales; e de monte em monte, de serra em serra, chegou a minha fama aos que por toda a parte faziam as mais rigorosas diligências para me descobrir. Estava eu tão longe do que se passava em Constantinopla, que nem memória tinha do que se havia tratado em Zara. Eis que me vejo no maior silêncio da noite, preso e arrebatado, bem como a ave inocente e descuidada se sente levar pelos ares nas unhas do milhafre ou do guincho. Vendam-me os olhos, atam-me os pés e as mãos; cordas, cadeias, algemas, tudo vem a um tempo. Enfim, levam-me e não sei por onde vou nem para onde. Parecia-me voar pela região do outro mundo, pois os meus sentidos nada percebiam do que se passava neste, de sorte que nem falar ouvia, porque um silêncio total emudecera os que me conduziam, até que, enfim, me achei numa masmorra em companhia do infeliz Isaac Lange».

47 «Ah, que vós sois tão infeliz como ele» — exclamou o conde — «e ainda, senhor, persistis em dizer que pelos trabalhos achastes a vossa felicidade! Não me conduzais, vos peço, por tão escabroso caminho, porque muito diversa é a vossa natureza da minha: e a vossa alma foi modelada em molde particular que Deus para vós ideara; molde que Deus omnipotente quebrou logo, para não servir à formação de outrem».

48 «Não é a minha alma de molde particular,» — responde Misseno — «é da mesma massa da vossa; e já vos disse que em vós reconheço os mesmos pensamentos, as mesmas paixões que eu na vossa idade tinha. A divina filosofia ma formou, não toda de uma vez, por fundição em molde preparado, mas pouco a pouco, como estátua de pedra, à força de escopro e cizel; e cada golpe que eu me dava, ajudado com a soberana mão que me corrigia, era um defeito que me tiravam ou uma nova perfeição que adquiria. Na cabeça foi que recebi os maiores golpes e no peito; os primeiros, para me corrigir o entendimento; os outros, para o coração e vontade. Porém, uma vez que eu comecei a ver as coisas diferentemente do comum dos homens; tanto que vi os bens, onde os mais só viam males e descobri grande mal no que se reputava

bem puro, então o ímpeto da natureza, que nos faz correr atrás do bem, conduziu os meus passos às avessas do comum dos homens.

49 Para adquirir esta luz que me fazia ver que nos bens e nos males andavam pela maior parte os nomes trocados, já vedes, meu filho, que não bastavam os golpes lânguidos e a medo que cada um se dá em si mesmo. Verdade é que os discursos frios que eu fazia nos montes, encostado no meu cajado, muito me dispuseram para esta mudança do entendimento; mas os golpes da experiência foram os que me ensinaram de todo. Ninguém, sem ter na mão uma peça, sem a examinar de perto e tomar bem o peso, lhe pode conhecer o valor; assim me foi preciso experimentar em mim próprio todos os trabalhos da vida (e ainda creio que me faltam muitos, que talvez a seu tempo virão) para aprender esta ciência admirável».

50 «Felizes somos nós,» — disse a princesa ao conde — «que nos aproveitamos das vossas luzes e sem trabalho poderemos gozar da vossa felicidade. Dizei-nos, pois, o que nesse cárcere passastes».

Freis inv. sc.
Misseno e Isac Lange da Torre observaõ os Sucessos da Tomada de Constantinopla: o Principe Aleixo Corre Com a Lança feita Contra o Tirano Seu Tio, preparase por mar e por terra o assalto.

LIVRO VI

1 «Não vos sei descrever, amigo — prossegue Misseno — «o horror daquele cárcere. Era ali a noite escura nossa inseparável companheira; contávamos as horas, mas confundíamos os tempos e podíamos dizer com um poeta moderno:

Meia-noite contava e meio-dia,
Distinguir estes tempos não sabia.

De forma que Isaac Lange sem olhos e eu com eles, éramos igualmente cegos. Quando, com a comida, nos faziam descer do tecto uma pálida, morta e melancólica luz, mais que de consolação, me servia de tormento, porque então via os indizíveis horrores daquela sepultura de vivos. O ruído das águas que, sem cessar, batiam nas paredes da fortaleza, onde estávamos encarcerados, nos aturdia de maneira que, além de cegos, estávamos quase surdos.

2 No primeiro dia em que estive só, me senti assaltado de uma veemente melancolia, bem como o que passa subitamente do calor do sol aos tanques de gelo e de neve, que se sente tomado do frio; assim se sentiu a minha alma. As minhas paixões, que não estavam mortas, mas adormecidas, despertas com este novo estímulo, se amotinaram; e senti o meu entendimento confuso, a alma como fora da cela, em termos de se ver quase precipitada, porquanto eu, no longo descanso em que estivera, me tinha descuidado das rédeas que a razão deve ter sempre tesas para domar as nossas paixões. Nesta confusão, porém, um como relâmpago me passou por diante dos olhos da alma e, ou fosse que já dormisse verdadeiramente, ou que ainda na realidade velasse, eu vi o mar vasto e no meio das ondas um côncavo rochedo, onde estava como enterrado certo príncipe; mas de tal modo ali estava metido, que só podia ver o que passava por defronte. Vi também que por diante desta ilha passava uma marítima carroça, bela, pomposa e triunfante, a qual eu via vir muito ao longe, rolando sobre as águas e tirada por uma longa e sucessiva série de monstros marinhos de todas as figuras e formas. Uns como peixes, já de escamas de prata, já de finíssimo ouro, outros de um carmim vivíssimo e figura horrível, todos, porém, tiravam uns pelos outros e lá no fim é que vinha o brilhante carro. O príncipe nada via, senão o que lhe passava por diante; e cada vez que vinha algum disforme monstro, com o seu arco lhe disparava venenosas setas. Veio enfim um mais terrível que os outros; e, esforçando-se para o ferir de perto, saiu da concavidade e ia já a atravessá-lo com uma lança, quando ouviu uma voz que lhe disse: *Não firas, que te perdes*. Suspendeu o golpe e pôde então ver o carro que já vinha perto, no qual, tanto que chegou ao rochedo, foi levado como em triunfo. Tanto que isto vi, tudo me desapareceu dos

olhos: seguiu-se o nocturno descanso; e, no dia seguinte, a curiosidade me obrigou a reflectir na representação passada.

3 Queria fazê-lo; eis que abrem uma porta que me conduzia para onde estava o emperador, permitindo-nos, desde então, que nos comunicássemos. Alegrou-se ele com a minha infelicidade e eu me compadeci da sua. «Ao menos» — dizia ele — «terei companhia nos males, consolação nas vossas palavras e alívio na minha solidão horrorosa. Não quisera ter complacência nos vossos trabalhos, mas ela me escapa apesar dos sentimentos da humanidade e tenho pena de que o meu coração com eles se alegre. Porém vós, cavalheiro, quem quer que sois, perdoareis esta contradição de afectos».

4 «Era bem natural» — interrompeu a princesa — «toda essa aparente contradição. A companhia nos trabalhos causa sempre consolação e também dor nas almas que têm o coração sensível: porém, vamos a ver como pudestes resistir à melancolia».

5 «Esse encontro» — disse Misseno — «com outro mais infeliz do que eu, me distraiu ao princípio; e depois veio a filosofia em meu socorro. Respondi ao emperador, politicamente, que os meus males me seriam suaves, se eu visse que podia com eles suavizar os seus, porque, na realidade, senhora, eu vos afirmo que nada pode fazer um mortal, que mais gosto lhe cause e que mais o assemelhe à divindade, do que fazer a um desgraçado feliz ou ao menos diminuir a sua infelicidade. O fazer parar a rápida e incontrastável roda da fortuna, quando furiosamente desanda, o arrancar dos abismos da tristeza o miserável, que lá caíra, para o levantar à suave e deliciosa região da tranquilidade, são acções que enchem um coração nobre de um prazer, o mais delicioso e o mais puro que podemos ter nesta vida. Assim respondi eu a Isaac Lange; e do modo com que lhe falei, conheceu ele que o meu coração era sincero e que não eram as minhas palavras nascidas de um fingimento estéril.

6 Não é tão agradável a fresca fonte ao enfermo que arde em febre e que às escondidas se vai arrastrando até poder beber dela, como o foram a Isaac Lange as minhas palavras. Aquele coração ferido não se podendo desafogar, nem ainda pela sentida queixa, estava como intumescido; e agora, começando a dessangrar-se, já pelas palavras, sentia notável alívio.

7 Isto foi nos primeiros dias; mas depois veio a ser veneno o que havia sido triaga; e à força de ponderar os seus males, de tal sorte se foi agravando a ferida do seu coração que, enfurecido contra o irmão, blasfemava contra ele, contra a terra e até contra o céu blasfemava. Era a sua ira uma torrente tão impetuosa que, não a podendo reprimir por nenhum modo, tudo arrebatava. A cólera, a raiva, a vingança degeneravam em desesperação; e esta em frenesi e delírio.

8 Confesso-vos que o mal alheio me foi grande remédio para mim; e então vi quanto importava ter sempre a rédea tesa e não deixar tomar fogo as paixões, ainda as mais justas, porque é mui difícil o pará-las no meio da carreira, se uma vez chegam

a tomar o freio. Eu via no emperador que mais cega tinha ele a sua alma do que o corpo, pois não via que, pelos seus crimes e tiranias exercidas contra Andrónico, havia bem merecido quanto passava. Quão difícil é conhecer-se um a si mesmo! (me dizia eu a mim). E por este modo a grande cegueira de Isaac me abriu muito os olhos. Então reflecti no meu sonho ou visão e entendi esta máxima importante: que todos os sucessos da vida são uma cadeia que vai tirando pela nossa felicidade e desgraçado daquele que romper a cadeia».

9 «Às vezes tira» — diz o conde — «pela nossa infelicidade».

«Não concordarei convosco,» — acudiu Misseno — «se deixamos o governo da nossa sorte, a quem nos formou para ser felices. Já disputámos, amigo, esse ponto; assim devemos estar persuadidos que, quando não cortamos, nem interrompemos a série dos sucessos da vida dispostos na Mente suprema, sempre o fim há-de ser ditoso, porque tudo o que a bondade suma dispõe só por si, se encaminha ao *bem*.

10 Com esta doutrina que comuniquei ao emperador, depois que lhe contei o sonho que na noite precedente tivera, se adoçou notavelmente a sua cólera e mitigou o furor. «Não cuideis, senhor,» — lhe dizia eu — «que a nossa vida é um montão de sucessos que, caindo tumultuariamente uns sobre os outros, enchem o vão que se acha entre o nosso berço e a sepultura. Assim havia de ser, se o *fado* ou o *acaso*, fossem os autores do universo; porém, menos grosseira ideia temos da obra e do seu artífice: vem logo a ser a vida do homem uma série bem ordenada de acontecimentos, dos quais uns estão ligados com os outros, de forma que se violentamente quisermos arrancar um só deles, tudo se descompõe, tudo se desmancha. Enquanto esta série vai passando, nós somos como o príncipe na concavidade dos rochedos; somente vemos o presente, ignoramos de todo o que há-de seguir depois disso; tudo para nós está fechado na sala escura do futuro de onde, pouco a pouco e um a um, vão saindo todos os sucessos. Ora, não sabendo nós o que se há-de seguir a esta nossa prisão, não podemos julgar se ela nos traz um mal ou se nos conduz a um bem verdadeiro.

Quantas vezes nos temos enganado com o que nos parecia um grande bem e depois vimos que não era senão uma grande porta para o mal? Os anos passados, vós estáveis sobre o trono, governando os povos, e eu montado num brioso cavalo governando em chefe quasi todos os vassalos do meu soberano: quem nos não julgaria então por felices? Mas estavam ocultos os sucessos que, com estas honras, vinham encadeados: agora poderemos ter outro engano feliz. Quem sabe o que no livro do destino nos está determinado? E se estes sucessos monstruosos virão, tirando pelo carro da vossa ou da minha felicidade?

11 Bebe gostosa a seca terra a serena chuva que, pouco a pouco, entrando pelas fendas, vai regando as suas áridas entranhas; e não de outra sorte recebia o emperador aflito a minha consolação. A sua voz se abrandava e seu juízo se abria e entrávamos

em discurso seguido. Eu, vendo que estas razões o abrandavam, continuei com a comparação seguinte.

12 Em uma máquina de grande composição e sacrifício, aquele que, vendo uma só peça, quisesse criticá-la, publicaria sem o querer a sua loucura, pois sem ver as outras peças com que ela joga, sem conhecer a que fim se destinava, não podia conhecer se tinha ou não defeito: talvez a que parece mais feia, mais irregular e imperfeita, será a mais engenhosa. Concordava nisto Isaac; e, quando eu lhe fazia aplicação aos diversos acontecimentos da vida, não podia negar que era grande temeridade dar o nome de *mal* a todo o sucesso desagradável; ou o de *bem* ao que lisonjeava os nossos desejos. Preciso é logo (concluía eu) ver tudo, e saber os *porquês*, e os *para quês* de qualquer sucesso, para lhe poder chamar ou um *bem*, ou um *mal*. Se o condutor da nossa vida, quero dizer, a razão suprema e eterna, se dignasse explicar-nos os motivos e os fins do mais injucundo acontecimento, tais e tantas razões nos daria, que veríamos nele uma perfeita harmonia e proporção com os nossos principais interesses, de forma que, aturdidos e confusos, com a boca fechada e cabeça baixa, confessaríamos no coração que tudo era admirável, tudo perfeitíssimo; e que só um entendimento divino podia dispor as coisas por modo tão excelente. Deixemos, pois, senhor, que a providência obre a nosso respeito como entender, que seguramente o entende melhor do que nós. Adoremos os seus conselhos e esperemos a ver o fim: fim disposto por um entendimento o mais prudente, por um coração o mais justo e de maior bondade, não pode deixar de ser bom.

13 Não estava o emperador acostumado à frase sincera e livre com que eu lhe falava; e o tom melodioso da adulação, com que sempre se fala aos príncipes, lhe havia corrompido o coração e o entendimento, e me confessou que esta era a primeira vez em toda a sua vida que ouvia o tom da verdade. Eu, que o vi disposto, aproveitei a ocasião para lhe fazer conhecer as chagas da sua alma, em ordem a estimar o cautério com que a providência queria dar-lhe remédio. Mas, como sempre custa descobrir uma chaga antiga e despegar a roupa que a ocultava, quis que nos meus defeitos conhecesse os seus; e, no meu remédio, visse a utilidade dos que a providência lhe oferecia.

14 Uma larga experiência, senhor (lhe disse eu), me tem feito olhar para os trabalhos da vida com olhos mui diferentes dos do vulgo; e tenho alcançado que os trabalhos são o mais eficaz remédio que me tem acalmado a febre das minhas paixões e atalhado o frenesi de minhas loucuras. Enquanto a roda da fortuna me lisonjeava, levantando-me ao mais alto ponto, fui leve, ligeiro e louco; nos meus discursos não havia peso, nem nas minhas palavras prudência, nem rectidão nas obras. O meu entendimento cego se abraçava, e bem estreitamente, com o detestável monstro do erro e mentira, cuidando que eram a verdade; a verdade, essa única esposa que no meu coração adorava, porque a infinita chusma dos aduladores me escondiam a

esposa pura e me introduziam a concubina corrupta; e isto, só porque esta entrava nos seus interesses. Depois destes enganos, pelos quais os lisonjeiros me pediam prémios e recompensas, o meu coração, creado para seguir o verdadeiro bem, não corria já senão atrás do mal verdadeiro. Assim passava a minha vida em suspirar pela alegria, sem poder alcançá-la. A lisonja era o meu confidente, a mentira o meu conselheiro, a desordem a minha regra e o meu desvanecimento e satisfação só era do que me devia envergonhar. Daqui se seguia que, ingrato à luz da razão, a desprezava; e insensível aos afectos da humanidade, os reprimia. Eu, homem na figura, mas bruto nas obras, não fazia caso algum da virtude e só as paixões me guiavam. Infiel à minha palavra, facilmente a negava; perjuro à minha religião, quebrava os seus sagrados foros. A minha vontade era a minha única lei; a minha ambição a regra da minha justiça; enfim o meu apetite era o meu Deus. Assim vivia, senhor, antes que me viessem os trabalhos; mas depois deles, estou inteiramente mudado. Julgai agora se os devo reputar por um mal, ou pelo contrário, por um grande bem e bem verdadeiro.

15 Recebia o emperador esta doutrina com grande admiração e espanto. Reconhecia-se a si no retrato que eu lhe havia posto diante dos olhos e a força da razão o convencia; mas a novidade o pasmava. Sua alma, jamais perto do equilíbrio que deve ter para pesar os bens e os males da vida, balanceava ora para um lado, ora para o outro; até que enfim me respondeu que não duvidava que os trabalhos fossem um bem para os que sabem tirar deles utilidade; mas que para ele, que não tinha aprendido a nova filosofia, eram um mal desesperado. «A mesma medicina (me dizia ele) que, fazendo efeito, tira a uns da cova, mete a outros nela, senão obra como se desejava. Por esta razão, sendo nós ambos enfermos do mesmo mal, vós sarastes com o cautério, mas em mim ele não tem feito mais do que queimar-me e consumir-me. Se eu soubesse tirar utilidade dos trabalhos da vida, nenhum dos mortais seria mais venturoso do que eu, porque creio que desde a região da aurora até às colunas de Hércules, nenhum tem sido mais atribulado».

16 «Conheço (acrescentava ele) que o tenho merecido e que a suprema inteligência, na justa balança da sua inflexível equidade, tem posto de uma parte tantos castigos, quanto da outra eu tinha posto de crimes enormes. Vejo que o sangue de Andrónico clama contra mim e que a sua alma, desde os infernos, grita pedindo vingança; e confesso que sou o horror dos céus, o horror da terra e que até os abismos me detestam. Agora vejo que todas as criaturas estão armadas contra mim para vingar o Omnipotente, a quem ultrajei: vejo que o Todo Poderoso, cheio de cólera, dispara para mim todas as setas da sua indignação e faz que o trono de Constantinopla, que foi o atractivo da minha ambição, seja agora o meu cadafalso: e assim, não tenho que esperar remédio, nem aparência de consolação, porque nada pode resistir ao Omnipotente; nasci para ser infeliz e não poderei parar a incontrastável roda do

destino». Assim rematava o infeliz Isaac Lange os seus discursos que degeneravam em desesperação.

17 Bem como a ave ferida que não pode por muito tempo sustentar o voo sem recair na terra, de onde, com muito trabalho, se levantara, assim era o emperador. O seu coração ferido e dessangrado apenas podia sustentar os esforços que fazia para se levantar acima do lânguido estado em que vivia».

18 — «Não há violência que dure» — replicou Sofia — «e a natureza sempre reclama os seus direitos, de forma que a tristeza, uma vez senhoreada de um coração, torna a ganhar facilmente o terreno de onde a haviam expulsado. Mas como vos houvestes com o emperador nesse estado?»

19 — «Dei tempo ao tempo» — diz Misseno — «e no dia seguinte, com disfarce, lhe propus a comparação seguinte que levava escondido algum remédio ao seu mal. O devedor rebelde, a quem confiscam os bens e metem na prisão, repugna, embarga, trapaceia, faz quanto pode por iludir a sentença ou negar a dívida; mas os anos passam, as rendas se cobram, os bens se vendem, ficam as dívidas satisfeitas e o devedor absolto. Concordou Isaac Lange. E continuei, dizendo: o filho travesso, a quem a mãe prudente castiga, reluta, resiste, perneia, implora com raiva o socorro, mas nada disto embaraça o castigo; e acabada a punição, fica o crime castigado e perdoado o filho. Concordais também nisto? Anuiu o emperador e me perguntou a que fim se encaminhava o meu discurso.

20 A consolar-vos na vossa aflição (lhe respondi), como eu me consolo nas minhas. Deus não castiga com paixão, nem com raiva, porque não conhece o ímpeto cego da cólera, como os homens temos. Somente a razão suprema é quem lhe faz levantar o braço para o castigo e a mesma eterna razão lhe faz cessar dele. Que se volva e revolva o mundo todo em peso, que se confundam os céus com os abismos, os mares com as estrelas, as noites com os dias e tudo se misture no seu primitivo caos, nada importa; quem obrou mal, há-de ser castigado: mas, ao crime uma vez punido, não dará Deus nova pena, nem de uma só dívida pedirá a suma razão suas pagas. Assim, se fomos uma vez punidos, fosse por nossa vontade ou contra ela, as dívidas contraídas, ou de todo, ou ao menos em parte, se foram pagando. Confesso que o rendimento voluntário é grande merecimento; mas o merecimento que a repugnância perde não é a satisfação do crime de que falamos. Vedes, senhor, que os trabalhos da vida encerram um grande bem que desprezamos, porque necessariamente diminuem a dívida, cuja paga é absolutamente indispensável. Eis a que se encaminham as duas comparações que vos fiz. Isaac Lange ficou suspenso, porque nem podia responder, nem ousava concordar comigo.

21 — «Na verdade» — diz o conde — «que é demasiada filosofia para um encarcerado, porque um aflito não pode fazer discursos delicados».

«E um aflito» — replicou Misseno — «está obrigado a não ter juízo? Ou se o tiver, a não se servir dele? Em que matéria pode, pois, empregar um com mais razão todas as delicadezas do juízo, que em diminuir os seus males? Quando sofremos num membro do corpo, todos os mais se esforçam a aliviá-lo como podem. Ora, não faremos outro tanto nos tormentos da alma? Se mil discursos nos afligem num cárcere, não é justo que, no cárcere, outros discursos nos consolem? Isaac Lange fazia trabalhar o seu entendimento para se afligir; e eu o fazia trabalhar para converter em alegria toda a natural aflição».

22 «Isso agora» — dizia a princesa — «é muito mais que diminuir o tormento. Creio que dificultosamente reduziríeis Isaac Lange a passar um momento alegre, enquanto se viu preso. Ao menos se o fizestes, podeis gloriar-vos mais dessa vitória que dos triunfos que alcançastes na Boémia e na Rússia, porque jamais o vosso braço prostrou inimigo tão vigoroso».

23 «Cheguei a conseguir» — diz Misseno — «que o emperador passasse alguns tempos com uma serenidade para ele estranha, a qual, comparada com a precedente desesperação, lhe podemos chamar gozo e alegria. Mas não me desvaneço da vitória, porque não é o homem o que nestas ocasiões triunfa, triunfa simplesmente a verdade e o vencedor só tem o merecimento de conduzir-lhe o carro, para que ela se faça ver de seus inimigos, pois é tal a sua beleza que descobrir-se claramente é deslumbrá-los, lançá-los por terra e rendê-los; e isto é o que eu fiz com Isaac Lange.

24 Um dia, em que o achei mui desanimado e aflito, fingi que também eu estava assaz mortificado, por me ver preso sem saber a causa e, por conseguinte, sem a consolação de esperar o termo daquela morte lenta. Deixei cair um pouco o meu coração para se apegar ao seu ferido e dessangrado, em ordem a que, depois, erguendo o meu para cima, trouxesse o dele comigo e deixei escapar alguns suspiros. Esta conformidade de afectos, vi eu, que lhe era sumamente agradável. «Em certo modo (dizia ele) vos acho mais infeliz do que eu, porquanto eu tenho a paga de meus crimes e vós padeceis inocente. Eu só padeço os tormentos; e vós padeceis os tormentos e a injustiça, a qual mortifica muito mais do que eles». Isto me dizia ele; mas eu, quando Isaac me considerava bem desalentado, fiz uma reflexão com que me condenava a mim; e me disse com valor deste modo:

25 Mas que faço? E para que me deixo vencer dos fados, se um herói pode sempre triunfar deles? Ânimo, Misseno: volva-se contra ti, com quanta fúria quiser, a roda terrível da desgraça, conjurem-se contra mim todos os homens, chegue a conjuração até aos abismos, que no Ser supremo que tudo governa e que é superior a tudo, posso ter consolação que me compense e que me faça solidamente feliz.

26 Aqui ficou suspenso o emperador e eu, que havia cobrado fogo, sem parar ajuntei, dizendo: só de Deus e de mim depende o ser verdadeiramente ditoso, porque se neste infernal cárcere obrar bem e me portar de sorte que agrade ao governador

do universo, impossível é que não seja feliz e digno de grande inveja. Tudo consiste em agradar-lhe, de sorte que goste de mim quem tudo governa neste mundo e no outro: ora, para isto não dependo de ninguém mais que de Deus e de mim. Vede, senhor, se me engano.

27 A suprema inteligência, que tudo vê como na realidade é por uma essencial rectidão, deve aprovar tudo o que é bom e detestar tudo o que for mal. Deus não obra por capricho, como os príncipes obram; muitas vezes gostam de um valido sem saber porquê, ou tomam aversão a outro, sem que tenha crime algum. Deus só pode obrar com razão, pois é a rectidão suma. «Concordo nisso» (respondeu o imperador) e continuei, dizendo: ora que cousa mais justa e louvável que render-se um homem perseguido sem causa, render-se inteiramente aos decretos supremos e sem averiguar os motivos, nem arrazoar consigo mesmo, dar as mãos, dobrar os joelhos, inclinar a cabeça e dizer a Deus: *Obrai como muito for vosso gozo, que eu por tudo estou*. Impossível é que Deus me não estime, que me não ame, que me não louve. Ora, sendo isto assim, zombarei de todas as creaturas; e já que Deus me ilustra com esta reflexão da sua luz e me ajuda com a sua mão, quero fazê-lo; e assim vos protesto sinceramente que por tudo estou, venha o que vier, prisão, tormentos e morte, tudo é nada, só por agradar ao supremo Autor do mundo e de quanto nele há. Que o Omnipotente para me provar, me escolha por alvo de suas fulminantes setas; que abalando as colunas do firmamento, faça cair sobre mim de golpe as abóbedas celestes; ou que, faltando-me de repente o chão, me veja ir rolando por todos os despenhadeiros até os infernais abismos; lá, reduzido a cinzas, louvarei os seus conselhos; e, enquanto for caindo, será a minha única palavra, que Deus é justo e que as suas acções todas são a norma da equidade.

28 «Confesso (diz Isaac Lange) que Deus não poderá impedir que o seu entendimento vos louve, nem ao seu coração que vos ame, nem a sua Mão generosa que, cedo ou tarde, vos faça venturoso; e ainda quando o seu braço irado estivesse já no ar para vos dar o seu último castigo, tenho por certo que ouvindo as vozes rendidas da vossa alma, ficaria desarmado e ternamente vos abraçaria com carinho. Ah, Misseno! Feliz o que puder fazer isso que vós fazeis, porque obrando com esse generoso rendimento, ou Deus há-de ser injusto, ou o homem há-de ser ditoso, pois quando Deus ama, ninguém lhe pode atar as mãos, para que não derrame sobre o seu amigo sinais da sua benevolência. Mas sou infeliz e desgraçado, pois não posso fazer o que vós fazeis e somente tenho no coração a repugnância, a amargura e desesperação».

29 Contudo, eu vi que, desde esse dia, a luz da sua razão se lhe aclarava pouco a pouco. O seu coração se desenregelava e tomava, posto que com dificuldade, alguns suaves movimentos: tanto assim, que um dia me chegou a dizer: «Ah, amigo, agora conheço que os conselhos de Deus a meu respeito são justos, ainda que rigorosos.

Talvez um dia poderão ser favoráveis. Mas que fria é esta minha esperança!» Contudo, eu o animava quanto podia; e ele, da sua parte, não achava expressões com que me agradecesse o bem que, com os meus conselhos, lhe havia causado. «Se algum dia (me afirmava ele, apertando-me bem a mão), se algum dia venho a sair desta masmorra para o meu trono, ah, que vós sereis quem nele há-de reinar, porque a minha vontade não conhecerá outro norte, o meu juízo outro governo! Mas que loucos são os sonhos de um infeliz, que não tem outro alívio mais que a sua imaginação enganosa!».

30 Nisto nos entretínhamos e eis que um dia em que estávamos bem descuidados, ouvimos um estranho rebuliço em toda a cidade. As sentinelas que nos guardavam desampararam a porta do cárcere, porque todos clamavam: «Às armas, às armas». Não podíamos atinar com o motivo de semelhante novidade, porque eu quasi havia perdido de memória o que passara na Dalmácia; mas crescia a cada momento o tumulto, porque das torres de Constantinopla se tinha avistado que a armada saíra dos Dardanelos; e uma sentinela, que voltou ao seu posto, nos disse que era o príncipe Aleixo, acompanhado de uma formidável armada, que vinha sobre Constantinopla. Então contei ao imperador o que tinha passado com Aleixo na Silésia, e com o doge e cavalheiros franceses em Zara, dando-lhe o parabém da esperança que tinha da liberdade; e ficou quasi fora de si de gozo e contentamento.

31 Já por toda a cidade se ouvem os tambores que tocavam a rebate; já soam as trombetas, os clarins e os timbales: a cavalaria marcha a galope, desempedrando as ruas; a infanteria corre às muralhas; na cidade, o povo corre espavorido, uns tropeçam nos outros, correndo todos sem ordem. Não se ouvem senão os gritos da plebe, os alaridos das mulheres, as lágrimas dos meninos; cada qual fecha a sua porta de golpe e se aferrolha por dentro; ninguém se dá por seguro; ninguém sabe o que faça. «Inimigos, inimigos»: eis aqui o que diziam uns aos outros e eis aqui o que respondiam. Nos principais da corte eram os afectos encontrados, uns cheios de temor, outros de alvoroço, segundo estavam contentes ou descontentes do presente governo.

32 Isaac Lange impaciente, pede, roga, insta, promete recompensa a um só sentinela que nos restava, que nos deixe subir ao mais alto da fortaleza, em que estávamos, pois que as últimas portas de ferro bastantemente respondiam pelas nossas pessoas. Juntou às promessas certas dádivas; e essa chave, de ouro primeiro e depois as de ferro, nos abriram finalmente as portas e subimos ambos ao mais alto, acompanhados do guarda.

33 Já as galeras se vinham avizinhando e as filas dos remos batendo as ondas a compasso amiudado me pareciam as asas das aves, quando ligeiras voam. Todo o mar estava coberto; pareciam os vasos como um enxame de abelhas à roda do seu cortiço e, em pouco tempo, as galeras embocam o estreito e lá longe da cidade os soldados saltam em terra, o exército se forma.

34 Eram seis mil franceses e oito mil venezianos e poucos mais estrangeiros, os que vinham atacar uma cidade guarnecida por duzentos mil gregos[76]. Os sitiadores militavam em terra alheia, sem mais socorro que o do seu valor; os filhos combatiam na sua própria casa e o amor da pátria, das mulheres, dos filhos, junto ao dos interesses, davam um ânimo multiplicado aos peitos que não estavam famintos. Mas vendo-se os seus movimentos, parecia que uns adivinhavam a sua vitória, os outros a sua ruína.

35 Eu via o tirano correndo em pessoa todos os postos da cidade, exortando os cabos, ameaçando os soldados, mas intimidando a todos; e em vez de animá-los, lhes comunicava a própria pusilanimidade, porque trazia impressos no semblante o crime e o medo. Ora se valia do rigor, ora da vil adulação e baixeza, sem jamais acertar com o justo meio que deve guardar uma majestade benévola. Contudo, ligeiro voava de uma parte à outra; e era como um relâmpago que, ao mesmo tempo, se deixa ver nas quatro partes do horizonte. Tudo era rebuliço, ordens e desordens. De uma parte, se acarretava para os muros enxofre, pês, resina e semelhantes materiais para o fogo; da outra, pedras enormes, estas para arruinar, aqueles para queimar as máquinas que se chegassem às portas ou às muralhas. Não se via senão dardos, flechas, arcos e armas de arremesso. Uns lançavam nos fofos feixes de lenha e de vides, matérias facilmente inflamáveis; outros faziam vir sacos de lã, de areia, de terra, para amortecer os golpes dos aríetes ou para abafar o fogo, quando não fosse oportuno. Daqui se cortavam as pontes, dali se minava por debaixo dos muros para fazer ou desimpedir as estradas encobertas; o povo parecia um formigueiro, quando o descobrem de repente, porque uns se embaraçavam com os outros e, à força de multidão, mutuamente se impediam.

36 Pelo contrário, no campo dos latinos, tudo era ordem, tudo alegria e tudo valor. Os cavaleiros da cruzada marchavam com um ar tão fero, nobre e desembaraçado, como se viessem, não ao combate, mas ao triunfo. Sobressaía entre todos o doge de Veneza, o famoso Henrique Dandol: as cãs, que lhe saíam por baixo do capacete, o faziam mais respeitável que os emplumados elmos dos capitães que mandavam. Apesar da sua idade avançada, ele é que dava as ordens e vinha na frente de todas as tropas reunidas. Trazia ao seu lado o príncipe Aleixo, montado em um formoso ginete, ricamente ajaezado, o qual mostrava, ao mesmo tempo na preciosidade dos arneses e das armas, que era um príncipe rico, mas no ânimo e valor, que era um conquistador valoroso. Comandavam diferentes corpos, entre outros capitães que eu não conhecia, Montmorenci, o marquês de Montferrat e o conde de Flandres, que depois se intitulou Balduíno Primeiro. Este cavalheiro bem pouco esperava então a

[76] Lábbé Vertot, *Histoire de Malte*.

coroa de Constantinopla que a fortuna lhe preparava, nem temia a infelicidade a que a sua mesma fortuna o conduzia.

37 De tudo ia eu informando o emperador cego; e quando lhe nomeei seu filho, aquele coração paterno se enterneceu, de maneira que até eu me vi obrigado a deixar correr as lágrimas. «Se chegas a reinar», dizia ele, «se chegas a reinar, querido filho, acabarei os meus dias gostoso; e creio que o puro gosto mos fará acabar de repente, pois não poderei resistir aos movimentos de tão forte alegria. Mas possa eu colocar-te ao meu lado sobre o trono, ainda que dele haja logo de ser transferido para o túmulo. Porém, não permite a minha infelicidade tamanho gosto; não, não serei tão feliz que te veja vitorioso. Ah, cruel fado! E por que me conservaste a vida até um momento tão perigoso?» Deste modo eu o via, ora transportado de júbilo, ora desfalecido com tristeza; tímido nos desejos, assustado nas esperanças e sempre atormentado nos seus afectos. Eu lhe fazia saber o que se passava e a sentinela me instruía no conhecimento dos gregos que eu jamais havia visto.

38 Chegaram, enfim, os latinos perto das muralhas da cidade, quando a luz do sol lhes fugia. Sucedeu-lhe a noite, impondo aos mortais a lei do silêncio e do descanso; uma foi obedecida, a outra desprezada, procurando cada qual surpreender no dia seguinte o seu contrário, com o trabalho feito às escondidas; mas, na madrugada seguinte, ambos que pretendiam enganar, se acharam também enganados.

39 Estavam já dispostas as formidáveis máquinas com que se haviam de escalar os muros e arrombar as portas; e, por todo o circuito da cidade, discorriam os engenheiros para ver por onde se devia formar o ataque. Nisto estavam ocupados os principais chefes, quando saiu do improviso um destacamento de cavalaria para embaraçá-los. Não se soltam com mais fúria os ventos, quando quebradas as cadeias que os detinham, vão por vales e montes a destruir tudo o que encontram; assim vinham os gregos. Achava-se o tirano na escaramuça, posto que disfarçado, sendo igualmente medroso e temerário, degenerando alternativamente nos dous excessos opostos, efeito próprio de quem se governa pela paixão, sem consultar o entendimento. Chegou a conhecê-lo o príncipe Aleixo que não se disfarçava; não tinha a seu lado senão o doge e poucos outros capitães. Quis, mas não pôde reprimir a cólera, e correu como um raio contra o tio com a lança feita; não conheceu o tirano o perigo a tempo de evitá-lo e, picando o bruto, correu contra o sobrinho; estalam com o golpe as lanças ambas e passam os brutos avante. Aleixo perdeu o capacete, o tirano saiu fora da sela: lança o príncipe mão ao alfange e destro o cavalo sobre o tirano, que já ia caindo; vê-o quasi em terra, mas senhor da sua cólera dá-lhe a mão, detém-lhe o bruto, torna-o ao assento e diz-lhe com bizarria: «desembainhai a espada para defender, se puderdes, essa vida, que acabo de vos dar». Descarregam-se de parte a parte golpes formidáveis que tiniam e soavam em redondo. O príncipe coberto com o escudo, o tirano com saia de malha, viseira e capacete de finíssimo aço; acodem de

uma e outra parte os que atendiam a segurança de semelhantes pessoas e trava-se a pendência com calor indizível. Eis que uma seta desconhecida fere nos olhos o cavalo do príncipe, perde o bruto o governo, desesperado com a veemência da dor e, dando desordenados pulos, rebenta as silhas; e o cavaleiro, a cavalo na sela, vai cair entre os inimigos e aos pés do tirano. Este, ingrato à generosidade do sobrinho, levanta o braço e, com um dardo, ia a cravá-lo com a terra, quando o príncipe se salvou por debaixo do cavalo do tirano; e, passando, lhe deixou o bruto mortalmente ferido. Neste ponto, um pajem do doge toma o príncipe nos braços e, pondo-o na garupa do seu cavalo, o arranca do perigo. Conhece o tirano que o seu ginete esvaído em sangue vai a cair por terra e monta no de Constantino, seu valido, o qual abraçado com ele, morre atravessado por um dardo que arremessara o doge. Fugiu desanimado o tirano; quis segui-lo o sobrinho, mas o doge o retém pelo braço e, com a autoridade do cargo e dos anos, o deteve imóvel, repreendendo-o da desculpável e gloriosa temeridade.

40 Entretanto, pela parte do mar, se fazia um vigoroso ataque, segundo as ordens de Balduíno; e, enquanto se armava um formidável aríete para bater uma das portas da cidade, os fundibulários com pedras e os demais com setas varejavam tudo o que se assomava aos muros para impedir o trabalho. Acode a maior força dos gregos a esta parte, temerosos do perigo, e, para abrasar a máquina que já estava pronta e começava a trabalhar com fruto, lançam sobre ela muitos feixes de lenha misturados com pez e resina; e eram tão amiudados que parecia chover fogo do céu. Manda Balduíno retirar depressa a máquina e preparar tudo o preciso para formar nova ponte, deixando cair todo o fogo sobre a que havia, para que com ela se queimasse a porta: era o vento favorável, impelindo contra a porta as chamas e o fumo para os muros, de modo que se ateou o incêndio na porta, apesar das diligências que os sitiados faziam para apagá-lo. Parecia o sítio um inferno: cai enfim a ponte; mas as madeiras, ardendo no fosso, davam maior ânimo às lavaredas que abrasavam a porta: as chamas, o calor e o fumo impediam em grande distância que ninguém se assomasse aos muros. Adverte Balduíno que o fogo se ia ateando, ao longo da ponte, e que já as novas traves seriam curtas para suprir as que caíam: ele mesmo põe pé a terra, pega de um machado para ir atalhar o incêndio, mas dous intrépidos soldados lho arrancam das mãos e vão quase ao meio das labaredas pôr termo às chamas e dizer ao incêndio: «Não passes daqui». Obedece o elemento indómito e se põem prontas as tropas e as traves para entrarem com a espada na mão, tanto que a porta e as chamas lhe franquearam a empresa.

41 Neste tempo, o grande Montmorenzi, com cinco mil venezianos e dous mil franceses, preparava uma escalada pela parte do poente, onde eram mais baixos os muros: já as escadas estavam postas e os soldados disputando pela honra da primazia. Mas o doge sagaz, fingindo perder a esperança deste posto, manda retirar de repente

quatro mil venezianos e mil franceses que à ordem do marquês de Montferrat foram atacar outro posto que parecia mais oportuno. Queria fazer diversão às suas próprias tropas e com isso enganar os inimigos diante de seus próprios olhos; e, para mais os confirmar no engano, pouco depois ainda levou consigo mil e oitocentos homens, deixando somente duzentos soldados às ordens de Montmorenci, que estava bem instruído do estratagema.

42 Quando os gregos viram que os sitiadores abandonavam o sítio, correram a sustentar o que julgavam mais perigoso. Ardia então com a maior força a porta da parte do mar, dando Balduíno calor à sua empresa. Montferrat não desesperava de ser o primeiro a entrar na cidade e trabalhava com grande estrondo. A noite havia estendido já o seu tenebroso manto sobre Constantinopla, mas as muralhas brilhavam com o fogo marcial que os sitiados acendiam para lançar sobre os sitiadores e suas formidáveis máquinas: servia esta iluminação para sua ruína, pois os latinos atiravam as setas com pontaria certa e os gregos à toa.

43 Os marinheiros, neste tempo de indústria, faziam várias manobras marítimas, forçando os remos com grande impulso, misturando vozes de alvoroço e contentamento, fazendo crer que era chegado novo socorro; e, como costuma ser muito crédulo o medo e as trevas foram as madrinhas do engano, todas as indústrias do doge saíam como ele havia premeditado.

44 Então, o príncipe Aleixo, vendo que aquela parte do muro que Montmorenci atacava estava quasi abandonada dos gregos, mandou aviso ao doge e intentou a escalada. Ele gloriosamente foi o primeiro que subiu atrevido e lançou mão ao muro; mas ao querer montá-lo, um pé lhe faltou e caiu; porém, felizmente, na queda encontrou dous valorosos soldados que após dele subiam; e precipitados todos três juntamente, foi o golpe do príncipe menos funesto. Animava ele cá debaixo os outros que iam subindo, invejoso da sua sorte, quando viu que uma pedra enorme rolando pelo alto da muralha veio enfim a cair e quebrar a escada por onde eles subiam, ficando dous mortos e outros estropiados. Mais glorioso e mais funesto foi o sucesso do grande Montmorenci, porque havendo subido felizmente por entre uma chuva de setas que batiam sobre o seu escudo, ao chegar acima dos muros, uma lança o atravessou pelo peito e mandou coroado de louro ao templo da glória. Já a este tempo haviam acudido o doge e Monferrat, com a força das suas tropas, deixando, nos lugares que atacavam, todos os pífaros, tambores e instrumentos músicos, os quais, soando como se aí houvesse soldados, escondiam aos sitiados a sua ausência. Não estavam os gregos prevenidos para tão vigoroso combate naquele sítio que julgavam abandonado; e, por isso, já nos muros se pelejava peito a peito. Quinze soldados franceses chegaram a montá-los, mas nem um só escapou com vida; ainda que três deles, antes de perdê-la, chegaram a entrar na cidade e a deixavam de antemão gloriosamente vedada. Viu o doge que havia acudido a esta parte

dos muros uma tal multidão de gregos, que a cada cavaleiro correspondiam muitos mil; e tendo grande esperança na empresa de Balduíno, mandou tocar a recolher, para poupar soldados e forças.

45 Conhecendo isto, o emperador cego desceu desanimado da guarita onde estávamos, temendo o sucesso funesto de tão perigosa empresa. Eu o alentava com as esperanças, sem passar os justos limites da prudente incerteza e ponderava algumas das razões com que havia animado em Zara os cavaleiros para entrar naquela empresa. Então o emperador não sabia como me desse a conhecer o seu agradecimento e me dizia: «se chego a sair do cárcere, eu vos juro por quanto o céu e a terra têm de sagrado, que não tomará sustento o meu corpo, nem a minha cabeça descanso, sem que vós estejais a meu lado. Vós sereis o báculo da minha velhice, a luz de meus olhos, governo a meus pés e às minhas resoluções conselho. Vós sereis o condutor de Aleixo no trono, já que o fostes no desterro: metade da nossa coroa será vossa, porque toda ela se vos deve; e, se por cúmulo da minha infelicidade, meu filho perecer no combate, vós sereis o regente do meu ceptro, até que meus tenros netos possam empunhá-lo. Tomo por testemunha o Deus que me castiga, e lhe peço que descarregue sobre mim todo o furor da sua justa vingança, se eu me esquecer do que diante dele prometo. Esqueçam-se os meus braços sem nervos, o meu entendimento se esqueça; esqueça-se a língua sem força; esqueçam-se de mim meus vassalos, se Isaac Lange se esquecer de Misseno». Mais queria dizer, mas eu o atalhei urbanamente, porque vi que se inflamava; e somente lhe disse:

46 «Nada mereço, senhor, e nada espero, porque obro principalmente por mim. O satisfazer às obrigações da humanidade, da honra e do meu carácter, é o que me anima a valer a qualquer afligido, quanto mais a um príncipe desterrado e a um emperador preso. Na doce satisfação do meu carácter e do que me devo a mim, tenho um bem grande prémio; e assim, se tiver gosto e a felicidade que, por meio desta empresa, vós e o príncipe sejais restituídos à liberdade e ao trono, nenhum prémio poderá haver no mundo mais glorioso e que mais satisfaça o coração humano, que o dizer-me a mim mesmo com verdade: «Arranquei das garras da Desgraça a dous príncipes beneméritos, que sem mim naturalmente pereceriam nelas». Assim, não ocupeis, senhor, o vosso entendimento com a ideia de recompensa aos meus serviços, porque quando vós me désseis toda a vossa coroa, não me poderíeis dar tão nobre e gloriosa recompensa, como eu posso ter, ficando nesta masmorra. Achais talvez a minha filosofia estranha? Pois sabei que muito tempo há que desejo fazer o bem, só pela satisfação de o haver feito. Com isto o deixei descansar o breve intervalo que o sono lhe ocupou os sentidos e eu me pus em sentinela à porta do meu coração, para que não esperasse de homem algum recompensa, porquanto esta esperança é a mais ordinária porta da nossa inquietação e desassossego. Quem confia nos homens, se acha de ordinário enganado; e nada aflige mais vivamente um coração sensível, que

uma justa esperança frustrada; bem como sucede àquele, que em caminho tenebroso vai a pôr o pé com toda a confiança e, achando-se em falso, se precipita. Vós vereis, depois, que o meu coração foi pressago.

47 Chegou enfim a madrugada seguinte; porém, ainda se não sabia por que parte do horizonte havia de sair a aurora e já no campo soavam os bélicos instrumentos e os preparos para um horrível assalto: pouco a pouco, veio esclarecendo o dia e diríeis que toda a terra se desentranhava em gente e o murmurinho do povo, multiplicado por todos os habitantes e pelos sitiadores, parecia o sussurro do mar agitado contra os rochedos. Em toda a noite não tinha cessado o conde de Flandres de preparar uma nova ponte para lançar à porta que as chamas haviam aberto; e aos primeiros raios do sol estava a ponte lançada, a porta aberta e Aleixo na testa de todas as tropas. Estavam os ânimos dos sitiadores impacientes e até os cavalos o estavam, quando soavam as trombetas e os timbales, porque não era ainda este o sinal para que se entrasse a cidade: mordiam os freios e a pedaços caía a espuma que formavam de raivosos e bravos; batiam a terra, que tremia e soava debaixo dos pés dos brutos; os rinchos, os pulos, os movimentos do corpo desconcertavam as filas; e dobra-se a impaciência da cavalaria, quando soa o sinal, para que a infantaria marche a passo amiudado. Mais de cem mil gregos estavam dispostos a defender a porta e o resto sustentava todos os outros postos perigosos. Fiados no seu ventajoso número, já repartiam entre si os despojos, antes de entrar na batalha; e na sua ideia quantos cavalheiros viam, tantas vítimas destinavam ao seu furor e vingança. Teófilo e Pármenas eram os dous generais que aqui comandavam as tropas; e todos, a pé firme, esperavam os sitiadores dentro da cidade, para que, encerrando-os pelas costas, nenhum pudesses escapar com vida ao furor do seu ferro.

48 Ao chegar a infanteria mais perto dos muros, se dispara a um tempo uma chuva de setas tão cerrada, tão espessa, que elas mutuamente se encontravam nos ares e muitos tiros se perdiam. Caem por um e por outro lado os companheiros mortos; mas cada qual herdava logo dos defuntos o ânimo, o ardor e a raiva para a vingança. Abre-se em duas colunas a infanteria ao chegar à ponte e entra a cavalaria de golpe, abrindo o passo à infanteria. Trava-se a pendência e tudo na cidade é horror, tudo mortandade. Qual lobo voraz no meio do numeroso rebanho, assim andava a morte com a funesta e desapiedada fouce, envolvendo na sua cólera igualmente os valorosos e os fracos, os latinos e os gregos, os cavaleiros e os soldados rasos. Distinguia-se entre os gregos Timóteo, moço de grande valor que algum dia se criara com o príncipe Aleixo e tivera com ele íntima amizade. Então, levado da obrigação do cargo, fazia prodígios de valor e o seu braço era o mais formidável que deviam temer os latinos: dirigiu-se a ele, sem o conhecer, a cólera de Aleixo e com um dardo farpado o acomete e o lança aos pés. Eis que, no momento dessa particular vitória, vê que os gregos suspendem as armas, estando pela maior parte vitoriosos:

vê que os braços desanimados lhe caem frios e lânguidos e que nem ousam avançar, nem têm forças para fugir. Teme o doge alguma grande cilada, ignorando o motivo desta novidade e suspende também os seus. Nesta incerteza colhem um prisioneiro, que lhes confessa o motivo, dizendo assim: «fugiu esta noite o emperador Aleixo em uma barca com sua mulher, família e tesouros». Apenas o príncipe Aleixo ouve a notícia, de repente o ânimo, o semblante, o coração se lhe mudam: começa a olhar os gregos como filhos e os latinos como estrangeiros, posto que amigos; e enquanto o doge dá as ordens próprias a esta novidade, Aleixo reconhece o seu amigo antigo: então vê que quem tem aos pés meio morto é Timóteo; o sangue, que às golfadas lhe sai do peito, o enternece. Ainda ele não expirara, ainda ouviu que o príncipe era o seu soberano e, com os olhos moribundos, com a mão pálida e lânguida, sem se poder explicar, se explica: que o amor para tudo tem arte. Aleixo então desmonta do cavalo e o abraça; quer, mas teme arrancar-lhe a farpada lança, com que o atravessara. «Ah, amigo,» — lhe diz — «ah, meu príncipe!». Com acenos responde; então já aos olhos de Aleixo parece virtude e heroicidade o que fora no instante precedente motivo de raiva e de vingança: revivem na memória os doces entretenimentos dos anos juvenis, em que a distância do ceptro dá maiores largas à amizade. O coração se lhe enternece e chora; as lágrimas se misturam com o sangue do amigo, que ele mesmo derramara e aflito vai a arrancar o ferro; porém, multiplica, sem o advertir, e aumenta a ferida; e vem o amor a completar o homicídio que a raiva começara. O coração de Timóteo já não palpita senão com os alentos do amor; a alma quer separar-se, mas ele, pressentindo o último alento, se esforça, pega da mão de Aleixo e, chegando-a aos seus lábios já frios, expira.

49 Já o doge, Balduíno, Monserrat e todos os cabos rodeiam Aleixo; e ele os recebe com os olhos cheios de lágrimas; mas quando os senhores gregos o cercam, facilmente as enxuga. Incerto, não sabe a quem abrace primeiro, se aos inimigos, que já o não são, se aos amigos, que o são e o foram. Chora o sangue grego, sendo seus filhos; sente e agradece o que os latinos derramaram. Levam-no todos em triunfo, sem que houvesse vitória e tomam o caminho do cárcere para buscar Isaac Lange.

50 Nós estávamos pasmados, vendo a súbita suspensão das armas. «Ah, que é morto meu filho», dizia Isaac Lange, «é morto meu filho e cessou com a vida o direito; cessaram as armas, porque ninguém as toma por mim, cego, encarcerado e meio morto». Neste tempo, o sentinela, vendo que corriam à fortaleza, nos fez descer precipitadamente, porque cria que o tirano fazia reforçar as guardas para se assegurar dos presos. Mete-nos em masmorras separadas e duplica as cadeias e as chaves. Mas apenas me tinham aferrolhado, quando ouço no cárcere vizinho vivas, adorações e parabéns, tudo em agradável desordem; eu ouço a voz de Aleixo, a voz do doge, a voz dos principais cabos que conhecera em Zara. Ouço que os gregos prostrados por terra dão a Isaac Lange as adorações de emperador e que

das cadeias passa para o trono: então, em companhia de Aleixo, é levado ao templo de Santa Sofia para aí ser declarado seu filho sócio do ceptro[77]. Neste grande alvoroço ninguém se lembrou de Misseno; e Misseno ficou esquecido e fechado no cárcere, mas ficou estudando no livro da experiência o pouco que vale a palavra de um homem, quando muda de fortuna, e quão louco é quem obra bem só com a esperança do reconhecimento dos homens. Doutrina que me valeu mais que todos os ceptros do mundo.

[77] L'Abbé Vertot, *Histoire de Malthe.*

Gaspar Frois M. inv. esc.
Misseno Sahe da Fortaleza por hum Sumidoiro, e por debaixo de agua por intervenção de Hermila filha do Governador da Fortaleza, q. depois de o Consolar com o lume o manda fugir atoda apressa. nº 29.

LIVRO VII

1 Não pôde a princesa conter a sua admiração e espanto, vendo a ingratidão de Aleixo e de seu pai Isaac Lange. O conde pulava de impaciente, só com ouvir a narração de semelhantes sucessos; e um e outro descarregavam desapiedados golpes de uma condenação justa sobre estes ingratos, concorrendo cada qual com o colorido mais vivo e com as mais negras sombras para fazer sair e realçar a fealdade dos retratos que eles ambos faziam. Misseno então, com o sangue-frio os tranquilizava, dizendo-lhes que não se admirassem, porque não tinham para isso motivo.

«Não cai,» — dizia ele — «não cai bem o espanto, senão nas cousas raras; e não achareis no mundo cousa mais frequente do que são os ingratos. Os mesmos que declamam com maior horror contra este monstruoso vício, às vezes o adoptam como filho mimoso, porquanto ele só é feio pela face que olha ao benfeitor, mas pela que respeita os ingratos, é mui agradável; e a razão é porque os dispensa da obrigação do agradecimento, que sempre oprime, e quanto maior é o benefício que receberam, tanto maior era a escravidão em que se achavam; e como mui poucos gostam de arrastrar as cadeias dessa escravidão, com um simples esquecimento se livram delas. Meus amigos, quem não quiser viver com ingratos, muito trabalho há-de ter, havendo de viver no mundo. Infeliz será o mundo que não receber ingratidões, porque muito pouco bem há-de fazer aos outros: pelo contrário, crede que, quanto mais ingratos eu fizer, tanto mais nobre é o fim que me move a obrar bem, porque esta é a condição do coração humano; se acha correspondência, insensivelmente a busca e já então obra com os olhos nela; mas, se a não acha, obra com ânimo nobre e heróico, fazendo o bem só porque é bem, sem outro fim nem motivo, que somente o interesse ou diminua o valor. O que faz bem só aos agradecidos, faz comércio; mas o que faz bem a ingratos, obra com liberalidade pura. Um semeia os benefícios, o outro os derrama; um obra como homem, o outro faz como Deus; e sempre tem a consolação delicadíssima e pura de ter obrado bem, que é o mais fino gosto que pode lisonjear o paladar de uma alma bem formada.

2 Esta era a minha consolação no cárcere. Verdade é que, de quando em quando, a natureza gemia, a minha sensibilidade me escapava e eu me dizia tudo o que vós tendes dito, ao que também me incitava o sentinela, que havia assistido no dia da batalha, o qual sempre me ficou inclinado; e quando lhe cabia o estar de guarda, se entretinha comigo, contando-me o que passava a meu respeito.

3 Com efeito, Isaac Lange queria tirar-me do cárcere e fazia de mim muitos elogios a seu filho Aleixo. Porém, este, vendo-se árbitro dispótico do ceptro que seu pai não podia sustentar nas mãos caducas, nem governar com os olhos cegos, por modo nenhum queria ter a seu lado quem lhe ajudasse a sustê-lo e manejá-lo. O seu fogoso

ímpeto não queria ser reprimido pela prudência de outrem; e quanto mais Isaac me elogiava, tanto mais Aleixo me temia. Lembrava-se dos discursos que havíamos tido na Silésia; mas esta lembrança o confirmava no pensamento de não ser conveniente que seu pai me tivesse ao lado. E para tirar todos os sustos, lhe persuadiu que eu era morto, e me mandou de noite com toda a cautela remetido a uma fortaleza situada sobre o Esker, quasi na raia da Bulgária[78].

4 Eis que me vejo de novo preso e manietado, cadeias aos pés, algemas nas mãos, coleira de ferro ao pescoço. E soldados de um e outro lado acompanhavam a carruagem, em que eu era levado».

Quando Misseno referia este sucesso, o conde, impaciente e admirado, o atalhou, dizendo que ou o seu coração era de outra natureza, ou algum encanto superior lhe havia feito a alma insensível. Ao que Misseno respondeu, confessando que nessa ocasião o seu coração flutuava, ora se submergia oprimido de tantas injustiças, ora sobrenadava, sustentado pelas resoluções precedentes:

«Se eu tivesse crime,» — dizia Misseno — «a boa razão pedia que eu abraçasse com resignação o castigo: ora, a mesma razão pede que o suporte com gosto, padecendo inocente, porque não suportava senão metade da pena. Quando há crime, o aguilhão do remorso fere a alma com mais viva dor e mais importunos e repetidos golpes que tudo mais que aflige o corpo. O horror do crime, que em nós conhecemos, nos faz detestáveis a nós mesmos; e como sempre nos estamos vendo, vimos a padecer sempre. Porém, quando um está inocente, a alma se acha numa paz, num repouso, numa satisfação inexplicável, porque, contente de si mesma, não se aflige, não teme, não receia, não tem vergonha. O inocente afligido se diz a si mesmo: «Se sou perseguido no país da mentira, serei feliz e serei estimado na região da verdade». Demais, sempre me lembrava da doutrina de Grafton acerca da providência; e o pensamento sossegado me dizia como em segredo «será para teu bem isso que parece ser tua ruína»; e com efeito o foi».

5 «Não me demoreis o gosto» — disse a princesa — «de saber como vos livrastes de tão protervo inimigo como foi esse monstro de Aleixo», ao que Misseno satisfez deste modo:

«Fechado em uma masmorra, em nada melhor que a primeira, sem mais companhia que os ferros, nem mais consolação que a do céu, me achava uma noite resistindo aos importunos ataques com que a melancolia, achando-me só, me vexava; e para distrair-me cantava, acompanhando-me com o som que faziam as minhas cadeias; e sucedeu que disse esta copla:

[78] O Esker é um pequeno rio, que desemboca no Danúbio, 8 léguas ao poente de Nicópolis, e corre ao Norte.

Se o valor de um bem conheço,
Pelo preço que se pede,
Grande bem se me concede,
Pois que tanto mal padeço.

Acabada a copla, senti que me haviam escutado; e passado pouco tempo, vejo abrir a porta do cárcere e entrar uma donzela que me aturdia mais com a sua modesta beleza, que com a novidade da visita. Em minha vida não tinha visto pessoa tão bela e ao mesmo tempo com uma tal decência e modéstia e virginal pudor que me admirava. Era Hermila, filha do governador daquela fortaleza, a cujas chaves e segredo eu estava recomendado. Deus a havia favorecido com um juízo vivo e ela o cultivava com a lição de Homero e outros poetas excelentes que lhe inflamavam o coração, naturalmente nobre, e que estimava a virtude heróica. Viu, pois, ela a minha admiração; quis falar, mas não pôde explicar-se com as vozes; eu lhe via tremer os lábios, subir às faces um novo e admirável carmim que, pouco depois, foi salpicado com lágrimas. Fazia ela força para sustê-las, mas era inútil a diligência; os diques estavam rotos, era forçosa a inundação pelas faces. Fui eu o primeiro a falar; e depois das expressões a que a política e compaixão me moviam, a obriguei a que me declarasse o motivo da sua visita e a causa de suas lágrimas, o que ela fez depois de se sossegar um pouco; e me disse desta maneira: «Nunca imaginei que pudesse a minha infelicidade ser tão grande como agora»; e parou. Instei e continuou, dizendo: «Vejo que o sangue ilustre e as heróicas acções dos antepassados levantaram meu pai ao posto que tem na guerra e à amizade do príncipe e, por isso, ao desgraçado emprego de governador desta fortaleza em que vos meteram… Ai de mim! Em que estrela nasci! Para ser instrumento da vossa aflição e talvez verdugo da vossa morte, pois não podereis resistir a tão penosa prisão. Quisera não ter nascido, quisera ao menos não vos conhecer, nem ter ouvido a vossa voz, nem os discursos, que falando só convosco, fazíeis; quisera, ah, meu Deus! Quisera antes morrer, do que ver o que vejo, sentir o que sinto e temer o que temo. A vossa heroicidade me admira, a vossa paciência me encanta, a vossa virtude me deixa fora de mim; e quanto mais me admiro, mais vos estimo e mais vos respeito, maior é o garrote que atormenta a minha alma, quando vejo por entre as sombras do futuro… Mas não posso proferir o que suspeito»; e aqui as suas palavras faltaram, porque as lágrimas as impediam.

7 Mal sabeis, amigos, a impressão que esta fala me fez. A minha alma enternecida mostrou então toda a sua sensibilidade. Via nesta donzela um carácter tão liso, tão sincero, tão verdadeiro, que tudo quanto tinha no seu coração conheci, como se o visse com os olhos: o cristal puro de seu semblante, à maneira de uma redoma transparente, mais servia de mostrar, que de encobrir o seu ânimo enternecido e generoso. Então procurei curar com um bálsamo duas feridas, a sua e a minha, e

comunicar-lhe as razões que me consolavam nas minhas infelicidades, para que ela se não mortificasse com os meus trabalhos. «Venha o que vier», lhe disse eu, «venha o que vier para o futuro, nada pode acontecer que não seja para o meu bem, se eu deixar a Deus que governe. Quando do insondável caos do nada saiu este mundo em que vivemos, sabei, senhora, que nem os bens ficaram puros, nem os males se acham sem ter algum bem misturado. Tudo tem duas faces; se uma é feia e horrível, outra será bela e formosa. Mas Deus, cujo entendimento é tão superior a todos os sucessos, quanto o seu excelso trono o é a todos os lugares da terra, tudo vê, tudo combina e a tudo atende, de sorte que o mesmo sucesso que parece conveniente, visto pela face inferior que se volta para nós; visto pela parte de cima, e que se apresenta à Eterna Inteligência, é talvez muito danoso e terrível: outro pelo contrário, que nos enche de horror e faz gelar o sangue nas veias; visto pelos olhos da verdade eterna, será felicíssimo e fonte de todo o nosso bem. Não é Deus como os homens, que obram sem discurso ou discorrem sem pesar, ou pesam com balança falsa. Deus, olhando para tudo com um ar majestoso e desembaraçado, com uma simples vista de olhos conhece tudo; compara os fins e os meios; os efeitos e as causas; as dificuldades e o modo de desatá-las; e com tal prontidão, que mal olhou, já viu quantas utilidades se pode tirar de um mal e as consequências nocivas que se podem seguir de algum bem. Ora, Deus, por uma essencial rectidão do seu ânimo justo, jamais pode fazer senão o que for bem e jamais poderá consentir senão o que for útil. Serei eu logo mais entendido que Deus, para reprovar o que ele aprova; ou serei mais delicado que ele, não podendo suportar a enormidade que a Suprema razão consente? Supondo, pois, este princípio», continuei eu, «jamais quero considerar os sucessos que me acontecem pelo lado horroroso; e só os contemplo pela face que tem formosa e agradável. Posto à mesa deste universal banquete, em que os sucessos servem de iguaria à nossa alma, encontro toda a infinita variedade de sustento; mas se tenho regalos salutíferos, com que o meu ânimo se recreia, para que hei-de lançar mão do veneno amargosíssimo, com que outros rebentam? Tudo devemos, senhora, tomar pela boa face e sempre viveremos alegres».

10 Ficou Hermila suspensa com esta filosofia, que ela jamais tinha ouvido.

«Vós sois», diz ela, «como as industriosas abelhas, que até do áspero tojo tiram mel delicioso, quando eu, sendo como as horríveis aranhas, até das suaves rosas não sei tirar senão mortífero veneno. Mas tenho um tal coração que sinto todos os males alheios e os padeço como próprios. Se vós soubésseis quantas lágrimas tenho chorado por ver oprimida a virtude e que vos não posso valer; mas sou infeliz, e por sorte crudelíssima os fados me destinaram para participar todas as infelicidades dos outros. Quisera ter um coração duro; mas não, não quisera tê-lo, porque então seria um monstro. Padeço muito pelo coração que tenho, mas não quisera deixar de padecer, se para isso havia de ser preciso o mudá-lo».

11 «Deveis, senhora, fazer com os outros» — lhe respondi — «o que eu comigo faço».

E para lhe inculcar bem esta doutrina, lhe pedi licença para a entreter com um sucesso galante. Passando eu por Marienburg[79], um cavalheiro prussiano me recebeu na sua casa de campo, que ele havia ornado com riqueza grande e gosto esquisito, mas extravagante. Entre outros gabinetes, tinha um todo ornado de pinturas, de um debuxo exacto, belo colorido e invenção feliz: parecia que a natureza se havia reproduzido nos quadros, que tão próprias eram as imagens que neles se representavam. Mas todos tinham esta singular propriedade, que estavam pintados por ambas as faces e com pintura bem contraposta.

12 Via-se em uma risonha primavera, na figura de uma gentil menina, coroada de flores, a qual vinha conduzindo pela extremidade da roupa o encalmado estio, mancebo robusto: este, afadigado e suando, preparava os pomos para os entregar ao pródigo outono, homem já maduro, o qual, se com uma mão os recebia, com a outra os deixava cair por terra. Eram tão próprios os frutos, tão natural a acção de cada uma destas figuras, que só o ver esta pintura encantava. Mas pelo avesso estava em cor triste e sombria, debuxado o hórrido inverno, na figura de um velho já caduco que, sentado numa pedra, se aquentava ao lume com as mãos ambas trémulas quase sobre as chamas. Todo estava tiritando de frio, retirado ao canto do quadro: os seus vestidos ensopados em água, a cabeça coberta de neve, os cabelos hirtos e duros, o semblante feio e triste, o corpo seco, mirrado e fraco. Em lugar de árvores só se viam os esqueletos delas. O fundo do painel representava as nuvens negras de uma feia trovoada, fendidas por aqui e por ali com alguns raios que faziam horror; todo o campo se representava solitário, agreste e triste, e igualmente ficava o ânimo de quem observava esta pintura.

13 Pelo mesmo estilo, em outro painel se via a bela aurora, no seu brilhante carro de azul que por cima tinha frisos de ouro, o qual vinha tirado por uma infinita multidão de passarinhos. Ela, com a mão esquerda, fazia sinal aos planetas que se retirassem e, com a direita, apontava para o lugar onde havia de aparecer o sol; e lá se começavam a ver os fogosos cavalos, querendo saltar por cima das trincheiras do horizonte. Mas, pela face oposta, tinha o mesmo quadro pintada a melancólica noite, representada numa feíssima negra, sentada num carro sombrio, tirado por corujas, morcegos e mochos. Vinha ela lançando um vastíssimo e negro manto, com que cobria a face da terra, em cujas trevas aqui naufragava um navio, ali se precipitava um caminhante, acolá se faziam os roubos; desta parte se impacientavam os enfermos

[79] Marienburg é a capital do Palatinado deste nome na Prússia Polonesa; e fica pouco distante do Vístula ao nascente deste rio, e poucas léguas ao sul de Danzigue.

e daquela, pelos ares, vinham voando vários crimes que, como filhos da noite, a seguiam, todos em figuras horríveis.

14 Por este modo em todos os painéis havia um lado agradável e outro melancólico. Um, porém, dos que me fez maior impressão, foi o que representando numa face as quatro idades da vida com colorido e invenção admirável e bela, pintava, no avesso do quadro, a hórrida morte, com bem fúnebre ideia. Via-se um esqueleto de gigante com foice recurvada na mão, calcando igualmente cabanas e tronos; aqui, caíam degoladas donzelas mimosas, lá, meninas inocentes; aqui, heróis famosos, lá, pais de famílias mui necessários. Ao longe se viam vários géneros de morte: ali, um moribundo arrancado à violência de dores, acolá, um malfeitor suspenso no patíbulo com movimentos horrendos; desta parte, um assassinado nas trevas, da outra, muitos afogados nas ondas; e, no meio, para causar maior horror, um tigre despedaçando uma pobre mulher e cevando nas entranhas palpitantes a sua inata sevícia.

15 Eu, toda a vez que entrava neste gabinete, voltava de forma os painéis que as faces tristes ficassem para a parede, porque me afligiam, e as belas e formosas para os olhos, porque me recreavam. Mas observei que, no dia seguinte, quando voltava, achava sempre tudo pelo contrário. Esta era a mania do dono da casa, que só queria ver imagens tristes, retirando de propósito os olhos das agradáveis e formosas. «Que vos parece», perguntei eu a Hermila, «este depravado gosto do cavalheiro prussiano»?

16 «Não posso» — me disse ela — «acabar de crer que houvesse génio tão mal-formado nem paixão tão melancólica».

«Podeis crê-lo,» — repliquei eu — «e talvez que em vós mesma acheis a convicção de que tudo o que vos referi é verdade».

Dobrou-se a sua admiração, não suspeitando que eu falava por figura, a qual eu lhe declarei, dizendo que todo o homem era bem pouco racional, quando, podendo considerar as cousas pela face agradável, só as punha diante dos olhos da imaginação pela melancólica e triste. «Senhora», continuei eu com um tom firme, «crede que nada (excepto o obrar mal) me pode suceder que me faça infeliz. De mim é que me temo, não me temo de mais ninguém neste mundo: todos quantos trabalhos forjar na imaginação a milícia de Aleixo me podem ser bons. Um baixel furiosamente impelido pelos ventos, desmantelado pelas tempestades, irá muitas vezes, sem o saber, avizinhando-se ao porto conveniente, do qual estava distante; assim serei eu. Quem sabe os desígnios de Deus sobre mim, e se querendo-me Aleixo fazer o maior dano possível, sem o pensar, trabalhará na minha felicidade». «E se a morte…», me diz Hermila: mas apenas pronunciou esta palavra, vi que se arrependera e queria outra vez recolhê-la; mas era já tarde e houve de explicar o seu pensamento.

17 «E se a morte cortar os vossos dias, que felicidade podeis esperar?»

«A que esperam os heróis.» — respondi prontamente — «Não sabeis que aos mais beneméritos de ordinário o prémio que os homens têm dado é a morte? A alma

dos heróis não morre, porquanto Deus seria injusto, esta sua máquina do mundo seria a obra mais imperfeita que jamais houve; enfim, Deus não seria o que é, se a morte impedisse a felicidade de quem sempre obrar como deve. Não, senhora, eu estou bem certo que serei mais feliz que Aleixo, se eu obrar sempre bem; podeis francamente declarar-me todos os vossos temores, porque se há ordem para que morra, com a mesma serenidade me vereis entrar nas sombras da morte para sair à região da verdade com que me vistes entrar neste cárcere, talvez para não sair dele».

18 Pasmada ficou Hermila com esta resposta; e, enfim, vendo o meu desafogo, também ela começou a serenar-se e me disse que, de ordinário, mandavam para aquela fortaleza os presos de estado, a quem queriam, sem o estrépito e formalidade da justiça, dar morte oculta, ou deixá-los em esquecimento, para que nunca mais aparecessem, e que este era o motivo do seu susto que a obrigava a derramar lágrimas compassivas e desinteressadas.

19 Então a consolei, persuadindo-a que Deus não tinha deixado aos homens o absoluto governo do mundo; que eles não eram senão um simples instrumento de que a Providência Suprema se valia para a execução de seus altíssimos desígnios; que eu estava bem persuadido que nenhum mal me havia de acontecer, senão o que fosse útil para o meu sólido bem, porquanto eu, sem perturbar a mão divina, a deixava ir delineando a seu gosto toda a planta da minha felicidade.

20 Neste ponto Hermila ouviu um ruído e, temendo que os guardas pudessem perceber a sua visita, se retirou apressada, sem acabar de dizer ao que vinha.

21 Comecei então a revolver no pensamento tudo quanto me dissera; e então foi um horrível momento. A memória me representava tudo o que eu tinha obrado pelos dous ingratos emperadores; o entendimento me formava mil discursos fúnebres; a imaginação me pintava esta ingratidão com tão vivas, tão negras, tão carregadas sombras que me faziam horror. Começou a razão a ofuscar-se, o meu coração inquieto não cabia no peito; pressago do futuro, cuidava ver ao longe espectros formidáveis, figuras espantosas. O espírito do erro me punha uma venda pelos olhos para nada ver do que até então via: todas as razões que podiam consolar-me se me varreram da memória; e eu me via submergido num pélago sem fundo de amargura e tristeza: todas as paixões saíram dos recôncavos do meu interior, como fariam as harpias do Cócito, que se soltassem dos infernais calabouços, e me assaltaram de improviso, de sorte que já Misseno não era Misseno, e eu me não conhecia.

22 Suspirava com uma aflição indizível: tudo a um tempo se oferecia à minha ideia, o passado, o presente e o futuro; os bens e os males; os trabalhos e as felicidades; a morte e a vida; os amigos e os inimigos; os fados, as fortunas, as desgraças; enfim tudo e num tal labirinto, confusão e tumulto, que eu não sabia o em que cuidava. Tanto assim, que já o corpo se sentia da enfermidade da alma: o peito se queixava, os braços me caíam, o sangue-frio se ia gelando nas veias e o corpo lânguido desfalecia.

23 Eis que uma luz celeste, de repente, me aparece e todo o cárcere fica iluminado. Facilmente creria que fora ficção da minha fantasia esquentada, se depois o sucesso me não convencesse da realidade. Vejo um gentil mancebo que, despedindo raios do seu rosto, mais belos e mais doces que os do sol, sem me cegar, me deixavam a minha vista encantada: o cabelo de ouro, engraçadamente desprezado, lhe aumentava a formosura; nas duas asas de neve se viam os cotos dourados; as roupas eram de um carmim vivíssimo, como o do horizonte ferido do sol; e tudo fazia a mais agradável vista que jamais meus olhos gozaram. Apenas entrou no calabouço, me levanta da terra, em que eu jazia esmorecido, e me diz assim: «Vladislau, não te deixes vencer dessa pusilanimidade. Deus, em cuja providência descansas, cuida em ti; e não poderia o teu amor-próprio ter sobre ti maior vigilância do que Ele tem: ainda a sua bondade é para contigo maior do que tu cuidas. Sabe que dentro de pouco tempo te verás sobre o trono, mas não será ele a tua ventura maior, porque se fores constante, outra muito maior ventura te espera». Disse: e batendo as asas com um movimento, ao mesmo tempo plácido e ligeiro, nobre e engraçado, vi eu que ia penetrando as nuvens, deixando no cárcere o mais suave cheiro que os sentidos jamais haviam percebido.

24 Suspenso fiquei com esta novidade; mas o sossego da minha alma igualava a minha admiração extrema: eu me via num cárcere e quasi condenado à morte e me falavam em tronos. Porém, o que me causava maior alegria, era a segurança de que eu estava protegido pela Suprema Providência. Mal sabia eu então que, nesse mesmo dia, meu pai havia terceira vez subido ao trono da Polónia e que o anjo tutelar daquele reino era o que por ordem soberana havia vindo a animar-me.

25 Ao mesmo tempo, Hermila se achava na maior aflição que jamais teve um coração feminino. Ao retirar-se ela do cárcere, seu pai, Teócrito, lhe mostra a ordem da corte para que me façam perecer prontamente, mas com um inviolável segredo; e tais crimes me suspeitava ele que eu era o seu horror, como inimigo do estado. Lê Hermila a ordem e vê que não admitia réplica, nem sofria demora: suspensas lhe ficam as lágrimas com a força da dor; sua alma imóvel não sabe que caminho tome; e qual caminhante perdido em noite escura e confusa brenha que ouve as feras bramindo, sem saber onde tem a vida, onde a morte, assim ela se achava. Um ímpeto de furor contra Aleixo lhe sobe ao coração e começa a falar com fogo; mas adverte no perigo e volta contra mim com disfarce e fingimento todo o seu aparente ódio. Serena-se com isto o pai, o qual havia admirado a aflição que lhe conhecera no semblante, e consultam ambos qual será o meio mais a propósito para a execução das ordens imperiais, quanto à morte e quanto ao segredo. Persuade Hermila que me deixem perecer à fome, querendo ganhar tempo para dar-me socorro e, desde esse momento, a sua compaixão não admite outra ideia e se obstina no pensamento de me dar liberdade. Era a empresa tão difícil, que tocava nas raias do impossível; mas

a mesma dificuldade lhe acendia o desejo, capricho próprio do coração feminino que não se contenta com o fácil. O fogo com que um emperador moço governava, o empenho com que esta ordem viera, lhe faziam temer para seu pai ou para si própria a última desgraça, se por acaso se suspeitasse o crime; mas, de qualquer modo que discorresse, o remate de todos os seus discursos sempre era que me havia de dar liberdade: este era como o centro do labirinto em que se achava e aonde sempre a sua generosidade a conduzia.

26 Perde o sono e a vontade de comer; enjoa toda a conversação; anda solitária e pensativa. Diríeis que andava consultando as paredes, as árvores, as penhas. Um dia que, debruçada sobre o parapeito da fortaleza, misturava com as águas do rio as que derramavam seus olhos, advertiu que as ondas entravam para debaixo do cárcere por uma subterrânea gruta. Então se lembrou de haver ouvido que o cárcere tinha certo sumidouro oculto, por onde antigamente alguns prisioneiros haviam sido entregues às águas e à morte, e lhe ocorreu um arbítrio para salvar-me e que por aquela porta da morte podia dar-me a vida. Havendo, pois, preparado tudo, segundo a sua ideia, persuadiu ao pai que seria mais conveniente lançar o prisioneiro no sumidouro, para dar mais pronta resposta à impaciência de Aleixo. Aprova o ódio de Teócrito o conselho que a amizade produzira e, sem demora, ele mesmo quer ser o meu verdugo, para não fiar de outrem o segredo imperial. Quis, mas não pôde Hermila persuadi-lo a que diferisse a execução para o dia seguinte. Ela necessitava de falar-me primeiro e de certas disposições de fora, para poder sair bem na empresa; mas, não havendo tempo, via que ela tinha sido o mais cruel verdugo de quem tanto estimava e afogava no seu peito, bem arrependida do conselho, a dor mais cruel e mais desesperada. Eis que vejo entrar na masmorra o resoluto Teócrito. Meu Deus! Que admiração foi a minha, quando ele me leu a ordem imperial! Todas as esperanças que, apesar da minha cautela, havia o meu coração concebido, se desvaneceram de repente. «Eis aqui o trono», me dizia eu a mim mesmo», «eis aqui a minha felicidade»; mas logo como se tivesse passado uma nuvem, me veio a luz da razão e, pegando-me fortemente a ideia que formava da Providência Suprema, às dos bens e dos males do mundo, me sosseguei, e respondi a Teócrito que me dava mil satisfações: «Justo é, amigo, que obedeçais ao vosso soberano: em nada me ofendeis e nada tenho que opor-vos: como vós não sois o juiz, inútil é alegar-vos a minha inocência; mas quero pedir-vos que, quando derdes parte ao emperador da fiel execução das suas ordens, lhe escrevais que aquele mesmo Misseno, a quem, nos bosques da Silésia, deu a mão de amigo, aquele Misseno, a quem, pelas suas diligências, deve a coroa que os cavaleiros da cruzada acabam de lhe pôr na cabeça, aquele Misseno, a quem o emperador seu pai jurou perpétua amizade por tudo quanto havia no céu e quanto a terra tinha de sagrado, esse mesmo não se aflige com esta recompensa, que deles agora recebe. Dizei-lhe, da minha parte, o que eu disse muitas vezes a seu pai, quando eu, preso

por amor deles, o consolava no cárcere, que só quem obra mal é infeliz. E assim, nem ele com toda a sua tirania e poder nem a morte com todos os seus horrores, me podem privar da sólida felicidade que espero: que sou condenado por quem me deve o trono, mas que me não arrependo dos benefícios que lhe fiz, porque jamais me pesou de obrar bem. Dizei-lhe que lhe agradeço o dar-me ocasião de exercitar com merecimento esta heroicidade e que saiba que nenhum amigo meu me pode fazer tanto bem, como ele me faz agora, sendo meu inimigo, porquanto me obriga à acção mais heróica que pode fazer um mortal, que é o perdoar ingratidão semelhante». Isto disse e fiquei com um ar tão sereno, como agora tenho, de sorte que até eu me admirava de mim. Julgai vós qual seria a admiração de Teócrito. Perde a cor do rosto, os braços lhe caem, o corpo lhe treme, quer falar e não pode; enfim, confuso se retira.

27 Hermila, que ouvira a nossa conversação, vendo seu pai aturdido e que nem ousava executar a ordem nem resistir-lhe, se revestiu artificiosamente do desejo de ser a executora das ordens e que, pois o réu não repugnava, menos penoso lhe seria. Alega que ninguém podia escapar ao furor de Aleixo e que se ele chegava a manchar as suas reais mãos no sangue de um amigo inocente, muito mais as tingiria no sangue de um vassalo culpado que intentasse iludir as suas ordens e, assim, que ela queria estudar os meios mais a propósito e que, na noite seguinte, se oferecia a persuadir-me que eu mesmo entrasse no sumidouro, visto que não repugnava fazê-lo. Consente Teócrito, e Hermila, a hora oportuna, tem já tudo preparado: com passo resoluto entra no cárcere e me declara todo o segredo da sua generosa amizade e me diz que, por debaixo do sumidouro, está uma espécie de barca ou bóia de cortiça, a qual por meio de um pescador cego com o ouro e enganado com certos motivos, havia mandado ali pôr, e que uma corda atada a esta bóia me conduziria para fora da caverna, e que na praia me ia esperar para me dar o socorro preciso. Não me dá tempo à resposta, porque os momentos da noite eram muito preciosos, e, pegando-me do braço, me fez descer ao precipício.

28 Ah! Havíeis de ver aquela alma lutando entre a ternura e o valor, entre os perigos da morte e o desejo da vida, entre o crime e o medo, entre o segredo e a luz, numa palavra, entre os desejos do seu coração e os movimentos involuntários do seu semblante; retirava de mim quanto podia a sua face banhada em lágrimas e sustentando-me com as mãos trémulas, me deixou enfim cair no profundo.

29 A queda me submergiu de todo nas ondas, mas, bracejando e vindo acima, encontrei a bóia preparada e, pouco depois, me senti ir tirando e conduzindo por todos aqueles subterrâneos horrores; enfim, saio ao rio, surgindo da caverna, como se ressuscitasse de um sepulcro e, pouco depois, vejo a minha benfeitora que me tinha preparado, no recôncavo de dous rochedos, lume para aquentar-me e vestidos para mudar, e, enquanto eu cobrava calor e me recobrava do susto, me disse desta maneira:

30 «Enfim, que já estais livre, honrado cavalheiro, dou-vos o parabém e a mim mesma o dou por ser instrumento da vossa vida e liberdade. Nunca tive gosto maior e mil louvores dou ao céu por me haver dado este pensamento e forças para executá-lo. Sim, dou louvores ao céu, porque nesta acção não me conheço a mim mesma. Não foi Hermila quem vos conservou a vida, foi a Providência Suprema, em cuja protecção descansastes. Agora fugi, retirai-vos, antes que o dia venha, e, subindo ao longo do rio, passai-vos logo à Bulgária, para que ninguém saiba do meu crime, porque, de outra maneira, eu e meu pai, que tudo ignora, estamos perdidos. Ah…! E se soubésseis a que risco me exponho só por vos livrar! Mas não, não importa: protegi a virtude, isto me basta. Porém, não quisera que me tivesse visto o céu: temo-me dessas nuvens que nos observam, destas águas que murmuram; temo até estes mudos rochedos e de mim mesma me temo. Sim, que o coração retratado no semblante poderá talvez entregar-me. Tomara ignorar o que fiz e que nem vós o soubésseis. Quisera que de mim vos esquecêsseis de todo e me fosseis ingrato: vede a que extravagante excesso chega o meu coração aflito. Cavalheiro, varrei da memória o que estais vendo, para que não possa o vosso ânimo agradecido pronunciar, sem o querer, o meu nome. O coração me está palpitando, o susto me está dando garrotes, enquanto vos vejo. Adeus, cavalheiro, adeus para sempre, que nunca mais tenho de ver-vos. E para que, ó triste sorte, me fizestes conhecer pessoa tão benemérita? Mas ainda bem. Adeus; lembrai-vos sempre de mim, porém não… esquecei-vos; eu não sei o que digo: esta é a estrada, apartai-vos».

31 «Eu me aparto,» — lhe disse — «mas para dentro da gruta, onde morrerei, sem que corrais perigo; e se suspeitasse que tínheis o menor risco, por nenhum modo tivera aceitado o vosso favor, porque não é justo comprar tão caro a minha vida e liberdade. Quereis que ponha em balança a vossa vida inocente, com o miserável resto dos meus dias e dias de tribulação? Ainda no caso que eu para o futuro a houvesse de ter deliciosa e dilatada, que gosto poderia fazer dela, sabendo que vós e vosso pai, por meu respeito, corriam perigo de perdê-la? Não, por certo. Acho-me com valor para suportar a morte mais horrorosa, mas não para viver com semelhante desgosto. Que vil fraqueza é a que me aconselhastes? Vejo vir rolando sobre mim, desde o alto, um imenso peso de trabalhos; e agora que chega o ponto terrível de ficar oprimido, lhe furtarei medrosamente o corpo, para que caia sobre vós? Sobre vós, inocente? Sobre vós, a quem os céus o não destinavam? Sobre vós, que ficareis de todo perdida? Ah, não: primeiro cairão os céus, ou faltará de todo a terra; primeiro se transtornarão os montes e vales, do que eu faça uma tão grande injúria à inocência, opróbrio à virtude e afronta a mim mesmo! Não: pereça mil vezes Misseno, já que os céus assim o querem, mas não pereça por seu respeito a inocência».

Isto disse e, sem saber o que fazia, me lancei a buscar a gruta de onde havia saído.

32 «Onde ides, ingrato?» — me disse Hermila exclamando — «Ingrato, que quereis perder-me de todo?»

33 Este nome de «ingrato» me feriu como se fora um raio: páro, volto e vejo a Hermila afogada em soluços e lágrimas que a sufocavam e que, com um furor estranho, me dizia:

«E que nova espécie de política é esta? Desprezar um benefício que tanto me tem custado! Calcá-lo aos pés e atirar-me com ele! Se não apreciais a vida pelo que ela é em si mesma, estimai-a por ser dádiva minha. Crede que não poderia o inferno sugerir-vos meio mais próprio para me fazer morrer com desgosto e estalar com pena. Se sois cavalheiro, não ignorais os foros que me dá o meu sexo e, se desprezais rogos, não desobedecereis aos preceitos; quero e mando que aceiteis o favor que vos faço. Tanto fiais da Providência no que vos toca a vós e tão pouco no que me respeita a mim! Porventura não tenho eu o mesmo Deus que vós tendes? Ou só para mim tem Deus de ser descuidado? Não resististes à mão de Deus, quando, por meio de uma criatura, vos meteu no cárcere, e resistis, quando, por meio de outra, vos livra dele? Não é a minha mão digna de ser instrumento da de Deus, quando o foi a do tirano Aleixo? Que é o que quereis fazer? Ser homicida de vós mesmo? E aonde achastes religião que vo-lo permita? Lei do capricho ou da honra que vo-lo sofra? Dizei: a quem pretendeis agradar nesta bárbara acção? A Deus, que a proíbe e detesta? Ao mundo, que a ignora? A mim, a quem nisso fazeis a maior injúria e afronta?»

Eu fiquei assombrado com as suas razões, que misturava com lágrimas e com uma tal eloquência de que não são capazes os homens. Quis responder-lhe agradecido, mas, atalhando todos os meus discursos, me disse com ar senhoril e muito seco:

«Crer-vos-ei agradecido, quando vos vir obediente. Parti. E se quereis fugir do crime de ingrato, retirai-vos logo, logo daqui».

34 Julguei que não devia resistir à Providência e comecei a caminhar ao longo do Esker e, deixando à esquerda a cidade de Sofia, entrei na Bulgária, onde já estava livre do poder de Aleixo. Começava a aurora a dourar os cumes dos montes, donde os pegureiros desciam conduzindo as ovelhas; e eu, prostrado por terra, adorava a Suprema Providência. Uma mão incógnita me conduzia e eu, sem saber aonde, ia caminhando. Ao mesmo tempo vinham pela Bulgária dous húngaros, que me haviam visto em Zara, poucos meses depois que os cavaleiros da cruzada a tinham tirado do poder do seu soberano. Estes, conhecendo que eu era polaco, com muita política me ofereceram a sua companhia numa embarcação, que descia pelo Esker e os levava ao Danúbio, por onde haviam de subir até Buda. O mais moço deles estava nomeado para ir como embaixador dar o parabém da parte do seu soberano a meu pai, que terceira vez tinha subido ao trono da Polónia[80]. O outro era um André Brancan, um cavalheiro já bastantemente velho, muito maduro e experimentado. Aceitei a oferta, vendo que não conheciam o meu nascimento, e começámos a viagem.

[80] No ano de 1203.

35 O embaixador me instruiu que já a regente, mulher de Casimiro, havia conhecido pela persuasão de Nicolau, palatino de Cracóvia, que os crimes de Mieceslau, pelos quais o havia deposto, eram fabulosos e que as suas mãos, posto que caducas pelos muitos anos, eram o melhor depósito para nelas guardar o ceptro que queria a seu tempo colocar nas mãos de seu filho Lesko.

36 «Agora» — dizia ele — «nenhum susto pode ter a rainha, porque Lesko não tem competidor nos filhos de Mieceslau. O mais velho morreu numa batalha; Vladislau, que era o segundo, não se sabe dele, e não havendo competidor, quem duvida que Mieceslau cumprirá a palavra que havia dado de adoptar o sobrinho? Então, sem a menor dúvida, passará o ceptro das suas mãos às de Lesko, que é filho de Casimiro pelo sangue e filho de Mieceslau por adopção, herdeiro do mesmo trono por dois títulos diferentes. Mas se Vladislau aparecer, grandes guerras se preparam, porque cada qual dos dous primos tem direito mui forte e, como os soberanos têm a infelicidade de que o juiz das suas causas só é a força, o sangue dos pobres vassalos há-de decidir a disputa».

37 Toda esta conversação me foi tão estranha, como se jamais houvesse vivido nas cortes: o meu sangue-frio, o meu espírito descansado, o meu coração imóvel, nenhum abalo sentiam com ouvir, na minha mesma presença, disputar sobre o meu direito à coroa. Eu tão diferente estava, entrando na Polónia, do que estivera saindo dela, que o mesmo que então apetecia com desesperação, agora o detestava: semelhante à águia, que depois de voar largo tempo, olha sobranceira e com desprezo para essas mesmas nuvens e vapores vis que, antes de levantar o voo, admirava como cousa celeste.

38 Temia embrenhar-me nesta conversação, receando que, por alguma palavra, houvesse ele de conhecer-me; mas, para não fazer o meu silêncio misterioso, lhes disse o que entendia, aprovando a resolução da rainha, acrescentando que, ainda que Vladislau aparecesse, nenhum direito teria à coroa, por ser Lesko filho do último rei que em seu nome havia reinado; que Lesko representava seu pai Casimiro e Vladislau só representava o seu e que, havendo sido Casimiro preferido a Mieceslau para o trono, pela mesma razão se devia julgar a preferência nos filhos. Acrescentei que o subir Mieceslau ao trono, só era em virtude da cessão, que nele fizera a Rainha como regente, e que jamais a regência do reino dava direito contra o pupilo. Que bem memoráveis eram as desgraças dos gregos, desde que Andrónico, regente do império na menoridade do sobrinho, lhe havia usurpado a coroa, e que as mesmas desgraças sucederiam na Polónia, se Vladislau quisesse invadir o trono da Polónia.

39 Concordava comigo o embaixador no que toca ao direito, mas acrescentava que sempre haveria guerras se Vladislau aparecesse, porque sempre os soberanos achavam direito para disputar o ceptro, quando para isso têm forças. Referia-me o que meus avós tinham feito (mal sabia ele com quem falava). «Que direito tinha

Poplier II», dizia, «para mandar matar a seus tios, só porque o repreendiam dos seus demasiados excessos e vida monstruosa? Que direito tinha Vladislau I quando subiu ao trono por morte de seu irmão Boleslau, para matar com veneno seu sobrinho Mieceslau, herdeiro legítimo da coroa? Que direito tinha Vladislau II para privar seus irmãos Boleslau, Mieceslau, que hoje reina, e Henrique, das legítimas, que seu pai Boleslau III lhes deixara?

40 Não é preciso ir mais longe para ver que o infeliz trono da Polónia é o teatro de mil injustiças: actualmente o vemos. Que direito tinha Casimiro para lançar fora do trono seu irmão mais velho, Mieceslau, sendo Casimiro excluído dele pelo silêncio de seu pai, o qual dividiu seus estados pelos quatro primeiros filhos, deixando a Casimiro de fora? Que muito será que o principe Vladislau, que anda oculto, siga o exemplo dos outros dois e que, à força de armas, exclua a Lesko do trono, vingando agora um filho no outro, a injúria que os pais tinham feito? Demais, que se os crimes de Mieceslau, ou verdadeiros ou supostos, o fizeram indignos da coroa que cingia, não passando os vícios a seu filho, ninguém lhe pode negar o ceptro. Deus livre a Polónia de que Vladislau apareça, porque não pode deixar de ser muito disputada a coroa à força de armas». Calei-me, porque não convinha falar. Então Brancan, com juízo tão maduro como a sua idade, ponderava a desordem destas disputas. «Que loucura», dizia, «comprar com o sangue dos filhos próprios a vaidade e aflição e a morte mais infeliz que se acha no mundo!» Admirou-se o embaixador da proposição de Brancan, e este, cobrando calor maior do que os seus amos prometiam, começou a discorrer de maneira que, se até ali eu tinha indiferença para o ceptro, depois de o ouvir lhe cobrei um grande horror.

41 «Um verdadeiro filósofo» — dizia Brancan — «não estima as coisas pelo nome nem pela cega avaliação do vulgo, mas, estabelecendo o princípio ou essência da felicidade da vida, a vai aplicando como pedra-de-toque a tudo o que lhe oferecem e, então, conhece que quilates de bondade tem cada coisa, para saber se merece o preço que por ela lhe pedem».

42 Tanto que ouvi este princípio, disse comigo: «Eis aqui um homem que se pode chamar homem, porque discorre bem solidamente»: e com as minhas palavras e perguntas o fiz prosseguir esta conversação, que me serviu de muito para me confirmar em muitas máximas em que eu tinha assentado e para conhecer outras de novo.

«Examinemos» — diz ele — «tudo o que pode haver num trono, para desculpar a ambição, com que o pretendem. Primeiramente, eu assento que a base de toda a ambição que pode ter um homem segundo as máximas do amor-próprio, há-de ser a independência; e quem há mais escravo que um príncipe soberano? As leis do trono o prendem, de sorte que não pode mover-se de um lugar a outro, sem abalar meia cidade ou talvez meio reino; ora, que mais tem um escravo amarrado a um cepo? Todas as suas acções são vistas e publicadas; e que mais tem um preso com

sentinelas à vista? Não há quem não se atreva a examinar e criticar todas as suas acções, palavras e até pensamentos: vereis que a mais indigna assembleia da gente da plebe tem autoridade para chamar o monarca a juízo e, na sua ausência, acusá-lo sem exame e condená-lo sem réplica; uns o notam de injusto, outros de cruel, outros de avaro. Ora, que mais infeliz seria um réu arrastrado de tribunal em tribunal, sem poder defender-se nem ser ouvido? Que aflições não tem consigo este encanto da coroa? Quantos espinhos estão nos colchões de penas que não deixam fechar os olhos com a inquietação e cuidados? O príncipe, ainda que revolva no seu pensamento o sucesso mais triste e perigoso, há-de ter a face serena: tenha embora no coração a pena mais aguda, o desgosto mais cruel, o susto mais bem fundado; estale, que não há-de mostrá-lo: não dê que falar e não se diga nas gazetas que está o príncipe aflito, porque isto é desonra do coração real, o deixar-se vencer dos afectos da ínfima plebe. Ora, quem viu prisão mais cruel e mais infeliz estado? Não ser senhor nem do seu coração, nem do seu semblante nem da sua alma?»

Nestes e noutros discursos nos fomos entretendo os três, já concordando, já diferindo, até que perto de Belgrado me separei deles, deixando-os seguir o Danúbio para ir a Buda; e eu tomei o Teysse, que corta direito à Polónia, e, deixando depois esse rio para tomar o Tarezca, cheguei às famosas montanhas Krapatz, que dividem a Polónia da Hungria, e nelas me demorei alguns dias, vivendo com os pastores, como se fosse um deles. Poucos dias depois, soube que meu pai se achava mui fraco e enfermo. Quis sufocar o amor paterno, temendo os embaraços da corte, mas soube que o bom velho, de noite e de dia, não suspirava senão por seu filho Vladislau; e um ímpeto, de que não pude ser senhor, me levou incógnito e voando a seus braços.

Gaspar Frois M. inv. esc.

Lesko obriga a Seu Primo Vladislão, ou Misseno a q. suba ao Throno da Polonia, repugnando elle por dizer que o direito de Lesko ao Throno era mais forte. n.º 7.

LIVRO VIII

1 À medida que Misseno contava os seus sucessos, crescia na princesa e no conde o desejo de saber o êxito deles e, sem pestanejar nem distrair-se, o ouviam sumamente atentos. Misseno, atalhando tudo o que era inútil, só atendia a dar-lhes debaixo da coberta agradável da sua enredada história a saudável doutrina de que precisavam, e, chegando ao ponto mais crítico de toda a sua vida, os preveniu que só lhes contaria o que fosse útil ao intento da sua filosofia. E continuou desta maneira:

2 «Entro em Cracóvia desconhecido, porque os trajes, a figura, a linguagem favoreciam o disfarce. Meu pai andava submergido numa profunda tristeza, lamentando a minha morte, cuidando que só ela me poderia haver ocultado a sua elevação ao trono. Não cessava de pronunciar o meu nome e de olhar para o meu retrato. Todas aquelas abóbadas, segundo me contavam, repetiam nos ecos as palavras do saudoso velho e não diziam senão: *Vladislau meu filho, meu querido Vladislau*. Sabendo isto, entrei no paço de repente e, prostrado a seus pés, o abracei. Assusta-se o bom velho, ao princípio, temendo algum insulto; um pouco depois, estranha o afecto com que se vê abraçar ternamente e não me conhece, porque a minha face profundamente inclinada lhe estava escondida. Eu não pude então reprimir as minhas lágrimas, porquanto a filosofia não me havia tirado a natureza, mas somente corrigido; e me escapou, entre os soluços, esta palavra: «Meu pai».

3 Ah! Veríeis o saudoso velho acometido de uma torrente de júbilo de que já não estava capaz.

«Meu filho!» — me diz, lançando-me os braços; e apenas o disse, começa a tremer-lhe a fala, não pôde suportar a força de contentamento e cai nos meus braços, desfalecido. Acodem os cavalheiros que lhe assistiam: o susto, a pena, o júbilo embaraçam a todos que viam este novo espectáculo. Eu era o mais embaraçado, vendo no único objecto a que atendia, motivos para os dous afectos opostos; nem o seu estado me permitia o júbilo de vê-lo, nem o gosto repentino de o abraçar me deixava sentir o seu desmaio e fraqueza.

4 Então, vi que a providência me conduzia, pela sua mão judiciosa, à escola onde eu devia aprender as coisas como elas verdadeiramente são em si mesmas, e o paço, teatro o mais comum dos enganos, foi para mim a melhor escola do desengano. Qual enxame de abelhas, quando entra um não esperado insecto, que ferve todo inquieto e amotinado, já dentro já fora do cortiço, zunindo todas e murmurando, entrando e saindo, encontrando-se umas com outras, sem saber aonde vão, tendo todas a mesma inquietação, o mesmo susto: assim via eu o palácio. O rei, restabelecido do seu desmaio, não cessava de me apertar nos seus braços; eu sentia cair na minha face

as suas ardentes lágrimas, lágrimas de gosto e de pena; gosto de me ver, pena de me ver privado da coroa pela adopção que fizera de Lesko.

5 Penetrava a rainha o interior do coração de el-rei; um ar frio e um agrado violento me faziam ver nas suas caridosas palavras o susto interno que a ocupava, e os seus olhos inquietos davam bem a conhecer a turbação e desassossego do ânimo. Havia na corte um cisma terrível e, segundo os interesses, uns se inclinavam a Lesko, outros se retiravam dele. Tinha Lesko um valido íntimo e amigo verdadeiro, com quem repartira o coração e a alma. Eram na aparência dous; porém, na realidade, Lesko e Govorek não faziam senão uma mesma pessoa. Merecia ele toda a atenção do príncipe, pelas suas virtudes sólidas e constantes; não entendia a vil linguagem da adulação e da mentira; repreendia no príncipe os seus mais leves defeitos, mas com tal amizade, carinho e prudência, que as suas repreensões podiam mais desejar-se que temer-se. Tinha um juízo são, o ânimo inteiro, o coração grande, a alma intrépida e, sobretudo, uma balança justa e delicada. Nunca via o bem sem pesar o mal que talvez o acompanhava. Mui longe de olhar os bens e os males, como a chusma dos arbitristas fazem que fingem as coisas, na sua imaginação falsa e venal, como melhor lhes convém. Govorek tudo ponderava, como na realidade costuma suceder, isto é, males misturados com bens e bens misturados com males. Falava do homem, como o homem é e como ele sempre tem sido depois da criação do mundo. «Não espereis», dizia a Lesko, «fazer o que jamais Deus tem feito, isto é, fazer os homens absolutamente perfeitos; desterrai as esperanças de estabelecer nos vossos estados a República de Platão, mas só procurai na nova planta do governo que quereis formar, diminuir os defeitos gerais e indispensáveis e estabelecer a felicidade pública. Cuidai em cultivar a religião e a sólida filosofia e, para tudo isto, convém senhorear os corações dos povos, para os conduzir como filhos e menear como membros de um mesmo corpo, de quem vós deveis de ser a cabeça». Assim lhe ouvi muitas vezes, falando a meu primo; e vos confesso que ainda não encontrei homem mais digno de estar ao lado de um príncipe, como era Govorek; mas, por isso, era detestado de todos os que tinham pensamentos de se introduzirem com Lesko. Eu tudo observava e guardava tudo.

6 Entretanto, meu pai se avançava com largos passos para o sepulcro, e era incrível a negligência, com que era servido na sua enfermidade. Todos se voltavam para adorar o sol que nascia e davam as costas ao que estava no ocaso: ali aprendi a conhecer bem o que era uma coroa, porque a vi por ambos os lados, e com o ânimo tão indiferente a via, como se fosse um simples estranho. Saiu enfim da vida aquele herói que tão grandes desgostos havia padecido nela, superior aos fados, constante nas adversidades, igual sempre a si mesmo. O primeiro monarca que soube, com passo sereno e imperturbável, subir muitas vezes ao trono e descer muitas vezes dele, sem que com o alvoroço se abalasse, nem com a injúria se perturbasse ou descaísse.

Enfim, acabou o meu rei, meu pai e meu mestre, que até depois de morto me ensinou o meio de ser feliz nesta vida».

7 Não pôde aqui Misseno reter as lágrimas que a ternura lhe levara aos olhos e, passado algum intervalo, em que pagou o tributo do amor, continuou, dizendo:

«Havendo, pois, satisfeito às cerimónias do funeral régio, eu fui primeiro a render a Lesko a minha vassalagem na presença da rainha mãe e de toda a corte. Ficaram todos atónitos, porque estavam persuadidos que a minha vinda à corte não havia sido senão para disputar a Lesko a coroa que ambos nossos pais haviam cingido na testa. Porém, ainda foi maior a sua admiração, quando viram que Lesko resistia às minhas reverentes cerimónias e que, tomando-me nos seus braços, me dizia: «Não sou eu, meu primo Vladislau, não sou eu o sucessor do trono que vosso pai acaba de ocupar. Todo o direito que eu posso ter ao trono, eu o cedo, porquanto vós podeis governar por vós mesmo e eu necessito do socorro de mãos alheias para sustentar o ceptro, circunstância que não agrada aos povos. E, para evitar de uma parte o seu descontentamento e, da outra, o tremor de violar a minha consciência, quero que das mãos de vosso pai passe o ceptro para as vossas». Ouvi, pasmei e resisti, chegando a minha escusa quase à violência; mas Lesko persistia. Jamais viram os séculos semelhante contenda. Enfim, pedindo licença ao público, fui obrigado a falar a Lesko e disse desta maneira:

8 «Sendo vós, senhor, um príncipe justo, não haveis de principiar o vosso reinado por uma injustiça manifesta. Por nobre e generoso que seja o vosso ânimo, não deveis negar aos povos o seu direito, às leis a sua justiça, aos soberanos a sua autoridade, a glória ao vosso sangue, nem aos merecimentos a recompensa que os céus lhe destinaram. Casimiro, vosso pai, teve, pela geral determinação dos povos, a preferência ao meu, e das mãos de Mieceslau passou o ceptro para as dele; e se ultimamente o teve, só foi como regente em virtude da vossa menoridade. Ora, não havendo em vós crime, nem defeitos, quem poderá sofrer a injustiça de que sejais privado do trono que vosso pai honrou e vos deixou como herança? A alma de Mieceslau, desde o supremo sólio em que a considero, lançaria contra mim o formidável raio da sua indignação, se eu contradissesse a sua vontade. Ele vos adoptou por seu filho, preferindo-vos a mim, a quem gerara, que tanta foi a sua rectidão e tão superior é ao meu o vosso merecimento e direito. Agora, pois, fareis uma injúria a Casimiro, que vos nomeou herdeiro da coroa; injúria a Mieceslau, que vos adoptou por seu filho; injúria à rainha vossa mãe, que é testemunha e intérprete da vontade absoluta destes dois soberanos; injúria aos povos que vos deram o direito na pessoa de vosso pai; injúria ao céu que vos dotou com todas as virtudes dignas do trono; injúria, enfim, a vós mesmo, obrando como não deveis obrar. Assim, não vos admireis que eu, sendo vassalo e devendo prostrar-me diante do vosso trono, vos resista claramente: o que farei, enquanto vós persistirdes a contradizer aos céus, à terra, aos povos, às leis, à razão e até à natureza».

9 Não se muda com tanta presteza o semblante da triste noite, quando a lua cheia se descobre no horizonte, como se mudou o rosto perturbado da rainha. A alegria da sua alma se derramava pelos olhos e banhava o semblante risonho; e, voltando-se para mim com o maior agrado, ia a confirmar a minha representação, quando Lesko lhe pediu licença para falar, respeitando-a nisto como rainha e honrando-a como sua mãe. Estava toda a corte suspensa, assistindo a este não esperado combate; e disse o príncipe deste modo:

10 «Quando, amado primo, o mundo não tivesse notícia (como eu tenho) das vossas virtudes, este só lance bastava para lhas dar a conhecer: mas não quero estribar a minha resolução em um fundamento que a vossa modéstia vos esconde, porque outro motivo tenho muito mais forte. Sei que é odiosa toda a comparação entre os merecimentos dos príncipes, de quem temos o sangue e cuja memória respeitamos. A natureza fez a ambos nossos pais filhos de Boleslau, o Invicto, o qual a ambos eles deu com o sangue o exemplo e as virtudes dignas do trono. Nisto foram iguais, mas não podendo os céus deixar de preferir um deles na ordem dos tempos, vosso pai foi preferido ao meu: Mieceslau foi o III e Casimiro o V de seus filhos; e nisto vedes que os céus se declararam a vosso favor, porque vós representais aquele a quem o nascimento deu a preferência, e eu represento o preferido. Não quero examinar os motivos por que meu pai subiu ao trono, estando o vosso vivo, porque os sucessos que dependem da vontade dos povos são um mistério que convém sempre deixar escondido: mas confesso que as leis não podem ser obedecidas, com repugnância da vontade, e que o bem do estado depende essencialmente da vontade dos povos. Ora, eu bem conheço nestes que me escutam, que com gosto me veriam sobre o trono, tanto é o amor que a meu pai consagraram, que desde o berço me amam; mas desejam ver no trono a Lesko sem alma. Sim: querem que eu separe de mim Govorek; e seria separar de mim a virtude, quando mais necessito dela. Tenho mui pouca idade e experiência nenhuma e vos juro pelos céus e pela terra que os seus talentos, a sua experiência, a sua rectidão inflexível eram o único apoio dos meus braços débeis para manejar um pesado ceptro. Ele nasceu para socorro de um príncipe que nos seus anos tenros apenas conhece o mundo e se acha como estrangeiro no seu próprio país. Assim, não posso tomar, sem temeridade, nas minhas mãos ignorantes e débeis, as rédias de um governo sumamente difícil e arriscado. E já que as vossas são mais vigorosas, nelas as largo. Eu vos conheço, isto me basta. E vós, ó povos, que me estais oferecendo a coroa, sabei que eu jamais poderia dar-vos maior agradecimento ao amor que me tendes, do que agora vos dou. Se eu antes quero obedecer a um soberano, tal como a Vladislau, do que empunhar eu mesmo o ceptro; vede qual será o príncipe que vos deixo, quando nele renuncio todo o direito à coroa. Esta nova acção, que vos deixa aturdidos, sabei que não é movimento impetuoso de um ânimo alterado, porque é resolução madura de quem só mira à vossa felicidade.

A vós, pois, é que pertence o vencer a repugnância que ele tem ao ceptro, pois que disso depende o público sossego e o bem da monarquia».

11 Admirado fiquei com esta resposta do príncipe; a rainha pálida, todos os que tinham urdido as suas largas esperanças sobre um governo de um príncipe moço, com natural bondade e sem experiência, ficaram como estuporados. Ninguém me podia amar a mim, porque pouco me conheciam; e assim era forçoso o temer-me, mas temiam ainda muito mais o valido. Por outra parte, a nobilíssima acção que o príncipe acabava de fazer, preferindo um amigo a um reino, lhes desagradava sumamente, que tanta era a prevenção contra Govorek, e tanto o desejo de fazer dobrar a tenra planta de Lesko, segundo a inclinação de suas particulares paixões e interesses. Um sussurro se ouvia em toda a sala que, como o pé-de-vento que soa ao longe e pouco a pouco se vem chegando, sensivelmente se aumentava. Tanto que o sussurro deu lugar à atenção, se levantou o conde Skrisn, filho daquele a quem meu tio Vladislau II, por conselho de sua mulher Cristina, fizera arrancar os olhos[81], e, pedindo licença para falar em nome do povo, disse nesta substância:

12 «Devo, ó príncipes, em nome de todos os povos que tiveram a honra de obedecer a vossos pais, protestar com a maior sinceridade possível o sumo gosto com que estamos prontos a render vassalagem a qualquer de seus filhos: a qualquer de seus filhos, digo, porque não sei se haverá obediência nos polacos ao governo de alguém que, não tendo real sangue, se encoste ao trono. Mas, ao mesmo tempo, o amor da pátria me obriga a representar-vos, com o maior respeito, as terríveis consequências que hão-de seguir-se desta jamais vista contenda, se nela persistirdes. Esta disputa, a mais nobre para os soberanos, é a mais injuriosa para os vassalos. Cede em nosso desabono que dois tão grandes príncipes desprezem à competência o governar uns estados que há mais de 700 anos têm sido o objecto da ambição de seus monarcas[82]. A grandeza do vosso ânimo generoso e superior a tudo o que na terra há de mais elevado, com este rápido voo nos faz cair no maior abatimento na reputação dos estrangeiros: ora, não sei se a equidade vos permite que triunfeis da ambição mundana com tão grande prejuízo dos povos, pois que a nossa reputação será a vítima desses sacrifícios de louvor que todo o mundo vos há-de consagrar.

13 Mas quando, ó príncipes, a reputação do estado, que vos deu o berço e a coroa, seja um objecto indigno dos vossos elevados pensamentos, não o seja o sangue de vossos vassalos que há-de ser derramado nas guerras mais horrorosas. Eu estou já

[81] Pelos anos de 1144, andando em um divertimento el-rei Vladislau II com o conde Skrisn, o seu valido, lhe disse por graça: «Agora andará a condessa passeando muito contente com o Abade N». O conde, picado, lhe respondeu com fogo, disfarçado em ar de graça: «Nunca terá tanto gosto como a rainha Cristina N. divertindo-se com F». Soube isto a rainha e obrigou a seu marido que lhe fizesse arrancar os olhos, o que executou.

[82] Ainda que a sociedade da Polónia e a sua primeira cidade *Gnesne* começou em 550, tendo o seu cabeça Lech o título de duque; contudo só em 700 é que *Cracus* fundou *Cracóvia*, que muitos anos foi corte, sendo um dos 12 *Vaivodes* ou guerreiros que se elegeram depois de *Visimir* filho de Lech, e compunham o senado.

prevendo, o que não tardará muitos dias, se hoje não sobe ao trono da Polónia um de vós para receber a nossa vassalagem.

14 Ainda me lembro das horrorosas guerras em que, por causa de Vladislau II, vosso tio, e seus irmãos, se viu a Polónia nadando em sangue. Quisera ele, por ser o mais velho, privar os irmãos dos domínios que Boleslau, seu pai, lhes deixara; e essa impiedade lhe mereceu que Mieceslau com seus irmãos o expulsassem do trono e obrigassem a fugir para a Alemanha. Debalde implorou o socorro do emperador Conrado, e em vão se fatigou todo o poder de Frederico Barba Roxa, seu sucessor, para restituí-lo, porque apenas pôde conseguir, por bem da paz, que a Polónia lhe cedesse a Silésia, de que bem pouco tempo gozou: que não consentem os céus sobre a terra… Mas perdoai, príncipes, o que a língua não chegou a proferir, e desculpai a minha dor, vendo a meu pai com os olhos arrancados por um príncipe que o honrava com os braços da mais sincera amizade. Mas os filhos de Vladislau» — continuou o conde — «ainda vivem na Silésia, são vossos primos co-irmãos e não se esquecem que esse ceptro, que vós rejeitais, primeiro esteve na mão de seu pai, do que passasse à dos vossos; e ao primeiro pensamento desta contenda (quem jamais o creria!) entrarão com mão armada a invadir um trono desocupado. Mas qual será o vil vassalo que não exponha a sua vida por impedir que venha a governar-vos príncipes que já temos reputado por estrangeiros? Que guerra civil se não vai acender com este sucesso? Que anarquia! Que confusão! Que horror! Que mortandade! Que sangue! Vede se tudo isto não clamará ao céu contra vós? Esta é, ó príncipes, a representação dos povos; e a nossa firme resolução é que desta sala nenhum dos vossos vassalos havemos de sair, sem que tenhamos um monarca, porque não pode um corpo viver um instante sem cabeça, nem suster-se em pé um estado sem um monarca: um só momento de dilação é nocivo, uma leve demora é mortal acidente. Decidi, pois, ó príncipes, entre vós ambos, qual é o que deve governar-nos; porque seja qual for, como é filho dos nossos bons reis, isso nos basta. Talvez terei excedido, por força do pátrio zelo, os limites que prescreve o respeito devido aos príncipes: talvez que o primeiro acto do vosso governo será castigar na minha pessoa a vossa ofensa. Eu estou prevendo, mas aqui diante do universo sacrifico a vida ao bem do estado e contente beijarei a mão que, talvez pouco depois, me cortará a cabeça, porque se sou vassalo, sou patrício e devo mais à pátria que aos soberanos: a pátria me deu a vida, o soberano talvez (como a meu pai) me dará a morte. Mas seja como for, não se diga que a Polónia desmereceu ter por soberano um príncipe tal, como vós sois; e diga-se, embora, que eu amei demasiadamente a minha pátria».

15 Assim falou o conde; e toda a assembleia, animada com este discurso, começou a clamar que queriam um dos dois príncipes por soberano e que nenhum sairia dali, sem que todos rendessem vassalagem ao monarca que os houvesse de governar.

16 Viu Lesko que os espíritos estavam alterados e que a nossa generosidade começava a degenerar em tumulto e, com um tom de soberano e ao mesmo tempo de patrício, disse assim:

17 «Ninguém, povos e amigos meus, ninguém é mais interessado que eu no amor da pátria; ninguém deseja mais sinceramente a pública felicidade. Este desejo é o que me obriga a renunciar o trono, porque sendo tão débeis as minhas forças para suportar o pesado governo da monarquia, todos os meus erros cederiam em prejuízo vosso: e assim, tão longe está que esta renúncia seja desprezo, que não é senão estimação bem sincera. Vós outros expondes ao bem da pátria, já na guerra, já na paz, a vossa vida; e eu começo por sacrificar ao público interesse uma coroa, que sempre foi tão disputada e apetecida, e só reservo para mim o participar convosco do honrado perigo de perder a vida nas guerras do estado. Sim, sabei que se me não virdes vosso monarca, me vereis vosso general e comandante nas empresas militares. Sou moço e devo aprender no campo de Marte a ciência necessária para o trono; e, para este, tendes a meu primo, que já a tem aprendido na paz e na guerra. E se eu, por filho de Casimiro, se por ser legítimo herdeiro do ceptro, tenho autoridade para mandar, ninguém a pode ter para me resistir, quando chegar a manifestar a minha absoluta vontade».

Nisto se levanta; e com um ar que me fez tremer de respeito, pega da coroa e diz: «Eu, que posso pôr esta coroa na minha cabeça, quero e mando que a consintais na vossa».

Nisto sem a mínima demora clama todo o povo: «Viva Vladislau III, rei de Polónia». A rainha me ofereceu o ceptro e todos me conduziram, como por força, ao trono, ao qual subi, como levado em braços, porquanto um suor frio me banhava os membros e estava quasi imóvel. Então, Lesko foi o primeiro que me rendeu vassalagem; seguiu-se a corte toda e, ultimamente, o conde Skrisn da parte do povo[83]. Não vos posso explicar o que nesta acção passou por mim.

18 Qual ave que, contente e remontada, ia vagando pela região dos ares, bebendo as luzes do sol com toda a liberdade e desafogo, mas, ferida de uma seta imprevista, cai, de repente num poço, onde se arrastra, lutando com as trevas e as dores, meia morta e encarcerada, assim me vi eu neste ponto. Mas que lição foi esta para conhecer bem as que chamam felicidades do mundo!

19 Passei, de repente, da região da verdade à da mentira. Uma chusma de aduladores me cercavam noite e dia; e nada via do que ver desejava: por entre o espesso fumo dos incensos que me descompunham o cérebro, nada alcançavam meus olhos que não fosse ofuscado com mil dúvidas e mil receios de engano. Ah, meu Deus! E que teatro de mentiras! Então, já os meus erros eram certos, os meus defeitos

[83] F.-P. Dalairac, *Les Anecdotes de Pologne*. 1203.

virtudes, as virtudes de Lesko eram fraquezas, o zelo do conde Skrisn era atrevimento. A mesma acção, que pela manhã era crime, se eu a aprovava, se convertia, de repente, em relevante merecimento; e, quanto mais me esforçava a conhecer a verdade, tanto mais enredado me via. Ah! E quantas vezes corri com o coração e braços abertos atrás da verdade e me achava com um monstruoso e feíssimo erro que me tinham maliciosamente encoberto! Quantas vezes me arrependi do que fizera com a melhor intenção que podia desejar-se! Enfim, entre arrependimento do que feito havia e temor do que havia de obrar, passava os meus dias, velava as noites e perdia o ânimo, a paciência e o tempo.

20 Buscava para meu alívio um amigo; um amigo, tesouro riquíssimo, que qualquer miserável acha em outro miserável com quem se consola, e em todo o meu reino eu não podia achá-lo. Mas como o havia de conhecer, se um altíssimo muro de interesseiros me cercava por toda a parte? Os que mereciam ser meus amigos, não me buscavam, e os que não mereciam sê-lo, eram os que me davam todos os sinais de amizade sincera. Um ar risonho, um desejo de agradar-me, uma assistência contínua, uma terna compaixão das minhas aflições internas me iam às vezes persuadindo que eu era amado, mas logo um momento de reflexões bem curto me fazia ver que tudo era ficção, tudo interesse, tudo engano.

21 Fechado então no meu gabinete, estava só estudando sobre o bem público, imaginando os meios da geral felicidade, mas, ao mesmo tempo, lá, em particulares congressos se estudava como me haviam de armar o laço em que eu, buscando o bem geral, caísse no que só servia ao interesse particular de alguns, ainda que isso fosse com ruína pública. Se gemia no meu coração, havia de ter o riso no rosto para falar com agrado; se desconfiava de um vassalo, devia ocultar com toda a cautela a desconfiança; se o meu coração caía para outro, cujo merecimento me agradava, devia fazer-me violência para o não fazer canal ou instrumento da alheia perfídia.

22 «Pobre de mim», dizia eu: e quanto mais alegre me achava nas ribeiras do Marisa ou nos cárceres da Turquia! Quanto mais doces me eram aquele cajado que este ceptro, aquelas cadeias que esta coroa! A minha única consolação era só esta palavra: eu não obrei mal em aceitar a coroa. A razão me obrigava, o Ser Supremo o queria; assim não devo afligir-me. Se perdi o sossego, não perdi o socorro divino que em toda a parte me assiste para obrar como devo. Se o fizer assim, Deus está obrigado a fazer-me feliz. Deste modo, lá por entre uma escura possibilidade, via luzir ao longe tal qual ténue esperança que a fortuna mudasse.

23 Não tardou muito. Dous anos governei todos os meus povos, aplicado a estabelecer o bem, a reprimir o mal, compensar a virtude, reprimir e castigar o vício, crendo que um monarca é um vice-Deus na terra e que O deve tomar por exemplo em todas as suas acções. Ora, já vedes que eu havia de ter inimigos ocultos e mil vassalos descontentes; e certamente que seria infeliz, se gostassem de mim os

perversos. Entretanto Lesko, com o fogo próprio da sua idade, reprimia os inimigos do estado, abatendo-lhes o orgulho e castigando as insolências. Sucedeu que ganhou aos russos uma batalha campal e completíssima vitória. Exultou a minha nação belicosa, já enjoada da tranquilidade do meu governo, e não guardando limites alguns nas suas demonstrações de júbilo, aclamam a Lesko como conquistador, como guerreiro e como seu soberano. Esta voz foi seguida de todos os descontentes e dos que sempre gostam de novidade, mas foi resistida dos vassalos fiéis, que se puseram em armas para me sustentar na cabeça a coroa. Já meu primo, com o governo militar, tinha tomado o gosto ao mando; já a lisonja e adulação tinham ganhado a entrada no seu coração inocente; já os áulicos lhe tinham inspirado uns venenosos ciúmes e lançado no seu peito certas sementes de arrependimento da generosidade que fizera e, estando assim disposto, não desgostava de ouvir as aclamações dos soldados e do povo.

24 Ferviam os bandos e partidos, estava a sedição e guerra civil declarada. Vendo eu isto, monto a cavalo e vou na frente das minhas fiéis tropas saindo de Cracóvia, para encontrar-me com Lesko que vinha triunfante. Ficou ele assustado, quando me viu na testa do exército; cuidou, como todos também cuidavam, que eu queria disputar com as armas a mesma coroa, sobre que já tivéramos bem oposta contenda; mas enganou-se. Fiz alto, mandei que nenhum soldado fizesse, sem minha expressa ordem, o menor movimento; e vendo ele que eu me avançava só e com a minha espada embainhada, conheceu que era muito diferente a minha ideia e mandando também parar as suas tropas, se adiantou, para me sair ao encontro. Tanto que nos juntámos, sem lhe dar tempo a dizer palavra, lhe falei desta maneira:

25 «Primo e soberano meu, não posso dar-vos maior testemunho de quanto estimo a glória de vosso triunfo do que, vendo-vos com a coroa de louro de triunfador, ajuntar a essa coroa a do estado. Vós sabeis que por vos obedecer é que a aceitei, violento; agora, por vos agradar, vo-la rendo, gostoso».

Neste momento, eu havia já tirado a coroa da minha cabeça e a pus sobre a sua, que Lesko frouxamente retirava. Entreguei-lhe depois disto o ceptro e, desembainhando a espada, me voltei, pondo-me a seu lado e disse em alta voz às minhas tropas:

«Esta arma, que cingi monarca, desembainho vassalo, para dar a vida (se preciso for) por aquele a quem acabo de ceder a coroa».

Julgai vós qual seria a suspensão de Lesko, qual a admiração de umas e de outras tropas. O príncipe, nadando em júbilo, não acertava formar largos períodos, os quais eu cortava com as minhas expressões, para lhe encobrir o embaraço das suas. Deste modo, reunidas as tropas, entrámos na corte ambos triunfantes, ele por haver ganhado uma vitória e um reino, e eu, por haver adquirido o troféu da minha liberdade. Restituídos a palácio, lhe pedi licença para sair dos estados, em ordem à sua e à minha tranquilidade e com trajes e nome desconhecido. Aqui me escondi há

três meses, onde jamais saberão nem os nacionais, nem os estrangeiros o meu nascimento e pessoa. Vede se é importante o segredo que vos tenho confiado».

26 Ficaram o conde e Sofia suspensos, desejando cada qual não ser o primeiro a interromper o silêncio; e, levantando-se ambos, protestaram a Misseno o seu respeito, desculpando com a sua ignorância tudo o que a ele tivessem faltado, e, confirmando a fidelidade no segredo recomendado, disse assim Sofia:

«O conceito que vós, Misseno, de nós tendes feito, julgando-nos dignos de um tal segredo, nos lisonjeia infinito; mas sabei que não vos achareis enganado, nem arrependido. Quanto mais precioso é um tesouro, tanto maior zelo há-de ter quem o conserva em depósito. Sossegai, que da minha boca não sairá jamais o que a memória encerra. Sou senhora dos meus segredos, mas sou depositária dos alheios; dos próprios posso dispor a meu gosto, dos alheios nunca me permiti a mais pequena liberdade, porque sempre é furto o largar um depósito, ainda que possa ser virtude comunicar os seus próprios tesouros. Ah, senhor, e que grande é o vosso coração! Que sólidos os vossos princípios! Que confirmada a vossa experiência! Vede, conde, se tinha Misseno razão… Dou-vos prova no modo com que vos trato, que até de vós mesmo quero ocultar o precioso segredo. Vede se tinha Misseno razão, quando nos afirmava que tudo neste mundo tinha o nome trocado, que os males se chamavam bens e que os mais sólidos bens passavam por infelicidades. A sua filosofia bem vedes que se fundava na sua própria experiência; assim não pode ser mais sólida».

27 Então o conde, recobrado da suspensão em que esta história o deixara, confessou que nenhuma doutrina poderia ter mais eficaz persuasão para buscar a felicidade pelo seu verdadeiro caminho, do que o exemplo de Misseno.

«À maneira» — dizia ele — «de uma cena de teatro, em que os bastidores se mudam de repente e sem saber como, um se acha em países novos, novos climas e novo estado, assim me vejo agora. Tudo na minha imaginação se acha trocado. Até aqui, as riquezas, as honras, os governos, as delícias compunham a deliciosa perspectiva do engano que me fazia ver o que na realidade jamais pode existir, nem consolar a minha alma: mas agora, entre os montes ásperos e bosques secos e agrestes, entre rochedos e precipícios horríveis que, vistos por um e outro lado, assustavam a minha alma e me enchiam de horror, vejo que a paz, a virtude e independência, a verdadeira heroicidade me alcatifam o caminho por onde hei-de caminhar seguro à felicidade que apetecia, à perfeita alegria, que tanto tenho buscado. Nesta súbita mudança de cenas, permiti, senhor, que o meu entendimento se repouse, porque quero dar à reflexão tempo e à chuva celeste comodidade, para calar pouco a pouco ao interior da minha alma. Assaz larga tem sido a conferência de hoje; eu dissera, minha irmã, que deixássemos descansar a Misseno, e amanhã repetiremos a visita, se nos for permitido, pois não é justo privá-lo do quase único bem que lhe resta, que é o sossego».

28 «Não me privais dele» — responde Misseno — «quando emprego o meu tempo em fazer um homem feliz, obra digna de um Deus. Se conseguir esta empresa, será o meu regozijo maior que o vosso, porque por uma espécie de reverberação volta a nós a felicidade que a outro comunicamos; e o bem alheio aumenta o próprio, quando sinceramente se deseja. Mas não quero molestar-vos com conferência tão prolixa, que assaz longo tempo vos tive suspensos, mas peço que me não priveis do gosto que amanhã espero, de vos ver nesta cabana».

29 «Sossegai,» — disse a princesa — «que o nosso interesse não consentirá o crime de faltar-vos, quando a amizade, o respeito e obediência que se vos deve nos não obrigassem».

Não aprovou Misseno o estilo de Sofia, julgando-o menos acomodado ao intento importante de abrir o coração do conde, curar as suas feridas, desembaraçar os entendimentos e aclarar as suas dúvidas, e lhe pediu que pusesse de parte tudo o que fosse respeito e pudesse, ainda até de longe, aludir ao seu antigo estado. E dando ao estilo naturalmente sério, mas não seco, um certo ar jocoso, próprio para lhes dar toda a liberdade, lhes disse assim:

30 «Não me lamenteis, amigos, neste estado, nem me tenhais por menos feliz do que naquele que há pouco deixei, porque não é tão humilde como à primeira vista parece. Bem sólido e bem elevado trono é este rochedo, e aqui tenho o cortejo que me fazem as ondas de dia e mais de noite: e cuidais vós que não é para estimar a ânsia, com que vem, lá de muito longe, lançar-se a meus pés? Este ruído das águas não imita bem o bulício da corte? Não domino aqui os mares? E habitando esta região aérea, não me vedes aqui superior ao resto dos humanos? Aqui recebo o sincero obséquio dos passarinhos, o sol é meu vizinho, as estrelas minhas companheiras, os cuidados não sabem que vivo no mundo, a tristeza foge de mim e a alegria não me larga um instante e eu, descansando nos braços da paz, vivo verdadeiramente feliz».

31 «Não é em nós» — disse o conde — «lamentação, mas inveja, o afecto que o vosso estado nos excita. Queira o céu que possa imitar-vos».

E nisto se despediram.

FIM DO LIVRO VIII E DO TOMO I

O FELIZ
INDEPENDENTE DO MUNDO E DA FORTUNA

ARTE DE VIVER CONTENTE
EM QUAESQUER TRABALHOS DA VIDA,

PELO

P. THEODORO D' ALMEIDA

Da Congregação do Oratorio, e da Academia Real das Sciencias de Lisboa, da Sociedade de Londres, e da de Biscaya.

Segunda Edição corregida por seu Author, e accrescentada com Notas, e com estampas.

TOM. II.

LISBOA:

Na Offic. de Antonio Rodrigues Galhardo, Impressor da Real Meza Censoria.

ANNO M. DCC. LXXXVI.

Com licença da mesma Real Meza, e Privilegio Real.

P. Manuel Fernandes Nogueira
Parocho do Piodam
ARCANJO

TOMO II

O FELIZ INDEPENDENTE DO MUNDO E DA FORTUNA

P. TEODORO DE ALMEIDA

LISBOA, 1786

Gasp. F. inv. esc.

A Princeza com o Conde encontrando seos filhos com as Criadas se abrigaõ em huma chopana pastoril fugindo de huma horroroza Trovoada. nº. 38.

LIVRO IX

1 Era incrível a admiração e espanto que havia causado aos dous irmãos a história de Misseno. Não cessava de falar nos seus acontecimentos e quando, no dia seguinte, a princesa e o conde saíram de passeio para ir à cabana de Misseno, Ibraim se convidou para os acompanhar nele, pois com curiosidade desejava conhecer tão grande homem. Era mui diverso o conceito que dele faziam os dous irmãos, do que Ibraim formava, porque as suas máximas, dizia Ibraim, são uma ligeira ideia de algum cérebro esquentado e dos seus sistemas uns bem compostos delírios de homem extravagante. A princesa se via embaraçada, não podendo revelar o segredo tocante à qualidade da pessoa, o que bastaria sem dúvida para que Ibraim desse grande peso aos discursos de Misseno e o conde, que não estava ainda destro em manejar as armas da razão, muitas vezes, quando lhe era preciso defender a Misseno, ia a lançar mão da autoridade da pessoa, mas retirava-a logo, vendo que era arma vedada. Deste modo, ficava confundido com os sofismas e enredos de Ibraim, o qual, já por costume, desprezava tudo o que não era seu e só tinha por acertado o que o próprio cérebro forjava pela invenção ou ao menos o que os próprios olhos liam, sem que outrem lho ensinasse, pois só isso bastava para que ele desse às doutrinas o belo colorido de *meo*, colorido que tanto agrada aos que presumem de sábios.

2 Não suportava o conde esta altivez de entendimento e começava logo a disputa a alterar os ânimos e, por conseguinte, a perturbá-los. A princesa, sumamente cuidadosa em conservar a paz interna do conde, tão necessária para plantar no seu coração a nova filosofia, atalhou a disputa inútil e começou a distrair com o seu espírito jocoso e astuto a conversação já alterada, levando sempre a mira no intento de reduzir o conde a melhor sistema de vida; e aproveitando-se da circunstância em que se achavam, ponderava a excessiva calma que fazia, porquanto o desejo impaciente da conversação de Misseno lhes havia feito adiantar a hora do passeio muito mais cedo do que a estação permitia. Tinha, porém, tal arte a princesa, que ainda nas mais jocosas galantarias lhe envolvia algum saudável conselho e numa aberta que os seus argumentos deixaram, disse assim:

«Ora, graças ao céu, que já o sol amansou na sua furiosa carreira. Esse vaidoso monarca, desde que nasceu, não teve outro cuidado senão em subir, subir e mais subir. Mas agora os seus fogosos cavalos fatigados e, suando, já não podem caminhar para cima e, assim, este soberbo príncipe se vê com vergonha sua obrigado a vir descendo, que este é o fim, meu irmão, de quem quer subir muito. Parece-me que lhe posso profetizar uma grande queda, porque quando o carro começa a desandar, cada vez cai com maior ímpeto e estou vendo que sol, coche e cavalos, tudo vai dar consigo no mar».

3 «Também eu,» — diz o conde — «sem ser profeta nem grande astrónomo, posso segurar afoutamente que em breve veremos semelhante catástrofe. Que dizeis, Ibraim?»

4 Este filósofo, desprezando o falar como os demais falavam, respondeu que essas eram as ideias do vulgo, mas que bem longe estava ele de se enganar como ele; e queria desenrolar mil cálculos matemáticos sobre o movimento do sol e outras cousas semelhantes, quando o conde lhe interrompeu a sua bem mal aplicada erudição, pedindo-lhe que a guardasse para a instrução de seus sobrinhos, pois que ele já era velho para semelhantes doutrinas; e voltando-se para a irmã, lhe disse:

«Essa descrição da carreira do sol me excita o desejo de lembrar-me de outra semelhante pintura que há muitos tempos me fizestes da contenda dele com a noite, mas não posso lembrar-me. Repeti-a, minha querida irmã, se vos lembra, porque depois da minha melancolia profunda, já sabeis que estou bem necessitado destas descrições jocosas e delas podereis vós, Ibraim, tirar alguma moralidade de preço, bem como o sábio alquimista pela sua pedra filosofal da mais vil matéria sabe tirar preciosíssimo ouro.»

5 A irmã, cujo ânimo era ir envolvendo nas suas graças jocosas moralidades próprias do conde, aceitou prontamente o convite, dizendo que, não obstante serem os versos familiares, como feitos entre irmãos, pouco merecedores da memória que ela esforçaria a sua para se lembrar do que que amenidade do jardim e ociosidade do passeio a sua imaginação travessa havia produzido; e parando um pouco, continuou assim:

«Era a noite senhora deste mundo,
Com as cadeias do sono o mais profundo
Os mortais tinha preso, e tão ligados
Que mais mortos estavam, que algemados.

Sabe o sol deste insulto que a insolente
Cometera; e no carro diligente
Monta cheio de fogo e raiva cega,
Toma setas e raios, corre e chega.

Sobe logo às trincheiras do horizonte:
Eis que a noite, sentindo Faetonte,
Entra toda a tremer, foge e deseja
Esconder-se de sorte que a não veja.

Corre a um lado e a outro; mas onde
A pobre há-de escapar? Enfim se esconde
Lá num bosque sombrio e mata escura
E não crê que inda ali fique segura.

Corre o sol atrás dela, disparando
Suas flechas douradas; não a achando,
Sobe ao alto do céu e ver deseja
Onde a noite escondida dele esteja.

Olha a um lado e ao outro e nada alcança;
Toma o arco enfadado e flechas lança
Contra a terra, onde crê que ela se esconde;
Mas por mais que olha e vê, não sabe aonde.

Entretanto, ela, estando homiziada,
Lá no centro do bosque retirada,
Sente as rosas do carro rutilante
Que por cima lhe corre e passa avante.

Nesse ponto, quando estava desmaiada,
Pela força do medo e aterrada
Toma alento; e contente já respira
Do gran susto e perigo em que se vira.

Curiosa por entre esse arvoredo
O espreita, mas sempre tendo medo
Que a descubra: só quando se sepulta
Sai da brenha contente, salta, exulta.

Faz sair vaidosa o grande estado
Das brilhantes estrelas pelo lado,
Como guarda real se seus archeiros
E servindo os planetas de cocheiros.

Mas a lua em seu carro vai diante,
Que a ninguém faz cortejo semelhante,
E a noite soberba vai passando,
Do monarca das luzes triunfando.

Tudo cede; e de quanto o sol tivera
Nada escapa; de tudo se apodera
Esta sua inimiga. Quem diria
Que a vil noite do sol triunfaria!

Deste modo a verdade resplandece
Como o sol e os erros desvanece;
Mas o erro, que já fora expulsado,
Dela tem muitas vezes triunfado.

De Misseno a doutrina se ligeira;
Passa avante, outra vez torna a primeira
Ignorância; e o erro toma posse
Do que já possuiu, fosse o que fosse».

«Ninguém tem» — diz o conde — «semelhante arte para me instruir e me recrear ao mesmo tempo. Eu não estava preparado para o remate, nem esperava de vós a moralidade: esperava-a sim das sábias reflexões de Ibraim, a quem eu tinha convidado para isso». «Estava ela tanto à vista» — diz a princesa — «e pareceu-me tão bem, que, como fruta bela e madura, quis colhê-la pela minha mão para vo-la oferecer obsequiosa».

6 «Não deixarei de aproveitar-me e eu vos prometo» — diz o irmão — «que todos os conselhos, todos os ditames de Misseno, se são como a *luz do dia*, quando me tiram das trevas, não o serão na ligeireza com que passa avante, para me deixar nos antigos erros da *noite*. Já que a providência me dá meios de estudar esta nobre filosofia, como deu a Misseno, serei duplicadamente infeliz, se não me aproveitar como ele, pois que a minha escola é muito menos custosa que a sua».

7 «Bem pudera a providência,» — diz Ibraim — «se queria ilustrar a esse homem, vender-lhe as suas luzes por preço mais acomodado, porque um verdadeiro filósofo, fechado no seu gabinete, descobre mais verdades do que ele podia alcançar no meio de tantos trabalhos, pois para descobrir segredos é preciso ter o espírito sossegado».

8 «À proporção» — diz a princesa — «que os trabalhos lhe sucediam, ele ia aprendendo. Qual o Danúbio, que lá das fronteiras da Alsácia herdou o princípio de suas riquezas e quanto mais terreno atravessa e mais voltas dá, mais se enriquece com os rios que em si absorbe[84], assim foi Misseno: depois da luz que lhe começou

[84] O Danúbio nasce em Alemanha, nas fronteiras da Alsácia, e depois de receber em si mais de 43 rios menores, atravessando a Suábia, Baviera, Áustria, Hungria, Esclavónia, Sérvia e Valáquia se lança sumamente caudaloso no Mar Negro.

a raiar num misterioso sucesso, cada vez ia cobrando maiores luzes nos trabalhos que ia passando».

9 «Porém,» — replica Ibraim — «se tão benigna foi a providência com ele, porque lhe não comunicou essas luzes, sem tanta fadiga e trabalho?»

«E por que não adquiristes vós» — replica a princesa — «as luzes da vossa filosofia sem tanta fadiga de estudos e de cálculos que vos tem mirrado o cérebro? A fonte saudável de água fresca a cristalina nunca é tão estimada, como quando um arde em febre ou vem fatigado estalando à sede. Ninguém conheceu bem as delícias do sono sem ter experimentado a vigília ou o cansaço, porquanto a contraposição de dous contrários é que realça a diferença deles e causa a estimação devida, pois o mesmo é dos trabalhos e felicidade. Além de que onde achastes vós livro melhor que o da experiência, para aprender a sólida filosofia?»

10 Nisto chegaram à cabana de Misseno e passados os cumprimentos da política e saudações da amizade, a princesa presentou Ibraim a Misseno e o instruiu do que acabavam de disputar; e Misseno respondeu desta maneira:

11 «Eu era, amigos meus, como os cafres do Monomotapa[85] ou como os negros da costa de Guiné que, pisando o ouro e os diamantes, não gozam desses mesmos bens de que abundam. Sem a experiência dos trabalhos, ninguém sabe dar o preço aos bens opostos que depois deles goza e sem haver estado enfermo, quem há que estime como deve a saúde? Toda essa inumerável multidão de bens, de que a liberalidade divina me tem enriquecido, não poderiam fazer-me feliz, se não fossem os trabalhos que tenho passado; e a eles devo, suposta a superior luz e a minha filosofia, a minha grande felicidade».

12 «Quem vos ouvir falar» — disse Ibraim — «cuidará que o céu vos fez um Alexandre, conquistador do mundo, ou um Creso, senhor das riquezas. Mas é cousa pasmosa que eu não acho em vós senão pobreza, miséria e motivos de aflição. Deus me livre de me ver na vossa felicidade, porque morreria de pena».

13 «E eu também,» — acode prontamente Misseno — «se acaso não tivesse passado por onde tenho passado. Vós, amigo, não contais por mercês verdadeiras do céu os benefícios negativos, isto é, o ver-nos livres dos males com que nós, noutro tempo ou outros nossos iguais, vivem actualmente vexados? Sabei, amigos, que quando me deixo levar do discurso e das consequências que saem sucessivamente uma atrás da outra, me sinto como transportado de admiração e de gosto. Do alto desta montanha estou vendo chover como grossíssima pedra mil males e calamidades sobre a face da terra e observo que um escudo soberano por cima da minha cabeça

[85] O Monomotapa é um reino situado na costa oriental da África, no golfo de Sofala, abaixo do nosso Moçambique, e defronte da ilha de Madagáscar ou de S. Lourenço; ao seu soberano chamam «imperador do ouro».

me está defendendo para que me não toquem. Sinto que todas resvalam, já para um, já para outro lado, sem que me ofendam.

14 Eu vejo cruzar nos ares diante dos meus olhos as flechas como no maior calos das batalhas e vejo que me não ofendem: por um lado e por outro me passam as lanças e os dardos, e vejo que só se empregam nos meus companheiros; eu os vejo cair, uns ficam mortos, outros cegos, outros estropeados; ouço lamentos de toda a parte, de toda a parte gritos, desesperação e clamores; e eu mui sossegado. Ora nesta feliz situação, dizei-me, não devo contar todos esses males que não padeço, como outros tantos bens de que gozo? Não tenhais isto por figura fabulosa de um entusiasmo esquentado; pintai, vos peço, a face da terra como ela se acha na realidade e dizei-me quanto cegos há que vivem em uma noite contínua no meio da região da luz? Ora, eu não tinha mais direito a ter a vista do que eles têm; porém, de uma só massa, duas porções tirou o Autor do mundo, a mim me deu a luz, a eles as trevas; ora não é isto favor, e favor muito grande? Quantos surdos há, mancos e coxos? E nada disso tenho. Quantos escravos, exalando as almas tristes debaixo do peso do trabalho e das cadeias? E eu estou livre. Quantos enfermos, gemendo nos leitos, invejando a mais abatida sorte dos que têm perfeita saúde? E eu gozo dela. Quantos vexados se dívidas? E a mim me sobeja tudo. Quantos, cujo coração é um formigueiro de cuidados, sem que possam respirar de noite nem de dia? E a paz é p meu trono. Quantos cercados de inimigos ocultos ou manifestos? De invejosos e atraiçoados? E eu estou certo que em todo o orbe da terra não tenho nem um só inimigo, ninguém me aborrece, ninguém me inveja. Ora, com tudo isto, não me dais licença, amigo, que me tenha por feliz e favorecido do céu?

15 Não vos seja de obstáculo ao vosso juízo este estado humilde em que me vedes. O coração do homem, sim, suspira por elevações, mas para seu mal. A ave tímida, que receia os laços armados nos vales e nos campos, voa ligeira ao alto das montanhas. Mas aí, sendo mais vista e invejada, se vê ferida das setas; assim, pois, se achará infeliz quem foge do estado humilde e retirado, quem teme a pobreza, o desprezo e o esquecimento; quem bate as asas dos seus desejos para voar talvez às dignidades, aos postos, aos tronos, porque aí se verá ferido com setas mui penetrantes. Vós não vos lembrais do que nos nossos dias tem sucedido, aqui bem perto, em Constantinopla? Ah, pobre emperador Andrónico, morto com maior sevícia que o malfeitor mais vil da plebe! Pobre Isaac Lange, hoje com a coroa na cabeça e amanhã com os seus olhos fora! Pobre Aleixo, afogado cruelmente pelas mãos do seu maior valido! Pobre Murzulfe, fugitivo e morto! Pobre Balduíno, vencido pelo rei dos búlgaros e com os braços e pés cortados e o crâneo serrado! Todos eram emperadores do oriente e todos foram infelicíssimos. Ora eu, que nem nos vales do estado humilde caí nos laços inimigos, nem nas montanhas das honras fui ferido de tiros, credes que sem ser Alexandre nem Creso não me posso dar por feliz? Não hei-de

crer que a liberalidade divina me tem enriquecido de bens verdadeiros, quando me tem livrado de tão verdadeiros males?»

16 «Mas nem todos os monarcas têm sido infelices» — diz Ibraim — «nem todos os generais desgraçados, nem todos os ricos tristes, nem todos os poderosos andam gemendo. Tudo isso podíeis ter e viver tão contente como viveis agora. Cessai, pois, de encarecer com hipérboles a vossa imaginária felicidade, que mais devíeis ter compaixão de vós mesmo, do que complacência e gozo».

17 «Eu não disse» — replicou prontamente Misseno — «que a liberalidade divina me concedeu todos os bens que encerram os tesouros imensos da sua Omnipotência. Alguns tem e são muitos, que me não concedeu: antes seria impossível que o curto, pequeno e estreito vaso de uma creatura pudesse receber e deixar exaustos os imensos tesouros da divindade. Não, não disse paradoxo semelhante: contei os bens que tenho pelos males que podia ter e de que a sábia providência me quis livrar. Mas eu vou agora a responder-vos.

18 Nesses mesmos trabalhos que padeço, ainda não vos mostrei os meus tesouros, senão somente por fora; para os conhecer bem, convém abrir o segredo impenetrável do coração humano e então vereis nos males desses que chamais felices quantos são os bens de que eu aqui posso enriquecer-me. Que horríveis tormentos não sofre o coração do homem, se a inveja o devora, se o ciúme o rói, se a desconfiança lhe forma os seus horríveis fantasmas! Quando as lavaredas ao amor o abrasam, quando o interesse o cega, quando a ambição o rebenta, que aflição não padece! Umas vezes o ódio lhe enche as entranhas de fel, outras a vingança o faz furioso, outras a desesperação de não poder executá-la o despedaça; e quando a fortuna zomba dos seus desejos, quando a desgraça o presegue, quando se vê o ludíbrio dos fados, que horríveis gritos não dá o coração na concavidade do peito?

19 Discorramos agora como filósofos: entre esses que chamais felices e com que me fazeis negaça, ide ponde de parte todos aqueles em que domina o amor ou governa o interesse ou a ambição manda; já vedes que não são felices. Ponde mais de parte todos a quem o ódio tocou ou a vingança ou a quem mordeu o ciúme, porque tais estão bem longe da felicidade. Ponde mais de parte todos a quem a desgraça persegue, a quem a fortuna falta, a quem os fados ameaçam. Ponde de parte todos esses a quem as paixões trazem numa roda de navalhas, para lhes despedaçar as entranhas, os quais todos certamente não são felices, e vede quão poucos são os que poderiam entrar em dúvida, se eu acaso quereria trocar com eles. Ora falemos, amigos, sinceramente: não é benefício verdadeiro do céu o livrar-me dos incentivos das paixões que tantos tormentos causam?»

Assim falou Misseno, aplaudindo-o muito o conde, mas ficando Ibraim imóvel e calado.

20 Soa às vezes surdamente na terra um subterrâneo sussurro, quando a natureza se prepara para a explosão de algum horrível vulcão[86]. A cólera dos elementos se entesoura, o fogo se acumula e abafa nos cárceres subterrâneos, os rochedos apenas podem reprimir a sua violência e pelos poros da terra sai um espesso fumo que anuncia o terremoto futuro: não de outro modo se via o interior do filósofo. A soberba do seu coração não sofria que o conde preferisse ao seu pensamento o de Misseno, viam-lhe o semblante mudado, o ar inquieto, os movimentos com ímpeto, o gesto enfadado e que murmurava entre si e sem se explicar, explicava bem claramente o que queria dizer. Por esta primeira vez, o respeito devido à princesa e ao conde o continham e com uma afectada condescendência dissimulava o desprezo que interiormente fazia.

21 Então Misseno, que tudo observava, vendo que também a princesa não mostrava estar convencida de todo, lhes disse assim: «Suponde, senhora, que o infeliz Balduíno, quando depois de ter passado de conde de Flandres a emperador do Oriente, se viu preso em Adrianopoli pelo rei dos búlgaros com os pés e braços cortados e os olhos fora, próximo a sofrer o último golpe, suponde, digo, que se sentia arrebatar numa refulgente nuvem e que sem saber como se achava restituído à perfeição de seus membros e à sua liberdade e que estava aqui posto entre nós, como agora estamos: que súbita seria a mudança de seu coração triste? Que torrente de júbilo inundaria a sua alma? Está-se-me figurando que o vejo pôr a mão sobre os olhos, apalpando-os, e não acabando de crer que os tinha, que se volta em redondo para toda a parte, incrédulo do que experimenta; que se põe em pé, que olha para si e que estende as mãos e que, confuso do que vê e do que sente, nem atina a crer que é sonho ou ilusão ou se é realidade, mas que, enfim, conhece que não é engano. Dizei-me, poderia este príncipe em semelhante estado dar lugar à tristeza?»

22 «Só se o excessivo júbilo» — disse a princesa — «lhe tivesse voltado o cérebro, não o tendo feito os trabalhos: cousa que às vezes sucede». E o conde acrescentou que homem mortal jamais poderia ter tão bem fundado contentamento, pois por maior que fosse o seu gozo, ainda não igualava o motivo dele. Misseno, porém, lhe disse que não concordava nisso: resposta que admirou a todos.

«Ainda que devia alegrar-se,» — continuou Misseno — «outros conheço eu que muito maior razão tem para viver alegres».

E depois que ambos instaram, perguntando «Quem? Quem?», respondeu Misseno:

«Vós e mais eu, que temos de graça o que ele haveria comprado mui caro. Vós admirais-vos! Ora, suponde, por um momento, que o caso é verdadeiro e que nos achamos todos quatro nesta mesma montanha, quereríeis trocar com ele o vosso

[86] Assim se experimentou no célebre terremoto de Lisboa de 1755, porque muitas vezes, antes que tremesse a terra, se sentia um sussurro, como de muitos coches ao longe, e imediatamente começava a tremer a terra.

estado? Certamente não, pois se não estimaríeis a troca, é certo que sois mais felices agora do que ele então seria; e por conseguinte que deve o nosso júbilo presente ser maior do que seria o seu nesse imaginado sucesso».

Olharam-se os dous irmãos a um tempo mutuamente, pedindo socorro com os olhos para responder a Misseno, o qual, vendo-os em silêncio, foi repetindo os golpes, bem como valeroso guerreiro que apenas crava a espada, a retira logo para cravar de novo e prostrar o seu contrário por terra.

23 «Reparai bem:» — diz Misseno — «os males que precedem o bem de que gozamos não o fazem maior: só o fazem mais sensível, porquanto a contraposição realça a sua formosura, mas não a aumenta. Para serem estimáveis os olhos que tendes, não é preciso que primeiro vo-los arranquem. Acaso os vossos membros, que jamais padecerão, não os julgais tão preciosos como os que por maravilha do céu fossem recuperados? Confesso que os males passados dão um grande impulso à nossa alma e fortemente a abalam para que desperte do letargo em que estava sem advertir nos bens que possuía; mas este impulso violento que desperta a nossa atenção não é o que nos faz ricos, só faz que gozemos mais ou tomemos mais o gosto dos bens que já possuíamos; assim como o golpe furioso do martelo que arrombou o cofre nos manifesta as riquezas que nele tínhamos, sem que por modo algum as aumente. Aqui pois é que está a importante astúcia da boa filosofia, servir-se cada um dos males alheios para despertar em si o gozo dos bens próprios em que não advertia, sem esperar o aviso que nos costumam dar as desgraças padecidas em nós mesmos.

24 Por este discurso só, sem ter sido cego nem aleijado, tomo tanto gozo dos olhos e dos membros que tenho, como se os houvesse primeiro perdido; e assim as alheias infelicidades me servem de gozar de toda a utilidade que eu tiraria das próprias; e isto com mais graça, por me não darem a pena que sendo próprias me causariam. Vede pois, amigos, se discorro como filósofo e se é verdade que vós e mais eu temos agora maior razão de alegrar-nos do que Balduíno nesse prodigioso caso teria».

25 Qual vaidosa nau que com as velas soltas e bandeiras despregadas ia saindo do porto, zombando das fortalezas que a vedavam, mas no momento que uma bala lhe corta o mastro grande arreia logo a bandeira, colhe as velas e, humilde, se rende, assim fez a princesa. «Eu cuidava» — diz ela — «que podia escapar às vossas razões, mas, enfim, não pude resistir-vos. Visto isto, eu irmão, é mais abundante o tesouro dos nossos bens do que nós imaginávamos, porque são infinitos os infelices e muitos os males de que cada um deles se vê oprimido. Ora, comparando-nos com eles e vendo que o céu nos livra da maior parte desses males, nos achamos riquíssimos de uns bens que possuíamos e que ignorávamos. Que vos parece?» «Creio» — respondeu o irmão — «que de todas as máximas

que Misseno nos tem declarado, nenhuma nos oferece mais frequentes motivos de alegria do que esta».

26 «Nenhuma, quanto a mim,» — replica o filósofo, com um tom de oráculo — «nenhuma é mais própria para nos afligir».

Calou tudo com a não esperada resposta, e ele continuou, dizendo: «Se o comparar-me com os infelices me deve alegrar, vendo que não tenho os males que os afligem, comparando-me com os afortunados, me devo entristecer, pois o céu me negou os bens que a eles tem concedido. Ora, como os felices que se levantam ao nosso lado nos levam os olhos com mais razão que os desgraçados, confundidos com o pó da terra e por mil vezes que nos comparamos com os mais afortunados, apenas uma só vez entraremos em competência com os infelices. E daqui se segue que por uma só consolação fria temos mil aflições que nos penetram a alma».

Isto disse Ibraim com uma tal satisfação, que, passeando de uma parte para outra parte tinha por indigno o esperar qualquer resposta. Porém, Misseno, com a maior serenidade, lhe disse:

27 «As vossas judiciosas reflexões, Ibraim, são mui importantes, porquanto à força de discorrer é que se conhece melhor a verdade. Não nego que a fortuna de nossos companheiros, que os remonta com elevado voo sobre as nuvens, levam mais a nossa atenção do que a desgraça daqueles que, metidos debaixo dos pés do vulgo, apenas em algum breve intervalo vem o céu que os cobre. E confesso também que o comparar-nos com os que são mais afortunados que nós nos entristece. Mas daqui somente se segue que se eu fizer como os demais fazem, serei como eles também triste. Porém, se pela boa filosofia somente me comparar com os infelices, ninguém me pode negar que devo a cada passo alegrar-me. Ora dizei-me: por um afortunado, quantos infelices teremos? É logo evidente que por um motivo de pena que a inveja nos oferece dez mil motivos de gozo nos descobre a verdadeira filosofia, se quisermos usar dela».

28 Embaçou Ibraim com a solução que não esperava; e Misseno, vendo que o inimigo esfriava na fúria com que o tinha acometido, foi manejando a espada do discurso com tanto vigo e destreza, que o levava adiante de si, sem que ousasse rebater-lhe os golpes. E prosseguiu, dizendo: «Que ligeiramente discorremos, amigo, quando nos comparamos com os afortunados para nos afligir! Somos artífices da nossa tristeza e engenhosos para o nosso mal, inventamos traças para nos enganar, forjando na nossa imaginação ideias quiméricas, mas que são verdadeiras e venenosas setas para ferir-nos. Reflecti bem no que vou a dizer

29 Não há em toda a face da terra *um mortal que seja por todos os lados feliz*, porquanto os males estão de tal forma entrelaçados com os bens que jamais achareis felicidade pura e ninguém há que seja isento de todos os trabalhos. Vem a ser logo um objecto quimérico, um fantasma imaginário, um ídolo da imaginação,

esse objecto das nossas invejas. Todos nós, quando nos comparamos com outros mais infelices, os pintamos dotados de uma felicidade totalmente isenta de trabalhos, cousa que nunca houve no mundo; e assim bem examinado o ponto, não invejamos esses objectos como eles na realidade são, porque talvez perderíamos muito na troca, mas invejamo-los como eles não são nem podem ser: invejamos uns felices sem trabalhos, ricos sem cuidados, poderosos sem susto, ilustres sem desgostos, afortunados sem inveja. Vedes que nos atormentamos com a inveja de um objecto fantástico.

30 Pelo contrário, os motivos de consolação que temos, vendo que o céu nos livra de muitos males que outros padecem, são uns motivos tão verdadeiros que os palpamos com as mãos, e tão frequentes que não podem os nossos olhos voltar-se a nenhum lado, sem que encontremos milhares». Calou Misseno.

31 «Vedes, Ibraim» — lhe disse a princesa — «por que razão a providência conduziu a Misseno por meio de tantos trabalhos à filosofia que possui agora? Ora ide murmurar da providência e chamar a juízo na vossa imaginação o Ser Supremo. Como poderia Misseno tomar o gosto aos bens de que goza, sem ter provado dos males de que agora está livre? Todos os trabalhos que passou, todos os que viu padecer aos outros são outros tantos incentivos do seu júbilo, vendo que providência o livra deles. Dizei vós o que quiserdes, que eu acho esta máxima mui importante para vivermos alegres. Que vos parece, conde?»

32 «Digo que Misseno tem sobrada razão para viver contente no estado em que se vê e que seria ingrato ao céu, ingrato à mesma razão se, tendo-o a providência livrado de tantos trabalhos, tendo-o a razão suprema ilustrado com tão importante doutrina, ele se entregasse, como o resto do vulgo, a uma inconsiderada tristeza. Eu, que ao princípio vos condenava de insensível, agora vos condenaria de pouco racional, se o não fizésseis assim, porque ou deveis calcar a razão ou, como fazeis, calcar a tristeza. Se me tivesse acontecido a mim o que por vós tem passado, não cessaria de cantar com suma alegria louvores à providência que por modo tão singular me tinha conduzido à verdadeira filosofia».

33 Sorriu-se Misseno, e lhe disse com um tom amoroso e afável: «Pois cantai-os agora, já que Deus vos tem dado a vós, sem tanto trabalho, o que me tem dado a mim à força de penas. Vós estais livre dos males de que Deus me livrou a mim. Vós tendes as luzes que o céu me tem dado, porque eu nada vos nego, nada reservei para mim; logo se me condenareis a mim, vendo-me triste quando estou cercado dos benefícios e luzes do céu, condenai-vos a vós, que ainda tendes motivo maior para vos alegrar».

34 Qual touro valente que escapara do curro e destemido em plena liberdade, correm montes e vales e com a cauda hirta e cabeça emproada zomba dos cercos, que senhor das estradas e campos ameaça os troncos, investe contra os ventos e

acomete tudo o que pertende atalhar-lhe os passos, porém, tanto que vê ao lado a consorte amada, brando perde a fúria, inclina a frente e deixa meter o pescoço no pesado jugo, assim fez o conde, vendo claramente a verdade: a verdade a quem o seu entendimento unicamente amava, como sua esposa. Conheceu e confessou que não tinha resposta que dar.

35 A estas horas já começava a declinar o sol, e fatigado ia com pressa a descansar no cristalino leito. Julgou então a princesa que seria conveniente o retirar-se, porque se toldava o céu e, por outra parte, não queria fatigar a Ibraim com uma mais longa conferência, pois estava ansiado, não querendo resistir nem querendo confessar o que devia. Levantados pois se saudaram, prometendo continuar as visitas nos dias seguintes.

36 Vinham-se os três retirando e a princesa se devertia com Ibraim, obrigando-o a que lhe dissesse o seu pensamento sobre a nova doutrina; o que ele iludia com mil expressões de política. O conde, ingenuamente, confessava estar convencido e que se o seu coração seguisse o entendimento, nada teria que o afligisse, mas que com uma dissonância infeliz, muitas vezes o coração repugnava ao mesmo que o entendimento queria.

37 Enquanto Misseno persuadia aos seus hóspedes as máximas referidas, esse espírito infernal, que inspira os mortais — a *Tristeza* — estava desesperado, vendo que por aquela admirável doutrina não somente perdia a presa do coração do conde, domicílio seu muito antigo, mas que, pelos exemplos dele e conselhos da princesa, muita ruína devia temer no seu império. Cheio, pois, de furor, vendo que nada se tinha conseguido com os lamentos que fizera às demais paixões suas companheiras, se encaminhou a quem pudesse dar ao evidente perigo pronto remédio, e se presenta ao príncipe das trevas.

Ouviu ele as suas queixas e, dando um ronco como de mil trovões e bombardas que rebentasse a um tempo, fez vir tremendo diante se si todas as Fúrias dos abismos; e feito o conselho, a resolução que tomaram foi esta: que convinha que perecessem, fosse como fosse, estes novos alunos da escola de Misseno, já que o *Destino* celeste impedia que se tocasse na vida do herói, porquanto, ainda quando eles por força superior se vissem protegidos, ao menos sempre com o susto e pavor, à vista dos perigos, temeriam frequentar a escola de Misseno, o que, uma vez conseguido, facilmente se arrancariam dos corações do conde e da princesa as sementes recentemente plantadas. Disse o príncipe dos abismos e as Fúrias de repartem pelas quatro partes do horizonte a revolver contra a inocente princesa e o conde todos os elementos, os raios, os ventos, as águas.

38 A este tempo vinham também passeando os filhos da princesa, acompanhados das suas aias; e o passeio se dirigia a encontrar sua mãe. Tinham-se vindo divertindo pela margem do rio e já estavam perto da ponte quando viram que o vento

soprava cada vez com maior força e que começavam a cair grosas pingas, anúncio da trovoada. Apressaram o passo e se recolheram num casal de pastores que lhes ficava perto. Neste ponto viram que sua mãe e tio corriam a abrigar-se debaixo de uma copada árvore e, clamando, os avisaram de que ali tinham abrigo mais competente, onde todos, enfim, se juntaram.

39 Apenas se haviam refugiado, quando os ventos furiosos, rompendo as cadeias com que a natureza os tinha subjugado, corriam sem freio por todos aqueles vales e montes e parecia quererem arrancar até os mesmos penhascos. Ouviam-se quebrar as grandes árvores, não lhes valendo a grossura enorme de seus troncos; outras eram arrancadas de raiz e revolvidas nos ares, como se fossem ligeiras plumas. Os rebanhos de ovelhas que se vinham retirando do pasto pareciam enxames de abelhas, ora empilhadas em um vale, ora espalhadas pelas campinas. O dia se escurece de repente, as medonhas nuvens postas de um e outro lado começam a combater-se com fúria desesperada e tudo é fogo: os relâmpagos acendem os ares, os trovões, como se fossem grossas bombardas, lhes rebentam sobre as cabeças e todos ficam aturdidos. O som funesto e horroroso parecia que, retumbando das abóbadas do firmamento e fazendo eco além dos horizontes, ia dar aviso no outro hemisfério do que se passava: eis que novos exércitos de nuvens vêm saindo a acudir a pendência das companheiras; reforçam-se de uma e de outra parte os inimigos e se acende mais a peleja. As lanças de fogo se cruzam pelos ares e mil setas perdidas vêm dar à terra; aqui cai um pastor ferido de um raio, lá estala fendido até à raiz um altíssimo freixo; uma centelha derruba aqui uma elevada torre, ali ficam assombrados dous caminhantes e caem por terra meio mortos só com o susto. Ferve nos prados a mosquetaria de grossíssima pedra que tudo arrasa, e do gado que vinha correndo a refugiar-se, umas ovelhas ficam mortas no campo, outras feridas, outras investem com fúria por onde estava a princesa com os filhos e quasi que os lançam por terra. Era uma grande confusão dentro do casal onde estavam, porque de um lado se ouviam mugir os bezerros, do outro balar os cordeirinhos que, aturdidos com os estrondos da trovoada, se metiam por entre as felpudas ovelhas. Desta parte choravam os filhos de Sofia, abraçando-a por ambos os lados, da outra caíam as aias com desmaios; e o conde, triste e pensativo. Só Ibraim mostrou grande ânimo, observando o curso das nuvens e desenrolando mil consequências acerca dos meteoros, umas atrás de outras, e provava com o tom das escolas que em breve tempo acabaria a trovoada[87], pois que era tão abundante a chuva, que parecia que os céus, desfundando-se de repente, deixavam cair de golpe

[87] Quando chove, cada gota de água caindo traz consigo todos os vapores que encontra no caminho. Ora, como não será fácil haver lugar por onde não passe alguma pinga de água quando chove em abundância, se segue que a chuva faz abater os vapores que havia abaixo da nuvem que principiou a chover; e como dos vapores se forma a trovoada, cessa com brevidade.

todas as águas que lá se detinham. Até que enfim, pouco a pouco, foi aclarando o tempo e ultimamente apareceu a lua.

40 Então saíram todos da choupana algum tanto recobrados do susto passado; e neste tempo Ibraim se espraiava, explicando ao conde os fenómenos da atmosfera.

Sofia, porém, se aplicava a animar seus filhos, que estavam pálidos, fazendo-os rir para os recobrar da aflição que haviam tido e falando-lhes na linguagem da mitologia que Ibraim lhes ensinava, dizia: «Que vos parece esta batalha celeste? Faetonte bem diligências fez para apartar esta pendência, e eu o vi forcejando a romper por entre as nuvens inimigas, mas ele, vendo que todo o poder de seus raios e flechas era inútil e que a batalha ia degenerando em tumulto, se retirou do firmamento e medroso se foi esconder lá bem debaixo do horizonte. Depois bem vistes que veio a noite, a quem o sol deixara pela sua ausência o governo do hemisfério. E querendo ela pôr termo à batalha, deixou cair o seu vastíssimo manto para ocultar mutuamente os inimigos uns aos outros; mas enganou-se, porque a cegueira aumentava o furor e a sanha e as setas se despediam à toa. A lua não quis aparecer senão agora no fim de tudo e até as estrelas que, curiosas, vêm ver o campo da batalha, não obstante o estarem lá tão longe, todas estão ainda tremendo de medo». Ouvindo isto, os meninos começaram a rir com estas jocosas alegorias e já se não lembravam do susto passado.

41 Ibraim e o conde, que iam adiante, se viram embaraçados no caminho, porque a chuva desmedida havia alagado as estradas e engrossado de forma os ribeiros que podiam passar. Votava então o conde e a princesa que se voltassem à cabana pastoril a passar a noite entre as ovelhas; mas Ibraim tinha tal horror a passar mal uma noite, que só esta ideia o alterava.

42 A dar ouvidos aos seus discursos, era esta a maior desgraça que podia acontecer a um homem; e lamentava-se de que Deus de propósito guardasse para ele todas as calamidades do mundo e em uma agitação sem medida acusava a sua indiscreta cortesia por haver intentado a visita de Misseno. «Eis aqui», dizia, o fruto das extravagantes doutrinas desse louco. Seu ridículo autor deve agora estar rindo, por nos ter obrigado a padecer estes trabalhos que, certamente, não estavam preparados para nós». E, deste modo, seguindo o seu pensamento, teimava a ir para casa, não obstante o ver que a princesa com toda a família se tornavam aos pastores para pedir-lhes abrigo.

43 Não quis Sofia que seus filhos tomassem o mau exemplo de seu mestre nem olhassem deste modo para os incómodos da vida; e enquanto os pastores, confusos, preparavam alguma refeição para os seus hóspedes, dava a princesa a seus filhos sustento mais importante.

44 «Ah, meus filhos,» — lhes diz — «que infeliz é quem se compara só com os que são felizes! Ibraim só tem no pensamento os que nesta noite hão-de dormir em

branda pluma, debaixo de armações preciosas, tendo-se regalado com uma abundante e delicada ceia. Este homem teimoso, fazendo esta consideração, por força há-de padecer muito e duvido que chegue a casa. Quanto melhor lhe fora comparar-se com estes pobres pastores que temos à vista, todos encharcados em água e aflitos com a perda do gado e ruína dos seus campos, porque então por força havia de alegrar-se. Meus filhos, sabei que os monarcas sentados em tronos de marfim esmaltados de ouro, e nós em almofadas de veludo, e estes pobres em feixes de palha, todos somos iguais. Só temos esta diferença: que a providência suprema a eles lhes negou sempre esses regalos e a nós esta vez somente nos tem privado deles. Hoje passaremos como eles têm passado toda a vida, o que nos é útil, para saber do que Deus nos tem sempre livrado».

45 «Mas eles,» — replica o conde um tanto aflito — «à força de sofrer incómodos, já estão acostumados; porém, a nós, esta primeira vez por força nos há-de ser mui sensível». «Pois pedirei a Deus» — diz a irmã — «que vos acostume daqui por diante e não tereis de que vos queixar». «Isso não» — lhe respondeu, como escaldando-se e arrependido do que dissera. Nisto os pastores lhes presentaram fresca nata, tenros queijos e abundante leite, manjares que, temperados pela fome, lhes foram bem deliciosos.

46 Entretanto, Ibraim, havendo com trabalho passado alguns ribeiros, se viu absolutamente impedido na borda do rio, o qual, saindo furiosamente de todos os seus limites, lhe havia cortado o passo. Quis então retroceder, mas já lhe não era permitido, porque haviam engrossado muito mais os ribeiros por onde antes passara. Bradava neste aperto e ninguém o ouvia; voltara outra vez um resto da trovoada e as nuvens se desfaziam em água e não tinha o pobre com que se resguardasse dela; as trevas, os ventos, o ruido das ondas lhe faziam um espectáculo de horror, e a sua impaciência e desesperação formavam na sua alma um interior inferno. Teritava de frio, discorria a um e outro lado; aqui resvala, ali quasi se afoga, ali se enterra no lodo, até que, trepando por um descarnado rochedo, alcançou o recôncavo de uma penha, onde passou a noute, meio morto de raiva, de cólera, de desesperação e de frio. Então se arrependia (posto que tarde) da sua demasiada delicadeza e confessava que por querer evitar um pequeno incómodo havia caído em tantos. Já lhe parecia sumamente deliciosa a cabana pastoril que havia desprezado, e o mesmo que ele tinha reputado por horrível calamidade a que a providência injustamente o condenara, conhecia agora que era delicioso presente da mesma providência de que a sua delicadeza o fizera indigno. Porém, pouco depois, voltava à sua desesperação e raiva e às blasfémias contra Misseno, o qual de tudo, segundo ele dizia, havia tido a culpa, como se a sua inocente doutrina tivesse soltado as cataratas do céu, desenfreado os ventos, alagado os campos e lhe houvesse endurecido a cabeça para resistir aos prudentes conselhos de Sofia e do conde.

47 A esse tempo, já na cabana pastoril o cansaço havia preparado de forma as camas de feno para a princesa e sua família, que as acharam deliciosas e brandas. O sono ou Morfeu, como os poetas lhe chamam, que de longos anos tinha naquele lugar a sua residência, não fez diferença de pessoas e a todos igualmente involveu nos seus doces laços e fez gostar a todos por algumas horas o seu delicioso néctar. Desatou-os, porém, segundo o seu costume, logo que a aurora apontou sobre o horizonte. Esteva ele já limpo e desembaraçado, compensando-se assim com a formosura do dia a tenebrosa noite que haviam passado. Já os caminhos estavam desembaraçados e, saindo da cabana os honrados hóspedes, em pequena distância encontraram a Ibraim quasi morto pelo que havia passado. A princesa ordenou que fosse logo transportado a casa, as aias o seguiram com passo cuidadoso, enquanto ela se recolhia, seguindo o lento passo de seus filhos, a quem fez a seguinte fala:

48 «Vedes, filhos meus, verificado tudo o que eu havia predito? O vosso nascimento ilustre não vos livra de ser homens e nós, por força, tendo a mesma natureza do género humano, havemos de suportar os encargos e havemos de pagar o tributo que a todos nós impôs o Monarca Supremo. Quem mais resistir a pagá-lo, mais trabalho terá, porque lhe arrancarão à força de castigos o que devia pagar voluntário. A ave que mais forceja para se livrar do laço, mais se afoga nele, e quanto mais impacientes e arrastos levamos a carga a que com uns nós indissolúveis estamos ligados, tanto ela mais nos embaraça e mortifica. Soframos pois com gosto o que por necessidade suportamos, e então padeceremos menos. Imitai-me a mim, cujo sexo, nascimento e qualidade me fazem mais delicada que vós e não imiteis a Ibraim, cuja soberba lhe faz crer que era de outra massa que o comum dos homens. Comparai-vos sempre com os que padecem mais do que vós e vivireis sempre alegres. A fortuna inconstante, que de outro modo vos faria tristes, por este meu conselho vos será sumamente gostosa. Lembre-vos, meus filhos, esta doutrina pela comparação ou símile que vos faço. O mesmo mediano outeiro, a quem o soberbo Olimpo despreza, tendo-o aos pés como primeiro degrau de seu trono, vos parecerá uma montanha tão sublime, que toque com a cabeça nas nuvens, se, postos nos humildes vales, junto à sua raiz, cá debaixo vos puserdes a considerá-lo. Assim, não considereis a vossa tal qual felicidade deste mundo, olhando-a lá de um lugar aéreo e muito mais eminente, porque então vos parecerá mui pequena; considerai-a de outro modo, ponde-vos com a ideia em estado mui abatido, cheio de misérias e de trabalhos, e então o vosso estado vos parecerá felicíssimo».

49 Nestes e noutros discursos iam continuando o caminho, quando o Espírito das Trevas, desesperado por ver que a princesa e o conde tinham escapado da morte que as Fúrias lhe prepararam, se tinha bem vingado, fazendo-lhes no seu palácio um inexplicável estrago. Arrombara os diques com que a indústria

humana costuma reprimir as águas dos rios e, abafando com um pesadíssimo sono os criados da princesa, tinha desinquietado os ventos e revolvido tudo com um furação repentino para alagar todo o palácio. Já os jardins estavam inundados, porque havia entrado a torrente nas casas, nadavam os preciosos móveis, havia perecido nos currais o gado e fugido pelas janelas os que puderam salvar-se; e alguns, juntando o sono com a morte, acharam o sepulcro nos brandos leitos. O rio, recebendo de todas as partes as caudalosas correntes que o dilúvio nocturno havia juntado, não cabendo no seu leito, convertera em mar os campos; e o palácio parecia uma ilha.

FIM DO LIVRO IX

Gasp. F. inv. f.

A Princeza inventa hum Concerto de Muzica em Cujas Arias que ela Com duas Criadas Canta inVolve toda a doutrina de Misseno: escutando o Conde, Ibrahim e Polidoro

nº 11.

LIVRO X

1 Neste estado achou Ibraim o palácio, quando aí chegou acompanhado das aias. Vê e pasma dos estragos. Os lamentos das criadas faziam bela consonância com o seu ânimo desesperado e de tudo era a causa (diz Ibraim) aquele louco homem, por cujo motivo haviam acontecido semelhantes infelicidades.

2 Quando a princesa vinha já perto, se viu acometida ao mesmo tempo por todas as criadas que, espavoridas, com as mãos na cabeça, bradando, anunciavam a mais infeliz novidade. Todas se embaraçavam mutuamente, querendo com ridículo empenho cada qual ser a primeira em participar a notícia funesta. Assusta-se o irmão e os filhos, tudo são alaridos; e fatigando-se a princesa em perguntar que havia de novo, só lhe davam por resposta que tudo estava perdido.

3 Chegou enfim a ver com seus olhos o estrago. Acudiu logo Ibraim, com os seus importantes discursos, lamentando a perda de seus livros e manuscritos, fadiga de tantos anos, fruto de muitos estudos e parto do seu engenho; e sem moderar o natural sentimento, acusava a sua infelicíssima desgraça, dizendo que Deus o fizera nascer para ludíbrio da fortuna, irrisão dos fados e alvo de todas as infelicidades, que mais valia não lhe haver dado a vida, se nela havia de ser tão perseguido; que todo o universo se havia conjurado contra ele e que os céus com cólera, os elementos em desordem e os abismos cheios de furor o tinham tomado por empresa para perdê-lo. Acompanhava o semblante todos os movimentos do coração desesperado e a fúria estava pintada na sua fisionomia: parecia que lha faltavam os olhos, voltava-se em um instante para as quatro partes do mundo, não podia acabar um período sem o interromper com outro e a sua palavra mimosa era: «Sou desgraçado e puderam mais os fados que a justiça e nada valem para com a providência os merecimentos. No curso cego da natureza é involvido o sábio com os brutos e os que consultam as estrelas com os que cavam a terra e Deus descansa na Sua bem-aventurança ao som das nossas queixas, cheio de glória infinita, mas sem se embaraçar com o que os demais cá padecem». Assim falava, sem que a razão pusesse freio à sua língua.

4 Aqui o atalhou a princesa, dizendo com ar de senhora e ironia capaz de castigo: «Por certo, Ibraim, que o Supremos Governador dos céus e terra tem sido injusto para convosco, porque, sabendo que tínheis no vosso gabinete tão preciosos manuscritos, devia forçar as leis da natureza para que todos os elementos vos guardassem respeito. E muito mal fez em salvar a vida ao autor e deixar perecer as obras; e talvez seria melhor se trocasse as mãos para salvar semelhantes preciosidades. Ora abri os olhos. Queixais-vos de Misseno! Pois a Misseno deveis a vossa via: se a vossa curiosidade não vos fizesse sair de casa, se as chuvas vos não cortassem o passo para a retirada, mui descansado no vosso leito estaríeis esta madrugada, quando as águas,

subitamente, entraram no palácio e cobriram a vossa câmara, afogando os que estavam nas mesmas circunstâncias em que vós certamente estáveis. Não vedes, Ibraim, que a morte, disparando as suas envenenadas flechas, as tinha apontado contra a vossa cabeça e que a providência, furtando-vos ao leito, que era o alvo da pontaria, fez que somente empregassem nele os tiros que se dirigiam à pessoa! Por certo que muito tendes de que queixar-vos. Se o vosso profeta Mafoma tem as indignas ideias da providência que pelas vossas queixas se deixam ver, mais acertado e respeitoso é o conceito que a nossa religião nos persuade do Ser Supremo. Quanto mais racionável é o discurso que fazemos, tendo por benefício singular da providência que quisesse vigiar de tal modo sobre o nosso bem que quando talvez o nosso coração estaria surdamente murmurando dela, então a mesma providência nos estava salvando a vida. Quem vos diria, filhos meus, esta madrugada, quando os vossos membros frios e magoados se queixavam da dureza da cama, quem vos diria que então estávamos recebendo da mão divina uma nova vida, porquanto a primeira, se não fosse este amoroso lance da providência, estava neste momento acabada, pois, se dormísseis nas vossas camas, nelas morreríeis sem falta, se a mão de Deus, benévola, nos não fizesse dormir na choupana!»

5 O ar de desagrado com que a princesa respondeu a Ibraim o deixou confuso e mudo. Vendo então ela que pouco a pouco desaguava o rio, mandou que nos quartos superiores e intactos se preparassem os cómodos para todos e quarto decente para Ibraim; e enquanto ia dar consolação aos aflitos, remédio aos danos e providência ao futuro, o conde, para a deixar livre, foi buscar Polidoro, que não ficava mui distante.

6 Aqui é que todas as paixões que haviam dominado o conde o estavam esperando para o assaltar quando estivesse só e sem esperança de socorro. A Tristeza, que muitos anos havia residido no seu coração, agora saudosa da presa que lhe ia escapando, o acometeu com grande fúria, e com a Desesperação, sua filha, em companhia do Erro, lhe foi ofuscar o entendimento. Perde o conde o tino e acha-se embrenhado num espesso bosque; anda e desanda, e todos os espectros medonhos se oferecem à sua imaginação confusa e enferma. A negra Melancolia derrama um amargoso fel no seu coração ferido, a luz da razão se retira; a Impaciência o inquieta; a Desconfiança o desanima. «Que há-de ser de mim?», dizia ele, em uma angústia desesperada; já corria a um lado e uma horrível cova o intimida; já volta ao oposto, e a desconfiança lhe faz crer que vai perdido, quando talvez estava perto da estrada real. Chama no meio do bosque e os seus ecos o enganam e cuida que lhe falam; e quanto mais se fatiga a chegar ao lugar donde lhe vêm as vozes, tanto mais lhe faltam, que não responde o eco a quem lhe fala de perto. Desfalece e deixa-se cair em terra e na mais profunda hipocondria. Então o espírito do Erro, aproveitando a ocasião oportuna, lhe disse desta maneira, falando ao interior da sua alma: «Vês que não há forças que possam resistir aos fados! Nasceste infeliz, infeliz hás-de acabar,

apesar da tua filosofia. Que venham os discursos de Misseno arrancar-te das unhas da Desgraça que se tem enredado neste labirinto de que não podes desembaraçar-te. A Sorte se vinga de ti, porque as estrelas lhe deram direito sobre a tua vida: e quanto mais quiseres iludi-la, tanto maior será a fúria com que te há-de perseguir. Escapaste da morte no naufrágio doméstico, agora naufragarás no meio destas árvores. Desgraçado conde! Aí vês a louca confiança desse homem que tanto te tem andado com a cabeça à roda para que imagines feliz no centro da maior infelicidade. Os tempos estão completos: os teus dias se acabaram e se a tua morte há-de ser cruel à discrição das feras, mais vale que seja suave na heroica resolução de um braço valeroso que sempre deve mostrar que a não teme. Sabe que por força toda a tua vida há-de ser triste; e assim acaba os teus dias para que os teus tormentos se acabem. O teu coração nobre não deve perecer, como um vil animal faria, cedendo à voracidade das feras. Triunfa pois da desgraça, antes que ela triunfe de ti, e dá generosamente o que te querem arrancar com tirania. Diga-se que o conde da Morávia heroicamente desprezou a vida, porque as grandes almas a desprezam, não querendo ser o ludíbrio dos fados. E já que a providência suprema faz injúria ao teu nascimento, envolvendo-te nas desgraças comuns, faze-te justiça a ti mesmo, saindo-te heroicamente do teatro em que ela te tem feito representar um papel tão indigno. Anda, vai, precipita-te do cume daquele rochedo, porque um simples querer te basta, e não podes temer que o teu braço fraqueje no meio do golpe. Uma vez lançado, inútil é o arrependimento. Arrependimento que de nada te serviria, senão de te obrigar a reiterar a resolução e multiplicar as angústias».

7 Já a Morte, ouvindo estes funestos conselhos, saia dos infernais abismos para receber a presa que se lhe destinava e a Desesperação com o Furor se davam toda a pressa para completar o sacrifício que lhe consagravam. Entra, pois, o Furor a dar garrotes àquela alma em quem cravava as suas sanguinolentas garras; e o conde vai andando com ímpeto e desesperado; os seus olhos confundem a luz do céu com as infernais sombras; não sabe onde põe os pés nem aonde se dirigem os seus passos. Eis que quando ia a executar o desgraçado intento, chega Polidoro, a quem a fama havia contado os perigos da princesa e da sua família. Vinha ele cuidadoso e de galope, atravessando o bosque, quando vê de repente o conde. Pára, mas a sua figura mudada e a novidade da situação lhe faziam duvidar do que via: um ar furioso, um semblante melancólico, a cor pálida, os olhos denegridos, o passo ora lento, ora furibundo, faziam suspeitar a Polidoro que o conde havia enlouquecido; e observa que se encaminha ao alto de um rochedo descarnado que estava pendente sobre os abismos. Então, picando o brioso bruto, corre como se voasse sobre as asas dos ventos e se lança diante dele a embaraçar-lhe o precipício. Abraça-o, dando-lhe o parabém de o ver com vida, quando o lamentava afogado com toda a sua família. Então o conde, como acordando de um profundo sono ou tornando a si de um frenesi, reconhece

o seu amigo e, confuso, com voz trémula, com um ar embaraçado, corresponde friamente às excessivas demonstrações de gozo que nele achava; e ambos voltam para casa a buscar a princesa. O conde vinha envergonhado e Polidoro confuso; um transbordando em gozo, o outro ainda meio morto de tristeza.

8 Chegam a casa, aparece a princesa e poucas eram as expressões para cada qual dizer o que dizer queria. Pelos discursos de Polidoro e representações de Sofia, conheceu pouco a pouco o conde o precipício de que escapara de noite de perder a vida afogado, e achava então a vida preciosa; e tanto mais preciosa, quanto havia sido concedida por graça especial da Mão Suprema. Lembrava-se também do perigo em que estivera no bosque e não podia admirar-se assaz da providência com que Deus o livrara de perder-se. «Então,» — dizia ele já mais alegre e desafagado, — «se tantas vezes me concede o céu a vida, quantas me livra da morte, hoje devo contar três vidas, vendo-me livre de perecer afogado no meu leito e despedaçado pelas feras no bosque e precipitado pela negra e furiosa melancolia nos abismos. Agora estou pasmado de ver quão pouco tempo basta para um homem cair no último desatino, se se deixou levar da tristeza. Saí de casa bem contente, dando louvores ao céu por não ter perecido, e pouco depois me vi tão perdido de melancolia, que se vós, Polidoro, não me apareceis, em um momento estava despedaçado».

9 «Quando o coração vai a cair,» — diz Polidoro — «não convém largar-lhe a rédea, porque se uma vez chega a prostrar-se, todo se recompõe e desconcerta; o peso dos males o oprime, os movimentos o ferem, um nada o embaraça, a si mesmo se ofende; e revolvendo-se e rolando, nada pode ver; e por isso, caindo de um precipício em outro, se despenha e fica num abismo despedaçado. Mas todos estes males se remedeiam facilmente, tendo com cuidado a rédea na mão, quando o ânimo começa a tropeçar na tristeza. Livrai-vos, amigo, desta paixão maldita».

A prudente senhora, ouvindo o perigo do conde, se afligiu sumamente, conhecendo que a enfermidade não estava curada e revolveu no seu entendimento vários meios para favorecer a cura; depois de bem pesados, viu que convinha absolutamente buscar algum para conservar impressas na memória as doutrinas de Misseno. Era a medicina em si um pouco ingrata ao coração triste, mas procurou com grande sagacidade dulcificar o remédio para que, atraído o conde da suavidade, continuasse no salutífero uso dele. Prevenido pois para a noite um concerto de música, com a qual queria recrear aos ânimos afligidos pelos incómodos passados e ao mesmo tempo dar nesta recreação ao conde e a seus filhos um remédio preservativo dos males que atacavam um e podiam ameaçar os outros.

10 Toda a tarde os entreteve com o jogo, querendo com esta distração inocente desterrar de seus corações toda a perturbação, a qual podia embaraçar o efeito do remédio que lhes preparava. E bem como a formosa lua que, na falta do sol, preside à terra e sem tirar dele os olhos toda a luz que recebe do brilhante astro, manda

fielmente ao mundo para ilustrá-lo de novo, assim fazia a princesa na ausência de Misseno. Toda a luz e doutrina que de Misseno recebera, quis de novo, como se fosse luz própria, comunicá-la ao irmão e aos filhos em certas árias de música para que ficasse impresso na memória um epílogo da doutrina que deste admirável homem havia recebido.

11 Chegou a noite e, tendo a princesa preparado tudo com arte, mandou tocar vários concertos e depois disse a Eukali, sua aia mimosa, que cantasse, o qual ela fez com voz admirável e grande ciência, dizendo desta maneira:

ÁRIA I
Quando o sol resplandece no oceano,
Qualquer onda um sol vivo representa:
Assim deis em nós brilha, em nós se ostenta,
Pondo em nós seu retrato soberano.

Nesta obra Ele vê sua beleza
Retratada:
Que ditosa há-de ser, se for guiada
Pela mão do Autor da natureza!

Deu tão grande alegria ó corpo, ós brutos;
Negá-la-ia
A esta obra mimosa, em que Ele via
Reluzir Seus divinos atributos[88]?

Ninguém esperava esta engraçada travessura da princesa para inculcar no espírito da assembleia com caracteres indeléveis a máxima de Misseno, de que nos é possível na vida verdadeira alegria. Conhecia ela o poder particular que tem a poesia e a música juntas para encantar a alma e que este era o modo mais suave e eficaz para fazer passar ao íntimo do coração o salutífero remédio. Foi geral o efeito que se viu em toda a assembleia. O conde exultava, Polidoro estava suspenso, Ibraim, penetrado da força das sentenças, mas, retardado pela preocupação, mostrava nos movimentos inquietos a sua alma confusa, vendo-se embaraçado com um «sim» e um «não», a que não sabia determinar-se. Tudo penetrava Sofia pelo semblante e, qual caçadora diligente que vê a corça ferida com a primeira seta e antes que recobrada se escape e se embrenhe na espessura do bosque, tira outra vez da aljava, bate e curva o arco e a despede, voando pelos ares, assim fez a prudente senhora. Mandou que Zarina, outra

[88] Livro I. n.

sua aia, cantasse sem demora o papel que lhe pertencia, o que ela fez, compensando com o gosto da música e com a expressão viva e animada tudo o que lhe faltava na voz; e conciliou os agrados da assembleia, dizendo assim:

ÁRIA II
Deus uma alma nos deu tão desejosa
De contente viver, que só suspira
Pela doce alegria; e se Deus vira
Que esta vida não pode ser ditosa
Não é crível
Que querendo afligir-nos, nos fizesse
Aspirar com grande ânsia ao impossível.
E quisesse
Pôr seu gosto em negar o que se pede,
E sem água nos dar, dar-nos a sede[89].

Polidoro pediu que se repetisse esta ária com um tom tão eficaz que, acabado o retornelo, Zarina obedeceu, excedendo-se a si mesma, animada de novo com o gosto que via nos assistentes; e sendo a letra a mesma, foi novo o golpe que deu nos ânimos dos que a ouviam, bem como se arranca o punhal da ferida para encravar-se de novo. Polidoro pediu o papel, leu, reflectiu e quis ouvir o parecer de Ibraim, o qual, não estando preparado para aquele género de disputa, ou sincera ou só politicamente tudo aprovava. Respirava o conde, vendo já o antagonista de Misseno rendido às suas doutrinas; e antes que passasse adiante o divertimento, a princesa lhes perguntou se aprovavam as máximas que estavam expostas, o que todos urbanamente fizeram. E ela continuou deste modo:

12 «Sendo logo certo que é possível a verdadeira alegria na vida e que desesperar de consegui-la é fruto ou da ignorância ou da preguiça, convém saber por onde se pode alcançar para não trabalharmos em vão. Eukali nos vai dizer sobre este ponto alguma verdade importante».

E nisto começaram os músicos o retornelo; e disse deste modo Eukali:

ÁRIA III
Se uma sorte feliz me é destinada,
Quem ma pode impedir?
Todo o mundo se empenhe, eu me hei-de rir
Que essa força não pode fazer nada.

[89] Livro n.

Desta grande carroça
Toma as rédeas o Todo-Poderoso;
E quem há tão forçoso
Que o seu braço valente torcer possa?
Poderei recear
A chamada Fortuna ou louco Fado?
Dará Deus, por querer-se descansar,
Este grande cuidado
De nos dar ou negar felicidades
A tão falsas e loucas divindades[90]?

O bater das palmas deu um geral testemunho da aprovação de todos. Ibraim estava absorto na meditação destas verdades; e ele era o alvo dos olhos de todos, como o mais duro e difícil a se render às máximas de Misseno. A princesa, então lembrada do que lhe ouvira, ampliou com toda a energia este argumento, enquanto os músicos descansavam.

13 O conde alegava as mesmas dificuldades que propusera a Misseno, e sua irmã declarava as respostas. Mas Ibraim, mudo, atento e circunspecto, deixava com o seu silêncio todo o lugar à reflexão de Polidoro e à convicção de seu juízo, que não estava preocupado; e por conclusão, confessou Polidoro ser verdade infalível que nem as criaturas sem o nosso próprio socorro nem os fados poderiam impedir a nossa felicidade, o que suposto, Zarina, segundo o seu turno, disse, com igual graça e maior desembaraço que a primeira vez, a seguinte ária:

ÁRIA IV
Se da Mão Soberana e Ser Supremo
Me deixar conduzir,
Nada temo,
A estado feliz eu tenho de ir.

A sua honra o obriga e a bondade
Natural;
Se dispõe que eu padeça qualquer mal,
Nisso busca o que é minha utilidade.

De outro modo seria um Deus cruel,
Se por gosto ferisse,
Ou seria infiel,

[90] Livro n.

Se abusando da minha cortesia,
Ao meu bem o seu próprio preferisse,
Ou mui pobre seria,
Se por ser mais feliz, necessitasse
Que do bem que apeteço me privasse[91].

Tinha o conde ouvido da boca de Misseno estas mesmas máximas: mas ou fosse que a melodia da música houvesse abrandado o seu coração para nele se imprimirem com mais facilidade, ou fosse que a harmonia que todas juntas mutuamente tinham, lhe fizesse este sistema mais encantador, é certo que se via muito mais fortemente convencido.

14 Então Ibraim, rompendo o profundo silêncio em que havia estado, confessou claramente que era de suma evidência a máxima que acabavam de cantar; e a princesa, reunindo tudo o que se havia concedido, declarava que se nem os fados, nem as criaturas, nem Deus por si só podiam privar-nos da sorte feliz a que o coração humano aspirava, só de nós (suposto o socorro celeste) é que dependia a nossa sorte e que assim só de si próprios e não da providência se deviam queixar os infelices. Aqui, Polidoro relutava: e era um gosto ver a princesa manejar com suma graça e destreza as árias que se haviam cantado, de forma que por qualquer parte que Polidoro quisesse escapar, se achava embaraçado no laço que, destramente, armara. Polidoro opunha os contínuos trabalhos em que os mortais se acham envolvidos, rolando de uns em outros, até se precipitarem na sepultura e a princesa, bem instruída por Misseno, lhe dizia que não era o mesmo trabalhos que infelicidades e que o remédio tinha muita diferença da enfermidade, posto que ambos afligissem, mas que cousa era tanto mais preciosa, quanto a saúde nos era gostosa e estimável; e pedindo licença para rematar o concerto com as duas árias que lhe pertenciam a ela, prometeu a Polidoro de lhe tirar o horror aos trabalhos, e disse desta maneira:

ÁRIA V
Todo o mal tem seu bem conveniente:
Quem governa os humanos
Não o sofre, sem ver que é conducente
A seus fins soberanos.

Porventura, eu terei melhor juízo
Quando os males e bens tenho pesado,
Ou terei coração mais delicado
Que não sofra o mais leve prejuízo.

[91] Livro IV. n.

Logo o caso mais feio e horroroso
Me conduz a meu bem.
Deste modo ele tem
Certo lado que fica mui formoso.

Assim devo buscar
Essa face que for mais agradável
Se me quero alegrar
E fugir da que for abominável[92].

Bem se viu nos movimentos de Ibraim que tinha muito que dizer sobre as sentenças desta ária, mas o respeito o impedia. Notou-o a princesa e, respondendo-lhe com os olhos cheios de urbanidade e agrado, lhe fez entender que depois de acabar a música o satisfaria. Polidoro, ou fosse sincera a convicção do entendimento ou lisonjeira política, disse que não se podia resistir ao argumento que a princesa fizera: e qual amante lisonjeiro, que sendo por casualidade na caça ferido pela dama adorada, beija mil vezes a seta com que o ferira, assim Polidoro revolvia as palavras da ária que a princesa cantara, achando-lhe de cada vez nova força na sua estimação atenta e confessou, gloriosamente, que o tinha de todo penetrado.

15 Desprezava Sofia com arte e agrado o que dava sinais de lisonja, só querendo a convicção séria do juízo; e rematou com a última máxima dos benefícios negativos, a qual expôs deste modo:

ÁRIA VI
Vejo a Mão Soberana repartindo
Bens e males por toda a criatura:
Com juízo ela os vai distribuindo
E o bem com os trabalhos lhes mistura.

Ouço queixas, gemidos e lamentos,
Olho em roda e nos outros reconheço
Mil angústias, mil penas e tormentos
Que sofrer eu podia, e não padeço.

Ora eu creio que um mal
De que deus me livrou,
Benefício é mui grande e graça igual
Que a mim fez, e aos mais Ele negou.

[92] Livro 7, n. 11.

Devo logo contar
Os motivos que tenho de alegria
Pelos que de chorar
Nesses tristes eu vejo cada dia[93].

Todos pediram a repetição desta última ária; e a princesa juntou à melodia do estilo um novo espírito, nova alma, nova graça, segundo a inteligência dos pensamentos e a energia das palavras que ela compusera. E qual águia valente que, arrebatando a presa e levantando-a no ar é senhora de conduzi-la onde muito quer, sem que lhe possa resistir, assim havia feito a princesa, arrebatando os ânimos e deixando-os como transportados com a suavidade do canto para que sem resistência lhes persuadisse as máximas importantes.

16 Seguiu-se um belíssimo concerto de instrumentos por remate do divertimento; e a princesa com o conde e Polidoro quiseram ouvir da boca de Ibraim as suas dificuldades. Porém, ou fosse política ou fraqueza do adversário, não ousou combater com tais contendores: somente disse que pediam reflexão madura máximas de tanto peso e que depois de meditar atentamente, diria o seu parecer sem parcialidade nem lisonja. Entretanto, Polidoro recolhia todos os papeis que se haviam cantado, querendo copiar as letras.

17 No mesmo dia as Fúrias infernais se haviam juntado amotinadas nas subterrâneas cavernas. O espírito do Erro chega desanimado, não havendo saído bem da empresa que lhe deram. A Verdade triunfara dele; e lamentava-se que essa divindade sua inimiga perpétua fazia cada dia novas conquistas, que já a princesa, Polidoro, o conde e os inocentes sobrinhos estavam rendidos; que seria em vão esperar deles alguma vitória, pois que as máximas da verdade estavam profundamente radicadas, que por último esforço havia chamado a seu socorro a Tristeza, a Tristeza, a mais violenta paixão que se conhece em todos os infernais domínios, à qual a Desesperação, sua filha, quando estavam no ponto de conseguir a mais completa vitória, o Destino lhes havia arrancado das mãos a presa, o que tudo essas duas Fúrias podiam testificar. Então a Desesperação, saindo furiosamente do recôncavo de uma interior caverna, onde, envergonhada, se havia escondido, se presentou no conciliábulo, dando tais urros, que as montanhas estremeceram e as negras águas do Cocito pararam subitamente. Já se lança por terra, já se levanta desconcertada, mordendo-se com os ferinos dentes e, arrancando-se as serpentes da cabeça, que são os seus cabelos mimosos. Apenas forma período, sem o interromper com lamentos, as palavras lhe saem da boca envoltas com bramidos que assustam até as demais paixões menos furiosas e, enfim, lhes faz relação do precipício a que ela junta com o Erro tinham

[93] Livro 9, n. 13.

reduzido o conde, mas que outro maior poder conduzira de modo os sucessos, que tudo havia sido inútil.

81 Ouvem isto as Fúrias congregadas e, qual ardente bomba que, voando pelos ares, rebenta no meio do terreiro e despede em roda mil estilhaços, como outros tantos raios, assim partem dos subterrâneos abismos mil Fúrias, todas destinadas a impedir, seja como for, os intentos de Misseno. Parte a Política para a Polónia, a Ambição para a Morávia e família do conde, o Amor da beleza vai para várias partes, a Soberba para o coração de Ibraim, a Condescendência para o da princesa, a Adulação para o de Polidoro, a Pusilanimidade e a Tristeza para o de Misseno, a Desesperação, a Inconstância, a falsa Alegria para o do conde; e todas se dão as mãos para impedir que se sigam os ditames da verdadeira filosofia.

19 Bem descuidado se achava Misseno na sua retirada cabana, repousando de noite da fadiga do trabalho, quando se viu sobressaltado pela Pusilanimidade. Sentia em si um temor, mas sem saber o que temia; via-se agitado por mil ideias confusas e tão misturadas, que não podia entreconhecê-las. Uma vez, porém, nesta confusão nocturna, internamente lhe diziam que largos trabalhos se lhe preparavam, se não desistisse da empresa de comunicar aos mais as máximas da sua filosofia e de destruir por este modo o reino das paixões e dos vícios. «Já quando tu eras pastor», lhe dizia secretamente o espírito da Pusilanimidade, «já quando tu eras pastor, a tua filosofia te perdeu, e ainda agora gozarias das suavíssimas delícias daquela inocente paz, se guardasses para ti os teus conselhos. A fama te descobriu a Aleixo e vês quantos trabalhos se te seguiram. Agora trata de ser prudente, que os anos e os trabalhos o pedem; e pois que a providência te conduziu a uma vida retirada, retira-te de cavalheiros, retira-te de príncipes, retira-te de filósofos, pois todos vão a publicar pelo mundo que aqui vives e não deixarão de inquietar-te já pelas novas revoluções da Polónia, já por mil escondidos sucessos que o futuro te oculta. Que fruto podes tu esperar de um mancebo que jamais buscou senão os divertimentos e nunca se aplicou a conhecer a verdade? Se a prudência e carinho de sua irmã, princesa de tanto juízo, o não têm reduzido, que farás tu, pobre, velho, austero e estrangeiro? E quando te leve o desejo de fazer bem, já lhes tens dado bastantes ditames; reserva-se os demais para ti ou para quem saiba estimá-los e pô-los em prática. Demais, que tu já conheces como os grandes tratam os que estão em baixa fortuna; só os olham como meros instrumentos das suas vontades, têm-nos nas mãos, enquanto lhes servem e em lhes não servindo, lançam-nos fora. Daqui a dous dias, tu serás o ludíbrio do seu mau génio, a fábula de seus discursos e o riso dos seus amigos. Tu não acabas de conhecer que só buscam o seu interesse! Vê que contra a promessa não vieram hoje visitar-te e que o menor divertimento os distrai. Atende pois ao teu sossego e já que o céu te não pôs para presidir aos mais, vive para ti só; e se não buscas as creaturas para teu bem, não as consintas para teu mal».

20 Assim falava internamente a Misseno o espírito da Pusilanimidade. Mas reparou o herói que o seu entendimento estava ofuscado, que o seu coração inquieto lhe palpitava com força desusada e que o seu ânimo havia perdido o ser, como até ali o assento da paz; então, fechando de golpe a porta a todo o discurso, reservou para outro tempo o exame da causa e recorreu ao céu, donde lhe vinha sempre a luz e a fortaleza.

21 Veio, enfim, a seguinte aurora e à medida que o céu se ia banhando da luz matutina, a sua alma se sentia mais desafogada. Saiu ao seu trabalho e, cantando, segundo o seu costume, louvava com os astros do dia o autor que os creara. Estava mais bela que nunca a estrela da manhã e toda a natureza, recebendo dela os benignos influxos, parece que exultava de alegria. Então um raio de luz celeste ilustrou a sua mente, e Misseno se disse a si mesmo: «E que é o que ontem tanto te afligia e perturbava? Que pequeno coração tens! Que longes estás da verdadeira heroicidade, pois ainda temes desse modo os trabalhos! O teu coração pressago te profetiza mil calamidades, mil tribulações, mil desgostos por causa desses cavalheiros a quem fazes um tão continuado benefício? Ora seja embora: e que importa que tudo isso suceda? Tu não obraste mal até aqui: não o faças daqui por diante, e serás verdadeiramente ditoso. Um mortal nada pode fazer melhor que imitar o Ser Supremo; e já que a tua alma é em certo modo uma porção da divindade, deve segui-la. Ora, se Deus não fizesse bem senão aos agradecidos, poucas vezes abriria os seus tesouros. Dá, pois, de graça e não vendas o bem que queres fazer; não olhes jamais para a recompensa, qualquer que ela seja, ou de injúrias ou de agradecimento: faze o bem só porque é bem. Obra segundo a luz da razão te dita, e deixa que façam os outros o que lá muito quiserem. Por certo que os crimes alheios, as suas aleivosias e ingratidões não te farão menos agradável ao Ser Supremo, de cuja benévola liberalidade é que depende unicamente todo o teu bem; e assim, se te pedem conselho para obrar bem, dá-o; se te perguntam o caminho da verdadeira felicidade, ensina-lho; repara que é teu irmão quem to pergunta, e que tu desagradarias a quem te governa, se te calasses. Queres refusar a luz a quem periga nas trevas! A luz, que é o único bem que se reparte, sem que jamais se diminua! Queres fechar dentro em ti os raios do sol! Pôr em cadeias a luz da razão! As luzes da razão, que são os raios da divindade! Ah, e que vil pusilanimidade te tentava! Temes os trabalhos, e agora é que te vem este receio, depois de teres triunfado de tantos? Temes os trabalhos, e por que preço hás-de tu comprar a ciência importante do que te resta para saber? Não têm sido eles os melhores mestres da tua filosofia? Que feio pensamento é logo temer as aflições dessa maneira, como faria qualquer homem da plebe sem experiência, sem luz nem valor! Não te lembras que és um príncipe? Que tens o sangue de tantos heróis que não souberam temer? Que fostes rei e que a tua filosofia te fez desprezar a coroa e o ceptro? E quem teve valor para zombar desses contratempos, teme agora as aéreas

imagens que a pusilanimidade te forma dos trabalhos futuros. Que venham: obre Misseno como deve obrar, e Misseno será sempre feliz».

22 Assim falava ele consigo; e, cantando, prosseguia no seu rude trabalho. Isto disse: eis que a Tristeza, vendo que a Pusilanimidade, totalmente descorçoada, havia abandonado a conquista do coração do herói, toma a si a empresa e lhe prepara novo e mais perigoso assalto; e bem como quando o mar está sereno e é um cristalino espelho do céu, uma negra e tenebrosa nuvem voando sobre as asas dos ventos, lança sobre ele um furacão formidável e num momento as águas claras se acham negras e medonhas, os rochedos se equivocam com as ondas, a vida com a morte, os abismos se confundem com as estrelas; não de outro modo a Tristeza, que noutro tempos havia dominado no coração de Misseno, quer agora provar nova luta, para se despicar do mau sucesso que tivera na empresa do conde.

23 Cai de repente sobre o coração do herói, quando ele estava mais alegre e ocupado no seu trabalho, havendo já triunfado da Pusilanimidade que o inquietara. Não é mais repentino o efeito do raio, do que foi o da Tristeza no coração de Misseno. Acha-se confuso e com o entendimento embaraçado, não pode descobrir nem a luz da razão nem o norte de seu verdadeiro fim. O céu se lhe confunde com a terra, a filosofia com as paixões, o bem com o mal, a virtude se equivoca com o vício e nem sabia o que desejava nem o de que fugia.

24 Pelo costume queria chamar a verdadeira e celeste filosofia a seu socorro, mas uma falsa Razão o enganava e o seu discurso era furioso, escuro, turbulento. Estranhava-se Misseno, e via que não era esta voz suave da filosofia a que estava acostumado, porque até então a paz e tranquilidade lhe abriam as portas ao entendimento, o qual pouco a pouco desenvolvia as trevas mais espessas para conhecer onde começava o vício e onde acabava o meio racionável da virtude; até então distinguia estas cousas com tal evidência, que não era possível equivocá-las. Porém, agora se desconhecia de todo, e nisto mesmo advertido o seu perigo.

FIM DO LIVRO X

Gasp. F. inv. esc.

Misseno depois de ver o Templo da Paixaõ hé transportado em hum Carro de Leões por hum Conductor Celeste ao Paiz da Razaõ, Cujas Leis e Costumes o Conductor lhe explica. nº. 25.

LIVRO XI

1 Posto Misseno nesta angústia, fazendo-se uma violência mortal, levanta os olhos e as mãos ao céu para invocar o Ser Supremo; enche-se de ânimo e lhe diz desta maneira:

2 «Razão eterna, que vos comunicais a todo o entendimento que dimana de vós, se com vontade sincera vos busca, não vos oculteis agora, para que eu possa seguir-vos. O braço da creatura é mui fraco, se a vossa mão poderosa não lhe assiste. Eu sinto em mim força estranha que me impele, que me ofusca, que quasi me derruba; porém, vós que me ilustrastes quando eu vos não invocava, não podeis desamparar-me quando em aperto vos busco». Apenas disse isto, cai por terra desfalecido, porquanto não podia já o coração suportar o repuxo que nele fazia a violência deste esforço, fica por um espaço de tempo como morto e, pouco a pouco, vai tornando a si e se acha inteiramente mudado. A paz e a tranquilidade tornam à sua habitação costumada, e o coração aos seus movimentos pacíficos e regulares; quer louvar o Creador pela vitória que acaba de lhe dar contra a Tristeza, mas sente que o seu entendimento se eleva, a sua imaginação se aliena e outra mão superior, mas pacífica, se apodera dele, sem que saiba o como, nem se o corpo acompanha o seu pensamento.

3 Neste ponto se lhe representou que era transportado a uma nova e estranha região. Um condutor celeste se lhe agrega e o conduz por varedas luminosas e desconhecidas. Atravessa a região das nuvens e vê por um lado e por outro formarem-se os relâmpagos e dispararem-se contra a terra setas de fogo. Pouco depois passa por um globo como de prata, suspenso no meio do vácuo; admira-se, e o guia lhe diz que é a lua. Mas esse globo, que lhe parecia imenso, se vai diminuindo a seus olhos, e vê que desaparece como um átomo no meio dos ares. Vê logo outros globos muito maiores, a quem o companheiro celeste dá os seus nomes de Mercúrio, Vénus, Marte, voltando-se todos pelos espaços imensos à roda do sol; do sol, que ele vê como uma massa enorme, ardendo em vivas chamas, as quais, fumegando, deixavam sobrenadar na sua atmosfera várias nuvens, a que os habitantes da terra chamavam manchas. Mais adiante, encontra Júpiter, rodando velocissimamente sobre os eu eixo, cortejado de quatro luas e, finalmente, Saturno, com mais numeroso cortejo, volvendo-se à roda dele tantos pequenos planetas, que a sua multiplicidade fazia parecer um continuado anel de prata. Pouco depois, já toda essa máquina lhe fica mui longe, já toda essa família do sol desaparece de todo e apenas Misseno o pode distinguir ao longe, como uma pequenina estrela. Outros globos de fogo, muitos deles maiores que o sol, se presentam de um lado e de outro tão multiplicados, que Misseno se confunde. «Aqui fica Orion», lhe diz o celestial guia, «formado de mais de duas mil estrelas, das quais mui poucas alcançam a ver os moradores da terra. Lá ficam as duas Ursas, dali Cassiopeia e Perseu; deste lado, Arcturo, daquele a Balança e os mais

signos celestes. Que grandes e magníficos são estes objectos para a tua ideia», lhe diz, «pois sabe que tudo isto é nada, comparado com o que a seu tempo te espera e que ainda te não é permitido ver».

4 Misseno estava tão penetrado da admiração, que sua alma imóvel não atinava com discursos; somente pôde dizer ao anjo: «Se tudo isto, sendo tão grande, é nada, que será o que lá fica na Terra? Na Terra, que não seria possível descobrir nesta imensa distância? Que ridículos e pueris são logo os juízos dos meus semelhantes, quando se afligem pelo que lhes sucede e se deixam abalar pelas paixões que têm objectos tão vis!»

5 «Não quero, porém,» — replica o condutor — «que tu ignores o que se passa na Terra; e neste belíssimo espelho azul que, em abóbada, vês sobre a tua cabeça, tu verás melhor que se estivesses no mundo o que as paixões lá fazem».

Neste ponto, Misseno vê nessa côncava e luminosa safira representado um templo magnífico, ao qual conduziam quatro grandes escadarias voltadas para as quatro partes do mundo. O vestíbulo do tempo ficava no centro delas e, à sua entrada, estavam de um e de outro lado duas majestosas matronas que a proibiam a todos, mas em ambas se via tal beleza, decência e simplicidade de ornato, que inspiravam um grande amor e o respeito. Admirou-se Misseno e, perguntando ao seu condutor quem eram aquelas matronas, ele lhe disse: «São a Razão e a Virtude; e, se reparasses nas suas insígnias, fácil te seria o conhecê-las. A primeira matrona, bem vês que tem sobre a cabeça uma chama que, com postura não usada, baixa direita do céu, porquanto a luz da razão é uma certa dimanação do entendimento divino que do céu baixou para os homens. A segunda, que é a Virtude, cinge sobre o peito uma cadeia de ouro para mostrar como se devem domar os ímpetos do coração e os seus desejos, governando-os pela regra da justiça que representa naquela de ouro que tem na mão e levanta diante dos olhos. Neste momento viu Misseno que o tumulto dos que desejavam entrar no templo lançava as duas matronas por terra, atropelando-as sem atender aos seus gemidos. «Não te admires», lhe responde o anjo, «que este templo que vês é o da Paixão e ninguém entra nela a sacrificar sem calcar aos pés a Virtude e a Razão». Já a este tempo o espelho celestial representava o interior do templo, variando-se as cenas à proporção em que Misseno se adiantava à inteligência: viu três tronos com suas divindades, os quais serviam de base a outro trono superior e maior. Neste presidia um soberbo e respeitado varão, na idade velho, mas na robustez e viveza mancebo. Entendeu Misseno que era o Amor-próprio, cujos três filhos, o Interesse, a Glória e o Amor sensível, estavam mais abaixo, como divindades subalternas, e da mão delas recebia as ofertas que lhe sacrificavam, como vaidoso pai que se compraz na glória de seus filhos e tem por lisonja própria os obséquios que a eles se rendem.

6 Reflectiu Misseno nos três tronos inferiores e viu que o Amor tinha um corpo de menino, olhos vendados, arco ligeiro, setas de fogo; que tinha por peanha corações e chamas por trono. No Interesse, brilhavam o ouro, os diamantes e toda a pedraria preciosa, e isto com tanta confusão, que os olhos não sabiam a que atendessem. A divindade da Glória se ornava toda com plumas; fumos odoríferos se evaporavam à roda do seu altar e se via, de quando em quando, uma súbita luz, como de relâmpago, que não tinha mais existência que a precisa para nos deixar saudosos dela.

7 Já o entendimento de Misseno estava acostumado a estas figuras alegóricas e sem nova explicação do celeste guia, penetrava os símbolos que se lhe presentavam. Seguiu-se, porém, a esta espécie de pasmo um movimento de horror tão forte, que se não fosse a assistência do condutor, Misseno perderia a vida; tudo causado por ver os sacrifícios que se faziam às divindades. Então Misseno entendeu como as paixões fazem enlouquecer a todos os que as seguem. Viu a um velho que se lançava com ânsia a receber do Interesse um cofre de ouro, cheio e esmaltado de diamantes; porém, a divindade o repelia com indignação, se lhe não sacrificasse, afogando entre as mãos paternas duas lindas filhas que após dele estavam. Não duvidou o bárbaro parricida e a ambas fez exalar a vida entre as suas mãos, acompanhando acção tão bárbara com fingidas lágrimas. «Não te admires,», diz o guia, «porque todos os dias verás estes horrores no mundo. Quem seguiu nunca as acções do Interesse, sem afogar nas mãos e calcar aos pés a Paz e a Honra? Tu bem vês que todos amam estas duas donzelas, filhas mimosas da alma, enquanto ela segue a virtude; porém, quando se trata do Interesse, tudo se esquece. Riquezas grandes com paz, onde é que as viste? Modo de adquiri-las com honra, quão raro é e quão difícil! Verdade é que os que sacrificam não cuidam que lhes será preciso oferecer vítimas tão caras, mas a divindade se obstina a não conceder grandes riquezas sem semelhante preço».

8 Confuso ficou Misseno e ensinado; e cobrou tal horror a esta insaciável paixão, que nela não podia pôr olhos. Porém, o guia celeste o obrigou a ver várias cenas que se representavam naquele espelho côncavo dos céus que, voltado para o mundo, o trazia mui ao perto e punha bem diante dos olhos os seus horrores. «Esta primeira cena» — diz o anjo — «te representa os Alexandres e outros famosos conquistadores: os da Ásia estão de um lado e do outro todos os da Europa. Vê que talam os campos, que assolam as províncias, e isto sem mais direito da parte dos conquistadores, sem mais crime da parte dos vexados que a ambição, o interesse, a sede das riquezas. Repara que, violando o sagrado e comum direito das gentes, derrubam tronos, arrastam monarcas, degolam emperadores, queimam cidades, fazendo pasto das vitoriosas chamas até as mulheres e os meninos; e isto se louva no mundo. Volta-te agora para outra cena que pinta os séculos futuros. Um novo mundo aparece no meio de uns mares nunca dantes navegados[94].

[94] Descobrimento futuro das Américas, em 1492, por Cristóvão Colombo, espanhol, e conquista do México e do Peru, etc.

9 Vê as costas do antigo hemisfério infestadas de piratas, de piratas que se gabam de civilidade, de razão e de virtude: e que observas? Infinitos homens só na cor diferentes, mas em tudo o mais semelhantes a ti e a eles, reduzidos à mais cruel e mais dura escravidão e que se acham privados da liberdade: da liberdade, a joia preciosíssima que Deus dera a cada um deles, com dádiva absoluta e irrevogável. Deus lha deu, assim é; mas se os seus semelhantes lha não roubam, se não cometem estes crimes, não podem alcançar as riquezas que desejam. Sacrifique-se pois a Honra, a Religião, a Humanidade, que tudo é nada: e isto se há-de fazer na face de todo o mundo e esses monstros da razão hão-de passar por homens de bem e mui honrados, porque de outro modo a divindade do Interesse não os há-de despachar».

10 Tinha Misseno muita dificuldade em crer o que a cena lhe representava; mas o anjo lhe declarou que por aquele momento ele tinha as chaves do futuro e que só os tempos vindouros fariam patente a todos o que ali se lhe pintava a ele só para instrução sua.

11 Tudo isto se passava com tal presteza, que não voaria mais veloz o pensamento; e já eram os sacrifícios da Glória os que se presentavam a Misseno. Vinha pois a sacrificar um poderoso monarca acompanhado de três figuras. Uma, a que Misseno conheceu ser a Fortuna, a qual lhe ia adiante, acenando com uma coroa de louro; a Inveja o detinha pelo braço e a Temeridade o estimulava pelas costas com importunação. Ele, cheio de fogo e embriagado com o fumo dos contagiosos e subtis incensos que nesse altar se queimam, estava como fora de si, sem saber como faria propícia a divindade a quem desejava sacrificar.

12 Pede-lhe a deusa pela coroa de louro, que apetecia, cinquenta mil cabeças de seus próprios vassalos e que exponha à sorte não só a do seu primogénito, mas também a sua própria vida. Em nada duvida o monarca vaidoso e, para isso, vai declarar uma guerra, oferece em diferentes lugares batalhas a seus inimigos, correm por toda a parte rios de sangue, uma multidão de almas humanas são sepultadas no Tártaro, seu próprio filho exala a alma, atravessado de uma lança, por um lado, e por outro se vêem fumegar as cidades mais opulentas reduzidas a cinzas; e tudo é horror. Mas o monarca, desejoso da vitória, perdeu todo o sentimento da humanidade e alega como serviço dessa deusa todos os horrores que acaba de cometer, bramindo de ouvi-lo a natureza e tremendo as paredes do templo com a narração dos estragos, indo, porém, já a divindade a conceder-lhe a desejada coroa numa vitória decisiva, a Inveja lha arrebata das mãos e o herói se vê precipitado nas cavernas do Vitupério, que ficavam debaixo do trono da Glória, onde entre formidáveis urro ouviu Misseno que perdia a própria vida.

13 «Que lição esta para mim,» — disse então Misseno a quem o acompanhava — «que lição para mim que, como um louco, corri algum tempo atrás da glória,

quando governava as armas. Eu me acho réu de muitos desses crimes, mas jamais conheci a verdade tão claramente como agora».

14 «Este é o privilégio» — lhe responde o guia — «de quem pode ler por este livro celeste. Os espelhos da terra são falsos e escuros: este espelho, em que estás vendo estas cousas, é puro, é verdadeiro, é mui claro. Neste momento estão passando todos os heróis infelices que, correndo atrás da Glória, só se achavam com o Vitupério». E este momento da representação celeste instruiu a Misseno melhor que todos os factos da história o podiam fazer em longos anos. Queria Misseno reflectir e ponderar ao anjo algumas cousas necessárias para a sua inteligência; mas, de repente, sem pronunciar palavra, achou no entendimento a mais clara e sólida doutrina e a resposta a tudo; e já começavam a se representar no espelho os sacrifícios do Amor.

15 Aqui sentiu Misseno que o anjo lhe tocou no coração para o confortar, porque de outra sorte o horror a que se preparava o faria perecer de repente. Um imenso tropel entra pelas portas do templo e tudo se perturba. Riso, lágrimas, prantos, júbilos, gemidos, sinfonias e lutas, tudo se ouvia a um mesmo tempo. Ali vinham os maiores emperadores misturados com a ínfima plebe; vinham mancebos, cujo sangue lhes fervia nas veias, entressachados com os velhos que ateavam nas suas cãs de neve as chamas impúdicas. Vinham donzelas da mais alta qualidade e as do povo mais abjecto: não havia diferença de sexo nem de idade, de fortuna, nem de nobreza, de clima, nem de tempo: todos com sachos nas mãos vinham a sacrificar ao Amor.

16 Uns entravam, dançando com grinaldas de flores, outros em desafios e duelos, derramando sangue humano, quais com as bolsas abertas, espalhando riquezas com ambas as mãos, quais emplumados Adónis, competindo com as aves mais vaidosas. Ali vinham uns sombrios e melancólicos, com o coração carcomido e as entranhas mirradas, roídas pelo ciúme; outros, com um ar simples, contentes e alegres, mas de quando em quando se sobressaltavam.

17 Chegados ao altar profano, era preciso sacrificar nele o coração e a alma, do que ninguém duvidava. O Amor lhes pedia muitas vezes a saúde e as forças do corpo; era preciso perder em mil ocasiões as riquezas e a honra, a honra própria, também a alheia; e em nada se devia pôr o menor embaraço, porque o Amor queria sacrifícios prontos. Pedia esta divindade que se lhe sacrificasse o entendimento e que o homem mais cordato ficasse como um estólido jumento, pastando somente no vil deleite que é comum a todas as bestas; em nada se duvidava. E o Amor se sorria, zombando por este modo até dos maiores juízos; e parece que, quanto maiores eram os personagens, tanto mais horríveis eram os sacrifícios; e isso não obstante, o Amor como uma criança lhes voltava as costas e os deixava desesperados.

18 Bem via Misseno que isto lhe tocava muito e que se achava em mil ocasiões retratado, mas consolava-se com o horror que agora sentia, porque quanto mais se aborrece um vício, mais longe estamos dele; então ele, cheio de horror, queria arrancar

do seu coração todas as paixões, vendo os absurdos a que elas o conduziam. «Não cuides nisso» — lhe responde o anjo — «que essa empresa te será impossível e inútil». «Pois como poderei» — replica Misseno — «livrar-me de todos os horrores, sem arrancar do meu peito as paixões que a isso me levam?». «Não cuides em arranca-las, cuida em domá-las, conduzi-las e governá-las pela razão eterna».

19 Nesse momento desapareceu toda aquela imaginária representação do templo das paixões e se viu Misseno em um país delicioso, muito mais do que os fingidos Campos Elísios dos antigos poetas; e se achou sem o anjo que o acompanhava. A maior parte dos habitantes eram homens já anciãos, ao menos todos tinham um ar prudente, ainda que sumamente alegre. Entre outros viu um que vinha em um carro tirado por leões, por tigres e outros animais ferozes, porém, tão mansos e domesticados, que Misseno se admirava. Um raio de luz celeste baixava do alto e descia até à cabeça de Filoteu (este era o seu nome). Chegou-se o carro aonde estava Misseno: e descendo dele o príncipe que o conduzia, lhe falou deste modo:

20 «Vejo a tua admiração e venho a instruir-te de tudo o que desejas saber. Estás aqui no país da Razão; se ela, acompanhada da força superior, chega a domar as paixões, servem, não como feras, mas como animais domésticos. A verdadeira sabedoria, uma vez que chega a subjugá-las à lei eterna, reduz os habitantes deste país a uma inexplicável bem-aventurança, porque sendo uma única e a mesma lei por onde todos os homens se governam, forçosamente há-de haver entre todos a mesma harmonia que se acha nos movimentos celestes. Aqui cada família e cada república formam um corpo, cujos membros se estimam, se zelam e se amam mutuamente, como as nossas duas mãos se amam uma à outra, e cada qual olha como próprio o interesse e o cómodo do outro membro. Esta é a grande diferença deste país aos mais, onde as Paixões reinam e a Razão é escrava. Como as Paixões são muitas e em cada homem são diferentes, sendo muitas mil as leis e muito opostas, forçosamente há-de haver grande contrariedade e oposição entre os homens e não é possível formar-se um corpo de vários membros que sejam animados por espíritos diferentes. Quando, porém, a lei da Razão governa sem que as paixões sejam ouvidas, um só espírito reina em todos, porque a luz da Razão é uma só, a qual dimana da mesma Razão eterna, pela qual até Deus se governa. Assim, o que um quer, é o mesmo que o outro deseja e nenhum apetece, senão o que Deus aprova.

21 Não se sabe aqui que cousa seja disputa nem contenda, muito menos mentira, engano ou fingimento. Aqui a Verdade tem o seu império, a Paz o seu trono, a Ordem o seu domicílio. Aqui o soberano dorme descansado nos braços de seus vassalos, e os vassalos descansam à sombra do braço paternal do soberano. Aqui tantos indivíduos há, quantos amigos verdadeiros; o pupilo tem pai; o pobre, sólido tesouro; o peregrino, compatriotas; nenhum derrama lágrimas pela própria aflição que não ache bálsamo nas que vê correr dos olhos alheios, por uma compaixão verdadeira».

22 «Em tão feliz habitação,» — disse Misseno — «creio que os homens serão nascidos de outra origem menos corrupta que a nossa e que nos seus corações não acharão aquelas detestáveis raízes de todos os males, quero dizer, as paixões. Eu bem vejo que são homens na figura, semelhantes àqueles entre que tenho vivido; mas serão de outra massa mui diferente, pois que tão diversos os acho nos seus procedimentos». «Não te enganes,» — diz Filoteu — «crê que são da mesma espécie e têm as mesmas paixões que os outros têm, mas sabem governá-las pela razão e lei eterna; sabem alimentá-las com objectos próprios e em proporção justa e nunca demasiada. O Amor próprio e a Ambição têm aqui os seus justos limites; e assim não verás aqui algum cidadão ocioso, porque, começando pelo monarca e descendo até ao ínfimo vassalo, todos se ocupam, pois a Razão, nossa soberana suprema e celeste, diz que «todo o homem é feito não para procurar satisfação aos apetites, mas para trabalhar, empregando em acções próprias do seu estado os sentidos, os talentos e os membros». Mas também não verás a nenhum engolfado no avaro desejo de acumular riquezas, porque a razão dita que «as riquezas são feitas para servir o homem, enão o homem para ser escravo delas».

23 Pelo mesmo modo, o Desejo da glória, no descobrimento da verdade, como a vaidade da perfeição das artes, não degeneram em vício, porque a Razão de tudo faz virtude; e por isso verás que as ciências aqui são cultivadas com um ardor pacífico, qual convém para descobrir a verdade creada, para por ela subir à increada; e neste descobrimento das verdades recônditas não há aquela acrimónia de inveja e da teima, nem o espírito de escolas ou de partido que é a porta mais fraca e o meio mais seguro para se introduzirem no entendimento dos homens os mais absurdos erros. As artes se adiantam de dia em dia, porque à nossa soberana a Razão lhes faz ver o fim para que cada obra foi inventada, o que serve e basta para as conduzir à sua perfeição última.

22 O Amor próprio aqui é bem entendido, porque o bem público interessa aos indivíduos muito mais que o seu particular; e todos com gosto fazem sacrifício ao comum dos seus próprios interesses e, assim, por um admirável circuito, recai em utilidade de cada um o que se fez para bem de todos. Deste modo, as empresas mais difíceis se facilitam, porque os braços de todos se unem e fazem um esforço insuperável.

23 Aqui o zelo e amor da justiça não passa dos limites. Se algum estrangeiro, vindo lá do terreno das paixões e havendo aí cometido algum enorme crime, aqui chega, em entrando nas nossas terras, é o mais severo juiz de si mesmo. Ele se condena antes que o juiz externo lhe imponha o justo castigo e sucede que do seu verdadeiro arrependimento tira muitas vezes o público maior utilidade do que havia sido o dano que o seu delito causara. Os demais cidadãos, em vez de se escandalizarem do crime, se compadecem do criminoso; e bem longe de manifestar a sua culpa, divulgando-a com um falso zelo pelos que a ignoram, procuram encobri-la, deixando-a ferida ou

chaga só manifesta a quem possa curá-la, fazendo todos no corpo político o que nos membros do corpo natural fariam».

24 Então Misseno lhe diz admirado: «Pois nem a paixão do Amor é aqui desordenada! Vós deveis ser de coração frio e insensível, formado de gelo, onde se podem atear as ardentes e penetrantes chamas desta paixão que ao mesmo tempo é doce e furiosa, pois esta paixão nunca se pode domar pela razão e sempre ignorou as suas leis ou sempre as desprezou»; ao que respondeu Filoteu:

25 «Para te dar resposta, sobe a este carro e vem comigo aonde a providência celeste me manda que te conduza».

Neste mesmo ponto Misseno foi transportado com Filoteu a regiões desconhecidas. Reparou e viu árvores que nunca vira, pirâmides de disforme grandeza[95], pássaros de plumagem estranha e, descendo ambos do coche, Filoteu o conduz e leva por entre dous rochedos, cujas pontas avançadas de cada um, entrando mutuamente pelos recôncavos do fronteiro, davam passagem tortuosa mui oculta e dissimulada para um campo muito alegre, que, em parte, era silvestre e em parte cultivado. Ali, numa celinha formada da rocha e arvoredo, por fora bruta, por dentro singelamente adornada, encontraram uma formosa donzela, por nome Ubaldina.

26 Por uma abertura que deixavam os ramos de dous álamos entrelaçados, entravam, às furtadelas, alguns delgados raios do sol que visitavam a Ubaldina, toda ocupada no trabalho de tecer cestinhos de palma[96] com a sua criada, sem que reparasse nos hóspedes não esperados. Advertindo, porém, neles, o sobressalto lhes fez vir ao semblante o pudor virginal que aumentou a sua beleza e igualmente a modéstia. Filoteu, com um ar superior, lhe disse desta maneira: «Vós que, servindo ao Altíssimo Governador dos céus e terra, tendes fugido dos laços da grandeza, das honras, da formosura e do sangue, sabei que por ordem do mesmo soberano aqui vos trago outro anacoreta que vive mui distante, para que de vós aprenda o motivo da vossa resolução heroica e para que lhe digais quem vos inspirou os pensamentos que vos animam; e, por final, vos declaro que nesta noite precedente vos fez ver por sonhos nossas figuras. Ele pois vos ordena que nada lhe oculteis do que saber deseja» — disse e, à maneira de uma branda névoa que, sem saber como, se dissipa com os raios do sol, assim Filoteu desapareceu diante dos olhos de ambos, sem que pudessem alcançar por onde se lhes ausentara.

27 Então Ubaldina, levantando mudamente os olhos e as mãos ao céu e adorando o Soberano Ser que a governava, confessou a Misseno que na noite precedente havia visto em sonhos as imagens de ambos e que uma voz celeste lhe dissera: «Não encerres em ti a luz, que pose ser útil a quem te busca; e sabe que por ordem minha

[95] As famosas pirâmides do Egipto.
[96] Nestas regiões são as palmeiras mui frequentes e as obras da folha da palma muito em uso.

será conduzido a ver-te e a falar-te». «Despertei» — disse ela — «e desprezei como sonho ideia tão estranha, mas agora conheço que é ordem superior, à qual nem devo nem posso resistir. Sentemo-nos junto a esta fonte, e eu vos comunicarei tudo quanto de mim saber quiserdes, que quem só por amor da verdadeira sabedoria fugiu da comunicação dos mortais não a deve evitar, quando por amor da mesma sabedoria se vê procurada».

28 Misseno, então confirmado em que era a Mão suprema quem o conduzia para aprender daquela solitária as máximas da sua filosofia, lhe pediu que quisesse comunicar; o que ela fez desta maneira:

29 «Depois que o famoso Saladino,» — diz Ubaldina — «passando de Damasco ao Egipto[97], se fez tão poderoso e insolente, a minha família, que é das mais ilustres de Alexandria[98], não pode gozar nem da paz, nem das honras nem dos estados que o nascimento nos dera. A religião me proibia aceitar as delícias que me prometia o tálamo de certo príncipe, grande sectário de Mafoma, que, com as suas riquezas, queria comprar a minha mão, a minha amizade e a minha alma. Resisti quanto pude, e vi que o seu interesse começava a incliná-lo à violência. Tanto que isto percebi, para conservar a minha pureza, determinei retirar-me a esta solidão[99], com uma fiel criada que me quis acompanhar. Aqui vivo da cultura deste pequeno terreno, incógnito aos mortais que julgam esses rochedos impenetráveis. O trabalho das minhas mãos me ocupa e a consideração do meu entendimento me recreia, e este, dirigido por superior luz que me ajuda e fortalece, me ensinou a dar às minhas paixões um alimento próprio, mas inocente. Assim, não me tem sido preciso destrui-las, mas só encaminhá-las; e quanto mais puro e mais próprio é o alimento que lhes dou, tanto maior é a satisfação que por meio delas me causam.

30 Querer que vivamos sem paixões é querer que sejamos de outra natureza ou que mudemos o ser que nos deu quem nos formou. O nosso coração é feito para amar e a nossa alma por um comércio íntimo costuma seguir os seus movimentos. Ela não deve manietá-lo nem impedir-lhe os passos, mas deve com cuidado encaminhá-los sempre para o bem. Faz como a arte, que não pode impedir a queda natural das águas que sempre descem, mas se aproveita do peso delas, governando-o de sorte que sirva para o movimento das máquinas mais úteis e importantes. «Imaginar,», dizia eu, ainda estando em Alexandria, quando balanceava sobre a minha resolução, «imaginar um coração que não ame, é fingir um fogo que não queime,

[97] Estando Senaar senhor do Egipto, pela morte de Hargan, seu adversário, faltou às promessas que tinha feito a Noradin, que lhe havia dado socorro: em castigo do perjúrio, Noradin mandou Sicarron, seu general, o qual lhe tomou Belbeis e Alexandria, onde deixou seu sobrinho Saladino com o milhor de suas tropas, então pouco conhecido, mas, depois, famosíssimo.

[98] Alexandria fica sobre o Mediterrâneo e está situada na costa setentrional da África e no Baixo Egipto, sobre a foz das bocas mais ocidentais do Nilo; não dista muito do Cairo e da antiga Mênfis.

[99] No Alto Egipto e Tebaida.

um peso que não caia, uma chama que não voe. Deus o fez para amar, assim como para ver formou os olhos; e, por isso, cousa impossível é dar-lhe outro emprego». Mas a razão assim ilustrada pede que escolhamos objecto que nos mereça este amor e para vos dizer ingenuamente a verdade, esta escolha foi o que me obrigou a tomar esta resolução que vedes.

31 Eu fugi dos mortais, porque não achei em todos eles quem merecesse o meu coração inteiro; e eu não quero reparti-lo. Pareça isto soberba ou seja filosofia, nada me importa, porque a Razão me obriga e eu não posso resistir a esta soberana que é senhora de todas as minhas acções. Fora do Ser Supremo não tem o meu discurso achado objecto a que eu me possa entregar com doação irrevocável, com total confiança e com satisfação completa e sem susto, que é o que desejo. Vós outros, os homens (disculpai-me, se vos agravo), vós, os homens, não podeis conhecer tanto como nós outras a que sensibilidade chega um coração que ama, e que ama bem como se deve amar. Os guerreiros têm corações de ferro; os filósofos os têm mirrados e secos. Quem o tiver de carne, como eu, se uma vez errou na escolha do objecto da sua inclinação, sente uma dor que ninguém pode conhecer, senão quem tiver a infelicidade de a experimentar. Pelo contrário, se encontrou objecto digno do seu afecto e que lhe dê uma satisfação completa, ah, que não sabeis qual é o júbilo e o interno gozo em que a alma se vê afogada! O desejo desta satisfação e o temor daquela pena foram os dous princípios que, sem eu o intentar, como por força me levaram a escolher por objecto único do meu coração aquele soberano senhor que mo tinha formado».

32 Reparou Misseno na expressão de Ubaldina, quando disse que «por força, sem que ela o intentasse», tinha feito aquela escolha e lhe pediu que declarasse estas suas palavras, ao que Ubaldina respondeu francamente:

33 «Senhor, não há rosas sem espinhos, e as de Alexandria, minha pátria, sendo as mais belas de todas, não deixam de os ter mui agudos; só quem as chega ao peito sabe quanto eles são penetrantes. Quero nisto dizer que todos os objectos, ainda os mais amáveis, têm defeitos e que quando os amamos ou chegamos ao coração, nos picam e magoam; só o meu Creador os não tem, sendo em si a perfeição suma, sem o menor desconto. Além disso, todos os demais objectos a que mudanças de fortuna estão sujeitos que os levanta e abate sem causa; mudanças que o tempo introduz pela ordem incontrastável da natureza; mudanças da vontade que, apesar de promessas e dos mais firmes e sólidos juramentos, é mais volúvel que uma folha de árvore em sítio ventoso e desamparado. Se eu não posso firmar a minha vontade e ser senhora dela como queria, que esperança posso ter de segurar a vontade alheia para que me não fuja?

34 Mas suponhamos que sou senhora dela; como posso isentar-me da tirania da morte? Da morte que, quando eu tiver o objecto do meu amor mais estreitamente

apertado entre os braços da minha alma, então faz timbre de mo arrancar por violência, levando-me metade dela? Então vos desenganais que o objecto, que reputáveis por sólido e mui firme, se dissipou como fumo, que fugiu como sombra, deixando-vos uma saudade verdadeira que vos penaliza e mata. Ora, sendo isto assim, quero para o meu amor um objecto que não possa morrer; um objecto que se não possa mudar; um objecto de cuja correspondência eu tenha toda a certeza; e como o não acho senão no Ser Supremo, a Ele e só a Ele quero; só a Ele posso dar o meu coração com gosto e com uma total confiança e descanso».

35 Dizendo estas palavras, Ubaldina se enterneceu e dos seus olhos saíram algumas lágrimas que davam uma notável força às suas expressões; e depois de dar ao seu espírito um doce desafogo, prosseguiu, dizendo: «Ah, que na amizade deste soberano não temeis, como na dos monarcas terrenos, as ocultas e insolúveis intrigas dos vossos inimigos; e o vosso coração é a vossa defensa. O vosso amante não vos atormenta com dúvidas, não vos pede juramentos nem protestos; e se o vosso coração suspira por ele, primeiro viu ele o vosso suspiro do que a vossa alma o sentisse».

36 Bem entendia Misseno esta linguagem, mas para dar motivo a que Ubaldina continuasse, fingiu que duvidava desta doutrina e lhe disse estas razões: «Tudo o que dizeis é verdade, mas há uma tão grande distância entre nós e o Ser Supremo que me parece estará o nosso coração submergido no profundo respeito, sem que (deixai-me explicar assim) se atreva a lançar os braços a quem ama para sentir a doçura de um íntimo abraço; aquela doçura que se sente em duas almas iguais, quando mutuamente se amam». Ao que respondeu Ubaldina:

37 «Não é fundada esta amizade que tenho com quem me creou, como as amizades dos homens. Nestes, a raiz da amizade é o mútuo interesse ou satisfação mútua que os obriga a entrelaçar os braços das suas almas. Por modo mui diferente é esta amizade que tenho com o Ser soberano, porque da minha parte quem me obriga é a propensão do meu coração que para ele inclina. Deus o formou de propósito para que O ame, tanto assim que em qualquer outro objecto que queria fixá-lo é trabalho inútil; só neste norte sossega o meu íman, só neste centro fica descansado o coração que só para deus cai. Ora, mil vezes me perguntava eu a mim, quando flutuava, embaraçada, com essa dúvida: quem formou o teu coração é quem lhe deu esta propensão que nele estás sentindo. Logo Deus quer que tu O ames, pois que com uma tão grande força, força suave e sem violência, te leva a este objecto supremo. Se Deus não quer o meu amor, por que motivo por entre a espessa nuvem do corpo se me manifesta tão formoso e tão amável, que me encanta os olhos da alma? Para que és isto, senão para que O ame? Bem como o amoroso pai, que se abaixa ao tenro filho e com as suas mãos lhe toma e levanta os bracinhos delicados, pondo-lhos nos próprios ombros para que este posa abraçá-lo e lhe diga que é seu amigo, assim faz comigo este Pai soberano, descendo da sua inefável grandeza e pegando-me com a

sua graça poderosa dos afectos da minha alma, para que eu com eles o abrace. Vede, pois, se colocado no trono da Sua inefável majestade, quer e estima que O amemos, ainda que sejamos vilíssimas creaturas».

38 «Bem está» — lhe disse Misseno — «da vossa parte O amais, porque o coração vos leva; mas como estais certa que Ele vos ama e que por este recíproco amor tendes com o vosso Deus uma amizade verdadeira e satisfação completa?»

39 «Da parte de Deus,» — responde Ubladina — «o que O move a amar não é, como nos homens, o interesse que Ele tenha na consolação que recebe, mas é uma efusão do Seu coração propenso para amar e fazer bem às Suas creaturas. A rectidão essencial da Sua vontade é que O obriga a detestar os que Lhe resistem e, por conseguinte, a amar os que Lhe obedecem. Mas, quando esta inelutável propensão da Sua vontade me fosse oculta, poderiam sê-lo os mimos, os favores, os benefícios com que cada dia me regala? Se nada faz o Seu entendimento soberano sem algum fim; e uma gotinha de chuva não cai sobre a terra, sem que Ele a destine para o lugar que convém, essa chuva celeste dos Seus favores que sobre mim cai virá sem que Deus a mande? Sem que a mande de propósito para mim? Estou persuadida que todos os benefícios que de Sua mão recebo são multiplicados presentes que a Sua divina liberalidade me manda. Quantas vezes eu conheço que Ele vai adiante de meus desejos a preparar, muitos anos antes, com a Sua providência, o que sabia que depois me havia de ser preciso; e isto quanto eu não podia prever de longe a minha futura necessidade. Jamais encontrei tão fiel correspondência: e quereis que eu duvide do Seu finíssimo amor?»

40 «Se bem reflectimos,» — diz Misseno — «todos recebemos deste soberano sol as influências benignas dos seus raios e os que O amarem sinceramente, dando-lhe o coroação todo, necessariamente hão-de experimentar particular benevolência. Os que, distinguindo-se do comum dos homens, põem todo o seu cuidado em agradar-lhe, julgo eu que são como os montes que se levantam da terra para se chegar mais ao sol e serem privilegiados nas suas influências, porque as vão buscar mais de perto. Assim, já confesso que razão tendes para crer que o vosso Creador vos ama.»

41 «Vede agora» — diz Ubaldina — «se todas as minhas paixões não têm por este meio uma satisfação completa, achando em Deus só o objecto que lhes é mais próprio e mais adequado. Eu tinha uma desmedida vaidade; vede se não ficará bem contente esta paixão, vendo que o meu amante é o Omnipotente. Tudo quanto lhe pedir, estou certa que mo concederá, se Ele vir que me convém: vede se o meu coração pode estar satisfeito? Num ponto revolverá o universo, parará o curso da natureza ou (o que é mais do Seu génio) sem o estrépito de milagres e obras estupendas, Ele fará que tudo venha a suceder como eu queria. Como é o Príncipe do futuro século, conduz com suavidade o presente, de forma que pareça que foi um puro acaso o que na verdade é anticipada disposição. Mas estas expressões talvez vos parecerão

indignas da Suprema Majestade e eu a terei ultrajado, comunicando os pensamentos que deverão estar fechados no meu peito. O coração se me aflige e o entendimento se aliena, pois já satisfiz à vossa curiosidade». Assim disse, e se escondeu, entrando no interior da gruta, deixando a Misseno indeciso do que faria.

42 Ele ignorava o terreno, a distância da sua cabana era suma, as estradas desconhecidas; contudo, animado por um espírito interno, se pôs a caminho sem saber aonde iria. Eis que vê que o terreno, passando por debaixo dos seus pés, desaprecia, sem que ele se fatigasse; os montes se abaixavam, os vales se enchiam, tudo era diante dele estrada plana e direita; por um e por outro lado iam ficando atrás serras, montes, bosques, rios, campos e florestas e em pouco tempo se viu na sua costumada cabana, sem que advertisse por que parte nem por onde ali tinha chegado. Tão absorto vinha do que visto havia e do que passara, que a nenhum outro objecto atendia. Achava, porém, em si um sumo horror às paixões desordenadas, não se podendo esquecer do que no espelho celeste vira, mas, por outra parte, se consolava, vendo que se lhes desse um objecto próprio e devido, elas serviriam à alma para o bem, assim como, desordenadas, serviam para o mal: e cada vez mais se confirmava que não havia cousa pior que uma paixão, fosse qual fosse, correndo sem freio, nem que mais se opusesse à felicidade, ao mesmo tempo que fossem governadas pela razão, todas como os brutos governados pelo destro cocheiro conduziriam a alma ao bem; e como a paixão do amor é a que ele tinha por mais rebelde e indomável, as máximas de Ubaldina foram as que mais vivamente imprimiu na sua mente, e se repetia a si mesmo. E enquanto Misseno era regalado com estas luzes superiores, é que Sofia cuidava de recrear seu irmão e convidados, com a música e máximas que referimos.

FIM DO LIVRO XI

Gasp. F. inv. esc.

Misseno inspirado Superiorm.te fala admiravelm.te Ibrahim inspirado pelo espirito do Erro zomba da doutrina de Misseno, o Conde Se admira. n.o 11. 12. 13. 15

LIVRO XII

1 Mui abalado ficara Ibraim com a música que ouvira; e a letras, muito mais que a solfa, se tinha vivamente impresso na sua alma, de sorte que, quando se retirou ao seu quarto para descansar, não fazia a sua imaginação outra cousa, senão repetir os harmoniosos acentos e as importantes sentenças que tinha ouvido. Tudo por uma face lhe parecia admirável, mas, por outra, via nas paixões dos humanos uma tal dificuldade, que o sistema de Misseno lhe parecia impossível. Queria conciliar as máximas do entendimento com o uso da vontade; e o seu juízo vivo, agudo e pronto lhe formava mil sistemas, em nenhum dos quais deixava de encontrar novos absurdos. Então se enfada contra a nova doutrina, perdendo ela por ser alheia à estimação que houvera para com ele merecido por nova e, enfim, se determina a desprezá-la como fabulosa. Neste momento, o espírito do Engano, achando o filósofo disposto com uma eloquência suave e lisonjeira, lhe vai falar deste modo: «Cousa estranha é» — lhe diz — «que um homem que não mostra ter frequentado, desde a sua mocidade, os livros, haja descoberto antes de ti um tão importante segredo. Misseno será, quando muito, algum general descontente, será algum cavalheiro desgraçado, jamais terá feito como tu tão profundas reflexões sobre o coração do homem, sobre o estado do mundo, enfim, sobre o universo inteiro. Que coisa há, desde o centro da terra até o céu das estrelas, que escape à tua compreensão? Os astros seguem obedientes a carreira que tu lhes tens assinalado; o sol e a lua parece que não ousam eclipsar-se sem te consultarem primeiro. O mar, lá no oceano, não sobe na sua furiosa intumescência nem ousa descer na sua vazante, senão segundo as leis que os teus cálculos declaram. Quem há que, como tu, penetre as causas dos ventos, a origem das fontes, a natureza das nuvens, o curso dos elementos? E será crível agora que um homem criado ou no redemoinho das cortes ou na solidão dos bosques, possa descobrir o que tu nunca alcançaste? Sem paixões como pode haver alegria nem felicidade? E com elas que diminuta e que desgostosa há-de ser ela? Isto, sem dúvida, é uma ridícula ficção, só própria para enganar engenhos femininos ou espíritos ligeiros. A ti é que há-de dever o mundo o triunfar deste erro que é tão plausível e que levaria atrás de si os votos de todos; e só o teu engenho é próprio para esta empresa. Não te será difícil de confundir esta doutrina nos seus princípios e diante dos mesmos, que tanto a querem aplaudir, deves tu procurar de aniquilá-la; e isto não com arrogância digna de uma verdade triunfante, mas com a astúcia de uma raposa sagaz, porquanto não devem os sábios tirar a espada dos seus argumentos em forma, senão contra outros sábios que têm uso de puxar por ela e assim o desprezo seria o mais oportuno combate, mas a política pode disfarce e fingimento e, sobretudo, constância».

2 Assim falava a Ibraim o espírito do Engano; e o filósofo, no sossego da noite, escutava com sumo gosto as suas vozes encantadoras. Já preparava argumentos, já

dictérios engraçados, já zombarias manifestas, para quando visse o seu contrário prostrado por terra, reputando-se já vitorioso antes de entrar em batalha. Mas, de quando em quando, a luz da verdade lá o embaraçava algum tanto e, qual soberbo combatente que, com o cavalo levantado no ar, a lança na mão a prumo, vai já a ferir e calcar aos pés uma fera aparente; porém, ouvindo voz humana e vendo uma encantada beleza, fica atalhado e suspenso; assim sucedia a Ibraim esta noite. Ao querer desprezar a doutrina de Misseno, lhe dava clamores a voz da razão e via, como em um encanto, a beleza inocente da verdade e, tímido, não ousava fazê-lo. Voltava então o discurso, mas o espírito do Erro tornava a enganá-lo. Passeia de um lado ao outro; volve e revolve o discurso e nada conclui. Confuso, se senta e, fatigado, descansa a cabeça sobre a mão esquerda e com ela cinge e enrugada testa; cerra de indústria os olhos e quer meditar mais atento. Então o sono, com quem costumava andar em contínua guerra, vendo-o assim ocupado, acode a surpreendê-lo: lança sobre os seus sentidos as suas papoilas encantadoras e, pouco a pouco, prende com suaves cadeias todos os seus membros, esperando senhorear-se da alma. Mas acha-se enganado, porque em sonhos lhe escapa das mãos e vai disputar com Misseno; os sentidos repousam entorpecidos, mas a alma discorre, estuda, trabalha. Envergonhado, o sono, vendo-se sem a presa desejada, se retira veloz, levando consigo todas as cadeias com que ligara os sentidos, e fica Ibraim desperto. Consulta as estrelas e vê que ainda tarda muito o dia; e quanto mais chama pelo tempo, tanto mais ele se demora. Então se queixa que o pintem com asas, porque a esse decrépito velho (dizia), que tão lentamente se arrasta, mais propriamente o deviam pintar com muletas. Mas chega enfim o dia; e saindo o conde para a caça, Ibraim lhe expõe a sua dúvida e se resolvem ambos a ir consultar Misseno.

3 No caminho, lhe declara Ibraim o embaraço que acha nas paixões para a felicidade da vida. «Porquanto» — dizia — «se as tirais do coração do homem, tirais-lhe a origem do gosto, a fonte do prazer, a raiz de toda a alegria; se as quereis contentar, mil obstáculos vos embaraçam e mil contratempos vos desgostam; e assim nunca pode haver contentamento perfeito». Concordava o conde, testeficando-lhe pela própria experiência que não se podia intentar o satisfazer as paixões sem ter mil desgostos e penas, persuadindo-se por isso que para haver perfeita alegria era preciso resistir e renunciar de todo às paixões e aos seus cegos deleites. Um e outro ignoravam a doutrina celeste que sobre este ponto havia recebido Misseno.

4 Riu-se então Ibraim e, à maneira de um grande rafeiro que não quer entrar em contenda com uma cadelinha mimosa e só com um simples desprezo no modo de olhar sanhudo, se digna de responder-lhe, assim fazia Ibraim. Crendo, porém, que não era decente a um sábio falar sem algum discurso seguido e razão ponderada, disse assim[100]:

[100] Este discurso que se segue é a falsa doutrina dos ímpios, a que depois se responde.

5 «Sabei, senhor, que a voz da natureza é a voz de Deus, o qual pelas Suas obras nos fala. Consultai pois as creaturas e vereis que só tem a sua tal qual alegria, quando as suas inclinações se acham satisfeitas. Corre a fonte para o prado, a agulha para o norte, a pedra para o centro, a chama para o alto: e só quando cada qual chega aonde deseja, é que pode ficar contente. Pela mesma razão, desejam os olhos a vista, os ouvidos a música, o olfacto o cheiro, o paladar a suavidade dos manjares; e quem poderá alegrá-los, sem lhes dar o que pedem? Como quereis logo um coração alegre, sem que as suas paixões se satisfaçam e contentem?»

6 «Não haja paixões» — diz o conde — «e então sem o menor desgosto haverá perfeita alegria. Se o contentar as nossas paixões é impossível; se o entretê-las é mui difícil e desgostoso para nos poupar a desgostos e para evitar a pena de lutar contra impossibilidades, deixemos morrer as paixões; e a razão pura será então a origem de nossa alegria. Eu sei que a pode haver nesta vida, eu a vejo neste herói que vamos a consultar; e não se podendo ela conciliar com as paixões, será preciso o destruí-las e triunfar primeiro delas para ser verdadeiramente feliz».

7 «Que enganado estais, senhor!» — lhe respondeu Ibraim com um ar de compaixão — «Bem mostrais que os vossos anos e viagens vos não têm permitido reflectir no interno mecanismo do mundo. Se tirais do homem as suas paixões, arrancais de raiz toda da sua alegria e contentamento. O mesmo seria desterrar as paixões do mundo, que tirar deste corpo universal a alma que o vivifica e move e reduzi-lo a um cadáver pesado, imóvel e corrupto. Nesta grande máquina do homem, as paixões são a mola real que lhe dá todo o movimento: tirai-lha um só instante, tudo parou de repente. Sem ambição, sem interesse, sem vaidade, sem amor da glória, que pode haver neste mundo? Tirai o ódio e vingança, tirai a emulação e preferência, tirai as ocultas intrigas do amor; e que fica na terra? Uma sórdida ociosidade se derramaria por toda a parte; o coração frio e entorpecido e como estuporado se acharia sem movimento e quasi entrando numa irremediável gangrena, que o faria incapaz de todo o sentimento e por conseguinte insensível a toda a pena e ao mais excessivo gosto. Quereis uma comparação bem clara? Comparai esse lago, que a inundação passada deixou nesses vales, comparai-o com o mar agitado; já seja o Mar Negro, nosso vizinho, já o oceano distante, nele vereis uma viva imagem das paixões do homem. Vede com que orgulho se levanta contra os rochedos, sem recear atacar a sua incontrastável firmeza! Como, teimoso, as combate, sem desistir da empresa! Como grita e tudo amotina! Que ruído! Que tumulto! Que bulha entre as ondas! Umas saltam por cima das outras; não há razão nem ordem entre elas; nem há lei nem governo; todas andam a qual mais pode; as que ficam vencidas, passam dissimuladas por debaixo das outras para virem de novo a assaltá-las e surpreendê-las. Ora, que imagem mais viva quereis da dissimulação, do fingimento, da inconstância e paixões dos humanos?

8 Vede agora esse charco imundo, onde a água sem movimento caminha à corrupção e contágio dos lugares vizinhos. Tudo é água; e a diferença (como no coração

do homem) só consiste em estar ou não agitado. Vede qual vos agrada mais, e ide tirar as paixões do mundo para conseguir essa imaginária e louca alegria; cousa é essa, que só vos pode persuadir quem nunca estudou profundamente pelo coração do homem».

9 O conde, como soldado bisonho, não sabia desembaraçar-se do cerco em que Ibraim o pusera. Não queria anuir ao seu pensamento, mas não sabia defender-se dele; e Ibraim era como a aranha maliciosa que, tanto que sente a descuidada mosca embaraçada na rede, salta sobre ela, multiplicando fios sobre fios, posto que ténues, e de tal forma a enreda, que a deixa imóvel, assim, pois, fez Ibraim com o conde, enleando-o com mil chistes e ditos, com ironias e perguntas enfáticas, zombando sempre da doutrina de Misseno. O conde se afligia, mas Ibraim triunfava. Eram, porém, já chegados à ponte e o conde, apontando para o velho que de longe os vira, lhe disse: «Ali tendes quem vos dará a resposta; veremos como vos desembaraçais dos seus argumentos».

10 Veio Misseno a saudá-los com a urbanidade costumada; e depois que lhe deram parte do infeliz sucesso que haviam tido na retirada da última visita, principiaram a importante conferência, dizendo Ibraim deste modo:

11 «Eu sou inteiramente livre: o meu entendimento é soberano absoluto que a ninguém, abaixo de Deus, rende vassalagem; contudo, dobra o joelho à verdade. Ela para comigo é como a dama gentil que soube ganhar os afectos do seu monarca e, sem lhe deslustrar a coroa nem tocar ligeiramente no ceptro, sabe incliná-lo, rendê--lo e cativá-lo de todo; assim me faz a verdade. Com ela, um menino tem força para render-me, mas, sem ela, nem a autoridade, nem a sabedoria nem os anos têm poder algum para aabalar-me. E o que mais é, os meus próprios pensamentos, filhos do meu entendimento, não encontram um mim o afecto de pai, se chego a conhecer que não são filhos da verdade, única esposa a quem o meu entendimento adora. Sejam eles embora partos do meu engenho, tenham recebido de mim o ser e a vida de que no mundo gozam, se não forem filhos legítimos da verdade, nada lhes vale, porque, lançando-os por terra, com as paternas mãos os sufoco e debaixo dos próprios pés lhes faço exalar a vida que, enganado, lhes dera. Deste modo, os meus próprios erros que, vivos, eram inimigos da verdade, mortos vêm a servir de vítimas ao seu sacrifício e de troféu à sua vitória. Este é o meu carácter: este será o de todo o homem de bem; e este por força há-de ser também o vosso. Tenho tido o gosto de ouvir estes dias a vossa doutrina; pareceu-me ao princípio que era a verdade e pronto ia já a dobrar o joelho e abraçá-la; mas, infelizmente, reparei e vi que não era o que parecia. Reflecti mais e acho tais dificuldades, que temo seja um erro. Por isso, venho agora a consultá-lo convosco; e estou bem certo que, como homem racionável, não refusarei de vos render às minhas razões, assim como eu também o faria, se as vossas fossem vitoriosas».

12 No estilo empolado e estudada frase, facilmente conheceu Misseno o pensamento de Ibraim, o seu génio e carácter; e respondendo urbanamente, lhe disse:

«Como homem, estou sujeito aos erros; e quantos em mim vou conhecendo, tantos sinceramente vou detestando. Mas os olhos da alma são como os do corpo, que não se podem ver a si mesmos; assim, para conhecer os seus defeitos, preciso é ter de fora um espelho fiel, que lhos represente como alheios; e, por isso, vós me fareis o maior favor se mos descobrirdes e se me livrardes do erro. Dou-vos a minha mão; a mão e a minha palavra, que não perturbarei os vossos discursos e que vos ouvirei atento».

13 Animado Ibraim com este prelúdio, já cria que tinha triunfado; e falou deste modo: «O vosso sistema» — lhe diz — «é uma quimera gentil, bela na aparência da teórica, mas impossível na praxe. O homem nasceu com paixões, com elas vive e com elas há-de morrer: se lhes resiste, que alegria pode ter com tal violência? E se procura satisfazê-las, a quão poucos tocará essa fortuna, sendo sempre os desejos maiores que as forças? Feliz seria o que da natureza ou da fortuna herdasse cabedais, com que pudesse satisfazer todas as suas paixões; viviria alegre, satisfeito e contente; seria o fénix da fortuna. Fazei vós que ela voe sempre a seu socorro cada vez que a chamar e então vos concederei que tem cada qual na sua mão com que possa ser feliz».

Calou-se Ibraim, e o conde mostrava no semblante e gesto grande impaciência e desejo de falar sobre o ponto, o que, percebendo Misseno, lhe pediu que dissesse o que julgava, ao que ele satisfez deste modo:

14 «Se o que traz seu corpo cheio de balas e feridas tem particular direito para falar de batalhas, creio que nenhum o tem maior do que eu para discorrer das paixões, pois que elas têm reduzido o meu coração ao mais deplorável estado. Eu as comparo às indómitas feras habitadoras das brenhas, porque se por desgraça um lhes caiu nas garras, quer se defenda valeroso, quer se deixe cair esmorecido, sempre ficará despedaçado; assim são as paixões. Deus, para castigo dos mortais, deixou sair dos abismos, esses monstros que deverão estar lá perpetuamente ferrolhados, se é que a verdadeira alegria tinha de aparecer neste mundo, porque não tem ela mais terríveis contrários? O coração é o ludíbrio das paixões, porque em lhe acenando com um prazer que o enamora e atrai, corre a ele com carreira aberta; e quando vai a tocar-lhe, as paixões lhe cravam a lança até o mais vivo da alma e fica ou aflito ou morto. Eu, Ibraim, sempre segui as minhas paixões e sempre tive com que satisfazê-las, porque a fortuna jamais me negou o seu socorro; mas sempre vivi triste, triste e quasi desesperado, porque na mesma satisfação das paixões encontrava um mortífero veneno». Dito isso, referiu a Misseno as razões que Ibraim lhe opusera no caminho, expondo-lhe também as suas; mas com tal afluência e tal fogo que Misseno estava pasmado e Ibraim não o conhecia, lembrando-se de o ver mudo e embaraçado com os seus argumentos, quando vinham na estrada.

15 Semelhante ao cãozinho mimoso que, vendo-se só e acometido pelo mastim sanhudo, tímido vai fugindo, levando arrastros a felpuda cauda, sem ousar abrir a

boca, mas tanto que se vê refugiado nos braços da dama que o afaga, então grita, ladra e insulta o seu mesmo inimigo, assim fazia o conde junto a Misseno.

16 Este, depois que o ouviu com sumo gosto, disse a Ibraim deste modo: «Próprio é dos velhos ir sempre atrás dos outros; e como vós ambos já dissestes primeiro o que entendíeis, devo também agora no fim dar o meu parecer para que depois vós escolhais o que vos agradar. Mas antes de dá-lo, advirto que até agora só provei que era possível a verdadeira alegria e quais eram os meios por onde o nosso entendimento nos devia conduzir a ela: porém, não disse uma só palavra do que pertence às paixões e à vontade». Neste ponto viu o conde que um como raio de luz mais clara que a do sol, atravessando por entre duas árvores, ilustrava a cabeça de Misseno e, calando, observava o que ele dizia. «Dois fortes rochedos,» — dizia Misseno — «um depois do outro, nos ocultam este tesouro da alegria e, quebrado o primeiro, ainda resta o segundo, porque vencidos os erros do entendimento, ainda restam para ser destruídas as desordens da vontade, em ordem a gozar da completa alegria que por ambos estes obstáculos se impedia; e para não trabalharmos em vão, que entendeis vós, Ibraim, por paixões?»

17 «Por paixão» — respondeu o filósofo — «entendo eu aquela inclinação que sentimos em nós por uma cousa, antes que o entendimento nos persuada que devemos buscá-la».

18 «Justa é» — diz Misseno — «a vossa ideia. Essa é a mesma que eu tinha; e já vejo que nisso todos três concordamos; porém, vejo-vos a vós ambos discordes na sua origem e na sua utilidade. Ibraim as supõe necessárias e vindas do céu; vós, conde, as tendes por mui perniciosas e saídas dos infernos. Um as estima como primeiro móvel do mundo; o outro as detesta como a origem de todas as desordens dele. Ora, entre tão encontrados pareceres, licença há para que eu diga o meu, o qual explicarei devagar, porquanto não quero tropeçar, correndo em caminho escabroso; e este o é bastantemente.

19 Para que esta grande máquina do mundo fizesse os efeitos que o Supremo artífice ideara, duas cousas lhe eram nela indispensavelmente precisas: uma que lhe desse o movimento, outra que, segundo as regras, lho moderasse. As paixões (como vós, Ibraim, tendes dito) são a mola real e primeiro móvel do mundo, elas são as que dão o movimenro a tudo; mas a razão é quem as há-de governar, como é justo. Se algum quisesse tirar as paixões do mundo, deixaria um relógio sem mola ou peso, um cadáver sem alma, um corpo sem movimento. Mas também se puséssemos a razão de parte, tudo seria ruína, tudo horror, tudo desordem.

20 Tirai de qualquer máquina o moderador[101] ou pêndula, que refreia o ímpeto dos movimentos, e em poucos minutos tudo se despedaça: as rodas que eram

[101] Nos relógios, o peso ou mola real é o motor ou a causa que move todas as rodas; mas a pêndula é o moderador que impede que não seja precipitado o movimento e conforme se encurta ou alonga a pêndula, o movimento é mais apressado ou tardo e nos movimentos alternos da pêndula sempre iguais a si mesmos é que está ser o movimento do relógio sempre constante.

proporcionadas ao movimento moderado não o serão ao impetuoso; como os pesos se precipitam à rédea solta, tudo vai pelos ares; estas peças se embaraçam, aquelas jogam forçadas; já se torcem, já saltam dos eixos, já se fazem em pedaços: e com poucos créditos do autor, a sua obra mimosa se vê reduzida a lastimosos fragmentos.

21 As paixões (como bem dissestes, meu filho) são feras: vós e eu, por experiência própria, conhecemos que as não há mais horríveis, se uma vez chegam a quebrar o freio da razão; mas subjugadas com ele, são como os brutos de que nos servimos, já para os triunfos, já para a lavoura, já para os mais importantes empenhos. Que seria de nós se elas não fossem? Mas também que seria se o freio da razão as não subjugasse? Elas, ou desenfreadas ou com freio, sempre são as mesmas paixões; porém, não são o mesmo. Que comparação tem um touro trabalhando com o jugo a passo lento e puxando pelo arado, com o mesmo touro fugido e solto, que parece um leão desesperado que, rapando a terra, atroa os ares, investe, derruba, fere, estropeia e mata: assim pois são as paixões».

22 Admirado ficou o conde, vendo como Misseno concordava tão opostos pareceres; e com pasmo seu conhecia que a mesma doutrina proposta por Misseno o ilustrava. Porém, como Ibraim a dissera, o enchia de horror, semelhante à lua quando está entre o sol e a terra, que da parte do sol é clara e belíssima, mas da parte da terra se acha escura e feia, sendo, contudo, a mesma; e confessou estar satisfeito de todo. Então Misseno lhe disse:

23 «Ah, meu filho, governai pela razão as vossas paixões e ninguém poderá impedir-vos o ser sumamente ditoso. Gravai no coração esta máxima, e não caberá em vós a vossa felicidade. A razão que o Ser supremo vos deu para vosso governo é uma participação da Sua razão eterna; e assim o guiar-vos pela razão é deixar-vos guiar por Deus».

24 «Bom conselho lhe dais,» — diz Ibraim — «se ele fosse praticável; mas quem pode pôr freio às suas paixões e governá-las pela razão, se, apesar do nosso esforço, as paixões nos arrastram e o pobre coração é o ludíbrio delas, andando aos tombos como uma ligeira barca no meio do mar alvorotado. Dizei-me de que serve ao piloto querer levar direita viagem, se os ventos, os mares, os tempos fazem zombaria dele? Figurai-vos (como eu já me vi saindo de Chipre), figurai-vos, digo, numa tormenta desesperada, quando o navio, sacudido pelas ondas, salta como se fosse uma pela e dos mastros uns vergam e gemem, outros estalam e quebram; quando o leme se arranca, as velas se rompem, a bomba se desconcerta, os relâmpagos cegam, os trovões atemorizam, os raios assombram e até a agulha perde o governo; ide então dizer ao piloto que siga a sua derrota direita. Se o navio quasi se despedaça, se os mares ora o tragam, ora o vomitam; se aqui se some, lá aparece; se o céu se confunde com a terra, o dia com a noite, as nuvens com as ondas, que há-de fazer o piloto? Tudo está negro, tudo escuro, ninguém se entende, tudo são alaridos, tudo clamores, todos andam lutando com os ventos, com os mares, com a morte. Ora, dizei-lhe que mui sossegado, com o compasso na mão, examine a carta, faça os seus triângulos e

trace o rumo. Não seria isto inútil? Pois não o é menos esse conselho que vós dais ao conde. Se pondes a felicidade no governo das paixões e não (como eu digo) na inteira satisfação delas, bem podemos perder a esperança de jamais sermos felices».

25 Todo este discurso agradava ao conde, excepto a última cláusula, que não lhe soava bem; mas deixou a Misseno a discussão deste ponto, o qual, como modo urbano, disse aos dois: «Para bem discutir este ponto, preciso é levar estas cousas de raiz e examinar como as paixões, que ao princípio obedeciam rendidas à razão, depois vieram a triunfar dela, em ordem a ver se nos foros da nossa liberdade ainda se acha força para que, ajudada com a Mão suprema, sujeite de novo à razão as paixões rebeladas. Se tanta metafísica vos não enfada, amigos, eu teria gosto de vos explicar o meu pensamento».

26 «A um filósofo de profissão» — respondeu Ibraim — «não pode dar-se maior divertimento que um discurso sério sobre matéria tão importante». O que suposto, disse Misseno desta maneira:

27 «Quando o Omnipotente ideou a formação do homem, o seu intento foi fazer nele uma imagem sua: infundiu-lhe uma alma, que é como um raio da Sua divindade, e começou a pôr nela a sua possível semelhança. Deus é a razão eterna: e deu-nos a luz da razão, espelho pequeno, mas fiel, que reverbera no seu tanto os raios do entendimento divino. Tudo o que Deus aprova, a nossa razão aprova; e ela também detesta tudo o que Deus detesta. Ora, já nisso se parecia muito o retrato com o original; porém, outro toque aumentou muito mais a semelhança.

28 Era Deus senhor absoluto e quis que também o homem o fosse. Para isso, lhe entregou todo o universo em peso, tudo lhe pôs debaixo dos pés[102]: vede que alto foi o pedestal em que quis colocar esta sua estátua. Mete-lhe na mão o ceptro e manda que em todo o universo renda vassalagem ao homem tudo quanto a Deus obedece. Do seu próprio seio tirou a joia preciosíssima da liberdade com que ornou e distinguiu de tudo o mais que neste mundo visível creado havia. Com isto, lhe deu uma plena autoridade sobre as suas paixões, desejos e apetites; e tudo podia governar sem trabalho. Vede que próprio era de Deus este retrato.

29 Mas a razão eterna pedia que o homem, como creatura de Deus, lhe ficasse sujeito a Ele; nem Deus podia, sem ofender a razão, dispensá-lo desta vassalagem; porém, vede com que nobreza, com que fidalguia o trata. Põe-lhe um levíssimo preceito[103], em que Deus não tinha o menor interesse, mas que era preciso para que o homem reconhecesse a superioridade divina. Põe-lhe, digo, o preceito; mas não lhe faz a menor coacção nem violência. Não quer que nada o oprima: dá-lhe simplesmente a conhecer a sua obrigação e com isso se satisfaz, deixando-o totalmente livre, sem lhe tocar nem levemente nos foros da sua liberdade. Quer que o homem Lhe obedeça,

[102] *Omnia subjecisti sub pedibus eius*. Psalm. 8, 8.
[103] *De ligno Scientiae boni et mali ne comedas*. Gen. 2, 17.

isso sim; mas quer que o faça, se ele muito o quiser e que ninguém o constranja para que deste modo o homem conserve a sua nobreza e fidalguia, obrando porque quer, e Deus possa tomar ocasião do merecimento nesta obediência voluntária e livre, para remunerá-lo e deixar cair sobre ele a torrente da Sua infinita bondade, o que não poderia Deus fazer, se a obediência fosse forçada.

30 Que nobre é esta ideia de Deus! Que louvável para o Creador! Que honrada para o homem! Fazê-lo senhor da sua sorte feliz, metendo-lha como na mão, na liberdade com que a podia adquirir! Vede que obra admirável é o homem no estado em que Deus o formou!». «Não pode» — diz o conde — «haver uma melhor imagem de Deus, porque a não ser deus, eu não sei que cousa possa haver que mais se pareça com essa grandeza infinita».

31 «Com efeito,» — continua Misseno — «viu-se o homem senhor absoluto: a terra, o mar, os ventos, as aves, tudo governa; com um simples aceno, tudo vem a seus pés; estende simplesmente o ceptro e tudo dobra o joelho; as suas mesmas paixões não ousam resistir-lhe e somente deseja o que muito quer desejar, de forma que nele a razão é quem governa os movimentos da alma que ora os excita, ora os reprime, ora os muda, segundo é mais justo e decente. Vê-se rei soberano, senho de tudo o que a omnipotência neste mundo visível creara e, o que ainda é mais, senhor de si mesmo.

32 Assim era o homem, quando saiu das mãos soberanas que o formaram. Por essa mesma razão eterna, pela qual Deus se conduzia, por essa se governava o homem; e assim, com uma admirável harmonia e consonância, ele obrava o que deus queria, e Deus fazia o que o homem desejava. Por este modo, a mesma felicidade eterna em que vive o Omnipotente se comunicava em certa maneira mui imperfeita a esta sua creatura; e o homem, nadando na completa satisfação de todos os seus desejos, trasbordava em um gozo inocente, suavíssimo e interno; as paixões serviam sem ruído e a alma governava sem pena; mas durou pouco este estado feliz».

33 «E como» — diz o conde — «pudemos nós perder tão grande felicidade?» Ao que Misseno respondeu, dizendo: «A nossa mesma grandeza foi a nossa ruína. Posto o homem em tanta altura, olha em redondo e vê que nada se lhe assemelha; olha para si, e vê-se um quasi deus; os céus, a terra, os elementos, tudo são como atributos que ornam a sua peanha: estende a mão da sua liberdade e a acha inteiramente solta; vê que nada o embaraça e que, se quiser, pode não fazer caso algum do preceito que lhe puseram; e, cheio de altivez e amor da sua liberdade, disse: «Não quero». Disse-o e, no mesmo ponto, ficou perdido. Estava em tanta altura, esvaiu-se-lhe a cabeça, turbou-se a vista, perdeu o tino e caiu precipitado.

34 No mesmo momento, pois, em que o homem se rebelou contra Deus, tudo se rebelou contra o homem. Deus lhe arranca das mãos o ceptro que lhe havia dado e todas as creaturas rompem as cadeias com que estavam sujeitas; todas zombam do homem, todas o perseguem, todas o castigam. E, por este modo, esse mesmo que há pouco tudo

dominava, agora nem é senhor de si mesmo: o seu coração se rebela contra a alma, os seus apetites o tiranizam, os seus desejos o arrastram e a pobre alma, sendo um raio da divindade, é agora o ludíbrio do seu corpo: do corpo que, antigamente, era seu vilíssimo escravo. Deste modo, esta obra perfeitíssima de Deus ficou de todo arruinada pelo pecado de Adão, de sorte que, ao princípio, a razão era senhora das paixões e o homem felicíssimo pelo seu estado; depois vieram as paixões a ser nossas tiranas[104]; e isso é o que nos dificulta o sermos felices. Mas se elas fizeram difícil este estado, não o fizeram impossível».

35 «Graças a Deus» — lhe diz Ibraim — «que achei o que muitos anos antes tinha inutilmente buscado. Agora, o meu entendimento, com um simples voo, descobriu o que nunca visto havia. Nunca tinha podido concordar a perfeição suma do Ser supremo com a imperfeição da sua melhor obra. Tudo o que Deus fez fora do homem é no seu género perfeitíssimo; os mais vis insectos, as flores mais desprezadas são cada qual uma obra tão sublime, tão admirável, tão incompreensível para quem a considera atento, que só um ser infinito poderia formá-las. Nem todos os filósofos juntos jamais poderão dizer cousa que satisfaça, se quiserem explicar como em cada fruta, ou flor ou insecto se forma a semente e princípio de outros corpos orgânicos que possam formar sucessivamente semelhantes e intermináveis maravilhas. Que astúcia se vê nos castores! Que governo nas abelhas! Que geometria nelas e nas aranhas! Que sagacidade nas formigas! Que fineza nos cães! Que nobreza nos elefantes! Que brio nos ginetes! E tudo obra de um mecanismo que a Mão suprema formou, sem que ali haja espírito inteligente que conduza tão maravilhosas acções; tudo me transporta.

36 Mas se volto a consideração para o homem, que é o primor das obras divinas, vejo tantas imperfeições e defeitos, tanta enfermidade e desordem, que bem pode dizer-se ser o homem ao mesmo tempo epílogo das perfeições divinas e compêndio de todos os defeitos contrários a essas mesmas perfeições. Tem o homem, como Deus, a inteligência para se levantar até a contemplação da divindade; mas ao mesmo tempo ele é o centro da ignorância. Amamos o bem como Deus, mas todos inclinamos para o mal. A virtude nos agrada, mas abraçamos o vício. Não há nenhum malvado que não goste da verdade; mas quem há que não caia na mentira? Queremos o bem que ninguém nos impede, mas obramos o mal a que ninguém nos obriga. Somos como Deus, livres e senhores das nossas acções, mas, em certo modo, como os escravos, somos arratrados para fazer o que não queríamos[105]. Nos homens se vêem defeitos que nunca se encontraram nos brutos. Quando se viram as feras despedaçar as suas semelhantes? E quantos milhares de homens perecem às mãos de outros homens? Mas agora tudo entendo, tudo concordo. As perfeições da obra saíram do seu autor; as imperfeições de quem lhe causou a ruína, fosse quem fosse, porque a minha religião de Mafoma difere muito da vossa».

---

[104] *Video aliam legem im membris meis, repugnantem legi mentis meae, et captivantem me*. Rom., 7, 23.
[105] *Non quod volo bonum, hoc facio: sed quod nollo malum hoc ago, etc.* Rom., 7, 19.

37 «Esse vosso discurso» — diz Misseno — «é uma prova inegável do pecado original e de que não se acha o homem como ele saiu das mãos divinas que o formaram. Somos como um relógio de ouro[106], cravado de pedras preciosíssimas, feito pela mão do melhor artífice que conheceram os séculos; mas caiu o relógio no chão e ficou desconcertado. Nós, pela preciosidade da matéria, pela delicadeza da obra, conhecemos o empenho do seu autor e pelo nome dele a sabedoria do mecanismo; mas pela desordem dos movimentos, conjecturamos a queda e a ruína. Ninguém, pois, pode negar esta queda, vendo tão grande contradição entre as perfeições e os defeitos do homem. Deveis logo crer a doutrina que vos tenho exposto e o nosso dogma; de outro modo, sereis obrigado a concordar contradições as mais irreconciliáveis».

38 «Seja como for,» — disse Ibraim — «mas insisto na mesma dificuldade que já vos propus; e de que serve ao conde querer governar pela razão as suas paixões, se elas o hão-de arrastrar por força?»

39 «Agora» — diz Misseno — «poderei explicar a resposta. Se as paixões, depois da nossa ruína, fazem o governo da razão difícil, não o fazem impossível. A liberdade ficou ferida, mas não ficou morta. Não podemos obrar o bem com a facilidade que ao princípio podíamos, mas podemos. A alma experimenta rebeliões civis, mas ainda está no trono; e se voluntariamente se não render, ou por frouxa ou por cansada, ninguém pode lançar-lhe cadeias nem prendê-la. Eu não falo dos primeiros movimentos que fazemos sem reflexão alguma: falo do que cada um faz, sabendo bem o que faz; e nesses termos digo que quem consulta a sua experiência, vê que quando as paixões, segundo a frase comum, nos arrastram, sempre é porque frouxamente nos deixamos arrastrar nelas, porquanto se a vontade absolutamente não quer, ninguém tem força para obrigá-la. Meta cada qual a mão no seu seio, tome bem o pulso aos movimentos da sua vontade e conhecerá que não há força creada que o obrigue a que queira fazer o que positivamente não quer. Quem reflectir em si mesmo, aí se verá bem retratado, porque nós, apesar de toda a fúria das nossas paixões, sentimos que, se absolutamente quisermos, podemos ou obedecer-lhes ou resistir-lhes».

40 Ibraim mostrava não estar muito contente da doutrina que se tratava e, com um ar de desprezo no exterior, mas no interior de embaraço, queria dar a conhecer num afectado silêncio que muito tinha que responder, porém, que não eram dignos da subtileza das suas reflexões ouvidos menos acostumados aos estudos sublimes. Ia, porém, a falar, quando uma não esperada visita lhes interrompeu os discursos.

FIM DO LIVRO XII

[106] O autor sabia mui bem que o primeiro relógio de algibeira se inventou alguns anos depois, mas dispensou, neste pequeno anacronismo, com o exemplo de outros grandes poetas, atendendo à propriedade da comparação em ponto tão essencial.

G. Frois inv. sc.

As Furias do inferno formaõ Concelho, eo Espirito da Blasfemia na figura de monstro aereo dá duas Voltas à Roda do Conde e Ibrahim, elhes Comunica o seo Veneno nº. 23.

LIVRO XIII

1 Tinha a princesa advertido na ausência de Ibraim e do conde e, suspeitando o seu destino, preparou um jantar camponês em quatro açafates de delicado vime, os quais, cobertos com toalhas finíssimas e semeados de boninas, mandou oferecer a Misseno para regalar os seus hóspedes. Adiantou-se ela poucos passos às criadas que os levavam e achou os três bem descuidados. Então, arguindo-os engraçadamente da infidelidade que cometiam, trabalhando às escondidas no descobrimento do tesouro, os deixou a todos três embaraçados na desculpa, porque tinha uma tal arte de arguir, picando com graça e com viveza, que sem dar lugar à resposta, repetindo uns golpes sobre outros, os obrigava a uma confissão muda do crime; mas, enfim, remetendo tudo ao tribunal na clemência, lhes oferecia o perdão, se lhes dessem parte de tudo o que houvessem descoberto.

2 Conveio nisto o conde e resumiu tudo o que se havia passado na conversação, enquanto Misseno mostrava às criadas sítio competente para dispor a mesa; sítio tal, que parecia que a natureza muitos tempos antes se havia esmerado em prepará-lo. Três carvalhos antigos mui altos e mui copados, entrelaçando os seus ramos, faziam uma sombra mui desafogada da parte do meio-dia, que servia de obstáculo aos raios do sol que, na força do estio, podia incomodá-los, e, pelo norte, tinha o brando e lisonjeiro Zéfiro, aberta a porta para refrescar o sítio. Ao mesmo tempo, por entre os troncos desembaraçados, saíam com desafogo os olhos a passear pelas amenas e dilatadas campinas, onde os bosques e pomares, entressachados com os campos e pedras, com rústica geometria e distribuição campestre, compunham um singular jardim, tanto mais agradável, quanto menos tinha de artifício. Ao perto nada encontrava a vista que não encantasse os sentidos; pelos troncos ásperos das árvores subiam a era viçosa, as galantes trepadeiras, os caracóis engraçados, enroscando-se em si mesmos e, fazendo-se de mil cores como envergonhados, ora escondendo-se por entre as folhas, ora aparecendo, pendurados em cachos mui galantes, recreando, entretanto, com suavíssimo cheiro o olfacto. A um lado ficava uma pequena fonte que, saindo da gruta, tropeçava num rochedo e, caindo, se precipitava por entre as pedras, rolando de umas em outras até descansar no côncavo de uma penha bruta que lhe servia de tanque.

3 Os passarinhos, aproveitando na força da calma a frescura deste sítio, tinham ali feito a sua morada: uns se banhavam nas águas, outros se devertiam, dançando nos ares, rindo a seu modo e conversando na sua linguagem, dando-se o parabém da frescura e descanso que haviam achado.

4 Quando os três hóspedes ali entraram, ficaram suspensos e quasi que não ousavam pisar a mimosa relva semeada de cheirosas flores que alcatifavam o sítio.

Os raios do sol, forcejando a penetrar por entre os ramos, apenas podiam espreitar os convidados: a linda vista ao longe, a viração deliciosa, o gorjeio dos passarinhos que, dobrando as cantigas, os saudavam, o murmurinho das águas, o sussurro dos ramos ofereciam uma recreação tão agradável e tão inocente, que estavam pasmados.

5 Não quis a princesa perder tempo e, enquanto não chegava a hora do jantar, pediu a Misseno que continuassem a conversação interrompida, dando-lhes ela mesma o fio para atarem o discurso que (segundo lhe dissera o conde) tinha ficado na descrição dos invioláveis foros da nossa liberdade, apesar da rebeldia das paixões. Então o irmão se lembrou que, noutro tempo, lhe ouvira uma engraçada descrição da nossa liberdade e com instância lhe pediu que quisesse repetir-lha, se lhe lembrasse. A princesa, sempre pronta a concorrer para o ponto que intentava, discorrendo ligeiramente pelo gabinete da sua memória, os satisfez, repetindo as coplas que noutro tempo fizera para certo assunto de uma academia.

I
Se a nossa alma não quer, quem é capaz
De obrigá-la? Se o braço omnipotente
Este empenho tomar, vede o que faz:
Dá-lhe luz, fala, toca e persuade.
Ela então vai gostosa e mui contente;
Porém, Deus não lhe força a liberdade.

II
Queira o mundo vencê-la, faça guerras,
Lanças, flechas, alfanges, fogo e sangue,
Caiam raios do céu, montes e serras,
Venha tudo sobre ela de repente.
Ficará quasi morta, mas exangue
Se não quer, diz, «não quero» eternamente.

III
Seja o empenho maior: nos fundamentos
Trema a terra já quasi arruinada:
Amotinem-se os bravos elementos,
Falte o chão de repente, em paroxismos
Vai dizendo que «não» e, obstinada,
Dirá «não» lá no fundo dos abismos.

IV
Nas profundas cavernas, nos horrores
Não cuideis que ela muda, se escutando
Cá de cima lhe ouvirmos os clamores
Que por entre os rochedos vêm subindo,
Vêm os ecos o «não» multiplicando,
«Não, não, não» se vem sempre repetindo.

V
Nem os anjos dos céus, oferecendo
Mil delícias, mil graças e favores,
Nem os monstros do inferno, encarecendo
Seus horríficos gestos, obrigá-la
Poderão a que queira; esses horrores
Servirão, se não quer, só de obstiná-la.

VI
Inda mais: venha o corpo regalado;
Venham lágrimas, rogos de um amigo;
Venha o seu coração, venha comprado
Pelo amor e paixões; vê-se abalada;
Para, cuida, reflecte lá consigo;
Se não quer, diz que «não», e tudo é nada.

VII
Vão buscar a razão, que a persuada
Com clareza e convença o seu juízo;
A vontade tudo ouve descansada;
Depois diz: tudo vejo e considero;
Sei que é grande o meu dano e perjuízo,
Sei que devo querer, porém, não quero.

VIII
Já não fala ninguém; já totalmente
Não se cuida em vencer a liberdade;
Ela mesma se muda de repente,
Diz que «sim», tenho dito, «quero» agora,
Porque «quero» e porque é minha vontade,
Eu governo, eu disponho, eu sou senhora.

6 Aplaudiram todos a descrição, gabando a propriedade e verdade; e a princesa os obrigou a ceder dos elogios para continuar o discurso.

7 Queria falar Misseno; mas Ibraim, qual nuvem carregada e sombria que, depois de reter largo tempo a abundante pedra, desfecha com uma geral descarga, começou a alegar mil razões contra o que Misseno dissera. Todas eram tão ligeiras como a pedra da chuva, mas também, como ela, tão multiplicadas e com tanta fúria, que os deixavam aturdidos, rematando sempre que, quando as paixões tinham um certo grau de força, a vontade necessariamente havia de segui-las. «Que pode a inocente pomba,», dizia ele, «quando a ave de rapina, percebendo-a lá desde as nuvens, onde vagamente passeia, encolhendo de repente as dilatadas asas, se precipita sobre ela? Num instante, se sente traspassada das suas ferinas unhas e feita presa de seu furor, ensanguentada e quasi morrendo; é levada aonde esse aéreo monstro a arrebata. Não de outra maneira a nossa vontade é a inocente presa das violentas paixões, quando elas tomam o voo e seguem o seu destino».

8 A princesa, que entrevia ao longe as abomináveis consequências que se podiam deduzir deste princípio, querendo atalhar os danos desta solapada chaga, a quis descobrir de todo, em ordem a que ou o simples horror afugentasse o conde ou os remédios de Misseno a cauterizassem; e com o seu ar picante e jocoso, disse a Ibraim deste modo:

9 «Pelo que vejo, Ibraim, nos privais da liberdade toda a vez que as paixões se acendem! Ora, obrigados vos estamos todos por nos aparentardes em primeiro grau com os brutos. Esta era a principal diferença que nos distinguia deles; e agora, na vossa opinião, todos somos iguais. Nos brutos, uma série encadeiada de sensações e de movimentos os conduz (segundo as suas espécies) por uma lei uniforme aos fins que lhes estão destinados, conforme o que vós mesmo que tendes ensinado e a evidente razão persuade. Segue a galga a lebre, o falcão a presa, o novilho a consorte por uns movimentos necessários, de sorte que cada animal foge ou busca por um forçado mecanismo de seus órgãos o objecto que o Autor da natureza lhe julgou nocivo ou conveniente; e por isso em todos, segundo a sua espécie, vemos as mesmas acções. Só no homem, em que havia liberdade, vemos uma variedade infinita em tudo quanto obra: cada qual segue não a uniforme carreira dos outros da sua espécie, mas o seu capricho, a sua simples vontade; e eis aqui a origem da infinita variedade que achamos nas acções humanas. Esta só razão, quando não houvessem outras, me forçaria a crer que somos livres, ainda neste triste estado a que ficámos reduzidos.

10 Agora, porém, como com a vossa sentença, Ibraim, nos condenais a obrar como os brutos, ver-se-á uniformidade nos nossos edifícios, como se vê nos ninhos das aves de cada espécie. Nas abelhas, que todas em todo o mundo têm as mesmas

celinhas, será um só o nosso sustento, e o que faz um homem, todos o hão-de fazer, porque assim fazem os brutos; nenhum há-de sair do que fizeram seus pais e avós, porque tão hábeis são os animais deste século, como o eram no princípio do mundo. Daqui por diante, guarde-se um homem de inventar cousa nova, porque não a inventam os brutos, o que, certamente, só procede de não terem eles a liberdade necessária para variar as suas acções. Ora, como vós nos negais a liberdade, cairemos na geral monotonia ou uniformidade de acções. Porém, seja como quiserdes quanto a vós, que eu declaro que não cedo da minha liberdade, apesar da vossa filosofia».

11 Não é crível o gosto que mostrava o conde e a confusão de Ibraim. Respondia com uma dissimulada política, protestando que não era digno de disputar com pessoas de tal qualidade, mas que outros juízos mais delicados que o seu o diziam. Misseno, porém, que conhecia a importância da matéria, não se contentou com o que o Erro fosse vencido com armas femininas, tomou a si a empresa.

12 «Não podeis negar» — disse Misseno — «que Deus pôs em nós a luz da razão: luz que nos declara o bem e o mal e isso anda quando a paixão nos tenta, nos intriga e nos impele. Ora, dizei-me de que serve ilustrar a alma, mostrando-lhe o mal e o bem, se ela não tem liberdade para a escolha? De que me serve o ver o bom caminho e o precipício, se me arrastram para um, sem que eu possa escolher o outro? Ver um despenhadeiro e não poder evitá-lo, mais é tormento do que gosto. Porventura mandaríeis levar um archote em noite tenebrosa, diante de uma barca que, sem piloto nem governo vai arrebatada pela torrente com inevitável destino? Gritaríeis a uma pedra que vai caindo com ímpeto cego para que ela dirija desta ou daquela maneira o seu movimento? Pois igual loucura seria pôr-nos Deus o farol do entendimento diante dos olhos e falar-nos pela luz superior da razão, se a nossa alma fosse como a pedra que cai arrebatada pelas paixões e levada aonde elas a arrastram! Que pueril e ridículo seria o procedimento do Ser supremo, se Ele pela sua voz (que assim podemos chamar à luz superior da razão) nos proibisse uma acção e pelas paixões que ele mesmo nos deu nos obrigasse a fazê-la. Para vermos o bem, nos abre os olhos e para que não o busquemos nos ata os pés, amarrando-nos com cadeias indissolúveis! Faz-nos ver o precipício para nos encher de horror e, sem culpa nossa, nos impele e faz cair nele! Que indignas acções para Deus, pois tudo isto nos faz, se nos não dá liberdade para vencer as paixões!

13 Reflecti, amigo, que em todos os povos há leis, em todos há conselhos e amigáveis avisos; logo, há liberdade para segui-los. Que nação existiu jamais no mundo tão bárbara, onde não houvesse castigo para o mal, prémio para o bem? Mas seria tudo inútil, se por um cego ímpeto cada qual fosse arrastrado para este ou aquele objecto pela paixão que o domina.

14 A nossa alma, a respeito do corpo, é como o cavaleiro em ordem ao bruto em que vai montado. Se o bruto é manso e bem ensinado, com descanso vai andando o cavaleiro, sem fadiga nem grande merecimento pela estrada direita. Se o bruto é rebelde e furioso, trabalho terá o cavaleiro, mas também glória e merecimento, se impedir que se desmande. Pouca dificuldade tinha o homem para caminhar direito, quando saiu das mãos do seu Autor, tendo então sujeitas e domadas todas as paixões do ânimo, todos os apetites dos sentidos. Não estavam então as paixões mortas, mas domadas, e quando a rédea da razão acenava ligeiramente, o apetite logo obedecia: assim, maior foi o seu crime então e menos desculpável a sua culpa, porque era muito mais fácil que obrasse como devia.

15 Porém, depois da rebelião das paixões, é que o cavaleiro tem precisão de vigilância, de força, de estudo e de constância para impedir a sua ruína. Não tem culpa o cavaleiro nos saltos impetuosos que o bruto dá ao princípio ou quando, inesperadamente, se espanta; nem também é culpável o homem nos primeiros movimentos, quando, sem dar tempo à razão, os humores obram o que a razão impediria; mas uma vez que a razão abriu os olhos, deve com toda a força ter a rédea curta, tirar dos cabeções, subjugar o bruto a todo o custo, e isto ainda que o cavaleiro se canse, trabalhe e sue, porque trabalha para si e se trata de evitar a morte ou o perigo dela, se frouxamente se deixasse arrastar pelo furioso ginete; por isso, toda a fadiga é bem empregada, e maior glória terá e maior merecimento.

16 Diga embora o preguiçoso e frouxo e o que não quer fatigar-se em domas as suas paixões, diga que o arrebatam, largue as rédeas ao bruto que o leva, que a sua queda e ruína será o castigo da sua indigna preguiça; e os outros que vão ao seu lado, subjugando com estudo, cuidado e força os brutos da suas paixões, talvez mais furiosas, esses que as conduzem pelo caminho direito, sem lhes permitir saltar fora da estrada para os barrancos que já de um, já de outro lado se oferecem, esses serão a sua condenação, a sua afronta e a sua inútil doutrina.

Que é, Ibraim, o que louvais nos heróis? Acaso é o seguirem as suas paixões? Outro tanto faz qualquer bruto. Qual é logo o seu merecimento, que tanto vos obriga aos louvores? Que é o que justamente ocupa todos os clarins da fama? Será o terem obrado bem, não tendo paixões que vencer? Mas que casta de merecimento é esse? Vencer sem batalha, triunfar sem inimigo? Vede logo que para o louvor de heróis me é preciso obrar bem, vencendo nisso grandes dificuldades e que na grande que nos oferecerem as nossas paixões furiosas, é que consiste o merecimento dos heróis da filosofia e da virtude.

17 Negai a liberdade, e eu, da parte da boa razão, vos proíbo desde este momento de louvar a ninguém nem de condenar qualquer procedimento. Louvareis vós, porventura, o sol, quando, saindo do horizonte, derrama com as suas luzes as benéficas

influências sobre a face da terra? Ou condenareis a noite como criminosa, porque com o seu tenebroso manto protege os crimes e vos rouba a vista, deixando-vos quasi cego, quando tendes os olhos perfeitos? Quem não acharia ridícula a vossa cólera contra os trovões e os raios ou as vossas políticas adorações ao zéfiro brando que vos recreia, sendo todos esses movimentos uma consequência cega e necessária da ordem do universo? Pois outro tanto devemos dizer do que fazem os homens, se neles não há liberdade, porque sem ela nem merecem os nossos louvores nem o menor vitupério».

Isto disse Misseno com tal força e nobreza de discurso, com tal afluência, que Ibraim estava aturdido, a princesa admirada e o conde cheio de um indizível contentamento, porque, naturalmente, detestava aquele filósofo pelo seu insuportável orgulho. Houve, porém, Ibraim de responder, o que fez fugindo à dificuldade, e disse desta maneira:

18 «Não há discurso contra a experiência própria. Confesse cada qual a verdade, e verá que o seu coração por força é levado aonde a paixão o arrastra. Que liberdade vos deixa, conde, a vossa ira, quando recebeis uma injúria? Que liberdade, quando uma rara beleza se vos presenta aos olhos? Que liberdade, quando cupido vos fere? Não vedes que o mais valeroso herói corre como se fosse um vil pegureiro atrás de uma pastora, se o cego amor o tocou com a sua envenenada flecha? Não deixa cair o monarca a sua coroa por um lado e o ceptro pelo outro, sem cuidar em cousa alguma, quando Vénus lhe acena? Qual é logo a liberdade que estas paixões lhe deixaram?

19 Revolvei os «Anais» da Polónia para não irdes mais longe, e vereis a príncipes admiráveis que por desgraça foram tocados da paixão do amor e, perdendo a liberdade, fizeram o que não era crível que fizessem, gozando dela. Lesko III, tão famoso nas guerras contra Carlos Magno[107], em que abominações não caiu, arrastrado por Vénus? Poplier I, seu filho[108], e o II, seu neto[109], e Mieceslau II[110], que, pelo mesmo motivo, sendo o escândalo dos povos e da razão, foram o horror da natureza, cuidais que gozavam da liberdade? Boleslau II, um verdadeiro Alexandre do seu século, que dava e tirava reinos, como se fosse depositário da justiça suprema, que fazia tremer os vizinhos e de fazia adorar de seus povos, em que brutalidades não caiu depois

[107] Este príncipe herdou de seu pai as virtudes da guerra, manchou-as, porém, com o desordenado amor de mulheres.
[108] Foi um monstro de torpezas como Sardanápalo.
[109] Herdou de modo os vícios de seu pai, que mandou matar seus tios, porque o repreendiam.
[110] Chegou a tal excesso a paixão luxuriosa de Mieceslau II, que ficou como bruto e caiu em demência. Por sua morte, reinou Casimiro I, seu filho, o qual, pelas desordens de sua mãe regente, se viu obrigado a retirar-se a Paris e se fez monge em Cluny; porém, depois os polacos o buscaram para o trono e reinou em 1040, dispensando-o o papa Benedito IX dos votos de monge e de diácono. Morreu como santo.

que as delícias da Kióvia lhe cativaram o coração[111]? E havemos de dizer que tinha liberdade?»

20 «Ah, Ibraim!» — disse a princesa — «Se a não tinham, quem pode criminá-los? Tantos louvores merecem nesse caso pelos seus crimes, como pelas suas virtudes, porque, neste caso, a paixão da glória os levou sem merecimento ao bem e a do amor sem o menor crime os arrastrou para o mal. E achais boa esta filosofia? Deus vos livre que os vossos criados o saibam, porque em qualquer desordem que cometam ficarão isentos da repreensão e do castigo. A paixão me obrigou (vos dirão eles) e não tive liberdade para fazer o contrário. Que vos parece, conde?»

21 O irmão lhe respondeu que o seu discurso o tinha convencido de todo, mas que queria ouvir a Misseno. «Já vedes vós todos» — disse ele — «que não nos falta a experiência para a qual vós, Ibraim, tendes apelado do tribunal da razão. Eu agora vos cito também para a experiência geral. Dizei-me, amigos, depois que passou a fúria da paixão, se nós lhe obedecemos contra os clamores da razão, quantas vezes sentimos um remorso e arrependimento?»

22 Não pôde conter-se o conde e tomou a si a resposta que Misseno pedia a todos. «Nunca me abandonei às paixões contra a luz da razão que depois me não arrependesse. Eu vos digo bem sinceramente o que na minha alma passava. Na maior força da paixão sentia uma voz mansa, sesuda e serena que me dizia: "Não faças". Apesar desta voz, um desejo impetuoso, vivo e turbulento vinha com grande fogo e, não sei como, me atarantava, de sorte que lhe obedecia. Nesse momento, sentia um grande gosto e a minha alma nadava em contentamento; mas depois de gostar o doce pomo, sentia um amargor, um azedume, um fel intolerável. Voltava então aquela fala mansa e serena que eu havia desprezado e, levantando a voz pouco a pouco, me começava a repreender de forma que me atormentava. Era um aguilhão que me cravava e me dizia sempre a mim mesmo: "Fizeste mal". Queria tapar os ouvidos, mas, dentro da alma, sentia eu sempre esta voz que me estava condenando. O coração se despedaçava e se mordia, que assim devo explicar o meu arrependimento; mas não havia remédio. Isto é o que passava por mim, e creio que por todos passa o mesmo».

23 Não pôde Ibraim nega-lo. Então Misseno, bem como o caçador que não perde um instante para disparar a seta contra a ave que vai passando, acudiu prontamente e disse assim: «Como pode o homem arrepender-se e condenar-se a si mesmo do que fez, sem ter liberdade? Poderá um homem de juízo arrepender-se de ser magro ou pequeno? De que padeço febre ou teve sono? Não seria objecto de riso quem tal

[111] Boleslau II, seu filho, depois de ser o exemplo de príncipes, governando dezasseis anos os povos como pai, tanto que se entregou aos deleites, foi um tirano (F.-P. Dalairac, *Anecdotes de Pologne*).

dissesse? Sem dúvida. Ora, a razão disto é porque ninguém se arrepende, senão do que fez, podendo não o ter feito; e se um homem não pudesse resistir às paixões, não poderia sentir mais arrependimento de lhes haver obedecido do que teria da febre ou do sono. Como vós sois filósofo e amigo de discorrer e profundar as cousas, façamo-lo agora. Não é o mesmo ter pena ou ter remorso e arrependimento. Temos pena do que nos fizeram contra nossa vontade, e temos remorso e arrependimento do que por nossa culpa fizemos. Temos pena de escorregar e cair; temos arrependimento de haver posto o pé sem cuidado, podendo havê-lo posto com segurança. Ide agora arrancar primeiro do coração de todos os mortais o remorso e arrependimento de se haverem entregado a esta ou àquela paixão, e depois nos persuadireis que eles não tiveram liberdade».

Sentiu o maometano a força deste golpe e, pálido, frouxo e quasi emudecido, languidamente acudiu, dizendo que muitos se não arrependem do que contra a razão fizeram, ao que Misseno respondeu: «Basta que um homem se arrependesse alguma vez, para estar obrigado, pelo testemunho do seu próprio coração, a dizer que teve liberdade. Ora, se um homem a tem, todos gozam dela, porque todos são da mesma espécie e natureza. Assim, ou haveis de dizer que todo o homem tem liberdade para domar as paixões ou ninguém até agora a teve, e, por conseguinte, que ninguém se há-de ter arrependido até agora nem condenado a si mesmo do que contra a razão obrasse».

24 Não podia Ibraim suportar o horror de todos estes absurdos e, não se querendo confessar vencido nem também ousando contrastar verdade tão manifesta, quis iludir o golpe, mostrando que ele nunca havia negado a liberdade, posto que alguns duvidassem dela, e que só a tinha por inútil e nociva.

25 Qual inimigo falso e astuto que, vendo-se destroçado de todo, já sem trincheiras nem resguardos, sem forças, sem armas, sem tino, abandona o campo e volta de repente ao lado oposto a intrincheirar-se de novo, sem confessar a vitória, assim fazia Ibraim para cansar o seu adversário. Misseno, porém, que somente olhava à instrução do conde, não desgostava deste combate, enquanto por um modo mais sólido prevenia o entendimento do conde contra os ataques futuros do Erro.

26 A esse tempo, a Fúria infernal, que tinha tomado por empresa triunfar da verdade, dava, nas subterrâneas cavernas, uns urros tão furiosos e uns ais tão sentidos e penetrantes, que os seus ecos se percebiam pelas gretas daqueles penhascos. Veio a seu socorro a Fúria da Blasfémia, cujo atrevimento a ninguém respeita, nem nos céus nem na terra, e, tomando a figura horrível de um aéreo monstro, quis despicar a fraqueza da sua já destroçada companheira. Eis que, de repente, corta o discurso uma espécie de trovão subterrâneo que, pela parte do rio, se prolongava,

repetindo-se e continuando-se o estrondo nos sucessivos ecos daquele vale. Ao mesmo tempo, uma ave desconhecida, negra como os corvos, maior que as águias, com os olhos mais acesos que os do guincho e as unhas horrorosas, o bico grande e recurvado, rompendo a espessura das árvores, atravessou por junto de Ibraim e do conde e, com rápido voo, rodeando-os duas vezes, se precipitou no vale que servia de leito ao caudaloso rio, sem que depois disso tornasse mais a ser vista. Assustaram-se a princesa e o conde; Ibraim, porém, zombava da sua fraqueza. Misseno ficou sossegado, mas depois que passara o susto, notou a princesa que o semblante do conde ficara mui mudado e o de Ibraim mais fero, atrevido e soberbo do que jamais lhe tinha conhecido; e havendo perdido algum tempo nas reflexões inúteis sobre o pássaro, disse a Ibraim que continuasse o ponto importante que aquela casualidade interrompera.

27 Então o filósofo, com um tom de desprezo e ar tão satisfeito como se houvesse triunfado de Misseno, disse assim: «Não são para tratar em amigável conversação com senhoras os pontos da alta filosofia, porque a ignorância causa novidade, a novidade espanto, e este faz que se escandalizem das verdades mais sólidas, se não forem conhecidas do vulgo. Quereis que os homens tenham liberdade? Tenham embora, mas eu vos protesto que, de boa mente, a rejeitara, se ela me havia de pôr na triste alternativa de ou me fazer violência, quando quero sujeitar as paixões, ou ser culpável, quando me entrego a elas. Se não tivesse liberdade sem luta e sem tormento, o meu ânimo seria levado aonde a paixão o destina; então, com prazer, gozaria do objecto que a natureza apetece e passaria em paz esta vida que Misseno quer que passemos em contínua luta.

28 Vós, Misseno, a falar como a boa razão ensina, nos tendes ensinado o sistema da tristeza, prometendo levar-nos ao caminho da completa alegria. Que cousa poderá afligir-nos mais em toda a vida, que esta contínua guerra com o nosso coração e nossa alma? Que violência não é necessária? Que estudo, que vigilância? A natureza cansa, o ânimo se aflige, a alma geme e o coração desfalece; e em todo este combate quereis pôr a alegria? Ora, deixai-me explicar com uma comparação que temos à vista.

29 Essa galga que nos acompanha, que aflição não experimenta se, aparecendo a lebre, a subjugam, para a deixar correr a seu tempo, quando estiverem cansadas as outras? Vós, conde, o tendes experimentado mil vezes. Apenas descobre a presa, pula, atira com todo o corpo e, vendo-se presa, ladra, chora, salta, grita e, a cada momento, investe, de sorte que me cansa. Não sabe o que faça para soltar-se, ora se volta para mim, lamentando-se a seu modo, ora, raivosa, morde a cadeia com que se vê subjugada; e enquanto, com os olhos acesos, está vendo a presa que lhe vai escapando, se rói por dentro e se está despedaçando.

30 Pois aí tendes a imagem do nosso coração, quando se vê reprimido, e, por isso, se o autor do mundo me houvesse consultado, eu lhe pediria que não desse aos homens essa liberdade que lhes é origem do seu crime e do seu tormento. Dizei-me vós outros: de que me serve ser senhor, se os meus escravos hão-de zombar de mim e arrastrar-me e depois, pelos não domar, tenho de ser castigado? Pois o mesmo acontece por essa liberdade que dizeis, porquanto, além do trabalho, que é preciso e quasi impossível ter, para domar as paixões, havemos de ser punidos, se o não fizermos».

31 Ouvira o conde este discurso com atenção notável e deu os parabéns a Ibraim de haver falado naquela matéria de um modo que o tinha inteiramente encantado. Já não era o mesmo conde, porque o espírito da Blasfémia o tinha assombrado e a aversão que até aquele momento havia tido contra Ibraim se voltara contra Misseno e sua doutrina. Já com o semblante triste e inquieto, ar desconsolado e queixoso, preferia muito à nossa sorte a dos brutos, os quais, sem lei, sem violência, sem aflições seguem à rédea solta o ímpeto dos seus temperamentos, vivendo a seu modo felices.

32 Estranhou a princesa esta linguagem do conde, tão semelhante à de Ibraim, e lembrou-se que a ambos havia cercado e rodeado aquela ave monstruosa. Não acabava de se admirar daquela atrevida linguagem, com a qual a razão se escandalizava, e a religião se ofendia. Era igual o atrevimento com que Ibraim discorria e, à maneira de muitas chamas que, separadas, guardam certos limites, mas juntas sobem furiosas ao alto e com as suas línguas, ameaçando as nuvens, não guardam respeito a nada, assim eram Ibraim e o conde, falando mui atrevidos.

33 Então Misseno, deixando ver no seu semblante aquele ar régio que o seu nascimento lhe dera, sem perturbação nem enfado, mas com um tom superior, como nunca lhe tinham visto, lhes disse assim: «Já vejo, cavalheiros, que Deus errou e que vos deu a vós mais juízo do que para si guardara. Conheço já que aquele que era reputado por infinitamente sábio e perfeito, sem a menor imperfeição, acha agora duas creaturas suas que lhe podem dar quinao e mostrar erros na sua obra, na obra em que pôs o maior estudo e cuidado. Parabém vos seja, meus senhores, esta grande superioridade de engenho. A vós, como a oráculo, devemos recorrer todos, pois que sois na inteligência e bom discurso superiores à divindade, à divindade que, com uma só palavra, deu a existência a todo este universo.

34 Melhor faria Deus, dizeis vós, se nos não desse a liberdade: quereis dizer que, se Deus vos fizesse como um pau ou uma pedra, que não tem liberdade para mover-se, mais obrigados lhe ficaríeis, do que, fazendo-vos um quasi Deus pela semelhança. Chegou a insculpir em vós a sua imagem na inteligência e na liberdade joias que, em certo modo, tirou da sua cabeça e do seu peito para vosso adorno,

perfeição e nobreza; e dizeis que mais quereríeis ser arrastrados para o seu serviço como uma cadeira insensível, do que, conduzidos pelos avisos e rogos, como um filho herdeiro! Que antes quereríeis ser semelhantes aos brutos, levados por ímpeto cego ao fim de suas paixões, do que semelhantes a Deus, caminhando ao bem pelo movimento nobilíssimo da liberdade e guiados pela razão! Prova grande dais, sem dúvida, de que é justa a balança da vossa inteligência, quando a desprezais de maneira que a daríeis de boa vontade pela satisfação que tem um cão ou um cavalo nos seus brutais apetites. Digo isto, porque quem renuncia à liberdade deve renunciar por força à inteligência e conhecimento do bem e do mal, a qual só serve a quem tiver a escolha e liberdade de obrar. Mui obrigado vos estaria todo o género humano, se Deus, como dissestes, vos consultasse e pelo vosso conselho nos privasse a todos da luz da razão e da liberdade que nos tem concedido.

35 Mas quem fizer bom uso da liberdade e subjugar com força as paixões para obedecer à razão e nela a Deus, por que direito deve ficar privado desta honra, deste bem e da felicidade futura que lhe está anexa? Só porque o conde da Morávia e Ibraim antes quiseram entregar-se frouxamente como os animais vis à satisfação descansada de suas paixões, do que ter heroico domínio sobre elas para reprimi-las? Não somos nós creaturas de Deus como vós, para sermos também ouvidos? Só vós havíeis de sê-lo? E pertendeis que todo o género humano devia renunciar à honra e felicidade que o Omnipotente nos deu, só porque vós e outros do vosso partido sois frouxos e sois fracos? Não, senhores, sejamos todos livres, pois que a todos quis Deus conceder esta nobilíssima perfeição; e use cada qual como quiser da sua liberdade; viva o frouxo como bruto, vivirá o herói como Deus, siga quem quiser as paixões, como se não tivesse inteligência; seguirão outros a razão, como se não tivessem paixões; e haja diferença da virtude ao vício; haja louvor e haja repreensão justa, haja prémio para uns e para os outros castigo.

36 Que bela sentença pronunciaríeis na face de todo o mundo, se todo o mundo vos ouvisse: "Não haja liberdade"! Quereis dizer: "Não haja nem possa haver virtude", porque queremos ser viciosos. "Ninguém possa reprimir as paixões", porque queremos que elas nos arrastrem sem resistência. "Ninguém tenha luz da razão", isto é, ninguém tenha olhos para ver os perigos, para se não afligir com a sua vista, havendo e cair neles. "Ninguém tenha alvedrio", isto é, ninguém tenha os pés desembaraçados, para se livrar dos precipícios, porque nós gostamos de ser precipitados sem susto, nem aflição nem remorso. Que excelente discurso, meu conde!

37 Sabemos que Deus queria produzir sobre a face do universo uma Sua imagem, mas vós ordenais que fique suspenso e que por modo nenhum se atreva a fazê-lo. Quereis que se contente com produzir um cavalo ou outro qualquer animal, e homens que se pareçam com eles, sem mais uso da razão nem mais liberdade do que

neles achamos. Ah, senhora,» — disse, voltando-se para a princesa — «preciso é ter os ouvidos da alma bem duros para não estremecer de horror, ouvindo semelhantes absurdos!». Disse e calou-se; e ninguém se atrevia a falar.

38 Bem como se do cume do monte da Arábia[112], o anjo embaixador entre trovões e relâmpagos anunciasse aos homens os divinos preceitos, assim parecia Misseno, falando a Ibraim e ao conde. A princesa, vendo no silêncio deles a confusão que os embaraçava, ia a desculpar a seu irmão, quando ele acudiu, dizendo:

39 «Não posso julgar que eu tenha mais juízo que Deus; e conheço ser o último degrau de loucura o querer um mortal notar erros na sabedoria infinita. Tropecei nas expressões, mas o meu conceito era mui diferente. Agora confesso ser a nossa liberdade dom precioso de Deus e a razão igualmente, posto que seja trabalhoso subjugar com ela as paixões».

Dito isto, pouco a pouco o conde, tornando a si da luta passada, estava admirado de que tivesse pronunciado tão enormes blasfémias. Ibraim lá rosnava, não sei que de desculpa, o que restabeleceu entre os quatro aquele ar amigável e familiar com que entre si discorriam.

40 Mudou então Misseno de tom como cirurgião prudente que, com o bálsamo numa mão e o ferro na outra, os aplica alternativamente, como a necessidade o pede; e continuou, dizendo: «Escutai, pois, os admiráveis segredos da benevolência e sabedoria divina.

41 Não cuideis, amigos, que Deus, vendo a nossa fraqueza e desordem, faz gosto de nos ver caídos por terra ou que simplesmente com o preceito e ameaços nos obriga a remar contra a torrente. Não, mui diferente é a Sua providência e outro é o Seu sistema. Sistema todo de amor e bondade, sabedoria e grandeza de ânimo, pois tudo brilhou admiravelmente nos mistérios da nossa reparação e lei da graça. Fez da nossa fraqueza base para a Sua clemência e da nossa pobreza medida para a Sua liberalidade.

42 Como guerreiro valeroso, ornado de brilhante capacete e escudo impenetrável, com braço forte e espada rutilante se nos põem ao nosso lado e diz que desafiemos essas feras indómitas das paixões que tanto nos aterravam que está pronto para valer-nos. Então nos mete na mão a espada vencedora de Sua graça e com ela nos sustenta o braço; cobre-nos com o seu escudo e aterra os inimigos. Dá-nos ânimo, força e conselho, de forma que, muitas vezes, até uma mão tenra, decrépita ou feminina, com este soberano socorro fere, destrói, subjuga; e se preciso é, despedaça as feras mais indómitas das paixões que pertendiam arrastrá-la; e o que mais é, depois nos conta esta sua vitória, como se fosse próprio nosso todo o

[112] Na Arábia Petreia se acha o Monte Sinai, onde Deus deu a Lei aos homens.

triunfo. Eis aqui como Deus se porta com as creaturas que vê heroicamente lutando com as paixões rebeladas. Não cuideis que isto são ideias poéticas e fingidas, porque são realidades palpáveis com as mãos e testemunhadas cada dia com os olhos, além de serem dogmas da religião.

43 Todos estes heróis da razão e da virtude, a quem o mundo inteiro tem consagrado louvores depois da morte — depois da morte, digo, que é quando eles são prova do verdadeiro merecimento — não se distinguirão do comum dos mortais por terem natureza mais forte, nem também por não terem paixões desordenadas; só se distinguirão pelo triunfo que delas conseguirão. Ora, não sendo estas forças da natureza, porque em todos é a mesma, forçoso é que fossem de algum braço estranho que lhes sustentasse o coração no combate e o reforçasse na vitória.

44 E vós, Ibraim, já que tão versado estais na história do meu país e me quisestes provar com os príncipes detestáveis que eles não tinham liberdade para domar as suas paixões, sois obrigado a conceder que os bons príncipes que triunfaram delas a tiveram com o socorro do braço omnipotente. Que me dizeis a Piast, o filósofo[113]? A Mieceslau I[114], a Boleslau, seu filho, imagem de um príncipe perfeito? A Casimiro, seu neto, admiração que foi do seu século? Que me dizeis ao príncipe que hoje reina no trono da Polónia, que soube preferir um bom amigo a um reino? Cuidais que eles não tinham paixões? Pouca honra lhes fazeis, se por isso é que os colocais na classe dos verdadeiros heróis. Há logo força na liberdade humana, ajudada pela Mão Suprema, para triunfar das paixões mais furiosas; e se a todos dá Deus olhos para ver o bem e a todos dará pés para buscá-lo e se vir que se esforçam, lhes dará a mão para consegui-lo.

45 Queira o homem domar as suas paixões, queira seriamente esforçar-se que, sem saber como, se achará forte para vencê-las. Um braço invisível o ajuda, um vigor interno o corrobora, sente outra alma que anima a sua, outro espírito que lhe dá um esforço superior a tudo. Sejam as paixões como o tigre mais assanhado ou o toiro mais indómito, cairão a seus pés despedaçados. E qual esforçado Sansão, que se vê acometido do bravo leão, mas intrépido, pondo-lhe o curvo joelho sobre a dourada juba, o faz gemer, oprimido e, desqueixando-o entre as mãos, o faz exalar com bramidos a alma furiosa; assim fará com as suas paixões o herói da razão, porque força superior o anima.

46 Deste modo reparou o Supremo Artífice a Sua grande obra, tendo visto que a queda a desordenara e, brilhando então mais as perfeições divinas do artífice, quando

[113] Vivia como homem particular em Krunsvich, quando os vogais que vinham para a assembleia geral para eleger soberano, hospedados por ele, ficaram tão cativos da sua prudência, sabedoria e virtude que o elegeram por duque; então este era o título dos soberanos da Polónia.

[114] Destruiu a idolatria e introduziu a religião católica.

a reparou do que quando ao princípio a fizera, soube unir a fidalguia da nossa liberdade com a obediência fiel à razão e concordar o fogo das paixões com o amor da virtude. Desta maneira bem vedes que ficamos livres e senhores da nossa felicidade, como no princípio éramos, mas com muito maior glória, maior merecimento, maior louvor, porque com muito maior dificuldade».

47 A princesa, que viu o irmão rendido, tendo pouco empenho e menos esperanças de reduzir a rebeldia de Ibraim, os convidou para tomarem a refeição que lhes trouxera, pois que já era hora oportuna; e começaram as criadas a servir das iguarias campestres, com tal asseio, primor e galantaria, que ainda antes do paladar já tinham recreado os demais sentidos.

Frois inv. sc.

Govored Valido d'El Rey de Polonia Vem da Sua p.te oferecer a Coroa a Seo Primo Vladislao, disfarcado com onome de Misseno n.o 17.

LIVRO XIV

1 Enquanto durava a refeição campestre, postos à parte de indústria os discursos sérios, recreava a princesa os ânimos com a conversação amena e engraçada que o seu carácter lhe fornecia, e o conde foi perdendo de todo aquele ar feroz e soberbo que de repente havia tomado. Só Ibraim parecia ou obstinado ou confuso: as suas palavras eram contadas, o seu ar sombrio, o seu modo duro; seco nas reflexões, indomável nas máximas, soberbo nos pensamentos. Temperavam o conde e a princesa as iguarias com histórias jocosas; e Misseno, com um ar risonho e cândido, com uma sinceridade nobre, celebrava a galantaria da conversação, juntando reflexões as mais judiciosas, como quem havia estudado pelos dous grandes livros, o da experiência do mundo e o da reflexão solitária. O conde repreendia o excessivo luxo da mesa entre os romanos e gregos, depois que uns e outros descaíram da sua antiga e louvável sobriedade, como também o que hoje se vê nas principais cortes da Europa, preferindo a todos esses banquetes aquela simples e gostosa refeição que sua irmã lhes preparara em um tão agradável sossego.

2 Ibraim, maliciosamente, ajuntava tais reflexões que, insensivelmente, queria persuadir a sua abominável máxima, de que só na satisfação das paixões podia consistir a alegria a que todo o vivente aspirava. Misseno, instigado pela princesa, houve de contribuir a recreação da companhia com alguma história que a sua memória lhe fornecesse; e lhes contou um banquete bem estranho, a que ele dizia ter assistido, referindo-o na forma seguinte:

3 «No tempo em que el-rei Casimiro, pai do monarca que hoje ocupa o trono da Polónia, fazia grandes conquistas sobre os russos, tive eu precisão de ir acompanhado somente de dous cabos a examinar certo terreno e determinados postos que nos podiam ser ventajosos, porque el-rei me havia confiado os seus projectos e eu não devia comunica-los a outrem. Parti, pois, de Kiow pelo caminho que leva a Czernigow. Eis que, já de noite, confusos nos caminhos, cansados os cavalos, enregelados os membros, andando e desandando por um dilatado bosque, nos vimos como naufragando no meio da terra, porque, quanto mais caminhávamos para sair daquele labirinto, mais enredados nos víamos nele. A lua se havia retirado, as estrelas não ousavam aparecer naquela negra espessura; um pavor se derramava pelos corações e o juízo se perdia, sem saber como nos tiraríamos daquele embaraço. Eis que, de repente, nos achámos em uma fermosa lameda, que dava entrada a uma admirável casa de campo. Dous belos torreões guarneciam a entrada que nos conduzia por admiráveis passeios de arvoredo à porta principal, que achámos aberta e patente. Não é tão agradável a aurora no seu carro de ouro aos olhos do mísero

navegante que, no meio do Arquipélago[115], a cada instante perece, envolto nas trevas e nos perigos, como nos foi aquele palácio maravilhoso. Não pode desejar-se hospedagem melhor do que a que nos fizeram aqueles cavalheiros e senhoras. Nas chaminés, ardiam as madeiras mais cheirosas, nas mesas, eram as iguarias sumamente delicadas, os vinhos generosos e esquisitos, os licores de toda a espécie, de sorte que nós não acabávamos de crer o que estávamos vendo. Seguiu-se, à mesa, o divertimento do jogo, e a fortuna parece que tinha ido em nossa companhia, porque todos três ganhávamos com igual felicidade. Chegou, enfim, o tempo em que foi preciso retirar-nos cada qual ao seu quarto para descansar da fadiga. Numa bela sala que comunicava com as nossas câmaras, achámos com admiração nossa refrescos de frutas e doces e licores admiráveis e mil outras iguarias do mesmo género que as da ceia. Seguiu-se então á admiração o riso e a este a crítica de tão extravagante costume; mas, pouco depois, uma debilidade e não esperada fome que todos três sentimos nos obrigou a frequentar as mesas e a aprovar o que tínhamos reprovado. O frio acompanhava a fraqueza e as chaminés, lisonjeando a vista com umas chamas vivas e aromáticos vapores, não nos aquentavam muito. Como éramos militares, fazíamos motivo de zombaria da nossa mesma incomodidade, vendo que nem nas camas ricamente pomposas e adornadas cobrávamos sono nem nas mesas achávamos satisfação nem calor no fogo. Passada a noite em um inquieto movimento, passando das mesas à cama, do leito ao fogo e do fogo outra vez à mesa, chegou enfim a madrugada; e querendo sair muito cedo por cómodo da jornada e deixar aos criados que nos haviam servido algum sinal na nossa generosidade, visitando nós as bolsas, achámos que tudo quanto na noite precedente havíamos ganhado, tinha desaparecido. Este novo sucesso motivou novamente o riso, o qual cessou à força da admiração quando, tendo saído do palácio, querendo bem fixar o sítio de tão extraordinária vivenda, voltando os olhos, achámos um espesso bosque, estendido em redondo, sem que houvesse em todo ele o menor vestígio daquela casa de campo. Aqui, voltando-nos uns para os outros, fazíamos mil discursos e, enfim, conhecemos que tudo havia sido um gracioso encanto e ilusão da nossa fantasia, com que se tinha divertido algum mágico benévolo».

4 «Sem tardar tanto tempo,» — disse o filósofo — «o bom discurso fazia ver que nada era realidade. Fogo que não aquenta, cama que não consola, iguarias que não satisfazem e vinho que não esforça, logo se vê que são ilusão pura; se a mim me acontecesse esse caso, logo dizia aos companheiros que estávamos encantados».

[115] O Arquipélago é a porção de mar que fica entre a Turquia de Europa e a Ásia, todo semeado de ilhas pequenas em que, por isso, é facílimo naufragar na noite escura.

5 O conde ouvia e, entre admirado e incrédulo, estava lutando consigo mesmo e chegou a dizer a Misseno que, se não fosse a sua autoridade, nenhuma outra poderia obrigá-lo a acreditar semelhante sucesso. «E eu cuidava» — replicou ele — «que ninguém lhe daria mais pronto crédito do que vós, porque creio que muitas vezes vos terá acontecido cousa semelhante». Esta não esperada resposta deixou suspenso Ibraim e o conde; mas a princesa, sorrindo-se, lhes disse que também era do voto de Misseno, o que os intrigou notavelmente, e, enfim, lhe pediram que quisesse explicar o enigma e tirar o véu à parábola, declarando a doutrina que nela involvia.

6 Confessou Misseno que assim era, e continuou deste modo: «Na minha mocidade, não perdia ocasião de satisfazer às minhas paixões e apetites; e esta era a minha máxima e lei inviolável. E, com efeito, nesta jornada que fiz com os dous palatinos da Polónia, muito nos divertimos, largando a rédea aos nossos apetites. Porém, o meu coração sempre sentiu a mesma sede de alegria; e apenas passava o divertimento que, por um instante, me recreava, sentia o mesmo vazio interior e a minha pobre alma padecia uma espécie de fome canina, apetecendo sempre divertimentos, deleites e regalos e nada me saciava, porque, se depois de haver bem divertido, estava uma tarde só, logo me achava triste. Tecia com arte os prazeres de forma que, sem interrupção, se sucedessem uns aos outros, como vós, conde, fazíeis, segundo o que já me dissestes. Mas nada disso bastava para me encher o vazio do meu coração e, acabado qualquer deleite, vinha logo a tristeza. Ora, não é isto o mesmo que estar sempre a comer e ficar sempre com fome? Botar roupa sobre roupa, sem cobrar calor que nos console? Beber a cada momento, e sentir a mesma sede que dantes? Porque não diremos logo dos deleites que as paixões nos procuram o mesmo que daquelas encantadas iguarias dizemos.

7 As paixões, meus amigos, sim, nos dão alegria; mas é uma alegria falsa, fantástica e de ilusão, de sorte que jamais o coração do homem com ela ficará satisfeito. Vós o experimentais e ninguém pode negá-lo, porque a ânsia com que depois de um divertimento se procura outro e depois de conseguir um empenho nos embaraçamos com outro, mostra que o coração ainda está vazio e que a alma ainda se acha faminta e que tudo com que a entretiveram foi puramente fantástico. Dizei-me, se um estivesse embolsando sempre dinheiro e mais dinheiro e, quando quisesse uma moeda, achasse a bolsa vazia, quem lhe persuadiria que era verdadeiro o ouro que nela tinha lançado? Assim digo da alegria das paixões. Eu sempre a buscava, entesourando-a com ambição e avareza, mas, em me achando só, ia buscar no fundo do meu coração uma pouca dessa alegria que juntado havia e achava-me desconsolado, descontente e triste».

8 «Jamais» — disse o conde — «nos fizestes argumento tão convincente, nem pintura tão clara do que por mim tem passado em toda a minha vida. Vedes, Ibraim,

como ia errado o caminho que me ensináveis para a verdadeira alegria. Apeláveis do tribunal do discurso para o da experiência e agora vedes que nele sois igualmente condenado. Se as paixões dessem alegria, Ibraim, crede que ninguém a poderia ter maior do que eu, porque ninguém terá seguido as suas paixões com maior empenho e, não obstante isso, nunca houve pessoa mais perseguida da tristeza».

9 Não podia Ibraim disfarçar a cólera interna que lhe trasluzia pelos olhos; e o incêndio das suas paixões fumegava por todo o semblante: via-se convencido, e convencido por quem não tinha como ele profissão de estudos, que era o mesmo que ver-se um militar prostrado em duelo por um paisano. A confusão lhe embaraçava o discurso, a política lhe atalhava as injúrias, que é o último recurso de quem fica vencido, quando a soberba lhe proíbe o confessar a vitória. Esta luta interior da sua alma, que se batia com todas as paixões a um tempo, se dava a conhecer cá fora; queria falar, mas calava-se, sem que se conhecesse o que queria dizer.

10 A princesa, que era empenhada na vitória, achando o seu inimigo atordoado, quis, posto que com braço feminino, correr-lhe nova lança, a ver se o rendia de todo e lhe disse assim: «Para ver, Ibraim, que a satisfação das nossas paixões não pode dar alegria verdadeira, basta ver que o mesmo que, ao princípio, nos dá gosto, sendo continuado, enjoa e, finalmente, aflige. A música mais harmoniosa, a mesa mais delicada, o teatro mais completo, em passando um certo tempo, começam a enfadar, de sorte que, se nos obrigasse, por força a aturar esses mesmos deleites, sem alguma mudança, por nove ou dez horas seguidas seria um tormento desesperado. Fazei, Ibraim, anatomia na nossa alma e achareis que o seu paladar é por extremo delicado e facilmente se embota, de maneira que, à força de continuação, o gosto se muda em fastio, o fastio em angústia, a angústia em desesperação. Ora, quando se viu jamais este paradoxo, que a origem da verdadeira alegria chegasse a causar tristeza? Perdoai-me, se me meto a filósofa, mas, ainda que mulher, como quero ter parte no descobrimento deste tesouro, quero dar de quando em quando com o discurso a minha enxadada, porque, de outro modo, não participarei dele. Que vos parece, Misseno?»

11 «O sistema de querer satisfazer as paixões» — respondeu ele — «tão longe está de ser a origem da nossa alegria, que só o será de muitas aflições e tristezas. O nosso coração tem grandes asas e, batendo-as com ânsia, se levanta no ar em busca do que deseja e nunca voa terra terra, como essas andorinhas que vedes: imita as águias que se remontam sempre, e não sabe voar senão ao alto, desprezando a humilde região do fácil, porque só o que é difícil excita o nosso apetite. Além disso, o coração, voando por essa região, vastíssima, sempre sobe, e apenas consegue o que desejava, já deseja cousa mais alta; assim cresce com o voo a dificuldade, com a dificuldade o cansaço, e com este o desgosto. Mas o coração sempre

bate as asas, tirando da fraqueza novas forças. Se acontece que, topando com grande obstáculo, depois de muita fadiga felizmente o vence, então, estribando sobre essa vitória novas esperanças, ainda mais se remonta. Mas, enfim, bem vedes que, subindo sempre o desejo, por força há-de passar da esfera do difícil e entrar no que já é moralmente impossível; e então quantos desejos temos, tantos desgostos nos preparamos, porque o nosso coração, Ibraim, embaraçado na dificuldade que não pode vencer, é como a ave colhida no laço que, quanto mais bate as asas, tanto mais se determina a dar satisfação às suas paixões, vai buscar indispensavelmente mil desgostos, aflições e tristezas».

12 Rebenta furioso o vulcão, quando, ardendo largo tempo o subterrâneo fogo, não acha respiradouro por onde pouco a pouco desafogue; e assim fez o incêndio que o espírito da Soberba ateara no coração do maometano. Entre mil pasmos, admirações e espantos, punha as mãos na cabeça e mal se levantava do seu lugar, logo voltava a ele. Tomava os céus por testemunha, queixava-se aos ventos e penhas, e sem acabar de explicar o que dizia, nem dava atenção ao mesmo que ele pronunciava. O conde estava de parte, observando como num espelho os efeitos da paixão, e via como ela cegava a Ibraim para não ver a verdade: a verdade que até o mais ignorante confessaria. E esta doutrina muda lhe era de grande proveito. Entretanto, ninguém falava nem o contradizia; e depois que o vulcão vomitou pedras, chamas e fumo, isto é, injúrias e palavras confusas, já algum tanto mais sossegado, dizia com ironia que dava graças ao céu de ter nascido em tempos tão ditosos, nos quais se descobria o que nenhum sábio até àquelas idades tinha descoberto, que dali por diante, quando quisesse alegrar os seus amigos e convidados, cuidaria com todo o estudo em mortificar-lhes os apetites, reprimir-lhes as suas paixões, humilhar-lhes a vaidade e orgulho, ferir-lhes o amor próprio, já que o domar as paixões era, segundo a nova filosofia, meio do mais sólido contentamento. E depois, voltando-se para as criadas que ali tinham ficado, com vilíssima pobreza de alma, mendigava aqueles sufrágios na falta de outros melhores, e cuidava que era aprovação tácita o riso que dele faziam, que tão cego tinha o seu entendimento. Acrescentava que ninguém tinha sido mais benigno com os homens do que o famoso Nero, pois que nas suas tiranias, quebrando as paixões dos outros, lhes procurava, segundo a doutrina de Misseno, a mais completa alegria. «Não tenho mais que aprender», dizia, «esta lição me basta»: e, despedindo-se com certo pretexto, tomou o seu bordão e se retirou desconfiado.

13 Celebraram os dous irmãos, como era justo, a retirada do filósofo, e Misseno, todo aplicado à instrução do conde, lhe disse desta maneira: «As paixões, amigo, são, como já vos disse, semelhantes aos brutos: domadas, servem para nos dar gosto; rebeldes e soltas, só para nossa ruína servem. Se o cocheiro frouxo e negligente larga

as rédeas aos brutos, porque os acha indómitos e furiosos, que efeitos pode esperar da sua frouxidão e preguiça? O coche vai sem governo e corre precipitado; lá inclina, lá cai, lá vai o cocheiro a rastros, os cavalos lhe passam por cima, passam por cima dele as rodas e lá o tiram atropelado, ferido e morto. Quanto melhor lhe fora ter as rédeas tesas e domar, ainda que lhe custasse, os brutos? Meus amigos, sempre os danos que se nos seguem, quando deixamos as nossas paixões correr à rédea solta, são muito maiores que o trabalho de refreá-las; e assim, quando não fosse senão por nos poupar a grandes desgostos, devíamos sempre governar pela razão as nossas paixões e apetites». Nestes e noutros semelhantes discursos estavam os três amigos ocupados, quando um não esperado sucesso veio interrompê-los.

14 Essa detestável Fúria, que com as máximas da falta política costuma intrigar os soberanos, abrasar os reinos e meter em prepétua discórdia o mundo inteiro; essa Fúria, digo, no subterrâneo conciliábulo havia tomado por empresa o atalhar pela separação do conde e de Misseno, a introdução da sã filosofia que era tão funesta ao inferno. E assim, atiçando o fogo mal apagado nos estados da Polónia, fez vir um embaixador de Lesko dirigido a Misseno.

15 Como o embaixador só sabia confusamente onde Vladislau se ocultava, andava vagando por aqueles montes para descobri-lo. Eis que se encontra com Ibraim, que se ausentara da companhia da princesa. Vê ela de longe, sobre o cume da serra fronteira, um nobre cavaleiro que, encontrando-se com o filósofo, parava: observa que Ibraim parece estar embaraçado com as perguntas do estrangeiro e que apontava para o sítio em que Misseno estava, seguindo depois cada qual o seu caminho. Tomou o cavaleiro a descida que vinha ter à ponte, donde inferiram que os buscava. Mil discursos se faziam para adivinhar o que seria, mas enfim determinaram a princesa e o conde sair-lhe ao encontro, para que estivessem mais perto de casa, se houvessem, como cuidavam, de voltar a ela; e por isso se despediram de Misseno, o qual, mui sossegado, se tornou ao seu trabalho, cultivando a terra ou, para melhor dizer, aquelas ingratas penhas.

16 Poucos passos dados, encontraram o cavaleiro que procurava por Uladislau, que fora rei de Polónia, de quem por indícios se sabia que habitava incógnito naqueles ásperos montes. A princesa ficou perturbada, duvidando se devia confessar ou esconder o segredo; porém, lembrando-se do juramento dado, politicamente disse: «Nestes montes conheço há poucos dias um varão respeitável pelo seu juízo, costumes e prudência que se intitula Misseno; ignoro quem seja, mas vendo-o vós, podereis conhecê-lo e tirar-vos da dúvida. Só posso dizer-vos que se a coroa se deve aos merecimentos, ninguém a pode cingir na testa com maior justiça do que ele».

17 Parte com esta notícia o cavaleiro alvoroçado, sobe a montanha e acha Misseno bem desprevenido. A longa barba, o vestido grosseiro, o traje camponês haviam mudado a sua figura; porém, nenhuma mudança tinha Govored, valido íntimo de Lesko, chamado «o Branco»: este era o cavaleiro, o qual vinha com certa embaixada. Vê-o, subitamente, Misseno, e conhece-o: assusta-se e fica suspenso, prevendo que alguma novidade lhe vinha interromper o sossego de que gozava naquele doce retiro. A fala de Misseno certificou o cavaleiro de quem ele era, e ia lançar-se-lhe aos pés como a seu soberano, o que Misseno não quis consentir por nenhum modo. Passado o momento das admirações recíprocas, disse Govored desta maneira:

18 «Senhor, se o amor da pátria e dos filhos não é contrário à filosofia que professais, tem em vós a Polónia todas as suas esperanças para escapar do último precipício a que a falsa política a tem levado. Todas as subterrâneas e infernais cavernas, forjando sem cessar as setas mais penetrantes e envenenando-as no sangue dos dragões da lagoa Estígia, não poderiam bastar a fornecer armas a esta monstruosa fúria da Política, que na Polónia não faz senão soprar a mais deplorável discórdia, não só entre os vassalos e o soberano, mas entre todos os membros desta indomável monarquia. Já sabeis a repugnância que todos os povos tinham, quando Lesko devia subir ao trono, se ele me não desterrasse da corte. A infeliz confiança que este príncipe, desde os seus primeiros anos, teve nos meus conselhos, os atemorizou de sorte que lhes negavam a obediência, como vistes, se ele de si me não separasse. Vós, senhor, sois testemunha que com exemplo raro este príncipe preferiu um amigo a um trono; julgai com quanto maior vínculo o meu coração se devia unir a quem me dava provas de tão extraordinária amizade. Desde esse momento, pois, Lesko vivia em mim, e eu vivia nele: uma só alma animava dous corpos, um só entendimento havia e uma vontade única. Subiu enfim Lesko ao trono, quando vós o deixastes, porque o entusiasmo daquele povo guerreiro se esqueceu no fervor de um triunfo das máximas políticas que sempre adoptara. Agora, porém, estas revivem e, quais víboras, largos tempos escondidas no seio da mãe que as gerara, todo esse tempo engrossaram as suas furiosas cabeças e refinaram o veneno. Hoje, mais que nunca, el-rei está unido comigo e os povos, mais que nunca orgulhosos, não podem sofrer que eu o ajude a manejar as rédeas do governo, quando os brutos estão quasi tomando o freio nos dentes para precipitar de todo o carro da monarquia. El-rei, ou seja tímido das suas forças ou cego da minha amizade, de nenhuma maneira quer que me separe dele, que é o que eu desejo e ele devia querer. Mas seguro-vos que tanta honra me aflige e tanto carinho me despedaça as entranhas. Ele vê a minha aflição e isto duplica a sua. Por isso me manda aqui, para que vós, compadecido do estado miserável em que se acham o vosso soberano e a vossa pátria e os que já foram seus filhos, querais voltar ao trono que com tanta paz ocupastes.

19 Os povos, lembrados do vosso suavíssimo governo, a cada momento vos nomeiam; não soa nas assembleias outro nome, senão o de Vlasdislau; os velhos o pronunciam chorando de pena de vos haverem perdido; os moços com raiva e até os meninos, bebendo no leite o afecto dos pais, estão aprendendo a falar, pronunciando o vosso agradável nome; numa palavra, todos com saudades vos desejam. O céu se vê já cansado dos votos que lhe fazem de dia e de noite para que vos descubram os que ignoram qual seja a venturosa cidade que vos possui; e se o soubessem, todos aqui viriam para vos levarem em triunfo. Só Lesko tinha os indícios da vossa retirada habitação; e ele, mais que todos, vos pede que não negueis a vossa mãe, que é a pátria, este socorro na sua última ruína; que concedais ao vosso sangue o remédio único da sua aflição inconsolável; que vos lembreis que ele é vosso primo e vosso amigo; que já vos cedeu a primeira vez a coroa e que só por força a recebeu de vossa mão, quando lha deixastes; que se a inconstância dos povos vos ofendeu, bem arrependidos se mostram agora do seu primeiro erro; que desta vez sereis mais obedecido, pois que vos amam com preferência e sempre os erros do princípio foram os alicerces dos finais acertos».

Isto disse e, prostrado por terra, queria-lhe beijar a mão, intitulando o seu soberano.

20 «Não profaneis esse título.» — lhe disse Misseno, enfadado — «Deve-se ao vosso legítimo monarca e a nenhum outro se aplica. Direis a meu primo que não convém resistir ao céu por querer obedecer ao nosso capricho e paixões; que assim como não é lícito aspirar ao trono, quando o céu nos não chama, também não é permitido descer dele, quando a Mão Soberana aí nos tem colocado e que Deus, donde dimana todo o poder e soberania, está obrigado a dar força competente às mãos onde ele com a Sua mete o ceptro. A experiência me fez ver que as minhas mãos não eram próprias para poder manejá-lo e, por isso, não obstante que os homens mo quiseram dar, o céu mo tirou delas. Eu sei quanto ele me pesava e que a minha cabeça não pode sustentar a coroa que tanto, tanto me oprimia. Os povos se desgostavam, Lesko o presenciou, vós mesmo o viste. Meu pai três vezes subiu ao trono e outras tantas foi obrigado a descer dele. A morte o recolheu nos seus braços, conduzindo-o ao descanso, depois de uma vida tão cansada com as alternativas da fortuna. Ora, serei eu obrigado a herdar dele a mesma funesta alternativa? Quero, pois, aprender do exemplo alheio, quando tão perto o tenho, as máximas para zombar da fortuna.

21 Devo amor aos povos, à pátria e ao sangue: não posso negá-lo. Mas esse amor me obriga a aconselhar-vos o que convém ao bem de todos. Lesko nasceu para reinar na Polónia; eu o conheço, e conheço também o trono. Sei melhor que ninguém se um quadra ao outro. Dizei-lhe, pois, que saiba vencer-se a si mesmo, já que tem

triunfado dos outros, que se os inimigos não puderam vencê-lo, não queira agora ser arruinado por causa de um amigo, que as paixões que eram algum dia as mais inocentes e mais justas, se convertem muitas vezes em defeito, quando as circunstâncias se mudam. No princípio do governo, vós lhe ereis necessário; agora, a vossa assistência lhe é nociva. Então foi heroísmo preferir um bom amigo ao trono; agora é crime preferir ao bem público a particular amizade. Então a desconfiança das próprias forças num empenho novo e em idade tão tenra foi prudência; agora, depois da experiência e madureza, é cobardia. Que dirão os povos? Que o seu príncipe os abandona por um só vassalo? Um homem deve estimar o seu amigo; porém, deve dar por esta amizade somente o seu justo preço e não deve conservá-la à custa do público. Que diriam de um pai que, pelo simples gosto da assistência de um amigo, deixasse que seus próprios filhos mutuamente se degolassem, sem acudir a evitar em sua casa tão funestos desastres? Pois o mesmo dirão de meu primo, se pelo ocioso e feminino gosto de ter-vos ao seu lado, deixar cair a monarquia em rebeliões e guerras civis. Se eu aceitasse a oferta do trono, vós seríeis o ódio da monarquia, vendo todos que fostes a causa de ficarem privados de um tão sábio príncipe, como é o vosso soberano. Um príncipe tal, que ele só pode fazer toda a felicidade dos estados. Que maior mal poderiam causar os inimigos em uma batalha campal em que levassem prisioneiro a Lesko? O que fariam era privar os seus vassalos de tal monarca e roubar um tão bom pai a seus filhos. Pois outro tanto faz a funesta teima da vossa mal conduzida amizade. Vós seríeis olhado como um traidor, pois com o interesse do valimento consentíeis nesta universal perda, sacrificando a pátria à vossa ambição ou à paixão cega do amor.

22 Não, meu amigo, se até aqui fostes digno da amizade do vosso monarca pelos bons conselhos que lhe destes, agora não o sereis, se lhe aprovais esta resolução indigna. Enquanto meu primo vos vê, o coração não lhe ministra forças para vos dizer que vos retireis do seu lado; agora, porém, na vossa ausência, pode respirar do cativeiro; cativeiro, posto que suave, funesto. Retirai-vos, pois, vós mesmo e escrevei desde o vosso retiro estas razões a meu primo.

23 Se sois amigo do vosso soberano, também sois polaco e deveis à vossa pátria mais que ao vosso príncipe, porque é dívida mais antiga e aquela que vos deu o ser deve ser preferida a quem somente vos aumentou a fortuna. Do vosso retiro se seguirá a tranquilidade dos povos, a paz do soberano, a mútua harmonia entre eles e o bem geral dos estados, ao mesmo tempo que, se insistis a condescender com meu primo na sua mal-entendida paixão, ele se perde, vós sereis detestado e a pátria de todo se arruina.

24 No que respeita a mim, vós e ele podeis estar descansados, que nunca aprovarei por algum interesse o que a minha razão condena. Dizei a Lesko e dizei a todo

o mundo que eu quero trono mais alto, coroa mais nobre e vitórias mais gloriosas. Quero reinar sobre as minhas paixões e triunfar totalmente delas: esta é a minha decisiva resposta».

25 Isto disse com um ar tão majestoso e resoluto, que Govored não ousava replicar e protestou obedecer-lhe em tudo com o maior respeito e rendimento. A este tempo, chegou um criado da princesa, que pedia a Misseno oferecesse àquele cavaleiro a hospedagem no seu palácio, suposta a aspereza daqueles montes desertos. Misseno o fez com urbanidade política, recomendando-lhe o segredo da pessoa e da embaixada, o que ele prometeu, retirando-se bem triste.

26 Foi Govored hospedado pela princesa com magnificência e urbanidade, reinando mutuamente a política, ocultando o estrangeiro os segredos da sua embaixada e os hóspedes o conhecimento que tinham da pessoa de Misseno, sendo as belas qualidades deste solitário o assunto da conversação que, com estudo, uns urdiam e o outro cortava. Mas, no dia seguinte, quando ele, agradecido, se retirou, por algumas palavras que escaparam ao embaixador, suspeitaram os dous irmãos o motivo da sua diligência e a resulta dela, cuidando Govored que não teriam aqueles príncipes o menor comprincípio para entender as suas expressões vagas.

27 Da sua parte, Misseno ficara cuidadoso depois da embaixada de Lesko, mas, confirmando-se no seu antigo pensamento, se dizia a si mesmo: «Quanto mais glorioso seria Lesko, se quisesse reinar sobre si e domar as suas paixões! Infeliz é todo o homem que se deixa levar delas, ainda que a paixão seja a mais inocente, porque sempre é ser arrastrado por outrem, o que, ainda pelo melhor caminho, é indigno e danoso. Não ousa meu primo violentar o seu coração, dói-lhe quando o oprime; isso a todos custa. Porém, obre ele como quiser, que eu a todo o custo, hei-de insistir em domar sempre as minhas paixões. Muitas circunstâncias me hão-de suavizar este trabalho, porque por uma parte a força das paixões, quando se reprimem, sempre vai a menos, pois faltando o sustento à chama, ela cada vez mais se debilita, até que por si mesma se acaba. Por outra parte, as forças da alma se aumentam com o exercício da luta. Que vigoroso não se acha o braço do soldado veterano, que longo tempo tem manejado o escudo, corrido a lança e esgrimido a espada? Que cousa é que, sendo difícil ao princípio, não venha a ser fácil com o uso? Pois não será o mesmo nesta empresa de me vencer a mim próprio? Ânimo, Vladislau: triunfem os mais ou dos brutos, ou dos bárbaros ou dos inimigos. Eu triunfarei de mim mesmo. Sei que, além do que me tem custado, tenho que trabalhar muito: estou vendo ao longe mil combates, não importa. Não posso ser feliz doutro modo, e não quero por isso deixar de o ser. Talvez que todo o inferno se arme contra mim para fazer-me retroceder no meio da empresa; mas embora, que o céu se armará para ajudar-me. A luz da razão,

que é a voz do Ser Supremo, há-de ser guia das minhas paixões. Esta luz há-de ir diante, e depois elas a devem seguir. Cuidam os mais que eu as tenho já totalmente vencidas e mortas; enganam-se. Os movimentos repentinos que em mim sinto mostram que ainda estão vivas, posto que enfreadas. Preciso me é estudo, vigilância e cautela; e já que as paixões só morrem quando morremos, só com a morte devo cessar deste cuidado». Assim falava Misseno, e assim se animava a prosseguir na sua empresa.

G. Frois inv. sc.

A Paixão da Ternura com aparencia do Valido de ElRey de Hongria, Vem trazer ao Conde a Cruz ea espada para lhe lembrar a promessa q. fizera a ElRey de ir porelle militar á Terra Santa n.º 3.

LIVRO XV

1 Desesperado se voltou Govored com a resposta de Misseno, e confusa se tornou às infernais cavernas a Fúria da Política, vendo que nem a oferta voluntária de uma tão desejada coroa abalava o herói. «As paixões» — dizia a Política — «estão já nele tão amortecidas ou tão domadas, que nem este tão penetrante e vivo estímulo as pode fazer sair um só ponto da regra da razão, por onde ele as encaminha. Em vão me vali do amor da glória e da ambição do governo; em vão solicitei o amor da pátria e dos povos, o amor da paz e do público sossego; em vão fui despertar o desejo das delícias e das riquezas; em vão chamei a meu socorro a Mentira, e a Lisonja, o Engano e a Baixeza; em vão tinha disposto na sua entrada em Polónia a Sedição, as Intrigas, a Inconstância e o vil Interesse. Todas estas Fúrias estavam prontas a socorrer-me para excitar cada qual a paixão que lhe corresponde e não poderia escapar dos meus laços, se uma vez cedesse a qualquer destas paixões. Porém, tudo foi inútil, e não me deixará entrar no seu coração por algum lado. Já o ânimo de Lesko, arrependido da oferta, se preparava para o encerrar à falsa fé numa masmorra; já eu tinha disposto os descontentes para uma rebelião e motim descoberto, se Vladislau chegasse a presentar-se. Ah, e que rios de sangue correriam! Que estragos! Que horrores! Que maldades não veria eu para meu glorioso triunfo, se o seu coração se deixasse mover de qualquer leve paixão, fosse ela a mais inocente, porquanto em todas eu havia posto veneno; veneno suave, mas eficacíssimo, que se uma vez Vladislau o tragasse, eu sairia triunfante, perdendo-o a ele e impedindo que ensinasse a ninguém esta tão perniciosa doutrina». Disse; e, de repente, qual frenético desesperado, se mordia, despedaçava e espumava, voltando contra si mesma o seu furor insano.

2 Porém, a paixão da Ternura, compadecida da aflição da sua companheira, se ofereceu para a empresa e para com nova astúcia diminuir o mal, já que se não podia evitar de todo. Intenta, pois, arrancar o conde da companhia de Misseno. «Seja embora Vladislau» — dizia ela — «herói completo nos montes, mas não comunique as suas máximas a quem há-de viver nas cidades. Deste modo, sempre sairei triunfante, senão da sua pessoa, ao menos da sua doutrina». E apenas disse, toma a figura de Branchmanus, palatino de Hungria e confidente particular de André, rei dos húngaros, casado de pouco com uma irmã do conde. Tinha a infernal Fúria e mesma figura, o mesmo talhe; a voz, o semblante, o traje em nada diferiam, e se apresenta acompanhada de um simples criado à porta da princesa, quando ela e o conde saíam no dia seguinte para visitar a Misseno. Ficam eles suspensos com a sua vista: informam-se da saúde de sua irmã, a quem cordialmente amavam, e perguntaram pelo motivo de visita tão inesperada.

3 Jamais houve engano tão completo, aparência mais perfeitamente imitada. A Fúria infernal, no seu exterior, representa a prudência e mansidão, a gravidade e modéstia própria do palatino. «El-rei, meu senhor,» — diz ele ao conde — «me manda lembrar-vos a palavra que vós lhe destes no sempre memorável dia em que vossa irmã subiu ao trono, naquele alegre dia, no qual ela, em doce e perpétuo laço, uniu a sua mão e o seu coração e alma com a do régio esposo. Então ainda aquele voto que ele havia feito a Deus e promessa ao seu ministro de ir à Terra Santa, para arrancar das mãos infiéis o sagrado sepulcro do Salvador, ainda digo, não estava cumprido; ainda não tinha agradecido ao céu os benefícios que dele recebera; ainda se considerava coberto com a negra e horrível mancha de ingrato. Por isso, o seu coração gemia, a sua alma confusa se envergonhava de si mesma e cada vez que olhava para o céu lhe estava parecendo que ele o arguia, de forma que se o via risonho e alegre, então mais se confundia da sua frouxidão e preguiça; se o via em cólera e furor, disparando setas de fogo, se achava atemorizado, julgando que ele era o único motivo.

4 Nesta aflição, que diminuía muito o gosto daquelas bodas, vós lhe destes palavra de ir à Terra Santa em seu lugar, enquanto ele não tomava a cruz da cruzada para ir com um bom número de cavaleiros a reforçar o exército dos latinos, os quais, cheios de glória e de merecimento, militavam pela honra de seu Deus. Ainda el-rei se lembra do sítio, da hora e do momento em que o jurastes diante da terra e do céu e que os tomastes por testemunhas da vossa palavra, e com essa promessa descansou. Bem vistes que tinha justa desculpa, porque o carinho de uma esposa novamente recebida nos braços o embaraçava, e este amor esfriava o seu espírito marcial. Nem um coração cheio de ternura podia admitir aquele furor que pedia a guerra.

5 Vós mesmo lhe aconselhastes que, descansando na vossa promessa, cedesse por um pouco ao amor conjugal; e vistes que a vossa palavra o alegrou, de sorte que era para ele o seu total alívio. Tanto assim, que depois da vossa partida, ele vos via em sonhos, montado no soberbo e brioso ginete que para isso vos dera, ordenado com o seu real capacete; já baralhado com os inimigos e com a sua mesma espada penetrando as fileiras dos infiéis, já destroçando a uns, atropelando a outros e ferindo por um lado e outro, servindo de terror aos bárbaros, de modelo aos companheiros, de crédito à religião, de exemplo ao mundo. Vós não sabeis quão doce lhe era esta imagem, a qual, com gosto, revolvia na mente de dia, quando, de noite, assim se lhe figurava. Então nos repetia gostoso as deliciosas ilusões da sua alma; e este era o seu maior regozijo, o seu único sossego, quando, na doce conversação com sua amada esposa, vinha a perturbá-lo o seu antigo remorso.

6 Agora, porém, mais atormentado que nunca, sabendo que o amor da princesa vos retarda, vos manda lembrar a palavra que lhe destes, e o faz também saber à princesa, porque talvez o ignora. Porquanto presentemente, não obstante os gravís-

simos negócios do reino que o impediam, já se propunha largar sobre mim todo o formidável peso da regência da monarquia, para partir acelerado a desempenhar o meu voto. Nesta heroica, posto que tardia, resolução, determinava recuperar todas as proezas perdidas. Queria ir lavar ou com o sangue bárbaro ou com o seu próprio sangue a sua vergonhosa tardança.

7 Tudo estava determinado e tudo pronto. Já havia endurecido (ah, e que sacrifício era este!), já havia endurecido os ouvidos aos rogos de vossa irmã; já (mas que pena, que tormento não sofria el-rei!) com as mãos ambas sufocava o seu coração que gemia, ouvindo sem resposta, as lágrimas da cara esposa; já um triste adeus começava a separá-los, e separá-los talvez para sempre, quando vossa irmã caiu desfalecida e apenas a pôde sustentar nos seus braços. Então, depois de largo espaço em que ela estava, ora tremendo, ora imóvel como defunta, começou a dizer fora de si, diante de todos: "Ai, as lanças! Ai, esposo! Ai! Ai, lá cai atravessado, lá exala a alma, lá perde a vida, lá o atropelam os brutos, lá o despedaçam os bárbaros! Ai! Ai!". Nesse momento, um novo furor anima o seu coração: abre os olhos e vê o esposo; então, recobra o perdido alento, mas para perdê-lo de novo, pois quando acabava de tornar a si, ouvia o cruel adeus. Três vezes vi investir el-rei com a porta, outras tantas o vi tornar atrás a misturar as suas lágrimas com as da esposa desmaiada. Ah, e se vós outros o vísseis como eu o presenciei, não poderíeis reprimir as lágrimas de ternura que todos geralmente derramavam!

8 Então eu (perdoai, se foi atrevido o conselho) disse a el-rei que suspendesse a partida, e que eu vinha suplicar-vos que, satisfazendo a promessa, desseis um pouco mais de desafogo a esses corações oprimidos. Apenas pronunciei esta palavra, uma nova alma animou vossa irmã e um novo espírito vivificou aqueles corações moribundos. El-rei me aperta nos seus braços, a rainha não acha termos com que se explique; porém, as lágrimas, a alegria, o gozo, o semblante, a alma (sem dizerem palavra), tudo nela falava. A corte me agradece, todos me apressam, e eu parto nesse mesmo instante e aqui me vedes para levar na vossa resposta a vida a vossa irmã, o sossego a meu soberano, o gozo e regozijo a ambos e a consolação dos povos, porquanto todos temem perder nesta violenta separação ambos os príncipes, porque tão unidas estão as suas almas e os corações tão pegados, que, sendo um só em dous corpos, o mesmo será separá-los que parti-los».

9 Isto disse a Ternura; e, ao mesmo tempo, uma mão invisível derramava sobre a alma do conde todos aqueles afectos que podiam conduzir ao intento. Na sua face, se via o pejo e vergonha de haver faltado à palavra, e o seu coração sentia uma suave e compassiva ternura para com a irmã aflita. O ânimo lhe ardia com a ambição dessa glória que seu cunhado com tanta razão lhe supunha, de forma que já um fogo marcial lhe abrasa as entranhas, e não respira senão proezas, estragos e mortes. A princesa, mudamente acusada do crime que ignorava, protesta para sua justificação que não

consentirá que seu irmão prolongue a visita nem um só dia, se ele por isso há-de ser pérfido à sua palavra, perjuro aos céus e ingrato a um tal amigo como era el-rei, seu cunhado. Isto mesmo protesta o irmão e ambos seguram ao aparente embaixador que primeiro se embarcará o conde para a Síria, do que ele possa chegar a Buda[116]. Parte com isto a disfarçada Fúria e entra triunfante nas subterrâneas cavernas, gloriando-se do seu bem imaginado estratagema.

10 Olha para a princesa o conde, sem ousar dizer-lhe uma palavra; mas ela o preveniu, dizendo-lhe, com ânimo resoluto, que convinha partir, e partir sem demora, que muito lhe estranhava o segredo que naquela matéria lhe havia guardado e que pois a religião, a honra, a palavra, a glória, o agradecimento e o amor se empenhavam naquela partida, não havia que consultar, mas que prontamente devia seguir a razão e, já que estavam em caminho, era justo ir logo despedir-se de Misseno, pois que ela deixava ordem para tudo o mais que fosse preciso.

11 O conde, não preparado para aquele lance, ia a rastros, puxando vagarosamente pelos pés: alegava as saudades da princesa e o dano próprio na separação de Misseno. Então é que conhecia e pesava todo o valor daquela afortunada casualidade e, lamentando-se cruelmente, dizia que mais lhe valera não ter ouvido semelhante doutrina, que ver-se obrigado a abandoná-la, quando lhe era mais precisa, e quando maior esperança tinha de achar por seu meio a felicidade: a felicidade, esse grande bem, pelo qual toda a vida tinha suspirado. «Até os dons do céu» — dizia — «me vêm a servir de tormento; e só vi a luz para conhecer os horrores em que tenho estado, e em que volto agora a sepultar-me de novo. Eu me acho como um naufragante, o qual, depois de uma larga e penosíssima viagem, chega enfim ao porto e, quando vai a lançar os braços, a amada consorte que, sobre os rochedos, alvoroçada, o espera, à vista dela naufraga, assim sou eu, pois quando já ia quasi a possuir a verdadeira alegria, miseramente naufrago, vendo-me outra vez submergido no profundíssimo pego da minha melancolia».

12 Aqui se viu a princesa notavelmente embaraçada: era cousa cruel lançar da sua companhia um irmão que tanto amava, cruel o separá-lo de Misseno num momento tão precioso. «Terias tu valor,» — se dizia a si mesma, lutando o seu coração com o discurso — «teria tu valor para arrancar com mão bárbara o tenro infante do materno seio, quando começa a respirar do acidente mortal e entra a cobrar alento? Pois não é menos bárbara a violência que faço a meu irmão, quando por força o retiro do seio da verdadeira filosofia, onde principiava a receber forças e alentos de vida». Esta luta produzia na princesa o mesmo silêncio que a melancolia causava no conde. O ar lhes parecia turvo; já não viam aqueles painéis agradáveis

[116] Hoje, a corte da Hungria é Presburgo, antigamente era Buda. Ficam ambas sobre o Danúbio, aquela na alta Hungria, esta na baixa.

a uma imaginação poética; as aves estavam para eles mudas, os zéfiros presos, as flores murchas, as ervas secas, os prados agrestes, e tudo mudado, porque os corações estavam tristes.

13 Ao mesmo tempo, Misseno, pensativo, forjava na sua ideia o retirar-se daqueles montes para sítio onde não houvesse jamais memória dele, porque temia nova embaixada e que se a notícia certa de que ali vivia uma vez se espalhasse por Cracóvia, isso fosse o fomento de grande rebelião nos descontentes do governo. Mas, por outra parte, o retiro daqueles montes o encantava, a solidão do sítio e a tranquilidade da vida. Demais, a sua idade já cansada e a natural constância que os anos e discursos maduros inspiram, lhe faziam grande repugnância a desamparar tão amada soledade. Indeciso, flutuava sobre o que seria melhor, até que, enfim, deixava ao cuidado da providência a condução dos seus passos. Mas apenas havia feito esta total entrega do seu coração inquieto, levantou os olhos ao céu e com eles a sua esperança e lhe pareceu que via um gentil cavaleiro com uma cruz numa mão, uma espada na outra, montado num soberbo cavalo que, sem rédeas nem freio, o ia precipitando. Passou como um relâmpago esta figura e Misseno, confuso, ora acusava seus olhos, ora a sua imaginação, ora os desculpava a ambos.

14 Nisto chegam o conde e a princesa com passo lento, gesto melancólico, semblantes pensativos, e fica Misseno admirado. Instrui-o a princesa da novidade, acrescentando que o conde vem a despedir-se e agradecer-lhe o bem que lhe tem feito com a sua sólida e importante doutrina. «Não mereceu ao céu» — dizia — «acabar de ouvi-la, porque já um navio veneziano, pronto a partir de Akerman[117], o espera e deve sair em pouco tempo». Enfim, que triunfou dele a sua infelicidade e, aqui, as lágrimas a sufocaram. «Não digais isso, senhora.» — acudiu, cheio de ternura, Misseno — «Em todo o lugar, meu querido filho, que vos lembrardes dos meus conselhos, os achareis de suma utilidade e proveito. Não está a felicidade anexa a estes montes nem é produção particular destes rochedos. O coração do homem é o terreno em que esta planta nasce; e para qualquer parte que o homem vá, levar pode consigo a sua felicidade: o caso só está em saber cultivá-la. Tende ânimo e lembrai-vos do que me tendes ouvido, domai as vossas paixões, ainda que vos custe; governai-as pela verdadeira filosofia, que ela vos conduzirá como em triunfante carro, ao fim que desde o berço tendes desejado. E vós, senhora, moderai a vossa pena; e pois que a lei soberana o obriga a partir, tendo jurado diante do céu o ir defender a sua causa contra os bárbaros, o mesmo céu o protegerá nos seus intentos e conduzirá à sólida felicidade».

15 «Não têm as minhas lágrimas só o motivo que cuidais.» — acrescentou a princesa — «Outra lança me fere o coração e ser-me-ia necessário tê-lo de ferro

[117] O Niester desemboca no Mar Negro e quasi na sua foz fica Akerman.

para que mo não penetrasse. Sabereis que agora acabo de ver uma acção, a mais bárbara que jamais viram meus olhos. Um menino encontrei no caminho (perdido naturalmente dos pais) que vinha exalando a inocente alma à violência da sede; os pezinhos trémulos e vacilantes o faziam cair a cada passo, a língua, pegada ao céu da boca, não lhe deixava quasi formar palavra. Pego-lhe pela mão e quasi que o levo nos braços, que tanta era a sua fraqueza. Levo-o à porta de uma bela quinta, donde eu via sair rios de água que se perdia pela terra. Falo ao caseiro, que me deu um grande vaso de água tão fresca, tão bela e cristalina, que só o vê-la dava consolação ao menino. Põe-na à boca com suma ânsia, mas, fosse fraqueza ou fosse demasiada apetência, mal a tinha provado, o vaso lhe cai, a água se derrama e a sede mais se acende com a presença do bem que perdido havia. Peço ao caseiro que repita a diligência, mas, aplicado ao seu trabalho ou levado do seu descanso, fecha-me a porta e deixa-me com o inocente nos braços, desfalecido e chorando. Quis, quero e busco dar-lhe remédio e não o acho: desde esse lugar até à vossa cabana, não encontrei quem pudesse dar-me socorro, e não ouso pedir-vos que vades com incómodo vosso remediar a sua aflição e a minha. Mas não pereça o pobre sequioso por minha culpa; e como ele respire, eu, gostosa, receberei a nota de importuna.».

16 Não pôde Misseno conter-se; larga a enxada com ímpeto, levanta ao céu as mãos, caindo-lhe as lágrimas à força da ternura; toma o cajado e investe a descer a montanha, pedindo com grande ânsia que lhe diga o sítio, quando a princesa o detém pelo braço, dizendo-lhe desta maneira:

17 «Não está mui longe o aflito, e creio que ainda respira; se quereis socorrê-lo, bem o podeis fazer. Aqui o tendes». E, dizendo isto, lhe põe diante dos olhos o conde. «De bem longe tem vindo a correr, ardendo em sede da verdadeira felicidade; as suas entranhas secas e mirradas quasi me faziam fugir a sequiosa alma da triste morada em que vivia oprimida. Eu, sem saber como, o conduzi pela mão a esta feliz montanha, donde vejo sair a alegria em torrentes que se não podem estancar. Da que trasborda já ele começava a beber, quando o fado o arrebata e, mais sequioso que nunca dessa água gostosíssima de que chegou a provar, vejo que vai a perecer no primeiro passo que der longe de mim e de vós; de vós, que começáveis a dar-lhe nova vida, novo alento, porquanto o seu espírito nesta nova filosofia se acha mui tenro, mui fraco, mui menino! Que novo e estranho se achará nos perigos e lances que se lhe preparam! Ah, que se vós quisésseis… Mas se é loucura o pensá-lo, que crime será o pedi-lo? Porém, se, como acabais de dizer, não está anexa a estes rochedos a felicidade do homem, se para qualquer parte que o homem for, levará a sua alegria, se nenhum sucesso vos pode privar dela, vós podíeis… Porém… Ah, Deus meu, e que aflição é a minha!». Calou a princesa, e o restante só o disseram os olhos.

18 Misseno ficou suspenso um pouco; levanta os olhos ao céu e logo os abaixa; inclina a cabeça sobre as mãos que firmadas tinha sobre o cajado e reflecte que o conde, tomando a cruz para ir à guerra da Terra Santa, se não levasse um amigo que o dirigisse e domasse as suas paixões, era como o cavaleiro que pouco antes havia visto, montado sobre um cavalo furioso e sem freio. Entendeu então que não devia negar-se ao que lhe pediam e que a providência assim o determinava; e depois de um certo espaço, levanta a cabeça e, com um ar sereno, lhe diz: «Tendes, companheiro, amigo para vos seguir onde quer que fordes, se acaso quiserdes verdadeiramente seguir a razão em tudo quanto obrardes. Não posso ensinar-vos com mais energia a doutrina que tenho dito, senão sacrificando toda a minha tranquilidade ao vosso bem, porque assento que nada pode fazer um homem que mais o assemelhe a Deus e mais o faça agradável aos seus soberanos olhos, do que trabalhar em fazer feliz quem até ali o não era. Eu sou o primeiro que me ponho a caminho: vamos, filho meu. Não quero, senhora, que pereça por minha culpa o sequioso inocente». Isto disse; e sem entrar na cabana, começou a descer a montanha, ficando a princesa e o conde emudecidos. Tão grande era o seu pasmo, que nenhum ousava falar.

19 A princesa, porém, tornando a si da suspensão em que semelhante acção a pusera, lhe parecia que tudo era um sonho. «E como é isso possível?» — se dizia a si mesma, numa confusão e enleio — «Um soberano que despreza um trono depois de o ter ocupado, quer seguir um mancebo! Segui-lo, sem saber por onde! Segui-lo, para experimentar e sofrer a rebeldia do seu génio, a inconstância da idade, a oposição das paixões, a loucura dos prejuízos e os encontros de uma guerra! Segui-lo, sem saber o fim da empresa, e segui-lo, sem mais outro intento que fazer-lhe bem, ainda à custa de sofrer todos os males! E eu atrevi-me a pedi-lo! E eu pude consentir na minha ideia pensamento tão árduo e tão imprudente!» Entretanto, o conde, lançado aos pés de Misseno, soluçava, cerrando-o estreitamente consigo, sem poder explicar-se, aturdido com a inaudita amizade do príncipe. Então, viu com clareza e de repente, como quando se rompe a nuvem espessa que encobria o sol, viu, digo, tudo o que Misseno havia ensinado de palavra e que o queria pôr a respeito dele por obra; e quando as lágrimas fizeram tréguas, apenas pôde explicar-se em poucas palavras, e disse desta maneira: «Sim, eu vos serei fiel; vós sereis senhor de minha alma, e em mim não haverá outro querer, senão unicamente o vosso».

20 Recobrada então a princesa do enleio, pôs os olhos em Misseno e lhe disse assim: «Cheia de pejo, senhor, e submergida num jamais experimentado abismo de confusão, vos rogo que me perdoeis o indesculpável atrevimento de pedir-vos o que vos pedi. Vós o quereis, senhor, seja: mas rogo-vos que o façais por acção gratuita da vossa beneficência e por modo nenhum seja despacho da minha súplica, pois retratando a minha louca ousadia, isto é, só o que vos peço, que o façais por

vós ou pelo Ser Supremo, a quem quereis consagrar em meu irmão uma estimável vítima, mas não o façais a meu respeito. Não, porque serei infeliz se, por toda a minha vida me julgar oprimida com o imenso peso de um tão extraordinário favor. Não espereis de mim outro agradecimento, senão uma sincera confissão da verdade das máximas que me tendes ensinado, e a aplicação que farei delas em mim mesma e em meus filhos. Este será o meu único agradecimento, porque, na realidade, só a vossa virtude será a vossa verdadeira recompensa. Sim, porque não espera outra, quem faz como vós uma acção tão heroica. Enquanto, senhor, obrardes assim, forçosamente haveis de fazer ingratos, porque não podem os homens corresponder dignamente a acções semelhantes. Mas já vejo que para os não fazer, olhais só para vós e para o Ser Supremo que vos ilustra, que vos inspira e que vos move. Ele será quem vos premeie».

21 «Assim é, senhora,» — lhe respondeu Misseno — «depois que conheço o coração humano, costumo obrar desse modo. Nada espero da creatura, porque outro motivo mais nobre me anima. Quando obro bem, gosto da virtude em si mesma, só porque é virtude, porque a luz da razão me dirige e porque a voz de quem me formou me chama para a executar. Gosto da virtude, porque ela é um reflexo da formosura infinita que nela resplandece, assim como os olhos gostam do reflexo do sol que brilha cá em baixo nas águas. Deste modo, nunca me acho enganado com o não esperado procedimento dos homens: e só se Deus mudasse a sua natureza, se a virtude não fosse virtude e se o bem fosse detestável, só então eu poderia arrepender-me de o ter abraçado. Não quero, meu filho,» — disse, voltando-se ao conde» — «não quero que domeis as vossas paixões, porque eu vo-lo peço, nem porque a minha amizade o merece: não. Só quero que as domeis, porque a luz da razão o manda e porque o Soberano Ser que vos deu a vida e que vos há-de dar a verdadeira felicidade, o deseja e disso se agrada. Vamos a embarcar-nos e não se diminua pela demora a perfeição do sacrifício».

22 Com isto se puseram a caminho; e a princesa, rocobrando o seu antigo tom para disfarçar a mágoa da saudade que sentia, começou a gracejar, descrevendo poeticamente as proezas militares que de seu irmão esperava. Misseno, depois de consentir que um discurso jocoso alegrasse o coração oprimido do conde, atalhou as incertas esperanças que podiam enganá-lo, e lhes disse assim:

23 «Filho meu, não vos deixeis enamorar de um gosto e de uma glória que é vil e incerta, podendo deixar-vos encantar de outra muito mais sólida e segura que na vossa mão tendes. A vitória dos inimigos na guerra é mui duvidosa (eu falo como quem toda a sua vida teve o exercício das armas), porque isso depende dos companheiros, depende dos inimigos, depende da casualidade, de maneira que os maiores generais têm sido muitas vezes vencidos. E se deixais crescer no vosso coração estas esperanças que o desejo inventa e a vaidade acredita, grandes

desgostos vos esperam, porque mui frouxo há-de ser o vosso coração, senão passar com as esperanças além do que a inconstante fortuna vos talha na realidade. Não, filho meu: tende pensamentos mais nobres e menos arriscados. Derramar sangue humano, vencer capitães, atropelar heróis, talar campanhas, arruinar muros, assolar cidades, abrasar edifícios, fazer perecer à fome e à sede povoações inteiras, obrigar a muitas mães a que se vejam na dura necessidade de se sustentarem de seus próprios filhos, como tem sucedido[118]: isso fazem as feras nos bosques, os bárbaros nos povoados e os raios do céu nos campos. E reflecti que é mui vil a glória em que vos podem exceder as feras, os salvagens ou os tigres humanos. Não sustenteis o vosso coração com tão vil alimento. Outra glória maior vos deve namorar e deveis procurar nesta empresa, que é obrigar a Deus a que vos louve e goste de vós». Pasmaram o conde e a princesa de ouvir a proposição: e Misseno, advertindo no reparo deles, a confirmou dizendo: «Sim, porque a sua essencial rectidão gosta da sólida virtude e louva no sublime consistório tudo o que é verdadeira heroicidade. Ide só para dar testemunho aos céus e à terra, que nada é bastante a desviar-vos da vossa obrigação. Fazei ver que nem as delícias do tálamo, nem o amor da princesa, nem os horrores da morte, nem (o que mais é) as paixões do coração humano vos podem deter a que vades obsequiar a religião ou, livrando-a do ultraje ou sacrificando-lhe a vida».

24 «Ah, que dizeis bem!» — replica a princesa — «Nunca, meu caro irmão, nunca vos será mais necessário o vencer as paixões do que na presente guerra. Ponde diante dos olhos os que vos têm precedido nesta empresa, e vereis que as paixões que eles não souberam vencer diminuíram, retardaram ou fizeram quasi inúteis as suas vitórias. Por nossa infelicidade, muitas provas temos e bem recentes do que acabo de dizer. Que embaraços não puseram à tomada de Jerusalém os loucos amores de alguns cavaleiros famosos que militavam na sua conquista? Que males não causou a inveja secreta que havia entre eles, as intrigas dos príncipes latinos, a oposição das nações e a ambição dos capitães? Eu não sei como, no meio de mil paixões desenfreadas, pode ter feliz sucesso a conquista de Jerusalém. Mas que importa que o valor a conquistasse, se uma paixão foi causa de que a perdêssemos? Meu querido irmão, para não entrardes numa guerra com os olhos fechados, eu vos instruo em poucas palavras da causa que vos obriga a ir expor a vossa vida para resgatar a cruz do Salvador e livrar do poder dos bárbaros o seu adorável sepulcro. Enquanto vamos caminhando, vos posso ir instruindo.

25 Depois que Gotfredo de Bolhões, com valor mais que humano, ganhou Jerusalém e deixou este reino a seus sucessores, veio, enfim, seu descendente Amalrico I, o qual, do primeiro matrimónio, teve a infanta Sibila, que deu em

[118] Livro 4 dos Reis, cap. 6, v. 28.

casamento a Guilherme de Longa-Espada, marquês de Monserrate, e teve também a Balduíno IV. Mas, do segundo matrimónio com a princesa Dona Maria, sobrinha de Manuel Comneno, emperador de Constantinopla, teve a infanta Dona Isabel, a qual depois casou em primeiras núpcias com Aufrido de Toron, neto do condestável de Jerusalém.

26 Herdou a coroa Balduíno IV, e herdou também o valor, a prudência, o esforço e a arte da guerra, que tanta glória haviam dado aos seus antepassados, de sorte que em vão Saladino, grão-sultão do Egipto, Saladino, o terror da Ásia, o segundo Alexandre, o inimigo jurado do nome de Deus e instrumento de todo o poder dos infernos, em vão, digo, o atacou perto de Ascalon, porque foi vergonhosamente vencido. Mas não pôde Balduíno vencer as enfermidades nem curar-se jamais da lepra, a qual lhe impediu o casar-se. Pôs então os olhos em sua irmã Sibila, que já era viúva, e, para lhe deixar a coroa, a casou com Guido de Lusinhano, de nação francês, da casa da Marcha, o qual, por puro zelo da religião, fora visitar aqueles santos lugares. A este príncipe, depois do casamento, nomeou Balduíno regente do seu reino.

27 Não sofreu Raimundo, conde de Tripoli, a fortuna de Lusinhano, porque servia no seu coração a inveja, a raiva, a malícia e a intriga. Incita, ocultamente, a Saladino, para que rompa as tréguas, não obstante tê-las jurado por dez anos. O direito das gentes, a palavra de um emperador, a inocência dos povos que haviam de ser imolados ao seu furor e intriga, nada detém a Raimundo, porque este crime lhe é favorável: insta, pede, roga, persuade e a tudo se oferece. Admite Saladino os conselhos e promessa do conde de Tripoli e, de repente, cai com todo o seu poder sobre a Palestina. Acha-se el-rei de Jerusalém desprevenido e, sobre desprevenido, leproso, e, sobre leproso, totalmente cego, e larga a Guido de Lusinhano, seu cunhado, o governo das tropas. Mas era para este delicado príncipe mui pesado o escudo, e o capacete oprima a frouxa e mimosa frente; as mãos, acostumadas ao ócio, não sabiam manejar a lança e, nestas circunstâncias, não soube aproveitar o favor da vitória que as armas dos latinos já por mero costume ganharam. Retirou-se Saladino vencido, mas sem perda, e Lusinhano vitorioso, mas sem glória, ficando irritados todos da indigna frouxidão do afeminado general. Sabendo isto el-rei, o privou do governo com ignomínia, e nomeou por herdeiro da coroa a seu sobrinho Balduíno V, filho de sua irmã Sibila e do marquês de Monserrate, Guilherme de Longa-Espada, seu primeiro marido. Deste modo, tirou a coroa do padrasto para a pôr na cabeça do entiado, menino de cinco anos. Não teve Lusinhano coração para sentir a afronta (prova de que a merecia) e, não podendo ser o reino governado por um rei cego nem por um herdeiro menino, se entregou o manejo do ceptro ao infeliz e detestável Raimundo, conde de Tripoli, o qual muito tempo antes aspirava à coroa de Jersusalém, sem mais direito que a sua ambição, sem mais merecimentos que os seus enormíssimos crimes.

28 Morre el-rei oprimido de achaques e de desgostos e, sete meses depois, morre Balduíno V, herdeiro da coroa, já fosse que o padrasto tingisse as ociosas mãos no sangue do inocente (digno triunfo da sua bárbara pusilanimidade), já que sua própria mãe Sibila, querendo herdar do seu filho o ceptro, lhe arrancasse a vida que lhe dera com disfarçado veneno. O certo é que nesse mesmo dia da morte, em lugar de lágrimas, se viam no semblante da mãe sinais de gozo e de alegria, por se ver aclamada rainha de Jerusalém, na igreja do Santo Sepulcro, e seu marido Lusinhano colocado no trono.

29 Foi este dia de horror para todos os latinos, de forma que seu próprio irmão Gofredo de Lusinhano, príncipe de grande valor e merecimento, em vez de celebrar a exaltação de Guido ao trono, se explicava, dizendo «Os que fizeram a meu irmão rei, me fariam Deus, se me tivessem conhecido», tão notória era a indignidade de Guido, tão cego o amor de Sibila, sua esposa, para com ele.

30 Menos veneno bastava para fazer rebentar dentro do peito do conde de Tripoli o seu coração inchado. Não atende a nada, mais que a ver como há-de arrancar, seja como for, da cabeça de Lusinhano a coroa, para a cingir na sua testa. Não há razão que o favoreça, não há direito que lhe assista, não há votos que o ajudem, não há forças que o socorram, mas não importa: há ambição, isso basta. Começa a fomentar uma rebelião. Dizendo que a coroa de Jerusalém não pode cair em filha; que um ceptro ganhado á força da espada devia sempre ser sustentado com ela, e que assim nem Sibila nem Isabel, meia-irmã de Sibila, filhas ambas de Amalrico I, podiam herdar aquele trono. Soava bem esta opinião nos ouvidos dos descontentes; ateia-se o incêndio; amotinam-se os povos, e tudo está disposto para uma rebelião manifesta. Imagina então aquele monstro um novo estratagema para conseguir o intento e manda dizer por terceira pessoa à rainha assustada que ele se obrigava a sustentar-lhe na cabeça a vacilante coroa, se ela repudiasse a Lusinhano, o qual era o ódio de todos os cavalheiros; e esperava o conde de Tripoli que a rainha, em reconhecimento de tão grande favor, poria nele os olhos, depois de repudiar o marido, pois que já tinha manejado o seu ceptro. Que loucura não é crível a um entendimento preocupado de uma paixão furiosa! Era Raimundo casado, era casada Sibila, e crê que desfeitos os dous indissolúveis vínculos, pode ele unir-se com a rainha para empunhar com ela o ceptro.

31 Cede a rainha à proposta e promete repudiar o marido, contanto que os cavalheiros dessem juramento solene que receberiam todos por seu legítimo rei aquele a quem ela depois escolhesse para esposo. Celebra-se a funesta, posto que então alegre, cerimónia de repudiar Sibila solenemente a Lusinhano, seu legítimo esposo; e alvoroçando-se o conde, enganado pelas suas vãs esperanças, já lhe parecia sentir na cabeça a gloriosa coroa e na mão o ceptro. Tudo está suspenso, tudo atento, tudo na maior expectação, quando Sibila, tendo já repudiado a seu legítimo

marido Lusinhano, depois de receber no trono todas as honras de soberana, baixou dele para escolher esposo. Os olhos de todos a seguem, mil pertendentes esperam ser soberanos dentro de um instante; e Raimundo crê que, sem dúvida, deve ser preferido a todos. Eis que Sibila, chegando-se a seu repudiado marido, lhe dá um ósculo como a esposo e, tirando da própria cabeça o real diadema, lho cinge na testa, dizendo a toda a assembleia, sorrindo-se, que não era lícito aos homens separar os que Deus havia juntado.

32 Não arde nas entranhas do Vesúvio maior incêndio[119], quando, fazendo tremer a terra, se prepara para vomitar as chamas contra o céu e afogar os mortais com rios do fogo do que ardia no coração do conde o ódio, a cólera, a vingança. Não há trincheiras que suspendam a fúria da sua ambição ofendida: a religião, a honra, a razão, o direito das gentes, tudo é nada. Raimundo jura a vingança, e por força há-de vingar-se, ainda que ultraje os céus, que abrase a terra, que se precipite nos abismos e que no furor da sua vingança involva o mesmo Omnipotente: tudo se há-de sacrificar. Vai solicitar o sultão do Egipto; esse mesmo sultão que, diante dos céus, tinha jurado de perseguir como inimigo o Deus de Raimundo, a esse vai agora Raimundo implorar como a seu protector, e isto para fazer guerra ao seu mesmo Deus. O sultão, oprimido com as armas dos latinos, sim, havia pacteado tréguas de novo, mas não importa: «Falte ao juramento», dizia Raimundo, «falte ao céu, rompam-se os diques da razão, da honra, da religião, como seja para satisfazer a minha vingança».

33 A natureza se enche de horror e ele mesmo havia pasmado ao primeiro aspecto do crime. Mas a paixão o impele, ordena e manda que a todo o custo se vingue. Saladino não acaba de crer tão execranda proposta, de sorte que nem o bárbaro podia imaginar que num peito cristão se pudesse nutrir semelhante enormidade; e assim iludiu a resposta com pretexto de que não podia ele, seguindo a Mafoma, dar socorro a um amigo de Cristo e, por conseguinte, inimigo do Profeta, e que somente se ele, conde, renegasse da fé, poderia ser rei de Jerusalém. Tinha Saladino por impossível que chegasse a tanto a paixão da vingança. Mas não repara o conde em nada: renega de Cristo, jura obediência ao falso Profeta, tremendo todos e até as montanhas ao ouvir semelhantes horrores.

34 Em consequência disto, arma um estratagema e faz vir todo o poder do sultão sobre Teberíades, dote de sua própria mulher, para maior disfarce da traição. Havia, nesse tempo, o conde feito simuladas pazes com Lusinhano, rei de Jerusalém, e lhe pedir socorro contra Saladino para defender o dote de sua esposa. Pinta, aviva, encarece o perigo, para que não fique em Jerusalém nem soldado pago nem milícia,

[119] Muitas vezes se tem visto no Vesúvio e também no Etna, antes de uma grande erupção de fogo, tremer a terra muito e soar um surdo trovão continuado, e depois saírem chamas horríveis pela boca e por vários respiradoiros torrentes de bitume ardendo.

acudindo tudo a impedir o golpe do sultão. Entretanto, o conde, com as suas tropas, faz semblante de o acometer, mas, na maior força do combate (segundo os ajustes da traição), se rebela contra os latinos e à falsa-fé, executa a mais bárbara carniceria em seus mesmos irmãos, e tudo perece. O sultão triunfa e, zombando do conde, entra soberbo em Jerusalém, apodera-se do Santo Sepulcro e leva em cativeiro a cruz do Salvador do mundo e, na força da vitória, apenas concede a vida aos reis que, prisioneiros, foram mandados para Damasco. Não foi isto piedade, porque não conhecia o bárbaro este suave aspecto, mas fomento da sua ambição, na esperança de quantioso resgate. Aqui tendes, meu irmão, o que vos obriga a expor a vossa vida. Vede o que faz uma paixão desenfreada e quanta razão tem Misseno para vos aconselhar que as domeis com todo o cuidado».

35 «Eu não vos podia, meu filho,» — acrescenta Misseno — «mostrar um espelho mais claro e fiel para verdes nele retratado o coração humano, do que vossa irmã vos tem dado nesta simples narração. Quanto sangue inocente se não tem derramado e ainda se há-de derramar por causa desta paixão? Que famílias não têm perdido os pais, fundamentos das suas vidas, perdido os filhos, esteio das casas vacilantes e meio arruinadas, perdido os maridos, consolação e amparo das esposas de tenra idade? Que horrores, que desordens se não têm cometido há mais de trinta anos que o infeliz Raimundo se abandonou à sua ambição? Mas não cuideis, meu filho, que há só este exemplo no mundo; tudo o mais é assim, com pouca diferença; não há maldade, nem desgraça nem sucesso horrível que, ou por um modo ou pelo outro, não seja efeito de alguma paixão desenfreada. Esses crimes vistos no conde de Tripoli nos fazem bramir; outros semelhantes em mim ou em vós escandalizariam a todos os que os vissem, mas, vistos por nós mesmo, não nos causariam horror algum, porque é efeito próprio da paixão o cegar-nos, quando nos impele ao mal para que o não vejamos, senão depois de estar cometido».

36 «Eu vos protesto» — diz o conde — «que jamais me deixarei levar das minhas paixões e que desde hoje em diante será sempre a lei da razão a minha única guia». «Cumpri vossa palavra» — diz a irmã — «e sereis o maior herói dos nossos tempos e de todos os séculos». «Dou-vos a Misseno por testemunha» — replica o conde — «e a minha mão por fiador». Passado isto, se demoraram algum tempo em Akerman, enquanto se aprontava tudo o preciso para a viagem, e chegaram finalmente ao porto à vista do navio que os esperava.

37 Viu-os Neucasis, capitão da nau, e veio no seu escaler buscá-los. Era ele veneziano e fazia viagem para a ilha de Chipre[120]. Então lhes fez saber como havia recebido ordens apertadíssima para se fazer à vela com a maior presteza, porquanto

[120] Chipre é uma ilha muito perto da Síria e não muito longe de S. João d'Acre, onde iam desembarcar os cavalheiros que se encaminhavam à conquista da Terra Santa.

viera notícia da morte de Amalrico, rei de Chipre, intitulado igualmente rei de Jerusalém, e que poucos dias depois falecera também Isabel, sua mulher, filha de Amalrico, rei de Jerusalém, a qual infanta fora herdeira daqueles estados pela morte da infeliz Sibila, sua meia-irmã mais velha, casada com Guido de Lusinhano, em cuja mão se tinha perdido Jerusalém alguns anos antes. E como não só Amalrico, mas Isabel, antes que neles se unissem as coroas de Chipre e de Jerusalém, tinham já filhos de outros matrimónios, era preciso que elas outra vez se separassem. Dizia também que Hugo de Lusinhano, filho que Amalrico, rei de Chipre, houvera do primeiro matrimónio, herdava a coroa de Chipre e que Maria, filha que Isabel, antes que casasse com Conrado de Monserrate, príncipe de Tiro, seu segundo marido, devia herdar o ceptro de Jerusalém ou, para melhor dizer, o direito a ele, porquanto então já estavam os sarracenos senhores da Palestina. Estas revoluções que havia em Chipre pediam que Neucasis apressasse a sua viagem e devia fazer-se à vela sem a mais pequena demora.

38 Soprava um vento brando e favorável, o mar docemente agitado, franjava de brancas espumas todas aquelas praias, dando um vivo realce à cor azulada das ondas. O sol, com os seus raios, produzia na superfície das águas umas como estrelas que, doudas e brilhantes, andavam desinquietas e iam sempre diante do escaler que conduzia à nau a princesa e os passageiros.

39 Entretanto, a saudade começava a fazer o seu efeito no coração dos dous irmãos, de forma que as lágrimas em um e outro se arremessavam com ímpeto aos olhos, mas a força da reflexão as refreava, escapando-se algumas, apesar do esforço. Misseno, que via esta interior luta, lhes disse com um ar risonho: «Para que quereis ser verdugos de vós mesmo, abafando com mão cruel os vossos corações que respiram e desafogam pelos olhos? Para que lhes negais o desafogo que lhes permitiu quem os formou? As lágrimas são sangue do coração ferido; e que proveito tendes de impedir que esse sangue corra, uma vez que está extravasado? Cuidai de curar a ferida com algum discurso oportuno, e então por si mesmo se vedará o sangue.

40 Vosso irmão, senhora, vai buscar a sua felicidade, e Deus agora lhe mete na mão a sua boa sorte, fazendo-o senhor da sua maior ventura. A empresa é digna do seu nascimento, da sua religião e da sua natural heroicidade: não vai para aumentar os seus estados e dar à vaidade, à ambição e aos vícios um novo fomento, como acontece de ordinário, mas antes vai peleijar pela honra do seu Deus, que é pelejar por todas as virtudes a um tempo. Se ele triunfar, que maior glória pode ter um mortal neste mundo? E que recompensa não espera no outro? Se perecer na empresa, paga com o seu sangue o que já nesses mesmos lugares o seu Deus havia derramado por ele.

41 Lá do mais alto do Seu elevado trono, Deus, com sumo agrado e regozijo, e estará vendo pelejar sobre a terra e ou penetrará com a sua invisível espada os esqua-

drões inimigos que o conde encontrar diante da sua ou permitirá que gloriosamente ferido lhe caia nos Seus divinos braços para o transportar num momento ao coro dos mártires. Todo o ponto está em que vosso irmão obre como é justo e que não faça de causa de Deus objecto de um louco capricho ou assunto da humana vaidade, esta que é a mais sagrada empresa. O que importa é que triunfe das suas paixões com aquele mesmo empenho com que deseja triunfar dos bárbaros. Eu tenho a experiência que ele não tem, e como a idade e os trabalhos são os que me têm ensinado, não lhe faltarei com os meus conselhos. Se os tomar, será verdadeiramente feliz, porque Deus a isso o vai guiando, tendo-o creado para tão nobre fim. Eia, partamos».

42 A princesa, com um ar varonil e semblante alegre, se despediu do conde, afogando no coração as saudades; e sem dar lugar a que a natureza vencesse a violência, se retirou noutro escaler, deixando o irmão e Misseno no navio que, já soltas as velas, partia empavesado.

FIM DO LIVRO XV

Gasp. F. inv. f.

A Princeza Sedaspede do Conde ede Misseno que se embarcaõ para ir militar na terra Santa em a Naõ em Contra o Embaixador a Embaixatris da Rainha de Jeruzalem

n.º 39.

LIVRO XVI

1 Soltou o baixel todas as suas velas ao favorável vento e ia fendendo as águas com majestosa soberba. As ondas, vendo-se atropeladas pela arrogante proa, espumavam e, abrigadas do volumoso bojo da nau, vinham, murmurando queixosas, a buscar o asilo da popa, a qual, para as contentar, lhes deixava bem amplo espaço. E a nau, qual princesa vaidosa em dia de grande enfeite, ia largando após de si uma pomposa cauda que mostrava o caminho que havia seguido.

2 Não tirava o conde os olhos da praia que, pouco a pouco, lhe ia fugindo, até que, enfim, a perdeu de vista, e de tudo tomava motivo para falar na irmã, pois a ternura do coração não sofria que retirasse dela os olhos da sua alma, já que a não podia ver com os do corpo. Misseno, qual médico atento encarregado de um perigoso enfermo, observava no semblante, nas palavras, nos suspiros todos os sintomas da sua alma, e como esta paixão era inocente e consentia e animava, porque esperava com certa indústria tirar dela a utilidade mais importante.

3 Vieram neste momento cumprimentá-los Aimar, senhor de Cesareia[121], e Helena, sua esposa. Ele tinha sido enviado pelos latinos da Palestina como embaixador a Filipe Augusto, rei de França, e voltava à Terra Santa[122]. Helena, desejosa de ver a Europa e, particularmente, a corte de França, o tinha acompanhado nesta viagem. Era senhora em quem, apesar da idade, a formosura e o juízo disputavam a primazia. Passadas pois as mútuas saudações, foi preciso a Misseno explicar-lhes os motivos da aflição e saudades do conde e nos elogios que dava à princesa, sua irmã, fazia particular reflexão sobre as qualidades do ânimo que mais necessárias eram ao conde e mais uteis ao seu intento. Para lhe ganhar a vontade, entrava bem no seu coração, unindo-se quanto podia com ele nos mesmos afectos, para que depois, em virtude desta união e amizade, o pudesse trazer consigo ao caminho da sólida filosofia. Semelhante ao que se inclina e debruça quanto pode para arrancar do pego a quem caiu nele e se afogava, porque vê que sem se inclinar muito e ter bem abraçado e seguro o que naufragava, não o pode tirar acima e salvar do perigo.

4 Neucasis, homem astuto e fino, criado nas políticas da Itália, ficou logo preso e namorado do conde e pôs todo o seu estudo em agradar-lhe; e assim levava muito a mal toda a indústria com que Misseno lhe queria ganhar o coração, tendo por indigno dos seus anos o lisonjear um mancebo. Fiava-se Neucasis na voz que tinha harmoniosa e doce, na sua figura agradável, no seu modo lisonjeiro e na arte

[121] Não é a Cesareia do Ponto, é a Cesareia de Síria, perto de S. João d'Acre.
[122] *História de Malta* do Abade Vertot.

singular que tinha estudado, para jogar um "sim" e um "não" com tal destreza, que num minuto fazia todos os papeis no teatro do mundo; e de tal forma os soube fazer que, em poucas horas, já o conde estava seu declarado amigo. Quis ele arrancá-lo de Misseno, que lhe fazia sombra, e, com certo pretexto, o convidou para dispor várias comodidades a seu gosto na câmara da nau, ficando Misseno com os embaixadores que bem perceberam a astúcia do capitão veneziano.

5 Então Misseno descobriu a Aimar qual era a sua ideia. «Todo o meu intento» — dizia — «é mudar o coração deste cavalheiro e, não aprovando o método da maior parte dos homens, sigo outro caminho. De ordinário, quando os homens querem corrigir os defeitos alheios, começam a sua empresa com eloquência de soldados: disparam setas e lanças contra o coração, ferindo-o com repreensões acres, batendo-o com força e ímpeto, como as muralhas de uma praça rebelde e isto tudo para reduzi-lo e prostrá-lo por terra. Eu não sigo este método, porque não se rende assim o coração do homem, a quem uma nobreza inata faz detestar tudo o que é violência e força. E além disso, ainda supondo que esta violenta eloquência triunfasse do coração, de pouco lhe valeria a vitória, porque havendo-se lançado contra ele tantas flechas e lanças, estaria mui ferido e ensanguentado e, às vezes, já não é o coração do homem o que vem atado no vaidoso triunfo, é o seu simples cadáver ou um mero esqueleto dele, porque lhe falta a liberdade, que é a sua alma e a sua vida. E quando alguma vez deste modo chegasse às mãos do vencedor o coração ainda vivo, sempre havia de vir triste, violento e preso, e somente tardaria em fugir, quanto tardasse em romper as cadeias que o subjugavam.

6 Mui diferente é a vitória, quando se adquire pelo amor e pela doçura, empregando para isso as paixões mais agradáveis e fortes, as quais, bem manejadas, ao mesmo tempo o encantam e o seguram. No conde, conheço uma natural soberba de coração e dureza de juízo, efeito dos poucos anos e maus exemplos, mas tem coração terno e gosta da novidade e destas paixões me tenho de valer para lhe domar as outras. Diz ele que eu tenho génio afável: a natureza mo tem disposto, a filosofia formado, a idade amadurecido, pois deste meu carácter, que tanto lhe agrada, me servirei para lhe inspirar as máximas que lhe são mais necessárias para ser verdadeiramente feliz. Quis prevenir-vos para que me ajudeis ambos nesta empresa, pois temo a companhia de Neucasis.

7 Aprovaram muito este sistema Aimar e a embaixatriz e, quando o conde chegou, Misseno foi prosseguido nos louvores de sua irmã, reflectindo na admirável docilidade de entendimento que se admirava nesta senhora e era necessária ao conde.

— «Nunca encontrei» — dizia Misseno — «senhora de juízo tão claro e ao mesmo tempo tão dócil, viva no expor o seu pensamento, atenta em escutar o parecer contrário, fácil em se render à razão, ainda que seja diferente da sua».

8 «Eu, quando tinha menos idade,» — acrescentou Helena — «teimava muito e queria que todos cedessem à minha opinião, de sorte que tinha por injúria que me contradissessem; e simplesmente o duvidarem do meu pensamento já era, para mim, grossaria grande. Deste modo, queria eu não amigos, mas escravos, e me considerava não só como mestra e doutora em qualquer ciência, mas como oráculo ou divindade, cujas respostas deviam de ser admitidas sem o menor exame. Um dia, porém, meu pai, havendo assistido a uma disputa mui debatida, na qual eu, entre os convidados, havia declamado como se fosse Demóstenes ou Esquino, se fechou comigo no meu gabinete e me disse assim: «Minha filha, eu aprovo o vosso pensamento, mas não a força com que o sustentastes. Cada qual ama o próprio parecer, como filho mimoso do seu entendimento; e assim, se vós amais o vosso, pela mesma inata inclinação da natureza os contrários hão-de estimar os seus, porque ninguém vos dá a vós maior direito que a eles. Cada qual há-de puxar para a sua opinião e tanto vos podeis escandalizar de que eles não concordem convosco, como os adversários podem queixar-se de que vós não concordeis com eles. Verdade é que credes que vos fundais na razão, mas eles igualmente o crêem da sua parte; e quem nos dirá se são eles ou vós quem se engana? É logo loucura, minha filha, o teimar». Isto me disse; e de tal sorte reflecti nesta razão que desde esse dia nunca mais tive contenda que me impacientasse. Exponho o meu parecer, ouço com gosto o contrário, revolvo tranquila o meu fundamento e os seus e se, no fim, não somos concordes, eu os deixo ir em paz para o sul, e eu, sem enfado nem desprezo, tomo para o norte. Mas se a sua razão me parece bem, ou mudo de parecer ou, pondo tudo no gabinete do incerto, espero nova luz para examinar a verdade, sempre desconfiando de que o meu amor próprio me engane, que isto é um grande ponto. Deste modo, erro muito menos e nunca jamais me aflijo».

9 «Podemos acrescentar» — disse Misseno — «que então triunfamos muitas mais vezes do parecer alheio, porque nada há que tanto disponha o nosso contrário a ver e examinar com ânimo sincero as minhas razões, como ver que eu, com grande gosto, atendo às suas; e a mais ordinária origem da teima vem de que a paixão de cada qual não lhe deixa olhar como é justo para as razões do contrário. Achareis muitas vezes nas contendas das escolas mil homens de juízo que dizem «não» com uma segurança tal, que nos pasma, quando, no partido contrário, há outros tantos que dizem «sim» e com tal firmeza que darão por isso a vida. De uma e outra parte há igual juízo, de uma parte e doutra boa-fé e sinceridade. Ora, é evidentíssimo que um dos partidos erra e parecia impossível que mil homens de juízo, e falando com sinceridade, se enganassem: e donde vem isto? Procede de que cada qual assenta na resolução do seu partido, antes de examinar sinceramente as razões contrárias. «Isto é assim», dizem eles com toda a firmeza: vamos

agora ver em que se fundam os teimosos do partido oposto, os teimosos que não querem confessar a verdade. Ora, com este prelúdio, as razões contrárias são vistas com maus olhos e depressa e com desprezo e, assim, não parecem o que são; e aqueles que parece que buscavam a verdade ficam amarrados à antiga opinião que seguiam. Se acham, talvez, que as razões contrárias são indissolúveis, fogem para o gabinete do mistério e dizem: «Em tudo há dificuldades, mas o certo é que a nossa opinião é boa». Qual sonolento que, despertado pelo ruído, abre lentamente os olhos e começa a ver a luz do dia, mas, preguiçoso, gostando do repouso e das trevas, volta outra vez a fechá-los, dizendo que ainda é noite; assim, cada qual se deixa submergir no descanso da sua opinião primeira, dizendo que tudo o mais são erros. Quantas demandas, amigos, quantas guerras, quantas disputas se pouparam, se ninguém dissesse «sim» ou «não» sem examinar antecedentemente as razões de uma e de outra parte? Nos pontos de religião devemos crer, sem exame, a autoridade divina, porque não pode enganar-se, mas na autoridade dos homens só devemos fiar-nos, quando as razões são bem examinadas de uma e outra parte. Então, se erramos, é miséria da natureza e não desordem do ânimo».

10 O conde ouvia tudo atento, mas sentia-se ferido e, por isso, era muito frio o ar com que aprovava esta doutrina. Neucasis, que observava todos os pensamentos do conde, para lisonjeá-lo, começou a seguir a opinião contrária, alegando que o amor próprio, primeiro móvel de todas as acções do homem, ficava ofendido nesta docilidade. «Qual é o homem» — dizia — «que não se envergonha de ficar vencido? E as vitórias do entendimento são mais gloriosas que as do corpo. Nas batalhas do corpo, as armas, os braços, a força têm mil competidores nos brutos; porém, nas contendas do juízo, nada se compara com o homem. Só quem tiver coração vil, alma pequena, educação rasteira não desejará obrigar o seu competidor a que, por força, queira ou não queira, confesse que errou. Além disso, quem tem luzes no seu entendimento deve fazer delas ostentação para alumiar os cegos. Que ridícula condescendência será logo mudar de opinião, só porque achamos quem diga o contrário? Deus a cada um lhe deu o seu juízo, porque quis que cada um se governasse por ele, se cada qual há-de ceder ao que os outros lhe disserem, bastaria um entendimento em cada cidade e todos como carneiros seguiriam ao que fosse diante. Vedes, senhores, que aconselhais ao conde uma cousa indigna do seu nascimento».

11 Aqui fez ele um movimento com os olhos a Neucasis, que o suspendeu. Ignorava Neucasis quem era Misseno, e o conde, que o sabia em segredo, se afligiu, vendo que o adulador insultava a um monarca. Neucasis, não sabendo o motivo desta muda repreensão do conde, se calou logo, embaraçado consigo mesmo, bem como a grimpa das torres, que observa todos os ventos, para se mudar em um instante.

12 Misseno, sem se alterar, respondeu a Neucasis, dizendo assim: «O nosso amor próprio, o qual, como vós dizeis, é o motivo de toda a teima, deve de ser o fundamento da maior docilidade. Assim se verifica que as nossas paixões, as quais nos impelem aos maiores excessos, se bem o reflectimos, são melhor meio para corrigi-los, se sabemos usar delas, segundo a sólida filosofia, e, deste modo, podemos fazer nesta matéria do mesmo veneno triaga».

13 Aimar se admirou do paradoxo, Neucasis se ria, mas a embaixatriz dava suma atenção, crendo que Misseno não proferia máxima alguma sem razão mui conveniente. E Misseno prosseguiu deste modo: «Quando, nas disputas, vedes que o vosso contrário vos cede a palma, dizei, Neucasis, que efeito sente o vosso coração para com ele? De estima ou de desprezo? Gostais dele ou o tendes por abominável? Ninguém há a quem este procedimento não lisonjeie. Então, certamente, dizeis que o vosso amigo tem juízo que discorre como é razão, que penetra bem o que se lhe diz, que é homem recto, que ama a verdade, que é sumamente dócil, etc. Pelo contrário, quando, em lugar de vos ceder, teima e sem responder cousa que plenamente satisfaça persiste no que uma vez dissera, que conceito fazeis dele? Não o tendes por um homem de juízo duro, de razão cega, o qual ou não conhece a verdade clara ou, por soberba, a não confessa, ainda que a tenha conhecido? Pois se quem vos cede na disputa ganha para convosco estimação e quem teima a perde, quando vós cederdes aos outros, sereis deles muito estimado, e quando lhes resistirdes, vos terão por homem de juízo curto ou coração rebelde. Vede agora se o nosso amor próprio nos deve ou não inspirar a docilidade».

14 «Neucasis,» — lhe disse, então, a embaixatriz — «vede se quereis ser desprezado ou estimado e resolvei-vos agora a teimar ou a ceder». O conde, rindo do argumento da senhora, o celebrou com aplauso, e Neucasis, ou política ou sinceramente, confessou que estava rendido.

15 Vendo isto Misseno, para não enfastiar os hóspedes com uma conversação injucunda, a mudou, perguntando urbanamente aos embaixadores se lhe seria permitido saber o destino da sua viagem, ao que Aimar, francamente, respondeu deste modo:

16 «Ainda que o desígnio e motivos na minha vinda eram, ao princípio, um segredo da maior importância, não o são agora que volto da embaixada, da qual me encarregaram a mim e ao bispo de S. João d'Acre, a rainha e os cavaleiros que se acham na Palestina. Já sabeis que por morte de Amalrico, rei de Chipre, e de Isabel, sua mulher, rainha de Jerusalém[123], as suas coroas, que estavam unidas pelo vínculo do

[123] Isabel foi filha segunda de Amalrico I, rei de Jerusalém, e herdou esta coroa, depois da morte de sua irmã Sibila. Porém, Isabel foi casada quatro vezes: a primeira, tendo ela oito anos, com Aufrido do Toron, por indução alheia; anulado este casamento, casou com Conrado de Monferrate, príncipe do Tiro, de quem houve a infanta Maria; a terceira vez casou com Henrique e, por morte deste, com Amalrico, rei de Chipre.

matrimónio, se separaram, pertencendo aos filhos que de outro matrimónio haviam tido. Também sabereis que Maria, hoje rainha de Jerusalém, foi filha de Isabel e de Conrado de Monferrate, príncipe de Tiro, a quem ela tivera em segundas núpcias por esposo, depois de Aufrido, e antes que casasse com Henrique e depois dele com Amalrico, rei de Chipre, que faleceu. Esta senhora, pois, herdou de sua mãe Isabel a coroa de Jerusalém ou o direito a ela e, desde esse momento, ferveu toda a Palestina numa turbulência inexplicável, havendo tantos pertendentes à coroa de Jerusalém como havia de cavalheiros que aspiravam às núpcias da princesa.

17 Não ignorais que se vêm fumegando as lastimosas ruínas que nos lugares santos deixou o incêndio funesto que ateara a paixão inconsiderada de Sibila, tia da nossa princesa, porquanto cegamente se namorou de Guido de Lusinhano, cavalheiro que não tinha as qualidades necessárias para aquele trono; e daí é que se seguiram todos os estragos e ruínas que hoje vemos.

18 Isto suposto agora, a princesa Maria, vendo-se acometida de um sem número de pertendentes e considerando neles outros tantos inimigos, se preferisse algum deles para lhe dar a coroa e domínio sobre os outros, resolveu a mandar (de comum acordo de todos os príncipes) pedir a Filipe Augusto um esposo digno do seu reino nas circunstâncias presentes e que fosse também digno da pessoa da rainha. El-rei de França acaba de nomear João, conde de Briena, cavalheiro de sangue, valor e espírito proporcionado à empresa e verdadeiramente digno do trono. Aceitou o conde com todo o reconhecimento que merecia a escolha de um tal soberano e nos mandou que disséssemos à princesa Maria, sua futura esposa, que brevemente aparecerá defronte de S. João d'Acre, acompanhado de um poderoso exército para começar a guerra de novo, tanto que se acabarem as tréguas pacteadas com Safadino, sultão do Egipto. Acrescenta que ele espera que nesta nova cruzada se verá a mais formidável armada que jamais navegou pelo Mediterrâneo, porque muitos soberanos estão determinados a ir em pessoa dar testemunho a Jesu Cristo de quão sensível lhes é que esteja o trofeu da nossa redenção na mão de seus inimigos e o sagrado sepulcro do Salvador em poder de Mafoma. Esta alegre resposta, acompanhada de presentes riquíssimos, me obriga a fazer a minha viagem sem a mínima demora, enquanto meu companheiro, o bispo de S. João d'Acre, faz alguma digressão para interessar nesta empresa alguns príncipes da cristandade, como são el-rei de Hungria, o da Polónia e alguns soberanos de Alemanha». Assim falou o embaixador.

19 Então o conde lhes declarou também o seu intento e que, por conta de seu cunhado, el-rei de Hungria, passava a militar na Palestina, enquanto os embaraços da sua monarquia lhe não davam lugar a vir em pessoa. Alegrou-se infinito o embaixador, vendo que já levava aquele cavalheiro, como de presente à nova rainha, e nele um testemunho do bom êxito que começava a ter a sua embaixada.

20 Não se descuidavam as paixões amotinadas contra Misseno e o conde de aproveitar toda e qualquer ocasião que se oferecesse para impedir a sã doutrina, já que por haver disposto mal as suas tramoias, em vez de os separar, os tinham feito caminhar juntos; e formados novos conciliábulos nas lagoas do Cócito, foram vivamente repreendidas e castigadas as paixões que, inutilmente, haviam trabalhado na separação do conde de Misseno e com novo ardor saem outras a despicar a má disposição das primeiras: sai pois a Inveja, determinada a trabalhar nesta empresa com as suas companheiras, o que faz deste modo.

21 Em todo aquele dia tinha Aimar satisfeito à curiosidade do conde sobre os dotes naturais e qualidades da rainha. E a cada palavra que o embaixador dizia, atirava a Inveja uma seta de fogo, com que se inflamava o coração do conde. A felicidade de João de Briena lhe acendia não só a ambição do governo, mas o interesse da coroa e o amor de uma tão bela princesa, como Aimar descrevia; e, assim, já trabalhavam de concerto nesta empresa as três paixões mais furiosas de todo o abismo. Não podia este incêndio ocultar-se à perspicácia de Misseno e Neucasis, que por todos os modos desejava lisonjear o conde, soprava as chamas das suas paixões com a maior força que podia.

22 «Não posso louvar» — dizia o veneziano — «que uma princesa que com a própria coroa deve fazer feliz a seu esposo em lugar de receber dele a felicidade, se exponha à cega escolha que faria um príncipe estrangeiro. Que desgosto será achar-se com um esposo que ou não lhe agrade ou não a mereça? Se a glória vã de adquirir um nome tem trazido à Palestina tantos príncipes, agora a esperança de encontrar uma coroa fará vir tão copiosa multidão deles, que a princesa possa escolher, com toda a satisfação da sua alma, um que seja digno da pessoa e da coroa; e não seria esta a primeira rainha de Jerusalém que fez de um aventureiro um monarca[124]. O conde de Morávia, que presente está, merece bem a ventura que Guido de Lusinhano já teve e que está com menos razão prometida ao conde de Briena. Os emperadores de Alemanha tinham mais razão para nomearem o rei de Jerusalém que os reis de França, porque têm feito à Terra Santa muito maiores serviços; e, se não, vede. No mesmo ano em que Filipe Augusto foi sobre S. João de Acre, Frederico Barba-Roxa, emperador de Alemanha, tomou toda a Cilícia e desbaratou os sarracenos. Se Filipe enfermou nesta expedição até lhe caírem as unhas das mãos e dos pés, Frederico perdeu a vida por querer seguir os inimigos da cruz, afogando-se- com o seu cavalo no rio Carasu, onde também Alexandre Magno esteve quasi morto. Além disso, seu filho Henrique IV que, por morte de seu pai Frederico, conduziu o exército até S. João d'Acre, depois mandou à Síria

[124] Sibila, sua tia, o fez, casando com Guy de Lusinhano, como se disse.

60 mil homens que fizeram um estrago horrível nos inimigos da fé. E, assi, bem podiam agora os latinos dar a Filipe, seu irmão e sucessor do império, a glória de nomear o conde da Morávia para a coroa de Jerusalém, em lugar de a oferecer a el-rei de França, para nomear o conde de Briena. Vossa irmã mais velha se acha no trono de Hungria, a princesa Sofia já esteve no de Constantinopla, e não é de admirar que tenhais por esposa uma rainha, quando tendes por irmãs duas soberanas. Quanto ao valor, em nada podeis ceder a João de Briena, tendo o sangue tão nobre e os espíritos tão elevados».

23 Misseno quis atalhar esta conversação, respondendo a Neucasis que o conde tinha sua esposa viva e que semelhantes ideias eram totalmente fora da possibilidade; ao que respondeu Neucasis que os príncipes tinham outros privilégios que a gente da plebe não tinha, que se a princesa se agradasse da pessoa do conde, acharia em sua própria casa exemplos para dissolver o matrimónio, porquanto sua mãe Isabel havia repudiado Aufrido de Toron, seu primeiro marido, para casar com o príncipe de Tiro, pai dela, que Sibila, sua tia e rainha de Jerusalém, havia repudiado o mesmo Guido de Lusinhano, a quem segunda vez recebera por marido. «Ainda é bem fresca a memória», dizia ele, do que el-rei de França, que repudiou sua legítima mulher, Matildes, e tomou por esposa a filha do duque de Guiena. Pouco mais há de cinco anos que el-rei de Inglaterra, João, chamado "Sem-Terra", repudiou sua mulher, Hawife, e tomou outra que mais lhe agradava. Assim sempre se acham pretextos para haver direito, quando os príncipes absolutamente querem».

24 Muito desagradou esta resposta ao embaixador e a Misseno e, pelo contrário, fez ela uma agradável impressão no ânimo do conde, de forma que cada palavra era uma chama que pela boca de Neucasis saía e com que as Fúrias infernais sopravam três incêndios bem diferentes: no coração do conde, o de ambição; no de Aimar, o de zelo; no da embaixatriz, o de cólera, por ver assim ultrajados os sagrados direitos da religião, das cortes e das esposas.

25 «Já que nos contais,» — dizia Aimar ao capitão — «já que nos contais os desacertos, tende a bondade de nos referir os sucessos que se lhes seguiram, para ver quão pouco acertados são os vossos conselhos. Não falemos do que fez Isabel, casada com Aufrido, porquanto seu pai a casara na idade de oito anos; e esta idade tão tenra lhe deu um inviolável direito para repudiar um marido tomado sem liberdade. Vamos, agora, ao repúdio de sua irmã Sibila: bem se viu que foi simulado, pois com esse fingimento quis a rainha obrigar aos cavaleiros latinos a render vassalagem a Guido de Lusinhano, a quem na aparência deixava só por um momento para recebê-lo de novo e com maior direito à vassalagem dos príncipes.

26 Mas para que calais as horríveis calamidades que vieram a França pelo repúdio de Matildes? Ainda estão fumegando as cinzas dos estragos que esta

monarquia sofreu, quando o cardeal de Cápua, legado do papa, pôs interdito geral em todo o reino até obrigar o príncipe de entrar em si e reconhecer o seu erro. Igualmente que tumultos, que desordens, que calamidades não têm oprimido Inglaterra, pelo repúdio que fez esse intruso monarca? Quando, Neucasis, alegardes exemplos para se imitarem, não os vades buscar às pessoas que pela soltura das suas paixões desenfreadas se precipitam em todas as desordens, porque estes fazem as suas acções suspeitosas. João Sem-Terra havia antecedentemente ocupado o reino de Inglaterra por catorze meses, enquanto seu irmão Ricardo, na volta da Palestina, esteve prisioneiro do emperador Henrique e, seis anos depois, pela morte de Ricardo, roubou o reino a Artufo, seu sobrinho, a quem de direito pertencia, por ser filho de Godofredo, seu irmão mais velho, e, acrescentando ao roubo o homicídio, fez matar o sobrinho ou, pelo menos, foi acusado deste crime. Vede, conde, que honrado é o exemplo que vos propõe Neucasis para justificar a mais louca empresa que se pode imaginar. Assim, se quereis passar à Terra Santa para satisfazer o zelo da vossa religião e fazerdes este obséquio ao céu, não mancheis com ideia tão indigna uma tão nobre acção. A princesa tem esposo, a Terra Santa monarca, vós tendes esposa, a religião tem as suas leis e a honra seus invioláveis preceitos, mas, por cima de tudo, falta o espírito turbulento de Neucasis, para vos presentar a mais louca e indigna ideia que jamais veio à cabeça de homem. Consultai e segui antes a Misseno».

27 Mortificado ficou Neucasis, vendo-se tão solidamente impugnado, e o conde se envergonhava de que o seu amigo tivesse proferido semelhante pensamento e disculpava-o só com dizer que havia sido uma galanteria do seu entendimento ocioso, mas bem dava a conhecer que, no secreto do seu coração, aprovava o que as palavras despersuadiam.

28 Misseno, então, com um ar prudente, procurou remediar a ferida oculta que aquela seta havia feito no coração do conde: coração altivo, orgulhoso e disposto para qualquer impressão daquele género. Encaminhava com disfarce às paixões do conde o que, na aparência, só queria dizer dos príncipes em que o embaixador falaria. Bem como o falcão astuto que, vendo a sua presa, finge que a despreza, voando sempre ao alto e, remontando-se quasi às nuvens para se deixar cair de repente sobre ela com maior ímpeto, quando estiver bem a prumo, assim fazia Misseno, dizendo que nada havia mais contrário à nossa alegria que a soltura que muitos davam ao coração para seguir todas as suas paixões, porque os danos que lhe resultavam faziam tormento maior que os gosto premeditado. «Se cada um» — dizia ao embaixador — «tivesse modo de atar a Fortuna e trazê-la arrastros sempre atrás do seus desejos, nada nos daria maior contentamento do que deixar voar o nosso coração, segundo o ímpeto das paixões que o agitassem, mas a Fortuna zomba de nós e apenas vê que,

obedecendo aos seus acenos, tomamos um caminho, ela nos escapa pelo outro, divertindo-se com os mortais, como fazem os meninos quando se entretêm com os outros que têm os olhos tapados.

29 Cada homem, meus amigos, é uma roda desta admirável máquina do universo: quando umas rodas sobem, outras descem e quando umas andam devagar, outras vão depressa, mas tudo joga com mútua dependência. Ora, se uma roda fosse tão louca que se não deixasse ir atrás do curso universal da máquina, mas quisesse ter a preferência sobre as outras e puxasse sempre para si, já parando, já tornando atrás, já andando precipitadamente, segundo a sua própria fantasia, esta roda louca, forçosamente, se havia de fazer em pedaços, pois não poderia levar atrás de si todas as demais peças que com ela jogavam. Ora, assim sucede ao coração humano, quando ele põe a si uma lei de seguir todos os seus desejos, excepto se algum tivesse o segredo de encantar todo o género humano, de sorte que todos, esquecidos de si, estivessem prontos para seguir os movimentos do coração alheio. Mas não havendo isto, bem se podia preparar este coração teimoso para uma inundação de desgostos, porquanto cada qual dos outros iria sempre o seu caminho e os desejos dele ficariam frustrados: ora, conforme o provérbio "Desejar e não obter, é penar e é morrer"».

30 Muito gostou a embaixatriz deste discurso e, desenvolvendo mil sucessos da história, particularmente da Palestina, fazia ver com evidência que toda ou quasi toda a origem dos desgostos maiores que haviam tido os príncipes e cavaleiros latinos, havia procedido de não refrearem os desejos das suas paixões, quando elas nasciam. Contou-lhes, em suma, como o príncipe de Chipre, por não reprimir a sua ambição, roubara os navios da armada em que vinham as princesas de Inglaterra, uma, a irmã de Ricardo, e a outra, sua própria esposa, as quais naquelas costas haviam naufragado, indo para a Terra Santa, do que procedeu que, sobrevindo el-rei de Inglaterra, levasse cativo ao campo de S. João d'Acre el-rei de Chipre, amarrado com cadeias de prata, e desse a ilha de Chipre a Guido de Lusinhano, que estava em Jerusalém. Contou-lhes todos os desgostos que tivera o detestável Raimundo, conde de Tripoli, por não reprimir a sua ambição à coroa de Jerusalém, à qual, indevidamente, aspirara, e concluía que a liberdade que os príncipes dão às suas paixões os têm submergido num pélago sem fundo de aflições, desgraças e calamidades, as quais ainda duram.

31 «Todos têm suas paixões» — respondeu o conde, um tanto desgostoso — «e todos desejam satisfazê-las. Fortuna é se conseguem o que desejam, infelicidade se o não alcançam; mas não pode ninguém queixar-se da condição da natureza humana que a isso nos expôs, desde que nascemos. Enquanto vivemos no mundo, estamos metidos num terrível jogo: uns perdem, outros ganham. E é loucura não

querer perder, quando se deseja ganhar: mas impedir que o nosso coração deseje é pensamento frívolo e ideia impossível, e assim deve cada qual passar por onde todos os demais passam».

32 «Deve cada qual jogar,» — replicou Misseno com um tom nobre, lembrando-lhe os olhos quem era e o que o conde lhe prometera, e isto para reprimir o ar de desprezo com que falara — «deve cada qual jogar, pois que está metido no jogo; mas deve fazer quanto pode para não perder: e este é o conselho de todo o homem prudente. Ora, o modo de perder muito no ponto da alegria e felicidade a que todos aspiram é o desejar muito.

33 Ponde dous homens — um que alimente as suas paixões com todos os fomentos e regalos, outro que lhes dê o preciso para as subjugar com facilidade; um, cavalheiro que vive com soltura, e outro, pastor moderado. Vejamos qual goza de maior alegria e traz sua alma mais cheia de gozo. O pastor, quando uma ovelha lhe morre, lá se entristece; mas outra lhe nasce e se consola. As setas da desgraça não lhe passam o surrão nem lhe chegam à pele: e quando lhe tocassem nela, como não é mui sensível, seria a dor ligeira. Mas o príncipe, o grande, o ricaço com tudo se espanta e intimida: se a desgraça vem, de todo o abate; se a fortuna o eleva, teme os invejosos; aflige-se com o bem dos outros, como se fosse mal próprio; se os vê levantados, teme que o assombrem e que o oprimam; se os vê caídos na ruína alheia, está vendo um exemplo da sua. Acha-se entre espinhos e tão enredado, que não sabe para onde se volte que se não pique. O seu entendimento é assombradiço e em tudo vê fantasmas que o afligem. Os superiores lhe parece que o desprezam, os inferiores que lhe faltam ao respeito, os iguais que lhe minam ocultamente a ruína. À força de desejar muito, muito lhe há-de faltar do que deseja; e como a pele da sua alma é mui delicada, o mais pequeno golpe lhe faz sangue e ferida mui grave. Vedes a diferença?

34 As paixões, meu amigo, são o vento com que alma é agitada: quando elas são ligeiras, a alma se recreia, suavemente embalada por uma viração fresca e zéfiro brando. Porém, quando são violentas, cada paixão é um furacão, uma tempestade desfeita. Estava o céu sereno, tudo quieto, tudo aprazível e, de um instante para o outro, tudo são trovões, raios, estampidos; aqui ficam uns mortos, ali outros estropeados. Que foi isto? Uma paixão violenta, que pegou fogo num instante, e os danos durarão por muitos anos e, talvez, por séculos.

35 Quem nega que as paixões são fogo, elemento necessário para a vida, cujo calor moderado consola, cuja luz nos receia, cuja actividade nos vivifica? Mas se chega a fazer incêndio, que terríveis são os seus efeitos! Estes, sendo sempre nocivos, não o são igualmente em todos os estados. Suponhamos que ardeu a cabana pastoril; um vizinho corta quatro troncos, outro com ramas, e palha os cobre e,

num instante, tem casa nova; e a desgraça talvez se converteu em proveito. Mas se as chamas se ateiam em palácio, quem pode atalhar o incêndio e impedir os danos? As lavaredas desenfreadas correm a um tempo por mil partes; aqui, ardem os móveis preciosos, ali, estalam os mármores, lá, caem de repente as colunas, as abóbadas se abatem e de alto a baixo se vê uma só chama, um vivo inferno. Por todas as portas e janelas saem as lavaredas furiosas e soberbas e parece que querem acometer as nuvens. Dentro, o ouro, a prata, as pedras preciosas, as tapecerias de preço, tudo se consome, tudo fica em cinzas. Querem atalhá-lo e não podem: aqui gritam uns, lá caem outros precipitados; estes esmorecem, aqueles fogem, e o incêndio valente e destemido zomba de todos os esforços e tudo reduz a cinzas. Vede, agora, que diferença de estragos: tudo foi incêndio, mas que comparação nos danos? Assim, pois, são as paixões: as dos pobres ou de coração humilde apenas fazem sentir o dano; porém, as dos grandes, as dos ricos, as dos soberanos, que danos não causam? Amigo, se quereis sofrer poucos danos, desejai pouco e com pouca força; moderai as vossas paixões, e vivereis alegre».

36 Viu-se o conde convencido e, já mais moderado, ponderava a suma dificuldade que havia para pôr freio a um coração nobre e elevado.

— «Os que nasceram no lodo» — dizia — «podem ter paixões brandas, porque suas almas são como os vis insectos, que apenas se arrastram pela terra. Mas quem tem nas suas veias um sangue nobre, quem recebeu do céu uma alma elevada, por força há-de voar como as águias e levantar-se até as nuvens. Bem vejo que o domar estas paixões é preciso, mas confessai que é sumamente custoso».

37 «Confesso que é custoso.» — diz Misseno — «Porém, acrescento que é também mui glorioso. Se ponderais a dificuldade da batalha, reflecti sobre a glória do triunfo. As almas nobres sempre fizeram gosto de vencer dificuldades grande e de triunfar do que mui poucos triunfam: e isto é o que mais lisonjeia o nosso amor próprio, conseguir que o que raros intentam e raríssimo alcançam. Por que cuidais vós que traziam os emperadores, nos triunfantes carros, os corpulentos elefantes, os bravos leões, os indómitos tigres, senão para mostrar que o seu valor e poder chegava a domar essas feras, a quem todos os demais temiam? Por que traziam amarrados aos seus pomposos carros os monarcas vencidos, os conquistadores famosos, os guerreiros mais esforçados, senão para fazer ostentação do seu poder, superior a tudo o que no mundo se gloriava de poderoso e de grande? Será, logo, muito mais agradável ao amor próprio o triunfar das paixões de que esses mesmos emperadores não puderam triunfar, e isto depois de vencer os monarcas e as feras, pois chegavam a ser, finalmente, escravos das suas paixões». Aqui, o embaixador, exultando de gosto, abraçando o conde, lhe disse:

38 «Senhor, vós não podeis resistir à força desta razão: tomai este conselho e, se a nobreza do vosso coração vos eleva a grandes pensamentos, não podeis ter empresa mais nobre nem mais gloriosa que a de domar as vossas paixões».

39 Ficou o conde suspenso: a razão, confusa, se calava, mas o coração, ferido, gemia. Misseno, então, quis aplicar um suave bálsamo à ferida que o magoava e disse assim: «Crede, meu filho, que não é esta empresa tão molesta que só para o tempo da completa vitória se reserve o gosto, porque a cada inimigo prostrado se segue imediatamente a consolação desse pequena vitória.

40 A nossa alma é nobilíssima por natureza: e bem mostra de quem é filha, porque aspira sempre a ser senhora, de sorte que, à medida que vai vencendo as paixões que a oprimiam, como se ela fosse escrava, vai respirando e tomando o gosto ao nobre, inocente e inimitável prazer da liberdade. Ah, que esta liberdade da escravidão em que as paixões nos tinham dá uma tal consolação à nossa alma que ninguém o conhece sem o ter experimentado! Quero-me servir das expressões com que um grande profeta, há mais de dous mil anos, a descreveu desta forma[125], com pouca diferença.

41 Levanta-se, põe-se em pé, livre dos pesados ferros, e não se farta de olhar para si mesma: apalpa a garganta ainda magoada das cadeias, sacode a púrpura da sua fidalguia, púrpura coberta da vil terra dos desprezos e abjecção em que jazera, e já começa a olhar sobranceira e com tédio para essas mesmas paixões que tanto a tinham tiranizado. Então, um gozo nobre e celestial se derrama por todo o seu interior, que lhe dá nova vida e não largará por todos os prazeres do mundo o regozijo que lhe dá este só triunfo de si mesma. Assim se explica, segundo o que me posso lembrar. Ora, quantas vezes, meu filho, fiz reflexão sobre mim mesmo, achei copiado à risca nesta descrição tudo o que na minha alma passava. Dizei vós, Aimar, se a vossa experiência não tem confirmado a minha».

42 O embaixador acrescentava que, algumas vezes, tendo-se feito violência para reprimir o ímpeto de suas paixões fogosas, havia (como Misseno descrevera) achado um tal prazer que bem lhe compensava a fadiga e luta que havia tido e que, pelo contrário, quando as tinha deixado correr soltas, sempre depois pagava com um amargoso arrependimento o gosto que ao princípio tivera. Feliz será quem fechar os olhos à sedução deste prazer enganoso que dão as paixões, em ordem a gozar do inocente e perpétuo que a vitória de nós mesmos nos alcança.

[125] Isaías, cap. 52.

43 Misseno, que já via o conde disposto a admitir conselhos, lhe falou deste modo: «Eu, quando comandava as tropas, usava mais da minha astúcia que das minhas forças para ganhar as batalhas. Procurava introduzir o cisma e divisão nos meus contrários e com isto os enfraquecia e desbaratava. Agora, quando empreendi este novo género de conquista, tive a prevenção de intrigar por tal modo as minhas paixões, que umas se destruíssem às outras e todas, mutuamente, se enfraquecessem.

44 Vós sabeis, amigo Aimar, que eu tenho comparado as paixões aos brutos. Ora, vejamos o que faz o destro cocheiro, quando vê todos os cavalos a um tempo desbocados. Como não pode reprimir a todos, largando uns, põe todo o esforço em voltar para o lado um ou dous dos mais vigorosos, para que, estando a força dividida, mutuamente se enfraqueçam; uns tiram para uma parte, outros para a outra; aqui, cai um, ali, o companheiro salta por cima e se embaraça, servindo ambos de torpeço aos outros, e todos se misturam. Lá, se levanta um, e segunda vez cai por terra, qual com os pés para cima é arrastrado e ferido, qual se vê calcado e maltratado, e neste tempo serve a bateria dos pés e mutuamente se ofendem, mas o coche parado. Entretanto, o destro cocheiro ora castiga a tempo, ora a tempo perdia e, pouco a pouco, se vão levantando os brutos, correndo-lhes em fio o suor e o sangue; destes está caindo a pedaços a espuma pendente dos freios, naqueles se vêem os lados estar palpitando da luta passada e, quando a fúria está domada de todo e as forças abatidas, então o prudente cocheiro faz caminhar o coche a passo lento e direito.

45 Ora, amigos, se fizermos com as paixões outro tanto, tiraremos a mesma utilidade. Procuremos dispor de maneira as paixões que a mais poderosa trabalhe contra as outras e, deste modo, seremos senhores de todas, porque as mais fracas ficam vencidas e a mais vigorosa cansada».

46 «Não pode haver» — disse Helena — «indústria mais útil, se ela for praticável: o tirar do mesmo veneno triaga, dos inimigos socorro, das enfermidades remédio, é tudo quanto podemos desejar nesta empresa. Mas não nos consoleis, Misseno, com pensamentos formosos: ensinai-nos uma doutrina que se possa reduzir a praxe, porquanto de pouco vale uma imaginária felicidade, a quem se revolve no meio de misérias verdadeiras. Qual preso, que sonha ver os jardins mais amenos e passear nas cheirosas florestas com agradável companhia e perfeita liberdade e, quando torna a si do agradável engano, sente mais pesadas que nunca as duras cadeias, assim seremos daqui por diante, se nos não dais um modo seguro para fazer que das nossas paixões tiremos socorro para domá-las».

47 Sorria-se Neucasis, celebrando a dúvida prudente da embaixatriz como impugnação sem resposta. O embaixador estava suspenso e o conde, desejoso de

ouvir a doutrina que a todos interessava. Então Misseno se ofereceu a declarar-lhes o que parecia segredo, mas para isso quis que cada um dissesse primeiro qual era a paixão que reputavam pela mais vigorosa, oferecendo-se a mostrar com que arte podia a razão servir-se dela contra as outras paixões, em favor da virtude, o que ficou reservado para o dia seguinte, porquanto um pouco de vento mais forte os obrigou a cortar a conversação seguida.

FIM DO LIVRO XVI E DO TOMO II

O FELIZ
INDEPENDENTE DO MUNDO E DA FORTUNA
OU
ARTE DE VIVER CONTENTE
EM QUAESQUER TRABALHOS DA VIDA,

POR

P. THEODORO D'ALMEIDA

Da Congregação do Oratorio, e da Academia Real das Sciencias de Lisboa, da Sociedade de Londres, e da de Biscaya.

Manuel Fernandes Nogueira
Parocho do Piodam
BRAGANÇA

Segunda Edição corrigida pelo seu Author, e accrescentada com Notas, e com estampas.

TOM. III.

LISBOA:

Na Offic. de Antonio Rodrigues Galhardo, Impressor da Real Meza Censoria.

ANNO M. DCC. LXXXVI.

Com licença da mesma Real Meza, e Privilegio Real.

TOMO III

O FELIZ INDEPENDENTE DO MUNDO E DA FORTUNA

P. TEODORO DE ALMEIDA

LISBOA, 1786

Frois inv. sc.
Helena com o Conde, o Embaixador e Neucasis disputão sobre qual seja a Paixcaõ mais Vigoroza, Misseno une todas as opiniõens. n.º 3.

LIVRO XVII

1 No dia seguinte, quando o mar quieto reuniu em conversação sossegada os cinco que disputavam na véspera, se continuou a matéria. O conde, que, pela sua idade, era o mais fácil em todos os movimentos do ânimo, era sempre o mais vivo e pronto, já nas perguntas e desejos, já nos projectos e ideias, já nas decisões precipitadas, e, assim, na presente questão, de qual era a paixão mais poderosa, ele foi o primeiro a dizer o seu pensamento. Afirmava, pois, que de todas as paixões, nenhuma era tão forte como a do amor. «Para não fazer injustiça» — dizia — «se deve dar a coroa a cupido, pois que vemos que com cadeias de ouro arrastra até aos mais altivos monarcas. Nós vemos que o soberano mais poderoso geme igualmente oprimido debaixo dos seus ferros, como o mais vil escravo, de sorte que o ceptro do amor é como a varinha de encantos: se vos tocaram com ela, ficastes perdido e encantado; o herói mais destemido se torna fraco, o homem mais vigoroso se torna débil, o maior sábio fica louco e o que tinha a honra mais delicada e briosa faz acções tão indignas que depois se vem a envergonhar delas. Creio que vós outros concordareis comigo».

2 O embaixador, cuja ideia lhe fazia olhar com outros olhos para o mundo, seguia que ainda era mais forte que o amor, a vaidade e desejo da glória, «pois a cada passo vemos» (dizia ele) «que deixa o herói o seu ídolo na pátria e corre mares e terras para ir colher um ramo de louro no campo de Marte. Ao amor vereis sacrificar fazendas, honras e vidas, mas não vereis que jamais se lhe sacrifique a fama e, se falamos dos grandes sábios e doutores famosos, é sem questão que o amor da glória vence qualquer outra paixão, porque uns e outros nada desejam tanto como deixar uma memória viva das suas acções depois da morte e que a sua saudade dure, ainda quando os membros que as obraram estivessem já mortos e os ossos mirrados».

3 «Mas nem todos os mortais são heróis nas letras ou nas armas» — disse Neucasis — «e nós devemos falar em geral; e assim, neste sentido, digo que a ambição do interesse é a paixão mais vigorosa, porque, quanto a mim, este é o primeiro móvel de toda esta máquina do mundo. E senão, vede: tirai do mundo o interesse, tudo parou de repente: cessou o comércio, perdeu-se a agricultura e não se cultivaram as artes. Se quebrais a ponta a este estímulo do interesse, onde achareis este mútuo serviço que é a alma da sociedade? Onde a união civil dos membros deste vastíssimo corpo? Sem interesse não há dependência, sem dependência não há sujeição, e sem ela não há superioridade, nem ordem, nem leis. Tirai a dependência e pondes todos os homens iguais; cada qual é um soberano e então o ócio será o seu império, a inacção a sua vida e um torpe letargo nos ocupará desde o berço até ao sepulcro. Mas eu sujeito o meu parece aos vossos».

4 Helena ficou admirada do discurso de Neucasis; Aimar o aplaudia e o conde o aprovava muito, não obstante que sustinha ser a paixão do amor tão geral como a

do interesse e, pelo comum, mais violenta. Todos, porém, desejaram ouvir a Helena, a qual diz unir em uma só as três opiniões diferentes e lhes disse que em todos os mortais a paixão mais vigorosa e mais nociva era a do amor-próprio, que esta era a raiz comum e o tronco donde nasciam os três ramos em que ele se devidia. Quanto ao interesse e à ambição da glória, concordava o conde que nascia do amor-próprio, porém, quanto à paixão do amor, «dar-me-eis licença», dizia, «para que vos represente que ela tem mais nobre origem do que o amor de si mesmo. Nesta nobre paixão a alma se dá toda e com total generosidade, e tão longe está de olhar para si, que somente atende ao ídolo da sua adoração. Quem ama não atrai, mas antes é atraído pelo íman poderoso desse objecto que lhe abala o coração no peito e que lho faz saltar e quasi sair pelos olhos, de sorte que, quem se lembra de si e tem advertência aos seus interesses, não pode dizer verdadeiramente que ama».

5 «Já vejo» — disse Helena — «que vós, conde, não sois noviço nesta profissão do amor; porém, isso não obstante, ainda persisto no que disse e vos protesto que não é senão amor-próprio e próprio interesse, a mais generosa paixão de amor. Sabei que tenho feito uma bem delicada anatomia nesta paixão e, por fim, conheci que o que vendem publicamente por amor generoso não é senão amor-próprio, bem vil e bem interesseiro. Gosta, por exemplo, o infame Zópiro da casta Zenóbia, sendo ele um homem perverso, um monstro indigno e detestável; o seu coração, posto que negro, feio e mal formado, não deixa de namorar-se da brilhante virtude que dá realce à beleza adorada; procura a sua companhia, gosta da sua conversação e somente o fixar nela os olhos lhe transporta a alma. Seja embora: todos dirão que a ama, vendo que se desfaz em seus obséquios. Mas reflecti bem e vereis que Zópiro busca o seu gosto, a sua consolação, o seu interesse e não o bem de Zenóbia.

6 Porque, se gosta de a ver, a si é que lisonjeia, quando põe nela seus olhos. Se a sua companhia o encanta, a si é que atende quando a procura e a segue. Faz gosto de adorá-la, assim é, mas adora-a, porque tem nisso o seu gosto; tanto assim que, secretamente, deseja, trabalha e mina para satisfazer o seu intento, ainda que Zenóbia fique perdida. Ora dizei-me: é isto amá-la? Se isto é amor verdadeiro, mui agradecida deve a ficar a inocente ovelha ao voraz lobo que, por gostar dela, a segue por montes e vales. E será Zenóbia obrigada a receber como obséquio os seus passos infames? Ver-se-á na desgraçada obrigação de gostar de um monstro e de um epílogo de vícios? E que culpa tem ela de ser amada, para a obrigarem a dar o seu coração a um demónio?

7 Desenganemo-nos: ninguém deve amar senão o que for digno de amor e a paixão de Zópiro para Zenóbia, se não o purifica dos seus monstruosos horrores, não o faz em si mesmo amável, e, assim, este desprezo que ela faz vem a ser uma nova prova de seu juízo, um realce da sua virtude. E quando ele, ultimamente, se desenganar que ela o despreza, vereis que volta em calúnias todos os antigos elogios e que, à força de injúrias, quer conquistar um coração justo. Ah, meu conde! Quantos Zópiros

se acham no mundo mascarados com a formosa aparência de amantes? Quando, na realidade, são uns homens interesseiros que não olham senão a si mesmos, prontos a sacrificar tudo à sua paixão indigna, ainda que seja a estimação, a virtude, a honra das Zenóbias, a quem eles dizem que amam? Ah, que elas, quando os vêem a seus pés, com o joelho em terra, lhes abrissem com um punhal o infame peito, então fariam ver a todo o mundo que no altar de seus corações não havia outro ídolo senão o seu próprio interesse. Assim, meu conde, bem podeis crer que essa paixão, como as demais, são um puro amor-próprio e muitas vezes bem indigno». Falou Helena com tal fogo, que o seu rosto incendido brilhava com dobrada formosura, dando-lhe um nobilíssimo realce a elevação de seus pensamentos e máximas de uma heróica virtude.

8 Ouvindo isto, o conde se viu obrigado a confessar o erro comum e que, na linguagem dos amantes, se oferecia como obséquio generoso, o que, examinado na justa balança da razão, só era amor-próprio e muito vil interesse. «Contra esta paixão» — dizia ele — «é que se deve armar quem quiser que a razão o governe, porque esta só paixão é a origem de toda a nossa ruína. Mas daqui tiro uma consequência triste, porque se é impossível que um resista ao seu amor-próprio, nenhuma esperança podemos ter de resistir às paixões que nos arrastam para o mal».

9 Misseno, em silêncio, escutava todos os discursos que, de parte a parte, se faziam e, com um ar risonho, os aprovava todos, mas não pôde suportar consequência tão absurda como o conde tirava. «E já que todos os mais têm dito o seu parecer,» — acrescentou ele — «devo também eu dar o meu voto.

10 O amor-próprio, bem examinado na sua origem, é uma paixão boa, justa e devida, porque, naturalmente, nos amamos a nós mesmos, de sorte que a razão manda que cada qual se deseje a si o bem e olhe para a sua felicidade; e isto é verdadeiramente amar-se e, assim, só quem for desesperado e furioso é que se não amará a si próprio. Ora, Deus, que plantou na nossa alma esta paixão inata, não nos podia dar coisa má, nem com a sua própria mão nos podia impelir para o menor mal, porque geralmente o detesta.

11 Sendo, porém, esta paixão boa e inocente na sua origem, comummente degenera com o tempo e sai fora dos limites que Deus pela razão lhe prescreve. E assim o mesmo amor-próprio que, sendo bem governado, é virtude, passando certos termos é vício e raiz de todos os males, bem como o calor que, sendo moderado, dá vida sendo excessivo, ocasiona a febre e a morte. Concordo que esta paixão é a mais forte de todas e que a ela se podem reduzir todas as demais, mas acrescento que não devemos cuidar em destruí-la, mas somente em governá-la, para com ela corrigir as demais. E assim o amor-próprio, bem entendido, é capaz de pôr o freio a todas as demais paixões e de as sujeitar todas às imutáveis leis da razão eterna».

12 Admirou-se muito Helena do que Misseno dissera: e qual estrangeiro que, vendo passar entre o concurso uma extraordinária beleza que lhe prendera o coração,

fixa nela os olhos e a vai seguindo com eles no meio de toda a multidão, até depois se informar da pessoa, assim fez Helena. Encantada desta máxima, calou-se e, não atendendo a muitas cousas que Aimar, Neucasis e o conde acerca disto disseram, assim que teve lugar, disse desta maneira a Misseno: «Esta filosofia é assaz importante, merece que seja explicada com mais individuação, porque o mal das paixões desenfreadas é universal. Ora, se descobríssemos um geral remédio para domá-las, e remédio tão suave, como é o amor-próprio, grande aumento teria a ciência do coração humano. E pois que três são as paixões mais vigorosas, vejamos como vós dais no amor-próprio remédio a estas três perigosas enfermidades.

13 Suponde, Misseno, que o conde está enfermo da febre do amor, que meu esposo o está da inchação da *glória* e Neucasis da hidropesia da ambição. Levemos isto com um tom jocoso, que não estamos nas aulas de filosofia moral. Informe, pois, cada qual dos sintomas da sua enfermidade ao nosso médico e sirva-nos a conversação de recreio e também de utilidade». «Seja embora» — disseram todos, e o conde, como mais vivo, entrou primeiro a representar o seu papel de enfermo de amor.

14 «Ninguém poderá» — disse o conde — «explicar com mais experiência do que eu os sintomas desta enfermidade do amor: assim podeis, Misseno, crer que vos pinto a pura verdade. O amor é um mal que ataca todos os membros e em cada um deles causa particular enfermidade. Primeiramente, na cabeça ocasiona delírios, nos olhos cegueira, no sangue frenesi, no peito forma um cancro que, insensivelmente, vai roendo o coração e a alma; no paladar, causa um tal fastio, que tudo o que não é o objecto amado nos é insípido. Com o amor, o ânimo fica baldado e coxeando, sempre inclina para uma parte e não dá um só passo direito. O amor é uma febre contagiosa que se pega muitas vezes só com uma simples vista de olhos e, num instante, se apodera de toda a alma. Mal nos mordeu esta víbora, vai o veneno correndo de veia em veia, repassa todos os membros, penetra as entranhas, pega-se ao coração e lá é que lança as raízes. Creio que não pode haver enfermidade mais incurável. Ah Misseno, Misseno, se esta enfermidade tivesse remédio, não teria eu padecido tanto, como vos tenho contado!»

15 «Dar-vos-ei remédio» — responde Misseno — «para a não padeceres daqui por diante. Quero que ameis, porque o coração do homem para isso é que foi feito, mas amai como a boa razão dita e como a vossa utilidade pede. A Mão Suprema não pôs em cousa alguma creada todas as perfeições possíveis: e assim, se um objecto nos cativa o coração, outro há-de haver melhor que nos possa livrar do cativeiro. Quem tiver ânimo nobre, não deve ser como os rústicos que nunca vieram à Corte, que, aturdidos com o primeiro objecto que vêem, imaginam que não há no mundo cousa melhor e ficam totalmente presos. O prudente há-de ir vendo e, depois de bem olhar, deve fazer uma justa escolha. Para isso, é preciso saber olhar, que nisso é que se distingue o sábio do que é tonto: este atira com a vista por aqui, por ali, e o que viu, viu. O sábio, porém, olha, examina, reflecte e torna outra vez a olhar,

para fazer das cousas o conceito justo. Se, deste modo, reflectirmos sobre o objecto que nos encanta, mui facilmente nos poderemos livrar deste encantamento, porque acharemos outra mais perfeita beleza».

16 «Caíremos» — diz o conde — «noutro laço, querendo escapar do primeiro, porque seja de uma beleza, ou seja de outra, sempre ficaremos escravos»; ao que Misseno responde: «Venturoso laço este segundo, e cativeiro feliz para quem cair nele, porque não será esse amor paixão que o afaste da felicidade, mas que insensivelmente o leve a possuí-la.

17 Esta beleza que vos aconselho tem tudo o que pode lisonjear a nossa alma e ser origem dos nossos interesses, de forma que por força se há-de preferir a sua beleza a toda e qualquer outra beleza. Esta formosura é tal, que até aos seus mesmos inimigos agrada, de sorte que não há no mundo homem tão perverso que, chegando a conhecê-la, a possa detestar. Deus, cujos olhos estão sumamente satisfeitos da infinita formosura da divindade, até Deus (permita-se este modo de falar) jamais poderá desembaraçar-se do forte atractivo com que o obriga a que ele a abrace e estime. Esta formosura, meus amigos, é, no seu trato, sincera e verdadeira, nas promessas, fiel e imutável, na amizade, é lisa e sem refolho. Ela é magnânima nos projectos, constante nas empresas e suave na execução delas. Ainda mais: nos conselhos vos dá grande sabedoria, prudência nas resoluções, ânimo nos perigos e, nos contratempos, vos faz firme como uma rocha».

18 Pasmados ouviram todos e Misseno, vendo a sua admiração, temendo a incredulidade, lhes disse claramente: «Eu falo, amigos, da virtude. A virtude nem teme, nem foge, nem finge, nem jamais teve necessidade de o fazer. Ao mesmo tempo é elevada e modesta: nem se esconde envergonhada, nem faz vaidosa ostentação da sua beleza. É o que é; não depende de ninguém, nem faz caso do que dela possam dizer os homens: ou eles a louvem ou a vituperem, tudo para ela é o mesmo. É rica, mas sem luxo; independente, mas sem soberba; afável, mas sem lisonja. Na sua fortaleza não achareis violência, nem frouxidão na sua brandura. Ora, vede se pode haver melhor retrato da formosura increada, de quem ela toma e segue os ares: vede se a virtude será amável a quem bem reflectir nela».

19 Aimar, admirado, voltou os olhos para Helena e para o conde, como se lhes perguntasse com a vista o que lhes parecera aquela admirável descrição da virtude; e achou, como em reflexo, o mesmo gosto que em si tinha experimentado, e não disse palavra, temendo interromper a Misseno que, ainda com o mesmo tom, continuava a falar e dizia deste modo:

20 «Além disso, se voltamos os olhos para a nossa utilidade, é impossível que achemos objecto que mais lisonjeie o nosso amor-próprio do que a verdadeira virtude; e eu desafio a todo o mundo para que o mostre. Com a virtude, se a fortuna vos levanta até o Olimpo, não tereis vaidade nem soberba; se a desgraça vos arrasta pelo pó da

terra, não perdereis o ânimo e não sereis vencido. Em qualquer estado sereis o mesmo, e sereis em tudo feliz. Se os inimigos vos perseguem, se os poderosos vos oprimem, se os tiranos vos fazem gemer debaixo dos duros ferros de uma escravidão insuportável, não tendo a virtude, estais perdidos, mas, se a tendes, o vosso coração se acha imóvel, com ela unicamente se consola, se alegra e se dá por verdadeiramente ditoso.

21 Suponhamos (o que muitas vezes acontece) que não há leis para a inocência nem estimação para o merecimento, que a verdade não pode abrir a boca, que todo o mundo, amotinado e gritando à roda de vós, vos condena, sem que ninguém queira ouvir-vos (isto é muito frequente no mundo). Se sois virtuoso, dizeis lá no vosso coração: «Deus me ouve, Deus me atende, Deus me fará justiça»; e isto vos satisfaz. Talvez vos vereis lançados por terra e que todos saltam em vós como cães desesperados, tirando cada qual para o seu lado, para vos despedaçarem de todo, até não vos deixar senão unicamente os ossos: numa palavra, vereis que o céu, a terra e os infernos se têm conjurado absolutamente contra vós para perder-vos. Não importa: se no meio de tudo isto, conservais a virtude, ficará o vosso coração em sossego e, sem alterar-se, poderá dizer a si mesmo: «Deus é o meu amigo, isto me basta». Ora, ide buscar noutro qualquer objecto semelhante consolação e doçura semelhante. Podereis achá-la, meu conde?»

22 «Que posso eu achar?» — lhe responde aflito — «Esta maldita paixão do amor, que toda a minha vida me trouxe encantado, nunca me deu consolação sem desassossego, sem susto, sem temor, sem um inferno de cuidados: cuidados antes e cuidados depois de conseguir o que o meu coração desejava. A virtude, como vós a descreveis, vejo que é o objecto mais digno do nosso amor que pode haver e que, bem considerado, fará esfriar toda a paixão a mais ardente. Mas havia de ser vista de perto, e eu cuido que semelhante beleza é como a das estrelas, que reside lá nos céus, e que nós nos contentamos de admirar cá de baixo, sem nunca a poder alcançar».

23 «Não vos enganeis.» — lhe diz Misseno — «A virtude que tanto vos enamora não é só lá para os céus, também a vemos na terra. Governai as vossas paixões pela luz da razão e da religião e possuireis a virtude. Atendei ao que vos digo: Deus vos pôs na alma para guia das vossas acções a luz da razão, que é uma reverberação dos raios da divindade, e avivou esta luz amortecida pela culpa original, acendendo em nós o lume da fé: tudo o que estas luzes ditam, Deus o aprova e, assim, regular cada um as suas acções pela luz da razão e da fé é o mesmo que estar-se compondo a alma e adornar-se diante do espelho da divindade: vede se com isto poderá deixar de ser bela e agradar aos olhos supremos? Não é logo cousa impossível o que vos aconselho, nem ideia platónica que jamais se visse praticada no mundo, mas é coisa praticada e fácil pela assistência da Mão Suprema que nos acode: tanto assim, que muitos heróis desta verdadeira filosofa temos visto que sacrificaram à luz eterna as suas paixões e neles a Sabedoria Suprema se comprazia; e então, por uma espécie de reflexo, desta

mesma complacência, que de suas acções tinha o Ser Supremo, redundava neles uma admirável satisfação e contentamento.

24 Vós cuidais que esses heróis tinham, como Nero, um coração de ferro? Ou que, como dizem de Remo e Rómulo, tinham mamado em alguma fera o primeiro leite? Eles tinham os olhos como nós e um coração de carne da mesma espécie que o nosso e, além disso, muitos, por própria experiência, tinham, como nós, provado a doçura enganadora do deleite sensível: forçoso é, logo, que, se depois a desprezaram, fosse por judiciosa preferência que fizeram do suavíssimo deleite que lhes causava a própria virtude. Ó meu filho, crede a um homem que provou no mundo de tudo o que costuma encantar-nos. Juro-vos, pelos céus que nos cobrem e pela terra que nos sustenta e tudo o que há de sagrado me seja testemunha, que nenhuma satisfação mundana pode igualar à que temos, quando um se diz a si mesmo: «Obrei como devia e o Ser Supremo me louva, porque obedeci à sua Lei Eterna». Este só pensamento dissipa como o sol as trevas de todas as aflições que nos podem oprimir e perturbar em qualquer sucesso da vida».

25 O conde estava suspenso e muito abalado com o discurso de Misseno. Helena, que gostava de o ver pensativo, quis adiantar a conversação, como quem crava de todo a lança que uma vez entrara no peito para render o inimigo; e disse assim:

— «Ora, conde, eu quero tomar a mim a vossa causa para advogar por ela: e tenho, Misseno, ainda muito que alegar. A paixão do amor nasce dos olhos; e como eles são a antecâmara do coração, por ela há-de passar o objecto que nele houver de colocar o seu trono. A virtude, porém, tem sim uma beleza celeste, mas, por mui elevada, escapando aos olhos, não faz no coração humano a impressão que lhe fará a formosura terrena, e, deste modo, não pode a virtude triunfar do amor». «Muito embora» — disse Misseno — «entrem na nossa consideração os olhos: olhemos com toda a atenção para o objecto que nos encanta; mas olhemos como homens e não como um simples animal faria. Sendo assim, eu vos prometo que se desfaça o amoroso encanto que a vista tiver feito, e sempre há-de poder triunfar a virtude.

26 Suponde que vedes um pequeno regato, correndo pela terra defronte do sol: às vezes, sucede que vos parece uma serpente de prata, de quando em quando cravada de brilhantes. Na verdade, é uma fontezinha bem pobre; porém, vista donde nós estamos, faz uns lumes tão vivos, que sobreexcede a mais preciosa pedraria. Parece que vai fugindo do sol e que, quanto mais foge mais ele, a presegue disparando sobre a fugitiva os seus dourados raios: dourados raios, digo, ou setas de ouro, arma terrível que de ordinário triunfa; mas a pobre e inocente, zelosa de sua pureza, tímida e trémula vai escapando, e quantos raios recebe, tantos rejeita[126], o que a faz mais

[126] Aqui se alude à boa Física, em que se mostra que a água, quando brilha com o sol, faz esse efeito, porque repele de si os raios do sol, reflectindo-os para os olhos.

brilhante e formosa, porque sempre o recato deu realce à beleza e a modéstia novo colorido à formosura. Ora, se houvesse algum tão loucamente enamorado da beleza deste regato que se lançasse por terra para o abraçar consigo, sem advertir que do sol é que tanta formosura lhe vinha, com que se acharia esse louco? Com uma pouca de água escura, porque a sua sombra e mal entendido obséquio lhe tirava todo o resplendor, toda a preciosidade e formosura. Pois assim faz quem, andando perdido por qualquer beleza sensível, não adverte que do sol supremo é que lhe vem tudo o que nela lhe agrada e que a sua sombra, simplesmente, basta para a ofuscar: então, se teimasse, só se acharia com terra, lodo e vileza. Dizei-me agora, senhora, se me engano ou se exagero a pura verdade e confessareis que, ainda entrando na nossa consideração os olhos, toda a beleza que os encantava deve levantar o coração para amar a virtude, para a qual eles até então não olhavam. A beleza bem considerada nos deve levar o discurso a quem é o único e total princípio dela, que é Deus, como o sol o é de toda a beleza das águas».

27 Helena ficou convencida, o conde pasmado; mas o embaixador ainda quer instar, posto que encantado do discurso de Misseno; e responde deste modo: «Se esta paixão desse lugar a essas reflexões judiciosas, não seria cego o amor; mas este maligno encantador, de tal forma prende a alma, que nada vê senão o seu ídolo; nada escuta senão os seus harmoniosos encantos, de forma que o coração, feito um verdadeiro girassol, segue todos os seus movimentos e desde o oriente até o ocaso não tira dele seus olhos».

28 «Ora, já que o segue até o ocaso» — disse com viveza Misseno — «fixe bem nele seus olhos e desfará o encanto. Ao sol-posto da vida verá que desaparece toda essa terrena formosura, ao mesmo tempo que a da virtude é perpétua e permanente. Confesso que quando nasce a aurora, quando a idade é florente e cresce o dia, quando o sol se ostenta formoso e brilhante, tudo é nele beleza, tudo em nós alegria, porque então toda a natureza está rindo; mas nas vizinhanças da morte, isto é, ao cair do sol, quando as sombras lutam com a luz, a noite com o dia, a morte com a vida, vereis esse sol pálido, macilento e triste: então, as rosas se murcham, desfolham e inclinam para a terra, e o vosso coração desconsolado e viúvo, não achando objecto que o satisfaça, pesado a todos, embaraçado consigo mesmo, se precipita nos abismos da melancolia e ordinariamente se perde. Pelo contrário, se por felicidade sua pôs os olhos na perpétua e imutável formosura da virtude, o seu encanto não teme o ocaso, porque a cada momento é mais admirável a sua beleza: nunca diminui, nunca se murcha, e o coração nunca se enfastia, nem se acha jamais viúvo, porque na morte espera o complemento das bodas e posse segura, com realce da beleza encantadora. Vedes que por todos os modos se há-de preferir a beleza da virtude.

29 Ainda mais: vós, amigos, sabeis que Deus de tal forma contrapesou, neste mundo, os bens e os males, as perfeições e defeitos que, como vos disse, jamais encon-

trareis formosura sem mancha. Ora, revolvei bem o objecto que mais vos agrada, vede-o bem e voltai-o por todos os lados, e estai certo que esse íman se, por uma parte, vos atrai o coração, por outra o há-de repelir por força[127]. Se como dizeis, o amor está vendado, tirai-lhe a venda e vede bem esse ídolo que amais e cessará o encanto. Que me dizeis, amigos?»

30 «Confesso» — diz o conde — «que, discorrendo com os olhos abertos, achamos nesta paixão infeliz muitos mais desgostos do que contentamento. A experiência larga mo tem sempre ensinado, mas a dificuldade está em tirar a venda dos olhos, quando o amor nos governa». «E o amor de nós mesmos» — replica Misseno — «não poderá facilmente fazê-lo? O nosso próprio interesse não nos obriga a examinar bem esse objecto que abraçamos? Fomentai, meu conde, o vosso amor-próprio, amai-vos bem a vós mesmo, e a ninguém amareis às cegas; amareis com juízo, amareis os objectos que vos não possam encher o coração de fel, a alma de veneno, o entendimento de cuidados e as entranhas de ciúmes. Amareis a beleza interminável da virtude, a formosura da razão. Amareis um objecto que vos possa recrear com um prazer inexplicável e fazer verdadeiramente feliz». Cederam o conde, Aimar e Helena, e confessaram todos que a enfermidade do amor tinha no amor-próprio, bem entendido, o seu verdadeiro remédio, supondo, como está dito, todo o socorro do céu.

31 Seguia-se a dar remédio à ambição da glória, outra paixão que se havia julgado fortíssima contra a razão; e Helena convidou a seu esposo a que defendesse esta causa, para ver se esta ambição, assim como a paixão amorosa, cedia e se curava pelo amor-próprio, quando fosse bem entendido e governado, «porquanto», dizia ela, «ser-nos-á de suma utilidade, saber que temos no nosso maior veneno segura e eficaz triaga para as perigosas enfermidades do coração humano».

32 «Já que me meteis na metáfora da doença» — responde Aimar — «eu a quero seguir, para explicar a Misseno como se acha o meu coração enfermo; e creio que assim estará também o de todos os mortais, a quem um feliz nascimento deu espíritos nobres. Eu sou senhor do pequeno estado de Cesareia, que minha esposa me trouxe em dote, e não me atrevo a comparar-me com algum dos monarcas da Europa nem também com os da Ásia. Contudo, como entre amigos deve ser a linguagem sincera, confesso-vos que todo o mundo me parece para mim pequeno e que o meu coração abafa nele: tomara fazer deste globo da terra inteiro uma grande peanha para os pés da minha estátua. Tudo o que é grandeza me lisonjeia e, não podendo ter na realidade toda a que o meu coração apetece, é preciso que a tenha ao menos na aparência: por isso, confesso que me agrada toda a adulação, apesar das luzes do meu entendimento. Sou tão miserável, que gosto até dos que mentem, se as suas mentiras lisonjeiam a minha altivez, no que certamente me acompanham

[127] Todo o íman tem dois pólos, num atrai a agulha tocada e pelo outro a repele.

muitos, ainda daqueles que blasfemam da adulação e lisonja. A esta terrível qualidade se segue uma vaidade suma, porque, estando costumado a nutrir-me de vento, sou sumamente leve: a cabeça me anda pelos ares e a menor tempestade ma decompõe, de sorte que a minha alma anda num contínuo redemoinho e não sabe parte de si. O coração inchado quer rebentar; tudo me oprime, tudo me assombra e não posso ver diante de mim nada que me fique mais alto e, vendo-o, se não tenho forças nem asas para subir mais acima, não me sofre o coração, até que, minando por debaixo da terra, arruine tudo o que me fazia sombra. Ora, já se vê que isto me há-de dar muita fadiga, muita pena e muita tristeza. E eis aqui, Misseno, todo o meu mal».

33 «Por certo» — interrompeu Helena — «que ou vós estais bem doente ou fazeis bem o papel. Vejamos agora, Misseno, como curais este enfermo». «Não sei se poderei curá-lo,» — responde — «porque também padeço o mesmo mal, e o pior é que não desejo curar-me dele. Também apeteço a grandeza — e com um desejo inexplicável — e somente difiro de vós nos meios com que a procuro.

34 A sorte de um simples particular que faz da virtude o seu tesouro e do domínio sobre as suas paixões o seu verdadeiro império é a que eu creio própria para gozar da verdadeira grandeza. porque, primeiramente, ele, contendo-se nos limites da sua fortuna, não deseja mais do que tem e, deste modo, já vedes que possui tudo quanto deseja. Além disso, entregue à providência sumamente vigilante do Ser Supremo, em quem totalmente confia, cooperando com o seu trabalho, tem todo o socorro de que necessita. Assim, independente do capricho da fortuna e da inconstância dos homens, conduz a um honesto fim todas as suas acções, sem se embaraçar com mais nada que cumprir diante de Deus, dos homens e de si mesmo todas as suas obrigações. Ora, como as leis de Deus e as do estado estão encerradas nas da boa razão, mais lhes servem de luz que o encaminhem, que de cadeias que o oprimam. Deste modo, que o mundo arda em guerras, que se revolvam os estados, tudo isso pouco lhe importa: o seu trabalho o sustenta e lhe tira os cuidados; além disso, o ocupa e o diverte, de sorte que a noite lhe é agradável pelo repouso, o dia pela ocupação inocente. Na sua casa, quantos filhos tem, tantos criados conta, sendo na sua família amado como pai e respeitado como soberano. Ora, não havendo vícios, não há fomento de discórdias e, assim, na paz tem as suas delícias e o seu mais vivo deleite. Como ninguém o inveja, não pode ter inimigos; como a ninguém ofende, ninguém dele se queixa. Nem a fortuna, nem a desgraça lhe sabem a porta: contente com pouco, no pouco tem tudo e, satisfeito com o que tem, alegre passa os dias da vida e alegre recebe a morte, e isto com menos violência e mais heroicidade que esses famosos varões, a quem a fama celebra.

35 Eis aqui a grandeza que eu apeteço e de cujos desejos não me quisera curar. Tende, amigo, ambição deste modo e sereis mais glorioso e feliz, do que talvez até agora tendes desejado. Eu confesso» — continua — «que muitos anos vivi com outra ideia mui diferente e duvido que haja mortal que mais do que eu desejasse a glória e a fama;

e o conde sabe alguns particulares da minha vida que o confirmam, tanto assim que a glória militar era para mim uma como divindade e tanto que aparecia ao longe, corria atrás dela com os braços abertos e os olhos fitos nessa luz aparente, e corria sem reparar em barrancos, despenhadeiros ou qualquer outro perigo. Mas, quando já perto ia a cerrá-la entre os meus braços, me achava em vão e conhecia que essa bela divindade não era senão uma névoa sem substância, uma ilusão e um sonho, uma quimera em todos os bens que me prometia, mas verdadeira realidade nos males que me causava. Porém, enfim, acordei, conheci o meu erro e mudei de conceito e de sistema».

36 «Contudo,» — replicou Aimar — «posto que confesso que o que dizeis é verdade pura, contudo, o meu coração rebelde ao entendimento acha na fama um tal atractivo que não pode resistir-lhe. Que glória não terão estes heróis que souberam deixar após de si uma fama que jamais há-de perecer? Seja pelo caminho que for, a fama faz um homem imortal: imortal, que é atributo da divindade. Este é um modo nobilíssimo de zombar da morte e triunfar do insuperável império dos tempos. Quando esquecerá no mundo um Alexandre e outros conquistadores? Um Aníbal e outros capitães famosos? Um Catão, um Demóstenes, um Cícero, um Homero e outros engenhos admiráveis que, pela sabedoria e eloquência, souberam imortalizar-se no mundo? Eis aqui, pois, ao que o meu coração aspira e o que lhe causa o seu mais cruel tormento, porque o não pode alcançar» — assim falou o embaixador.

37 «Ora, filosofemos um pouco:» — diz Misseno — «e quando é que esses heróis gozam dessa indizível felicidade que a fama lhes procura? Agora, ou quando viviam?». «Agora» — responde Aimar. E Misseno replica:

— «E tendes correio para lhes enviar lá, onde eles se acham, a notícia do que no mundo se passa a seu respeito?». Não esperava Aimar esta pergunta; e continuou Misseno:

38 «Amigo, não falemos como o povo, que se governa por ideia confusas e vagas: examinemos bem o que dissermos. O ponto da morte separa com uma distância infinita os que vivem dos que já morreram e, assim, não podem esses heróis pagãos já defuntos ter lá notícia de nós. Os louvores que lhes oferecemos ou os vitupérios que contra eles se proferem não lhes chegam; são flores ou pedras atiradas por mãos de meninos que, não podendo atravessar este grande vão, caem no meio deste lago imenso que nos separa e se perdem nele.

39 Ainda mais: quando estas notícias lá chegassem, credes que lhes seriam sensíveis essas honras ou vitupérios? Como vos enganais, amigo! A região que eles habitam lhes tem mudado a natureza. Que se vos dá a vós que os negros do Monomotapa, situados nas últimas extremidades da África, atirem contra vós as suas venenosas flechas ou que vos façam reverentes cortesias? Depois da morte ou somos felices ou desgraçados: se eu sou feliz, vendo-me inundado do gozo delicadíssimo a que me conduziu a mão do Todo-Poderoso, como poderei ser sensível ao que dirão quatro

loucos que eu deixei fechados nessa escura enxovia da ignorância a que chamam mundo? E se eu for desgraçado, nem os louvores dos homens poderão mitigar a minha pena, nem os seus vitupérios são capazes de aumentá-la. Esses grandes objectos serão tão pequenos nos meus olhos que em nada poderão nem aumentar, nem diminuir a minha infelicidade: ide aumentar ou diminuir com uma conchinha cheia as águas do Mediterrâneo. Amigos, se acaso esta filosofia me engana, respondei-me e fazei-me ver o engano, e ficar-vos-ei sumamente obrigado».

40 Suspenso ficou o embaixador e, qual generoso cavaleiro que, armado e valente, corria a acometer o contrário mas, atravessado da seta inimiga, cai logo de repente, como um imóvel tronco, assim foi ele: não ousou resistir e se rendeu vencido. O conde, porém — em cujo peito, destinado as proezas da guerra, fervia o ardor militar — impaciente saiu a sustentar a causa que Aimar abandonara, queixando-se de que por este modo tiravam do mundo o mais nobre e poderoso incentivo que podia ter um homem de bem. «Se nos fazeis insensíveis» — dizia — «à boa ou má reputação depois da morte, arruinais do fundo toda a base das acções heróicas, destruís o móvel interno dos corações bem-nascidos e só deixais que o mundo se revolta sobre o vil eixo do interesse, próprio para as almas de terra ou nascidas no lodo». Isto disse o conde com um modo demasiadamente vivo e que degenerava algum tanto em desprezo, ao que Misseno, com um tom nobre e de autoridade, querendo reprimir o conde, lhe disse:

41 «E a quem falais vós? Já sabeis que a linguagem da honra não me é estranha e que o meu coração não tem perdido pelas máximas da filosofia aquelas que um homem de bem deve seguir». Notaram Aimar e Helena que as faces do conde se tornaram de repente encarnadas, que seus olhos se confundiam envergonhados e que a voz emudecera, crendo por este efeito que a pessoa de Misseno era de maior autoridade, posto que eles ignorassem o seu nascimento. Neucasis, pelo contrário, estranhou o tom de Misseno, dispondo-se com isto a estimular quanto pudesse o coração do conde para sacudir o insuportável jugo daquela severa companhia.

38 Então, Misseno, tomando o tom ordinário da conversação amigável, continuou, dizendo: «Eu quero desterrar dos corações nobres o temor e o medo de fantasmas e quero plantar neles a estimação e o temor do que é sólido e tem realidade. Faço, e devo fazer, grande diferença do merecimento à fama, que são duas coisas muito diversas e que ora andam juntas, ora desencontradas. Vemos muitas vezes sem fama alguma, lá num bem pequeno cantinho do mundo, um grande merecimento, uma virtude bem provada e prendas solidamente heroicas, e, por outra parte, vemos que um vento favorável, um jeito e um movimento oportuno basta para a fama e para levantar às nuvens, como os papagaios dos meninos, coisas bem ligeiras e bem vis, as quais, lá postas perto do sol, brilham com luz emprestada e parecem planetas de luz superior à dos corpos feitos de terra. Não é isto assim? Não é bem frequente? Meu filho, um homem de bem, deve em tudo procurar o merecimento e deve zombar da fama.

39 Devo procurar o merecer as estimações dos que julgam como Deus julga, e devo fazer pouco caso que os tontos que vivem por esse mundo me dêem ou me neguem os seus louvores. Para qualquer parte que for, ou na vida ou na morte, o meu merecimento vai comigo e, assim, ele me honra e ele me faz estimável. Porém, a opinião dos tontos, que julgam às cegas e só pela voz do vulgo, da paixão ou do capricho, fique onde muito quiser, que eu vou avante, sem depender dela. Olho para mais alto: se Deus me estima, se o Entendimento Supremo me aprova, se o Príncipe Soberano sentado no trono eterno me louva e tudo o que tem bom juízo confirma os seus louvores, que se me dá a mim do que diferem os vis lacaios, que lá andam pela terra lidando com brutos e vivendo como eles, tendo o coração cheio de imundícia e as mãos de lodo, ainda que por fora estejam emplumados e cheios de louca vaidade da plebe? Que me importa que me louvem ou que me vituperem esses, se o príncipe soberano me estima?

40 Vedes, meu filho, como se pode desprezar a fama e, ao mesmo tempo, ter coração nobre, obrar acções muito heróicas e sentir um ardor importantíssimo para entrar nas mais difíceis empresas? Eis aqui como o amor-próprio me move a procurar a estimação, a grandeza e a glória e o como me ensina a buscá-la pelo caminho mais sólido e mais seguro e não fazer caso algum da fama, vendo que esta se adquire muitas vezes sem merecimento e se perde sem culpa».

41 Não pôde resistir o conde, e confessou que a má inteligência da sua doutrina lhe fizera duvidar dela, mas que, agora, conhecia que era a mais verdadeira e a mais sólida. E assim já as duas paixões do amor e da ambição estavam remediadas com o amor-próprio. Faltava a terceira do interesse, que pertencia a Neucasis, segundo a distribuição que a embaixatriz fizera, ao que ele respondeu deste modo:

42 «A nossa nação é notada de ser mais que as outras interesseira, mas eu não sei se a diferença está no desejo ou na astúcia de poder sair bem dessa empresa comum. O juízo fino que o clima nos dá ou talvez a necessidade vinda do terreno ingrato, nos terá feito mais estudiosos nesta ciência importante, e daqui vem que os demais nos lançam em rosto como defeito, o que eles desejariam ter como prenda. Mas passemos adiante.

43 A fama e reputação, de qualquer modo que a vejamos, sempre é vento, e esse conceito facilmente desaparece como o fumo nem sobre ele nos podemos jamais estribar. As riquezas, porém, são um bem real e verdadeiro que com as mãos apalpamos. Se sois rico, sois feliz neste mundo, e tudo quando podeis desejar possuís. Se sois rico, logo sois nobre, sois valente, sois homem de bem e honrado, sois entendido e judicioso, ainda que nada disso sejais. Trazei bom e rico vestido, trazei a vossa bolsa sempre provida para a vazar com juízo, brilhem os diamantes e esmeraldas e podeis entrar em qualquer parte, que tereis os primeiros lugares. Tudo o que disserdes é com juízo; o vosso sorriso é uma sentença prudente, o vosso silêncio será reflexão madura, o vosso

ar altivo é nobreza de coração que despreza tudo o que é vil e rasteiro. Com a chave de ouro todas as portas se vos abrirão, com as cadeias deste metal prendeis e atais a fortuna. Tereis mil defeitos, que num pobre seriam crimes horrendos, mas, em vós, se devem ver de outro modo e são qualidades de cavalheiro e decência do vosso estado. Se sois pobre, sois vil, sois importuno, sois desprezível; o vosso merecimento não tem valor, a vossa filosofia é estoicidade, o vosso silêncio é ignorância. Sendo pobre e tendo defeitos, sois horrível, e nem o vosso sangue basta a vos purificar do mais leve crime, mas, sendo rico, ficareis superior às leis que oprimem e arrastam a plebe. A lei comum vos exceptua e podereis fazer livremente aos outros o que seria insolência intolerável, se alguém vos fizesse a vós. Quanto às leis de Deus, é certo que, ainda sendo rico, vos compreendem, mas ninguém ousará vexar-vos, para que lhes deis cumprimento. Numa palavra, senhores, se tendes as riquezas, tereis tudo quanto quiserdes».

44 «Menos a virtude» — acudiu logo Misseno — «e menos a felicidade verdadeira. Meu amigo, tudo quanto dizeis é pura verdade, e mui pouco conhece o mundo quem não tiver visto tudo isso, mas, se vos deixais levar do amor das riquezas e absorver deste desejo insaciável de adquiri-las, eu vos declaro que jamais sereis verdadeiramente feliz e que o vosso coração gemerá como o de um vil escravo oprimido e algemado, posto que com cadeias de ouro, que não oprimem menos que as de ferro, antes mais por ser metal mais pesado[128]. O coração humano pela sua natural rectidão, sim, aponta sempre para a virtude e para a justiça, como a agulha para o Norte; mas acenai-lhe com o metal estimado, já titubeia e se inquieta e volta para a parte oposta[129]. Qual é a balança que não perde o seu equilíbrio, se de uma parte há ouro?

45 Se houvéssemos de crer em encantos, eu dissera que este formoso metal tinha poder para encantar o coração do homem. Coisa incrível, mas verdadeira! Acenam-nos com o ouro lá da outra parte dos mares, a fama, voando, nos diz que o viram lá nos últimos fins da Arábia e na África, lá nessas regiões afastadas, que o sol ao meio-dia domina[130]: eis que os corações que estão cá desta parte na Europa, se alvoroçam e se inquietam e não sabem parte de si. Os olhos se fitam e, apenas o vêem estar luzindo ao longe, atiram consigo aos mares e lutando com a morte, por baixo e por cima, ora nadando, ora quasi submergidos, se, enfim, surgem acima, vão sempre caminhando avante para poder pôr-lhe a mão em cima. Diante dos olhos, vêem muitas vezes que se perdem os seus companheiros: navios, corpos e bens, tudo sorve esse formidável dragão, mas nada importa, porque se busca o ouro. Ora não é isto encanto?

---

[128] É coisa constante que o oiro é a coisa mais pesada que há: excede o azougue e o chumbo, de forma que, tomando volumes iguais, se o chumbo pesa 11 onças, o azougue pesa 13 e o ouro 19.

[129] A agulha de marear que aponta para o Norte, se lhe oferecem o ferro, larga o Norte, e volta-se para o ferro.

[130] Não se apontam aqui as Américas, porque, no princípio do século XIII, em que se supõe esta conversação, ainda se não tinham descoberto, pois só o foram por Cristóvão Colombo em 1492.

46 Ainda mais: tendes um parente, com quem o sangue e casamentos vos tem intimamente ligados ou travastes com alguém a maior amizade. As prendas da alma e do corpo vos cativam o ânimo, de forma que são duas almas mutuamente pegadas ou um coração dividido e, assim, um mesmo querer vos anima. Bom é isso: ora guardai-vos não vos toque o ouro e que este metal medeie e apareça entre vós ambos, porque será o pomo da discórdia. Um ódio interminável animará demandas renhidas e todas as prendas de antes estimáveis se converterão de repente em vícios horrendos, de maneira que só com a morte acabará a dissensão e discórdia, tanto assim que se os interesses se opõem, não há lei, nem razão, nem valia nem empenho que vos possa reunir. Dizei agora: não é isto encanto?

47 Um homem que se não embaraça com os interesses tem quasi todo o caminho para ser homem de bem, e pouco lhe pode faltar para viver inteiramente feliz, porque nem os desejos o inquietam nem as intrigas o afligem, os remorsos não o despedaçam nem as paixões o perturbam. Com a lei numa mão e a honra na outra, caminha sempre direito, estimado dos homens, abençoado de Deus, amados dos bons, respeitado dos perversos e louvado de todos. Vede, Neucasis, se quem se amar a si mesmo, como se deve amar, quem cuidar no seu cómodo verdadeiro, se fará bem de resistir a esta ambição das riquezas».

48 Não se deu por convencido Neucasis, mas Helena confessou, ingenuamente, que até então tinha vivido enganada com a ideia que do amor-próprio fazia. «Esta paixão» — dizia — «sempre a reputei pelo filho mimoso da nossa alma e que, por isso, tinha na indigna condescendência materna uma mui vil educação e muito viciosa, que não vivia senão nos braços dos ínfimos criados, isto é, dos sentidos e que o deleite era o seu único sustento, que não respirava senão vaidade e que o crime era o seu total emprego. Mas, agora, vejo que o amor-próprio, como Misseno o pinta, tem uma educação mais nobre, que vive nos braços da razão e é verdadeiramente ligado com a virtude e com a honra, que respira o seu bafo, aprende a sua linguagem, estuda os seus princípios e não se afasta um passo das suas máximas as mais importantes. Agora conheço ser aqui onde muitos filósofos têm naufragado, porque eles, sim, punham por regra das nossas acções o amor-próprio, mas um amor-próprio falso e louco. Misseno, porém, nos salva do perigo, dando-nos por regra o amor-próprio verdadeiro e racionável. Confessemos, pois, Aimar, que das nossas paixões podemos tirar grande utilidade, se a razão dominar».

Nestas e noutras reflexões passaram a maior parte do dia em amena e útil conversação, havendo navegado com vento seguido e favorável. Mas não durou muito este sossego.

FIM DO LIVRO XVII

Frois inv. sc.

O Conde, a Embaixatrix e Neucasis se divertem na pesca das Tartarugas, por engano das Furias e o Navio em q. vaõ Misseno e o Embaixador lhes foge. n.º 12.

LIVRO XVIII

1 Arrependidas estavam as infernais Fúrias do mal que haviam disposto o seu estratagema, vendo que não puderam separar Misseno do conde, e mui descontente a Inveja, por ter malogradas as sementes que por Neucasis havia lançado no coração do conde. Todas se lamentavam, vendo que a sua filosofia verdadeira cada vez mais ia triunfando dos vícios e a boa razão das paixões, de forma que bem viam que o império da virtude se ia estabelecendo cada vez com maior fundamento. Lamentavam-se de que não só o conde e sua irmã Sofia, mas já o embaixador e Helena o aplaudiam e em pouco tempo Neucasis e toda a tripulação do navio aprovariam as máximas de Misseno e, deste modo, estavam já vendo ao longe a grande ruína que estes princípios ameaçavam ao seu império. Vendo isto, o príncipe das trevas concebeu uma tão furiosa e desesperada cólera, que não era senhor dos seus movimentos e, dando três formidáveis urros, amedrontou toda aquela formidável região. Estava ele irritado pelo mal que as Fúrias haviam satisfeito aos seus empenhos, e depois de haver-lhes lançado em rosto com cólera e furor a sua ignorância e fraqueza, desesperado se levanta do trono e quer sair em pessoa a meter mão à empresa, cousa raríssimas vezes vista naqueles infernais calabouços. Abalam-se com a novidade todas as subterrâneas cavernas, estremecem os rochedos, gela-se o Cócito medroso e aterrado com o jamais visto horror do seu soberano enfurecido. Todos os dragões infernais, tremendo, se apresentam, e em um momento ali vêm todas as mais Fúrias que dispersas vagavam pela face da terra, e entre elas as que agitavam os mares e produziam nele as tempestades. Tudo lá fica em calma e as infernais enxovias se acham atulhadas de monstros que, sem saber o destino, estão prontos a arruinar (se possível for) o mundo inteiro, para apaziguar a cólera de Belzebu. Nisto veio o espírito do Erro acompanhado de três poderosas Fúrias que estavam mais feridas pela língua de Misseno, isto é, as que inspiram aos mortais o amor, a ambição da glória, e o interesse e, cheio de audácia, se apresenta diante do seu príncipe e diz desta maneira:

2 «Repetidas vezes, senhor, intentei a conquista que me estava destinada, e não pude sair bem dela, porque minhas forças não eram bastantes para lutar contra as da Sabedoria Suprema que protege este terrível homem. Mas já que a mim e a estas três companheiras ele acaba de fazer tão grandes ultrajes, nós devemos tentar de novo a empresa e fazer por vosso respeito, e também por nossa honra, os últimos esforços, em ordem a perder de todos estes homens, ou ao menos separá-los eternamente. Se as nossas forças não bastarem, então empenhareis a vossa pessoa, mas é indigno que tão fraco inimigo obrigue a sair da infernal corte o seu próprio soberano. Eu quero ser vítima de todo o vosso furor, se me volto a estas masmorras sem os deixar ou perdidos ou separados; e só peço três dias de tempo e o socorro destas três companheiras, com as mais que a cada uma delas estão subalternas».

Esta arenga sossegou o furor do príncipe do Tártaro, o qual conheceu bem ser indigno da sua pessoa um tão pequeno combate, e mandou que sem demora executassem o que prometiam.

3 Vai logo o amor temperar as suas setas no mortífero veneno de Cupido; o interesse prepara reinos, e riquezas imaginárias; a ambição painéis belíssimos de admiráveis conquistas; e isto para alucinar o coração e ideia do conde, de Misseno, de Helena e de todos quantos pudessem contribuir à empresa, e o espírito do Erro se vale de todos os meios que a sua astúcia lhe inspira. A este tempo já os navegantes haviam passado o estreito de Constantinopla e estava todo o mar, a que chamam Mórmora, tão quieto e sossegado, que parecia um espelho cristalino. Avistavam, posto que ao longe, as montanhas de Calcedónia, e também as de Nicomédia; porém, como os ventos haviam deixado os mares em perfeita calmaria, nada se adiantavam. O mesmo espírito do engano, que para o seu intento havia aferrolhado por um pouco todos os ventos nos abismos, faz vir do Mediterrâneo cardumes de formosas tartarugas que, nadando ao redor da nau, convidavam os passageiros a uma pescaria gostosa: a sua grandeza era extraordinária, a sua multidão infinita. Eis que Neucasis, ferido pelo desejo do interesse, propõe descer ao escaler com a maior parte da tripulação, para aproveitar aquele lance que lhe oferecia grandíssimo lucro. Estava a nau imóvel, como se fosse um marítimo edifício, formado sobre os mais firmes rochedos. Não havia no céu uma nuvem, donde se esperasse a mais leve viração, fervia o capitão em cobiça e lançado o escaler ao mar, desce a fazer a pescaria e convida a embaixatriz e o conde, os quais não duvidaram condescender, movidos da novidade do lance.

4 Ficaram no navio o embaixador e Misseno com muito pequena parte dos marinheiros e desde as janelas da câmara assistiam à pescaria, que era divertida, mas satisfeitos e enfastiados à força de ver sempre o mesmo em repetidos lances, se retiraram a discorrer e conversar sobre os movimentos da Palestina e qualidades dos novos reis que haviam de perdê-la, ou conquistá-la. «Temo» — dizia o embaixador — «a pouca experiência do conde de Briena, a ligeireza de uma rainha lisonjeada com a multidão de pertendentes e com a vaidade de uma beleza rara e, mais que tudo, temo as intrigas dos príncipes latinos. O conde da Morávia vai a militar da parte e em nome de seu cunhado el-rei de Hungria; o seu valor o fará distinguir e o desejo da glória o ocupará inteiramente. Porém, vós, que o ides acompanhar sem ânimo de tingir a espada, podereis militar com maior honra vossa e maior utilidade destes estados, se quiserdes aceitar o emprego, que a ocasião felizmente vos oferece. Tenho incumbência da rainha de procurar em toda a Europa um varão maduro e político que possa em qualidade de pai e supremo conselheiro assistir ao seu lado. Ela não quer dar cegamente a um esposo que não conhece o governo absoluto dos seus estados, porquanto somente quer companheiro e não senhor dessa coroa que os não esperados sucessos da providência lhe puseram sobre a cabeça.

5 Em todos os príncipes que ou militam ou têm estados na Palestina, há circunstâncias que os afastam deste lugar importante, porque sempre os interesses próprios dos conselheiros cegaram para não ver os da coroa, e a desconfiança da rainha lhe faz temer por esta causa, como engano, o mais importante conselho. Eu não quis escolher este conselheiro na França, porquanto o espírito da nação faria que sempre seguisse o partido d'el-rei, e nós necessitamos de um homem não só inteligente e experimentado, mas imparcial, como vós sois. Vós tendes conhecimento das cortes e das intrigas que nelas se encontram, vós conheceis o coração humano, a malícia, e astúcia dos cortesãos; conheceis os segredos da guerra e dos gabinetes, de sorte que Marte e Minerva vos são igualmente familiares. Enfim vós, como tendes dito, não buscais a glória, mas só o merecimento, e assim sois o mais digno que eu posso achar para este ministério. Vede, pois, se quereis dar às vossas fadigas este honrado descanso, e aos vossos dias um termo digno de vós.

6 A Fortuna (segundo o que me tem dito o conde) vos tem sempre perseguido; agora, porém, arrependida de tantas injustiças, quer render vassalagem ao merecimento. Se aceitais, louvaremos todos a providência de nos dar em vós a paz, a harmonia, a segurança destes estados, que mais se têm perdido pela desunião e má inteligência dos príncipes latinos, que pelas armas dos turcos, e sarracenos. Quanto a mim, eu posso prometer-vos da parte da rainha uma docilidade suma, um desejo sincero do bem e uma constância sem obstinação na execução dos vossos conselhos. Vede, pois, se vos convém a proposta que em todo o segredo vos faço, porque então poderei sem outra demora recolher-me a S. João de Acre. E no caso que os tempos me façam arribar a algum porto, tomarei caminho por terra para prevenir a rainha da completa satisfação de seus desejos, para que, quando vós chegardes (e o conde de Morávia), sejais recebidos com distinção e tudo se disponha prontamente para chegada do novo rei que virá brevemente».

7 Ouviu Misseno a proposta não esperada e respondeu prontamente: «Meu amigo, se hei-de consultar a lei da razão, regra de todas as acções justas, não posso aceitar o emprego para que com grande honra me convidais, porque nele buscaria o meu maior mal, quando só trabalho por conseguir a verdadeira felicidade. Já sei pela experiência que casta de vapores reinam à roda dos tronos. Por uma nova e extravagante filosofia, quanto eles são mais altos, tanto os ares são mais turvos, mais carregados e os vapores mais espessos, de sorte que a atmosfera é mais maligna à proporção que ela mais se levanta. Apenas um homem de juízo são e coração direito entra nessa região contagiosa, logo uma névoa ligeira começa a difundir-se pelo seu entendimento, o qual se ofusca de sorte que já não vê as coisas como via dantes: tanto assim, que isso mesmo que lhe parecia enorme e feiíssimo, passadas algumas conversações, perde muito do seu horror, poucos dias depois já é indiferente e com o tempo vem a parecer-lhe útil e em certo modo louvável. A palavra «não» é a mais

difícil de pronunciar em palácio, falando com os soberanos: não sei que tem, que não cabe pela garganta e, quando muito, se diz a medo e tão mudamente, que não se pode ouvir.

8 O que mais é, que esta cegueira e mudez não aflige a alma, ainda que ela bem sente uma espécie de letargo que a põe mui diferente do que se achava antes; mas é letargo suavíssimo como o do sono, com gosto vos deixareis ir insensivelmente para onde vos levam, sem ter resolução para resistir nem curiosidade para examinar se é direito e seguro o caminho. As harmoniosas sereias das lisonjas vos encantam e, tendo as potências da vossa alma entorpecidas, gostais da vossa mesma enfermidade. Tanto assim, que chegais a temer que se desvaneça o contágio que vos tirou dos vossos sentidos e que vos fez perder o uso da razão e privou da liberdade. Não, meu amigo: agora que estou de fora, sou como caminhante que vai pelos montes e vê ao longe os vales cheios de fumo e vapores que ignoram e não vêem esses mesmos que estão lá submergidos neles. Estimo os dons de Deus e não quero perder nem o uso da minha razão nem a minha liberdade, e de um e outro bem ficaria privado por minha má eleição, se aceitasse o favor com que me lisonjeais».

9 «Muita razão tendes em tudo quanto dizeis,» — respondeu o embaixador — «mas a vossa razão vos condena. Conheces os perigos que há nos que assistem aos soberanos e quereis que entrem nesses lugares aqueles que os não conhecem? Se a vossa experiência vos fez ver o laço, só vós deveis passar por esse caminho, porque melhor que ninguém o podereis evitar. Na noite confusa e escuríssima desta região, quereis que a rainha se confie a quem não sabe os perigos do caminho, quando tem em vós um homem a quem o céu os patenteou claramente? Os perigos deixam de o ser para quem está prevenido e, pois, que tão claramente os conheceis, com ânimo os podeis acometer. Esse mesmo procedimento de desprezar o que todos os mais desejam com fundo ímpeto prova com evidência que o céu vos concedeu mais clara luz que ao comum dos mortais, para evitar os perigos das cortes e dos cortesãos: será logo lícito, segundo a lei da razão, negar esta luz a uma princesa que, sem experiência e posta sobre o trono, se vê nos maiores precipícios e disposta a cair neles? A uma princesa que vos pede que a dirijais pelo caminho bom, para sair a salvo? E que desculpa dareis no país da verdade, quando vos lançarem em rosto todos os danos, que certamente hão-de seguir-se, se o governo cair em coração apaixonado, olhos cegos e juízo pervertido? Reflecti, Misseno, no bem público que interessa a todo o homem, e não queirais fazer dele sacrifício ao vosso particular descanso».

10 «Louvo» — lhe disse Misseno — «o vosso zelo sincero, e cada vez vos estimo mais, porque vos conheço melhor, mas, pela mesma razão, me confirmo no que vos disse, porque quanto mais reflicto, mais razões descubro para crer que aceitar esse emprego seria para mim grande temeridade. Não sou eu de espécie diferente de todos os mais homens; e se todos têm luzes fora do labirinto e todos são cegos quando estão

no meio dele, eu também serei como os outros. Acaso devo crer que Deus quando me criou, separaria para mim uma porção de massa que não entrasse na corrupção geral do mundo? Eu de fora discorrerei mui bem, verei todos os perigos, detestarei os erros e remediarei as desordens; porém, metido no centro do encanto, hei-de ficar alucinado como os demais ficam. Sabei, amigo, que o homem não costuma ser o mesmo, quando a sua fortuna é diferente, porque mudamos em certo modo de natureza, quando a nossa fortuna muda.

11 O pequeno regato que, humilde, se acomoda como estreito rego que a natureza lhe destinara, vai com muita paz seguindo o seu caminho. Tanto, porém, que com abundantes chuvas engrossa, já não é o que era: então, feito um rio caudaloso, não contente com o leito que ocupava, impaciente e soberbo arromba os diques, alaga os campos, perde as searas, arrebata o gado, arruina os edifícios e com indomável fúria ou se levanta vaidoso em espuma ou se precipita desesperado. Aqui tendes, pois, a imagem do homem e um retrato do que eu sou, vivendo no meu estado, e do que naturalmente seria, se aceitasse esse emprego.

12 Como a riqueza e abundância não me tentam, prefiro uma mediocridade bem ténue a essa opulência famosa e, assim, não quero perder a paz, o sossego e o bem que possuo no seio da minha razão e da minha liberdade. Calculai bem, meu amigo: de tudo o que um homem possui, posto em um lugar eminente e escabroso, se tirarmos o preciso para o seu vestido e sustento (que, na verdade, é bem pouco) o demais de qualquer modo que conteis vem a ser para os outros, mas os incómodos, as fadigas, os sustos, a falta de sono, a murmuração do público, o perigo da alma e da honra só é para o infeliz, que está no pináculo exposto aos tiros, às tempestades e às observações malignas. Temos logo em limpo que todos os incómodos essencialmente anexos a esse lugar eminente são para mim, e só para mim, mas quasi todas as riquezas e utilidades serão para os outros. Ora, eu declaro que não entrarei jamais em jogo onde todo o lucro seja para os outros e só para mim toda a perda».

13 Neste tempo sentiram algum movimento no navio, porque o vento se levantara e, querendo ver o que faziam os seus companheiros no escaler, já os não puderam alcançar com a vista. A viração que, pouco a pouco, se tinha levantado, achando o navio com todas as velas soltas e os poucos marinheiros que nele haviam ficado adormecidos pela enfadosa calmaria, tinha posto a nau em movimento, sem que o percebessem os que nela estavam. Os do escaler, engolfados no gosto da pescaria, seguiam já para uma, já para outra parte o rumo que levava o cardume das tartarugas, as quais eram conduzidas pelo espírito do Engano, do modo que convinha para os pôr muito longe da nau, e quando advertiram que ela se movia, nem os clamores bastavam para se fazerem ouvir em tão grande distância nem os remos podia alcançá-la, por mais que os forçassem. Acordou o piloto aos brados do embaixador e de Misseno e, não tendo bastante gente para colher todas as velas e manobrar como

convinha, era forçoso que a nau seguisse por algum tempo o vento que se declarara furioso. Sobreveio a noite, envolvendo no seu negro manto toda a terra, e as nuvens faziam mais tenebrosa, escondendo aos remeiros e Neucasis a vista da nau, das estrelas e dos horizontes, por onde se podiam governar.

14 Então foi que todas as Fúrias dos abismos saltaram no escaler e no navio, parecendo cada qual destas embarcações um vivo inferno. O conde, Neucasis e a embaixatriz se davam por perdidos, vendo-se de noite no meio do mar, num pequeno escaler, sem abrigo, sem sustento, sem governo. No navio, o piloto se via sem marinheiros, exposto a naufrágio certo. O embaixador lamentava sua mulher perdida, os ventos sopravam, o mar se agitava, o perigo crescia, e a desesperação e a noite aumentavam todos os males. Neucasis, desde o escaler, vomitava mil maldições contra o piloto, o conde contra Misseno, Helena contra seu marido, culpando-os todos da crueldade com que os obrigavam a perecer no meio das ondas. Não podiam eles atinar com a causa do sucesso e o conde amaldiçoava mil vezes a filosofia de Misseno, cuja doutrina extravagante podia ser o único princípio de semelhante desordem.

15 Tudo Misseno estava conhecendo de longe, afligindo-se de tantos males, e bem percebia, não obstante a dissimulação do embaixador, que ele mudamente o acusava da conversação, com a qual de tal sorte o enleara, que não advertisse a tempo que o navio se movia. O piloto queria fazer-se na volta em busca do escaler, mas era contrário o vento. Os do escaler, envoltos no meio das sombras, não sabiam para onde remassem, e o espírito do Engano com um vulto falso, que lá parecia ser a nau, os fazia remar para a parte oposta a que convinha. Andavam à toa no meio do mar: ora lhes parecia que viam ao longe um vulto que podia ser a nau, ora se desenganavam, perdendo-o de repente e vendo da parte contrária uma sombra que mais se lhe assemelhava. O espírito maligno se divertia, zombando deles, e, entretanto, a Cólera e Desesperação reinavam. Neucasis, cuja ambição fora o motivo de todos os trabalhos, lançava a culpa ao conde, por cujo obséquio tivera aquele pensamento, e o conde repelia as injúrias com excessos muito maiores, tirando pela espada no escaler, como se fosse em campo de duelo, e Helena, meia morta, se lançava no meio deles para atalhar a última ruína. Cansados, enfim, de remar em vão, por conselho de Helena descansaram, esperando pela luz do dia, para ver se então descobriam o navio que naturalmente se teria feito na volta para recolhê-los. Mas tudo quanto tinham andado à força do remo, havia sido para mais se afastar da nau, a qual também, enganada pelo vento inconstante, quanto mais queria buscá-los, tanto mais se afastava deles.

16 Misseno neste aperto, para consolar o embaixador e o piloto, se valeu das máximas da sua filosofia e começou a persuadir-lhes que se não murmurassem da providência suprema: toda aquela tribulação se terminaria em bem, porque só dos homens (dizia) pode vir a origem do mal, e assim tudo o que somente vem da

providência não pode ser senão um bem. «Olhai, amigos: um ser infinito em bondade, em poder, em sabedoria não pode de si mesmo produzir o mal e, por isso, se dispõe a tribulação dos mortais, por força esta tribulação há-de ser para algum bem, maior que essa tribulação, de outra sorte a sua sabedoria eterna pecaria, ordenando um mal para um bem que não merecesse meio tão custoso. Deus queira» — acrescentava — «que os nossos amigos tenham ânimo para suportar por um pouco este trabalho e que não escandalizem a Mão Suprema que nos aflige. Deus queira que o conde e Neucasis saibam moderar as suas paixões e que não as voltem contra o céu, porquanto, meus amigos, nada devemos temer tanto, como quando queremos levar por mal o Todo-Poderoso e se, quando Deus nos castiga, O escandalizamos. Se o pequeno bichinho da terra se revira contra o gigante para mordê-lo, quando este levemente lhe toca, em que parará a pendência, senão em se ver debaixo dos pés morto, e aniquilado? Respeitemos os conselhos de Deus e supliquemos-Lhe rendidos que nos conceda socorro neste aperto, porque se Ele o não conceder a quem O adora, muito menos o dará a quem o insulta. Temo as paixões do conde».

17 O embaixador abafava no coração a ideia do naufrágio quasi certo de sua esposa e, animado com a exortação de Misseno, adorando os segredos de Deus, lhe pedia humildemente o remédio. Misseno, totalmente esquecido do perigo próprio, só suspirava pelo socorro dos que no escaler estavam a ponto de perder-se, mas tinha tal confiança na providência, que parecia ver com os olhos tudo o que Deus escondia no impenetrável caos do futuro.

18 Veio enfim o dia e jamais lhes foi a formosa aurora tão agradável. O mar estava sereno, o dia claro, o céu descoberto; porém quanto mais se alegravam, à medida que a luz crescia, mais se entristeciam, não podendo descobrir o escaler de alguma parte. O vento, levando para o Oriente o navio desamparado, quando o escaler trabalhando enganado uma grande parte da noite havia remado para o poente, de modo os tinha separados, que nem do escaler se via a nau, nem os da nau viam o escaler. Descobriu-se o sol e ficou o piloto admirado, vendo que já haviam entrado muito avante no golfo de Niceia, cousa que só dirigida pelo maligno espírito parecia crível. Então viu que, enganado pelo vento inconstante, havia deixado mui atrás o escaler, e queria manobrar, mas não tinha gente; queria voltar a sair do golfo, mas o vento o contradizia, e, quando mais o sol subia, mais o vento se declarava. O mesmo espírito do Engano, que tinha aferrolhado os ventos, quando lhe convinha, e soltado oportunamente, agora os mandou todos, para que com fúria desesperada perseguissem o navio até o completo naufrágio. Estava a nau quasi sem marinheiros, e assim trabalhavam Misseno e o embaixador, como se o fossem; porém, era o seu trabalho inútil, as suas acções tardias, os movimentos embaraçados, e isto quando deviam ser prontos e apenas ocupar um instante, o que, vendo o piloto, abandonou as velas ao vento e deixou correr a nau quanto podia para dar à costa e salvar a vida.

19 O embaixador já neste tempo tinha perdido o ânimo, porque o espírito do Erro, disparando-lhe uma envenenada seta, de tal modo lhe ferira o entendimento, que, passando nos seus discursos todos os termos que a razão e a religião lhes prescreviam, se desesperava. Em vão Misseno trabalhava para o sossegar, porque dizia com desprezo, e com ira: «E que bem se embaraça lá Deus com quatro vis insectos que, agarrados a uma palha, andam boiando cá sobre as águas do mar! Que outra cousa somos nós, senão quatro formigas por comparação de todo o globo da terra? E que quer dizer todo esse globo, que para nós é imenso, se o virmos lá desses intermináveis espaços por onde passeiam os astros? Ora, Deus que tudo fecha no punho da Sua Mão, quão superior é a tudo criado, que desaparece como o fumo e como o nada diante do Seu Ser supremo! Quereis logo ocupar o entendimento infinito de Deus cá connosco? Com quatro bichinhos que em comparação dele nos confundimos e equivocamos com o nada? Não seria ridículo querer persuadir-nos que o imperador da China estava no seu altíssimo trono em aflições e em sustos, porque duas formiguinhas estavam num lago de Nanquim em perigo de afogar-se? Pois ainda será mais incrível que Deus se embarace com o perigo em que estamos»[131]. A isto foi acrescentando tais loucuras, e blasfémias, que Misseno o estranhava. Tanto, porém, que sossegou a fúria e se pôs capaz de entender a razão, Misseno lhe falou deste modo:

20 «Não cuideis, amigo, que Deus é obrigado a fazer caso de nós, pelo que nós somos, mas deve fazê-lo, pelo que Ele é em si mesmo. Credes que a Sua Inteligência recusa o aplicar-se a bagatelas, por estar ocupada com cuidados maiores? Ora dizei-me: e recusará o sol, esse imenso planeta que é a alma dos céus, recusará, digo, com desprezo o alumiar uma ervazinha do campo, porque tem que alumiar todos os globos celestes? Pois ainda é mais impossível que a Inteligência infinita deixe de ver o que se passa lá no recôncavo do mais oculto rochedo. Acaso a multidão de negócios embaraça o seu entendimento? Ou a continuação o fatiga ou a confusão lhe ofusca as luzes? Quereis fingir um Deus com todas as fraquezas do homem e modelar sobre as nossas imperfeições e misérias a ideia de um Ser infinitamente perfeito? Se ele quis ser Autor da nossa vida, fazendo-nos filhos seus, por que monstruosa indiferença nos abandonará ao ludíbrio desse que querem chamar acaso? Fará gosto de nos ver andar boiando nos vaivéns da fortuna? Julgais que para este fim é que Ele nos tirou do abismo do nada e só para ter o pueril gosto de zombar do que ele mesmo com tanto cuidado fizera? Impossível é logo, Aimar, que o vosso juízo sossegado trague todos estes absurdos. Guardemo-nos, pois, de irritar pela nossa desconfiança ou murmuração a Sua justiça e descansemos sobre a Sua paternal providência, porquanto tudo o que ele faz, por algum motivo o faz: motivo justo, decente, enfim, motivo digno de Deus».

[131] Este é o discurso que nos nossos tempos fazem alguns ímpios que nem a Deus perdoam com a sua louca filosofia.

21 Neste tempo os marinheiros começaram a gritar que viam terra, e era a entrada do Golfo de Niceia[132], que depois se veio a chamar Iznik[133]. Era a propósito o vento e o piloto endireitou a proa para dar à costa, o que não tardou muito, salvando-se por este modo todos com algum trabalho. Então o embaixador, dando-se a conhecer, serviu de abrigo a Misseno e aos demais que iam em sua companhia.

22 Andavam ao mesmo tempo os do escaler boiando sobre as águas, incertos, desesperados e aflitos. Não se guardava ordem, nem obediência, nem respeito nem cortesia. Neucasis, desesperado contra os marinheiros, os ofendia com golpes e com injúrias, quando mais necessitava deles para salvar a vida, e os marinheiros ofendidos não guardavam a obediência devida. Qual lhe fala com insolência, qual arremessa o remo não querendo servir a um ingrato, qual rema com força desesperada e, não sendo sustentado da parte contrária, quasi volta o escaler e o mete a pique. As lágrimas de Helena, as injúrias do conde, a fúria do capitão, a grosseria dos remeiros faziam pôr em dúvida se lhes seria menos dura a morte pronta ou aquela continuação da vida. Era o escaler o ludíbrio das ondas e do Engano, de maneira que a cada momento lhes parecia ver o navio, mas, depois de bem fatigados, se desenganavam que havia sido ilusão, até que Helena persuadiu ao conde que, pois não achavam nas criaturas socorro, que o buscassem no Criador, e fizeram ambos votos ao céu de ir, sem alguma demora, visitar os lugares santos como peregrinos, se Deus lhes salvasse a vida. Repetiu-lhe algumas das máximas que havia ouvido a Misseno e começou a acalmar aquele coração, até aquele momento extremamente agitado.

23 Apertava a fome e a sede, e a fadiga a aumentava a cada momento, porque todos sem excepção remavam. Os marinheiros menos delicados começaram a sustentar-se das tartarugas, cuja carne fresca lhes remediava juntamente ambos os males; seguiu-se Neucasis e o conde, e o medo da morte fez que Helena desprezasse também a natural delicadeza. Jamais aqueles cavalheiros tiveram iguaria tão saborosa, porque a fome e a necessidade a tinham singularmente temperado. Assim passaram três dias e cada vez mais se sossegavam os ânimos com a esperança certa de que encontrariam terra, porquanto remavam sempre ao nascente e sabiam que estavam dentro do mar Mármora, o qual é fechado por uma parte com o estreito de Constantinopla ou, como outros lhe chamam, Bósforo de Trácia, e pela outra com a garganta dos Dardanelos, e já viam que nas tartarugas tinham remédio para sustentar a vida, posto que o não fosse para lisonjear o apetite.

24 Então o conde reflectiu na doutrina de Misseno e conheceu que era punição do céu e castigo do que contra o Ser supremo tinha falado. Na madrugada do terceiro dia, viram uma nau que, a pano largo e vento em popa, vinha lá da parte do Estreito;

---

[132] O Mármora tem dois grandes golfos na costa do Oriente: o primeiro da parte do Norte vai terminar em Niceia.
[133] Niceia foi antigamente muito célebre nos Anais da Igreja pelos Concílios que aí se celebraram: hoje, chamada *Iznik*, é cidade mui arruinada.

e não se contentando de esperá-la, forçavam os remos com ânsia e veemência. Corre com velocidade a ligeira galga, quando vê ao longe a desejada presa: voa com mais velocidade a seta sacudida pelo arco forte e recurvado; porém, ainda parecia mais veloz o escaler, saltando por cima das ondas a cada impulso dos ajustados remos.

25 Chegam enfim muito perto da nau, que caminhava formosa e soberba; já não cabiam em si de alegria e, posto que conheceram que não era o seu navio, mas outro muito maior, já se consideravam a bordo e mutuamente se abraçavam. Eis que vem que a nau foge deles e se retira. Era nau de turcos que vinham de Trebizonda[134] para Esmirna: estes, vendo aquele escaler no mar largo, onde jamais navegou embarcação semelhante, imaginaram que eram homens apestados, expulsos da comunicação das gentes e que para conversação do público haviam sido condenados com menos barbaridade à morte certa. Nesta suposição, temendo ser inficionados pela proximidade, se faziam ao largo.

26 Não cai tão de repente o alto cedro ferido do raio, como caiu toda a esperança dos naufragantes. Os remeiros forçam os remos, Neucasis clama, Helena chora, o conde se desespera. Então Neucasis pega com ânsia de uma tartaruga muito grande e a mostra de longe aos da nau, Helena arranca do pescoço as jóias e as levanta na mão, o conde lhes mostra uma bolsa, dos remeiros alguns largam os remos e mostram as mais formosas tartarugas e ficam os do navio absortos, não podendo concordar todas estas acções com a ideia que formavam; então se puseram à capa para os deixar vir à fala. Vem a agulha com ímpeto, quando se vê perto do íman, e gostosa se deixa cair sobre ele; e assim fez o escaler, marrando com ímpeto contra a nau que, majestosa, o esperava. Então Helena, que sabia a língua, os informou do sucesso, ocultando com cautela qual era o seu destino, porque não quereriam os turcos dar socorro aos que iam militar à Palestina; somente lhes disseram que vinham como passageiros numa nau veneziana, o que comprovava o capitão e marinheiros que clamavam em italiano, e que a cobiça das tartarugas lhes fizera perder o navio. Enterneceu-se Cara-Osman, capitão da nau, e mandou que fossem recebidos e tratados com a decência e respeito devido a pessoas de distinção. Seguiu-se logo um pronto refresco e todas as comodidades que o caso pedia.

27 Cara-Osman reparava em Helena e entrevia nela não sei quê de grande, que fazia suspeitar ser pessoa de maior esfera. O conde, também pelo seu talhe, e gentil presença e modo afável, bem dava a conhecer ser cavalheiro. Helena disfarçava o quanto podia ser senhora de Cesareia, porque, se o soubessem, talvez que a fizessem prisioneira e quisessem um considerável resgate. Dizia que com seu marido e aquele cavalheiro passavam a Veneza, mas em tudo o mais não se afastava da verdade. Nesta reservada conversação passaram três dias em contínuo susto de serem conhecidos e,

[134] Trebizonda é um porto de mar no Ponto Euxino sobre a praia do Sul; pertence à Ásia menor.

ao quarto avistaram terra e entraram em Esmirna[135], onde, agradecendo ao capitão turco a vida que lhes havia conservado, procuraram nos estrangeiros daquela cidade famosíssima o remédio aos seus trabalhos.

28 Passado o primeiro gosto de se verem com vida, voltou no seguinte momento a aflição pelos sucessos passados. Lamentava Helena a perda de seu marido, pois, ficando o navio quasi sem marinheiros, forçosamente ou havia de perecer no meio das ondas ou talvez naufragar nos rochedos. Neucasis, que havia sido a origem de toda a infelicidade e não ousava voltar à pátria, se unia ao conde, esperando à sua sombra remediar a fortuna, pois se considerava perdido. O conde balanceava entre mil movimentos, já de pena pela perda dos companheiros e incómodos passados, já de gosto por se ver livre de Misseno. Muito mais, tendo esperanças de conseguir os agrados de Helena e, por sua intercessão, os da rainha de Jerusalém.

29 Os seus olhos, o seu coração, os seus afectos todos se dirigiam a Helena, porque ao mesmo tempo haviam disparado sobre o coração do conde as suas setas as três Fúrias do inferno que, em companhia do espírito do Erro, haviam tomado a funesta empresa de perdê-los ou separá-los. Sentia-se arder ao mesmo tempo em amor de Helena, em desejo da glória de empunhar o ceptro de Jerusalém ou, ao menos, se prometia o interesse de ser senhor de Cesareia, porquanto o embaixador estaria morto. Deste modo se sentia docemente satisfeito com a esperança de contentar a sua ambição desmedida: esperança que jamais tivera tão bem fundada. Porém, tudo dependia de Helena.

30 «O embaixador é morto» — dizia o conde a si mesmo — «e Helena bem me podia dar o lugar de conde de Briena. Meu cunhado, el-rei de Hungria, os meus vassalos da Morávia, mil honradíssimos parentes que tenho sentados nos tronos ou à roda deles podiam socorrer-me: e por que não intentarei este lance? Além de que a rainha, vendo-me com a gentil presença que a natureza me tem dado, sabendo do meu real sangue, bem poderá ainda, sem o socorro do engano, preferir-me a um estrangeiro desconhecido, o qual, certamente, não poderá competir comigo nos dotes da natureza. Mas se Helena quisesse apoiar os meus intentos, tudo se conseguiria com facilidade. E quando ela tenha horror a este engano, ao menos não me refusará o seu tálamo e, assim, ao menos participarei dos seus estados. A sua delicadeza só pode opor a isto que eu tenho minha mulher viva, mas eu farei que se espalhe a notícia que é falecida, e talvez que me não engane; e, assim, por todos os motivos me convém ganhar-lhe o coração, porque tudo depende dele.

31 Neucasis, que era um eco da voz do conde, ajudava a mesma ideia, a qual ele primeiro que ninguém havia formado, e ambos de comum acordo armavam todos os

[135] Esmirna fica na costa da Turquia asiática sobre o Arquipélago, cidade muito famosa pelo comércio de franceses, ingleses, holandeses, turcos, gregos, etc. Fica um pouco acima de Éfeso, cidade celebérrima antigamente pelo famoso templo de Diana e pregação de S. João apóstolo.

laços para enganar a Helena quanto à morte de Aimar e à da condessa da Morávia, o que não era difícil numa cidade tão populosa como Esmirna. Helena, pelo contrário, trabalhava por descobrir notícias do embaixador, mas, entretanto, agradada sumamente dos obséquios do conde (cuja maliciosa ideia não percebia), deixava ir caindo para ele o seu coração que sempre para ele havia propendido.

32 Ao mesmo tempo, o embaixador e Misseno faziam todo o possível por saber ao certo o destino dos que no escaler se haviam embarcado. Todas as aparências eram de que teriam perecido, porém, Misseno, com um tom mais firme que de ordinário, fazia esperar ao embaixador que a providência os teria conservado. Lembrou-se Misseno de que conhecia o imperador Teodoro Láscaris, o qual poucos anos antes se havia feito coroar em Niceia, quando os latinos haviam coroado em Constantinopla a Balduíno, porquanto Teodoro havia casado com Ana, filha de Aleixo e neta de Isaac Lange. Aimar, sabendo isto, instou tanto com Misseno, que ele houve, enfim, de descobrir-se e, pedindo audiência, falou à imperatriz deste modo:

33 «Não é preciso, senhora, para mover um coração nobre e generoso, outro incentivo mais que a simples narração das infelicidades dessa que chamam Fortuna. Sabei, pois senhora, que nós somos dous passageiros que em uma nau veneziana navegávamos e, depois de ser o ludíbrio dos ventos, das ondas, e das Fúrias do inferno que nos perseguem, tivemos a não esperada fortuna de ver a Niceia, onde vós reinais felizmente. A esperança de que acharemos em vós abrigo e protecção não se funda só na ideia de que os soberanos são imagens de Deus, destinados pela suprema providência para ser órgãos dos favores, com que o céu atende aos inocentes; mas eu fundo a minha também no conhecimento que tenho dos príncipes da vossa família, de quem recebestes o sangue e o ceptro. Tive a honra de conhecer vosso pai Aleixo e de o acompanhar na Silésia; tive o gosto de promover pelas minhas persuasões os cavalheiros da cruzada a que viessem sobre Constantinopla dar a liberdade a Isaac, vosso avô, e pôr sobre o trono vosso pai. Estes meus serviços me procuraram a honra de acompanhar na tribulação do cárcere o emperador Isaac Lange; e no cárcere fiquei, depois que ele subiu ao trono. Nesse tempo conheci o seu coração, e sei que dele vos terá vindo o sangue e a ternura para nos valer. Agora não atendendo a cousa alguma, só vos pedimos a vossa protecção, para saber se pereceram os nossos companheiros ou se por estas costas da Ásia acaso se acharam. Falta-nos o conde da Morávia e Helena, mulher deste honrado cavalheiro, os quais num escaler poderão ter perecido ou talvez salvado a vida. Este é o favor que vos pedimos e que sem a menor dúvida esperamos da vossa benignidade».

34 Admirada ficou a princesa com a narração de Misseno e lembrou-se que a seu avô Isaac Lange mil vezes ouvira muitos louvores de Misseno, sem que lhe soubesse o nome e menos ainda o nascimento. Mas as revoluções de Constantinopla haviam de tal modo ocupado o seu ânimo, que nunca mais havia sabido desse honrado

prisioneiro. Agora, envergonhada da ingratidão de seus maiores, temia confessá-la, mas desejava corrigi-la. A nobreza do seu coração a impelia a proteger e honrar a Misseno como seus serviços mereciam; porém, a delicadeza da sua soberania recusava confessar a feiíssima ingratidão de seu pai e avô, havendo ambos deixado no cárcere um homem tão benemérito. Deste modo, vacilante, incerta, ora lhe mostrava particular agrado nas perguntas que lhe fazia sobre o seu naufrágio, ora deixava cair sobre o rosto aquele ar soberano com que as majestades costumam infundir o respeito e, sem decidir, lhe respondeu que mandaria prontamente as suas ordens, para achar os companheiros, se acaso houvessem escapado ou também a notícia certa de haverem perecido.

35 Com esta resposta se retirou a emperatriz; mas Aimar notou que os olhos fixos, sem palavras, se explicavam. Passavam dias e dias, e não havia notícia dos naufragantes, com o que Aimar se impacientava; mas era preciso tempo para as diligências e, entretanto, todas as ideias fúnebres que eram possíveis o inquietavam. A própria vida lhe era pesada e desejava ter antes perecido no naufrágio, do que conservá-la com tanta pena. Seguiu-se a paixão da tristeza, a da impaciência, a da precipitação e a do fogo: queria partir sem demora para dar conta à rainha dos sucessos da sua embaixada e retirar-se aos seus estados para enterrar-se vivo numa solidão fúnebre, até que a alma, não podendo sofrer o horror da sua melancólica vida, lhe quisesse fugir do corpo.

36 Então Misseno, com brandura e prudência, começou a sossegá-lo, representando-lhe as máximas da prudência, as quais jamais consentem que se obre com precipitação e com ardor. «Erra-se depressa» — lhe dizia — «e de ordinário só devagar se acerta. Quando eu era moço, tudo em mim era fogo, tudo havia de executar-se no mesmo momento em que eu o ideava, porque na balança da minha estimação era o mesmo tardar que perder. Em mim o conceber, falar e fazer seguiam-se tão prontamente, como o relâmpago, o trovão e o raio, de maneira que nem o vento era para mim mensageiro assaz pronto. Porém, depois que à força de quedas abri os olhos, conheci que não havia maior porta para o erro do que uma resolução precipitada. Meu amigo, dai-me o entendimento que quiserdes, seja o mais claro e o mais recto, certamente não poderá jamais acertar, sem primeiro ver as coisas e as suas circunstâncias e consequências delas, e pesar de uma parte as utilidades e da outra os inconvenientes. Ora, isto não se pode fazer sem reflexão, e ninguém reflecte sem tempo e, por isso, com razão o pintam como velho, porque as cãs lhe dão o carácter de bom conselheiro.

37 Enquanto dura o primeiro fogo, tudo é fumo, e a alma não vê por onde caminha: cuida que é estrada real e acha-se num precipício, donde talvez não poderá sair, ou pelo menos nunca o fará sem dano. A mesma perturbação que se vê no exterior de um homem fogoso num momento se volta para as quatro partes do mundo, que

ora se senta, ora se levanta, ora vai adiante, ora volta atrás de repente; que se enfada com as mesmas coisas inanimadas, incapazes por isso da menor culpa; que tudo lança por terra, que tudo quer despedaçar e até contra si mesmo se irrita: os olhos inquietos, a voz alta e destemperada, as palavras sem moderação, tudo faz ver que o juízo está fora de seu lugar. Ora, ide tomar uma resolução neste tempo, e vereis quantas vezes escapais do erro. Nem o sol vê tudo num momento, espera vinte e quatro horas para conhecer bem o seu mundo: e como quereis ver vós tudo de um golpe? Não sabemos se vossa esposa pereceu; preciso é ter deste objecto alguma certeza. Poder-se-iam salvar, e não tardará muitos dias que se saiba se por estas costas se acham indícios ou da sua vida ou do naufrágio. Deus, a cuja providência vos tendes entregue, vos dará a conhecer a verdade, para que saibais o que mais vos convém e, para isso, só vos peço uma pouca de paciência, que sem ela não poderemos acertar no que devemos fazer».

38 Instava o embaixador na sua pretensão primeira e todos os seus discursos e raciocínios eram para provar que sua esposa havia naufragado, porquanto a fome e a sede seriam bastantes para lhe dar a morte, quando lhe tivessem perdoado as ondas e os ventos; que, se a nau apenas havia podido resistir à sua fúria, como se poderiam salvar num escaler, que a cada onda devia ser engolido pelos mares? Porém, Misseno discorria por outro modo: «Meu amigo,» — lhe disse — «o vosso desejo e o meu estão conformes; ambos desejamos o mesmo, e procuramos o que nestas circunstâncias nos pode ser melhor. Não há aqui lugar para disputa; só devemos com ânimo tranquilo e sossegado examinar o que mais nos convém, já que a perda, ou utilidade há-de ser nossa, sejamos nós os que examinemos o caminho de remediar o mal e de procurar o bem. Discorramos, pois, sem espírito de partido nem torçamos jamais o discurso para tirar a consequência que uma vez desejamos. Se quereis partir, eu estou pronto. Nada tenho que me demore, senão a vossa utilidade e o deixar ao desamparo vossa esposa, que talvez estará viva, e ficará exposta a calamidades infinitas, se vos ausentais antes de tempo. Um dia mais de demora nos poderá tirar da dúvida, uma hora de menos pode ter consequências sumamente perniciosas. Não vos admireis de que o vosso entendimento vos faça ver a resolução que tendes tomado por todos os motivos útil, porque nós todos, meu amigo, temos um defeito que está anexo à natureza, se a reflexão o não tira, e de mim vos confessarei que muitos tempos o tive e não sei se ainda estarei bem cuidado dele.

39 Nós naturalmente amamos os nossos filhos, e sempre nos parecem gentis e engraçados. Ora, os filhos da nossa vontade são as resoluções que ela toma: assim a mesma resolução que antes de tomada nos era indiferente, se a vontade se determinou a adoptá-la, já é filha sua, já é linda, e bela, já lhe parece bem, e, por isso, levamos muito a mal se alguém a despreza e quer meter debaixo dos pés, porque, enfim, é nossa filha. Ora, este amor é tão forte, que até a nós mesmos queremos ocultar os

defeitos da resolução que tomamos e somente nos demoramos com complacência no que a resolução tem de bom e de útil, como quem lhe dá muitos ósculos e a abraça, de forma que não cessamos de ponderar todas as utilidades dela, e assim o bem, que simplesmente é possível, o contamos já como seguro, o que é dificultoso, o reputamos fácil. Pela mesma razão passamos mui ligeiramente pelo lado que não é tão bom, por isso as dificuldades só se olham em grosso e os inconvenientes ao longe, de maneira que o mal, que talvez é muito contingente e é natural que suceda, lá o desterramos para a região do dificultoso e do muito raro; tanto assim, que nós, sim, tomamos conselho, mas não é para nos decidirem a seguir ou deixar a resolução adoptada: só buscamos confirmação para o nosso partido. Daí vem que ponderamos primeiro com viveza tudo o que é a nosso favor e depois que vemos os outros já propensos, então é que lhes fazemos ver ao longe tal ou qual dificuldade em contrário, levando logo a resposta preparada. Deste modo procuramos enganar aqueles de quem vamos pedir a luz para o acerto.

40 Amigo, ninguém jamais escapou das astúcias do nosso amor-próprio, se não está mui prevenido. Demais disto, haveis de saber que se a precipitação e ligeireza nas resoluções nos é nociva, não o é menos a tenacidade e a teima. Reflecti, pois, maduramente no que vos digo, e determinai o que quiserdes, porque vos acompanharei fielmente, se assim for preciso, posto que, se acaso vossa esposa pereceu, o conde também padeceria sorte igual, e então não tenho fim que me obrigue a peregrinar por países estranhos». Sossegou muito Aimar com a reflexão de Misseno e confessou que era imprudente e precipitada a sua partida, antes de saber alguma resulta das ordens do imperador.

41 No dia seguinte tiveram ordem os dois naufragantes para se acharem no jardim real, porque lhes queriam falar os emperadores. Alegrou-se Aimar, crendo que receberia alguma notícia alegre, mas ao mesmo tempo temia, receando que esta fosse muito triste. Enquanto esperavam que os emperadores saíssem aos jardins, souberam dos guardas que, na noite precedente, o emperador se havia levantado sumamente inquieto e que, furioso, havia logo de madrugada mandado aquela ordem; que tinham percebido na emperatriz lágrimas de aflição, mas que ignoravam o motivo de uma e de outra novidade. Misseno observou que os conduziam com grande cautela e entrevia que alguma desconfiança inquietava o emperador, mas animava o companheiro, dizendo-lhe que não temesse nada, pois que não tinha o menor crime. E nestas conversações passaram, enquanto os emperadores não saíam aos jardins, onde eles estavam com sentinelas à vista.

FIM DO LIVRO XVIII

Frois inv. sc.

Misseno eo Embaixador no ponto de Serem Condenados a morte ficaõ Livres pela falsidade q. se descubrio Com a vinda naõ esperada de Helena, que a Cudio ao Tribunal dos Emparadores.

LIVRO XIX

1 Ainda não eram passados os três dias que as infernais Fúrias havia pedido de prazo para executarem a grande empresa, quando, pelas cavernas subterrâneas, com horríveis estrondos, cantavam a seu modo a vitória do seu grande adversário. Estava Misseno separado do conde, um em termos de perder a vida, o outro de entregar-se com mais cegueira que nunca às suas desordenadas paixões. O príncipe das trevas lhes aplaudia a diligência, mas elas, engolfadas no gosto de vencer um tal inimigo, não queriam levantar mão da empresa até uma ruína total. Quais lobos vorazes e carniceiros, que chegam a entrar de noite no curral dos pastor descuidado que, com os pêlos hirtos, a boca aberta, os dentes ensanguentados, as fauces anelando, por uma parte e por outra levam o estrago e a morte e quanto mais sangue derramam, tanto mais sede têm de derramar outro de novo, assim eram aqueles infernais monstros, não poupando diligência alguma para perder a Misseno.

2 Ao mesmo tempo, no supremo conselho, se determinava que o anjo protector da Polónia com um escudo impenetrável defendesse aquele seu príncipe das infernais setas, para que nenhuma o ferisse. Com efeito, Misseno sentia os repetidos e violentos abalos dos golpes, mas não achava o seu coração ferido e muito menos envenenado, como via o dos outros que a seu lado andavam perdidos e furiosos.

3 Tal estava o coração do emperador, que não cabia em si de susto, de perturbação e de raiva. Tinha ele ouvido tranquilamente o que a emperatriz lhe dissera dos serviços que Misseno havia feito a seu pai e avô, de sorte que estava inclinado a favorecê-lo e honrá-lo, mas uma visão nocturna lhe desconcertou o interior e acendeu um tal fogo no coração que inteiramente o devorava.

4 «Descansa,» — lhe dizia um fantasma nocturno — «descansa sobre a tua ruína, que perto estás de ver com teus olhos o trono de Niceia, como viste o de Constantinopla, porque o mesmo que foi horrível instrumento da tua ruína na Europa, te vem agora perseguir na Ásia. Tu bem sabes que pelos seus abomináveis conselhos passou o trono de teus pais às mãos do conde de Flandres; agora, outro conde virá arrancar-te das mãos o teu ceptro, esse miserável ceptro que tu, fugitivo dos teus próprios estados, apenas pudeste empunhar em Niceia. Se tanto mal te causou este abominável homem, quando a sua malícia não tinha motivo para o ódio, que fará agora que está justamente escandalizado de teu pai e avô? Bem sabes que por amor deles esteve em prisão largos tempos, e que nela feiíssimamente o deixaram, quando se viram sobre o trono; agora, pois, vem vingar nos filhos as ingratidões paternas e deseja abolir do mundo até a memória de Isaac Lange. Desperta, pois, abre os olhos, informa-te do piloto e companheiros que com ele naufragaram, e verás quanto arriscas, se não seguras a tua vida e coroa, enviando à região dos mortos tão grande inimigo.

Uma Helena de Constantinopla fez triunfar a religião na Ásia; outra Helena, agora, pode ser que seja nela a ocasião da tua ruína». Assim falava o espírito do Erro ao emperador que dormia.

5 Não parte mais pronto o veado ferido da penetrante seta, do que o emperador saiu com ímpeto a examinar a verdade do sonho; e tudo acha pronto, tudo se oferece a seus passos e parece prevenir os seus desejos, porquanto o piloto e os dous marinheiros passeavam pela Praça Real, gozando da viração da madrugada, o primeiro-ministro se achava em palácio para outro negócio mui diferente, e a emperatriz, aflita com esta ideia, tudo lhe fazia vir à presença, para o dissuadir daquela ilusão nocturna. Mas Teodoro quer por si mesmo examinar o caso diante da emperatriz, e do seu confidente.

6 Para isso, finge um ar sereno diante do piloto e dos marinheiros, promete prémios se lhe descobrem a verdade e pergunta quem são aqueles dous passageiros que no seu navio naufragaram. «Ignoramos» — lhe dizem — «o seu nascimento e carácter, mas da conversação que entre si têm tido os passageiros em cinco dias de viagem, coligimos que o mais moço partiu da Ásia, foi a Paris comunicar grandes negócios que aparentemente tem concluído e, segundo as palavras que já por aqui, já por ali lhe escapavam, certo cavalheiro da Europa deve vir empunhar um ceptro aqui na Ásia. O mais velho devia ser o conselheiro e como primeiro-ministro desse estado. Outros passageiros faltam, que também vinham, os quais naturalmente terão perecido num escaler, em que se andavam divertindo com o capitão à pesca das tartarugas. Não sabemos quem sejam nem a que vêm, mas o nosso capitão os respeitava como pessoas de grande qualidade. Julgamos que talvez seria sabedor dos seus segredos».

7 «E que título tinha esse cavalheiro que vem reinar no império alheio?» — lhes pergunta o emperador enfiado. «Muitas vezes o nomeavam, e sempre pelo título de conde» — lhe responde o piloto. Aqui o emperador quasi caía desfalecido, vendo que em tudo o sonho se ia verificando. Então o confidente prosseguiu a inquirição, perguntando que nomes e que títulos tinham os dous passageiros que faltavam. «Helena» — lhe dizem eles — «se chamava a senhora, e ao cavalheiro somente nomeavam com o título de conde». Aqui perdeu os sentidos o emperador, a emperatriz ficou desanimada, o confidente confuso, de sorte que em todo o palácio se sentia a perturbação e desordem. Recobrado que esteve o monarca do desmaio em que o susto o lançara, faz partir postilhões para toda a costa e cidades marítimas circunvizinhas, e ordena que Aimar e Misseno sejam guardados em palácio com suma atenção e cautela, estando sempre sentinelas à vista.

8 No mesmo dia chegam notícias muito certas ao emperador que Solimão de Rovadin, sultão de Icónio[136], pouco distante de Niceia, fazia grandes preparativos de

[136] Icónio, hoje se chama Konich.

guerra, sem que se soubesse o fim e destino de suas armas. Havia Raimundo, conde de Trípoli, solicitado ocultamente a Solimão para lhe dar socorro contra Livron ou Leão, rei intruso da Arménia menor, mas este destino era oculto e ninguém podia adivinhar a causa dos grandes preparativos que se faziam na Bitínia para esta guerra importante. Menos bastava para meter em tormento um coração já perturbado com o susto de perder o trono, porque o ânimo preocupado com uma ideia tudo vai dispondo de modo que a cada notícia mais se confirma nela.

9 No dia seguinte, chega outro mensageiro com a notícia certa de que os dous naufragantes, Helena e o conde, haviam escapado à fúria das ondas e que, enviando desde Esmirna a equipagem do navio com muitas cartas à república de Veneza, haviam tomado o caminho por terra para Icónio, onde se achavam protegidos e estimados do sultão. Nada faltava para unir todos estes sucessos e fazer a Misseno autor e instrumento de uma horrível conjuração.

10 Bem como o mastim furioso e danado, a quem o roedor e mortal veneno despedaça o coração cada vez que respira, que, correndo sem tino a uma parte e à outra, tudo investe e derruba, tudo morde e despedaça, que, com a boca aberta, os dentes agudos, a língua pendurada e palpitante, ora se precipita nos vales, ora aparece nos outeiros, ora atravessa os montes e, ao mesmo tempo, é o horror das ovelhas que costumava guardar e dos lobos seus inimigos, que não conhece pastor nem pegureiro e que exala e comunica por toda a parte o mesmo contágio que o devora, assim era o emperador Teodoro. Sua mesma esposa tremia; os confidentes se retiravam; o seu semblante era outro, pálido, triste, furioso, inconstante, inflexível, irado; por onde passava deixava o horror e o medo; ora saía, ora entrava, sobe e desce, fecha e abre; tudo faz como ímpeto e em tudo mostra furor: umas vezes corre pelos campos como louco, outras se fecha no seu gabinete. Ouviam-se então de fora uns ais sentidos e uns gemidos que pareciam urros. Enfim, quasi louco não admitia conselho, a ninguém o pedia, a ninguém escutava. Eis que toma um punhal e sai furioso a tirar a vida a Misseno, como à origem de todos os seus cuidados.

11 Abre a porta com ímpeto e encontra a emperatriz, a qual, vendo-o naquela resolução, não quis nem reprimi-lo nem deixá-lo seguir cegamente o seu furor. Somente lhe disse com suma prudência: «Se Misseno é réu de crime tão enorme, só a morte será digno castigo de seu delito. Mas isso não basta: convém sumamente que antes que ele pereça, saibamos quais são os cúmplices de conjuração tão detestável. Como ele não suspeita a nossa desconfiança, facilmente o embaraçaremos nas perguntas. Este exame e castigo convém que não se difira nem se entregue a outrem, e corte-se a cabeça à Hidra, antes que ela se forme de todo; de outra maneira, se uma se corta, outras nascerão do seu corpo despedaçado.

12 Façamos, pois, que se separem os dous companheiros, e cada um de nós examine o seu, sem que cada qual saiba do exame que se faz ao outro. Por este meio,

na contradição indispensável acharemos a prova do seu crime, o qual eu quero ajudar-vos a castigar, porque deve ser punido sem demora. Dai-me essa arma própria para quem há-de ocultá-la nos trajes femininos, porque vós tendes na espada que cingis assaz instrumento para a vingança. Escolhei qual é dos dous a quem quereis examinar, que eu me encarrego de fazer perguntas ao outro. E para maior diferença, eu chamarei ao meu gabinete um deles, onde será recebido com ar benigno; vós podeis fingir que casualmente encontrais o outro e, num instante, será o crime descoberto e o perigo acautelado».

13 Aprova o emperador o conselho e sossega um pouco a cólera. Manda que tragam logo Misseno ao seu gabinete, e a emperatriz sai a fazer-se encontradiça com o embaixador. Tanto que Misseno apareceu, o emperador se sentiu outra vez perturbado, mas afoga quanto pode a cólera e furor dentro do peito e lhe diz desta maneira:

14 «Já sei, cavalheiro, quantos serviços tendes feito à coroa de Constantinopla de que meus avós gozaram, mas não sei qual será a recompensa digna de vossos serviços nem como poderei purificar meus antepassados da nota de ingratos em que caíram. Ignoro o vosso nascimento e estado, os vossos desígnios e desejos: e só isso me impede a que vos dê testemunho da minha estimação para com pessoa tão benemérita. Dizei-me, pois, donde vindes e aonde se dirigem os vossos passos e que desejais de mim, porque eu vos juro, diante dos céus que me vêem, que não tardarei um instante em vos tratar como vós mereceis». Aqui, apesar de todo o disfarce, percebeu Misseno o coração do emperador alterado e que as palavras honrosas que havia dito eram simulação de ânimo danado, mas fazendo a reverência devida à pessoa e ao trono, respondeu com ar livre e desafogado:

15 «O meu nascimento, senhor, só o podereis saber pelas minhas acções, porque depois que me governo pela razão e lhe fiz sacrifício das paixões da mocidade, as minhas obras são os meus únicos progenitores. Quero ser estimado pelos espíritos da minha alma e não pelo sangue que vivifica esta massa de terra que trago a rastos. Talvez que se soubésseis que progenitores me deram a vida, não me acharíeis indigno da vossa estimação, mas desprezo o que a cega natureza me deu e só faço caso do que eu posso dar à natureza, honrando com as minhas acções o meu sangue. Em trajes de caçador me encontrou na Silésia o príncipe Aleixo, vosso pai: ocupou-me, servi-o, custou-me este serviço uma masmorra e nela tive o gosto de consolar vosso avô; e nisso fiz o que devia a um príncipe reduzido a estado tão deplorável. Se fiquei no cárcere, depois que ambos foram pelos meus serviços exaltados ao trono, disposição foi da suprema providência que tem cuidado de curar com os trabalhos da vida os nossos defeitos, e não cuideis que foi ingratidão de príncipes tão beneméritos. Obrei sem a menor ideia de recompensa e nem me arrependi do que fiz nem me admirei do que não fizeram, pois o estado feliz por que suspiro não depende dos mais: de

mim só e de Deus é que depende. Faça eu o que devo a Deus, a mim e aos homens entre quem vivo, que por obrar sempre bem é que me há-de vir a minha felicidade e não por eles me serem agradecidos.

16 Porém, seguindo eu estas máximas, vi que um infeliz tinha necessidade de mim e, vendo que podia contribuir à sua felicidade, não quis negar-me. Foi este o conde da Morávia, a quem amo como a filho: pediu-me que quisesse acompanhá--lo na jornada que fazia à Palestina, por causa de um voto com que se obrigara aos céus de oferecer a vida para resgatar do poder dos bárbaros o sepulcro do Salvador. Duvidei, reflecti; mas, enfim, resolvi-me a condescender. Encontramos casualmente na nau o embaixador que a nova rainha de Jerusalém mandara a Filipe Augusto, para lhe pedir um marido digno daquela coroa e capaz de lha segurar na cabeça; e vinha com ele sua mulher Helena, senhora de Cesareia, e, por um caso bem singular, o conde da Morávia. Helena, o capitão, com a maior parte da equipagem do navio, se separaram de nós, descendo ao escaler para se divertirem na pesca das tartarugas. Uma calma podre que então reinava descansou e fez adormecer o piloto e alguns marinheiros que nos restavam; acudiu uma viração que nos afastou muito do escaler que já nos buscava. Depois sobreveio a noite, a confusão e uma tormenta e nunca mais os vimos. O navio deu à costa: agora só desejamos saber se pelas praias de vossos estados se acham ou vestígios do seu naufrágio ou notícia da sua vida para determinar o que havemos de fazer. Se são mortos, o embaixador tomará o caminho por terra para dar parte à rainha que o conde de Flandres, João de Briena, está nomeado para ser seu esposo e que, brevemente, virá com poderosa armada a S. João de Acre, e eu me retirarei à Polónia, para acabar os meus dias em paz; mas se eles são vivos, prosseguiremos o nosso primeiro destino. Aqui tendes, senhor, a resposta a todas as vossas perguntas».

17 Aclara-se muito depressa o céu nublado que, com denegridas nuvens, ameaçava estragos e mortes, quando do setentrião vem o Zéfiro benigno e sopra sereno e constante. Mas ainda foi mais pronto o efeito que no ânimo do emperador fez esta fala de Misseno.

18 Neste mesmo tempo, qual harmoniosa cítara que responde em lugar distante às vozes da outra que está acorde, falava Aimar, respondendo à emperatriz o mesmo, posto que com estilo diverso. Esta, voando admirada, veio dar parte a seu esposo do que passava, o qual também confuso com a sinceridade de Misseno, lhe não soube responder, senão palavras volantes e incertas, e se retirava para saber da emperatriz a verdade: e ficaram ambos suspensos, quando viram que em nada haviam discrepado. Porém, a suspeita havia lavrado nos corações dos monarcas e o susto havia lançado neles muito profundas raízes: e assim ambos determinaram que Misseno e Aimar fossem guardados em palácio com o tratamento de amigos e cautela de inimigos, para que, vindo os outros companheiros que se achavam em Icónio, se aclarasse a

verdade e fosse recompensado Misseno como ele merecesse. Não podia ocultar-se esta desconfiança aos que a tinham visto nas perguntas e nos semblantes dos soberanos. O embaixador se afligia infinito, e o seu coração não podia suportar tão contínua e teimosa perseguição dos fados, segundo ele dizia. Misseno o sossegava, provando-lhe que nada sucedia sem causa, e que o Supremo Governador do mundo tudo quanto permitia era com razão muito forte e justa, enfim, digna dele. Acrescentava que lhes poderia vir o mal pelo que eles fizessem por sua própria vontade, mas não pelo que dispunha a suma bondade, sem que eles a irritassem. Com estes, e outros semelhantes discursos o entretinha Misseno.

19 Ao mesmo tempo, Helena, o conde e Neucasis se achavam em Icónio, protegidos pelo sultão, mas incertos da vida de Misseno e da do embaixador. Todas as circunstâncias lhes persuadiam que haviam naufragado; porém, Helena conservava uma pequena esperança, fiada em que Deus protegia a Misseno e que seu marido gozava da sua companhia. No meio das lágrimas e dos suspiros, lhe vinha de quando em quando, como relâmpago, uma alegre ideia que eles eram vivos, mas logo desaparecia, porque o conde se esforçava a persuadir-lhe que sem a menor dúvida haviam naufragado. Cada momento era nele maior a esperança de chegar ao trono de Jerusalém e para obrigar a Helena a cooperar à mentira não havia serviço que lhe não fizesse. Queria ganhar-lhe o coração, estando certo que, uma vez conquistado, seria senhor do seu entendimento e lhe faria aprovar os maiores absurdos, e que se empenharia a fazer crer à rainha que ele era o príncipe destinado pelo rei de França para o seu tálamo e que, havendo perecido toda a mais equipagem num geral naufrágio, eles, pela protecção suprema, com que o céu ampara os soberanos, haviam sido guardados.

20 Estes eram os projectos que o conde com seu confidente Neucasis ideavam na fantasia, e nada era na sua opinião tão certo, como o naufrágio dos dous companheiros, nada tão fácil como a execução do seu elevado pensamento. Com esta ideia fingiram que acabava de chegar certo navio que saíra de Constantinopla, o qual atestava haver encontrado pedaços de um navio veneziano, segundo as letras e emblema da república, que na popa se liam, e que, deste modo, era sem dúvida a desgraça de seus companheiros.

21 Esta bem temida notícia não deixou o entendimento de Helena capaz de algum discurso; e assim, absorta no sentimento, se deixou governar pelo conde, a quem com lágrimas pedia que, como nobre cavalheiro, a não desamparasse em países estranhos e que, pois a providência o havia conservado na sua companhia, não era justo que esquecido do seu sangue e da nobreza do seu coração a deixasse exposta aos ludíbrios dos fados.

22 Muito menos bastava para levantar no coração do conde muito grandes esperanças. Oficioso, diligente, amante, se havia transportado a Icónio com a embai-

xatriz e queriam seguir o caminho de Cesareia[137]. Mas quando se dispunham para partir, chega um enviado do imperador de Niceia, o qual, pedindo pronta audiência ao sultão, lhe falou deste modo:

23 «Nada, senhor, convém tanto aos príncipes soberanos, como conservar entre si a amizade mútua que faz a base da felicidade de seus estados, principalmente vizinhos. O emperador, meu amo, bem certo está que da vossa parte não pode haver a menor inconstância nem injustiça para romper sem causa a doce harmonia da paz, em que convosco tem vivido, mas receia que algum espírito turbulento semeasse (sem que ele o saiba) alguma discórdia, cujos danos é melhor prevenir que remedar. Como sabe que fazeis grandes preparativos de guerra e ignora o destino, vos manda segurar de novo a sua amizade e pedir que também novamente com palavra régia os segureis da vossa ou lhe declareis o motivo da vossa intenção, se acaso quereis romper com ele, que para seu sossego e ao mesmo tempo prova da vossa amizade, só vos pede lhe envieis certos naufragantes, que numa nau veneziana saíram de Akerman, e por casualidade se acham refugiados na vossa corte, que ele vos assegura com a sua palavra imperial o salvo-conduto de suas pessoas e que, se eles o desejam, dentro em oito dias ele, emperador, vo-los remeterá sãos e salvos, o que (se preciso é) da sua parte, firmarei por escrito na vossa presença e na deles, antes que daqui partam».

24 Ouviu o sultão esta embaixada e, confuso da petição do emperador, mandou vir à sua presença o conde e Neucasis, para se informar deles, se acaso temiam ir a Niceia, pois que o emperador o pedia, oferecendo-lhes salvo-conduto. E respondendo eles que nada receavam, ordenou o sultão que partissem com o enviado, afirmando de novo ao emperador que nunca tivera ideia de quebrar os laços da amizade que com ele tinha pacteado.

25 Obedecem o conde e Neucasis e, imediatamente, partiram para Niceia, ficando Helena em Icónio, porque devia ser pelo seu sexo dispensada de semelhantes ordens. Porém, ficou confusa, revolvendo na sua imaginação mil pensamentos, os quais apenas apontavam, logo desapareciam como vapores vagos. Serviam eles só de ofuscar a luz da razão e distraí-la, mas não para fixar o discurso nem consultar a inteligência. Absorta na triste ideia da morte de seu esposo e dos cuidados que se lhe seguiam, não lhe havia ficado outro alívio senão o amparo do conde, o qual, pelo seu sangue, além da sua amável índole, se tinha oferecido e obrigado a acompanhá-la, até a deixar em descanso: mas agora tudo ao mesmo tempo perdia e ficava só em terras estranhas e entre gente bárbara. A paixão do amor já havia começado a disparar contra o seu castíssimo coração setas douradas, cujas feridas quase imperceptíveis lhe iam comunicando um doce contágio que lavrava pelo interior dele, mas tão ocultamente

[137] Esta Cesareia fica sobre a borda oriental do Mediterrâneo, na Síria, entre Jafa e S. João d'Acre, pouco distante de Jerusalém.

que não se deixava conhecer, nem da mesma enferma que o padecia; este veneno oculto aumentava mais a sua pena e o dispunha para depois seguir sem resistência os conselhos do conde, que isso era a grande empresa das infernais Fúrias.

26 A mesma inquietação reinava no coração do conde, que caminhava sempre pensativo; e com tão grandes instâncias perguntou a Teobaldo, enviado do emperador, o motivo daquele empenho, que não pôde o enviado encobrir-lho. Disse que o emperador desejava o seu depoimento e de Neucasis, para conhecer ou a verdade ou a malícia de dous presos que estavam em palácio, e isto em ordem a fazer-lhes pagar com a morte as suas mentiras ou com honras e favores as suas virtudes e merecimentos. Muito embaraçado se viu o conde com esta notícia, e não pode ocultar a perturbação que lhe causara, posto que o procurasse. Neucasis, contínuo observador dos movimentos do coração do conde, houve de saber a causa do cuidado que o afligia, e não ficou menos perturbado.

27 Bem como o edifício temerário e levantado que, sobre colunas altas, esbeltadas, e fracas, subia até as nuvens, que com um furacão se vê reduzido a ser triste e horrível montão de ruínas, assim caíram as levantadas ideias do conde, quando souberam que o embaixador e Misseno viviam. Neucasis, prevendo que a sua fortuna só dependia da do conde, sem se embaraçar com o horror do crime, se determinou a perder a Misseno e ao embaixador, e para isso pintava com um vivo colorido e pincel artificioso a ruína iminente do conde, se eles não pereciam. Ponderava-lhe qual seria o ódio de Helena, se ela conhecesse que a tinham maliciosamente enganado com a falsa notícia da morte de seu esposo. E servindo-se de todas as artes da mentira e artifícios da lisonja, o queria dissuadir da jornada de Niceia, obrigando-o insensivelmente a tomar a resolução violenta de se retirar com Helena e deixar embora perecer os dous presos pelas desconfianças do emperador.

28 Então o espírito do engano, valendo-se do juízo e da língua do veneziano astuto, falava ao conde desta maneira: «Vós vereis daqui em diante o horror de Helena, quando começáveis a ser toda a sua consolação e tínheis esperanças de ser talvez o seu esposo. Como podereis aparecer diante de Aimar, a quem sua esposa comunicará sem dúvida os vossos projectos? Crede que ela actualmente não os desaprovava de todo e só se embaraçava com a dificuldade de poder sair bem da empresa. Já não rejeitava as minhas ideias, que no navio desaprovara, que tanta mudança faz o amor. Sabei que ontem chegou a confessar-me que a natureza vos tinha favorecido muito mais que ao conde de Briena e que se a rainha houvesse de fazer escolha por si mesma, sem dúvida que vós teríeis a preferência; e concluiu, dizendo friamente que o remédio seria bom para desejar, mas que já era impossível. Eu não vos tinha até agora comunicado este segredo, porque queria dar-vos parte, quando depois da minha negociação concluída, vos pudesse dar uma bem gostosa e feliz resposta. Vede o que se perde agora por uma circunstância que se não previa. Se na noite precedente

tivéssemos partido para Cesareia, Teobaldo não nos acharia, o emperador, cheio de confusões e desconfianças não daria jamais liberdade aos dous presos e viria então a verificar-se a nossa mentira e talvez cumprir-se sem dificuldade todos os nossos desejos.

29 Reflecti pois, senhor, no que fazeis. Vós ides a perder-vos por socorrer os outros. Se prosseguis na deliberação de ir a Niceia e aí dizer a verdade, bem podeis voltar logo à Europa, pois na Ásia sereis geralmente desprezado. Aimar, a rainha e o conde de Briena são assaz para perder-vos de todo. Que infelicidade, quando podeis triunfar deles e talvez subir ao trono, pois para isso basta que uma vez a paixão de Helena se declare a vosso favor! Ninguém teve jamais circunstância tão favorável para empunhar o ceptro, como a que a fortuna vos oferece, e quereis desprezá-la! E desprezá-la, preferindo a vossa ruína! Se eu, senhor, estivesse em lugar de dar-vos conselho, vos diria que vos retirásseis logo e que, tomando Helena em vossa companhia, partísseis para Cesareia, dizendo ao sultão que tínheis razões muito vigorosas para não ir a Niceia. Que nenhuma autoridade tinha o emperador sobre vós, para vos chamar à sua presença, e muito menos a juízo, e que vós por letra lhe havíeis respondido sobre o ponto em que queria consultar-vos. E nesse caso eu só irei com o enviado a Niceia e falarei de modo que conhecereis que sou vosso amigo». Assim falou Neucasis, e jamais houve bálsamo tão suave à ferida inflamada, como este conselho o foi ao coração do conde.

30 Infinitamente lhe agradava o pensamento que favorecia todas as suas paixões, mas só lhe fazia horror ser causa da morte de um homem tal como Misseno. Então Neucasis, vendo que o conde já titubeava, esforçou toda a eloquência da sua política, bem como caçador astuto, que vê a presa embaraçada no laço e, antes que o rompa e escape, repete uns golpes sobre outros, até rendê-la de todo, assim Neucasis lhe pintava a insolência daquele homem, a escravidão em que o trazia e que era indecente à sua pessoa andar com pedagogo, como se fosse um pupilo. Que a sua austera filosofia era própria para consolar num retiro de um bosque algum desgraçado da fortuna e não para um cavalheiro, a quem o real sangue, a idade florente, os dotes da natureza faziam acredor de todas as honras e delícias do mundo. Que nenhum escrúpulo podia fazer de desamparar a Misseno no cárcere, porquanto ele em toda a parte achava o seu paraíso; que o embaixador era um homem a quem o conde não devia obrigação alguma e que era muito duro haver de sacrificar-se a si próprio por respeito de outrem.

31 «Quando vistes» — dizia — «que para alcançar um ceptro obrassem os príncipes com esta delicadeza? Os mais honrados e humanos, tanto que a fortuna lhes acenou de longe, não duvidaram para subir ao trono atropelar a justiça, o sangue e até a mesma humanidade. Quantas vezes se tem visto por esta só causa correrem tintos de sangue os rios, as campanhas inundadas de cadáveres, os incêndios da guerra

ateados entre os pais e os filhos, entre os irmãos e as irmãs? Se a pátria padece, se a justiça se queixa, se clama a razão, se morrem os inocentes, tudo é nada, quando se trata de cingir uma coroa. Pois que comparação tem com isso o mal particular de dous homens, um que pouco falta faz neste mundo, outro que só faz timbre de desprezá-lo? Demais, que vós estais numa circunstância terrível, porque, de ordinário, um passo já dado obriga a continuar no caminho, quando se não pode retroceder sem desonra, e não pode havê-la maior do que a que vos ameaça, se fraquejais no meio da empresa: ou haveis de passar por mentiroso, embusteiro e indigno ou aceitar as esperanças de um trono com que a fortuna vos acena. Vede o que escolheis, e vereis se convém partir para Niceia a sacrificar-vos, ou para Cesareia a procurar uma coroa». — Assim falou a Fúria infernal, por boca de Neucasis.

32 «E com que podereis pagar-vos» — disse o conde — «um tão relevante serviço, amigo Neucasis? Eu estou resoluto: parto a buscar Helena e transportar-me com ela a Cesareia, e de lá a S. João de Acre. Vós ireis com o enviado a ter com o emperador; e vede como podeis sem prejuízo de ninguém favorecer a meus intentos. Sabei que eu, sendo conde, sou vosso amigo, mas se a fortuna me proteger, muitos se darão os parabéns de o poderem ser vossos. Dizei ao enviado o mesmo que me aconselhastes para o sultão de Icónio, e a mesma política servirá para satisfazer a ambos. Mas é justo que eu vos espere na corte do sultão para vos levar em minha companhia».

33 Parte veloz o pássaro, quando se vê livre da rede em que estivera quase colhido, e pouco menos era a velocidade do conde, voltando a Icónio, dando-se os parabéns de haver escapado do perigo em que os fados o haviam posto.

34 Ficou Neucasis encarregado do negócio de sossegar o enviado, quando soubesse da retirada do conde, que fora numa madrugada, e oculta; e confirmando-se o veneziano nos seus pensamentos, se dizia a si mesmo: «Que pereçam embora Misseno e o embaixador, porque sem isso o conde está perdido e eu serei envolto na sua espantosa ruína. Eu não posso voltar a Veneza, pois os marinheiros serão testemunhas que por minha culpa se perdeu o navio; e, assim, a minha fazenda, a reputação, a liberdade, tudo tenho perdido. Só me resta o asilo na protecção do conde, mas se se descobre a sua maliciosa intenção, eu serei o alvo do ódio de todos, por ser o autor deste pensamento: isto devo eu evitar a todo o custo. Pelo contrário, se estes dous homens ficam na mão do emperador, a pena e o sentimento lhes fará perder a vida e, deste modo, sem ruído triunfarei nos meus projectos. Ora, que coisa mais racionável que, havendo de perecer alguém, sejam antes eles do que eu, o desgraçado. Sim, seja como for, devo pôr em salvo a minha vida e cuidar da própria honra». Levado deste pensamento, fingiu Neucasis uma carta escrita em nome do conde ao emperador, em que se escusava da jornada com certos pretextos, a qual entregou ao enviado, quando este no dia seguinte, querendo prosseguir sua viagem, se achou só com Neucasis; e sossegando-o com boas razões, o acompanhou até Niceia.

35 Não sabia Misseno nem o embaixador a causa de tanta demora: «jamais», diziam eles entre si, «se viram presos tratados com tanta honra, tanto mimo e tanta decência, porque a emperatriz nos saúda risonha, quando nos encontra nos jardins. O emperador tem perdido aquele ar feroz e perturbado que antes tinha, mas as sentinelas não nos perdem de vista, os dias passam e não se nos permite audiência». Aimar, além da aflição que esta demora lhe causava, tinha a cruel incerteza da morte de sua esposa; tinha perdido o sono e a paciência e só nas máximas de Misseno podia achar a consolação e refrigério.

36 Eis que, de repente, toda a cena se muda e são transportados de noite às masmorras de um tenebroso cárcere, sem que a nenhum deles se declare o motivo deste procedimento. Contudo, à força de donativos, o embaixador alcançou de um guarda que lho manifestasse em segredo.

37 «Chegou» — lhes disse — «esta tarde um veneziano chamado Neucasis, conduzido por Teobaldo, capitão das guardas do emperador, o qual, posto na sua presença, lhe louvou sumamente a prudente cautela de vos ter em prisão, julgando-o por necessário para a segurança da sua coroa, "porquanto (dizia o veneziano) Misseno é homem de grandes empresas, capaz de revolver meio mundo: as suas máximas são extraordinárias, nada resiste ao que ele empreende e eu não sei o que pertende na Ásia. Sei que tem grandes inteligências com muitos príncipes da Europa e com Aimar, embaixador de algum soberano, posto que ignoro os seus segredos; mas só vos digo que o vosso juízo, senhor, é assaz penetrante, o vosso coração fiel e que em matéria tão delicada toda a cautela é precisa. E se nada mais, senhor, tendes que me ordenar, me permitireis que me retire".

38 "Retirar-vos-eis,", lhe disse o imperador, "depois de descansar da fadiga, para que eu possa agradecer-vos o serviço que me fazeis. Este anel vos será uma memória do meu agradecimento que será perpétuo; e se, quiserdes ficar na minha corte, conhecereis sempre que sou vosso amigo". Tudo isto ouvimos nós, as guardas; e deste modo se retirou Neucasis bem premiado e o emperador furioso vos mandou conduzir a esta masmorra, o que com pena executei, mas devo obedecer aos meus soberanos».

39 Esta foi, em substância, a notícia que o guarda deu a Aimar e Misseno e que serviu de pôr o embaixador na maior consternação. Via que perecera sua esposa, pois que Neucasis viera só, o qual, como marítimo, poderia melhor que uma senhora ter escapado às ondas, e agora vê que, havendo já perdido esposa e liberdade, estava em risco de perder a honra e a vida por uma traição manifesta; e nisto quasi que enlouquecia. Misseno, porém, esquecido do próprio dano, só se esforçava a suster em peso o coração do embaixador que, por momentos, ia a precipitar-se na última desesperação. «Seja Neucasis» — dizia — «o homem mais perverso do mundo, nada poderá, meu amigo, fazer-nos infelizes. Porventura o Ser Supremo, que a tudo preside, poderá desgostar-se de nós, por sofrermos a aleivosia dos outros? Poderá sem razão

tomar o tom que lhe houver de dar um malvado? E perseguir-nos-á como ele, sem causa? Quanto mais a mentira e maldade triunfam, tanto mais a Verdade Suprema superior a todos os sucessos há-de saber triunfar do engano, porque de outro modo ficará vencido o Deus da verdade pelo autor da mentira. Não tenhais, pois, medo: venha sobre nós o sucesso que for. Se firmes nos conservarmos na respeitosa submissão aos divinos Decretos, não poderemos ser infelizes. Um Deus por essência bom e de bondade intrínseca, inata bondade e bondade infinita poderá fazer infelices a quem se entrega a tudo quanto quiser dispor deles? A quem não ousa levantar os olhos nem perguntar a razão de nada e obedece sem réplica a seus altíssimos conselhos? Não, não pode ser. Primeiro os céus serão confundidos com os abismos e a terra reduzida ao caos de que foi formada, do que Deus mude a Sua natureza ou se esqueça de nós».

40 Aimar sossegava um pouco, porém, logo voltava aos seus primeiros movimentos, não acabando de ponderar a maldade de Neucasis e a incrível paixão do interesse que o consumia. «Vendeu» — dizia ele — «a nossa vida, a nossa liberdade e a nossa honra pelo presente que o emperador lhe fizera». «Livremo-nos,» — respondia Misseno — «livremo-nos de que a ambição nos toque, porque, se nos deixarmos levar desta abominável paixão, caíremos nos maiores excessos. Meu amigo, crede, que a primeira cousa que o ouro faz é o cegar-nos. Este metal infeliz rara vez brilha sem que deslumbre a quem fixa nele os olhos de perto. Mas tende ânimo, que pela mesma razão que a providência deixa cair nos erros a quem se entrega às paixões, conduzirá ao acerto a quem as reprime e só se governa pela razão. Deus que aqui nos conduziu sem culpa nossa, nos tirará do embaraço, se O deixarmos obrar sem murmurar dele. Não é isto já um grande favor que nos faz, o conhecermos os homens para não nos fiarmos deles?»

41 Admirava-se o embaixador de ver uma tal serenidade de ânimo, e ia aprendendo a discorrer como Misseno, mas, sendo aprendiz desta nova filosofia, a cada passo se sentia embaraçado e as paixões rebeladas faziam um tumulto e confusão tal, que nem discursos o convenciam nem rogos o dobravam e furioso muitas vezes se queria tirar a vida. Misseno, aflito pelo mal alheio, levantava os seus olhos e o seu coração aos céus, e firme na ideia que tinha da providência suprema, tanto mais firmemente esperava o socorro dela, quanto mais fechadas via as portas para o obter das creaturas.

42 Entretanto, Teodoro, inquieto, indeciso, aflito, lutava consigo mesmo: umas vezes a candura de Misseno, a uniformidade da deposição dos dous prisioneiros e a palavra do sultão de Icónio o seguravam, que não tinha nada que temer dos preparativos da guerra; outras vezes, a resistência do conde da Morávia para vir a Niceia, as palavras confusas de Neucasis, aprovando-lhe a sua cautela, o haver-lhe dito que era homem de quem devia temer-se, por ser de grandes máximas e projectos fora do

comum dos outros, o faziam entrar em maior suspeita. Por outro lado, a emperatriz não podia crer que aquele homem fosse capaz de uma atrocidade igual e retirava o emperador de todo o pensamento sinistro, mas, de quando em quando, concordava também com ele. Bem como os álamos frondosos e elevados que, sobre o cume da montanha, estão expostos ao furioso vento e sem cessar são impelidos para partes opostas, ora inclinando a um, ora ao outro lado, que já se encontram e mutuamente se batem, já conformes vão de acordo, assim eram os emperadores agitados pelos seus pensamentos. E para conhecerem a verdade, tomam a resolução de dizer aos presos que a sua enormidade é conhecida, os seus crimes descobertos, a sua condenação sem remédio, para ver se a consciência os perturbava ou a sua própria língua os confundia.

43 Entretanto, Neucasis vendo que estava a porta aberta para a sua fortuna, se acaso chegasse a persuadir ao emperador a conjuração imaginada, fingiu outra carta do conde da Morávia ao mesmo emperador, em que, com termos confusos, dava a entender que Misseno era homem suspeito e o embaixador, seu confidente, mui perigoso. Nada lhe impedia o voo que a sua imaginação tinha tomado, assentando que convinha a todo o custo perder os dous presos, para triunfar dos fados que tanto o haviam perseguido.

44 No dia seguinte, foram os dous prisioneiros ao tribunal, carregados de ferros e algemados, e todo o aparato era de uma pronta execução. O emperador aparece com toda a pompa da majestade e severidade de juiz e cólera de parte ofendida: a chaga antiga do ciúme pronta a reverdecer, lhe subministra um ar feroz e um semblante terrível: todos tremem na sua presença e só a sua vista ameaça e faz temer. Neucasis é chamado, o piloto, os marinheiros; Teobaldo também assiste e os principais senhores da sua corte, e na presença de todos, o emperador diz desta maneira:

45 «Justo é que todo o mundo saiba até onde chegam a malícia dos homens e os perigos de um monarca; e convém que se não ignore o motivo das mais rigorosas demonstrações da minha justiça, porquanto somos os monarcas responsáveis ao público do que fazemos, e as nossas acções são sempre julgadas no tribunal do universo inteiro.

46 Este primeiro réu, que aí vedes, não contente de haver maquinado todas as infelizes revoluções de Constantinopla, donde se seguiu ver eu nas mãos dos estranhos a coroa de meus pais, depois de procurar a ruína deles, vem a perseguir-me até na Ásia e em todo o meu império. Porém, graças ao céu que a sua malícia foi descoberta, e para sua confusão a quero manifestar na sua mesma presença. Aqui estão estes estrangeiros, homens de probidade e de honra, que, apesar do amor dos compatriotas, não podendo sofrer o horror de seu atentado, têm deposto contra ele. O conde da Morávia, que já vinha à minha corte para dar testemunho desta conjuração oculta, fugiu temeroso». «E é viva Helena?» — exclamou Aimar, fora de si,

levado de um súbito alvoroço, porquanto reviveram com isto as esperanças quasi extintas de que sua esposa houvesse escapado do naufrágio. Esta pergunta intempestiva causou grande admiração no emperador e nos circunstantes, e o embaixador, pedindo perdão da sua imprudência, se calou logo, deixando continuar o príncipe, o qual ordenou que dissesse Neucasis o que sabia contra Misseno. «Sejam» — dizia o imperador — «duas vezes punidos, pela confusão e pelos tormentos, e verá o mundo toda a prudência com que obro e como sei moderar os impulsos da cólera, ainda a mais justa e a mais irritada». Neucasis, fazendo a devida reverência ao monarca, disse, posto que com voz trémula e semblante perturbado:

47 «Nada acho, senhor, que seja tão sagrado no mundo, como a vida e segurança dos soberanos. Eles são vice-deuses na terra: tudo se lhes deve sacrificar, até a maior amizade. Não o julgou assim o conde da Morávia, que já vinha a satisfazer ao vosso empenho, quando a reflexão pusilânime lhe embaraçou os passos. A sua honra não lhe permitia o mentir, nem a amizade com Misseno o dizer a verdade. Nestes termos, não tendo outro meio para evitar os dous crimes, se retirou, deixando-me esta carta, que eu tardei em apresentar-vos, porque me pediu que o não fizesse senão no último aperto, tanto o embaraçava o amor de Misseno e tanto temia o perdê-lo de todo. Porém, as vossas ordens são para mim como divinas e, assim, nada posso ocultar-vos».

Alegrou-se o príncipe e mandou a Teobaldo que recebesse a carta da mão de Neucasis e que a lesse em público, o que ele executou, dizendo assim:

48 «Razões muito urgentes, príncipe soberano, me obrigam (como já pelo vosso enviado vos disse) a suspender a viagem de Niceia; mas os passos que já tinha dado vos provam a vontade sincera que tinha de obedecer-vos. Sabendo, porém, que o fim desta jornada somente era examinar quem fossem os dous presos que se acham em vosso poder, declaro que só os conheço do casual encontro no navio em que todos perigámos. Sei que Misseno é homem de grande entendimento, cujas máximas são para estimar e para temer; Aimar tem política muito fina e grande astúcia; e eu gostoso me vejo livre da companhia de ambos, porque me podia ser perigosa. A vossa prudência pesará em balança exacta quanto valem a segurança de uma coroa, os motivos da vossa justa desconfiança e as circunstâncias presentes. Creio que, havendo tão bem fundadas suspeitas, não poderá o crime de alguma disfarçada conjuração ocultar-se à perspicácia do vosso entendimento, e sabei que ninguém deseja mais a vossa segurança que o conde da Morávia, etc.».

49 Calou-se Teobaldo e, à maneira de um vento repentino que se levanta no frondoso bosque, se ouviu um sussurro por toda aquela assembleia. No semblante do emperador se via ao mesmo tempo a cólera e o júbilo, por ver descoberto o crime, e Neucasis se via banhado em gozo, por ter saído bem do seu estudado engano. A emperatriz, triste e aflita, pediu ao emperador que permitisse a Misseno que falasse,

o que ele lhe concedeu, para que a sua confusão provasse com a última evidência o seu crime; e a autoridade do soberano foi precisa para impor silêncio e mandar que dessem atenção ao que dissesse Misseno.

50 Qual rochedo imóvel que, quanto mais furiosas e espumando o combatem as ondas, tanto mais triunfa delas com o seu inalterável sossego, assim estava a face de Misseno; e sendo-lhe permitido falar, disse desta maneira:

51 «Se os monarcas, senhor, são responsáveis ao público das suas acções, eu também o sou, e não só ao público, mas a mim mesmo e ao Ser soberano que preside a tudo o criado, o qual, com madureza, e justiça e verdade distribui ou nega aos mortais a felicidade sólida pela qual todos suspiram. Seja qual for o juízo dos homens a meu respeito, nada será útil ao meu intento, nada me será nocivo: se obrar mal, temerei sempre o meu próprio juízo, que me condenará perpetuamente; temerei o juízo da eterna verdade, que não depende dos homens; mas se obrar bem, nada temo nem na terra, nem no céu, nem nos abismos. Isto posto, digo, que não tenho, senhor, algum crime contra vós e quero que me seja testemunha o céu (quando a terra o recuse) de que jamais me ocorreu a detestável ideia de atentar à vossa coroa. Trabalhei sim, fiz todos os meus esforços para a pôr na cabeça de vosso sogro: consegui-o, fiquei satisfeito. Eu fiz passar Isaac Lange do cárcere ao trono, mas não tanto a mim, como à providência suprema o deveram esses príncipes; e eu não peço, nem nunca esperei dos homens recompensa alguma do que em minha vida obrasse. Se depois vossos pais desceram do trono, não dependeu de mim a sua desgraça: fechado me deixaram numa masmorra e mui longe de seus estados, quando caíram do trono. Vós fostes testemunha, e a vós mesmo vos cito.

52 Agora, como já vos declarei os fins da minha viagem e sabeis que este meu companheiro é o embaixador da rainha de Jerusalém, que ela mandou a Filipe Augusto e que volta com a notícia de que o conde João de Briena vem ser esposo da nova rainha, sabeis que o conde da Morávia, a quem acompanhei como tal, somente vinha a cumprir o seu voto na conquista dos Santos Lugares; sabeis que ele e Helena, esposa de Aimar, meu companheiro, se separaram de nós por infelicidade dos ventos e que, enfim, nós, impelidos do naufrágio, roto o baixel, somos lançados nestas costas e que somente vos pedimos protecção para saber se eram vivos ou mortos os nossos companheiros; se Neucasis, se o conde, se o piloto e todo o mundo disserem que vos engano, crede o que quiserdes; fazei a justiça que mais for do vosso agrado, que para mim é o mesmo, o perder ou o conservar esta vida.

53 Mil vezes a tenho exposto e, assim, nem temo nem desejo a morte; só detesto a falsidade e o crime e, agora, vendo-o nesses mesmos que tenho amado como filhos, vendo-o triunfar da inocência, gostoso deixarei um mundo, onde a cabala domina. Alegre e correndo atrás da verdade, sairei pela portas do túmulo, vendo que ela fugiu deste mundo e consentirei de boa vontade aos que nele ficarem que triunfem como

quiserem e a seu salvo, nos meus ossos já quasi secos, nos meus membros mirrados à força de trabalhos, enfim, nesses vis despojos de minha alma feliz, consentirei, digo, que triunfem, conforme a ambição e o erro persuadirem, porquanto estou certo que ou o Deus da verdade há-de ser mentiroso ou há-de fazer algum dia solidamente feliz a quem vivendo e morrendo abraçou sempre a verdade». Isto disse Misseno com um ar ao mesmo tempo tão nobre, tão sereno e tão doce, que todos ficaram confusos.

54 O emperador ficou por um pouco suspenso e Neucasis, enfiado, pálido, e tremendo, quis retirar-se, mas a guarda o deteve e o emperador, sufocando no peito os movimentos da alma, lhe disse com ar imperioso: «Não saireis daqui, sem que respondais ao que disse Misseno». Quis Neucasis falar, mas a confusão do seu espírito lhe embaraçava a língua. Só pôde dizer que se referia ao depoimento que tinha dado. O emperador flutuava, já temendo a conjuração, já a malevolência e o engano. Uma oposição notável se via nos semblantes de Neucasis, Aimar e Misseno: Neucasis, sendo o acusador, se via pálido, trémulo e vacilante; Aimar, cheio de cólera e apenas podendo reprimir a ira e vingança; Misseno, porém, com um ar sossegado, alegre e superior a tudo, e, vendo a seu companheiro tão perturbado, lhe disse com um espírito de herói, maior que todos os acontecimentos da fortuna:

55 «Não cuideis, amigo e companheiro, que este tribunal em que somos julgados é o supremo, nem que a sua sentença decisiva pode ter efeito irrevocável. Não é da sentença dos homens que depende a nossa felicidade. Tudo o que cabe no seu poder é a vida, que vale bem pouco, ou a reputação no congresso dos mentirosos, que nada vale. Apelemos para o tribunal da verdade, onde com sentença eterna e imutável se julgará do heroísmo com que suportamos a atrocidade dos nossos falsos amigos. Mais perdem eles do que nós e maior favor nos fazem, do que nos fariam nossos maiores amigos. Se bem reflectimos, ninguém trabalha tanto na nossa felicidade, como quem nos dá ocasião para um merecimento raro. É verdade que o Supremo Distribuidor dos bens é em nós a causa de tudo o que é bom, dando-nos a força e luz celeste para triunfar das paixões e nos senhorearmos delas. Mas os nossos inimigos são os que nos ocasionam o triunfo: vede, pois, o bem que lhes devemos. Eles nenhum mal nos podem fazer: poderão acaso roubar-nos a inocência ou privar-nos dos intermináveis louvores que nos dará o Deus da Verdade? Logo, que mal nos podem fazer? Demais, se gostoso haveis de dar a vida pela glória vã das armas, que sempre fica sujeita ao capricho dos homens, dai-a pela virtude e pela inocência e compadecei-vos de quem por cegueira se deixa cair nos erros que estais vendo. Eia, ânimo!». E voltando-se ao emperador, lhe disse:

56 «Podeis, senhor, muito a vosso gosto dispor da nossa vida, porque nas vossas mãos estamos e não resistimos. Não confessaremos o menor crime, porque apelamos ao tribunal da verdade, mas com todo o valor suportaremos a última pena. E se a incerteza em que vos vejo admite um arbítrio, comprai embora a vossa paz

com a minha morte e sossegai a vossa consciência com mandar com resguardo até Cesareia meu companheiro que, além de ser senhor desses estados, goza dos foros sagrados de embaixador de uma testa coroada. Deste modo, nada arriscais, porque não podeis temer um morto nem também um homem a quem não ofendeis e que vos fica tão distante».

57 Neste ponto entra Helena de repente na assembleia e se lança aos pés da emperatriz a pedir audiência. Havia ela, em Icónio, desconfiado das palavras equívocas do conde e da ausência intempestiva de Neucasis e, sabendo do sultão o que bastou para entrar em suspeita que seu marido vivia, tinha vindo a toda a pressa e, na presença de todos, declarou toda a intriga do conde e de Neucasis. Pasmam todos cheios de horror: cai Neucasis, à vista de Helena; Aimar, cheio de cadeias, corre a abraçá-la aos pés da princesa; Misseno, imóvel, louva o céu pela vida de Helena e de Aimar e triste se compadece do horror do crime que acaba de ouvir, e toda a assembleia fica extática, o que vendo o emperador, cheio de cólera, não tinha termos bastantes para arguir a malícia de Neucasis. Este, sepultado na confusão, balbuciando, apenas se desculpava com a malícia do conde e, por ordem do emperador, foi aferrolhado numa escura masmorra, quando Misseno, nos braços do soberano, juntamente com Aimar e Helena, foram conduzidos ao seu gabinete e tratados como merecia a sua virtude.

FIM DO LIVRO XIX

Frois inv. sc.

Pintura allegorica de Varios homens q. de Terra p
dem Governar Navios no mar, p.a es Carneçer os q
tendem a Comodar à Sua ideia Vontades alheias

LIVRO XX

1 Não sabia o imperador como mostrasse a Misseno quanto o estimava, nem Aimar e Helena acertavam com as expressões do seu agradecimento. Misseno recebia estes louvores com a mesma serenidade que os ultrajes passados, resistindo às elevações da fortuna, para não experimentar os golpes dos futuros abatimentos, os quais ele sempre previa, conhecendo a instabilidade do mundo. O embaixador, irritado sumamente contra o conde e Neucasis pela informação de Helena, pedia ao emperador vingança deste e se determinava tomá-la pessoalmente daquele. Helena fomentava esta paixão, pintando com tão vivas cores toda a aleivosia do conde, os seus depravados intentos e a sua perfídia, que o mais gelado coração arderia em cólera. Estas razões inflamavam o emperador também irritado contra a malevolência e dissimulação de Neucasis, e determinava vingar nele o crime de ambos, sabendo que estava o conde em Icónio, e aconselhava a Aimar a que, com o direito de esposo e esforço de ofendido, o buscasse pessoalmente para se despicar da afronta.

2 Misseno, porém, depois de lutar com as suas paixões e vencê-las, lutava ao mesmo tempo com as paixões de todos e fazia os esforços possíveis para impedir a ruína de seus inimigos. Mas todas as razões que ouvia ponderar de dia, as Fúrias do inferno lhe procuravam avivar no sossego da noite e o atormentavam, procurando todo o inferno rebelar-lhe as suas paixões nativas, as quais com sumo cuidado ele tinha já subjugadas.

3 A da vingança é a primeira que na frente de todas as demais vem acometer o coração do herói: e para que se não prevenisse contra os envenenados golpes que lhe preparava, tomou todas as insígnias com que a virtude da justiça se adorna. Cobre as furiosas serpentes da sua cabeça com um simples elmo de brilhante metal, para que na simplicidade visse a rectidão e no metal a firmeza de seus juízos. Oculta os dragões que no peito cria com um falso sol, símbolo da luz da razão, com que a justiça unicamente se deve animar; do seu arco vingativo e das setas envenenadas que, às escondidas, costuma disparar contra os descuidados, forma uma falsa balança que sustenta na mão esquerda, empunhando no seco e descarnado braço a espada, que é a insígnia da justiça; e nesta visível figura aparece a Misseno, em sonhos, e lhe diz desta maneira:

4 «Já me conheces, Misseno: nunca algum mortal me teve amor tão puro como tu me tens tido, porque tu com o lume da razão tens sempre separados os foros da justiça das intrigas secretas da vingança. Porém, não deves degenerar o contrário vício da frouxidão, nem ser deste modo o protector da maldade e fautor dos crimes. Ninguém conhece melhor do que tu a malevolência do conde e de

Neucasis, porque a providência os fez cair diante de ti no laço que eles contra ti armavam. E já que o Ser supremo assim tem obrado, eu te declaro que lhe desagradarás sumamente se contradisseres ao que ele tem disposto. Tu serás igualmente detestável a seus olhos, ou perseguindo a virtude ou protegendo os criminosos. Sabe que está escrito nos supremos decretos que Neucasis pereça e que o conde pague com uma morte infame que se lhe prepara as suas abomináveis desordens, e que tu gozes em paz do repouso que o emperador te oferece na sua corte para lhe servir de guia nos seus dias e fazer os seus povos felices. Assim paga Deus a quem O busca, e assim faz triunfar da malícia infernal a Sua providência divina e por um feliz que tu querias fazer serás instrumento da felicidade dos povos que Teodoro governa. Deus manda pela luz da razão que se dê a cada um o que cada um merece: isto é, ao emperador o gosto, ao conde e Neucasis o suplício. Manda que se livre o mundo e os que nele ficam, do perigoso contágio que a vida destes dous monstros lhe causarão, se ficam vivos. Já vistes que bastou o mau exemplo de Neucasis para se perverter o conde; vê agora que danos se não devem temer, se um e outro conservarem a vida? Não olhes, pois, para a tua sensibilidade: assaz virtude tens para ser superior a todas as calúnias. Porém, tu deves olhar para a justiça e procurar satisfação para Aimar e para Helena, que estão ofendidos; deves acautelar a ruína do público, de que tens exemplo na de teus companheiros. Neucasis já está no cárcere e pouco tardará que o conde venha também meter-se nas mãos do emperador: e nisso verás que o céu trabalha para que se faça justiça e, já que o conde não tomou os teus conselhos para ser feliz, pague agora com uma infeliz morte a sua louca rebeldia. Então verá o céu e a terra será testemunha que tu és recto e que em ti abraças a virtude, nos outros detestas o vício, e castigas o erro. Não sejas, pois, fraco, nem te abalem as lágrimas indignas ou os rogos de um traidor: fecha os ouvidos à desordenada frouxidão do teu coração falsamente benévolo. Não, Misseno; protege os bons até dar a vida, mas persegue os maus até os teus últimos alentos; purifica o mundo deste abominável contágio e manda para os infernos os que têm direito a viver neles».

5 Assim falou a Misseno a infernal Fúria e, dizendo isto, ele se sentiu agitado com um movimento inquieto. Então, como em um painel, se lhe representavam todas as ingratidões do conde, postas em paralelo, dos excessos que por ele obrara. O sangue lhe fervia no peito e o coração lhe palpitava. «Não», dizia ele, «isto não é vingança, é amor da justiça. Quando eu não fosse o ofendido, sentiria o mesmo horror contra crime tão enorme, porque se a razão os detesta, se Deus os abomina, que melhor posso eu obrar, do que fazer como Deus obra? Se o céu os tem condenado à morte, não posso eu sem ofendê-Lo impedir a execução da sentença suprema. Seria bem que o conde fosse ferrolhado com Neucasis no mesmo cárcere em que estivemos e

que ambos, do mesmo modo que nós, fossem punidos, porquanto a pena de talião sempre foi justa».

6 Assim falava Misseno perturbado pelas paixões, e se desconhecia inteiramente, porque não achava em si aquela paz de que ordinariamente gozava: uma espessa névoa lhe ocupava o juízo e os olhos do seu entendimento viam tudo de modo muito diferente. Estando, pois, nesta confusão, vem Aimar alvoroçado, dizendo-lhe como acabava de chegar o conde, a quem o emperador mandara logo encarcerar numa prisão oculta, destinando-o para objecto digno da sua cólera e justa vingança. Havia o conde sentido a partida precipitada de Helena e procurando, mas em vão, alcançá-la no caminho para atalhar o dano que receava, se havia lisonjeado que mediante a grande astúcia de Neucasis pudesse remediar tudo, e nessa ideia chegara a Niceia.

7 Então é que a cólera do embaixador subiu ao seu último ponto, sabendo pela conversação de Helena toda a intriga do conde. À maneira de um grande incêndio, quando chega a pegar num armazém de materiais combustíveis que, de repente, como se até ali nada fizera, tudo abrasa, arromba e furioso levanta entre nuvens de espesso fumo horríveis lavaredas, que ameaçam os céus, sem que força alguma possa atalhar-lhe os passos, assim acontecia no coração do embaixador. Jura, por tudo quanto os céus e a terra têm de sagrado, que se vingaria do conde e de Neucasis. Helena dava ainda maior força à sua cólera e de um e outro lado sopravam as infernais Fúrias o ódio e a vingança, para ver se ao coração de Misseno, já disposto e preparado, se pegava o incêndio que se havia ateado nos dos embaixadores.

8 Via neles Misseno como em espelho todos os movimentos que o seu próprio coração começava a tomar. Então, fazendo pé atrás, forcejou para se retirar do precipício, em cuja borda se achava: pediu licença e se retirou por um momento e se pôs a pensar, inclinando a cabeça sobre a mão, encostado. Recorreu ao céu e então se disse a si mesmo: «Onde está aquela doce paz de que minha alma gozava há tantos anos? Onde aquela luz clara do meu entendimento? Onde aquela serenidade que me fazia suportar tudo quanto acontecia? Que é o que tenho de novo ou que é o que perdi? Eu, se conservar a minha paz, o uso da minha razão, o domínio das minhas paixões, nada terei perdido e não serei privado da minha felicidade: e isto ainda que o conde viva, e viva com ele Neucasis. Pois para que me perturbo e me inquieto, se estou como de antes estava? Se me quiseram fazer mal, não mo chegaram a fazer; se o seu crime não passou de um desejo vão, a minha vingança não deve ser real e verdadeira. Acaso pretendo excedê-los em fazer mal? E por um mal que não existiu, farei eu um mal verdadeiro e que nunca poderá remediar-se? Isso não». Nisto se levanta e fala aos emperadores a favor do conde e de Neucasis, como se eles fossem os seus maiores amigos:

9 «Esses dous miseráveis» — dizia — «tudo têm perdido, reputação, virtude, honra; e perderam a amizade e a protecção do governo do universo, que é quem unicamente podia fazê-los felices. Para que é logo acrescentar-lhes ainda outro mal ao que eles mesmos se fizeram? A sua infelicidade lhes basta: eles são membros do mesmo corpo de que nós somos membros e não convém vingar-nos, porque isso seria despedaçar o nosso próprio corpo. Se a minha mão esquerda ferisse a direita, julgaríeis vós a propósito que esta se vingasse, ferindo também a esquerda? Todos me reputariam por louco, e em perda própria viria a parar a minha própria vingança. Pois estamos no mesmo caso: todos somos irmãos, filhos de um mesmo pai que, como cabeça, nos governa a todos e a todos nos vivifica. Ele toma a si o castigo de todo o crime e a correcção de todos os Seus filhos. Ele só como juiz justo sabe pesá-los sem paixão, puni-los sem excesso e remediar o dano sem o menor inconveniente, coisa que nenhum de nós pode fazer, sendo parte ofendida, porque com o ressentimento sempre o juízo de cega, a balança é falsa e a espada da justiça torta.

10 Além de que o vingar-se, isso fará qualquer bruto ou fera, e se um homem não obrar de outro modo, em que se distingue deles? Parecer-vos-á que isto não era vingança, mas justiça; mas que outro nome tem a justiça que cada um se faz a si mesmo e por autoridade própria, se não o de vingança? Se a boa razão os detesta a eles, também eu serei detestável, se fizer como eles fizeram, e se seguir o cego ímpeto da minha paixão. Não é porventura a vingança uma paixão feia como qualquer outra, que o meu entendimento reprova? Em saindo dos limites da razão, por qualquer lado que eu saia, sempre me precipito e me perco. Não: eu quero vencer agora o mal com o bem e isso é que se chama triunfo. Eu não saí da minha pátria para me deixar arrastar dessas vis paixões que vejo nas fezes da ínfima plebe. Saí para aprender pela experiência a domá-las e exercitar-me nos encontros a vencer toda e qualquer dificuldade. E, assim, desde este momento, amigos, me determino não só a suspender todo o movimento de vingança, mas a valer a estes dous infelices, como a sua miséria merece. A luz da razão me dita que nunca faça mal ao meu semelhante: nisto não posso errar. Se me fizerem algum agravo, perda é para quem o faz, pois eu nunca serei pior pelo crime alheio e mais perderei pela vil paixão da vingança, que por todas as perseguições possíveis».

11 Helena ouvia este discurso de Misseno e, absorta, nem sabia condescender com ele nem podia resistir-lhe. Era para eles tão nova esta filosofia, que a sua maravilhosa luz os pasmava e a sua novidade os suspendia. Bem como quando das celestes nuvens baixa uma refulgente divindade que o entendimento, a língua, os olhos, submergidos em admiração e pasmo, não atinam como fio do discurso e só com o silêncio se explicam, assim estava Helena suspensa com a resposta de Misseno;

e tomando a Aimar pela mão, o persuadiu a que se retirassem logo para Cesareia e de lá partiria a dar parte à rainha do bom êxito de seus negócios, e que entregassem ao emperador e a Misseno a satisfação que haviam pedido de Neucasis e do conde. Resistia Aimar, mas, enfim, aprovou a sua resolução e entre mútuas demonstrações de amizade se despediram os embaixadores dos príncipes e de Misseno, e prosseguiram o seu destino.

12 Não ameaçam as nuvens espessas e denegridas tantos raios, quando o céu coberto e escuro mostra no semblante carregado a cólera contra os mortais que o irritaram, como o semblante do emperador prometia um exemplar castigo contra o conde e Neucasis. Fechados cada qual em seu cárcere, mutuamente se contradiziam e condenavam. Então o monarca, irritado por lhe haverem mentido na sua própria face, se dispunha às maiores demonstrações do seu furor, como parte ofendida e como juiz que devia dar satisfação à ofensa dos embaixadores e de Misseno; e fazendo-os vir manietados à sua presença, disse a Misseno:

— «Vós sois agora o juiz destes vossos inimigos e nas vossas mãos vo-los entrego, para que tomeis deles justa vingança. O seu sangue derramado deve castigar o seu crime, posto que jamais poderá expiá-lo, pois não pode haver satisfação justa ao agravo da minha pessoa nem à atrocidade da sua malevolência. À vossa eleição, pois, deixo o género de morte e todas as suas circunstâncias, para que vejais que desejo, quanto me é possível, satisfazer-vos».

13 Misseno, fazendo ao príncipe uma profunda reverência em agradecimento da honra que recebia, respondeu deste modo: «Tenção havia feito, soberano monarca, de vos pedir essa graça que vós liberalmente me concedeis, porque convém castigar um delito tão feio e dar a ver ao mundo todo o seu horror. E já que me fazeis árbitro da sua morte e do castigo, desejo que seja o mais cruel e o mais prolongado que possa imaginar-se: porém, não me atrevo a declará-lo sem estar bem certo que a vossa decisão, senhor, confirmará a minha sentença». Mostrou o emperador admirar-se desta dúvida de Misseno, mas, abafando quanto pôde a sua sensibilidade, lhe protestou que a palavra régia não dependia de confirmação para a maior e mais firme confiança de quem a tinha por base.

14 «Sejam punidos, ilustre monarca,» — acrescentou Misseno — e punidos por toda a sua vida, com a contínua vista do seu próprio crime: e para verem todo o seu horror, tenham um espelho contínuo que lhes mostre a cada respiração quem é o príncipe a quem ofenderam e quem o amigo a quem quiseram tirar a vida. Este espelho há-de ser uma plena liberdade, a qual eu para eles peço, porque por esse benefício vos conhecerão a vós e a mim. Este seria para a minha alma o tormento mais cruel, porque não me poderia suportar a mim mesmo: tanto assim, que a morte me não seria tão pesada como essa vida e o heroísmo da beneficência alheia seria o

mais claro espelho da minha feiíssima ingratidão. E já que a vossa palavra régia me segura do despacho da minha petição, mereça-vos eu que para sua confusão eterna seja esta sentença logo executada».

15 Suspenso ficou o emperador com esta não esperada resposta: e bem como a penha que, despegada do alto e empinado monte, rolando por ele abaixo, não pode parar no ímpeto concebido, assim se via o coração do emperador, porque furioso se havia determinado a vingar-se da injúria com o último suplício, e só deixara a Misseno a escolha da morte, mas nunca o perdão. E mudando a admiração em ira, estranhou muito a imprudência de Misseno, pois pretendia que o ultraje da sua real pessoa ficasse impunido, e disse-lhe com cólera: «Vós podeis por estóica generosidade perdoar, se o quereis, o vosso próprio agravo, mas os soberanos têm outros foros mais sagrados que não foi jamais lícito o deixá-los desatendidos».

16 Aproveitou-se Misseno desta última palavra e, replicando, disse: «Confesso, senhor, que os soberanos gozam em certo modo dos foros da divindade e que não é jamais lícito o desatendê-los, mas…». Aqui se viu Misseno embaraçado: duas vezes quis continuar o que dizia, e duas vezes suspenso balanceava. O emperador instou que declarasse o que o seu pensamento lhe sugeria. Misseno cada vez se achava mais embaraçado: as faces que se faziam vermelhas, os olhos fitos no céu e a língua emudecida enredavam o pensamento do emperador e dos assistentes. Enfim, tomando resolução, disse deste modo: «E se algum soberano apadrinhasse estes réus, creio, pela vossa mesma palavra, que não devia ser um tal patrono desatendido…». «Seriam prontamente perdoados» — disse o imperador — «e com tal intercessão a minha injúria ficara bem satisfeita. Mas o diferir até esse tempo a minha vingança, já isso é uma graça de que eles são totalmente indignos. Hão-de morrer sem remédio». Cai Neucasis pálido e é sustentado pelos guardas; o conde tremia com uma convulsão, em todos os seus membros e cobria com a mão a envergonhada face. Então Misseno, tomando outro ar bem diferente, com um tom nobre disse aos dous presos: «Podeis, sem demora, beijar a mão ao emperador, pela graça que vos faz em atenção aos rogos de Vladislau, rei de Polónia». E voltando-se logo ao emperador, continuou, dizendo: «Só este lance, amigo, me poderia obrigar a descobrir-me. E já que não posso viver aqui oculto, consentireis que me retire de vossos estados, para seguir o meu destino».

17 Qual relâmpago extraordinário que, inflamando num momento todo o céu, nos deixa cegos com a mesma luz repentina que devia ilustrar-nos, assim foi esta resposta não esperada na presença de Teodoro, que, suspenso não atinava com o que diria. Nesse tempo o conde se prostrou aos pés de Misseno, sufocado em lágrimas. Misseno, levantando-o nos braços, o levou ao trono do emperador e disse ao conde, com os olhos arrasados: «Agradecei ao céu fazer-vos cair nas mãos de um príncipe

tão benévolo, e não abuseis daqui por diante da minha amizade, porque a justiça divina pesa os crimes na balança dos favores».

18 O emperador já tinha nos braços juntamente o conde e Misseno; e passado o tempo em que só as lágrimas falavam, disse a Misseno: «Nunca esperei dever aos céus favor semelhante ao que agora recebo, conhecendo-vos e possuindo-vos. Agora me dou por feliz de ver em meus braços um tal herói, qual nunca houve no mundo, e qual nunca imaginei que Deus concedesse aos homens. Dai-me licença, Vladislau, que este meu ósculo fale pelo meu coração suspenso». E passado um não breve intervalo, em que toda a assembleia, enternecida, chorava, o emperador se voltou para o conde que, confuso, não ousava levantar os olhos e lhe disse irado: «E como é possível que, conhecendo vós a pessoa real do vosso amigo, tivésseis ânimo para urdir tão feia intriga e tão abominável maldade?»

19 «Senhor,» — lhe diz o conde — «dai-me antes a morte do que o tormento de semelhante pergunta. Infame,» — dizia, voltando-se com cólera contra Neucasis — «a ti devo e aos teus detestáveis conselhos um crime, cuja memória me é mais horrível que ao mais atrozes tormentos!». Nesse tempo, os olhos do conde lançavam fogo, a sua face confusa se inflamava e acendia os lábios tremiam, os membros convulsos indicavam a cólera interior e a raiva que o devorava. Misseno, então, com o mesmo tom antigo, lhe tirou pelo braço, dizendo: «Ocupai-vos, meu filho, de vós mesmo e esquecei-vos dos delitos alheios. Beijai a mão ao emperador e apagai com o procedimento futuro a mancha do que está passado. Agora vereis quanto importa seguir os ditames da razão e reprimir as paixões que sempre vos arrastram».

20 Então o conde, recobrado da sua perturbação, prostrando-se de novo diante do emperador, lhe disse assim: «Senhor, jamais se apresentou na vossa presença réu algum tão indigno da vossa clemência, como o infeliz conde da Morávia. Eu, ludíbrio sempre das minhas paixões, o vim também a ser das alheias. A minha infelicidade, que me fez arrastrar vilmente pela terra em seguimento das minhas loucas ideias, me ocultou a luz da razão, para me precipitar nos maiores horrores. Mas depois esta luz se me tem manifestado toda de um golpe para me punir com a enormidade do meu crime. Não posso, senhor, não posso suportar uma tão horrível vista, e peço-vos por graça particular que me concedais a morte, porque não poderei ver a Misseno (devo observar, senhor, o seu preceito, ocultando até na sua presença o seu próprio nome), não poderei ver Misseno sem que veja no espelho da sua puríssima virtude todo o horror do meu crime e morrerei a cada momento da minha triste vida. Bem sei que todo o castigo é próprio do meu delito, mas não pode com ele a minha alma enfraquecida; já é demasiada carga a dos meus crimes e não me pode deixar forças para o heroísmo de suportar sem falecer esta pena. O céu me vê com horror, a terra

parece que se me abre, os bons me detestam, os perversos se escandalizam, o mau sangue me condena. Enfim, a morte só me pode avaliar do que padeço: não a morte forçada, que não é capaz lavar o crime de um infeliz, quando a ela repugna, mas a morte voluntária, e que eu peço por justiça, e que vós, soberano príncipe, não podeis sem injúria negar-me, porquanto mais que ninguém tenho merecido. Goze vilmente Neucasis uma vida infame, que os seus espíritos baixos lha farão gostosa, e possa eu esconder-me nas sombras dos abismos e fugir do céu, do sol, dos homens que viram o meu delito. Não vos peço graça, peço a morte por justiça e, se ma não fizerdes, eu a farei a mim mesmo».

21 Este discurso pronunciou o conde mais com a alma do que com as vozes. A sua figura gentil e interessante, os seus olhos ao mesmo tempo confusos e fogosos, a sua voz trémula lhe davam uma tal força, que o imperador, moderando, prudente, os afectos do coração, lhe disse: «Não é a morte digno castigo da vossa culpa, e só a confusão pode de algum modo igualá-la. E já que a vida vos é mais penosa que a morte, vivei para castigo. E Deus vos livre de que intenteis desprezar a minha sentença ou que vos façais juiz do vosso crime, quando somente sois réu». E voltando-se para Misseno, o abraçou ternissimamente e levou entre seus braços para o seu gabinete para o honrar como soberano, havendo-o estimado como amigo. Então, Misseno se viu obrigado a revelar ao imperador todos os mistérios da sua vida e, entretanto, Neucasis foi posto em liberdade e o conde conduzido ao quarto destinado para Misseno.

22 Temia Neucasis experimentar a indignação dos moradores de Niceia, a quem o seu crime fora manifesto, e, buscando a protecção de Misseno, quis segui-lo, esperando ainda com as artes do seu entendimento astuto e manhoso conquistar outra vez o coração do conde. Então, Misseno, chamando-os em particular, lhes fez ver os excessos a que as suas paixões os tinham levado, advertindo-lhes que havia um tribunal supremo, onde a mentira não tem lugar, nem as paixões desordenadas o menor asilo; um tribunal em que a razão sempre triunfa e onde incógnitas aos homens, porém, fácil e patente à Suprema Inteligência, sempre se manifesta a verdade.

«Morre» — dizia Misseno — «muitas vezes o inocente; porém, ou cedo ou tarde o criminoso sempre há-de ser descoberto. A luz do sol pode mui bem ocultar-se com as sombras, que às vezes duram até depois do ocaso; porém, nunca as trevas deixarão de ser conhecidas. Assim, bem pode por algum tempo ocultar-se o merecimento heróico, mas nunca se esconderá para sempre o crime grande. Desde os abismos, vereis muitas vezes sair resplendores de glória, quando os ossos que estão enterrados são de heróis que morreram cheios de merecimentos, isso ainda que tivessem caído na sepultura oprimidos de opróbrios. Pelo contrário, os mausoléus erigidos aos indignos, não servirão por todos os séculos vindouros senão de atrair

e chamar pela irrisão e vitupério do público que à proporção dos elogios mal dados declaram os verdadeiros defeitos.

23 Filhos meus, não acabareis de consultar como é razão o vosso amor-próprio, antes que vos determineis a acção de importância? De que vos serviria sair bem em todas as vossas quiméricas ideias? Suponhamos que chegáveis a empunhar com fraude o ceptro de Jerusalém e que repelíeis os que vos atracassem: acaso gozaríeis em paz do fruto da vossa iniquidade? Vós, uma de duas: ou crieis que a vossa alma morria com o corpo, como sucede às dos brutos, ou esperáveis depois da morte encontrar com um Deus velhaco, que premiasse a vossa abominável mentira. Ides a Jerusalém combater pelos deuses da gentilidade, que foram heróis em tudo que é crime, ou pelo Deus da verdade, que abomina e detesta a mentira? Se ardeis no desejo de glória, interesse ou grandeza, segui muito embora a vossa ambição e desejo da maior elevação; mas sabei buscar-lhe os meios e sirva-vos o presente erro de importante doutrina».

24 Assim falava Misseno, e o conde, emudecido, recebia todos os seus ditames com a maior docilidade. Bem como a cana leve, frágil e alta que, igualmente, cede e dobra a qualquer vento, assim ele, igualmente, se deixava já das razões de Misseno, já das paixões de Neucasis.

25 Neste ponto, chegaram os emperadores ao aposento de Misseno, querendo-o honrar com a sua visita, e travada a conversação sobre os sucessos que lhes contara, não achavam expressões para explicar a sua admiração e espanto, vendo-o tão sossegado e contente. Misseno lhes persuadia que não havia meio mais fácil e mais eficaz para ser temporalmente feliz que o moderar de tal modo as paixões, que jamais tivesse o nosso coração liberdade para desejar o que depende dos outros. «Depois» — dizia Misseno — «que me entreguei a esta filosofia, nunca pus o meu fim em que os mais se acomodassem aos meus intentos e somente aspiro ao que em mim próprio tenho seguro ou ao que nos tesouros da verdade, da providência e bondade eterna está depositado, porque nada disso me pode faltar».

Os emperadores admiravam a solidez dos seus princípios e a clareza das suas razões, a que eles juntavam também as suas, e depois de mil reflexões de uma parte e de outra, Misseno lhes disse o seguinte:

26 «Um quadro vi eu pintado com uma tal singularidade de desenho, que nunca me pude esquecer. Representava ele uma longa costa de penedos e rochedos, dos quais uns mais altos que outros, vendo-se insultados pelas ondas do mar, parecia que as ameaçavam, estando pendentes e quasi dependurados, esperando só o momento destinado para cair sobre elas. As ondas parecia que, ora temerosas, recuavam, ora insolentes, de novo os investiam, zombando da sua imóvel paciência. Ao largo se viam vários navios, uns grandes, outros pequenos, seguindo cada qual o seu rumo,

já com vento favorável e já contrário. Sobre os rochedos estavam vários homens, com bem contrárias posturas, e os mais deles forcejando quanto podiam para governar desde terra os navios que iam ao largo. Era ridículo o empenho e a pintura o mostrava com tal propriedade, que parecia estarem-se vendo os seus inúteis esforços. Um, firmando os pés contra uma rocha, deitado para trás, queria puxar por um possante navio que com todas as velas largas seguia o seu rumo; feria-se o pobre na corda que lhe escapava pelas mãos, e ficava punido e aflito. Outro se via ao lado, que, por ter sido mais tenaz na empresa, se precipitava pelos rochedos, sendo despedaçado nas penhas antes de perecer nas ondas. Mais ao longe estava outro, saltando ligeiro de rocha em rocha e de penha em penha, até que largava enfim a corda, lamentando a sua inútil fadiga.

27 Somente um se via muito tranquilo e sossegado, que, sentado em um rochedo que lhe servia de trono, deixava aos navios que seguissem cada qual o seu rumo, e zombava dos vãos e ridículos esforços de seus companheiros».

Depois que Misseno lhes referiu a pintura do quadro, conheceram que era alegórica, mas ignoravam o que nela queria ensinar o artista. Então Misseno lhes disse que era um retrato da loucura dos homens, quando desejavam com empenho o que dependia dos outros: «Isso é» — lhes dizia — «como querer no mar deste mundo trazer a si e governar desde terra os mais homens, quando eles com todas as velas soltas seguem o norte dos seus intentos ou trabalham à força de remo por consegui-los com uma diligência obstinada. Se nós puxamos para um lado e eles navegam para o outro, que há-de resultar senão fadiga, aflição ou ruína? Em que perigo não estiveram por isto o conde e Neucasis? Eu, porém, rio e zombo dessa loucura e, contente com a que Deus me quis dar e com o que me promete, só consinto que os meus desejos se dirijam ao que não depende senão de mim e de Deus. Acomodo-me inteiramente aos decretos do céu e só me fio na divina palavra. Desejo com esperança e espero com certeza, deixando que o meu coração voe com liberdade às moradas eternas, que aqui se recreie e se deleite nesta doce esperança. E não temo nem que me engane a verdade infinita nem que me falte a palavra de um Deus; e assim vivo sossegado».

28 «Já me não admiro» — disse o imperador — «da vossa constância e igualdade de ânimo, que tanto me arrebatava, quando estáveis no ponto de perder inocentemente a vida. A religião e a razão com as mãos ambas sustentavam o vosso ânimo imóvel, e toda essa força era precisa para não ceder aos impulsos furiosos com que a malícia e a desgraça vos combatiam. Agora, sinto mais que nunca que o vosso sistema não possa sofrer que vivais na minha corte. Estimo infinito o conhecer-vos, mas sinto isso mesmo que estimo, por que se vos não conhecesse, talvez que pudesse gozar-vos. Mas já que sois superior a tudo o que em vosso obséquio pode fazer o emperador

do Oriente, não sejais insensível ao amor de um verdadeiro amigo». Nisto o abraçou ternamente e se retirou, com as lágrimas nos olhos.

29 A emperatriz, não podendo separar-se de Misseno, lhe pediu que lhe desse alguma particular instrução para poder aprender aquela admirável filosofia que tão patente obra abria para a felicidade verdadeira. Então, Misseno gostoso de poder fazer-lhe um tão essencial serviço, lhe disse assim: «Deixai-vos em tudo guiar pela voz divina, que se vos manifesta na luz da razão e da religião: e não sigais os ímpetos fogosos da paixão, quando ela se adianta e, deste modo, sereis verdadeiramente feliz. Aqui tendes uma regra bem fácil de reter na memória, que compreende muita doutrina. Eu vo-la explico e provo.

30 Deus não pode por sua eleição própria conduzir-nos ao mal: isto é um princípio evidentíssimo. Ora, a voz da razão é a voz divina com que Ele nos fala; e para nos explicar mais esta voz celeste, nos acrescentou a voz da religião revelada, e com esta especialíssima luz melhor conhecemos o caminho da nossa felicidade. Consultai, pois, as luzes divinas que a ela vos encaminham, nem vos deixeis arrastar pelas paixões e a conseguireis verdadeiramente. Confesso que para isso a força da natureza não basta: o braço humano ferido pelo geral contágio ficou frouxo e inerte; o homem só não pode vencer todas as paixões rebeldes, porém, Deus que vos fala, não vos deixa, e quem vos guia nas trevas, não vos desampara nelas. Sabei que o Reparador da natureza perdida nos assiste. Convém, pois, esforçar-vos; e antes que obreis, domai o vosso coração, detestai toda a precipitação e pressa importuna que Ele vos dá para que obreis. E quando a experimentardes, desconfiai muito de vós mesma, porque o coração inquieto, quando vos quer sair do seio para obrar com ânsia e com fogo, dá sinal que quer escapar da luz da razão, a qual, se aparecer, dará a conhecer à alma que ela não faz bem, semelhante ao mercador velhaco que envolve ligeiro a peça defeituosa, antes que se conheçam as manchas. Todo o fogo, senhora, traz fumo; e o fumo necessariamente nos cega. Não vos guieis pelo que os outros fazem, guiai-vos pelos que eles deviam fazer. Quem segue os muitos, não pode ser feliz, porque os felices são poucos».

31 Estas e outras máximas dava Misseno à emperatriz; e querendo-se despedir para prosseguir o seu destino da Terra Santa, ela o impediu até o dia seguinte, para que pudesse caminhar com a decência que pedia a sua pessoa. Entretanto, não cessava o emperador de falar a sua esposa em particular nas admiráveis virtudes de Misseno. A sua nobre empresa lhe parecia mais gloriosa que as de todos os mais heróis que a fama tanto celebra.

«Se bem se consideram as coisas» — dizia — «como elas em si são, que tem que ver um herói, ainda que despedace os monstros, que conquiste impérios, que

vença os monarcas, que tem que ver com o chegar a triunfar das suas paixões? O que, esforçado pela graça celeste, chega a fazê-lo, faz-se superior à fortuna e desgraça, zomba da morte e das injúrias e é soberano absoluto, independente de tudo o que a sorte ou o mundo possam fazer-lhe. Então, sem conhecer a pena nem a tristeza, a soberba nem a vaidade, o susto nem o temor, sem se ver arrastrado por paixão alguma, para tudo o que não é a virtude olha como se fosse uma vil palha, e sereno, no trono da sua equidade, com os olhos no céu, como outro Job, não cede nem à tripulação nem ao vício. Eu acho que só este herói é que merece tão honroso nome».

32 «Muito tempo há» — lhe diz a emperatriz — «que eu, às escondidas do mundo, dentro em mim mesma, desprezava esses famosos homens que ocupam todos os clarins da fama. Mas não me atrevia a declarar o meu pensamento, porque um discurso feminino não merece crédito em matérias de valor e de proezas. Porém, já que vos acho de acordo, vos direi naturalmente o que julgo, pedindo-vos que me corrijais o excesso.

33 A que se reduz tudo o que celebram os poetas e historiadores dos seus famosos heróis? Dizei-me: não é o ter força para despedaçar os inimigos, manejar maças enormes e de um só golpe derrubar os gigantes? Mas um leão, um vil urso, o mais comum touro faria outro tanto: "Qual tigre desesperado" (nos dizem os poetas, no maior calor das hipérboles), "Qual tigre desesperado, e leão enfurecido, por onde quer que ia levava o estrago, e a morte, etc.". Que loucura quererem exaltar um grande homem e compará-lo aos brutos!

34 Que mais louvam nesses heróis: o ânimo e furor com que se entregam aos perigos! Os grandes ladrões, os da plebe mais vil, quando estão cegos da cólera, fazem semelhantes proezas. As feridas de um general são objectos de grandes recompensas, elogios e promessas; quando um ordinário soldado corre e se expõe por bem pequeno soldo a maior perigo que um general famoso, porque a este mil braços defendem e do soldado raso nenhum caso se faz, nenhuma memória: com o seu cadáver despedaçado fica enterrado o seu nome.

Vamos aos combates singulares que tanto se celebram: se a saia de malha foi penetrável ao ferro, se o cavalo menos ligeiro tardou a obedecer ao freio, se uma seta perdida acertou a entrar pelos olhos, desapareceu como sonho todo o heroísmo do combatente: vencido, preso, desprezado o atam às rodas do carro triunfante de seu inimigo ou talvez o obrigam a puxar como bruto pela carroça do famoso Sesóstris. Porém, se na contenda não houveram estes casos, foi o herói celebrado por todo o mundo como um semi-deus cá na terra. Ora, não é puerilidade e loucura pôr o heroísmo no simples acaso ou no que só depende de um bruto? E que dependa de um cavalo toda a grandeza ou vileza de um homem!

35 Dai-me cá esses heróis famosos, tirai-lhes a força extraordinária, prenda que achais nos da ínfima plebe; tirai-lhes o furor, a desesperação e a raiva no meio dos combates, cousa comum e bem vil; tirai-lhes a temeridade e a fortuna, quero dizer, uma cousa que é defeito e outra que não é merecimento, e que me deixais nos heróis para fazerem figura no mundo?»

36 «Fica-lhes» — disse o imperador — «o ânimo imperturbável com que atalham os perigos, como se não vissem neles; fica-lhes a prudência com que dispõem e acodem a tudo como se estivessem no sossego da paz; fica-lhes o juízo com que antevêem os sucessos futuros, como se lhes fossem presentes; fica-lhes a grandeza de coração com que desprezam a morte, triunfando do horror que nos inspira a natureza».

37 «Ah! Pintai-me desse modo os heróis» — lhe diz a Imperatriz — «e então concordareis comigo, que só está o heroísmo em domar as paixões e aperfeiçoar o discurso, que isso são propriedades só do homem, e de homens muito raros: nisso sim, nisso verei eu um herói. Mas se o domar o susto é prova de heroísmo, domar, como dizia Vladislau, a ambição da glória e do ouro, domar o amor e o ódio, domar tudo o que a suma razão condena, este triunfo será muito maior. Mas, raramente, o achareis nesses chamados heróis que os poetas nos cantam: e, assim, julgo que este príncipe tomou a única, e verdadeira empresa para chegar ao Templo da glória: a este príncipe é que deviam seguir todos os que desejassem chegar à verdadeira grandeza. Porém, crítica de mulheres que pouco caso merece! Fique aqui entre estas paredes sepultado este discurso, e cuidemos agora em dar alguma recompensa a este príncipe pelos benefícios que meu pai e avô receberam dele. Se até agora o estimamos como benfeitor e amigo, agora se duplica a nossa obrigação e realça com a qualidade da sua pessoa».

38 «Que havemos de fazer,» — lhe diz o imperador, aflito — «se pelos seus sistemas se faz superior a tudo quanto podemos obrar? Eis aqui um soberano que deixa pobres os mais opulentos monarcas do universo, que os deixa pequeninos e fracos e em certo modo os faz vis, obrigando-os a ser ingratos, apesar dos maiores esforços do seu reconhecimento. Quando nós quiséssemos tirar da cabeça a coroa para lha oferecer e pôr a seus pés, não faria ele caso das alheias, havendo desprezado a própria. Quando lhe puséssemos nas mãos todas as riquezas de Creso, todos os deleites do mundo, todas as honras possíveis, tudo diante dele é nada. Que podemos logo fazer para lhe dar testemunho do nosso reconhecimento? Que novo e singular método é este para triunfar dos soberanos!»

«Aí se vê» — replica a emperatriz — que jamais nenhum herói se elevou a tão superior grau na carreira das suas proezas. Quando se leu nas histórias que nem os ceptros e coroas, nem as riquezas e jóias, nem a formosura e amor, nem a vaidade

e glória pudessem abalar o coração do herói? E nós o vemos agora em Vladislau. Porém, temos uma jóia que ele há-de estimar, e eu vos asseguro que a aceite, que a guarde e que dela faça o maior caso possível; jóia que podemos oferecer-lhe com honra e dar-lhe com infinito interesse».

Aqui o emperador ficou absorto e lhe prometeu que não resistiria a cousa alguma que ela lhe apontasse. «Demos-lhe,» — prosseguiu a emperatriz — «demos-lhe palavra de seguir, quanto nos for possível, a sua doutrina, de abraçar as suas máximas e imitá-lo na sua heróica virtude».

39 «Vinde comigo» — lhe responde o imperador; e buscando a Misseno no seu quarto em presença do conde e de Neucasis, lhe referiu o embaraço em que estavam e a resolução da emperatriz e ambos lhe prometeram com a palavra mais sólida e resolução a mais sincera que quanto possível lhes fosse tomariam o seu exemplo, para domar as suas paixões e seguir em tudo a razão. Admitiu, louvou e agradeceu Misseno semelhante oferta e, profetizando-lhes as maiores felicidades, no caso que assim o cumprissem, se despediu dos príncipes, partindo para Icónio, acompanhado do conde.

40 Então Neucasis, que se via sem arrimo nem fortuna, seguia o astro que mais brilhava: e como ao princípio se encostava ao conde, agora dirigia todos os seus humildes obséquios a Misseno, semelhante à serpente maliciosa que se volve e revolve por debaixo dos pés, como se quisesse beijá-los, sendo tanto mais perigosa, quanto mais lisonjeira. Bem conhecia Misseno o seu carácter falso, caviloso e astuto; porém, prevendo que lhe daria ocasião para reiterar continuamente a vitória das suas paixões, que é o que desejava, quis sofrê-lo em sua companhia, recebendo com urbanidade todos os seus falsos obséquios.

41 Bem como o famoso guerreiro que, para exercitar as suas tropas com os contínuos insultos dos vizinhos rebeldes, os sofre, esperando tirar maior utilidade das repetidas vitórias, que da tranquila ociosidade, se os vencesse de todo, assim Misseno, podendo desembaraçar-se da perigosa companhia de Neucasis, instrumento de mil desgostos, o sofria em seu seguimento e procurava com prudentes conselhos prevenir o conde contra os seus insultos, fazendo-lhe ver pela experiência quão perigoso lhe era.

42 O conde se desfazia em afectuosas promessas a Misseno, mas a sua alma confusa não achava termos para se explicar como queria. Meigo no carácter, político na educação, agradecido pelos benefícios, dependente para o futuro, se via por todos os princípios obrigado a contemplar Misseno como todo o seu bem. Então as paixões naturais, desenvolvendo-se todas a seu favor, quasi que iam até o excesso oposto e queria com um defeito remediar o contrário. Qual balança que tem o fiel

mui pesado[138], que já cai toda para um lado, já toda vai para o outro, sem jamais achar o ponto do justo equilíbrio, assim era o conde em todos os seus movimentos. Misseno, porém, com prudência, ora lhe aceitava, ora lhe reprimia os obséquios, mostrando-lhe como tudo o que era excesso vinha a ser defeito. E nestas conversações iam chegando a Icónio, quando um acontecimento os fez parar no caminho.

FIM DO LIVRO XX

[138] Balanças há que têm este defeito sem pesos e muitas vezes até com eles, ora caem para uma parte e não se levantam, ora caem para a contrária e aí ficam. Nasce este defeito de terem o fiel muito pesado ou de não ter na parte inferior oposta ao fiel contrapeso bastante, para fazer cair o centro da gravidade abaixo do centro do movimento. *Instit. Phisic. Tom. I.*

Frois inv. sc.
O Conde ferido Leve m.te com huma Seta Corre Contra quem o-
ferio, e Effigenia disfarçada em Soldado Selhedescobre Sendo
Sua amante n.º 2.

LIVRO XXI

1 Já as tropas do sultão tinham aviso de partir para a Arménia menor e se viam os campos cobertos das formosas barracas; já por um e outro lado da estrada que Misseno seguia se exercitavam em torneios e justas os soldados de cavalo e aos fundibulários e frecheiros que competiam entre si se propunham prémios para quem sobressaísse nos ensaios e fizesse conhecer o próprio merecimento. Eis que, nestas escaramuças, uma seta perdida veio ferir o conde: parte ele logo como um raio e corre a vingar-se do atrevido que, de longe, o ultrajara. Fugiu o aparente criminoso, simulando o crime e o medo, e, quanto mais ele se retirava, tanto mais furioso o perseguia o conde, com a espada feita, ardendo em cólera, espumando de raiva; segue, corre, voa, até que, enfim, alcança o inimigo na carreira e, quando já ia a derrubá-lo, ele, achando-se na espessura de um bosque, se volta para o conde, tira a viseira e lhe diz, sorrindo-se com desafogo: «Podeis, à vossa vontade, ferir-me e matar-me, porque a morte me será preciosa, as feridas suaves». Pára o conde, admirado, e bem como quando se rasga a espessa nuvem, aparece uma luz repentina que nos aturde e nos faz imóveis, assim se viu o conde com a não esperada beleza do seu imaginado inimigo: não sabia nem onde estava, nem o que ouvia nem com quem falava.

2 Era Ifigénia, filha de um dos príncipes latinos da Palestina, que, por infelicidades sucessivas, havia sido cativa de Solimão e depois com escravidão nova se achava prisioneira dos olhos do conde, a quem amava desde que o vira em Icónio. Esta senhora, cujo nascimento lhe havia dado uma alma fogosa e atrevida, vendo o conde, lhe ficara inclinada: ouvira que ele se dispunha a caminhar para a Palestina e então se lhe acendeu o amor da pátria e o desejo da nativa liberdade, de sorte que três paixões a um tempo revolviam aquele coração perturbado: o amor do conde, o desejo da pátria, a ânsia pela natural liberdade. Outro incidente havia aumentado de novo as suas esperanças e acendido mais os desejos, porque Helena, no tempo em que estivera em Icónio, sabendo da sua sorte, lhe havia prometido livrá-la da escravidão e do desterro.

3 Todas estas ideias haviam ficado embaraçadas com a não esperada ausência do conde e de Helena, mas não pôde esse sucesso abafar as paixões nem extinguir os desejos em que aquele coração ardia. Qual embarcação pesada e volumosa que, antes de tomar movimento, facilmente é detida por qualquer amarra, mas se uma vez se abandona à corrente e por largo espaço segue o seu ímpeto, nenhuma força é bastante para detê-la, de forma que tudo quebra, tudo vence, de tudo triunfa, assim era Ifigénia: tranquila, havia suportado os ferros e o desterro da pátria, mas uma vez posta em movimento pelas promessas da embaixatriz para tornar a ela, não podia sossegar o seu coração inquieto e, assim, tomou trajes de homem, acostumou-se à

funda e à seta, e na confusão da guerra pretendia, com o disfarce de soldado, retirar-se à pátria; e nesse dia foi que ela viu, inesperadamente, o conde. Então, ao mesmo tempo astuta e amante, quebrando a ponta de uma seta, para que o não molestasse, lha despediu com o arco.

4 Apenas o conde a reconhece, o seu coração de novo se inflama e se esquece de Misseno. Num momento, toda a filosofia, e luz da razão desapareceram como um sonho; embainha pronto a espada e, como amante, responde à sua dama adorada. Protesta acompanhá-la e segui-la até os últimos fins da terra, se ela lhe permite a honra de ser seu escudeiro. Toma os céus e a terra por testemunhas, e que nenhuma lei, nenhum obstáculo poderá detê-lo na pronta execução de tudo quanto se digne ordenar-lhe. Então Ifigénia lhe pede que para mais facilmente sair bem da empresa de se restituir à pátria, queira o conde entrar no serviço do sultão para a expedição da Arménia, porquanto, desse modo, sem dificuldade nem embaraço poderia acompanhá-la até a deixar no seio da sua família. «No exército,» — diz ela — «todos me reputam por homem, cuja idade tenra, educação delicada e aspecto gentil me dão esta feminina figura, porquanto eu me disfarço quanto posso com as insígnias da guerra, de sorte que com o nome de Algazar passo por soldado voluntário; e sabei que só vós sois o depositário de tão importante segredo». Deu ela ao conde um sinal por onde se haviam de distinguir no meio de todo o exército, que era um penacho encarnado que tirara do seu capacete e repartira com o conde, e ele, sem demora, se foi apresentar ao sultão, oferecendo-lhe a sua espada e a sua vida para qualquer empresa que o seu exército intentasse. O sultão aceitou com gosto e generosidade a sua oferta e lhe deu uma espada, cujo valor, igualando a real mão que a dava, lisonjeou muito o conde; e este se retirou com o projecto de não se afastar jamais das tropas a que se havia agregado.

5 Em todo este tempo, Misseno, admirado da demora, não podia ajuizar qual fosse o motivo e Neucasis se ofereceu a ir sabê-lo, enquanto Misseno continuava a sua jornada para Icónio, onde os esperaria. Apenas o conde avistou Neucasis, que vinha apressado a buscá-lo, o recebeu com agrado antigo, porque sempre o tinha considerado como instrumento pronto a satisfazer as suas paixões, e Neucasis, achando esta ocasião de apagar os motivos de desgosto que lhe havia dado na intriga de Niceia, não sabia como lhe oferecesse roda a sua vida, indústria e forças para o seu serviço.

6 «Tempo é agora» — lhe diz o conde — «de que eu veja quanto me estimais e se a vossa indústria me dá o socorro de que necessito. Eu tenho dado palavra ao sultão de servir nas suas tropas que marcham para a Arménia menor. Misseno não há-de aprovar os meus intentos, querendo-me obrigar a cumprir o meu voto de ir à Terra Santa: mas eu tenho motivo particular que me obriga a não me separar do exército. Vós me ajudareis a persuadir-lhe que consinta nesta empresa e, caso que o não queira, espero que me sigais fielmente com preferência a um velho, cujos

sistemas (como vós dizeis) mais são para um eremita ancião e solitário, do que para um cavalheiro da minha idade e criado nas cortes».

Não resistiu Neucasis, e o conde, nesta conversação, pouco a pouco lhe descobriu o seu peito e o fez confidente de todos os seus segredos. Aprovou Neucasis tudo o que o conde dissera e ambos foram a encontrar-se com Misseno, que depois de uma longa espera, tinha caminhado direito para Icónio.

7 Já neste tempo celebravam as infernais Fúrias a vitória que esperavam conseguir de Misseno; e se o não tinham vencido, ao menos lhe haviam arrancado a presa do conde e com isto tinham feito a sua filosofia inútil e a sua doutrina infrutuosa. Mas, ao mesmo tempo, a suprema providência o conduzia de um perigo a outro e de uma a outra batalha para lhe multiplicar os troféus e semear em diferentes corações a doutrina que não frutificava no do conde nem de Neucasis. Com esta ideia, o espírito da tristeza, em forma sensível, saindo dos abismos e envolto numa negra e medonha nuvem, veio a atacá-lo, enquanto o amor, a política e a ambição disparavam as suas setas contra o conde e Neucasis, para que o herói, atacado por todos os lados e impelido a um tempo pelas paixões mais poderosas, viesse, enfim, a render-se.

8 Apenas esta Fúria aparece na atmosfera, os ares ficam sombrios, o sol se esconde, o céu se cobre e todos os elementos em uma muda serenidade ficam como presos. De repente, os ventos cessam, a natureza emudece e estando todo o hemisfério em um morno silêncio, a tristeza despede uma invisível seta contra Misseno: eis que se acha (sem saber como) com o seu coração tão abatido, tão pesado e melancólico, que se não conhece. O entendimento nada via, senão cousas fúnebres, e como meio estúpido nem sabia discorrer nem reflectir. Tudo era em Misseno trevas, tudo escuridade; e lá ao fundo da alma começava como a levantar a cabeça o monstro da desesperação, mas não ousando aparecer claramente, revolvia as mais enormes e importunas ideias, tudo a fim de atormentá-lo. O coração pressago palpitava com movimentos desusados, o sangue fervia, o ânimo se queixava; e a figura do conde se pintava com o mais horrível colorido que podia imaginar-se. Ignorava Misseno o que isto fosse, mas, desconfiado da mudança do seu interior, se punha em sentinela sobre si, temendo algum novo ataque das suas paixões rebeladas, pois via que ainda não estavam mortas.

9 Estando, pois, o herói nesta disposição, chega o conde com Neucasis, porém, já muito mudado: vinha alegre, risonho, satisfeito. Qual general vitorioso e triunfante que acaba de conseguir uma rara e não esperada vitória, que não podendo reprimir em si o gozo em que o seu coração trasborda, afável e contente não cabe em si mesmo, assim vinha o conde. Queria dizer a Misseno a causa da sua demora, mas não atinava com o que dizia: ligeiro em todos os seus movimentos e discursos, inquieto, inconstante, ria sem causa, falava sem propósito, mudava a cada instante de pensamento e Neucasis, feito eco de todas as suas vozes e espelho de todos os

seus movimentos, aprovava tudo sem diferença e até o que ele não acabava de dizer o capitão aprovava, parecendo um tão alienado como o outro. Ignorava Misseno a causa destes efeitos, posto que os experimentava, suspeitando sempre alguma nova intriga que os olhos não percebiam. Enfim, depois de várias e reiteradas perguntas, o conde lhe disse assim:

10 «Não estranheis esta minha alegria, porque vejo que se chega o tempo de cumprir os meus desejos de militar na guerra da Palestina. Este movimento das armas do sultão excitou no meu ânimo aquele ardor marcial que o sangue me inspira e já me parece que me vejo no meio dos combates, atropelando inimigos e fazendo acções dignas do meu valor. E para me não achar noviço numa guerra, em que terei sobre mim os olhos de todos os príncipes que em companhia do novo rei de Jerusalém aí hão-de militar, dei minha palavra ao sultão de o acompanhar nesta expedição da Arménia, para que, quando chegue a apresentar-me em S. João d'Acre, já seja soldado veterano e possa, sem desonra do meu sangue, manejar a lança e combater com os inimigos».

Neucasis a cada período dava tantas e tais demonstrações de aprovação, que o homem mais sofrido não poderia tolerar uma tão patente e desordenada adulação.

11 Misseno via claramente que algum motivo oculto os unia mutuamente depois de uma tão manifesta inimizade. Então o seu coração, já enfadado de tanta ingrata alternativa, queria romper de todo e castigar a um e a outro com deixá-los seguir as suas loucas ideias e retirar-se à Europa. Este era o pensamento que a tristeza lhe inspirava; porém, Misseno achava-se perturbado e não sentia em si aquele sossego ordinário de que gozava. Temendo-se então de si mesmo, pois via que era o momento da paixão, procurou distrair-se, fugindo com cuidado de tudo o que podia ofuscar-lhe a razão e perturbar-lhe o entendimento; mas o coração pulava. Então, subjugando-o com toda a força, começou a falar com serenidade e foi conversando com o conde sobre o acampamento das tropas e, ao mesmo tempo, se quis informar dos motivos da guerra.

12 Não sabia o conde dar-lhe razão e Misseno lhe estranhou o querer entrar numa guerra, sem se informar da sua justiça. «Se fosseis» — dizia — «vassalo do sultão, devíeis obedecer ao vosso príncipe, oferecer por ele a vida e por nenhum modo fazer-vos juiz do vosso soberano nem examinar se os motivos da sua guerra eram ou não justificados, porque a lei da razão ordena que não se faça o inferior juiz de seu superior legítimo e que não chame ao tribunal do seu entendimento as acções do seu monarca, para aí as condenar ou absolver como muito lhe agradar; e isso em última e decisiva sentença como de ordinário se faz, pois esta é a obrigação e a lei dos vassalos. Mas vós, sendo um estrangeiro, como quereis expor a vossa vida pelo que talvez será uma iniquidade? Parece-vos bem ser como os infames assassinos que, a sangue-frio, vão matar os seus semelhantes, e isto, ou porque lhes pagam ou porque lho pedem?

Que diferença fazeis vós de matar em uma rua a qualquer inocente, que jamais vos tem ultrajado, em matar em uma batalha muitos, que não fazem mais que defender as suas vidas, as suas terras, o seu direito? O homem numa batalha é, porventura, menos homem do que em sua casa? Ou menos semelhante a vós, quando defende o que é seu, a sua vida, a sua pátria, o seu direito? Por que razão logo vos alistais neste exército, fazendo-vos inimigo de quem jamais vos ofendeu, sem primeiro saber se a lei da justiça e o direito das gentes vos autoriza? Quereis exercitar-vos na guerra? Justo é que o façais: mas não vos faltarão encontros na Palestina, onde a religião e a justiça o aprovam, onde a honra e a palavra vos obrigam». Não podia suportar o conde esta advertência de Misseno e, sem responder palavra, muito era o que dizia no modo com que o escuta. Porém, Misseno, pouco a pouco, foi recuperando a paz do seu coração, que já se achava quieto.

13 Neste tempo chegou Ifigénia em companhia de Mustafá, comandante de um destacamento, no qual o fingido soldado servia; e vinha Mustafá cumprimentar o conde pela honra que adquiria de o ter nas suas tropas. Era este turco um homem de bom juízo, porém, presunçoso: gostava dos louvores demasiadamente e era fácil a ser levado pela lisonja a qualquer intento. Ifigénia lhe havia de tal modo ganhado a vontade, que nada lhe negava do que lhe pedia. Ignorava ele quem fosse aquele gentil soldado; porém, o seu agrado, política, atenção e presteza para tudo o que ele desejava lhe haviam merecido uma firme amizade. Reparou Misseno no modo com que o conde respondia a Ifigénia, disfarçada, e conheceu que ali havia intriga. Viu-o perturbado com a presença daquele soldado. Viu que queria disfarçar os seus afectos, mas que o seu coração o entregava. As palavras iam dirigidas a Mustafá, mas os olhos se encaminhavam àquele que parecia simples soldado. Falava como máquina, cuja mola está desconcertada: ora parava, ora repetia e consigo mesmo se embaraçava, porque a alma (princípio de todos os discursos) lhe fugia no coração volante e ligeiro e, desse modo, a língua que falava ao comandante se achava sem governo. Ifigénia, ou Algazar, procurava encobrir a falta do conde, e de tal modo aturdia Mustafá com os seus elogios, e dele, que se não reparava na desordem dos frios discursos do conde.

14 Misseno, em silêncio, tudo observava, e via a alegria do conde, o alvoroço de seus olhos, gestos e movimentos, mas, prudente e sofrido, tudo ouvia, tudo guardava no gabinete do seu coração, dizendo entretanto consigo mesmo: «Cada vez conheço mais os homens, cada dia me posso governar melhor nas minhas acções, porque este é o principal fruto que cada qual há-de tirar do conhecimento dos outros. Inútil é o fatigar-se o entendimento com a crítica severa dos defeitos humanos; inútil o imaginar belos sistemas, formar ideias fabulosas e repúblicas platónicas, porque o seu bem aparente só serve de fazer mais insuportável os males verdadeiros que neste mundo nos cercam. Sempre o mundo há-de ser mundo e os homens hão-de ser homens; mas como a nossa própria felicidade deve ser o fim das nossas acções,

eu do conhecimento dos defeitos alheios devo tirar ditames para evitar os próprios, porquanto tirar bem do mal é o ápice da verdadeira filosofia».

15 Observou Mustafá o silêncio de Misseno; e a sua figura e prudência o interessaram de maneira que teve curiosidade de comunicá-lo e entrou em conversação com ele. De uma a outra matéria o foi Misseno conduzindo, até lhe perguntar o motivo daquela guerra em que via inopinadamente interessado o conde.

16 Não fez Mustafá mistério do que já não era segredo, e lhe disse desta maneira: «Para vos instruir nos motivos desta importante guerra, preciso é descobrir-vos a sua origem, que vem de muito longe. Não cuideis vós que Solimão de Rovadin, meu senhor e sultão de Icónio, tem o mais leve ressentimento contra os cristãos, não obstante a memória dos estragos que Frederico I, emperador de Alemanha, fez em todos os seus estados. Bem sabeis que, quando ele ia à guerra da Palestina, onde se esperavam Filipe Augusto, rei de França, e Ricardo I, rei de Inglaterra, o emperador, como se fosse um raio abrasador, pôs na última ruína os estados de Icónio. Também não ignorais que o céu vingador, não podendo sofrer tanta iniquidade, lhe arrancou a vida com as setas vingadoras da Omnipotência, que são as enfermidades, mas acabou no peito do sultão o sentimento quando o inimigo acabou a vida, vendo que seu filho, o duque de Suabe, tinha evacuado os estados de Icónio e levado o raio da guerra a S. João d'Acre.

17 Agora, porém, quer Rovadin ensinar aos mortais quanto ele é superior a si mesmo, tomando as armas para defender um príncipe cristão, que é o conde de Trípoli, o qual se vê injustamente vexado por Leão ou Livron, rei da Arménia menor; e eu vos declaro a origem de toda esta questão.

18 Teodoro, rei de Arménia menor, que fica vizinha à Síria, não tinha filhos, e seu irmão Melier era templário. Desejava Teodoro dar sucessor à sua coroa e, vendo que seu irmão havia consagrado com solene voto ao céu a sua castidade, deu em matrimónio sua irmã a um cavalheiro latino e nomeou seu filho Tomás por sucessor de Arménia. Com efeito, Tomás chegou a empunhar o Ceptro pela morte de Teodoro, seu tio. Luzia demasiadamente nos olhos de Melier a coroa de Tomás e lhos deslumbrava, porque estava muito perto deles. Entrou-lhe pelos olhos o mal ao coração e também este ficou cego, de sorte que não podia ver nem o céu, nem a terra e só via diante de si a imagem da coroa e do ceptro: assim, determinou-se a cingi-la na cabeça a todo o custo. Bem via que a justiça ofendida clamava, que o sangue o impedia, que a religião o vedava; porém, nada foi bastante, porque a paixão e desejo de reinar o arrastravam. Renega, enfim, da sua religião e prejuro contra o céu, falso ao seu próprio sangue, feito horror das leis mais sagradas e escândalo de todas as gentes, faz guerra a seu sobrinho para o lançar fora do seu trono.

19 Então Saladino, sultão do Egipto, que não fazia escrúpulo de manchar a sua glória com qualquer indigna empresa; esse Saladino, que fazia da sua ambição lei, da

sua força justiça e dos seus arcos regra direita para julgar como queria, deu grande socorro a Melier e expulsou do trono a Tomás. E juntando a uma iniquidade outra maior, com a mesma justiça entrou por Antioquia dentro e chegou até às portas de Jerusalém. Então foi preciso que Amalrico, rei de Jerusalém, e Boemundo III, príncipe de Antioquia, saíssem a refrear o seu ímpeto. E nesse tempo o céu houve por bem de aliviar a terra de um monstro que a desonrava e pereceu Melier, mas não acabou com ele a semente das perturbações que esta indigna acção produzira no Oriente, porque Boemundo, sobrinho de Guilherme, último conde de Poitiers e de Auvergne, duque de Aquitânia, em França, era príncipe mui sensível às injúrias e as guardava no depósito do seu coração para tempo oportuno.

20 Sucedeu, pois, que pela morte do tirano Melier, outros dous lhe sucederam na Arménia, porquanto são os males como as árvores viçosas que, quando um ramo se lhes corta, outros muitos rebentam. Dous irmãos pois, Rupin e Leão se apoderaram da Arménia, Rupin, como mais velho, cingiu a coroa e Leão se contentou por então com o desejo e esperança dela. Quis Boemundo vingar nestes tiranos a insolência que seu predecessor lhe fizera e chamando com pretexto de amizade a Rupin, tanto que o colheu nos estados de Antioquia, o prendeu e ferrolhou num triste cárcere. Sentiu Leão esta falsidade de Boemundo e a injúria do irmão, mas, sem muito desgosto, entrou no governo da Arménia, como regente dos seus estados, enquanto o irmão estava preso.

21 Começou, pois, a tratar das condições da soltura de seu irmão, para não chegar ao rompimento de uma guerra declarada, mas, como não convinha fiar-se de embaixadores, persuadiu a Boemundo a que, com escolta decente, quisesse avistar-se com ele no lugar que lhe parecesse mais próprio. Concordou Boemundo; porém, Leão, jogando destramente com as mesmas armas que ele tinha jogado, apesar da escolta que levava, o surpreendeu e meteu num cárcere bem guardado, como convinha a semelhante preso. Seguiu-se o pactear Boemundo do cárcere, oferecendo liberdade por liberdade, a de Rupin pela sua própria; porém, Leão, que queria não só vingar o crime, mas trabalhar nos próprios interesses, desprezou a oferta é só conveio nela com as condições seguintes:

22 1. Que Boemundo casaria seu filho mais velho, herdeiro de seus estados, com Alix, filha única de Rupin, rei de Arménia; 2. Que este príncipe e seus descendentes se contentariam com os seus estados paternos de Antioquia e de Trípoli, renunciando todo o direito aos estados de Arménia.

23 Com facilidade se consente em tudo, quando a necessidade obriga. Boemundo, que não podia comprar a sua liberdade por preço menor, em nada pôs dúvida e firmou com toda a solenidade este contrato. Assim, saíram da prisão ambos os reis. Porém, Leão, que largou o governo a seu irmão Rupin, ainda se considerava como soberano de Arménia, porque sabia que depois da morte dele ninguém lhe havia de

disputar aquele estado. Morto, pois, Rupin, quis entrar Leão na posse de Arménia, mas não tardou Boemundo em reconhecer o seu erro e a injustiça que cometera, privando por aquele contrato forçado a seu filho e seus netos dos estados da Arménia que lhe vinham de direito, por ser Alix herdeira de todos eles. Arrependido, pois, do contrato que fizera, quis retroceder e, para isso, deu o condado de Trípoli a Raimundo, seu filho segundo, ficando o mais velho, por este modo, obrigado a buscar o seu património principal nos estados de Arménia e Raimundo, interessado a meter seu irmão de posse dele para gozar em paz do condado de Trípoli, que sem isso não poderia possuir. Por este modo, acomodou os dous filhos e fez nos dous irmãos uma duplicada força para manter na Arménia a Boemundo IV, seu filho, do qual e de Alix, sobrinha de Leão, já era nascido, nesse tempo, Rupin II.

24 Não eram estas disposições conformes às ideias de Leão, o qual, ambicioso, tinha esperado pela hora e momento em que havia de empunhar o ceptro e se determinou a expulsar à força de armas Boemundo IV e a seu filho Rupin II. Neste conflito, o conde de Trípoli, para sustentar a causa de Boemundo, seu irmão, e do sobrinho, solicitou a protecção de Solimão de Rovadin, meu senhor, o qual, bem inteirado da justiça da causa, nada quis poupar para lhe dar um poderoso socorro. Com este projecto, pois, vai assolar a Arménia para ensinar a Leão que não é o mesmo ter ambição de reinar, que ter direito à coroa». Assim rematou Mustafá a sua resposta.

25 Misseno, com um juízo tão superior aos demais, como o alto cedro o é a respeito das árvores humildes que o rodeiam, olhava essas razões por uma face que os entendimentos rasteiros não viam, e com um modo urbano lhe disse assim: «Mui boas parecem, amigo, as vossas razões. O amor do vosso soberano vos obriga a aprovar o que ele faz, e tendes como cousa sagrada as suas ordens supremas. Mas, se me dais licença, quisera reflectir convosco sobre os motivos desta guerra, em ordem a saber se vós, conde, obrareis com prudência, oferecendo por eles voluntariamente a vossa vida: vida preciosa, que se não deve expor por coisas vãs. Deixai-me, pois, que com balança indiferente pese estas razões, e de uma parte porei as razões que ponderastes, da outra as que agora se me oferecem.

26 Boemundo III, como sabeis, foi o primeiro agressor nesta pendência: ele prendeu à falsa fé a el-rei de Arménia, que jamais o havia injuriado; e sobre este crime faltou, depois de solto, à sua régia palavra e ao solene contrato firmado com o real selo. Onde está agora aqui a honra? Onde a fé pública que se funda nela? Se um rei chega a mentir, a ser perjuro e enganar a quem nele se fia, em quem nos devemos fiar? A palavra de um rei deve ser cousa sagrada que por nenhum modo se deve ultrajar. Se um monarca falta às suas promessas solenes, quem será obrigado a guardar as suas? E eis aqui vedes violado o direito mútuo das gentes, que é a base mais sólida e a mais firme de toda a sociedade.

27 Vamos mais avante. Se os homens não hão-de guardar a sua palavra, ninguém se fiará neles. Ora, tirai a confiança que um homem deve ter noutro homem e vereis a ruína universal de todo o mundo. Se Boemundo não havia de cumprir o que prometia, foi perjuro em prometê-lo, pois que, quando firmou o contrato, mui bem sabia o que firmava. Não me digais que prometeu cousa ilícita, a qual não é justo executar, porque, tudo bem entendido, consistia em receber para esposa de seu primogénito a Alix, filha de Rupin, e recebê-la sem que trouxesse algum dote. Boemundo o quis, Boemundo o firmou, e este foi o preço da sua liberdade e a punição do seu crime. Dizei agora: com que justiça há-de faltar à sua honra, à sua palavra, ao céu, que tomou por testemunha e à terra, que ouviu o seu juramento? Foi logo falso e perjuro quando deu o condado de Trípoli a Raimundo para deixar o seu primogénito na indigência e necessidade de pertender os estados da Arménia.

28 Vós condenais a ambição de Leão; e eu também a condeno. Os dous soberanos jogaram com armas iguais e ambos ofenderam a justiça e o direito das gentes; mas a maldade de Leão poderá jamais justificar a de Boemundo. E quando foi um homem inocente, por ser o seu adversário criminoso? Porventura, é novo que os que lutam na areia passem ambos mutuamente, já de uma, já de outra parte a linha recta que lhes traça e divide o terreno? Este é, meus amigos, o erro comuníssimo entre os homens: querer justificar-se cada qual com os crimes do seu contrário, como se os próprios não fossem bastantes a fazê-lo culpável. Leão é ambicioso, mas Boemundo o foi antes dele. Leão foi falso e traidor, mas Boemundo lhe deu o exemplo. Leão foi injusto em privar seu sobrinho Rupin II dos estados de Arménia, que lhe pertenciam, e Boemundo também o é, privando o mesmo príncipe dos estados de Trípoli, que, injustamente, desmembrara da coroa, para os dar a Raimundo.

29 Até aqui a balança parece não estar muito em equilíbrio e carregar para Boemundo. Mas ajuntai agora que Boemundo foi o primeiro em fazer o insulto, que Boemundo é perjuro ao céu e à terra, que Boemundo violou a lei mais sagrada entre os soberanos, que é a palavra régia, e Leão nada disto tem feito. Vede agora, amigos, para onde propende a balança. Vede o efeito das paixões, a cegueira do entendimento humano e como é difícil conhecer a verdade, quando se interessa o coração de qualquer».

30 À maneira do sol, quando num lugar dissipa a névoa espessa com a força dos seus raios e noutro com a veemência do calor levanta novos vapores, forma as nuvens e ocasiona as trovoadas, assim foi esta resposta de Misseno. Mustafá ficou admirado da sua prudente inteligência, o seu entendimento se aclarou e viu a verdade, mas em Ifigénia e no conde se viu uma tal perturbação, que não podiam disfarçá-la, e Neucasis soprava com o vento da lisonja toda esta trovoada. Na confusão e luta de todos estes afectos, não é de admirar que o coração do conde, mal coberto com

o disfarce, se descobrisse em parte e deixasse ver a Misseno, por entre o fingimento, quais eram os seus verdadeiros desígnios.

31 Mustafá, todo ocupado do que Misseno dissera, não acabava de ponderar como as nossas paixões nos enganam e como caímos muitas vezes, sem o saber, nos mesmos crimes que condenamos nos outros. E Misseno lhe explicava a origem deste universal engano, dizendo deste modo: «Os objectos que nos são invisíveis, umas vezes o são por estar longe e outras por estar demasiadamente perto de nós[139]. Quem jamais» — dizia — «viu os seus próprios olhos? E, contudo, por eles é que vemos o que a nossa vista alcança: preciso é afastarmo-nos um pouco do que queremos ver, para conhecer esse objecto. Ora, meu amigo, tudo o que nos pertence a nós, está demasiadamente perto dos olhos do entendimento; é necessário afastarmo-nos de nós mesmos e considerar as nossas acções como se fossem de outros e, deste modo, veremos as cousas como elas são em si mesmas. O conde de Trípoli está tão certo que tem justiça, que nada lhe é mais evidente. Leão, pelo contrário, está persuadido que o conde é sumamente injusto: só quem está de fora pode ver e comparar estas cousas para decidir com equidade. Mas se o conde de Trípoli se pusesse no lugar de Leão ou o rei de Arménia no lugar do conde, ambos veriam que eram injustos. Lástima é que os homens não tenham espelhos para ver as próprias acções, pois então olhariam para elas como se fossem alheias e conheceriam a sua deformidade». Mustafá ouvia tudo com gosto e, atraído da suave conversação de Misseno, o convidou para a sua tenda, enquanto não partiam para a Arménia.

32 Entretanto, Ifigénia, o conde e Neucasis forjavam uma rebelião manifesta, temendo que os discursos de Misseno frustrassem as suas ideias, e à maneira de três piras que, ardendo cada qual com furor e soberba, quando mutuamente se chegam e comunicam as suas chamas, dobram a fúria e não há quem possa medir o atrevimento das suas lavaredas, assim aconteceu ao conde junto com Neucasis e Ifigénia. Vai, pois, com Ifigénia à tenda de Mustafá e com um passo desembaraçado, ar livre, modo insolente e frase altiva: e chegando-se a Misseno, na presença de Mustafá e de todos, lhe diz desta maneira: «Eu parto para a guerra da Arménia, ou seja ou não seja justa, porque tenho razões mui fortes para ir fazer esta campanha. E já que o céu me tem dotado da minha liberdade, não tenho que dar contas a ninguém das minhas acções. Os conselhos dados a quem os pede são uma prova da mais sólida amizade; porém, oferecidos a quem os não procura, são incivilidade importuna e insofrível. Eu já estou enfadado de suportar o austeríssimo jugo da vossa companhia e nem eu necessitava de pedagogo nem vós, Misseno, tendes algum interesse em governar pupilos. Peço-vos, pois, que daqui por diante

[139] Esta regra se toma da Física: onde conforme a configuração dos olhos de cada uma e da convexidade do cristalino, é a distância própria para ser bem visto um objecto, pois se está mui chegado, não se faz boa pintura na retina, porque se não juntaram os raios ainda; se está muito longe é má pintura, porque já se cruzaram os raios antes.

vos dispenseis de criticar as minhas acções, porque boas ou más, eu sou dono do meu alvedrio e quando eu tiver a ousadia de condenar as vossas, então vós tereis direito de reformar as minhas».

33 Ouviu Misseno a resposta do conde não esperada; ao princípio, turbou-se um pouco e a face veneranda se fez vermelha. Porém, fazendo força ao seu coração que palpitava, pouco a pouco o serenou e com ar sossegado, semblante alegre, palavras pausadas, lhe disse assim: «Amigo, se é crime no vosso tribunal amar-vos seriamente, se é injúria fazer pelo vosso bem todas as diligências possíveis, até expor repetidas vezes a vida, confesso que sou culpável: mas nem me arrependo desta culpa nem prometo emendar-me dela. Sois senhor não só das vossas acções, mas do vosso coração. Assim é: podeis-me aborrecer e detestar quando quiserdes. Porém, eu sou também senhor do meu, e posso, apesar da vossa resistência, amar-vos e ser constante no afecto que vos prometi. Por amor de vós me desterrei do meu sossego; pedistes-me que o fizesse, para que com os meus conselhos pudésseis alcançar a verdadeira felicidade, satisfiz-vos. Neguei-me a quem me buscava para as honras e lancei-me às ondas só para vos acompanhar nos trabalhos. Por mar e por terra vos tenho seguido e bem sabeis que nenhuma acção vossa me te entibiado este amor. Quisestes em Niceia dar-me a morte, paguei-vos em vos conservar a vida, a vida que já tínheis perdida; e nenhuma ofensa vossa me fez voltar atrás no obséquio principiado. Agora me fechais a porta a que vos ofereça novos testemunhos da minha amizade sólida. Não importa: contentar-me-ei em vos amar generosamente e fazer por vós e na vossa ausência tudo o que puder, para que sejais feliz. Gosto de obrar daqui por diante pelo simples impulso da minha amizade, sem o agradável atractivo da vossa correspondência. Eu assento, meu filho, que servir a um amigo, é dívida, e amar a quem me ama é comércio; porém, servir a quem me ofende, amar quem me detesta, é obrar como Deus obra e obedecer à Lei Suprema que assim o ordena, e consolação grande é poder obrar como Deus obra. Sabei que, ainda assim, vos desculpo, porque as vossas paixões vos cegam; e nisso vejo o que eu tenho feito a quem me criou. Quando eu, filho meu, levado das minhas paixões, O insultava, então Ele fazia raiar sobre mim o seu sol e me banhava com a doce e deliciosa chuva dos seus benefícios: chuva que, pouco a pouco, abrandou a dureza do meu coração e sol que, com o suave calor, mo foi derretendo. Assim obrou comigo quem formou a minha alma: pois convém, agora, que ela saia a quem a criou, e assim farei convosco. Não, meu filho, não vos obrigo, não vos peço que me ameis, que sem isso vos amarei como até agora o fiz. Ou de perto ou de longe, a minha alma vos seguirá sempre e à força de rogos obrigarei o céu a que me atenda. Trabalharei por fazer um desgraçado feliz, e ditoso serei se o conseguir, mas igualmente serei ditoso se sem o conseguir trabalhar com constância nessa empresa, porque não depende da vossa a minha

felicidade e só depende do socorro celeste e das minhas acções. Permiti-me que vos abrace e podeis retirar-vos».

34 Derrete-se como fogo o metal duro, endurece-se à proporção o lodo brando: e tal foi o efeito que fez nos que ouviram a fala de Misseno. O conde, ainda que de génio dócil, estando corrupto pela paixão, se endureceu e entrou em fúria; Ifigénia ficou suspensa, embaraçada; Mustafá, pelo contrário, se enternecia, admirando-se de um coração tão nobre e de um modo de pensar tão generoso. Não pôde Misseno reprimir as lágrimas, quando foi a abraçar o conde. A alma lhe saía pelos olhos, mas o conde incivil, altivo e duro o recebeu frio como o gelo, e se retirou da tenda de Mustafá com Ifigénia. Vendo isto, Mustafá, ficou suspenso: pede, roga, insta e importuna a Misseno que lhe diga quem é, mas ele, urbanamente, lhe responde, sorrindo-se: «Sou um homem de bem que saí pelo mundo a aprender a sê-lo à custa da experiência e de trabalhos.

35 Não me admiro do modo com que me trata o conde, porque já estou bem costumado a isso: compadeço-me dele, porque o vejo arrastrado pelas suas paixões e estou prevendo algum fim desastrado. Não me escandalizo, porque se eu tivesse as paixões tão fogosas e tão pouca experiência como ele tem, pode ser que caísse nos mesmos absurdos; mas temo que se perca, e por isso o acompanhei, porquanto se não precisasse do meu socorro, não me resolveria a empreender por ele esta jornada». Aqui ainda mais se admirava o turco, vendo que na ausência do conde e na sua presença falava Misseno com a mesma ternura e com o mesmo amor; e daqui tirava quanto aquele homem era superior aos demais, domando de tal modo as paixões, como se as não tivesse. Queria continuar a conversação com ele, mas dado o sinal para que as tropas se pusessem em movimento, foi preciso que se retirasse, ficando Misseno só, entregue a si mesmo e em país desconhecido e bárbaro.

36 Parte o conde com Ifigénia, seguindo o seu destino; e o sultão o tinha sempre ao seu lado e se servia dele com particular estima. A sua figura gentil, o seu modo agradável, o seu préstimo para tudo, o ardor militar que brilhava na sua face e em todos os seus discursos encantavam o soberano. Neucasis lhe servia de escudeiro e, como tal, servia também a Ifigénia, a qual, disfarçada com o nome e trajes de soldado, nada desmerecia na estimação dos seus capitães. Pouco a pouco, Neucasis, como confidente dos segredos, foi entrando na estimação dela e tinha singular arte para observar o fraco de cada um para se lhe insinuar surdamente no coração. Assim, quando falava a Ifigénia, a louvava com uma fingida reserva, mostrando que ainda não dizia tudo o que entendia e, encarecendo as prendas do conde, se lamentava que não fossem tantas como ela merecia. A cada passo fingia mil perigos em que tinha estado de ser descoberta e que ele com a sua indústria o havia evitado. Isto feito com arte e com manha, foi de tal sorte cativando a Ifigénia que, em recompensa, nos ouvidos de Neucasis vazava todos os seus segredos. É filho

do amor o ciúme: e à proporção que Ifigénia se deixava levar da paixão para com o conde, o negro ciúme lhe devorava as entranhas, temendo que a grande estimação do sultão distraísse o conde, e Neucasis não perdia carta com que pudesse fazer vaza e em vez de dissipar, acendia o ciúme de Ifigénia, fazendo outro tanto com o conde, mordendo, pouco a pouco e com indústria, a fidelidade dela. «Observai», lhe dizia — «que mais é o amor de se retirar à pátria, que o vosso amor, o que a obriga a este disfarce; e temo que ela apenas veja os seus estados, se esqueça de vós e vos deixe». Nestes e noutros enredos se ocupavam os três, marchando a passo lento com as tropas.

37 Misseno se via só e agitado de todas as paixões que sempre trabalhava por domar. Tomou o caminho da Terra Santa para que, naqueles lugares que a religião venera, pudesse achar alguma solidão em que acabasse seus dias.

FIM DO LIVRO XXI

Frois inv. sc.

Ifigenia meia enterrada está Sentenciada a q. o Resto das Concubinas lhe Vazem Cantaros de agua fervendo: e Misseno deve ser queimado em hum espeto, por Sentença do Sultaõ de Iconio. nº. 17.

LIVRO XXII

1 Lutava Misseno consigo mesmo, caminhando só e pensativo: o seu entendimento, a sua honra, a delicadeza de seu coração repugnavam às repetidas injúrias que recebia do conde. Contudo, elevando o seu pensamento ao céu e pedindo auxílio ao Omnipotente, se achava senhor de si mesmo e se animava o combater com todas as suas paixões, até que tivesse nelas um perfeito domínio: circunstância indispensável para a sua completa felicidade.

2 «E se além disso,», dizia ele, «eu puder livrar o conde do precipício em que se vai precipitando, ainda serei mais feliz, por impedir a infelicidade alheia. Ao menos com a minha diligência sempre posso ou diminuí-la ou retardá-la, e assim não trabalho inutilmente. Verdade é que eu não sou omnipotente nem o meu braço é igual ao meu coração; porém, sempre devo obrar segundo as forças com que a Mão Suprema me assistir e esse pouco ou muito que fizer será o que baste para satisfazer a lei de Deus, O qual me obriga a tratar o conde como irmão meu e membro do corpo a quem eu também pertenço. Faça ele o que fizer, não deixa de ser homem como eu, filho de Deus como eu; e quanto mais inconstante for, quanto mais se deixar arrastrar das suas paixões, tanto mais necessita de socorro; assim não devo negar-lho. Neste combate, que há muito tempo principiámos, acaso consentirei que ele triunfe de mim pela minha cobardia, fraqueza ou cansaço? Isso não é decente: e quando eu não saia vitorioso, reduzindo-o ao bom caminho, ao menos não fugirei da batalha». Assim se animava Misseno, incendido no fogo de uma chama celeste, que lhe abrasava as entranhas desde aquele momento feliz em que encontrara as Santas Escrituras e nelas bebera as máximas que nunca soube ensinar a filosofia mundana.

Quando ele assim discorria, o conde e mais Ifigénia se achavam bem satisfeitos, seguindo ambos o caminho da Arménia, para se apartarem dele em paragem oportuna, havendo disposto o fugir do exército para os estados de Ifigénia. Não pode, porém, esconder-se ao sultão a ausência da sua escrava que achou de menos. Seguiu-se ao cuidado a diligência e a esta o conhecimento do seu disfarce. Em consequência disso a seguem os ministros de Solimão, reconhecem-na feita soldado na companhia de Mustafá e atribuído ao conde o crime de a ter persuadido conduzem a ambos algemados para Icónio. Qual vento furioso que, começando a fazer-se sentir surdamente ao longe, pouco a pouco se declara em furacão manifesto, assim foi o rumor deste crime que em um momento alvorotou toda a corte. Solimão, furioso, não sabia imaginar tormentos com que vingasse a sua afronta, e as demais escravas ou concubinas tinham por injúria comum a infidelidade de Ifigénia; tanto assim que, para mais merecerem os agrados do príncipe, lhe declaravam o horror que tinham

daquele atentado, de maneira que pediam com instâncias que lhes fosse permitido o castigarem por si mesmas o delito da companheira.

3 Não sabia o conde tomar o menor conselho e na prisão se desesperava contra Ifigénia, como causa da sua desgraça. Não ignorava que se lhe preparavam os mais horríveis tormentos e, em vez de se encher de ânimo, se abandonava às paixões mais vis e indignas de um homem de bem, quais são o medo, a raiva e o desejo de qualquer indigno meio para escapar da morte.

4 Ifigénia, pelo contrário, reconhecia o manifesto castigo do céu por haver renegado da Fé que prometera, trocando o cristianismo pela profissão da lei de Mafoma. Havia preferido os agrados do sultão aos do Ser Supremo que a criara e agora, vendo-se de todo perdida, penetrada de dor, queria lavar o seu crime, ao menos com as suas lágrimas; e levantando em silêncio os olhos para o céu, logo confusa os abaixava, não ousando olhar para o senhor a quem ofendera. Mas a sua confusão agradava muito a Deus e as suas vozes, reconcentradas no coração, subiam em segredo ao trono da divindade. Era uma pasmosa contraposição a dos dous presos: o conde, todo cólera e furor; Ifigénia, toda era compunção e paciência: o conde blasfemava contra os céus e se queria arrancar a vida a si mesmo; Ifigénia, toda se resignava como vítima da divina justiça: o conde acusava o céu de injusto, Ifigénia só a si mesma se condenava.

5 Acode Misseno ao rumor do sucesso; volta a Icónio e vem à prisão: pede, insta e com dádivas compra aos guardas a permissão de entrar no cárcere. Não ia com ânimo de lançar em rosto ao conde a origem da sua desgraça, porque não é razão afligir a um aflito, mas somente queria animá-lo a sofrer com ânimo a morte, caso que não pudesse evitá-la, e se ofereceu ao mesmo tempo a fazer diante do sultão todo o esforço que lhe fosse possível. Ficou um tanto sossegado o conde e retirou-se Misseno a trabalhar na empresa.

6 Eis que, do profundo dos abismos, sai por decisão das Fúrias o espírito da mentira e inspira a Neucasis o pensamento mais horrível que podia imaginar-se. Vem falar ao conde e lhe aconselha que, despojando a Misseno dos seus vestidos e disfarçado com os seus trajes, saia da prisão enganando os guardas. Duvidava o conde, vendo que Misseno ficava exposto a suportar a pena que ele merecera; mas, enfim, o seu coração já corrupto não acha tão horrível esta traição como ela o era. Prevalece o amor da vida, o temor dos tormentos, a persuasão de Neucasis, e assim espera que volte Misseno a repetir os ofícios de amigo, para obrar então a mais abominável ingratidão. Entra, pois, Misseno no dia seguinte e o conde, morno e silencioso, o escuta, até que, resoluto como se fosse uma fúria, se levanta e valendo-se da violência e da força, o despoja dos vestidos. Não resiste Misseno: não clama, porque não quer por sua causa perder o conde, mas, somente com ânimo sossegado, lhe diz quando o despojava: «Não é a primeira vez, meu filho, que me exponho à morte por

vos salvar a vida, mas se ao menos por esta fineza vos mereço que tomeis os meus conselhos, morrerei satisfeito». Vê Ifigénia o lance, cai no chão desfalecida, igualmente assombrada com o horror do crime e com a heroicidade da virtude.

7 O conde, enfim, lança a Misseno por terra e sai do cárcere com o abrigo do engano, e Misseno não tem outro remédio, senão o de cobrir-se com os vestidos que o conde deixara. Então Ifigénia se volta para Misseno, compungida à vista de semelhante caso e lhe confessa o seu crime, reconhecendo a Mão de Deus que a castigava pela sua infidelidade. Declara-lhe fielmente toda a sua intriga com o conde, a origem que tivera e quais eram os seus desígnios, pedindo, enfim, a Misseno conselho para aplacar a cólera divina, em ordem a que à infelicidade temporal não se ajuntasse a eterna. Falava Ifigénia mais com as lágrimas e coração, que com as vozes e Misseno, compungido, sentia muito mais a aflição alheia que o próprio perigo. Mas vendo-a com um tão sincero arrependimento do seu delito, a animou deste modo:

8 «Tende ânimo, senhora, que o vosso negócio é com um sujeito, qual vós não saberíeis desejar, no caso que o houvésseis de fingir. É o Deus de Verdade quem vos há-de julgar, e a mesma eterna razão que O obriga a detestar o vosso crime, não consentirá que despreze o vosso arrependimento. No Seu invariável tribunal, Ifigénia é objecto digno de horror, mas Ifigénia contrita, prostrada diante do seu Deus, pedindo-lhe perdão do crime cometido, é objecto sumamente agradável. Senhora, Deus vê as coisas como elas são: Ele é imutável, mas quando a criatura muda, a sua mesma imutabilidade O obriga a trocar em agrado amoroso a indignação da sua cólera, porque jamais poderá agradar-se do mal nem fazer desprezo do bem. Vós não sois o que éreis há pouco e pela mesma razão Deus não será para vós quem dantes era. Enquanto o ultrajáveis, preferindo-lhe os homens, era Deus vosso inimigo; quando, porém, vos prostrais a seus pés com o coração arrependido é vosso Pai amoroso. Confessai com amor puro a fé do batismo e o céu receberá a vossa morte, caso que chegueis a padecê-la, como satisfação do vosso crime, e deste modo sereis eternamente feliz». A estes discursos foi Misseno ajuntando outros muitos, com que Ifigénia enternecida e inflamada, jurou diante dos céus e de Misseno que jamais faltaria à palavra que dava a seu Deus e que, contente, sofreria os maiores tormentos, se o senhor os quisesse receber em satisfação da infidelidade passada, e se dignasse voltar outra vez para ela a sua agradável e amorosa face.

9 O pérfido conde, para não ser seguido e buscado, ajunta à primeira maldade outra muito mais horrível e atroz. Vai ter com o sultão, que ignorava ainda quem fosse o instrumento e companheiro do crime de Ifigénia. Começa a sua fala ao príncipe pelas mais fortes expressões do afecto com que sempre o amara, havendo recebido dele tão sinalados favores, e continua, dizendo que debaixo do maior segredo lhe quer confiar a notícia a mais importante: «Misseno,» — disse o pérfido — «guiado de um espírito de fanatismo, a que a sua rígida filosofia o tem levado, sabendo que Ifigénia

era da sua mesma religião e que por motivo dos vossos agrados a tinha abandonado, de tal modo lhe horrorizou este chamado crime, que a persuadiu a fugir disfarçada em trajes de soldado, e me pedia a mim que quisesse acompanhá-la, enquanto ele, tomando por outro caminho, a ia esperar à Palestina, para a entregar a seus parentes. Eu não pude aprovar semelhante infidelidade; tratei com secura a Misseno, do que Mustafá pode ser testemunha, o qual sei que se escandalizou da minha aparente grosseria, porque ignorava o motivo; mas ele era tão feio, que eu não me atrevia a descobrir-lho e quis antes suportar sobre mim a nota de grosseiro, do que manifestar o crime do meu amigo. Em toda a marcha do exército sempre trabalhei por persuadir a Ifigénia que tornasse aos vossos braços, antes que a sua ausência se percebesse, mas não foi possível: ela, tenaz, persistia sempre nos sistemas da sua religião, que tão forte havia sido a persuasão de Misseno. Apenas ele soube que Ifigénia estava presa, veio à prisão confirmá-la nos seus propósitos: eu lá os deixei, e venho a meu pesar delatar-vos o maior amigo que tive na vida, porque é mais sagrado para mim o respeito e amor que vos devo e o que devo à verdade».

10 Lembrou-se então o príncipe que Mustafá lhe havia falado do conde com desagrado, por haver visto o modo áspero com que tratara a Misseno, e se confirmou no que dizia o conde. Agradeceu-lhe a fineza com que queria sacrificar à sua régia amizade a pessoa mais amada e lhe prometeu que de tal modo usaria daquela notícia, que ninguém pudesse suspeitar quem fora o delator de Misseno e de Ifigénia. Apenas saiu o conde, quando por sua indústria entram três testemunhas da maior autoridade, afirmando que em nenhuma outra matéria se entretinham os dous presos, senão em sustentar a religião primitiva, à custa dos maiores tormentos, e desprezar igualmente as carícias e os ameaços do soberano.

11 Não rompe com maior estrépito a mina quando prende fogo, como saiu furioso o sultão com a notícia que lhe davam. Manda vir à sua presença os dous criminosos e, entretanto, fez preparar o suplício costumado contra as infiéis concubinas do sultão e contra os violadores da honra do soberano. Acende-se a pira, e maior era o fogo que ardia em todo o serralho, tendo todas as concubinas de Solimão por afronta e desdouro a infidelidade de Ifigénia. Cada qual prepara o seu cântaro, devendo todas ir por sua ordem e antiguidade vazando água fervendo sobre a cabeça de Ifigénia, a qual havia de estar enterrada até à cintura na praça pública. Arma-se ao lado o patíbulo, para Misseno num como espeto ser queimado a fogo lento. Formam-se as tropas que tinham ficado em Icónio para acompanhar o sultão, o qual devia pôr-se em marcha para a campanha no dia seguinte, e por toda a parte não se vê nem se ouve senão motim e clamores contra Misseno, como principal autor daquela desgraça. Todos os partidários de Ifigénia e que admiravam a sua formosura se mordiam de raiva contra o iníquo instrumento da sua infelicidade até que finalmente aparecem, entre os guardas, Misseno e Ifigénia, presos e algemados.

12 Entretanto, o conde estava ao lado do sultão. Porém, vendo os dous presos, mudou de cor e os membros lhe tremiam com o horror do próprio crime. O sultão atribuiu este efeito à ternura com que amara a Misseno e disse-lhe que se ausentasse, para lhe não causar tanta pena o suplício do amigo; mas não o fez tão depressa, que Misseno e Ifigénia não vissem que o sultão o abraçava carinhosamente, quando dele se despedia.

13 Não se abala o cume do Olimpo quando, nas faldas do monte, se amotinam as trovoadas, nem a vide branda se move quando está encostada ao vigoroso carvalho: assim, pois, estavam Misseno e Ifigénia, não obstante a aleivosia do conde. Caminhavam com ar alegre, passo sossegado, semblante mais que nunca sereno, tanto assim que pasmou o sultão e todos se admiraram. Misseno vinha como se nada do que via lhe pertencesse, mas também não afectava altivez nem desprezo. Ifigénia ia com notável modéstia, mas sem pejo e, ao mesmo tempo, com um novo resplendor de formosura, mas sem vaidade, com um ar de senhora, mas sem a menor soberba. Assim caminhava, atraindo os olhos e os corações de todos.

14 Chegados à presença do soberano são perguntados se confessam o Profeta e se querem jurar a observância do Alcorão. Ifigénia declara que, tendo recebido o batismo, não trocaria a honra do martírio nem pelo ceptro e coroa, ainda que fosse de todo o mundo. «Quando os homens ma oferecessem» — dizia ela — «eu teria vergonha de a pôr em balança com outra melhor coroa que espero, quanto mais horror terei de preferi-la. Assim não tardeis, companheiras, em abrir-me a porta por onde minha alma há-de sair do cárcere em que se vê fechada: porta por onde no mesmo instante há-de entrar à eterna felicidade, da qual só este pequeno resto da vida me separa. E vós, príncipe soberano, a quem indignamente amei, esquecida de mim mesma, sabei que não podereis dar-me jóia maior que esta coroa nem corresponder melhor ao meu afecto que com a morte por semelhante motivo. Não vos fui infiel; eu vo-lo juro diante dos céus e da terra. Só fui infiel a meu Deus e por isso morro contente, para lavar com o meu sangue este delito. E quanto a Misseno, sabei que tão inocente está no crime da minha fugida, como vós mesmo. Sabei que jamais me falou senão hoje no cárcere: jamais os meus olhos se fixaram nele, senão depois que os abri para ver o meu delito. Antes lhe tinha um ódio entranhável que me devorava o coração, com o qual o detestava, de sorte que enquanto amei o crime, aborreci a Misseno com horror e com fúria. E isto é tanto assim, que cheguei a maquinar-lhe a morte, mas hoje confesso que lhe devo a vida: não a temporal, mas outra melhor que espero. Não ouseis, pois, punir a sua inocência e duplicai-me, vos peço, os meus suplícios, porque ele não é cúmplice do meu delito. Assim sofra eu o tormento de ambos, porque muito mais padecerei se vir por minha causa padecer um inocente».

15 Acabou Ifigénia, porque Misseno a atalhou, dizendo com um ar nobre e sossegado: «Não vos canseis, senhora, com o que me toca a mim, porque se sou

verdadeiramente culpável no crime que mais irrita o príncipe, para que quereis privar-me da honra de ser castigado por ele? É verdade, senhor, que não concorri para a fugida de Ifigénia: esta é a verdade pura. Mas tenho hoje empenhado todos os meus esforços para a confirmar na resolução de tornar a seu Deus, de quem muito antes fugira, e neste crime é que eu confesso ser grandemente culpado. Tinha ela dado o seu coração ao Deus verdadeiro e depois, inconstante e infiel, lho negou para vo-lo dar a vós: conheceu o seu erro antes que eu lhe falasse e quis detestá-lo; e eu a animei e, na vossa presença, ainda o faço. Assim, senhor, se é crime o cumprir a palavra que demos a Deus, confesso que mereço mil vezes a morte e peço-vos que ma não demoreis nem me poupeis aos tormentos, porque quanto mais rigoroso fordes comigo, mais piedoso e liberal será aquele soberano por quem a padeço. Aqui me tendes, soldados».

16 O sultão, cheio de ira e saindo-lhe faíscas pelos olhos, manda que sem demora se execute a sentença e que Misseno arda em fogo vivo e que sejam as chamas animadas com os materiais mais activos, para desafogo das que no peito lhe acendia a cólera. Disse, e tudo está pronto. Já Ifigénia se acha enterrada até à cintura; já as concubinas do sultão vêm vindo com toda a cerimónia, trazendo sobre a cabeça cântaros de água fervendo, para os ir sucessivamente vazando sobre a infiel companheira; já Misseno se vê junto da pira, cujas chamas soberbas ameaçavam as nuvens. Eis que um tremor súbito ocupa todos os membros do sultão e um susto extraordinário se lhe apodera da alma: está tremendo sem saber o que teme e um certo horror lhe dá garrotes ao coração, de sorte que não se conhece. Aquela palavra que Misseno lhe dissera — «Se é crime cumprir a palavra que demos ao nosso Deus, confesso que mereço mil vezes a morte» —, lhe feria a alma e sem que o pudesse impedir, se lhe estava repetindo interiormente. Aflito, inquieto, perturbado se volta no trono para mil partes: quer levantar-se, mas volta à sua primeira postura, de sorte que bem se via que a alma estava em grande tormento; manda, enfim, que tudo se suspenda. Admira-se o povo: são chamados outra vez os réus diante do trono e o capitão das suas guardas clama da parte do soberano que se alguém sabe alguma coisa a favor daqueles réus, venha à sua presença declará-lo, porque não era da sua intenção punir a inocência. Então começam a sair por entre as fileiras das tropas formadas aqueles soldados que haviam conduzido a Ifigénia e todos, fazendo diante do trono mil reverências ao uso da terra, juravam pelo sepulcro do Profeta que não era aquele réu, mas outro de idade muito menor o que eles haviam preso e conduzido ao cárcere e que jamais tinham visto Misseno no exército nem falar com Ifigénia. Ouvindo isto o sultão, fica suspenso: pergunta e torna a fazer mil exames e sempre acha a mesma verdade. Então fala deste modo ao réu:

17 «Sou obrigado a crer-vos, Misseno, porque a vossa verdade aparece clara como o sol, quando eu vos julgava criminoso por me haverdes arrancado esta

escrava. Porém, vós, Ifigénia, que desculpa podeis alegar da vossa feiíssima infidelidade? Eu vos estimei, eu vos amei com preferência a todas as mais escravas, e de nenhuma recebi até agora afronta semelhante. Misseno já provou a sua inocência, mas a vossa culpa é tão notória, que não dá esperanças da menor escuta. Contudo, falai, se podeis, em vosso abono». Dizia o sultão estas razões com uma brandura que pela primeira vez se viu em suas palavras. Admiravam-se todos e ele também de si se admirava, porque se não conhecia; porém, só deste modo é que sentia no coração refrigério.

18 Ifigénia, saudando-o da maneira a que estava acostumada, lhe disse desta substância: «O vosso preceito, senhor, em vez de me ser favorável, me é sumamente penoso, e agora antes quisera a vossa ira, que a vossa clemência. Não julgueis que isto é desprezo da vossa inaudita benignidade, mas sim confusão do crime que cometi contra o Deus, a quem adoro, e ver que só por meio da vossa vingança é que eu podia satisfazer o ter sido infiel ao Deus que me criou e me remiu, que, quanto a vós, sabei que nunca fui infiel: isso não. Amaste-me, senhor, é verdade, eu o conheci, e sensível à ternura do vosso coração, tal foi para convosco a do meu, que me esqueci… Ah, céus, que fostes testemunha do meu crime, sede-o agora do meu arrependimento!»

Aqui as lágrimas correram com tal ímpeto, que as não pôde suster: admirando-se todos de que não aparecessem nos seus olhos quando se via próxima à pira funesta e agora no princípio da sua ressurreição fosse tão forte o seu pranto. «Esqueci-me» — continuou — «do meu nascimento, esqueci-me de mim, esqueci-me até de Deus, para vos estimar a vós: vede se vos podia estimar com maior excesso. Deus é quem agora me deve castigar, porque Ele é quem por vosso respeito foi ultrajado. Agora, porém, caindo em mim, quis voltar a meu Deus; e se quereis punir-me, fazei-o, porque somente assim poderei ser feliz. Não me retardeis, vos peço, semelhante glória, pois somente o meu sangue poderá tirar a mancha que me faz horrível a Seus divinos olhos e até a mim mesma horrível. Deixa-me, pois, senhor, ir ao meu suplício, que bem o tenho merecido.» — e nisto forcejava a retirar-se para o lado, onde estivera pronta a ser queimada pelas companheiras.

19 Então o sultão, mudando de ar, lhe disse brandamente: «Se ao vosso Deus fostes infiel, Ele é, e não eu, quem vos deve castigar, porque não nasceu o sultão de Icónio para punir as injúrias do Deus que não adora. A ele lhe destes palavra, antes que me conhecêsseis a mim: deveis cumpri-la. Se me preferistes a tudo e até ao vosso Deus, não posso nem devo queixar-me, antes o devo reputar por obséquio, posto que seja demasiado. Voltai, pois, que eu vos deixo livre, voltai, se quereis, ao Deus que adorais, e seja Misseno vosso condutor. Saí ambos de meus estados com prontidão, mas saí com honra e em paz». Isto disse o sultão e, voltando-se, se retirou para dentro, dando ordem que fossem os dois bem tratados e conduzidos com decência até a raia de seus domínios.

20 Haviam fugido por essa mesma estrada o conde e Neucasis, temendo ambos que se a verdade fosse descoberta, os procurassem para serem castigados; e ficaram aturdidos quando, no dia seguinte, viram vir Misseno com Ifigénia. O conde não atinava com o partido que tomaria. Enfim, o seu coração volúvel facilmente o impeliu a prostrar-se mudo aos pés de Misseno, o qual também, senhoreando todos os movimentos do seu coração, sem dizer palavra, o abraçou e levantou urbanamente. Neucasis, malicioso, tudo observava, algum tanto tímido, mas sempre esperava sair bem à força de malícia e de dissimulação. Duvidava qual dos três poderia ser o seu apoio para o futuro; porém, havia de ser muito difícil o representar muito tempo o papel da virtude, sem a qual impossível era entrar no seu agrado. O conde, já ele via que não poderia ter o socorro de Ifigénia, pois observava que esta nem os olhos podia fixar nele e mostrava horror somente de ouvir-lhe a voz. E qual ave de rapina que, havendo perdido a presa, se levanta ao alto, se remonta e anda pairando nos ares para observar qual há-de ser o miserável objecto da sua crueldade, assim era Neucasis.

21 Deste modo, caminhavam os quatro quase mudos: no conde o pejo, em Ifigénia o arrependimento, em Neucasis a malícia produziam o mesmo efeito que em Misseno causava a prudência; até que, enfim, Misseno rompeu o silêncio por causa do conde, a quem via sumamente aflito, e lhe disse desta maneira: «Não temais, filho meu, que vos aborreça ou que para vos desamparar me lembre do que se tem passado. Eu devo supor que nasci hoje, porque neste dia o céu me livrou da morte, e reputo a minha vida daqui por diante, como se de novo Deus me enviasse ao mundo. Ora, não é razão que comece uma vida miraculosa por uma acção indigna, qual seria o vingar-me; e vingar-me pelas ofensas contra outro Misseno que havia de perecer, pois este que vedes agora, já é outro: não tenhais esse receio. Extinguiu Deus o fogo da ira que tinham soprado contra mim no coração de Rovadin, e soprarei eu no meu coração as chamas da ira para vingar-me! Não, meu filho, nunca (e muito menos agora) achei louvável a vingança. Os vossos erros não poderão justificar os meus: obrai como quiserdes a meu respeito, que eu devo seguir sempre o pensamento de trabalhar ou para vos fazer feliz ou para diminuir a vossa infelicidade. Quanto mais me ofendeis, mais necessidade tendes dos meus conselhos, que não é o médico inútil quando o enfermo se enfurece contra ele, por excesso de febre que o consome ou força de frenesi maligno que o tira de seus sentidos.

22 Além de que vós em nada tendes impedido a minha felicidade: ora, como este é o fim a que unicamente aspiro, não me devo dar por agravado: que os homens me sejam fiéis ou ingratos, que me procurem a vida ou a morte, que me façam vitupérios ou dêem louvores, nada disso impede que consiga o que pretendo; por isso, para mim tudo é o mesmo. Antes, se vos hei-de confessar a verdade, vós, meu filho,

mais tendes concorrido para o meu bem que para o meu mal, porque eu na minha solidão tinha as paixões em sossego, cuidava que as tinha totalmente domadas e sujeitas ao império da razão, e agora conheço que não estavam de todo; adormecidas estavam e não domadas. Agora estes encontros em que me pusestes, mas despertaram e feriram; e então conheci que ainda estavam rebeldes, tanto assim que grande violência me tem sido preciso fazer para sujeitá-las. Porém, cada dia sinto em mim maior esforço para as subjugar; e o meu braço com a luta se tornou mais vigoroso, de sorte que pouco a pouco vejo que as paixões vão desfalecendo; experimento que os seus movimentos são menos fortes, os seus gritos menos clamorosos e já entendem melhor a voz da razão e a escutam; já sem ousar rebelar-se, se contentam com se lamentar mudamente lá no mais retirado do coração, chorando às escondidas. Ora, nenhuma destas vitórias tivera eu conseguido, se vós me não tivésseis dado campo para a batalha.

23 Assim dou-vos plena liberdade a vós e a todo o mundo para que obreis como muito quiserdes (posto que sem a minha permissão igualmente o faríeis), porque espero conseguir que igualmente a fortuna e a desgraça tirem pelo carro da minha felicidade. Os bons me servirão de exemplo para obrar como devo, os maus de escarmenta para evitar o precipício. O mundo será o meu espelho, o qual igualmente nos serve, quando nos mostra a face composta, e quando nos faz ver os defeitos, pois de tudo sabe tirar proveito a boa filosofia. Isto é pelo que me toca a mim. Contudo, se olho para o vosso próprio bem, não posso deixar de afligir-me, vendo que não acabais de pôr freio às vossas paixões, que a cada passo vos perdem e vos arrastram. Se a vossa experiência junta aos meus conselhos não basta para as refreardes, temo a vossa última infelicidade».

24 «Eu não a temo,» — diz o conde — «se vós me prometeis receber-me no seio da vossa amizade que indignamente tenho desmerecido, porque daqui por diante primeiro passarão as ondas sobre o Olimpo e as entranhas do Etna se verão cheias de gelo, do que as minhas paixões dominem a minha razão. Esse vulcão interior que elas me acendem no peito há-de extinguir-se de todo e não será manifesto nem somente no fumo. Dou-vos, senhor, a minha palavra de honra que jamais vereis em mim crime que desmereça a vossa amizade: esquecei-vos do passado, que eu vos livrarei do futuro». Nestes e noutros protestos nimiamente fortes e falsamente seguros continuava o conde, e Misseno, prudente, o escutava. Mas não quis deixá-lo apartar tanto da ideia que de si mesmo devia formar e, sorrindo-se, lhe disse muito brandamente: «Filho meu, se sois homem, não podes falar de vós com tanta segurança. Eu não me atrevo a dizer de mim outro tanto, não obstante que a neve das cãs esfria as paixões e a experiência corrige os erros. Olhai, quando um homem corpulento e pesado sobre o frágil bordão de cana deixar cair todo o peso de seu corpo, e isso em descida escabrosa, que sucede? O bordão se quebra, ele cai e se precipita; além disso,

sente a mão ferida e traspassada com as lascas da cana[140]: pois assim faz quem se fia de si na inclinação das paixões. Não vos fieis, Ifigénia, em vós mesma, se quereis evitar a ruína e cumprir a palavra que me destes de buscar no seio da vossa família ou nos desertos da Palestina um abrigo aos vossos anos e defesa dos perigos em que íeis naufragando».

25 «Cada vez me temo mais.» — disse Ifigénia, sem se atrever a levantar os olhos — «Nunca imaginei que eu fosse capaz de tantas desordens e a minha razão recusa o crer o que a própria experiência me obriga a confessar. Busco e não acho asilo à minha desconfiança, e não sei onde possa abrigar-me ou defender-me de mim mesma. Ah, Misseno, dizei-me se acaso é possível, que eu receba alguma segurança no meu justo receio». «No vosso mesmo temor» — disse Misseno — «é que podeis firmar a vossa segurança, porquanto rara vez cai quem desconfia e teme a queda. Pelo contrário, frequentemente se precipita quem caminha com nímia segurança. Os prudentes, quando se vêem nos perigos, temem, e temendo, olham, consultam a luz da razão, reflectem e discorrem. Ora discorrendo, conhecem o bem e o mal e as consequências de um e de outro; e daqui vem que acertam o caminho da felicidade. Ifigénia, a doutrina que vou a dar-vos é sumamente necessária para o que me pedis e para serdes verdadeiramente feliz.

26 A luz da razão é um admirável dom do céu, guia soberana para acertar no caminho da felicidade: escutai esta voz bem e sereis sempre feliz. A luz da razão é fiel, e esta voz celestial nunca nos engana. Não imagineis que ela seja opinião dos homens sujeita ao capricho, à variedade e ao erro, porque é uma voz divina, é um eco da verdade eterna que soa no recôncavo do nosso cérebro e assim não pode enganar-nos. Dizei-me não tendes experiência, que esta voz interna nem a podemos emudecer, nem jamais voltar: ora, isto é prova de que é uma voz superior a toda a força humana. Corra embora o libertino à rédea solta na inteira satisfação de suas paixões, fuja, escape, voe, que para qualquer parte que for, lá irá o clamor da razão atrás dele, e queira ou não queira há-de ouvi-lo. Encerre-se no mais recôndito do seu gabinete, tape os ouvidos a todos os discursos que o condenam, faça mil raciocínios a seu favor. Tudo é inútil: lá há-de ouvir claramente a sentença da razão, que lhe diz: «Obraste mal». Queira desprezar esta voz como preocupação de vulgo ou fábula de ignorantes, calque-a com raiva, porque ela o condena com liberdade e franqueza; faça trabalhar o entendimento para que o desculpe; sue, canse, esforce todos os sofismas, empenhe as astúcias ocultas da eloquência, dê quantos garrotes puder a esta luz da razão que debalde se cansa. Pisada, oprimida, sufocada, dará gritos muito mais fortes, os quais ainda se hão-de ouvir mais no íntimo da sua alma. A sua sentença é incontrastável: há-de dizer sempre «Fizeste mal».

---

[140] *Esse Confidis super baculum… cui si inninus fuerit homo, intrabit in manum et perforavit eam*. Isaías, 36. 6.

27 Vedes, Ifigénia, que isto não pode ser voz humana. Aquele tom soberano com que a luz da frazão sentencia a todos igualmente, mostra que é órgão de voz suprema e divina. Que seja príncipe ou plebeu, rico ou pobre, poderoso ou desvalido: a voz da razão com um tom igual e absoluto o faz vir a juízo diante de si e com sentença decisiva e sem réplica o condena ou absolve. Ora quem, senão uma voz divina, pode tomar este tom tão independente e tão formidável até aos mesmos soberanos? Digam embora certos filósofos que a voz da razão é voz da natureza: nisso concordo. Mas repito a pergunta: e quem é que formou a nossa natureza para lhe dar essa voz? E pela resposta vereis que são obrigados a confessar que é Deus como o Autor Supremo e que a mesma verdade eterna é quem pelo órgão da nossa razão nos fala. Consultai-a, pois, meus filhos, consultai sinceramente, e vereis o caminho da felicidade. Ah, Ifigénia, se vós a consultásseis bem, não teríeis largado a vossa religião, a vossa fé, a vossa virtude. Mas não falemos nisso, que já caístes no erro; perdoai-me magoar o vosso coração com esta triste lembrança».

28 Enquanto isto se passava na Bitínia[141], lá na Europa trabalhavam os espíritos malignos, forjando nas subterrâneas cavernas as ideias mais conducentes para triunfar da virtude de Misseno. Porém, o anjo protector deste herói, junto com o que estava destinado para defender a Polónia, vivamente se opunham a todos os seus depravados intentos.

29 Já neste tempo os ânimos descontentes da Polónia haviam chorado a sua detestável inconstância e, apesar das virtudes de Lesko, suspiravam pela presença de Vladislau. A resposta que lhes trouxera o embaixador, em vez de extinguir, não serviu senão de mais acender a sede de o gozar, e se não fosse como rei, ao menos o queriam como cidadão, como conselheiro e como pai: efeito próprio da sólida virtude, porque sempre o coração apesar das balanças da inconstância, há-de vir a desejá-la, bem como a agulha que depois de voltar ora a um, ora a outro lado, só no seu Norte vem finalmente a fixar-se.

30 Parte então o anjo protector da Polónia como mensageiro fiel a apresentar estes votos na presença do eterno: deixa a Polónia e de um voo rompe as nuvens, atravessa todas as esferas celestes e se apresenta na corte suprema. Ali convoca todos os bons príncipes, que noutro tempo haviam cingido a coroa da Polónia, e outros cidadãos de merecimento, para que todos juntos façam maior força, em ordem a impetrar do Altíssimo o despacho da sua súplica. Eis que começam a vir subindo por degraus de safiras e esmeraldas vários príncipes: e adiante de todos vem Mieceslau I, o qual por benefício do céu recebera a vista, tendo nascido cego[142], e em reconhecimento fez que todos os seus povos que curvavam até ali os joelhos diante dos ídolos, os dobrassem

[141] Assim se chamava então aquela parte da Ásia menor que hoje se chama Anatólia.
[142] Aos sete anos, cortando-lhe o cabelo, recebeu, de repente, a vista. (F.-P. Dalairac, *Anecdotes de Pologne*, ano 954).

diante do Deus verdadeiro. Acompanhava-o ao lado o Condutor celeste, e ofereceu ao Altíssimo os corações de todos os povos que por espaço de mais de dous séculos, naqueles vastos impérios O tinham adorado, pelo exemplo daquele rei. Vinha à mão direita de Mieceslau sua esposa, Dobrava, filha de Boleslau, rei de Boémia, a qual com o seu ardente zelo pela religião romana o convertera da idolatria[143]. Seguiu-se Boleslau I seu filho, príncipe que foi o modelo dos que o quisessem ser perfeitos, pai de seus vassalos no trono, raio e terror dos inimigos na guerra e aos povos exemplo de devoção no templo. Seguia-se Casimiro I, brilhando muito mais que os outros, porque a sua virtude fora mais resplandecente: virtuoso no claustro[144] e depois no trono; virtuoso na vida e na morte. Em lugar do infame Boleslau II, esse Boleslau, que tendo sido o Alexandre da Europa, dando e tirando reinos, tendo sido o terror dos vizinhos, o encanto dos vassalos e admiração de todos, por se entregar aos deleites impuros, veio a ser o horror de Deus e dos homens. Em lugar, digo, deste príncipe infeliz, vinha Santo Estanislau, bispo de Cracóvia, o qual, pelo haver repreendido, fora por ele martirizado[145]. Seguiam-se, enfim, todos os mais príncipes, cujas obras haviam merecido o agrado do Supremo monarca, e todos pediram que Vladislau, que andava peregrinando na Ásia, fosse restituído à Polónia.

31 Entretanto, toda a corte celeste estava suspensa: todos acompanhavam com os desejos as súplicas daqueles monarcas que, com as coroas postas por terra, as cabeças inclinadas, cheios do mais profundo respeito, esperavam a decisão do Altíssimo. Eis que da parte do Eterno lhes anuncia o serafim supremo que as suas orações são ouvidas e os seus desejos dentro em pouco se verão executados. Soam por todas as abóbadas celestes louvores e acções de graças, e não cessam de entoar-se e repetir-se perpetuamente Aleluias.

32 Neste momento, por ordem suprema, parte o anjo protector da Polónia a despertar por meio de um pensamento a frouxidão de André, rei de Hungria, o qual, preferindo as delícias do tálamo à glória da religião, havia sossegado no valor e na virtude do seu cunhado, o conde de Morávia, que era mais próprio para outras empresas de divertimento ocioso, que para os trabalhos e perigos da guerra. Tão forte foi este remorso, que não pôde resistir-lhe, não obstante ter o seu ânimo cevado nas delícias e no regalo. Consulta o seu confidente Brancmanus, cuja figura falsamente havia tomado a infernal fúria, para a enganosa embaixada do conde. Cala o valido,

[143] Fez que despedisse 7 concubinas e com o auxílio dos missionários que lhe mandou o Papa João XIII extirpou a heresia an. 965

[144] Casimiro, bisneto de Mieceslau I, foi monge em Clugrei (1034). morreu como santo em 1058.

[145] S. Estanislau, bispo de Cracóvia, estranhava a el-rei as suas desordens; el-rei para o vexar fez que pusessem uma demanda sobre uma fazenda que o Santo comprara três anos antes: era já morto o vendedor, não tinha prova o santo. Recorreu ao jejum e oração, ressuscitou o vendedor que veio a juízo com espanto de todos e protestou estar pago, continuando a ira de Boleslau duas vezes o mandou assassinar: de ambas foram impedidos por mão divina, mas, obstinado, Boleslau, com a sua própria mão o matou (F.-P. Dalairac, *Anecdotes de Pologne*, ano 1077).

não querendo aconselhar em ponto tão delicado; enfim, o soberano resolve partir e deixa nas suas mãos a regência do reino[146].

33 Prosseguia, entretanto, Misseno o caminho da Terra Santa, não só para acompanhar o conde que, mais resoluto que nunca, queria apagar com o seu sangue ou com as suas proezas a menoria dos crimes passados, mas também para conduzir Ifigénia ao lugar de seu destino, servindo ao mesmo tempo de guarda à sua virtude e de decência ao seu sangue. Neucasis, pouco a pouco, se ia insinuando no ânimo de Ifigénia, vendo que só dela tinha que esperar fortuna, por ser Princesa e caminhar para os seus estados.

34 Insinuava-se, surdamente, no coração do conde o espírito da inveja, porque não desistiam as Fúrias infernais da empresa começada, e cada vez lhe era mais horrorosa a figura e o carácter de Neucasis, havendo sido seu íntimo amigo: qualidade própria de corações apaixonados, que voltam como a grimpa das torres, à medida que o vento das paixões muda, e coisa bem oposta à conduta dos que se firmam no sólido merecimento, quando a fortuna ou as circunstâncias faltam. Entretanto, Misseno ia instruindo pouco a pouco a Ifigénia nas máximas que havia de seguir para alcançar a sólida felicidade, as quais ela combinava com os ditames da religião, achando em tudo uma admirável harmonia: e isto era de ordinário a matéria da conversação daqueles dias em que os quatro caminhavam para a Síria, bem ignorantes do que no Livro Eterno estava determinado.

FIM DO LIVRO XXII

[146] Abbé Vertot, *Histoire de Malthe*, ano 1216. Aqui tomou o Autor a licença que têm tomado quase todos os Poetas Épicos antecipando alguns sucessos posteriores para ornarem melhor a sua empresa: como se vê na Enciada; na Jerusalém conquistada: na Henriade e em quase todas que às vezes antecipam sucessos que foram 40, 60 e mais 100 anos posteriores.

Livro XXIII.

Frois inv. sc.

Misseno a Côde já tarde ao duelo do Conde com Neuc
e recebe o defunto nos braços Sendo por isso julgado Como
tador. n.º 5.

LIVRO XXIII

1 Os olhos do Monarca Supremo, lá do altíssimo trono em que se manifesta, se inclinavam com agrado para Ifigénia, que estava totalmente convertida, e toda a infelicidade passada servia de base à sua heróica resolução. A nobreza de seu sangue, que lhe infundia espíritos grandes, havia respirado, logo que se viu livre da escravidão em que a paixão do amor a pusera. Semelhante à águia real que, havendo quebrado o laço em que se vira presa, se remonta mais e mais sobre as nuvens e vê com horror o lugar em que havia perigado, assim Ifigénia não podia ver o conde, sem um desagrado íntimo do seu coração, não obstante que o via mudado: admitia, porém, urbanamente a conversação de Neucasis, cujo serviço lhe era necessário pela delicadeza de sexo, diuturnidade da jornada e aspereza dos caminhos, mas a fúria da inveja, que achou fácil entrada no coração do conde, foi convidar todas as mais companheiras, que vieram prontamente capitaneadas pelo ciúme.

2 Fervia no peito do conde o sangue negro e requeimado pelo ciúme; cada palavra de Ifigénia para Neucasis era uma lança, cada vista de olhos uma seta. Começou então o entendimento a ofuscar-se e a memória a perder-se, de maneira que se esquece de tudo o que havia passado: e as suas promessas, a doutrina de Misseno, a sua própria experiência, tudo lhe foge da lembrança. A névoa do seu entendimento sensivelmente se faz espessa, e já é uma nuvem muito negra que fuzila relâmpagos ronca trovões e dispara coriscos e raios. Começa já o semblante a mudar-se, os olhos vêem às avessas, os ouvidos adulteram as palavras, o ânimo lhes dá um sentido envenenado e, assim, uma vez aberta a porta do seu coração à fúria do ciúme, todas as mais em tropel vêm entrando, de sorte que já não fica a alma senhora do aposento em que vivia. O ódio, a vingança, os zelos, a ira, os enganos, as suspeitas, o amor, os receios entram no seu coração em tropel como em um redemoinho; ora a impelem, ora a levantam, ora a abatem; umas vezes a mordem, outras a ferem, outras a despedaçam, e a pobre alma gemia.

3 Quando os demais repousavam da jornada no abrigo das trevas, o conde saía e dava urros pelos campos e bosques, entregue à desesperação e ao ciúme, até que numa madrugada resolve desafiar a Neucasis, para que em duelo disputem o direito ao coração de Ifigénia, que ele aleivosamente lhe roubava. «Para que hei-de conservar uma vida», dizia ele, «que me serve de tormento? Quer eu vença, quer fique vencido, este inferno só assim se acaba: se morro, não posso ter penas; se vivo, não terei quem mas cause». Disse, e sem admitir o conselho que a luz da razão, como em um relâmpago lhe mandava, vai provocar a Neucasis.

4 O imaginado favor de Ifigénia o havia feito soberbo: sobre astuto, vil e manhoso, acrescentava de novo agora o ser insolente e triunfava com vaidade da desgraça do conde. Assim aceita pronto o desafio e num bosque vizinho vão disputar, com a espada, a razão que nenhum deles tinha. De uma parte se via o furor, da outra o sangue-frio e a destreza. Nunca Marte teve imagem tão viva como tinha no conde, porque o seu braço era uma rocha quando parava, um raio quando partia. Neucasis, volúvel, pronto, lestes, astuto, lia nos olhos do conde tudo quanto ele premeditava para evitar o golpe; em um instante se faziam mil movimentos e já de um, já de outro lado parecia o perigo inevitável. A hórrida morte, tomando asas de morcego, voava pelo campo de combate, indecisa sobre qual das dois havia de ser o alvo do seu tiro, ameaçando alternativamente com a fouce fatal a ambos os combatentes. O valor e a cólera a impeliam para um lado, a astúcia e a destreza para o outro; o conde, cego e furioso, não via o seu próprio sangue, não sentia as feridas, mas Neucasis, mais atento, evitava as suas. A morte se recreava com a luta que lhe preparava a presa e, enfim, com aquela força inevitável, a que jamais braço algum resiste, lança o funesto instrumento sobre Neucasis, quando ele, enganado nos seus pensamentos, correndo a espada contra o conde, erra o golpe e se encrava pelo coração na do seu inimigo: cai logo por terra. Respira então vitorioso o conde e, retirando daquele coração malvado o mortífero ferro, deixa sair envolta em negro sangue a alma palpitante que, furiosa e desesperada, se vai precipitar nos abismos. Volta-se em redondo, cheio de vaidade, bem como o galo que em público combate vencera o seu contrário que, posto sobre o seu cadáver, canta desvanecido e ufano[147].

5 Mas ao voltar, embainhando a espada tinta no sangue ainda quente, dá com os olhos em Misseno, o qual, advertido do duelo, viera quasi voando a evitá-lo. Ainda vira de longe dar o golpe mortal, vira cair o infeliz e corre a dar-lhe socorro; e bem viu, mas não quis olhar para o conde. Via que o cadáver lutava com a terra, que o sangue fumegando saía da ferida às golfadas, que os olhos, ainda abertos e espantados, pareciam estar vivos, a boca, tremendo e espumando, ainda parecia ameaçar o contrário. E neste estado Misseno o abraça e, sentado sobre uma pedra, o toma como pode sobre os joelhos, para (se ainda fosse tempo) chamá-lo à vida. Cai-lhe o braço exangue, trazendo pendente a espada que a mão tenaz agarrava e largar não queria. Misseno o chama repetidas vezes já pelo seu nome, já pelo doce epíteto de amigo, mas Neucasis não responde, porque os abismos retêm a sua alma encarcerada e o cadáver perde enfim todo o seu movimento: pálido e pesado lhe escorrega dos joelhos e cai. Misseno se esforça a arrancar-lhe da mão a espada, o que com trabalho c

[147] Entre todos os animais que combatem mutuamente, não há nenhum que o faça com mais arrogância e vaidade que o galo, particularmente os de Inglaterra, em cujos combates públicos de ordinário se interessam muitos mil cruzados; por esta causa se escolhe para comparar a vaidade do conde, vilmente levado da paixão no combate oculto.

onsegue, e com ela na mão tinta em sangue, levanta os olhos ao céu a pedir-lhe socorro; e sem saber o que faça se embrenha num vizinho bosque, lamentando a desgraça dos seus semelhantes.

6 Alvoroçado o reino subterrâneo com o novo hóspede, sai furioso o espírito do erro para aproveitar a ocasião e vingar-se de Misseno: convoca a plebe e o povo a ver o campo do duelo e o cadáver do infeliz; e muitos ainda viram a Misseno inclinado sobre ele e que saía com a espada na mão toda ensanguentada e os vestidos cheios de sangue. O erro lhes faz crer, sem exame, que ele fora o agressor, e a cada qual lhe forja na imaginação o motivo a que sabe dar toda a cor da verdade. De boca em boca passa a mentira acreditada como testemunho universal do povo e ninguém se atreve a duvidar, só porque os mais não duvidam. «Morra, morra o assassino», clama o povo: o concurso vem a ser testemunho, o tumulto motim: cercam, gritam, atroam o bosque e Misseno, absorto e suspenso junto de uma árvore, com a espada na mão, está falando consigo, todo ocupado com a perdição de Neucasis, com a desgraça do conde e com os trabalhos em que ele a cada passo o mete, que se contrapunham à tranquilidade e sossego em que dantes vivia; e confuso, discorre sobre o que deve fazer.

7 Nesta postura, encostado com a cabeça sobre o braço, e o braço ao tronco de um carvalho, absorto e pensativo o acham, e o prendem sem que ele o pressinta, senão quando o abalam. «Esta suspensão», diziam eles, «é o efeito do horror que tem de si mesmo por haver cometido tão abominável crime, porquanto de ordinário tudo serve de prova a um juízo preocupado». E, assim, Misseno preso e manietado, não tem lugar de dizer uma palavra, que tanta era a vozeria, tantas as injúrias do povo. Porém, mudo e calado se dizia a si mesmo: «Mais feliz é a minha sorte, que a do conde e de Neucasis. O Ser Supremo não te condena, Vladislau; que importa que os homens te acusem? Se no país da verdade estás inocente, que importa que estejas criminoso no da mentira? Que te pode suceder de mal? Tirarem-te a vida? Poupam-te as dores de uma eternidade larga, os tormentos da medicina, ao que os teus anos naturalmente te conduzem; poupam-te todas as desordens de que é capaz a tua liberdade: e essas é que te fariam verdadeiramente infeliz e desgraçado. Descansa, que nada pode suceder mais glorioso a um homem que morrer inocente: e eu serei tal por toda uma eternidade, qual me achar o último momento que tiver de ser livre, de forma que a morte é um cravo que fixa para sempre o estado em que cada um perece. Logo, se estando nos olhos de Deus inocente acabar a minha trabalhosa vida, estou certo que hei-de ser perpetuamente ditoso: que me pode logo acontecer de melhor?» Isto disse e, sorrindo-se, olhava com agrado para os que o conduziam ao cárcere: coisa de que naturalmente se admiravam. Porém, Misseno, sem contestar o crime, não o negava claramente, dando tempo a que se

pudesse retirar o conde, pois não queria comprar pelo preço da morte alheia, nem a própria reputação nem a vida.

8 Sabe Ifigénia do caso e corre ligeira ao lugar do conflito. Vê a Neucasis morto, ouve que Misseno vai preso e que o conde, único autor de todos os males, fugira, e rompe com ímpeto por entre a multidão, bem como a luz do sol por entre o embaraço das nuvens. Não leva Ifigénia o ornato digno do seu nome, nem a pompa conveniente ao seu estado: mas um não sei quê de grande brilhava de tal modo no seu semblante, que a respeitavam. «Tende mão,» — lhes diz — «não culpeis o inocente, que não foi ele o matador». «E como não,» — clama todo o povo a uma voz — «se todos o viram cometer o horrível crime? Talvez por vossa ordem ele o fizesse. Esse vosso proceder, senhora, quem quer que sois, em vez de justificá-lo, vos condena. Retirai-vos, pois, se não quereis ser envolta no castigo do delito do qual pareceis ter sido autora». «Ouça-me o Deus da verdade» — disse então Ifigénia, levantando os olhos ao céu — «e seja-me Ele só testemunha.» — volta-se e se retira, derramando o seu coração pelos olhos o coração que ardendo se derretia à força de aflição e lhe queimava com as lágrimas inflamadas o incendido rosto.

9 Não deixou de fazer impressão no povo este encontro de Ifigénia, mas estava tão firme no coração de todos a preocupação do crime que juravam ter visto o que jamais existira. Ifigénia, entretanto, fechada no seu aposento e prostrada diante do Eterno, Lhe disse desta maneira:

10 «Não tem a vil terra, nem o lodo valor algum diante do Ser supremo e infinito; eu o confesso, Senhor. Mas a quem há-de recorrer um coração afligido, senão a quem o formou? Quem há-de proteger a inocência, senão quem a conhece? Quem lhe há-de valer, senão quem a estima e ama? Na vasta e infinita multidão de entendimentos, só o vosso, meu Deus, conhece a pura verdade: só Vós a amais puramente e, assim, estou certa que haveis de sair à sua defensa. Não precisais que eu vos aponte os meios, porque o Vosso poder não tem limites e a Vossa ciência é sem algum termo. Sim, espero, sem que veja o como, mas espero que haveis de acudir à inocência. E mais descanso em Vós do que em mim descansara, se na minha mão estivera o defender a Misseno, porque Vós sois mais justo do que eu; Vós muito mais do que eu, conheceis e amais a verdade; Vós mais do que eu estimais este herói; Vós lhe deveis acudir; Vós me haveis de valer.» — isto disse banhada em lágrimas de fogo e, levantando-se alegre, cheia de ânimo e de valor, lutava com os pensamentos fúnebres que continuamente lhe vinham.

11 «De três companheiros» — dizia — «que ontem me serviam, um está morto, o outro fugido, o terceiro vai a ser justiçado; e eu desconhecida, delicada e sem amparo me acho em países incógnitos e bárbaros. A minha religião é diferente, os

anos tenros, a formosura é infeliz. Ah, e que fim desgraçado me espera! Porém, não: Vós, soberano Senhor, que me criastes, sois meu Pai, vós me vedes; isto me basta».

Ouviu o céu com agrado estes gemidos e de antemão lhe havia preparado o despacho.

12 A este tempo já o conde, confuso e envergonhado de si mesmo, tomando a posta havia voltado o caminho e se retirava, com o desejo de se passar à Europa. E eis que, passado um dia de jornada, encontra o bispo de S. João d'Acre, segundo embaixador que com Aimar, senhor de Cesareia, tinha vindo a França para negociar o esposo à rainha de Jerusalém. Conhece o bispo pela cruz que o conde levava no seu uniforme, que ele era cavalheiro da Cruzada, e quis-se informar de quem fosse e por que motivo assim se retirava da Palestina tão triste e pensativo como o semblante declarava. A narração que o conde francamente fez do sucesso arrancou lágrimas ao bispo, as quais pararam subitamente, tanto que falou no nome de Ifigénia. O embaixador reflecte, pergunta, examina, entra em miúda informação deste nome e o conde tudo lhe descobre e lhe declara o maravilhoso sucesso de Icónio. Muda-se de repente o semblante do bom velho, porque os afectos do coração se mudaram; à compaixão sucede o gozo, à pena e aflição o júbilo; às lágrimas de dor as de consolação e alegria.

13 Era Ifigénia sobrinha do bispo, a quem, como morta, a haviam chorado muitos anos seus pais; e ele (que a não cria morta) a lamentava perdida nos braços do sultão. Agora, sabendo a sua feliz mudança, não podia conter o júbilo; e mais falavam no bispo os olhos enternecidos, do que a sua língua falava; e assim voa pronto e ligeiro a buscar a sobrinha. Mas o conde fica, e fica indeciso e duvidando: luta consigo mesmo, não sabendo o que faça. Não sossega de noite, nem pode aquietar de dia: chama, e não pode colher o sono, nem os seus olhos podem fechar-se, e quando a força o faz, presente lhe parece estar sempre vendo revolver-se na terra a figura horrível de Neucasis moribundo.

14 Esta fúnebre imagem é o seu contínuo verdugo que sem descanso o atormenta. Aquela horrível face, espumando sangue negro e furioso, aqueles movimentos convulsos e descompostos, aquela palidez, os gestos horríveis, o revolver em redondo os medonhos olhos, o querer articular as palavras e acabar em roncos, enfim, a imagem viva da horrenda morte, são o objecto que sempre está vendo: e quanto mais ele lhe foge, mais a funesta sombra o persegue. Corre vagabundo pelos campos, sobe os montes como louco, e como louco desce furioso aos vales; em um momento se volta ao céu, à terra, aos bosques e a si mesmo; acomete furioso os ares com a espada feita, querendo ferir os ventos e dá-se golpes em si mesmo desesperado.

15 «Que é o que fiz?», se dizia a si mesmo, sentado no cume de um monte, aflito e pensativo, «que é o que fiz? Quis disputar com a espada o coração de Ifigénia; e

que louca disputa era essa, pois qualquer que fosse o sucesso, sempre eu a perdia? Morto, ficava privado dos seus agrados, matador havia de ser (como sou) o objecto do seu ódio. Que louco empenho o de pertender agradar pelos meios infalíveis de ser com razão detestado! Quando Ifigénia não fosse de um coração nobre e bem feito, ainda assim era impossível que depois disto me amasse, vendo que eu arruinava a sua reputação e o seu crédito. Quem não falará hoje em Ifigénia, sendo ela a ocasião, posto que inocente, da minha barbaridade? O seu nome será profanado, e eu tive a culpa. Ah, louco! E que grande merecimento foi este meu desatino, para conseguir os seus agrados! Que indesculpável foi a minha loucura! Acaso por ser mais destro nos movimentos, ou mais forçoso no braço ou mais venturoso nos golpes, era eu mais amável? Não possuía Misseno todo o seu coração pelo meio da virtude? Não havia esfriado a meu respeito Ifigénia por conhecer os horrores da minha alma depravada? Se queria, pois, agradar a quem tinha a alma já pura, preciso me era ser puro e virtuoso como ela. Acaso a minha espada separava de mim os meus crimes, que me faziam feio a seus olhos? Agora ajuntei mais este de novo, que me fará detestável por todos os séculos? Se Ifigénia fosse um tigre cevado no sangue humano, meio era este de agradar-lhe; sendo, porém, uma alma bela, que loucura foi proceder eu deste modo? Ah, infeliz cegueira a das minhas paixões! E se eu tivera ouvido a Misseno!». E dizendo isto, um furor o fazia correr como louco pelos montes e vales, sem saber aonde iria.

16 A este tempo, já o bispo se achava no lugar do desastre, onde o povo amotinado se preparava para apedrejar a Misseno. Sem formalidade de tribunais, o povo era o juiz, a testemunha e o executor da sentença: Misseno não era ouvido, porque não era perguntado. «Morra o assassino»: esta era a voz de todos, este o desejo, este o pregão comum com que uns aos outros se animavam. Em vão Ifigénia havia tentado justificar a Misseno, porque sendo a sua pessoa desconhecida, não era de peso a sua autoridade. Chega, porém, o bispo; então, o carácter de embaixador da rainha de Jerusalém, o séquito e acompanhamento digno do seu carácter, suspendem por um momento a plebe. Pergunta pelo caso, ouve e condena com eles o assassino; mas afirma, protesta e jura que está certo da inocência de Misseno declarando que ele sabia quem fora o criminoso e que por boca própria do delinquente o sabia. Não queriam acreditá-lo, que tão cego é o juízo do comum, quando a preocupação domina e além disso Misseno, já conduzido ao patíbulo, pelo seu silêncio parecia confessar o crime. Mas é então chamado à praça pública, onde o bispo se acha; conjuram-no que pelo túmulo do Profeta diga a verdade; Misseno cala. O bispo, então, pela cruz que trazia no seu peito o conjura; ele prontamente fala nesta substância:

17 «Muito me agrada, amigos, o horror que mostrais ao homicídio: esta sanha e raiva que contra mim tendes, imaginando que fui o criminoso, em vez de me

ofender, me dá gosto, porque não há coisa mais horrorosa que destruir um vivente o seu semelhante; e crede que se eu fosse o delinquente, me não poderia sofrer a mim mesmo. Porém, sabei que estou totalmente inocente; sejam-me testemunha os céus e a cruz, pela qual vós, senhor, me conjurastes. Eu acudi ao duelo para o evitar, mas fui já tarde. Quis dar socorro e alívio ao amigo moribundo e ainda que pude receber nos meus braços o seu corpo palpitando, foi inutilmente, porque já tinha expirado. Quis então ao menos dar-lhe sepultura, e para isso com trabalho lhe tirei a espada da mão, e nessa postura me prenderam. Aqui tendes a pura verdade. Não obstante tudo o que digo, podeis dispor da minha pessoa como muito quiserdes, porque a vida e a morte me serão do mesmo valor, pois quer uma, quer outra será inocente».

18 Neste mesmo tempo, uma pombinha branca aparece nos ares, voando uma e muitas vezes sobre o congresso: todos a seguem com os olhos e vem que, baixando rapidamente, deixa cair sobre a cabeça de Misseno uma bela açucena, e se retira ligeira para as nuvens. Clamaram os turcos a uma voz que estava inocente Misseno. Seguiu-se a esta aclamação o pedir-lhe que declarasse o criminoso, já que havia assistido ao duelo; mas o bispo os atalhou, dizendo sem rebuço que o matador fora o conde, mas que estava já fora de distrito em que pudesse ser buscado. Pediu então que lhe fosse entregue Misseno, o que se fez, e o bispo quis que ele o conduzisse aonde estava Ifigénia, a qual, oculta e fechada, alternativamente ora esperava, ora tremia, levantando-se o seu coração até o céu com os impulsos da sua fé, descaindo de quando em quando, pela fraqueza do sexo, no último desalento.

19 Nisto entra Misseno, acompanhado do bispo. Ifigénia olha, mas não vê, porque não dá crédito aos olhos. Parece-lhe ser Misseno, mas persuade-se que é a sua figura ou imagem com que a fantasia a engana. Parece-lhe ser o tio, mas ainda esta representação crê que é mais enganosa, e fica suspensa com tudo. A natureza obra segundo a ordem dos seus movimentos e a alegria, o pasmo, o pejo tudo a assalta a um tempo; não estava a alma preparada para estes movimentos não esperados e, como se passasse do calor nímio ao súbito gelo, ficou tolhida e imóvel. O tio lhe fala com expressões de amor, Misseno a chama; Ifigénia espantada quer falar e começa a proferir umas palavras soltas que, ficando meio dentro, meio fora dos lábios, vêm a perder-se nos ares, e cai desfalecida, ficando pálida e fria um grande espaço como morta. Depois a sua alma, começando como a tornar à vida, crê que um vão, posto que agradável sonho, lhe faz ilusão para ocultar-lhe a dor e tornam à sua força antiga os movimentos do coração possuído de pena. Então desfecha num pranto seguido, entrecortando-o com soluços e com estas palavras que os lábios mal podiam articular: «Meu Deus inocente, castigado, e eu perdida!» E torna a cair no desmaio, de quando em quando convulsa.

20 Comunica-se a aflição ao embaixador e a Misseno; contudo, este, com ânimo mais experimentado, sossega o bispo e, pouco a pouco, Ifigénia tornou a si, e vendo o que via não se atrevia a falar, temendo ser ilusão imaginária do seu cérebro ofendido. Então Misseno lhe falou, brandamente: «Não receeis engano, senhora, que é verdade pura o que estais vendo: Deus o fez, nada é muito para o seu poder, porque coisas muito maiores tem feito por mim e por vós».

21 À maneira do crepúsculo matutino, quando o alegre dia vai saindo insensivelmente do seio da noite e pouco a pouco as trevas se vão dissipando, assim com o tempo se restabeleceu Ifigénia. Porém, nesse intervalo Misseno havia instruído o bispo da sua conversão maravilhosa: e aqui é que Ifigénia totalmente acordou do desmaio, sem que houvesse de passar pelo pejo de ouvir falar nas suas precedentes fraquezas.

22 Seguiu-se referir o embaixador o bom êxito dos sucessos pertencentes à sua embaixada: e aqui soube Misseno, que el-rei de Hungria, a instâncias do bispo e agitado pelos remorsos da sua consciência, se havia já posto em marcha para Constantinopla, para de lá vir à Terra Santa, o que ele ia principiando a contar ao conde, antes que lhe ouvisse falar na conversão da sobrinha. Ouvindo isto, Misseno julgou que o conde se retiraria à Europa, pois só vinha militar em nome de seu cunhado, enquanto ele não vinha, e julgaram todos três que seria acertado que Ifigénia, em companhia do embaixador, seu tio, se retirasse a sua casa e que Misseno voltasse ao sossego da Europa, pois que o fim de acompanhar o conde já era inútil. Tomada, pois, a resolução, Misseno instruiu a Ifigénia com os conselhos mais oportunos e na mesma carruagem que trouxera o embaixador foi Misseno conduzido em poucos dias a um lugar, donde se viam as ruínas da célebre Tróia, queimada pelos gregos, o qual fica algumas léguas antes do estreito de Constantinopla; e nesse lugar encontrou o pérfido conde, que também queria passar à Europa.

23 Escondia-se ele, porém, Misseno o buscou com a mesma amizade que antes e como se nada houvesse acontecido, lhe disse: «Meu filho, não cuideis que Misseno já não é Misseno. Os princípios que me movem a obrar são sempre os mesmos. Espero que me vejais sempre constante no meu procedimento a respeito de vós. Não quero dizer que igualmente amarei o bem e o mal, que isso seria injúria do meu coração. O conde da Morávia obrando bem, não é o mesmo conde da Morávia obrando mal; ora, sendo vós diferente de vós mesmo, forçoso é que se um coração bem formado vos ama de um modo num estado, vos não ame desse mesmo modo no outro, mas pode sempre amar-vos». Respirou o conde com este prelúdio e, abraçando ternamente a Misseno, procurava lavar com lágrimas os seus crimes passados. Misseno então lhe disse: «Não vos ocupeis em me segurar o vosso arrependimento, porque estou bem persuadido dele. O mal é tão feio de si mesmo, que basta vê-lo depois de

passar a cegueira da paixão que nos ofusca e logo lhe conhecemos o horror. Porém, eu quisera por última despedida (porque suponho que vos retirais à vossa família, e eu a outro destino) quisera, digo, por despedida, instruir-vos bem no ponto que mais útil vos há-de ser. Vejo que rebentais por ser amado e que este é o ponto mais vivo da vossa paixão e o que vos obriga a mil excessos. Ora, quero-vos comunicar as máximas que pela reflexão coligi, em que se encerra um encanto bem eficaz ou uma arte bem útil e que vos será bem agradável».

24 «De que arte falais?» — lhe diz o conde. «Da arte» — diz Misseno — «para cada um se fazer amar de Deus e dos homens. Reparai que digo para se fazer amar, porque, praticando os seus ditames, por força hão-de amar-vos. Deus há-de ser o primeiro que se não poderá desembaraçar (permita-se o falar assim), que se não há-de poder desembaraçar da força que o obriga a que vos ame, e essa mesma suave violência experimentarão as criaturas».

25 Suspenso ficou o conde, sem ousar pôr dúvida ao que Misseno pronunciava, bem acostumado a sair de todas as réplicas convencido. Porém, os seus olhos, a sua fisionomia diziam o que a sua boca não se atrevia a proferir; e Misseno então lhe disse:

26 «Três castas há de amor em um coração bem formado. Amor de compaixão, amor de benevolência, amor de amizade. Com o primeiro, amamos a qualquer miserável, sentindo em parte os seus mesmos males. Com este amor devemos amar os maus e quanto piores eles forem, tanto mais viva deve ser a compaixão da sua miséria. Os membros de um corpo se ressentem cada um do mal que o outro membro padece; ora, sendo todos os homens membros de um só corpo, por lei indispensável da natureza, deve cada qual sentir dor do mal que outro homem padece, e isto ainda quando o enfermo por ter a sua alma gangrenada, o não sinta, como sucede mil vezes. Com este amor nos ama Deus, ainda nas maiores desordens.

27 O segundo amor é de benevolência. Quando nós fazemos algum bem a outro, por certo que o amamos. Ora, também este amor se estende aos indignos, quando um coração é generoso. Sobre bons e maus formou a Mão suprema esta abóbada celeste que a todos nos cobre. Deus leva sucessivamente de uns países a outros por todo o mundo esse brilhante planeta, para que a todos alumie, e não fez menos fértil a terra que pisam os pés ingratos que a dos seus amigos verdadeiros, e joeirando a sua chuva sobre a face da terra a todos compreende com os seus favores: logo, a todos nós ama.

28 Porém, a terceira espécie de amor, que é de amizade, não é senão para quem a merece. E este amor, o mais precioso e estimável, é o que podereis conseguir, sem que ninguém vo-lo dispute ou vo-lo possa negar. Não confundais, vos peço, com este amor nobre, a paixão brutal furiosa e cega de que um touro, ou um cavalo ou qualquer vil bruto se leva, pois é mais nobre o amor de que falo: tem as raízes no

entendimento, a alma no coração, os olhos nas perfeições e o atractivo na sólida virtude. Sede, meu filho, bom, e bom com uma bondade sincera, e vereis que todo o mundo corre a abraçar-vos; e até os que por motivos particulares murmurarem de vós, no gabinete secreto de seus corações serão vossos panegiristas. Vós tendes corrido o mundo, e eu mais do que vós o conheço: e que homem tendes encontrado, que não ame uma virtude lisa, natural e sincera? É tão impossível que o coração de qualquer homem, conhecendo a verdade, a não ame, como que o nosso entendimento conhecendo a verdade, a não creia. Se o Danúbio correr para cima, se as flores fugirem do sol, os peixes do mar, a agulha do Norte, ainda então não crerei que possa fugir de uma virtude sincera o coração dos mortais. Fazei força ao vosso, e experimentai se podeis impedi-lo que a não ame, ainda somente pintada na vossa ideia, e vereis que vos é impossível: que força terá logo para atrair o coração do homem a virtude que for na realidade sincera, sólida e constante?»

29 «Não o posso negar,» — lhe disse o conde — «mas que hei-de fazer, tendo o coração que tenho?». «Meu filho,» — responde Misseno — comigo é que falais. Lembrai-vos do que vos tenho dito de mim: não são as vossas paixões mais furiosas que as minhas foram. Porém, pude domá-las, e tenho saído bem da empresa que me propus, que é fazer até dos meus inimigos amigos. Esta empresa é mais nobre que conquistar todo o mundo, porque isso é fazer tantos inimigos, como são os povos conquistados e oprimidos e do modo que eu vos persuado é trazer todo o mundo atrás de vós como amigo.

30 Se Ifigénia se vos mostrava mais indiferente, vós sabeis o motivo; o seu coração, havendo tomado o gosto à virtude, não podia gostar do vício. Assim, quando virdes que alguém não gosta de vós, guardai-vos de lhe fazer mil queixas importunas, porque isso em vez de atrair, afasta. Não há meio mais seguro de alcançar um favor livre, do que armar para isso uma demanda ou dar a entender que se vos deve de justiça. Nós somos, filho meu, por extremo zelosos dos foros da liberdade de que o nosso coração goza; quem se queixa da nossa frialdade, quer-nos citar para o tribunal da justiça, para que lhe demos o coração; e o mesmo é ouvir esta citação, que indignar-nos, e em vez de examinar o direito que nos alegam para amar, trabalhamos por descobrir até as mais pequenas razões para nos defender, mostrando que não merecem o nosso amor. Isto suposto, como o nosso coração é quem finalmente há-de ser juiz desta causa, vede se dará contra si mesmo a sentença.

31 Quando eu reinava na Polónia, certo homem de juízo se prostrou diante do meu trono e havendo feito a reverência do costume, disse assim: «Eu venho, senhor, a pedir-vos uma graça e não tenho que alegar alguma razão que vos obrigue a concedê-la: vós tendes cumprido tudo o que a justiça e a razão ditavam a meu respeito e nenhuma lei, nenhum direito me tem sugerido a minha petição. Porém, se vós ma

quiserdes conceder, ninguém se vos pode opor: será um lance da vossa pura generosidade, tanto mais pura, quanto é mais livre de tudo o que possa dar aparência de obrigação». Este prelúdio me agradou notavelmente: disse-lhe que declarasse qual era a graça que pedia. Fê-lo e concedi-lha, o que certamente não faria se me alegasse direito que não fosse muito sólido. O coração de cada qual, meu filho, é soberano monarca: não haveis de requerer e pedir, queixando-vos. Haveis de mostrar que nada vos devem e tereis mais do que pedis. Se filosofardes sobre o mecanismo do coração do homem, haveis de conhecer que não há toque que mais fortemente lhe impida o amor, de que ver-se injuriado. Ora, quem se queixa de vós, quem vos chama ingrato, injusto, por certo que vos não faz grandes elogios.

32 Meu filho, se quereis que vos amem geralmente, não andeis mendigando o amor, que não há coisa que tanto enfade; fazei-vos amável, e deixai que cada qual faça o que muito quiser. Vós ainda não sabeis a mágica do coração do homem: sem lhe tocar de modo algum, podeis fazer dele o que quiserdes. Em uma cítara ou qualquer instrumento músico, tendes muitas e diferentes cordas; tocai uma que esteja em uníssono ou oitava com a outra, e vereis que treme e soa como se a tocásseis[148], ficando imóveis as outras cordas de permeio, se estão dissonantes. Ponde-vos, pois, em um mesmo tom com o coração de cada qual, conformai o vosso coração com o seu e sem lhe tocar o fareis saltar. A semelhança, meu filho, é o maior encanto do amor: pensai como Deus, obrai como Ele e por força vos há-de amar».

33 «Mas o tom dos corações» — diz o conde — é muito diferente e oposto: se agradar a um, forçosamente hei-de desagradar a todos os mais. Como poderei logo agradar geralmente aos homens? E como poderei agradar aos homens e a Deus?»

34 «Aqui está o segredo desta nobre mágica.» — responde Misseno — «Ainda que há muita variedade nos corações dos homens e muito mais se os comparamos com o do Ser supremo, contudo, há um ponto em que todos são semelhantes e aí é que convém tocar para os fazer saltar a todos. Não há coração nem no céu, nem na Terra que não ame a virtude, a virtude sólida, limpa e sincera, sem ornato, sem afectação, sem fingimento. Deus, quando formou o nosso coração, deu a todos uma propensão inata para o bem, a mesma propensão que tem o Seu coração divino. Tudo o que desgosta o nosso coração é ou vício ou aparência dele, e só a virtude. Lhe agrada, quando é sincera. Em a vendo, o coração nos escapa e vai após dela, e

[148] Esta experiência é verdadeira e admirável: postos dois instrumentos músicos acordes ou num mesmo instrumento duas cordas uníssonas, tocada uma, treme a outra: se estão em oitava tocada se divide em duas de modo que treme por toda a parte excepto no ponto do meio, o que se conhece pondo uns papelinhos soltos e dobrados em vários lugares da corda que todos saltam fora, menos o do meio. Se as cordas estão em quinta, como as suas vibrações então estão na proporção de 2 para 3, a corda baixa se divide por si mesma em três partes iguais, para acompanhar nas vibrações a corda alta, e ferida esta, a baixa toda treme excepto nos dois pontos em que se faz a divisão por 3, e postos os papelinhos soltos, é a experiência evidente.

quando começávamos a ponderar se o objecto era amável ou não, já o coração lá estava muito de antes, sem esperar a decisão do entendimento, atraído pela simpatia da virtude».

35 O conde ouvia toda esta doutrina atento e suspenso. Os olhos estavam fixos, o entendimento absorto, o coração tocado, e, dando um suspiro que saía lá do íntimo da alma, disse: «Lástima grande é que não se ensine publicamente esta filosofia, porque muitos, como eu, em vez de tomar o caminho das paixões para alcançar a felicidade de serem amados, tomaríamos o da virtude para o conseguir realmente».

36 «Não é para a multidão» — disse Misseno — «esta doutrina, porque em um deserto foi que eu a aprendi da célebre Ubaldina. «Depois», me dizia ela, «que conheci o coração humano e a ridícula variedade dos seus pensamentos e caprichos, voltei de norte nos meus intentos e só pus o meu pensamento em conquistar o coração do Autor do Universo; e para me animar a não desistir dessa nobre empresa, me digo mil vezes: "Se tiver a felicidade de agradar a um Deus, que me importa o que disserem quatro vis formigas que saem de um para entrar noutro buraco da terra?" Esta só palavra de Ubaldina me bastou; reflectindo mil vezes nela, vim a adquirir esta filosofia que vos ensino. Sereis feliz, se tomardes esta lição, a qual sem disputar, nem duelos vos fará senhor de quantos corações encontrardes, porque não poderá resistir um coração humano ao atractivo a que nem todo o poder de um Deus resiste».

37 O conde estava pasmado de si e cada vez mais confuso, cotejando a nobreza destas ideias de Misseno com a indignidade dos seus procedimentos. Nisto eram chegados ao estreito; ambos deviam embarcar-se para passarem juntos a Constantinopla. Misseno não o julgou conveniente, porque, havendo o conde de manifestar-se por causa de el-rei de Hungria, seu cunhado, com quem devia encontrar-se, ele, Misseno, em sua companhia não podia ficar oculto.

38 Instava o conde, alegando as suas razões; Misseno, constante, lhe disse: «Filho meu, para vos ganhar o coração, enquanto convosco sempre cedi da minha parte, excepto quando o fazê-lo era danoso à vossa conduta e contrário à minha obrigação, que este é outro meio que deveis usar, se quereis ganhar o coração dos outros, não os contradizer, senão sendo muito preciso. Mil vezes me calei, pensando o contrário do que vós dizíeis, porque nem sempre se há-de disputar em obséquio da verdade, porque também nos pede seus obséquios a paz e outros a urbanidade e a política. Jamais devemos mentir; porém, não é mentir o calar e deixar que passe o engano, quando se não segue prejuízo. Porém, agora condescender convosco seria causar-me um grande dano com mui pouco proveito vosso. Quero ver algumas antiguidades destes lugares famosos na antiga história: vós passai a fazer-vos

encontradiço com vosso cunhado, que não pode vir mui longe. Lembrai-vos de mim para tomar os meus conselhos e para vos arrepender dos vossos erros; para tudo o mais esquecei-vos».

Aqui se desfez o conde em mil protestos que Misseno nem impugnava, e, abraçando-se ternamente, se despediram, ficando Misseno na Ásia, indeciso do rumo que seguiria na sua peregrinação, porque em tudo achava inconveniente.

FIM DO LIVRO XXIII

Frois inv. sc.

Branchmanus Regente da Vngria vem oferecer a El Reij da Vngria. q. seacha em Constantinopla. opunhal Com q. matou justamente pessoa que elle munto amava n.º 21.

LIVRO XXIV E ÚLTIMO

1 Marchavam lentamente as tropas de el-rei de Hungria e o conde voava ligeiro a encontrar-se com ele. E à maneira do novilho bravo e indómito que se escapara do curro e, contente, corre montes e vales, dando-se parabéns da não esperada liberdade, assim caminhava o conde. Adrianopoli foi o lugar em que os dois cunhados se encontraram; e fazendo-lhe o conde uma larga e equívoca narração dos trabalhos que havia padecido, ocultando sempre o motivo deles, realçava com grande artifício o próprio merecimento. El-rei lhe agradeceu urbanamente tudo quanto a seu respeito havia obrado e para que descansasse de tantas fadigas, lhe pediu que quisesse retirar-se à sua corte, onde a rainha, saudosa e magoada, o esperava com impaciência. Fingiu o conde querer absolutamente voltar à Ásia para servir na expedição da Terra Santa, debaixo das suas bandeiras, mas el-rei o obrigou a aceitar a primeira oferta, crendo que a grande amizade que havia entre os dous irmãos seria bastante para premiar o conde e consolar a rainha.

2 Apenas ele partiu para Buda, partiram com ele em forma invisível as Fúrias dos abismos, procurando cada qual delas fazer presa no conde, que até ali tão defendido havia estado com a companhia de Misseno. Conservava ainda o conde a memória das suas máximas e a da palavra que lhe havia dado de observá-las e resistia aos pensamentos com que as Fúrias o assaltavam. Mas semelhante à ligeira lebre que, em campo raso, se vê ao mesmo tempo acometida por todas as partes, por um lado dos podengos, por outro dos galgos, e pelos ares das flechas, achando-se aturdida juntamente com os latidos dos cães, com as vozes dos caçadores, com o zinir das setas e vai como pode escapando, até que ferida mortalmente, se rende de todo, assim sucedeu ao conde, que, enfim, cedeu às flechas do amor, porque esta paixão infernal na forma de um engraçado menino lhe soube ferir o peito com incurável ferida.

3 Incerto sobre a escolha de um de dous caminhos se demorava o conde a perguntá-lo. Então um gentil menino, sorrindo-se, lhe oferecia um pequeno retrato que levantara da terra, do qual nem sabia nem o dono, nem o valor. Recebeu-o nas mãos o conde e reconhece a bela Isabel, dama da rainha, mulher de Branchmanus, palatino de Hungria, a quem André deixava na regência do reino, enquanto estava ausente. E bem como a ligeira faísca que, tocando na fria pólvora, subitamente levanta uma chama desesperada, assim aconteceu ao conde. Este belo retrato se lhe apresenta à imaginação mil vezes no dia, e mil vezes se lhe apresenta de noite. O esquecimento que no tempo das suas viagens o havia amortecido serve agora para lhe dar o realce da novidade. Pára a cada passo no caminho, atento ao ídolo que a sua imaginação lhe oferece e fica imóvel; e nunca beleza alguma lhe fizera semelhante efeito, de sorte que ele mesmo de si próprio se admirava. Assim prosseguiu o caminho saudoso, com

ardente desejo de a ver brevemente. A saudade e ânsia degenera em furor; porém, pouco depois, repentinamente alienado, serena o passo: a imaginação lhe representa que a vê, que a saúda, que lhe fala, e que a dama lhe corresponde com um sorriso agradável, com o qual enlouquece e se transporta. Deste modo, o amor o entretém com a mais agradável cena e absorto não sabe governar o ginete que o leva, mas o amor o conduz e o encaminha.

4 Os criados que o seguem vão admirados, vendo que seu amo ora pára de repente no meio da estrada, ainda de dia, ora corre à rédea solta por entre precipícios, ainda de noite, e não podem descobrir a origem de tal loucura. De quando em quando, ouve risadas femininas, um bater de palmas com grande regozijo e dar vivas como de grande vitória, olham em redondo e se vêem num descampado: assim é que celebravam as infernais fúrias a sua vitória. Sentem ao longe e ao perto arrancarem-se as antigas árvores com um furacão violento, os fortes troncos estalam, a poeira, a terra, os fragmentos das árvores, tudo se revolve nos ares, tudo é arrebatado com fúria e ninguém resiste; mas só o espaço por onde caminha o conde está sereno e intacto. As nuvens negras e espessas se revolvem e como que dançam nos ares, atirando mutuamente lanças de fogo, como nos torneios e justas, e em lugar de festivas bombardas, soavam trovões formidáveis. Mas o conde, absorto na sua contemplação amorosa, não altera o passo, nem volta a cabeça aos lados. Isabel lhe vai sempre diante dos olhos, Isabel lhe ocupa o pensamento e a alma, Isabel lhe dirige o coração e os passos.

5 Entretanto, o anjo protector da Polónia prepara às paixões triunfantes mais cruel batalha e dispõe para Misseno vitória mais completa e mais gloriosa. Por ordem suprema, vai escrever no livro do celeste destino que Vladislau comunique a Lesko e a toda a Polónia as luzes que do céu recebera: e por uma presa, que é abandonada às paixões violentas, mil outras muito mais preciosas são postas em salvo, bem como faz o prudente pastor, que deixa junto do laço a rês macilenta e já moribunda para atrair a voracidade do lobo, salvando, entretanto, de seus dentes famintos o numeroso rebanho.

6 Com este desígnio deixa o anjo as celestes esferas e, batendo as asas de neve com um movimento sereno e ligeiro, vem atravessando todos esses imensos espaços do céu estrelado. Entra no espaço por onde os planetas e cometas, em perpétuos e invariáveis giros, fazem cortejo ao sol que lhes preside e, valendo-se de um astro costumado a ser temido como anúncio de grandes sucessos, o manda sobre o hemisfério terrestre para ser ministro de seus intentos[149].

7 Aparece o cometa sobre Bitínia, e Niceia lhe fica a prumo; porém, a cauda majestosa se estende até à Polónia, passando sobre Constantinopla e Buda, e se dirige

[149] Era naquele tempo sumamente funesta a aparição dos cometas, porque é muito moderno o descobrimento de serem astros regulares, cujos períodos constantes por serem muito grandes deixam o astro muitos anos invisível pela distância que tem de nós, movendo em elipses muito oblongas.

a Cracóvia. Assustam-se os povos, mas os soberanos, por serem o ordinário objecto dos seus presságios, ainda mais se assustam. Cada qual vigia sobre si e cuida em segurar a coroa, como se as forças humanas pudessem resistir à inelutável decisão dos céus. O imperador de Niceia é o mais assustado, porque imagina ver iminente sobre a cabeça a sua perdição, e as fúrias dos abismos perseveram e se esforçam a perder o herói e querem valer-se do terror pânico que acham em Teodoro Láscaris, para acabar de vez com o seu geral inimigo. Vê o Ministro Celeste claramente os seus desígnios e, zombando de todos os seus esforços contra os decretos da providência, lhe deixa a rédea quasi solta, para que trabalhem sem o saber na execução dos divinos intentos, seguro de poder refreá-las a tempo com o mais ligeiro movimento do Celeste braço. Exultam os abismos com a não esperada liberdade e saem todas as Fúrias em tropel, embaraçando-se umas à outras na saída das cavernas subterrâneas, bem como as furiosas vespas, quando lhes rompem o cortiço. Cada qual toma o caminho que o furor lhe sugere e sem ordem, nem harmonia, sem consulta, nem conselho vão dar assalto ao coração de Misseno que, sossegado, andava pela Bitínia, buscando um retiro para acabar em paz os seus dias, vivendo, como quando estava junto de Akerman, do seu trabalho e do campo; e irresoluto aqui passou alguns tempos, sem se resolver a partir para a Europa.

8 A cobiça se apodera dos salteadores que vagavam por toda aquela região e procura que Misseno lhes venha a cair nas mãos, para que seja vítima da sua crueldade, já que não o podia ser da fome de riquezas que nele não achariam. O temor se vale da boa disposição que achava no coração de Teodoro e por meio de um valido lhe faz saber que poucos dias antes haviam encontrado o príncipe da Polónia disfarçado, pensativo e vagando de uma a outra parte, como quem observava o país, já retirando-se à sombra dos bosques, como quem oculta os desígnios, já passeando por campinas e outeiros, como quem quer descobrir mais ao longe de que pudessem ir os seus passos.

9 Então, esta paixão lhe forma mil discursos funestos que o assustam e inquietam, porque cada noite ele vai observar o cometa e, na sua cauda, vê todas as figuras e formas que o susto lhe representa. Foge-lhe dos olhos o sono, do coração a paz, do semblante a natural alegria. Perturbado, não se entende a si mesmo, ora condena a Misseno, ora acha inculpável; umas vezes crê sem poder duvidar que é seu mortal inimigo; outras, nenhuma dúvida tem que é um príncipe inocente e amigo da paz. Luta consigo, e consigo mesmo se embaraça e enreda, de sorte que o seu coração num perpétuo labirinto, indeciso e indeterminado, como se estivesse sobre as grelhas, arde e se revolve, multiplicando a cada movimento a sua angústia, até que toma a resolução violenta de fazer que Misseno saia logo de seus estados. Manda as suas tropas que o busquem e, sem atenção a discurso algum verdadeiro ou falso, o conduzam bem guardado a Constantinopla.

10 Ignorava a Fúria que inspira aos mortais a tristeza o que as mais haviam disposto; e para atacar o herói em si mesmo, mandou outras que lhe estão subalternas para preparar o assalto. Umas escurecem o dia e fazem que a noite venha com passos acelerados; outras, em figuras enganosas, lhe representam grandes árvores no meio da estrada real para que deixe o caminho. As trevas se condensam, a noite se cerra: de uma parte ouve bramidos de leões, como se estivesse na África, da outra, os silvos das serpentes; daqui os urros formidáveis dos ursos, dali os uivos dos lobos, que faziam nos vales os mais tristes ecos que jamais os seus ouvidos ouviram. Seguem-se horríveis espectros que lhe aparecem nos ares: vê a alma de Neucasis, despedaçando-se furiosamente com os dentes e ameaçando-o como causa originária da sua infelicidade. Os cabelos se lhe eriçam, o coração lhe palpita, os membros se lhe esfriam.

11 Estando, pois, Misseno assim disposto, a tristeza o investe, trazendo-lhe à memória todos os trabalhos passados e lhe figura mil outros possíveis, não só como futuros, mas como se já estivessem presentes; perturba-lhe o entendimento e nele ofusca-lhe a razão; um vapor negro lhe escurece as máximas em que se estribava para nada temer e uns negros monstros de feiíssimos pensamentos contra a providência começavam a sair lá dos abismos. Eis que o anjo que o protegia, reprimindo a violência desta Fúria, lhe infunde um doce e suave pensamento, com que viu o horror do precipício: fez pé atrás e resistiu valorosamente contra as paixões que assim o investiam, e se disse a si mesmo:

12 «Que tumulto interno é este que vejo em mim? E que é o que temo? Perder a vida? Eu seria indigno dela se temesse o perdê-la: se nunca conheci este temor para que o admito agora? Porventura, tenho algum direito para viver neste mundo? Ou quando o tivesse, seria acaso o de viver para sempre? E quando se fez injúria a um mortal em lhe pedirem o tributo da morte? Acaso não sei que não depende da vida, nem da morte a minha felicidade? O que unicamente desejo só depende de obrar sempre bem e de forma, que consiga a aprovação da Sabedoria Suprema, a amizade do que é sumamente feliz». Isto disse e, qual fatigado caminhante que se lança com todo o corpo no brando leito que o espera, assim Misseno, lançando-se nos braços da suprema providência, prosseguiu no meio dos perigos e dos horrores, cantando suavemente os motetes que a sua filosofia havia composto.

13 Poucos passos tinha dado, quando o encontram os soldados do imperador que o procuravam. Informam-se dele e responde, com candura, que ele é o príncipe Vladislau, cujos indícios buscavam. Duvida o chefe, estranhando a franqueza; repete Misseno que lhes fala a pura verdade, e quando lhe intimaram entre mil perdões a ordem do seu soberano, lhes disse urbanamente: «Nada há mais justo que obedecerem os vassalos aos seu legítimo príncipe; e eu vos não estimaria, se não executásseis as ordens do imperador. Em vez de me ofenderdes, me fazeis um grande serviço e podeis na volta certificar ao vosso soberano que lhe agradeço a guarda real com que me faz acompanhar,

que é escolta bem necessária no tempo em que os salteadores infestam todos os caminhos». Deste modo foi Misseno conduzido a Constantinopla, quando André, rei de Hungria, estava muito perto dessa capital e tudo se preparava para recebê-lo.

14 Entretanto, Lesko vivia fatigado com importunos cuidados sobre o governo do seu povo, naturalmente orgulhoso, inconstante e descontente. Embaraçava-se com as rédeas do governo, desejava braço mais forte ou mão mais destra para manejá-las: uma viva saudade de Vladislau despertava esta pena. Porém, ao mesmo tempo achava (sem saber pelo que) no fundo do seu coração uma esperança de que ainda havia de gozar da sua companhia, e se não fosse para largar na sua cabeça o peso da coroa, ao menos para receber dele o socorro no manejo do ceptro.

15 Um dia, em que mais aflito passeava no seu quarto e meditava como se poderia fazer a si e ao seu povo feliz, se lhe representou num espelho a figura de seu pai Casimiro, ornado com opa real, preciosa e refulgente, coroado de louro e de flores, amado dos vassalos, estimado dos vizinhos e invejado pelos estranhos. Sucedeu, porém, que uma seta perdida o feriu no coração e viu Lesko que Casimiro perdia não só a formosura do rosto e alegria do semblante, mas também a beleza e preciosidade da púrpura. Os belos e cândidos arminhos se convertiam em peles de ursos e animais vis e imundos; as cores vivas dos matizes em feiíssimas manchas; e a coroa e ceptro de ouro em pesadas e vis cadeias de ferro que o prendiam e arrastravam; e nesse estado o viu entrar por uma sala magnífica, onde depois de danças e regozijos se dava uma ceia esplêndida, igualmente preciosa pelas iguarias e ornato das mesas, que pela formosura das damas que assistiam. Entre todas realçava a bela e casta Iria, a quem Casimiro particularizava nos carinhos: advertiu, porém, que estes favores não reverberavam na face da dama, como costuma suceder, nem a tornavam alegre e vaidosa: antes nela faziam um efeito contrário, pois dava a conhecer que a importunidade deles a ofendia. Mas ao levantar-se da mesa, Iria viu que oferecia a Casimiro um ramalhete de flores, afectando agradecimento e amor, e que ele, absorto com este não esperado favor, o chegava repetidas vezes ao olfacto, e pouco depois desfalecido caía morto. Então reparou que Iria ficava com um ar de satisfação, como quem respirava de alguma opressão importuna[150].

16 Afligiu-se Lesko com esta ideia que lhe lembrou a triste morte com que seu pai havia terminado uma vida admirável, por se haver deixado levar da paixão do amor. Não teve, porém, Lesko muito tempo para se ocupar com memórias tristes de seu pai, vendo-se a si próprio entrar na cena que lhe oferecia o espelho. Via-se caminhando por uma estrada direita com bastante trabalho e fadiga, mas que ela se terminava em mil enredos, despenhadeiros e labirintos e que, estando já próximo a precipitar-se, uma voz celeste o suspendia. Era de um monarca venerando que,

[150] F.-P. Dalairac, *Anecdotes de Pologne*.

coroado de luzes e resplendores, conduzia pela mão a Vladislau e lhe dizia com um tom amoroso e de império: «Não dês mais um passo, amado neto, sem tomar este guia, se é que não queres precipitar-te: ao céu o tens pedido, o céu to concede. Se fores fiel em segui-lo, tu e o teu povo, gozarás da sólida felicidade». Isto disse e desapareceu a visão do espelho, ficando Lesko igualmente confuso e consolado: confuso pela ignorância do modo com que buscaria a Misseno, consolado pela promessa que Boleslau, seu avô, lhe fazia.

17 Continuava ainda a aparecer o cometa e a sua cauda sempre dirigida à Polónia persuadia a el-rei que a ele se encaminhava ou o funesto ou o agradável anúncio, segundo a errada opinião daqueles tempos. Mas a representação misteriosa lhe tirava todo o susto e, vendo que o cometa se avizinhava, o observava com alvoroço. Consultava os astrólogos, guardando no peito o segredo importante, e todos lhe diziam que pois o cometa aparecia sobre Constantinopla, aquela capital seria o teatro dos estragos que aquele astro funesto anunciava.

18 Um interior impulso persuadia a Lesko que fosse a Constantinopla, pois o coração lhe dizia que lá estaria Vladislau. Mas a situação do seu reino não lhe permitia que intentasse uma tão longa viagem, particularmente havendo de passar pela Hungria, cujo soberano ausente podia interpretar a mal que um seu vizinho viajasse pelos seus estados em situação tão crítica. Contudo, a ideia de que Vladislau se avizinhava, cada vez se confirmava mais no pensamento de Lesko e determinou seguir a estrada de Constantinopla até os confins do reino e fazer alto nos montes Krapatz, que o terminam.

19 Neste tempo, já el-rei de Hungria se preparava para passar à Ásia, atravessando o estreito, e já parte das suas tropas o haviam passado, quando, inesperadamente, se encontrou com as do imperador de Niceia, que tinham vindo acompanhar a Misseno. A desconfiança que costuma reinar nos soberanos, quando estão fora dos seus estados, obrigou a André a que se informasse do desígnio daquelas tropas estrangeiras, e soube que um príncipe da Polónia se achava ali de passagem, não obstante o segredo que Misseno lhes pedia; e, assim, foi-lhe preciso a Misseno ver-se com André, rei de Hungria, e confessar-lhe o temor pânico do imperador de Niceia. Estimou André o encontro para tomar informação da Ásia e do que obrava o sultão de Icónio.

20 Quando mais embebidos estavam nesta conferência, chegou de improviso Branchmanus, palatino de Hungria, a quem el-rei deixara o governo do reino durante a sua ausência. Era o palatino homem de probidade notória, el-rei o amava como merecia, os grandes o respeitavam, o povo o temia: não estava trémula nas suas mãos a balança da justiça e a espada, sempre recta, servia-lhe ao mesmo tempo de regra para premiar os bons e arma para punir os maus: o braço constante que a empunhava nem conhecia furor no castigo dos crimes, nem diferença nas pessoas dos delinquentes. As leis eram a sua guia, o bem público o seu Norte, a prudência e a constância os seus passos. Este homem, pois, se apresenta diante do seu soberano

e de Misseno e, feitas as cerimónias devidas de uma parte ao ceptro, de outra à amizade, disse desta maneira:

21 «Convém, senhor, que vos dê parte da pronta e fiel execução de vossas ordens. Ao sairdes da corte, quando deixastes nas minhas mãos já trémulas e cansadas o vosso ceptro, me ordenastes que fizesse justiça recta e igual, sem excepção de pessoa: o contrário nem vós o podereis mandar, nem eu obedecer-vos. Como o ordenastes, assim o executei numa pessoa muito grande, a quem eu mesmo acabo de tirar a vida, porque não merecia menor pena o seu crime. Agora venho apresentar-me para que vos vingueis em mim, se acaso protegeis, como ela, os delitos». «E quem foi?» — pergunta el-rei, alterado. «A principal dama do paço, N., que vós estimáveis.» — diz o palatino.

22 Não causa maior efeito o raio, quando fende o alto cedro, do que estas palavras causaram no ânimo de el-rei. O sangue todo lhe acode ao peito, fica-lhe a face pálida, o semblante perturbado, o entendimento confuso. Estava Misseno emudecido, mas o palatino, com ar desembaraçado, sangue-frio, ânimo constante, imóvel, destemido. Tanto, porém, que o primeiro assombro deu lugar às vozes, el-rei, subjugando o coração com toda a força do seu ânimo, disse com a voz trémula: «Continuai e dizei o motivo, porque eu não protejo delitos, nem conheço vingança, senão do verdadeiro crime: e vós deveis ser ouvido». Então o palatino prosseguiu deste modo:

23 «Isabel, minha esposa, servia à vossa com a fidelidade e amor que devia à sua soberana; e nesse tempo o conde de Morávia teve a ousadia de olhar para minha mulher com olhos que não devera, mas achou nela uma resistência digna da sua virtude, digna da minha honra. Prudente e virtuosa, deixa o paço por alguns dias, pretextando enfermidade, e cuidava que com o tempo se apagaria o fogo e que a separação faria esquecer as primeiras ideias. Mas nada menos, porquanto a virtude serviu de mais lhe irritar o empenho, bem como faz o furioso touro, que mais empenha a fúria da sua armada contra os troncos que mais resistem à sua ferocidade. Não podendo o conde por modo algum abalar a sólida virtude de Isabel, se valeu do engano e traição, pequenos crimes para quem já tinha o coração tão danado. Como pudesse urdi-lo, ignoro: sei, porém, que convidaram minha esposa para lhe comunicar em cartas que de Vossa Majestade vieram para mim (que até o vosso sagrado e augusto nome serviu ao mais nefando crime). Com este pretexto, se viu conduzida a um gabinete secreto, onde a deixaram e, sem saber como, se achou fechada. Eis que vê dentro o conde infame, assusta-se, enche-se de horror e lança-se por uma janela que caía sobre os jardins e nos braços de uma árvore, que a feriu e rasgou, pôde salvar a vida que, atirando consigo pela janela fora, já tinha sacrificado à honra. Foi, porém, vista, e neste estado se retira a sua casa e entra no meu quarto.

24 Vejo o seu semblante mudado, os olhos chorosos, o rosto ferido e, mais que tudo, a alma aflita. Vejo, admiro-me, pergunto, mas os lábios lhe tremem, as lágrimas

rebentam e as palavras se sufocam no peito. Pergunto outra vez e, ao querer dar-lhe testemunho da minha terna amizade e compaixão, abraçando-a, vejo que, cheia de um terno furor, me diz: «Retirai-vos de mim, caro e infeliz esposo, que já não sou digna do vosso amor. E se me quereis dar prova do grande que me tivestes até agora, peço-vos que com este punhal me tireis a vida, porque não posso suportar o horror que de mim mesma tenho concebido. Sabei que uma dama N. acaba de me querer sacrificar com a mais horrível traição, à cegueira do conde, e por felicidade minha devo a uma janela a honra, a uma árvore a vida; mas fui vista e agora já se não pode ocultar que vossa esposa foi objecto de olhos impuros e que esteve em perigo de o ser de mãos violentas. Morro de horror do crime só intentado; o pejo, a cólera, a honra, o amor que vos tenho, tudo tem o meu entendimento em confusão, eu estalo de pura dor. Fujam de mim os céus que me viram; fuja a terra, que me sustenta, fujam os abismos cheios de horror, que se escandalizam de mim; fugi, esposo infeliz. Porém, antes que vos retireis, peço-vos que por vossa honra e também por meu amor — mas amor não… Porém, seja amor ou seja desafogo, fazei que deste corpo infeliz possa fugir a minha alma»: e neste momento cai a meus pés desfalecida, com este punhal nas mãos. Julgai senhor, a minha dor». Aqui algum tanto se turbou o palatino e os olhos se lhe arrasaram. Porém, recobrando com novo esforço o tom em que principiara, acrescentou logo: «Mas não, não olheis à minha dor, olhai unicamente para as leis, olhai para o delito.

25 Eu, encarregado da vossa obrigação, deixo a minha esposa por terra, pego do punhal que me oferecera e corro ligeiro a buscar o delinquente. Porém, a fugida (que o condena) o tinha posto em salvo: encontro a dama, vê-me irado, perturba-se e ou fosse que o semblante se lhe mudasse, ou que se mudassem os meus olhos, pareceu-me que na face lhe via o delito. A paixão me cega de todo, nem atendo à prudência para examinar as conjecturas terríveis, nem ao decoro do paço: eu não vi mais senhora, vi uma cúmplice, e de um crime de que eu devia por minha infelicidade ser parte e por vossas ordens juiz. Vi-a e com este punhal fiz a justiça que então me pareceu ser devida. Agora aqui o tendes, senhor: fazei dele o uso que vos parecer justo que para mim nesse estado nem a morte é castigo, nem a vida mercê. Nada detesto senão os delitos e não desejo senão a justiça e a virtude».

Assim acabou Branchmanus, ficando el-rei suspenso, Misseno mudo e o palatino de joelhos, com o punhal ensanguentado na mão, oferecendo-o ao seu soberano, em acção de pedir a morte[151].

26 Apenas podia el-rei suster o interno ímpeto com que todas as suas paixões a um tempo lhe impeliam o coração. O semblante imóvel afectava a paz, mas a lín-

[151] Bonsinius, *Decades Rerum Hungaricarum*, 2. p. 277: outros querem que esta morte fosse por conjuração dos húngaros, descontentes por ver que se davam todos os cargos honoríficos aos alemães e não aos nacionais, e alguns querem que morresse antes de el-rei partir. A primeira opinião é mais acomodada ao intento desta obra.

gua trémula não podia pronunciar com serenidade a resposta que o entendimento ditava. Foi ela concisa, justa e adequada. «Voltai» — lhe disse el-rei — «retirai-vos à corte e continuai na administração da justiça, até que eu com a maior brevidade volte, para lá julgar este caso, com a prudência que ele pede. Entretanto, eu entrego o assassino em custódia à sua própria honra e a da defunta a confio ao vosso fidelíssimo segredo». Então, tomando a Misseno pela mão, se retirou ao seu gabinete, para desabafar com ele o seu coração aflito.

27 Deixou Misseno desafogar toda a angústia de el-rei que, meio louco, não sabia governar as suas palavras, nem moderar os movimentos, semelhante ao que deixa evaporar todo o fumo do incêndio abafado para ver como há-de apagar a origem dele ou como o prudente cirurgião que não aplica remédio algum à chaga, sem deixar primeiro sair todo o sangue extravasado. Tanto, porém, que depois de largo tempo el-rei esteve capaz de ouvir a Misseno, este, com prudência, começou a falar das desordens dos outros, querendo com política e indústria insensivelmente acautelar as que podia fazer el-rei no caso em que se achava, e lhe disse assim:

28 «Aqui se vê, amigo, quão perigoso é deixar-se um levar da sua paixão, ainda quando ela é justa e inocente, porque sempre o ímpeto dela nos faz passar a algum excesso. Que movimento mais inocente pode ter o coração humano, que o amor entre irmãos, o amor conjugal e o amor da justiça? E, contudo, vemos que este amor sem governo conduziu essa dama ao mais abominável excesso e o palatino a uma acção a mais violenta e inaudita. Tudo tem seus limites e sempre se há-de consultar a razão, para se não passar deles. A experiência larga me tem ensinado que todo o excesso é nocivo; o do mal é mais feio, porém, o do bem é mais perigoso. O excesso no mal afugenta com horror, o excesso no bem nos engana e atrai com a sua aparente formosura e mais perigoso é o inimigo disfarçado, do que aquele que nos acomete às claras.

29 O demasiado amor da justiça, já de recuperar o que é nosso, já de castigar a injúria, quantas guerras não tem causado? Que rios de sangue não temos feito correr? Que cidades não temos reduzido a cinzas? Que famílias não temos deixado sem pais? Que miseráveis sem pão? Só por querermos reduzir os nossos inimigos a um ponto que, sim, era justo, mas que na balança da boa razão não valia a milésima parte do mal que por causa desse amor da justiça fizemos? Eu, depois de mil discursos e reflexões maduras, feitas já no retiro dos campos, já nos encontros do povoado, assentei firmemente comigo observar duas máximas. Primeira: *Examinar tudo em balança justa e jamais admitir coisa alguma, sem a ver por ambas as faces.* Infeliz do que se deixar levar pela primeira face das coisas, porque quase sempre será enganado. A segunda é: *Não levar coisa alguma a um ponto excessivo, porque, no excesso, até a virtude degenera em vício.* À força de afinar a corda estala, de limar o ferro se gasta e de querer subir muito, se escorrega e cai. Com estas duas máximas me tenho conduzido: e nunca me arrependi de ser, ainda no bem, moderado».

30 Aprovou el-rei os conselhos de Misseno e com ele consultou as circunstâncias que mais o embaraçavam neste caso, ao que Misseno respondia, calando sempre as razões de queixa que tinha contra o conde, por não dar desafogo à paixão de vingança, a qual disfarçadamente obra sempre em nós, posto que encoberta com pretextos inocentes. El-rei, achando em Misseno um conselho tão prudente e tão grande experiência de negócios delicados, queria, mas não ousava, pedir-lhe que, havendo de retirar-se à Polónia, quisesse ir em companhia do palatino, para conter a sua suma severidade e sossegar os povos que talvez estariam em grande fermentação por este sucesso. Não foi preciso muito para que Misseno percebesse o desejo de André e não quis negar-lhe este gosto; e partiu com Branchmanus para a Hungria.

31 Era grande o cuidado que dava ao palatino a regência do reino em caso tão delicado: e toda a diligência, toda a apresa lhe parecia vagarosa. Tinha deixado as suas ordens interinas e ignorava o que na sua ausência teriam feito os descontentes. Estimava a autoridade e conselho de Misseno e com ele consultava o modo de governar com justiça e suavidade. Os brutos da sua carruagem pareciam correr mais velozes que as nuvens nas asas dos ventos; as cidades e vilas apenas eram avistadas ao longe, logo passavam pelo lado e, ficando atrás, se perdiam de vista. Porém, ainda voava mais ligeiro que eles o espírito invisível da tristeza, que temia que Misseno entrasse na Polónia. Esta Fúria, pois, vai adiante a preparar-lhe novos embaraços. Já a Romênia lhes ficava muito distante, já haviam atravessado a Bulgária, já pisavam a Sérvia e, atravessando o Danúbio, onde ele, lutando com o rio Sava, o subjuga e envolve nas suas águas e arrebata, arrastando-o pela terra até finalmente o ir lançar no mar Negro, e chegavam enfim a Belgrado.

32 Eis que encontram um postilhão, que vinha de Morávia para a princesa Sofia, dizendo que corria voz e fama que o conde se havia morto a si mesmo. Voltara ele da corte de Hungria sumamente melancólico, furioso e desesperado, e diziam que com veneno se havia tirado a vida. Esta notícia não esperada fez bem contrário efeito em Misseno e no húngaro: este trasbordava de gozo, Misseno ficou por algum tempo absorto na compaixão de semelhante desgraça. «Ah, meu filho!», dizia, e as lágrimas lhe sufocavam as vozes, «Triste princesa Sofia e que amargos são os dias de tua vida!». O palatino estranhava o motivo de tão vivo sentimento e não poda concordar tão grande amor do conde, com tão grande oposição nas máximas e nos costumes, e não tinha assaz expressões para afeiar o horror desse humano monstro. Misseno lhe declarou então todo o cuidado que havia tido para o fazer ditoso e repassava todos os trabalhos que para esse fim havia padecido durante os onze meses em que o tinha acompanhado, não se podendo consolar da sua perda. Então o palatino, cujo coração inflexível se não dobrava com a compaixão das fraquezas alheias, exagerava a ingratidão do conde e lamentava a infelicidade de Misseno, havendo tomado sem fruto tão árdua e tão penosa empresa.

33 Este discurso do palatino fazia grande impressão no ânimo de Misseno e, enquanto iam desde Belgrado a Buda, corte de Hungria, ia continuando na mesma persuasão. A Fúria da tristeza lhe arrumava as ideias e compunha de sorte as palavras que inspiravam a Misseno o desalento e certo horror a tudo que era sacrificar o próprio sossego à felicidade alheia. «Não é prudência» — dizia o palatino — «preferir o bem alheio ao próprio e a felicidade dos outros, à nossa própria felicidade, da qual, segundo os vossos princípios, estamos seguros. Quem houve jamais no mundo que, estando certo de ter a completa satisfação de seus desejos, seguindo em tudo as máximas da virtude e do dever, os levasse ainda avante, para empreender o que é quase impossível? Pois como tal reputo eu o querer domar as paixões alheias ou ensinar aos que têm carácter brutal as máximas da razão. Se eu admitisse que o fado tinha domínio nas acções dos mortais, crera sem dúvida que ele era quem vos infundiu (permiti, senhor, que vos fale com esta franqueza e liberdade), quem vos infundiu a desgraçada ideia de fazer a outros felizes, e isso em um mundo desgraçado. Recusastes uma coroa e ser servido dos povos que vos amavam, e empreendestes servir um louco que veio a ser o vosso perpétuo tormento e que até depois de morto vos tiraniza! Aí tendes um ditame que a experiência vos dá; e se quereis honrar a Hungria com a vossa presença, el-rei, meu amo, terá um gosto infinito em que aceiteis uma casa de campo nas vizinhanças de Hermanstad, onde podereis viver como for vosso gosto e seguir os vossos ditames. Em todo o mundo não há país mais adequado que a Transilvânia para uma vida filosófica e retirada, e junto desta sua capital, tendes, senhor, no sítio que vos ofereço, a solidão voluntária, e ao mesmo tempo a companhia dos cavalheiros daquela cidade, toda a vez que quiserdes admitir-lhes os seus obséquios e honrá-los com o vosso serviço. Se eu tivesse, como vós, a filosofia de ser feliz independente do mundo e da fortuna, não pensaria senão a separar-me de tudo, pois que os homens só podem diminuir ou embaraçar a nossa felicidade».

34 Escutava isto Misseno e advertiu que, durante este discurso, a sua compaixão havia degenerado em tristeza, a tristeza em desalento, e que este lhe causava perturbação na sua alma. Achava o coração fora daqueles eixos em que pacificamente costumava revolver-se para todos os seus movimentos e por aqui conheceu que aqui a paixão dominava e havia arrastrado após de si a razão. Não quis responder ao palatino, sem ter a sua alma em paz, e diferiu a resposta para quando chegassem à corte, semelhante ao caçador que não quer apontar o tiro, sem primeiro parar o bruto, em que ia correndo, ou ao caminhante que, sentindo vágado na cabeça, se assenta a esperar que sossegue, para sem perigo dirigir os passos. Chegam enfim a Buda e acham tudo em sossego.

35 Eis que no maior silêncio da noite, fosse sonho ou não, uma figura celeste se apresenta aos olhos de Misseno: a abundância da luz lhos ofende, porém, ao mesmo tempo uma suave consolação se lhe apodera da alma, de sorte que em suma paz o

seu coração podia serenar, não só os movimentos que de antes o perturbavam, mas o ruído que agora lhe faziam os sentidos com objecto tão desusado. «Eu sou Boleslau, teu avô,», lhe diz, «e ainda que habito as esferas celestes, não me esqueço dos meus amados vassalos e menos dos meus descendentes. As lágrimas de Lesko, teu primo, me têm enternecido e a tua heróica empresa de aprender a triunfar em repetidos e cruéis combates das tuas paixões, me tem sido muito agradável. Porém, o que mais tem realçado o teu merecimento é o sacrificares o teu sossego à felicidade dos outros. Sabe que nada tens perdido, ainda que se frustrassem no conde os teus desejos, porque o Altíssimo te concede por um infeliz rebelde a teus avisos, muitos que te serão dóceis e obedientes. Tu serás em Polónia o instrumento da pública felicidade, o que aumentará também a tua. Não temas, que quem te escolha para derramar sobre os mortais a abundância de seus tesouros, não te privará deles, porque a luz que por ti há-de passar para alumiar os cegos, primeiro há-de ilustrar a tua alma, e a força superior que por meio da tua mão há-de confortar os demais para subjugarem as paixões, não te deixará ceder às tuas, nem serás vencido dos teus inimigos. Este sinal te dou para crer que sou quem te fala. Nas montanhas acharás a teu primo, que te espera, e uma águia te conduzirá até te encontrares com ele». Isto dito, desapareceu Boleslau, ficando Misseno resoluto a obedecer sem demora às ordens do céu.

36 Esperava o palatino o dia para saber de Misseno a resposta sobre a oferta que lhe havia feito. Porém, Misseno, com ânimo agradecido, a rejeitou, dizendo-lhe desta maneira: «Nada perde do merecimento uma oferta, quando sabe apreciá-la quem por justas razões a não aceita. Sabei, pois, que eu renuncio à vida solitária e escondida, e vou buscar a minha pátria, onde poderei ser feliz e fazer outros felizes. Pode ser que os meus conselhos, que foram inúteis no conde, frutifiquem nos meus compatriotas, porque não é estranho que o lavrador que saiu mal de uma sementeira, mude de terreno e intente a segunda, esperando que ela só lhe compense o trabalho de ambas. Muito pequeno coração tem quem se ocupa todo com o seu próprio interesse. Se cada homem fosse criado em seu planeta diferente, sem ter comércio com os demais homens, nem dependência deles, então seria louvável que atendesse só a si próprio, pois todo o cuidado alheio seria ridículo e inútil. Sendo, porém, os homens todos membros de um corpo civil, Deus os fez mutuamente dependentes, para que uns aos outros se sirvam. Ora, creio que nada pode fazer um mortal, em que mais se assemelhe a Deus, do que o ser instrumento da felicidade dos outros, e quem, por atender ao seu repouso, sacrifica a pública felicidade à sua inacção condenável, é um tirano bárbaro que deixa perecer os demais na fome universal do bem, por não estender um dedo a mostrar-lhes o caminho por onde podem achar o sustento. Acresce que a minha pátria é minha mãe e se esta, na sua decrépita decadência, necessita do meu socorro, como poderei sem piedade negar-lho? A razão o não sofre, e se me prezo de homem racional, não

devo fazê-lo. Vós ficai em Buda, porque a vossa obrigação assim o pede; eu me retiro a Cracóvia, porque isso pede a minha. Faça cada qual o que deve, e ambos seremos felizes». Isto disse e, despedindo-se do palatino, que achava tudo em paz, partiu para a Polónia.

37 Apenas Misseno partiu, uma águia extraordinária se lhe apresenta diante dos olhos para lhe dirigir o caminho: e então Misseno, vendo o sinal prometido, se confirma da visão celeste. Voava o pássaro ligeiro e sem que Misseno se esforçasse, o caminho desaparecia: as estradas como que se abriam de novo em linha direita, os montes, humilhando a sua altiva cabeça, se abatiam e prostravam para obedecer às ordens supremas, os vales soberbos e vaidosos de lhe darem passagem se levantavam, igualando-se com os outeiros. Nem o sol ofendia, nem os ventos molestavam, nem os brutos desfaleciam e, deste modo, caminhava Misseno e em menos de um dia se achou nas fronteiras que dividem a Hungria da Polónia. Estas montanhas que se levantam às nuvens são uma trincheira que mutuamente defende a um povo da invasão do outro, e a neve, que perpetuamente as coroa, as faz até por esse modo impenetráveis; mas sem saber como, Misseno, e Lesko se encontraram no mais alto delas e, sem se haverem avistado ao longe, se toparam mutuamente.

38 Lesko não podia crer a seus olhos, porquanto a fisionomia de Misseno estava mudada, mas o coração às cegas o conhecia; e a sua figura, causando-lhe uma súbita alegria, lhe anunciava ser Vladislau. Misseno não podia desconhecer a pessoa de el-rei, porque o semblante, a figura, o trem davam a conhecer a Lesko, e vendo que os pensamentos dele lutavam com o coração nas trevas da incerteza, se adiantou a abraçá-lo e a dar-se a conhecer.

39 Lesko ficou emudecido, porque a enchente rápida da alegria que lhe inundou o coração lhe suspendeu a fala. Porém, com os olhos e com os abraços declarou o júbilo de seu coração. Misseno, enternecido e cheio de respeito, ora queria corresponder-lhe às demonstrações de amizade, ora se acobardava a fazê-lo, porquanto o parentesco e a majestade, o amor e o respeito disputavam qual devia levar-lhe a maior atenção, dando, porém, a estes afectos o lugar e desafogo que devia, falou desta maneira:

40 «Não me confundais, senhor, com as excessivas demonstrações de vossa amizade e carinho, porque não cabe no coração de um vassalo a correspondência a tamanha honra. Estou bem certo do vosso amor; porém, não o estou do meu merecimento, porque ignoro se a minha peregrinação e resistência aos desejos da minha pátria vos foram ou não desagradáveis».

41 «Tanto mais as aprovei,» — respondeu el-rei — «quando as tenho sentido. A vossa razão foi prudente, porém, a minha saudade foi justa e nem o sentimento me cegou o discurso, nem as razões deste curaram a chaga que no meu coração tinha. Verdade é que a vossa ausência fez uma incrível falta ao meu e vosso Povo. Porém, como se encaminhava a vosso bem, o meu amor não podia prescindir dele para vos

condenar. Agora, porém, conheço que tudo foram traças da providência, encaminhadas à pública utilidade, porque os povos pela falta que lhes fizestes, aprenderam a estimar-vos. Os contínuos votos que por esse fim tem feito ao céu o dispuseram para seguir os vossos conselhos, no que eu serei o primeiro. E vós, na longa peregrinação e larga ausência, tereis ajuntado às luzes que já tínheis as da profunda meditação que o retiro vos inspirou e que a grande experiência em diferentes encontros vos procuraram. Agora ainda melhor que noutro tempo, podereis encaminhar-nos à felicidade, que para esse fim é que a providência vos trouxe aos meus braços. Vinde, amado primo, que já a minha cabeça não pode com tão pesada coroa: a vossa dela é mais digna, o povo será mais feliz e eu, sem comparação, mais ditoso».

42 Assustou-se Misseno e recuou subitamente, como se um raio lhe caísse aos pés, quando ouviu esta palavra; e com um tom respeitoso, mas resoluto, disse a el-rei: «Nada me pode, senhor, impedir o entrar nos vossos estados, senão a simples e horrível lembrança de ser obrigado a governá-lo. Vassalo me tereis na Polónia; porém, nem ela, nem vós me verão outra vez soberano. Nela posso viver como um simples particular, e nesse estado não negarei aos mais pequeno da plebe os meus conselhos, porque a avareza das luzes do entendimento é mais indesculpável que a dos tesouros. Sim, que esta espécie de riquezas não se diminui, quando se comunica. Amei os vossos vassalos como filhos e ainda agora os amo; e se algum dia os encaminhei à felicidade com as leis de monarca, agora só o farei com os conselhos de amigo. Deixai-me, senhor, viver no meu retiro e sossego, sem o tumulto do governo, nem o embaraço de encargos, que assim serei mais útil a todos, bem como a fonte liberal que, no retiro do campo, está pronta e patente a quem vai procurá-la, útil a todos sem ser pesada a ninguém, e assim posso eu viver, se me concedeis esta graça».

43 «Vivei,» — lhe disse el-rei — «vivei onde possa falar-vos e vivei à vossa inteira satisfação. A vossa felicidade redunda na minha e da de ambos depende a dos povos que por vós suspiram. Vós dominareis no meu coração, eu seguirei as vossas máximas e sendo, como são, aconselhadas pelo céu, ambos seremos felizes».

Segundo a promessa d'el-rei, assim viveu Vladislau em Polónia, em vida retirada, amado de todos, imitado de poucos; porém, de nenhum igualado.

FIM

ADVERTÊNCIA

O autor desta obra adverte ao leitor que se não esqueça do que fica dito no «Prólogo» desta obra e muito menos das palavras que estão no reverso do primeiro título, tiradas do Livro da Sabedoria: «Laetatus sum in omnibus, quoniam antecedebat me ista Sapientia», porque conhecerá que, nas três partes desta obra, pela palavra «filosofia» não se entende a luz da razão, meramente fundada nos princípios naturais, como entendiam os estoicos, mas sim a luz da razão, ilustrada pela luz superior, como em vários lugares expressamente adverte. E assim, tudo quanto diz em ordem a seguir a virtude, reprimir as paixões, fugir dos vícios e pôr os meios de achar uma felicidade independente do mundo e da fortuna, se deve entender com os auxílios da graça divina, merecida por Jesus Cristo, a qual nós devemos implorar, não só para termos vigor capaz de resistir às tentações, mas também para que os nossos actos de virtude fiquem sobrenaturais e merecedores da felicidade eterna, conformando-se o autor nisto, como em tudo o mais, com os sentimentos e dogmas da nossa religião. E por nenhum modo quer que se entenda que por nós mesmos podemos ser felices, sem dependência da graça de Jesus Cristo, e para isso é que mui de propósito fez estudar o seu herói nos livros santos das Escrituras que ele achou, os quais são os que lhe fizeram suscitar a heroica ideia de se vencer a si mesmo, domar as paixões e zombar da desgraça.

FONTES E ESTUDOS

Manuscritas

ANTT. *Processo Inquisitorial de José Anastácio da Cunha,* nº 8087.

ANTT. *Real Mesa Censória*, Caixa 11 (1779), docs. 2, 30.

ANTT. Ms. da Livraria nº 2316. *Vida do Padre Theodoro de Almeida da congregação do Oratório de Lisboa, Fundador do convento das religiosas da Visitação e o que mais trabalhou para de novo ser povoada a Casa do Espírito Santo da Pedreira depois de reedificada sobre as ruinas da que pelo terramoto de 1755 e incendio que se lhe seguio ficou destruída.*

Impressas

ALMEIDA, Padre Teodoro de (1751-1762). *Recreação Filosófica ou Diálogo sobre a Filosofia Natural para instrucção de pessoas curiosas, que não frequentarão as aulas*. Lisboa: na Officina de Miguel Rodrigues.

ALMEIDA, Padre Teodoro de (1758). *Elogio da Ilustrissima D. Anna Xavier, condessa de Oriola e baronesa de Alvito*. Lisboa: Officina de Miguel Rodrigues.

ALMEIDA, Padre Teodoro de (1759). *Estímulos do Amor da Virgem Maria mãe de Deus*. Lisboa: Officina de Miguel Rodrigues.

ALMEIDA, Padre Teodoro de (1763). *Gemidos da Mãe de Deus aflita ou Estímulos da Compaixão das Suas Dores*. Porto: Officina de Francisco Mendes de Lima.

ALMEIDA, Padre Teodoro de (1765). *Tesouro de Paciência nas Chagas de Jesus Cristo ou Consolação da Alma atribulada na meditação das penas do Salvador*. Porto: Officina de Francisco Mendes de Lima.

ALMEIDA, Padre Teodoro de (1786). *O Feliz Independente do Mundo e da Fortuna ou Arte de Viver Contente em quaesquer Trabalhos da Vida*. 2.ª ed. corrigida e acrescentada com notas e estampas. Lisboa: Regia Officina Typografica.

BAPTISTA, João (1748). *Philosophia Aristotelica Restituta et Illustrata qua Experimentis qua Ratiociniis Nuper Inventis*. Ulyssippone: Typis Regalibus Sylvianio.

BARROS, João de (1742). *Chronica de Emperador Clarimundo, donde os Reys de Portugal descendem, tirada de língua ungara em a nossa Portuguesa […] por João de Barros. E agora novamente acrescentada com a vida deste escritor e offerecido ao Príncipe do Brasil D. Joseph nosso Senhor por Francisco da Sylva*. Lisboa: na Officina de Francisco da Sylva.

BARROS, João de (1791). *Chronica de Emperador Clarimundo, donde os Reys de Portugal decendem*. Lisboa: na Officina de João Antonio da Silva.

BEZERRA, Manuel Gomes de Lima (1992). *Os Estrangeiros no Lima*. Viana do Castelo: Câmara Municipal. Ed. fac-símile da 1.ª edição.

CASTELO BRANCO, Camilo (1961). *Novelas do Minho*. Ed. crít. org. por Maria Helena Mira Mateus. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.

COSTA, José Daniel Rodrigues da (1782). *O Dependente Feliz nas Desordens da Vida. Silva offerecida ao Illmº Senhor Paulo Nogueira de Andrade António de Pina Manique e feita ao Illmº Senhor António Joaquim de Pina Manique*. Lisboa: Officina de António Rodrigues Galhardo.

FÉNELON, François Salignac de La Mothe de (1717). *Les Avantures de Télémaque, fils d'Ulysse, par feu Messire François de Salignac de La Motte Fénelon,…* Première édition conforme au manuscrit original (publiée par le Mis de Fénelon et précédée d'un Discours de la poèsis épique et de l'excellence du poème de Télémaque, par Ramsay). Paris: F. Delaulne.

FÉNELON, François Salignac de La Mothe de (1785). *Aventuras de Telemaco, filho de Ulysses*. Lisboa: na Regia Officina Silviana.

FREIRE, Francisco José (1748) *Arte Poetica ou regras da Verdadeira Poesia*. Lisboa: na Officina de Francisco Luiz Ameno.

LOBO, Francisco Rodrigues (1991). *Corte na Aldeia*. Introdução, notas e fixação do texto de José Adriano de Carvalho. Lisboa: Editorial Presença.

LOSADA, Juan Cayetano (1799). *Elementos de Poética, extractados de los mejores autores e ilustrados con ejemplos latinos e castellanos, y un apendice sobre as especies de verso más comunes en nuestra lengua*. Madrid: Viuda e hijos de Marín.

MERINO, Padre Andres (1786). *Poema. La Muger Felíz, Dependiente del Mundo y de la Fortuna. Obra Original, Dedicada á la Serenísima Señora Princesa de Asturias, Doña Luisa de Borbon*. Madrid: en la Imprenta Real.

PEREDA, José María de [1889]. *La Puchera*. In *Obras completas*. Madrid: Imprenta y Fundición de Tello, tomo XI.

PEREIRA, António das Neves (1786). *Discurso Preliminar sobre o Poema do Feliz Independente*. In ALMEIDA, Padre Teodoro de. *O Feliz Independente do Mundo e da Fortuna ou Arte de Viver Contente em quaesquer Trabalhos da Vida*. 2.ª ed. corrigida e acrescentada com notas e estampas. Lisboa: Regia Officina Typografica, pp. I-XXVII.

PEREIRA, António das Neves (1787). *Mechanica das Palavras em Ordem á Harmonia do Discurso, Eloquente, tanto em Prosa como em Verso*. Lisboa: Regia Officina Typografica.

ROLLIN, Charles (1726-1728). *De la manière d'enseigner et d'étudier les Belles Lettres*. Paris: chez Jacques Estienne.

VERNEY, Luís António (1949 [1746]). *Verdadeiro Método de Estudar*. Ed. de António Salgado Júnior. Lisboa: Livraria Sá da Costa, vol. I.

VERNEY, Luís António (1991). *Verdadeiro Método de Estudar (Cartas sobre Retórica e Poética)*. Introdução e notas de Maria Lucília Gonçalves Pires. Lisboa: Presença.

Estudos

AA. VV. (1996). *Corte, buon governo, pubblica felicità. Politica e coscienza civile nel Muratori. Atti del III giornata di studi muratoriani*. Firenze: Olschki.

ALMEIDA, Isabel (1998). *Livros portugueses de cavalarias do Renascimento ao Maneirismo*. Lisboa: FLUL. Tese de Doutoramento policopiada.

ÁLVAREZ DE MIRANDA, Pedro (1990). *El Padre Andrés Merino, autor de la* Monarquia Columbina. In ÉTIENVRE, Jean-Pierre; MERCADIER, Guy, *ed. Les utopies dans le monde hispanique*. Madrid: Casa de Velásquez/UCM, pp. 19-39.

ÁLVAREZ DE MIRANDA, Pedro (1992). *Palabras e ideas. El léxico de la ilustración temprana en España (1680-1760)*. Madrid: Real Academia Española.

ANDRADE, António Alberto Banha de (1982). *Contributos para o estudo da mentalidade pedagógica em Portugal*. Lisboa: IN-CM.

AZEVEDO, Maria Leopoldina de (1960). *Teodoro de Almeida. Subsídios para a sua vida e obra*. Coimbra: FLUC. Dissertação de licenciatura policopiada.

BRAGA, Teófilo (1898). *História da Universidade de Coimbra*. Lisboa: Typografia da Academia Real das Sciencias, tomo III.

CARVALHO, Francisco Freire de (1845). *Primeiro ensaio sobre a história literária de Portugal*. Lisboa: Typographia Rollandiana.

CASTRO, Aníbal Pinto de (1973). *Retórica e teorização literária. Do Humanismo ao Neoclassicismo*. Coimbra: Centro de Estudos Românticos.

CHECA BELTRÁN, José (1998). *Razones del buen gusto (Poética Española del Neoclasicismo)*. Madrid: CSIC.

CIDADE, Hernâni (1984). *Lições de Cultura e Literatura Portuguesa*. 7.ª ed. Coimbra: Coimbra Editora, vol. II.

DIAS, José Sebastião da Silva (1972). *O eclectismo em Portugal no século XVIII*. «Revista Portuguesa de Pedagogia». IV, 3-24.

DOMINGUES, Francisco Contente (1994). *Ilustração e Catolicismo. Teodoro de Almeida*. Lisboa: Edições Colibri.

EBENHOC, Markus (2020). *Epopeia e Romance em conflito?* O Feliz Independente *(1779), de Teodoro de Almeida*. «Abralic, Revista Brasileira de Literatura Comparada». 22:40, 114-123.

FARRUGIA, Guilhem; DELON, Michel, *ed.* (2015). *Le Bonheur au XVIIIe siècle*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes (La Licorne; 115).

FEIJÓ, João de Morais Madureira (1734). *Ortographia ou Arte de Escrever e pronunciar com acerto a Lingua Portuguesa*. Lisboa: na Officina de Miguel Rodrigues.

FERNANDEZ-NURDIN, Delphine Isabelle (2009). *La quête du bonheur en France au 18e siècle: le bonheur individuel et le bonheur collectif dans le roman utopique, libertin et sentimental*. Kansas: University of Kansas. Tese de doutoramento.

GONÇALVES, Maria Filomena (1992). *Madureira Feijó ortografista do século XVIII. Para uma História da Ortografia Portuguesa*. Lisboa: Ministério da Educação/Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

JORGE, Ricardo (1907). *Cartas de Ribeiro Sanches*. Separata de «Medicina Contemporânea».

LIMA, D. Luís Caetano de (1736). *Ortographia da Lingua Portugueza*. Lisboa: na Officina de António Isidoro da Fonseca.

MAUZI, Robert (1969). *L'idée du bonheur dans la littérature et la pensée françaises au XVIIIe siècle*. Paris: Armand Colin.

MONTEIRO, Nuno Gonçalo (1998). *O Crepúsculo dos Grandes. A casa e o património da aristocracia em Portugal (1750-1832)*. Lisboa: IN-CM.

MONTESINOS, José F. (1982). *Introducción a una historia de la novela en Espanã en el siglo XIX*. 4.ª ed. Madrid: Castalia.

OSÓRIO, Jorge (2001). *Um «género» menosprezado: a narrativa de cavalaria do século XVI*. «Mathesis». 10, 9-34.

PIWNIK, Marie-Helène (1981). *Les souscripteurs espagnols du P. Teodoro de Almeida (1722-1804)*. «Bulletin des études portugaises et brésilliennes». Nouvelle Série. 42, 95-119.

PIWNIK, Marie-Helène (1992). *Une entreprise lucrative: les traductions en espagnol du Père Teodoro de Almeida*». «Arquivos do Centro Cultural Português». XXXI, 199-206.

RICARD, Robert (1963). *Sur la diffusion des oeuvres du P. Teodoro de Almeida*. «Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira». IV, 626-630.

RICARD, Robert (1964). *Les ouvrages du P. Teodoro de Almeida en Espagne* (complément). «Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira». V, 632-634.

ROSA, Mario (1999). *Regalità e «douceur» nelléuropa del '700: la contrastata devozione al Sacro Cuore*. In ROSA, Mario. *Settecento Religioso. Politica della Ragione e religione del cuore*. Venezia: Marsilio, pp. 17-46.

SANTOS, Zulmira C. (1994). *As traduções das obras de espiritualidade de Teodoro de Almeida (1722-1804) em Espanha e França: estado da questão, formas e tempos*. «Via Spiritus». I, 185-208.

SANTOS, Zulmira C. (1995). *Em torno de um manuscrito atribuído a Teodoro de Almeida (1722-1804): a Historia da fundação do Mosteiro da Visitação em Lisboa*. «Via Spiritus». II, 261-266.

SANTOS, Zulmira (2017). *As margens do texto e a herança clássica: a segunda edição de* O Feliz Independente *(1786) de Teodoro de Almeida*. In PIMENTEL, Cristina; MORÃO, Paula, *coord. A Literatura Clássica ou os Clássicos na Literatura: Presenças Clássicas nas Literaturas de Língua Portugues*a. Lisboa: CEC, vol. III, pp. 108-121.

SILVA, Inocêncio Francisco da (1972). *Dicionário Bibliográfico Português*. Lisboa: Imprensa Nacional, tomo VII.

TAVENEAUX, René (1960). *Le jansénisme en Lorraine 1640-1789*. Paris: J. Vrin.

COLECÇÃO «FONTES», N.º 13

TEODORO DE ALMEIDA

O FELIZ INDEPENDENTE

ED., INTROD. E NOTAS
ZULMIRA SANTOS
PAULA ALMEIDA MENDES

CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

U.PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO